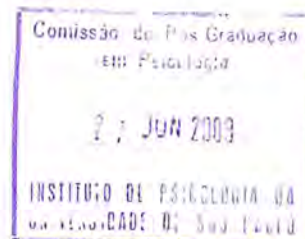


WELLINGTON ZANGARI



INCORPORANDO PAPÉIS:
Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de
incorporação em médiuns de Umbanda



*Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo, como parte
dos requisitos para a obtenção do grau de
Doutor em Psicologia*

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Geraldo José de Paiva


São Paulo
2003

INCORPORANDO PAPÉIS:

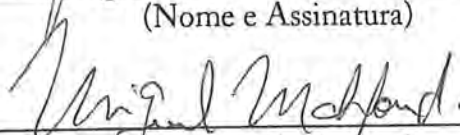
Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação em médiuns de Umbanda

Wellington Zangari

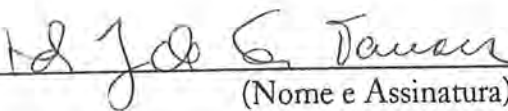
Banca Examinadora



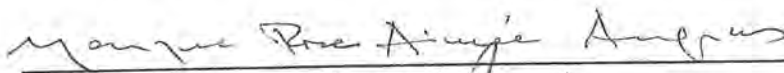
(Nome e Assinatura)



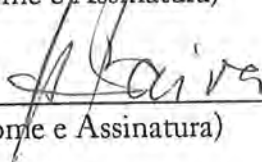
(Nome e Assinatura)



(Nome e Assinatura)



(Nome e Assinatura)



(Nome e Assinatura)

Tese defendida e aprovada em: 22 / 08 / 03

*Para meus pais, José e Dirce,
com carinho.*

*Para Fátima Regina Machado,
com amor.*

*Para Geraldo José de Paiva,
com admiração.*

*Para os dirigentes e médiuns do
Templo Espírita de
Umbanda Xangô Agodô,
com gratidão.*

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Geraldo José de Paiva, orientador e amigo, que soube ser ouvinte das minhas angústias, parceiro das idéias, mestre dos ensinamentos e com quem tenho aprendido, exemplarmente, o significado de ser humano; por ter acreditado em meu potencial e por ter me orientado de maneira tão sábia, profunda e sensível. Agradecimentos extensivos à sua esposa, Cristina, pelo constante interesse e apoio ao meu trabalho.

Às professoras Eda Tassara e Monique Augras, cujos preciosos comentários nortearam esta pesquisa e cujas trajetórias como pesquisadoras e educadoras permitiram-me a necessária inspiração para a condução de meus estudos.

Às secretárias do PST, Cecília e Nalva, pela eficiência que sempre demonstraram em suas tarefas profissionais e pela delicadeza e sensibilidade com que sempre as desempenharam.

Aos colegas do *Laboratório de Pesquisas em Psicologia Social da Religião* (IP-USP), pelo estímulo e pelo companheirismo que neles sempre encontrei.

Aos amigos do mundo da "pesquisa psi", em especial ao Dr. Carlos S. Alvarado, à Dra. Nancy Zingrone, ao Dr. Stanley Krippner, a Jayme J. Roitman, à Erszebet Ori-Kovacs e a Weber Della Vecchia, e a todos os membros do Inter Psi, do IPPP, da UNIBEM e do NEP do CLAP, por nunca me deixarem acreditar que estou sozinho na tentativa de realizar *nossos* sonhos.

Aos meus pais, José e Dirce, e a todos os membros de minha família, pela quase interminável espera, pelo incondicional apoio e pela generosidade do estímulo oferecido.

E especialmente, à Fátima Regina Machado, companheira de saberes e sabores, agradeço pelo tempo dedicado ao presente trabalho, pelo incentivo sempre bem-vindo nos momentos de desalento, pelas sugestões sempre pertinentes, pela sensibilidade iluminadora. Sua dedicação foi fundamental para que este trabalho existisse.

*O ba-ti-cum dos atabaques começa,
Embalando corpos que balançam,
Palmas que ressoam...
Velas são acesas.
Com a devida licença a Exu pedida,
Começa a gira
Ponto a ponto
Cantado,
Riscado...
Olhos se reviram
Joelhos se dobram,
Cabeças "volteiam"...
Vestidos com a cor do dia...
A roupa do dia...
O santo do dia como referência...
Em corpo, ação!
Recebem os médiuns suas entidades
Adornadas pelo brilho do olhar da assistência
E pelos cambonos atentos
Que nelas penduram brincos,
Que coroam-nas com cocares,
Que enfeitam-nas com colares,
Que nelas depositam seus sonhos,
Seus desejos coletivos e singulares,
Diluídos e íntegros,
Todo e parte construídos,
Simbolicamente,
Nos particulares altares.*

Fátima Regina Machado, 13/06/2003

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	iv
<i>Resumo</i>	viii
<i>Abstract</i>	ix
1. APRESENTAÇÃO	10
<i>Histórico Pessoal do Problema</i>	11
<i>Pontos de Partida</i>	13
<i>A Estrutura da Pesquisa</i>	17
<i>A Estrutura da Tese</i>	19
PARTE I A CIÊNCIA E OS POSSUÍDOS	22
CAPÍTULO 1 ESTADOS ALTERADOS DE CONSCIÊNCIA CULTURALMENTE PADRONIZADOS	23
<i>1.1 Histórico do Interesse pelos Estados Alterados de Consciência</i>	25
<i>1.2 Estados Alterados de Consciência: Definição</i>	25
<i>1.3 Estados Alterados de Consciência e Fenômenos Culturais</i>	27
<i>1.4 Características dos EACs</i>	31
<i>1.5 Indução aos Estados Alterados de Consciência</i>	42
<i>1.6 Aspectos Neurofisiológicos dos Estados Alterados de Consciência</i>	45
CAPÍTULO 2 PSICOLOGIA E MEDIUNIDADE: UMA BREVE REVISÃO	50
<i>2.1 Abordagem com Preconceitos</i>	51
<i>2.2 Mediunidade e a Society for Psychical Research</i>	51
<i>2.3 Dissociação e Mediunidade</i>	53
<i>2.4 Psicologia e Mediunidade no Brasil</i>	56
PARTE II DO FENÔMENO	64
CAPÍTULO 3 O TEMPLO ESPÍRITA DE UMBANDA XANGÔ AGODÔ: AMBIENTE, RITUAL E MEDIUNIDADE	65
<i>3.1 Meu Primeiro Encontro com a Mediunidade Revisitado</i>	66
<i>3.2. O Templo Espirita de Umbanda Xangô Agodô: A escolha</i>	71
<i>3.2.1 O Entorno</i>	73
<i>3.2.2 Breve Histórico do Templo Espirita de Umbanda Xangô Agodô</i>	74
<i>3.2.3 Estrutura Física</i>	78
<i>3.2.4 A Hierarquia</i>	81
<i>3.2.5 As Entidades: Classificação e Características</i>	82
<i>3.2.6 As Atividades: Camarinhas e Giras</i>	91
<i>3.2.7 A Estrutura da Gira</i>	95
<i>3.3 A Mediunidade de Incorporação no Templo de Espirita de Umbanda Xandô Agodô: Conceito, Descoberta e Desenvolvimento</i>	103
PARTE III A CONSTRUÇÃO PSICOSSOCIAL DA MEDIUNIDADE	136
CAPÍTULO 4 TEORIAS DO PAPEL SOCIAL	137
<i>4.1 Papéis: a Construção do Conceito</i>	139
<i>4.1.1 O Modelo Analítico-Estutural</i>	140
<i>4.1.2 O Modelo Interacionista</i>	142
<i>4.1.3 O Modelo Perceptivo</i>	146
<i>4.2 A Escolha Teórica</i>	159
CAPÍTULO 5 A MEDIUNIDADE DE INCORPORAÇÃO COMO CONSTRUÇÃO PSICOSSOCIAL	164
<i>5.1 Por um Modelo da Mediunidade de Incorporação</i>	165
<i>5.1.1 As Três Dimensões da Mediunidade de Incorporação</i>	166
<i>5.1.2 Mediunidade de Incorporação como Construção Individual e Grupal</i>	168
<i>5.1.3 O Papel da Linguagem</i>	169
<i>5.1.4 A Construção Individual e Grupal da Mediunidade de Incorporação: O Processo</i>	173
<i>5.1.4.1 Assimilação</i>	173
<i>5.1.4.2 Entrega</i>	174
<i>5.1.4.3 Treino</i>	175
<i>5.1.4.4 Criação</i>	178

5.1.4.5 Manifestação	179
5.1.4.6 Comprovação	180
5.1.5 Entidades Incorporadas e Papéis	182
5.1.6 A Função Social da Mediunidade de Incorporação e a Missão Mediúnica	188
5.1.7 Possíveis Ganhos Psicológicos da Mediunidade de Incorporação	191
5.2 Os Pontos de Partida Revisitados	193
CONSIDERAÇÕES FINAIS	198
<i>Teoria dos Papéis de Sundén: Aplicações e Limites</i>	199
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	204
ÍNDICE GERAL	211
ANEXO TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	214
<i>F.M.S.L.</i>	215
<i>F.S.</i>	227
<i>I.M.F.L.</i>	232
<i>L.S.</i>	239
<i>M.E.O.</i>	245
<i>M.N.M.</i>	249
<i>R.C.L.M.</i>	258
<i>R.L.M.</i>	281
<i>R.M.S.</i>	303
<i>S.R.O.G.</i>	310
<i>V.A.S.</i>	323
<i>Z.C.S.</i>	341

Resumo

ZANGARI, Wellington. *Incorporando papéis: Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação em médiuns de Umbanda*. São Paulo, 2003. 350p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Estuda a mediunidade de incorporação entre médiuns de Umbanda em sua dimensão psicossocial, a partir da teoria de papéis proposta por Hjalmar Sundén. Os Ss são 12 médiuns de incorporação, entre 16 e 61 anos de idade, 11 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, do Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô, situado na cidade de São Paulo. Os médiuns passam por entrevistas semi-dirigidas e são observados durante rituais de incorporação. Com o objetivo de reconhecer a cultura do grupo ao qual pertencem, realizam-se, ainda, entrevistas informais com pessoas não médiuns que também participam regularmente das atividades do referido templo. Apresenta um modelo interpretativo interdisciplinar da mediunidade de incorporação, considerando: a) a importância da dimensão grupal ampla, da dimensão social dos grupos e da dimensão individual, e da relação entre estas dimensões para a compreensão da mediunidade de incorporação; b) a importância da linguagem, em sentido amplo, como meio de interação social necessário para a existência e manutenção da mediunidade de incorporação; c) o processo de construção tanto social quanto individual da mediunidade de incorporação; d) o processo de adoção e assunção de papéis por parte dos médiuns de incorporação; e) a função social da mediunidade de incorporação; e f) os possíveis ganhos psicológicos por parte dos médiuns de incorporação. Conclui que a mediunidade de incorporação pode ser compreendida como um papel social complexo em que estão em jogo tanto elementos sociais quanto individuais em que as entidades incorporadas são consideradas como constructos psicossociais e, assim, os médiuns são, ao mesmo tempo, seus intérpretes e co-autores.

Abstract

ZANGARI, Wellington. *Incorporating roles: The psychosocial dimension of the embodiment of spirits among Umbanda mediums*. São Paulo, 2003. 350p. Dissertation (Doctoral). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

This dissertation analyses the psychosocial dimension of mediumship related to the embodiment of spirits, from the point of view of Hjalmar Sundén's Role Theory. The subjects studied were 12 Umbanda mediums, 11 of whom were female and 1 male, between 16 and 61 years-of-age, all participants of the Spiritist Temple of Umbanda Xangô Agodô, in São Paulo, SP, Brazil. The mediums were submitted to semi-oriented interviews and were observed during the rituals in which they claimed to incorporate spirits. In order to examine cultural aspects of their social group, other subjects who were not mediums but who participated regularly in the activities of that temple were informally interviewed. An interdisciplinary interpretative model of "incorporative" mediumship is presented which considers the following points: (a) the importance of the wider group dimension, the social dimension of small groups, of the individual dimension, and of the relationships established between these dimensions to an understand of "incorporative" mediumship; (b) the importance of language – considered in its broadest sense – as a way of social interaction which is necessary to the existence and maintenance of "incorporative" mediumship; (c) the process of social and individual construction of "incorporative" mediumship; (d) the process of role-taking and role-adopting by "embodiment" mediums; (e) the social function of "incorporative" mediumship; and (f) the possible psychological benefits obtained by "incorporative" mediums from their mediumship. It is concluded that mediumship which includes the embodiment of "spirits" can be understood as a complex social role that is comprised of both social and individual elements. The "incorporated" entities are considered to be psychosocial constructs, therefore the mediums are, at the same time, their interpreters and their co-authors.

1. Apresentação

Histórico Pessoal do Problema

Acredito que sempre exista por trás de um projeto de pesquisa um incômodo, uma inquietação. Este projeto representa o resultado de um desconforto intelectual frente a uma realidade tão desconhecida quanto rejeitada pelos pesquisadores em Psicologia brasileiros: a mediunidade.

As raízes de meu desconforto remontam a algumas de minhas mais fortes experiências infantis. Boa parte de minha família materna, oriunda da região do Triângulo Mineiro, perdeu, paulatinamente, com a chegada a São Paulo na década de 1950, as referências religiosas católicas a que esteve submetida por gerações. A influência da novidade, as religiões mediúnicas, foi forte o suficiente para fazer três médiuns e quatro praticantes dentre os oito tios maternos. Mesmo entre os filhos mais velhos, cuja formação católica parecia menos abalável, algumas idéias espiritualistas - como a da reencarnação e a da comunicação com espíritos - sempre foram aceitas ou tidas como elementos incitadores de questionamento dos ensinamentos católicos a respeito da vida após a morte. Minha mãe, uma das irmãs mais velhas, nunca pôde esconder completamente a influência das idéias espiritualistas em suas convicções religiosas. Apesar de executar tarefas que poderiam classificá-la como católica praticante e de estar casada com um ministro da eucaristia da Igreja Católica, o fascínio pela possibilidade da interferência dos espíritos, através dos médiuns, levou-a a recorrer a Chico Xavier quando faleceu seu primogênito, há 30 anos.

Mas talvez o referido incômodo intelectual não existisse não fosse a influência paterna. Cético quanto às religiões mediúnicas, meu pai sempre encontrou no embuste a interpretação ideal para os feitos dos médiuns. Como prestidigitador amador, sempre

procurou demonstrar como alguns dos “fenômenos espíritas” seriam realizados. Suas explicações eram contundentes. Tinham a seu favor o fato de serem demonstráveis à vontade.

Mas a pergunta era: a fraude poderia explicar todos os fenômenos espíritas como ele propunha? Sempre pareceu-me que suas manobras de ilusionista eram por demais simples para dar conta da variada gama de manifestações que eu presenciara nos centros e terreiros a que era levado, ainda durante minha infância. A experiência de ter participado dos cultos espíritas, que ele não tinha, levou-me a buscar outras possibilidades interpretativas, também naturais, mas menos reducionistas.

Em minha pesquisa de mestrado procurei analisar um dos aspectos do fenômeno da mediunidade: a comunicação com os espíritos. Considerando a existência de demonstrações científicas de processos anômalos de comunicação humana, propus uma análise psicológica e psicossocial que levasse em consideração tais processos na interpretação de certos fenômenos mediúnicos (Zangari, 1996).

Entretanto, outras questões que emergiram de meu contato com o tema foram determinantes para a manutenção de outras de minhas interrogações. A principal delas é: como se estabelecem as relações entre os aspectos individuais e sociais da mediunidade em agentes concretos?

Para responder a esta pergunta, várias outras deverão ser respondidas anteriormente, entre elas: o que leva alguém a ser médium?; possuem os médiuns características psicológicas específicas?; qual o papel do médium em seu grupo religioso?; como é visto e como se vê enquanto médium em sua comunidade?; como compreender, psicologicamente,

o “transe mediúnico” e a mediunidade?; como os adeptos do grupo a ser estudado vêem o mundo?; em resumo, quais suas crenças, quais são suas representações e como estas se relacionam com a mediunidade? Tais perguntas nortearam este trabalho, apesar de eu não ter a pretensão de respondê-las todas, nem esperar esgotar suas respostas.

Pontos de Partida

Nos últimos anos tenho assistido às *giras*¹ de um determinado *terreiro*², o Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô. Entrevistei longamente seus médiuns e com alguns deles mantenho contato permanente na tentativa de sempre aclarar aspectos de suas vivências, costumes, crenças, interações com os demais médiuns e com seus *guias*³. Foram anos de entusiasmo e perplexidade. Tendo finalizado o trabalho de coleta de dados e de análise dos resultados, penso que avancei pouco frente à complexidade do fenômeno investigado. Por outro lado, sinto-me satisfeito por ter tido a possibilidade de perscrutar tão profundamente a alma do grupo.

Desde o início senti-me bem recebido. Toquei a campainha da casa sobre a qual se encontra o terreiro. Logo fui recebido por aquela que seria uma de minhas principais informantes, a Mãe-de-Santo daquela casa. Ouvia-me, atentamente e concordou em me apresentar ao grupo. Já na primeira reunião de médiuns, logo antes da gira propriamente dita, fui apresentado como “o rapaz da USP” que gostaria de entrevistar os médiuns e conhecer melhor a Umbanda. Tornou-se evidente para mim a importância em dizer aos médiuns e, posteriormente, aos assistentes, que “alguém da USP” estava ali fazendo uma

¹ *Gira* é o nome dado pelo grupo para suas sessões rituais.

² Local de culto, templo, na Umbanda.

³ Espíritos que incorporam e dos quais recebem também ensinamentos.

pesquisa. Vivenciei o que Yvone Maggie apresentara no livro *Guerra de Orixá: Um Estudo de Ritual e Conflito* como a importância de “ter estudo”, a valorização aos que ascendem culturalmente. Mas, da mesma forma, sofri o impacto da ignorância da tradição de Umbanda. Eu era o que “tinha estudo”, mas que nada sabia dos Orixás. Eles, os praticantes, eram os que tinham o que eu perseguia, o que eu valorizava. Em última instância, vivenciava o conflito entre o que Maggie (2001) chamou de *código de santo* e *código burocrático*. Eu participava e, de certa forma, representava, o código burocrático, “de fora”, científico, racional, cuja hierarquia se mede pelo poder das leis jurídicas e pelo conhecimento formal. Mas, também a casa tinha lá sua submissão interna a tal código, razão pela qual ostentava o Certificado de Afiliação a uma Federação de Casas de Umbanda. A legitimidade externa também dependia de fatores que estão para além do *trabalho no santo*⁴, para além do código de santo, que prevê uma visão mágica, intuitiva e não submissão à hierarquia existente fora do terreiro.

Ocupei-me de meu ofício de pesquisador enfrentando o fato de ser partícipe daquela realidade em que mergulhava. Minha dificuldade não foi da ordem da aceitação, mas da compreensão. Ainda que submerso em tal realidade, esta nunca deixou de me ser estranha. Meu estranhamento gerou risos inúmeras vezes. Foram risos sinceros, vindos daqueles que reconheciam em mim um “de fora”, que estavam cientes de minha ingenuidade doutrinária. Foram risos, muitas vezes sentidos como uma espécie de vingança. É como se dissessem: *“Ele é quem tem a possibilidade de estudar, estudar, estudar, mas não sabe de nada do que fazemos. Nós não precisamos estudar, estudar, estudar. Mais do que saber, simplesmente vivemos a Umbanda”*.

⁴ Trabalhar na Umbanda, com as entidades, incorporando-as ou recebendo deles orientações.

Nunca tive problemas em reconhecer minha ignorância. Isto me fez ser sempre bem recebido. Estabeleceu-se uma troca. Minha presença significava prestígio para a casa e, de certa forma, garantia as informações de que precisava. Fechado o “pacto”, fez-se a pesquisa.

À medida que minha compreensão da Umbanda crescia, com o conseqüente aumento de meu entendimento de meu objeto de estudo, a mediunidade de incorporação, pude elaborar alguns pontos de referência, que podem ser chamados de hipóteses de trabalho, de onde partia para a realização desta pesquisa. Posso garantir, no entanto, que apesar de tais hipóteses, do estabelecimento de referenciais teóricos sólidos, da utilização de uma metodologia consagrada na Psicologia, não perdi a ingenuidade necessária para olhar para meu objeto de estudo como se estivesse despido de tal instrumental científico. Nesse jogo entre aproximação e afastamento do objeto perseguido, e com inspiração no trabalho realizado sobre o xamanismo, de Ana-Leena Siikala (1987), construí os seguintes pontos de partida, profundamente interdependentes:

a. A mediunidade de incorporação como um fenômeno grupal. O ritual de possessão por espíritos existe, concretamente, em um grupo, em uma dada comunidade. Este grupo define o papel do médium de incorporação, define os critérios de aceitação deste tipo de médium, apoia a atividade mediúnica e impõe a ele os limites de sua atividade. Como fenômeno grupal, a mediunidade de incorporação não se limita, portanto, às características e qualidades psicológicas dos médiuns. Mas vale-se delas, uma vez que há médiuns e não-médiuns de incorporação, para desempenhar os papéis estabelecidos grupalmente. Da mesma forma, o grupo de não-médiuns, desempenha também um papel, o de consulente que, por sua vez, define o papel dos médiuns quanto à prática da atividade de orientação espiritual. É nesta relação de papéis que se estabelece a função dos espíritos a serem

incorporados. Independentemente de suas histórias e vicissitudes, os Orixás servem à comunidade oferecendo-lhe orientação e consolo para as dificuldades da vida.

b. A mediunidade de incorporação como um modo institucionalizado de comportamento. A mediunidade de incorporação pode ser compreendida como uma instituição na medida em que sua prática é mantida por uma tradição que, ao mesmo tempo que a mantém viva, a controla por meio de sua adoção por um grupo.

c. A mediunidade de incorporação como uma tradição de crenças compartilhadas. Podemos entender a mediunidade de incorporação como um conjunto de crenças compartilhadas por um grupo. Tais crenças não são apenas comunicadas direta e objetivamente por meio de ensinamentos transmitidos pelos membros da comunidade em reuniões específicas para essa finalidade. São também aprendidas de maneira indireta, através da própria experiência mediúnica, por meio do contato com os espíritos. As crenças são compartilhadas por médiuns, não-médiuns e espíritos que, como representantes de um universo tido como mais evoluído, conferem às crenças valor de verdade. Pode-se dizer, em última instância, que as crenças do grupo são incorporadas pelos médiuns, seus detentores privilegiados, transformando-se em espíritos, por meio de papéis que assumem e constróem, apesar de o fazerem como se não os desempenhassem.

d. A mediunidade de incorporação como um sistema de ação ritual. A mediunidade de incorporação é, antes de tudo, prática, é ritual. Tal ritual depende do desenvolvimento de habilidades pessoais, de mecanismos psicofisiológicos, e de mecanismos psicossociais a estes relacionados, ligados à alteração de consciência conseguida pelo médium, mas disciplinada culturalmente. Estão em jogo nesse processo, portanto, características pessoais,

subjetivas, que facilitam ou não o desempenho da função ritual do médium como também as expectativas individuais e grupais quanto ao exercício adequado, disciplinado deste papel.

A Estrutura da Pesquisa

Se fazer ciência significa colocar à prova argumentos, então precisava extrair da realidade os dados necessários para, por meio de uma boa teoria, verificar o que me diziam a respeito de minhas hipóteses. No entanto, na apresentação acima, cometi a displicência de afirmar que meus argumentos se construíram ao longo de minhas observações. Assim, poder-se-ia perguntar se meus argumentos, ou hipóteses, foram concebidos antes ou depois de minhas incursões no campo. Sem querer fazer qualquer juízo epistemológico de meu próprio trabalho, quero afirmar, de pronto, que meu interesse foi, exclusivamente, conhecer meu objeto em profundidade, ainda que isto resultasse em um deslize de algum ponto de vista metodológico. Vejo a ciência como um processo sobre-determinado, em que nossas expectativas, nossas crenças, nossas possibilidades e impossibilidades pessoais, dentre tantas outras variáveis, somam-se na administração do trabalho possível. Sim, confesso, não havia construído os argumentos apresentados antes do início da pesquisa de campo, antes das entrevistas. “Apenas” curiosidade, incômodo intelectual como afirmei. Abri-me para que o objeto se me apresentasse como era, como eu podia vê-lo, representá-lo. Assim, simplesmente não saberia dizer se meus argumentos representam, de fato, pontos de partida, hipóteses, ou conclusões, baseadas em meus estudos e observações.

De qualquer forma, consulte a realidade. Como disse, entrevistei os médiuns do Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô, , em número de doze, onze dos quais, mulheres. As idades variaram entre dezesseis e cinquenta e nove anos. As entrevistas foram

gravadas com a permissão dos médiuns e com minha garantia de sigilo de suas identidades, ainda que eles não a tenham solicitado. O Anexo trás a transcrições da íntegra das entrevistas. Foram, em geral, entrevistas longas, às vezes mais do que uma, com cerca de 1 hora de duração em média. Foram semi-dirigidas. Parti de minhas inquietações: como descobriram a mediunidade?, quais os primeiros sinais?, como foi o período de desenvolvimento da mediunidade?, como se estabeleceram as relações com pessoas da religião e do grupo específico em que atuam atualmente?, como se deu o “nascimento” dos espíritos que neles se manifestam?, qual a relação deles com tais entidades?, o que sentem durante o transe de possessão?, o que lembram, se é que lembram algo, depois da incorporação?, o que significa para eles ser médium naquele grupo e fora dele?, como a religião via o mundo?, qual sua doutrina? Mas quis conhecer as pessoas que estavam diante de mim para além do aspecto “mediunidade” ou “religiosidade”. Assim, nunca partia destas perguntas. Antes, pedia que falassem livremente de si mesmos, que se apresentassem como pessoas, que rememorassem suas vidas diante de mim. Naquele momento, durante as entrevistas, em meu escritório, dois quarteirões distante do terreiro que freqüentam, interessava-me toda e qualquer informação que considerassem relevante a respeito deles mesmos.

Além das entrevistas com os médiuns e das já mencionadas participações nas giras, procurei interagir com a assistência. Com ela conversei, mais perguntei que respondi. Nela encontrei todo tipo de pessoas e todo tipo de busca individual. As conversações com a assistência foram fundamentais para formar uma visão de conjunto das relações, da trama que se estabelece no terreiro. Ela representa o outro lado, ou a razão de ser da mediunidade compreendida grupalmente. Os médiuns apenas são intermediários porque existe a

polaridade “mundo espiritual (ou espíritos) – assistência”, da qual, em grande medida, também fazem parte.

Uma vez com os dados em mãos, busquei uma teoria que pudesse auxiliar-me a compreendê-los de uma maneira sistemática. Mas posso dizer que os próprios dados permitiram o encontro da teoria, se não ideal, satisfatória para tal empresa. Vali-me da clássica teoria dos papéis, tal qual desenvolvida na Psicologia Social e aplicada, especificamente no território religioso, por Hjalmar Sundén. Encontrei nessa teoria os instrumentos conceituais que considerei suficientes para empreender uma análise de meus dados de maneira que fosse possível entender o fenômeno da mediunidade de incorporação em sua relação com os elementos individuais e grupais que o envolvem. O que não queria excluir era exatamente a noção de que a incorporação pudesse ser vista como fenômeno psicossocial, em que uma trama de relações está em jogo e permite construir o fenômeno de maneira grupal. Creio que a escolha tenha sido adequada.

A Estrutura da Tese

Cada um dos itens acima mencionados merecerá um capítulo neste trabalho. Dividi esta tese em três partes, cada uma delas divididas em capítulos, em número de cinco ao todo. Cada uma das partes apresenta um tema fundamental a respeito do objeto deste estudo.

Na *Parte I – A Ciência e os Possuídos*, quis oferecer uma primeira aproximação ao fenômeno da mediunidade de incorporação, mais geral, em que apresento, sucintamente, o que considerei fundamental no levantamento do estado da arte sobre o tema. O *Capítulo 1 – Estados Alterados de Consciência Culturalmente Padronizados* teve como objetivo apresentar

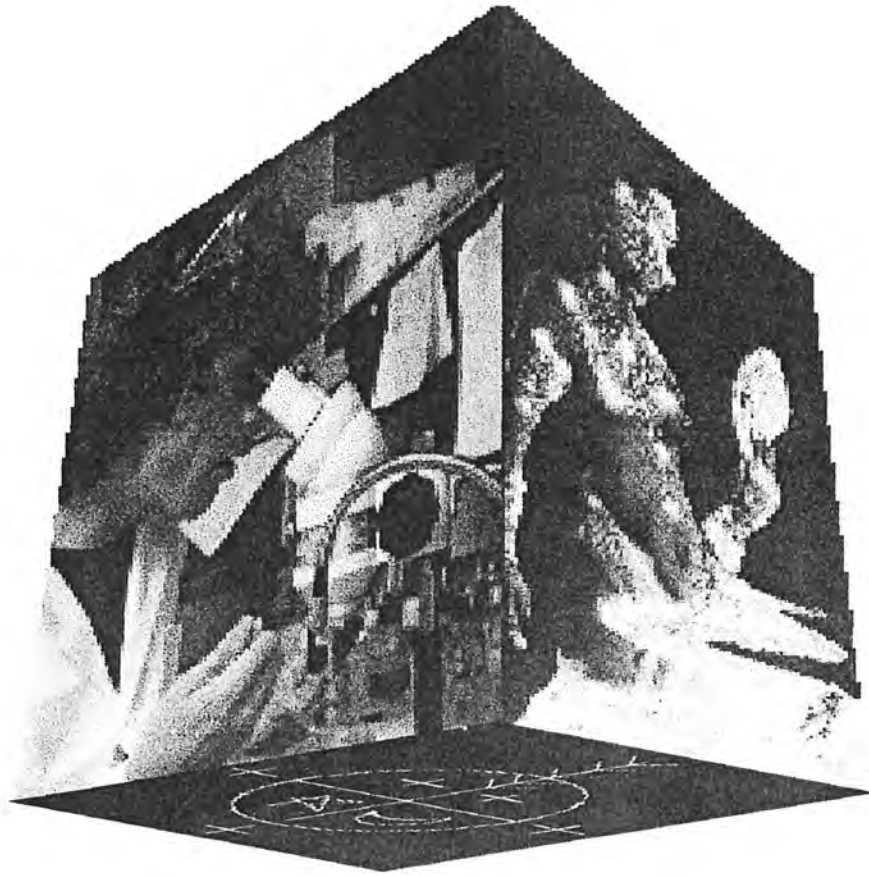
a definição, as características, as dimensões neurofisiológicas de um fenômeno cultural que se manifesta em indivíduos concretos por meio de uma alteração de consciência disciplinada. O *Capítulo 2 – Psicologia e Mediunidade* é dedicado à apresentação da dimensão psicológica do fenômeno da mediunidade de incorporação tal qual foi estudada até o presente. Apesar de o capítulo ser dedicado à Psicologia da mediunidade, fiz algumas incursões nas Ciências Médicas e Sociais, uma vez que muitas construções psicológicas sobre o tema se apoiaram historicamente em concepções destas áreas. Esta parte traz muito pouco dos dados de minha pesquisa, mas apresenta o fenômeno da mediunidade de incorporação tal como geralmente é visto pela comunidade científica. Os poucos dados próprios de minha pesquisa que são apresentados o foram apenas no sentido de comparar certas características dos estados alterados de consciência com minhas observações e com as informações dos médiuns.

A *Parte II – Do Fenômeno*, foi totalmente dedicada à apresentação do fenômeno da mediunidade de incorporação tal como me foi apresentado pelos médiuns, não-médiuns e por minhas observações diretas. Em resumo, apresenta os personagens, seus discursos, suas doutrinas, sua subjetividade. O *Capítulo 3 – Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô: Ambiente, Ritual e Mediunidade*, apresenta o ambiente dos médiuns, tanto físico quanto cultural, dando-se relevo à história da casa, sua configuração espacial, bem como à cosmovisão, os rituais, e à doutrina dos Orixás adotada. Enfatizo o nascimento e o desenvolvimento da mediunidade ligados às vidas dos médiuns, bem como às suas atividades na comunidade.

Finalmente, a *Parte III – A Construção Psicossocial da Mediunidade* é reservada à apresentação de minha análise dos dados, de acordo com a teoria escolhida para essa

finalidade. No *Capítulo 4 – Teorias do Papel Social*, discuto as razões de ter escolhido tal teoria, descrevo-a tal qual tem sido construída na Psicologia Social, e aplicada mais especificamente ao território religioso. O *Capítulo 5 – A Mediunidade de Incorporação como Construção Psicossocial* é dedicado à análise dos dados apresentados na Parte II, tendo como referência a Teoria dos Papéis. Nele, apresento e discuto um modelo de interpretação interdisciplinar para a compreensão do fenômeno da mediunidade de incorporação, levando em conta a importância da tradição oral como *corpus* regulador na formação do quadro de referência religiosa dos médiuns e demais praticantes da Umbanda. A partir da análise da atividade mediúnica como um conjunto de papéis adotados e assumidos, demonstro como o espaço de interação concreto e simbólico é fundamental para a constituição do médium. Ainda, exponho a importância do papel de médium para o grupo analisado, o papel dos espíritos como representantes do mundo espiritual e o duplo papel dos médiuns ao assumirem e adotarem, ao mesmo tempo, as funções de médiuns e de espíritos durante as incorporações. Os pontos de partida, ou hipóteses, são, então, revisitados e avaliados à luz da totalidade dos dados apresentados e analisados.

Finalmente, nas *Considerações Finais*, avalio as possibilidades e limites do emprego da Teoria dos Papéis à análise do fenômeno da mediunidade de incorporação e ofereço alguns caminhos pelos quais novos estudos em Psicologia da Religião poderiam lançar luz sobre a mediunidade e outros fenômenos religiosos próprios da Umbanda.



Parte I

A Ciência e os Possuídos

Capítulo 1

Estados Alterados de Consciência Culturalmente Padronizados

A parte mais fundamental desta tese é a que apresenta a palavra dos médiuns a respeito da mediunidade (Parte II). Nela dar-se-á voz àqueles(as) que vivenciam a mediunidade “de dentro”. Suas experiências, sensações, pensamentos, seus conceitos da mediunidade revelar-se-ão de maneira que possamos depreender como a mediunidade se manifesta em sujeitos concretos. Tudo isto servirá como material de análise deste trabalho. Antes, porém, de apresentar a palavra dos médiuns, suas subjetividades, optei por oferecer uma síntese do que se supõe conhecer, cientificamente, da mediunidade. Apresentar um recorte que nos permita, inclusive, verificar até que ponto tal conhecimento se aplicaria à mediunidade encarnada pelos depoentes. A análise teórica, a ser apresentada na Parte III desta tese, pretende ser realizada tendo como pano-de-fundo tal verificação. Se for possível agregar conhecimento, então este trabalho terá chegado a bom termo.

Independentemente do conceito que se adote de mediunidade, dos possíveis fatores que possam se encontrar na raiz de sua eclosão ou manifestação, parece haver consenso entre os pesquisadores da área de que o médium, durante o processo de incorporação, sofra de uma alteração de consciência disciplinada culturalmente.

Neste capítulo, meu objetivo é o de apresentar algumas das principais pesquisas e conclusões já realizadas na área dos estados alterados de consciência em suas dimensões psicológica, neurológica, social e antropológica, sempre com vistas à compreensão do fenômeno da mediunidade.

Associar mediunidade a estados alterados de consciência logo no início deste estudo, não quer significar concordância com tal alegação de associação. Proximidade não significa, necessariamente, identidade. Antes, o objetivo é o de municiar minha crítica por meio de informações relevantes quanto ao tema.

1.1 Histórico do Interesse pelos Estados Alterados de Consciência

A década de 1960 parece ter visto desenvolvimento ímpar de estudos da consciência, sobretudo dos assim chamados estados alterados de consciência. Época de grande efervescência e questionamento cultural, assistiu a revoluções nos costumes. Novos métodos contraceptivos, novos modelos de comportamento na música e no teatro, novas aventuras por caminhos psicodélicos e pelas técnicas meditação importadas do oriente. As experiências de auto-conhecimento, de introspecção alcançam a juventude que, coletivamente, busca meios de atingir vivências desconhecidas, de encontrar novidades contra-culturais por meio dos estados alterados de consciência.

Os cientistas se interessam pelo fenômeno da alteração de consciência. Uma rápida revisão da literatura acerca desses estudos nos dá conta que foi este o período de maior profusão de estudos, de publicações especializadas, de teorizações. Até mesmo um novo ramo da Psicologia, a Psicologia Transpessoal, foi instituído com a finalidade de levar a sério o estudo dos estados alterados de consciência (Tart, 1975).

1.2 Estados Alterados de Consciência: Definição

Definir *estados alterados de consciência* (a partir daqui, simplesmente, EACs) não é tarefa fácil. Em primeiro lugar, há imprecisões semânticas quanto ao sentido de termos como “consciência normal” e “alteração de consciência”. Em segundo lugar, nosso conhecimento geral sobre a consciência é ainda bastante pobre. Apesar disso, não faltam conceitos, mais ou menos descritivos, do que se passaria com um sujeito sob uma alteração de consciência e das características psicológicas e neurológicas a ela relacionadas.

Um dos pioneiros da pesquisa de estados alterados de consciência, o especialista em processos neurofisiológicos que induzem os EACs Arnold Ludwig, assim apresenta sua definição:

Consideraria 'estados alterados de consciência' como aqueles estados mentais, induzidos por vários agentes ou manobras fisiológicas, psicológicas ou farmacológicas, que podem ser reconhecidos subjetivamente pelo próprio indivíduo (ou por um observador objetivo do indivíduo), como representando um desvio suficiente em termos de experiência subjetiva ou funcionamento psicológico, a partir de certas normas gerais tais quais determinadas pela experiência subjetiva e funcionamento psicológico do indivíduo durante a consciência vígil, alerta. Esse desvio suficiente pode ser representado pela maior preocupação com as sensações internas ou com os processos mentais que o usual, pelas alterações das características formais do pensamento e pela deterioração do teste de realidade em vários graus (Ludwig, 1968, pp. 69-70).

Segundo o psicólogo americano Charles T. Tart

estado alterado de consciência para um dado indivíduo é aquele em que este sente claramente uma mudança 'qualitativa' em seu padrão de funcionamento mental, ou seja, ele sente não apenas uma mudança quantitativa (mais ou menos alerta, maior ou menor imaginação visual, vividez ou opacidade etc.), mas também que alguma qualidade ou qualidades de seus processos mentais estão 'diferentes' (Tart, 1990, p. 1).

Os fenômenos que compreendem esta categoria são vários, desde os estados alucinatorios, os estados dissociativos como os da personalidades múltiplas e da histeria, os estados hipnóticos, os estados oníricos, as experiências fora-do-corpo, até o êxtase xamanístico e o transe mediúnico (Tart, 1990).

1.3 Estados Alterados de Consciência e Fenômenos Culturais

De uma perspectiva antropológica, diferentes manifestações dos EACs podem assumir distintas interpretações em uma mesma cultura, do normal ao patológico. Algumas delas, consideradas como fundamentais para se atingir conhecimento espiritual, são até mesmo buscadas. A atitude em relação aos diversos fenômenos associados aos EACs é muito diferente em culturas e ambientes distintos. No meio científico ocidental, sobretudo no meio médico, certas alterações de consciência são vistas, com frequência, como sintomas de distúrbios dissociativos, de passageiros a estáveis. Já entre as tradições orientais, ou de base oriental, como o Zen ou o Yoga, os EACs são estados bem-vindos, necessários e buscados. Tais sistemas tradicionais de compreensão interpretam as alterações de consciência como um meio pelo qual é possível obter a *iluminação*. Nas religiões mediúnicas (Umbanda, Candomblé, Espiritismo Kardecista, entre outras) o EAC do médium é sinal de contato com a espiritualidade. O assim chamado fenômeno da *incorporação*, seria uma “mudança temporária de consciência”, que ocorreria em maior ou menor grau, correspondendo a uma maior ou menor consciência do médium, sendo assim, fenômeno esperado e considerado pelo grupo como normal.

Os EACs podem ser buscados pelos indivíduos e grupos, ou ser espontâneos e sem importância para a comunidade. Jackson Steward Lincoln exemplifica essa dualidade por meio da análise das distintas interpretações do mundo onírico dentre os assim chamados povos primitivos. Estes classificariam como sonhos individuais aqueles fenômenos oníricos que apresentam a característica de espontaneidade, de involuntariedade, de não serem buscados. De outro lado, estariam os sonhos tradicionais, resultantes de uma padronização cultural, disciplinados que são pelo grupo. Seriam buscados, voluntários, e teriam grande

valor para a comunidade. Os membros do grupo não teriam consciência da preparação cultural por que passaram durante toda uma vida para que os conteúdos de alguns de seus sonhos fossem se amoldando ao padrão cultural. Logo, a motivação e a aprendizagem dos EACs pode ser inconsciente, involuntária e culturalmente influenciada (Lincoln, 1935).

Os EACs não estão relacionados a qualquer tipo de interpretação *a priori*. Inclusive, as de caráter não religioso não são monopólio das abordagens científicas modernas, como exemplifica Lewis:

Entre os conservadores nômades pastorais samburus, do Quênia do Norte, Paul Spencer (Spencer, 1965) descreve vividamente estados de transe que no próprio meio cultural local não envolvem nenhuma etiologia mística. Ali os homens samburus, entre quinze e trinta anos, que compõem o grupo de guerreiros solteiros chamados 'morans', caem prontamente em transe em determinadas circunstâncias. Esses 'sorteados', suspensos entre a infância e a idade adulta, numa adolescência incomodamente prolongada, caem em transe regularmente, sacudindo o corpo em extrema agitação, diante de situações frustrantes. Circunstâncias precipitadoras típicas são: quando um grupo de 'morans' é superado nas danças por um grupo rival diante de garotas; ou quando uma de suas garotas é levada em casamento; durante a iniciação; ou quando estão para ser substituídos por um novo grupo de homens mais jovens. De maneira semelhante, fora desses cenários tradicionais, os soldados samburus podem sofrer os ataques durante desfiles, ou quando emboscados. Todas as evidências nesse caso mostram conclusivamente que essa é a resposta culturalmente condicionada à tensão e ao perigo, que não é interpretada misticamente e, na realidade, considerada pelos samburus como um sinal de virilidade e auto-afirmação. Uma vez ultrapassado o grau de 'morans', casados e amadurecidos, eles param de sofrer os ataques. Para o homem adulto já não é culturalmente apropriado apresentar esse

tipo de resposta. Em todas essas experiências de transe, não há nenhuma implicação de que todos aqueles que sofrem ataques estão possuídos por espíritos. A possessão não faz parte de ideologia samburu (Lewis, 1971, pp. 46-47.

Buscados ou não, interpretados misticamente ou não, culturalmente relevantes ou não, espontâneos ou voluntários, cada EAC parece ser classificado como normal ou patológico dentro de cada cultura. Um mesmo EAC pode guardar ambas as conotações dependendo das circunstâncias. Por exemplo, dentro da Umbanda, especificamente no grupo que serviu como sujeitos desta pesquisa, pode haver três tipos de transe, de acordo com sua causa: o esperado, o inesperado e o patológico. O segundo pode ocorrer durante uma sessão ritual e, abruptamente, acometer um médium ou mesmo um assistente. São interpretados como resultado da presença de um ‘espírito das trevas’ ou ‘espírito sem luz’, como são denominados os espíritos que ainda estariam apegados aos desejos da matéria e/ou que ainda não estariam cientes de que morreram. Segundo o grupo pesquisado, tal entidade “baixo astral” deve receber apoio, tratamento. Assim, a incorporação inesperada é considerada uma anormalidade para a qual há diagnóstico, tratamento e prognóstico. O transe patológico seria aquele em que não há espíritos a ocupar o corpo, sendo considerado uma falsa incorporação. Geralmente ocorre em ambientes diferentes do ambiente do culto, fora do terreiro. Um dos depoentes lembrou um caso em que uma médium dizia ter incorporado no ônibus, portanto em circunstâncias não-rituais. A Mãe-de-Santo, experiente, logo explicou ser este um sintoma próprio de loucura e que a indicação seria a de se buscar ajuda médica para o caso.

Tendo em vista essa diversidade de interpretações a respeito da normalidade dos EACs, o etnólogo Erwin H. Ackerknecht sustentou que a normalidade, em sentido amplo,

é definida culturalmente (Ackerknecht, 1971). Servindo-se dos termos *auto-normal* e *auto-patológico*, propôs que a própria comunidade é que faz a distinção entre normalidade e anormalidade. Quanto à apreciação ou interpretação de normalidade ou anormalidade feita a partir do referencial médico, científico, de nossa sociedade ocidental, de fenômenos de outras culturas, distinguiu o que chamou de *hetero-normal* e *hetero-patológico*. Assim, Ackerknecht parece querer diminuir o impacto e a inflexibilidade da classificação de *normal* e *patológico* que desconsidera as diferenças culturais e ratifica a posição de que tais conceitos só têm sentido em correspondência com a significação dada por determinado grupo. Tal posição pode ser encontrada, ainda, entre outros, em Ruth Benedict (1934) e em A. L. Kroeber (1952/1960)

A partir da proposição de Ackerknecht, a antropóloga, estudiosa do xamanismo siberiano, Anna-Leena Siikala (1978/1987), da Universidade de Helsinki, propõe um esquema bastante útil para se verificar as várias distinções que os EACs podem assumir quanto à normalidade ou não, do ponto de vista cultural.



O que importa para nossa análise é que a mediunidade, como uma das variantes da alteração de consciência, pode ser compreendida como normal – ou *auto-normal*, se tomarmos como referência a significação cultural dada pelo grupo em que emerge, como manifestação institucionalizada e sacralizada.

1.4 Características dos EACs

Na Parte II deste trabalho, pretendo apresentar as características específicas das alterações de consciência dos médiuns entrevistados. São, evidentemente, particulares, apesar de corresponderem, até certa medida, às características gerais dos EACs já reconhecidas e consagradas no meio científico. Como um de meus objetivos é o de poder estabelecer algumas comparações da mediunidade com os EACs em geral para apreender se há nela algo de único, sumário, abaixo do que se espera encontrar, em maior ou menor grau, em qualquer EAC.

Coube a Arnold Ludwig ser um dos pioneiros na descrição das características dos EACs (Ludwig, 1968). Ele assim as apresenta:

1. *Alteração no pensamento*: mudança interna na direção da atenção; memória, concentração e julgamentos confusos.
2. *Confusão no sentido de tempo*.
3. *Perda de controle*: pode-se ganhar maior controle ou precisão por meio da perda do controle consciente, por exemplo, identidade com a fonte de maior poder.
4. *Alteração na expressão emocional*: menor controle, inibição; emoções mais primitivas, extremas; pode-se estar indiferente.
5. *Mudança na imagem corporal*: despersonalização, cisão entre mente e corpo, dissolução dos limites entre "eu" e "outro" ou o "universo", sentimento de unidade ou transcendência.
6. *Distorções perceptivas*: alucinações ou pseudo-alucinações: conteúdo das aberrações perceptivas determinado pela cultura, grupo, indivíduo e/ou por fatores neurofisiológicos. Pode representar desejo de completude, expressão de conflitos ou medos básicos ou fenômenos de menor importância dinâmica.
7. *Mudança no significado ou na significância*: relaciona o aumento de significado ou significância às experiências subjetivas, idéias, percepções nesse estado; freqüente sentimento de profunda verdade, 'insight', iluminação. Esse sentimento de aumento de significância ou importância é uma das mais importantes características da consciência mística ou religiosa e é provavelmente a principal característica para o estabelecimento de muitos grupos religiosos.
8. *Sentido do inefável*: em virtude da experiência única, subjetiva, é difícil comunicar a natureza ou a essência desta a alguém que não a experimentou; tendência a esquecimento do que se vivenciou durante a alteração de consciência.
9. *Sentimentos de rejuvenescimento, esperança renovada*.
10. *Hiper-sugestionabilidade*: aumento da propensão a aceitar e/ou responder automaticamente a determinadas afirmações, isto é, a comandos ou orientações de um líder ou a sugestões não específicas, como à expectativa cultural do grupo. A característica distinguível desses estados é a convicção emocional do sujeito hipnotizado de que o mundo é como sugerido pelo hipnotizador, mais que uma pseudo-percepção baseada na sugestão. Há, ainda, a redução da abrangência das faculdades críticas, com uma conjunta diminuição na capacidade para o teste de realidade, ou seja, uma inabilidade para distinguir entre a realidade subjetiva e a objetiva. Essa situação cria uma necessidade compensatória de ancorar tais faculdades pela busca de apoio e orientação em um esforço para remediar a ansiedade geralmente associada a tal perda de controle. Há um aumento da confiança na autoridade, que é vista como onipotente.

Com a “dissolução dos limites do ego”, uma importante característica dos EACs, o sujeito tende a identificar-se com uma autoridade (que no caso da possessão seria Deus ou espíritos e a totalidade da comunidade), cujos desejos e poder são vistos como do próprio indivíduo. Como resultado de todos esses fatores ocorre um estado mono-motivacional ou supra-motivacional, em que a pessoa se esforça para materializar, em comportamentos concretos, os pensamentos ou idéias que ele experiência como realidade subjetiva. Essa realidade subjetiva é determinada pelas expectativas da figura de autoridade ou do grupo, bem como pelos próprios desejos e medos do indivíduo. Em um EAC no qual o comando e a estrutura externa são ambíguos ou pobremente definidos (isto é, nos casos de pânico ou de psicose aguda), as produções mentais internas da pessoa são seu maior guia na percepção da realidade e, assim, têm um amplo papel na determinação de seu comportamento. Neste caso, o sujeito é mais susceptível aos ditames de suas emoções e fantasias e a pensamentos associados a eles, que às ordens que partem de outras pessoas.

Tal como descritas, tais características parecem depender muito mais de uma abordagem experiencial, fenomenológica, que de um conjunto de dados objetivos, oriundo de medidas neurofisiológicas precisas. É possível, no entanto, falar de um substrato neurofisiológico dos EACs, que será discutido posteriormente.

Além de nos oferecer uma organizada visão de conjunto das principais características dos EACs, o trabalho de Ludwig nos auxilia a reconhecer a complexidade envolvida no fenômeno em questão. Não apenas as características podem variar em função do grau de profundidade da alteração de consciência, como também há a possibilidade de que uma ou mais delas não se apresentem. Tais variações podem ocorrer em função de fatores como a disposição momentânea do sujeito para a atividade que envolve a alteração de consciência, bem como em função de aspectos ligados às diferenças no funcionamento neurofisiológico, distinto de sujeito para sujeito. Poder-se-ia, ainda, lembrar que, para se alcançar os EACs, temos a influência das motivações individuais e grupais, os quadros de referência que os fazem ter uma significação, o treinamento do indivíduo em subtrair sua atenção dos estímulos do meio, entre outras. Há, portanto, um conjunto de variáveis auto-dependentes, de cuja harmonia depende o sucesso da atividade. Tais variáveis se tornarão mais claras a partir da apresentação dos dados coletados com os médiuns, feita na Parte II.

No entanto, é possível, por agora, ao menos descritivamente e de maneira geral, verificar se a lista apresentada por Ludwig se aplica ao fenômeno da incorporação, tal qual o conheci por meio de minhas observações de campo e das entrevistas com médiuns. Em outras palavras, esta verificação permitirá reconhecer se, de fato, a incorporação se constitui como uma alteração de consciência, ou dela depende em menor ou maior grau. Trata-se meramente de uma avaliação superficial, uma vez que se prende a características fenomenológicas gerais aparentes, não se preocupando, neste momento, do necessário aprofundamento psicossocial que este trabalho pretende realizar.

A lista de características dos EACs se inicia com a alteração do pensamento. Em geral, os(as) médiuns relatam que no momento em que estão prestes a receber os espíritos, sua concentração é plena na atividade que exercem. Seus pensamentos se voltam exclusivamente aos espíritos-guias, lembrando-se de suas histórias e personalidades. Enquanto incorporados, mantêm o pensamento mais ou menos estável, podendo, inclusive, pensar sobre o que ouvem e vêem, mas não têm condições de dirigir a atenção para onde querem ou de se lembrar, depois que o espírito se vai, do que foi dito e com quem exatamente o espírito conversou. Assim, as funções de percepção e memória parecem se dissociar, criando no médium a incerteza quanto ao que ocorreu durante a incorporação. Esse “embaralhamento”, como costumam designar tal confusão senso-perceptiva, é interpretada como um artifício utilizado pelos espíritos para que os médiuns não possam se valer das informações privilegiadas a seu favor e para que o necessário sigilo estabelecido entre a entidade e seu consulente seja mantido. São comuns os relatos de que sabia-se exatamente o que foi dito, mas não a quem se referia. Ou, ainda, de que sabia-se que tal pessoa havia se consultado, mas não o que lhe fora dito. Durante o transe os médiuns

muitas vezes podem ouvir o que é dito pelo espírito ao consulente e, não raras vezes, não concordam em absoluto com suas orientações. Há, portanto, a manutenção do julgamento durante a incorporação, ainda que este em algumas ocasiões seja impedido pela ausência total da “mente do médium” na situação de consulta.

O sentido de tempo é profundamente alterado na mediunidade de incorporação. Há espíritos que trabalham rapidamente, não permanecendo mais do que quinze ou vinte minutos no terreiro. Há no entanto, aqueles que podem varar a noite em atividades festivas e de consulta, como no caso dos Ciganos, no Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô, que não se contentam em terminar sua estada sem que os raios do Sol invadam o terreiro. Os médiuns relatam não haver qualquer relação entre suas percepções de tempo transcorrido com o tempo efetivo das incorporações. Assim, podem ter a sensação de que a incorporação durou poucos minutos quando, de fato, se prolongou por várias horas.

Quanto ao controle, pode-se dizer que os médiuns perdem totalmente o controle motor consciente para a entidade, apesar de, como disse acima, poder manter o controle do pensamento intacto. O controle motor do espírito é tido como total e capaz. Há relatos de médiuns que afirmam que suas entidades executam atividades motoras complexas, como uma dança por eles irreproduzível fora da incorporação.

Uma das características que mais me chamam a atenção é a alteração da expressão emocional. Há médiuns que afirmam que, por inibição, jamais se comportariam como seus guias, dançando em público, bebendo, pronunciando palavras de baixo calão. Permanecendo desligados do comando e das ações motoras, os médiuns sentem-se como ferramentas, ou como “cavalos” das vontades das entidades. A perda de controle e a discrepância entre seus sentimentos e atitudes com os dos espíritos não é vista como algo

temível, danoso ou negativo. Ao contrário, tais ocorrências são esperadas e interpretadas como um sinal objetivo da presença de algo diferente deles próprios.

Não creio que se possa falar de *despersonalização* durante a incorporação. Os médiuns não sentem perder-se na figura dos guias. Mantêm seus pensamentos, julgamentos, sentimentos, faltando-lhes exclusivamente o controle motor e a percepção precisa dos acontecimentos. Assim, não há perda do Eu, ainda que confuso quanto a suas percepções. Não há fusão com as entidades. Não há dissolução de suas personalidades. Há concomitância. O *sentimento de transcendência* que pode haver, quando há, é menos de ordem emocional que cognitiva. Experimentando a concomitância de existência com as entidades, os médiuns vivenciam a concretude do mundo espiritual, da transcendência. Essa vivência lhes dá razões para crer nesta transcendência. Eu diria que os médiuns mantêm suas identidades. Voltarei a este aspecto mais adiante, ao trabalhar o conceito de papel aplicado à mediunidade e ao apresentar o papel dos médiuns na construção dos espíritos que alegam incorporar. Neste momento, gostaria de apontar apenas que os espíritos, ao invés de se constituírem fator de despersonalização dos médiuns, fazendo-os perder ainda que temporariamente suas identidades, representam um ganho no sentido de agregarem elementos novos à personalidade dos médiuns, elementos muitas vezes considerados antagônicos à cosmovisão ou, mais simplesmente, à percepção de fatos corriqueiros da vida dos médiuns. Os médiuns continuam presentes durante a incorporação, com seus pensamentos, sentimentos e julgamentos preservados. Desta forma, por ser geral, a abordagem de Ludwig parece não se adequar ao fenômeno da incorporação neste aspecto. Considerar que exista despersonalização na mediunidade parece-me um grave erro. A despersonalização caracteriza-se pela perda total da identidade momentânea

ou definitivamente. Os casos de desordem dissociativa com múltiplas personalidades são os melhores exemplos de despersonalização. Nestes, há alternância de identidades, mais do que concomitância. Na base dessa diferenciação está também a possível função destes distintos fenômenos. Os transtornos dissociativos parecem ser reativos, surgindo frente a situações de grande estresse. O sujeito, por assim dizer, se ausentaria como defesa, como tentativa de preservação mínima do Ego. Apesar de servir como uma ferramenta de defesa, pode levar o sujeito a uma impossibilidade de superação.

Alfonso Martinez-Taboas, psicólogo clínico porto-riquenho, pesquisador dos fenômenos dissociativos, exprime a função e os perigos da dissociação defensiva do seguinte modo:

O uso da dissociação como um mecanismo de defesa é uma faca de dois gumes. Por um lado, ela "remove" o paciente de um evento extremamente aversivo quando uma fuga física ou psíquica parece impossível, aliviando, assim, o impacto imediato das experiências traumáticas. Os pacientes sentem que o sofrimento se foi, que a realidade mudou, ou simplesmente eles não se lembram das partes mais aterrorizadoras do abuso. Mas, por outro lado, a dissociação pode sabotar o processamento emocional da experiência traumática, levando a reações de longa duração, como a desordem de estresse pós-traumático ou à desordem dissociativa (Martinez-Taboas, 2001, p. 146).

A mediunidade, ao contrário, não parece ser um fenômeno dissociativo defensivo, reativo, mas integrativo e socialmente útil e valorizado, um fenômeno dissociativo normal.

Pessoas normais podem experienciar situações em que suas consciências parecem ter-se tornado divididas; em que suas percepções, pensamentos, sentimentos e ações são processadas sem serem representadas na consciência. Tais circunstâncias podem levar a cognições implícitas e

comportamentos que são percebidos como involuntários ou que ocorreram sem que fosse possível acessá-las conscientemente. Este tipo de dissociação não é inerentemente patológica. Isto significa que tais processos mentais não-conscientes não estão restritos àqueles processos que surgem com uma vertente sexual primitiva ou agressiva; e a restrição da experiência consciente não tem de ser motivada pela necessidade da defesa psicológica contra conflitos intra-psíquicos recalçados ou experiências traumáticas” (Martinez-Taboas, 2001, p. 141)

Talvez aqueles atores e atrizes que “perdem-se” em seus papéis mostrarão uma maior incidência de experiências dissociativas quando comparados a atores e atrizes que não têm tal experiência e a grupos-controle. Uma relação semelhante pode ser encontrada nos que são capazes de ter “inspiração” para a pintura, para a escrita ou para se engajarem em outras tarefas em que aparentemente um maior grau de absorção está envolvido. Tal pesquisa pode nos dizer muito a respeito do processo criativo, possivelmente encontrando processos dissociativos em talentos e habilidades tidas como altamente valiosas em nossa sociedade (Alvarado, no prelo).

Para se compreender quando as experiências dissociativas são normais ou patológicas é crucial compreender sua construção social e a pluralidade de significados culturais dados a elas (Martinez-Taboas, 2001, p. 136).

Seguindo na lista de Ludwig, encontramos as *distorções perceptivas – alucinação e pseudo-alucinação*. Se se considerar o mundo espiritual como um mundo absolutamente criado mental e culturalmente, então poder-se-ia falar da presença de alucinações durante a incorporação, uma vez que, para os médiuns, tal realidade é percebida, muitas vezes, de maneira direta, sensorial. Muitos depoentes disseram ter visto suas entidades tanto em sonhos quanto em vigília, ou seja, mesmo fora da incorporação, sem que exista, portanto, alguma alteração de consciência. Outros as sentem fisicamente próximas, logo antes da

incorporação. Nestas circunstâncias, no entanto, a alteração de consciência parece estar presente, ainda que em menor grau se comparada à alteração durante a incorporação.

Mas, apostar na irrealidade do mundo espiritual, considerando as percepções dos médiuns como alucinatórias, é um risco para qualquer pesquisador que se pretenda científico. Chamamos de realidade aquela que é compartilhada socialmente. Isto também serviria para distinguir, para alguns, a loucura da sanidade. No entanto, a realidade espiritual dos médiuns é compartilhada pelo grupo a que pertencem e, de certa forma, existe em seus quadros de referência como uma realidade tão concreta quanto aquela dos agnósticos, incrédulos e ateus. O que consideramos real e imaginário parece depender de nossos referenciais, das significações que damos às coisas, dos códigos lingüísticos que adotamos. Não pretendo me estender aqui nesta questão, que voltará a ser discutida com mais detalhes ao ser apresentado o referencial teórico deste trabalho na Parte III, quando farei referência à relação entre processos perceptivos, quadro de referência, interação social e papéis.

Alteração no sentido ou significância parece ocorrer no fenômeno da incorporação uma vez que os médiuns tendem a relatar que suas experiências subjetivas, seus sentimentos e pensamentos estão aumentados durante a presença dos espíritos. Mais do que isso, sentem que presença do transcendente é fato, como já dito.

O *sentido do inefável* é manifesto pela dificuldade, às vezes real impossibilidade, de os médiuns traduzirem em palavras suas experiências mediúnicas de incorporação. Não se trata, como propõe Ludwig, de uma não-lembrança, mas, antes, de falta de códigos lingüísticos apropriados. Alguns médiuns, ao serem perguntados a respeito do que sentem

durante a incorporação, procuram se valer de metáforas ou comparações, ainda que manifestem a fraqueza e a imprecisão desses recursos de transmissão semântica.

Não encontrei nenhum relato que possa apontar para a existência de um *sentimento de rejuvenescimento, de esperança renovada*, na experiência de incorporação. Não, pelo menos, por causa desta alteração de consciência. É fato, no entanto, que sentem suas vidas renovadas a cada encontro ritual. Relatam a importância dos trabalhos no terreiro como uma forma de “recarregar as baterias” para uma nova semana. Mas aí entram outros elementos da sessão ritual, como por exemplo, a importância que dão à possibilidade de ajudar os consulentes por meio do trabalho mediúnico, o quanto aprendem com os guias a cada consulta, o contato renovado com os demais médiuns e com a renovada aplicação da doutrina. Há relatos de médiuns que dizem se sentirem, muitas vezes, indispostos, com fortes dores de cabeça, mas que superam tais entraves para se apresentarem aos trabalhos no terreiro. Passadas as várias horas de incorporação, sentem-se revigorados, em pleno estado de saúde física e mental. Não se pode esquecer de mencionar a importância do trabalho grupal que, ao que parece, é fundamental para a estabilidade tanto psicológica, por oferecer um quadro de referência estável, duradouro, quanto social, uma vez que há uma prática regular com objetivos claros e respeitados.

A característica *hiper-sugestionabilidade* tem várias nuances e deve ser analisada com cuidado. “*Aceitar e/ou responder automaticamente a determinadas afirmações, isto é, a comandos ou orientações de um líder ou a sugestões não específicas, como à expectativa cultural do grupo*” parece se enquadrar perfeitamente no caso da incorporação. O automatismo motor, conhecido desde os tempos de Pierre Janet, é um dos fenômenos dissociativos mais presentes nos diversos tipos de religiões mediúnicas. Dentre suas manifestações estão a psicografia ou escrita

automática e a psicopictografia (habilidade de desenhar, pintar e esculpir automaticamente). No entanto, o automatismo verbal e o corporal são os mais frequentes na incorporação. Caracterizados pela independência da fala e do comportamento gestual por parte do médium, tal tipo de fenômeno dissociativo se destaca pela coerência entre a forma e o conteúdo, ou seja, pela correspondência entre a gestualidade e o sentido. O que se diz automaticamente durante a incorporação nada tem a ver com o que um psicótico fala durante um surto. Há coerência, lógica no discurso. Não apenas isso, mas também correspondência entre o que se diz e a doutrina, o conjunto de crenças guardadas pelo grupo. Assim, se esta é uma das características dos EACs, então aqui vemos-os em sua maior representação.

No entanto, Ludwig continua sua descrição, alegando que haveria uma *"dissolução dos limites do ego"* agregada à hiper-sugestionabilidade. Haveria, assim, *"uma tendência a se identificar com uma autoridade (que no caso da possessão esse seria Deus ou os espíritos, e a totalidade da comunidade), cujos desejos e poder são vistos como do próprio indivíduo"*. O termo "identificação" é por demais perigoso e esconde armadilhas nas quais não pretendo cair. É possível dizer, no entanto, que médiuns aceitam seus guias como figuras de poder e que estes, de fato, representam protótipos a serem seguidos. O próprio processo de incorporação pode ser visto como uma maneira de integração das diversas características dos espíritos guias. Sem pretender fazer trocadilho, incorporam-se as qualidades dos espíritos, também neste sentido. Mas a percepção dos médiuns é a de que apenas dão espaço, *passagem*, em seu linguajar próprio, para que os espíritos se manifestem por meio de seus corpos, enquanto observam sem nada poderem fazer. O que estão a afirmar é que não participam do processo. Minha aposta, que pretendo apresentar na Parte III deste trabalho,

é que essa passividade é aparente e que os médiuns não apenas atuam como partícipes de papéis bem definidos, mas também como autores dessa elegante peça doutrinal. Há um enorme espaço de criação que permite aos médiuns a autoria de seus espíritos guias e a sua conseqüente atualização. Uma vez que o quadro de referência grupal se estabelece como parte da estrutura cognitiva dos médiuns, estabelece-se uma dinâmica em que os papéis predefinidos pelo grupo são conhecidos e os personagens que os atuarão são criados. Cada médium conhece seu papel (papel assumido) e, ao mesmo tempo, conhece o que se espera dele como tal, a partir das figuras religiosas e da doutrina por eles estabelecida (papel adotado), como veremos no Capítulo 5. Mais do que isso, sabe perfeitamente quais as características de cada Orixá, cada linha de santo, sendo-lhe possível, durante seus estados de alteração de consciência, criar, dentro dos limites conhecidos e das expectativas existentes. Essa relação dinâmica entre criadores e criaturas se tornará melhor compreendida ao serem apresentados os médiuns e seus guias.

1.5 Indução aos Estados Alterados de Consciência

O panorama apresentado acima permite que se compreenda a mediunidade como um fenômeno complexo, em cuja ocorrência participam múltiplas variáveis, tanto grupais quanto individuais. No entanto, para que se tenha uma visão ainda mais abrangente do fenômeno da mediunidade de incorporação, talvez seja útil, ainda neste primeiro capítulo, apresentar alguns outros fatores que parecem concorrer para sua manifestação.

Um ponto a ser abordado é o dos fatores que podem conduzir ou induzir a alteração de consciência. Novamente, segundo o seminal trabalho de Ludwig (1968), podemos reconhecer que há quatro elementos do organismo humano - compreendido tanto pelo

psiquismo quanto pelo corpo – que, ao serem retirados de seu equilíbrio dinâmico, podem levar à alteração de consciência. Tais elementos são:

- a) o normal influxo dos estímulos sensoriais;
- b) o normal afluxo dos impulsos motores;
- c) o normal 'tonos emocional';
- d) o normal influxo e organização de processos de reconhecimento ("recognitive processes") (Ludwig, 1968, p. 70).

A seguir, Ludwig (1968, p. 71) apresenta as diversas técnicas pelas quais se alcançaria uma alteração de consciência:

1. Redução da estimulação exteroceptiva e/ou atividade motora:

Resulta da absoluta redução da entrada (*input*) de estímulos sensoriais, alterações no padrão dos dados sensoriais ou da exposição constante a estímulos repetitivos, monótonos.

Inclui o transe hipnótico, os EACs por isolamentos sociais prolongados, por exemplo, os estados místicos, os estados ascetas e a letargia por longo período de inanição.

2. Aumento de estimulação exteroceptiva e/ou motora e/ou emocional:

Estados mentais excitatórios provocados, principalmente, pelo bombardeamento ou sobrecarga sensorial, que pode ou não ser acompanhado de atividades físicas intensas ou forçadas. Profunda estimulação emocional e fadiga mental pode ser o principal fator contribuidor para sua ocorrência.

Transe pela dança e pela música em resposta aos tambores rítmicos; transe hiperkinético associado ao contágio psíquico emocional, freqüentemente em ambiente de grupo; experiências de conversões religiosas e de transe de curas durante reuniões de forte apelo emocional; aberrações mentais associadas a certos ritos de passagem; estados de possessão por espíritos; transes xamanísticos, divinatórios, proféticos ou extáticos.

3. Aumento do estado de alerta ou de envolvimento mental:

Originado pelo estado de alerta exacerbado, seletivo ou focalizado, e de longos períodos do estado de alerta periférico.

Orações febris; envolvimento total durante a comunicação de oradores dinâmicos; transe provocado pela observação de um objeto giratório.

4. Diminuição do estado de alerta ou relaxamento das faculdades críticas:

Estado mental passivo, com o mínimo de pensamento ativo dirigido a um objetivo, provocado pela alteração química corporal ou neurofisiológica, de maneira deliberada ou pela perda de controle em situações como as apresentadas acima.

Sonolência; desidratação; hipoglicemia pela fadiga; (hiperventilação); alterações hormonais; privação do sono.

Apesar de um ou vários desses fatores concorrerem para que os médiuns entrem no EAC, sobretudo aquele relacionado ao transe pela dança, pela música dos tambores ritmados, parece-me que tais fatores não devem ser vistos nem como condição necessária, nem como condição suficiente. Os relatos dos médiuns dão conta que eles podem incorporar fora das sessões rituais, em ambientes calmos, sem música ou dança. Testemunhei incorporações em contextos desse tipo dezenas de vezes, em que os médiuns apenas se concentravam em seus guias na quietude de algum canto da casa, por exemplo, e incorporavam. O que chamam de *concentração* parece ser uma estratégia treinada de auto-indução ao transe mediúnico, um método através do qual controlam suas capacidades dissociativas, dando vazão ao aparecimento da personalidade da entidade. Procurando saber em quê pensam os médiuns no momento exato da *concentração*, pude levantar alguns elementos comuns. Antes de mais nada, os médiuns oram para que a incorporação desejada não sofra, por parte deles, qualquer interferência. Cognitivamente, isto significa que deverão estar passivos, apesar de observadores, ao longo do processo de incorporação. Dar *passagem* para as entidades significa confiar nelas. Se se confia nas entidades, então podem se desligar. A confiança vem do respeito que dirigem, não apenas a cada uma das entidades, mas a todo o mundo espiritual ou *plano espiritual* ou ainda *espiritualidade*. Um médium fez a seguinte comparação, referindo-se à confiança que tem nas entidades: *“Assim como uma criança pequena que está em cima de um muro se joga nos braços dos pais, nos jogamos para os braços dos espíritos. Não temos medo do que vai nos acontecer porque sabemos que nada de ruim*

será feito, nem com a gente, nem com outras pessoas. Simplesmente me solto e deixo que a entidade venha e faça seu trabalho.” No capítulo 3, ao ser apresentada a cosmovisão do Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô, tais aspectos serão melhor compreendidos. O que gostaria de enfatizar é que, apesar dos elementos exteriores elencados por Ludwig serem importantes para que os médiuns alcancem a alteração de consciência, parece-me que sem uma disposição interna, não haveria incorporação. Tal *disposição* seria o somatório de elementos cognitivos, como o treino na dissociação, a confiança que se tem nos espíritos e em seus trabalhos, a consciência da importância das atividades que se realiza para a comunidade. Mas, falar de elementos cognitivos implica, necessariamente, falar em elementos grupais, culturais. Como pretendo defender neste trabalho, os aspectos psicossociais envolvidos na incorporação são fundamentais até mesmo para a estruturação cognitiva dos médiuns que, por sua vez, resulta em EACs disciplinados pelo grupo. Nos capítulos 5 e 6 pretendo apresentar os detalhes dessa análise, com base no conceito de papéis, com já mencionado.

1.6 Aspectos Neurofisiológicos dos Estados Alterados de Consciência

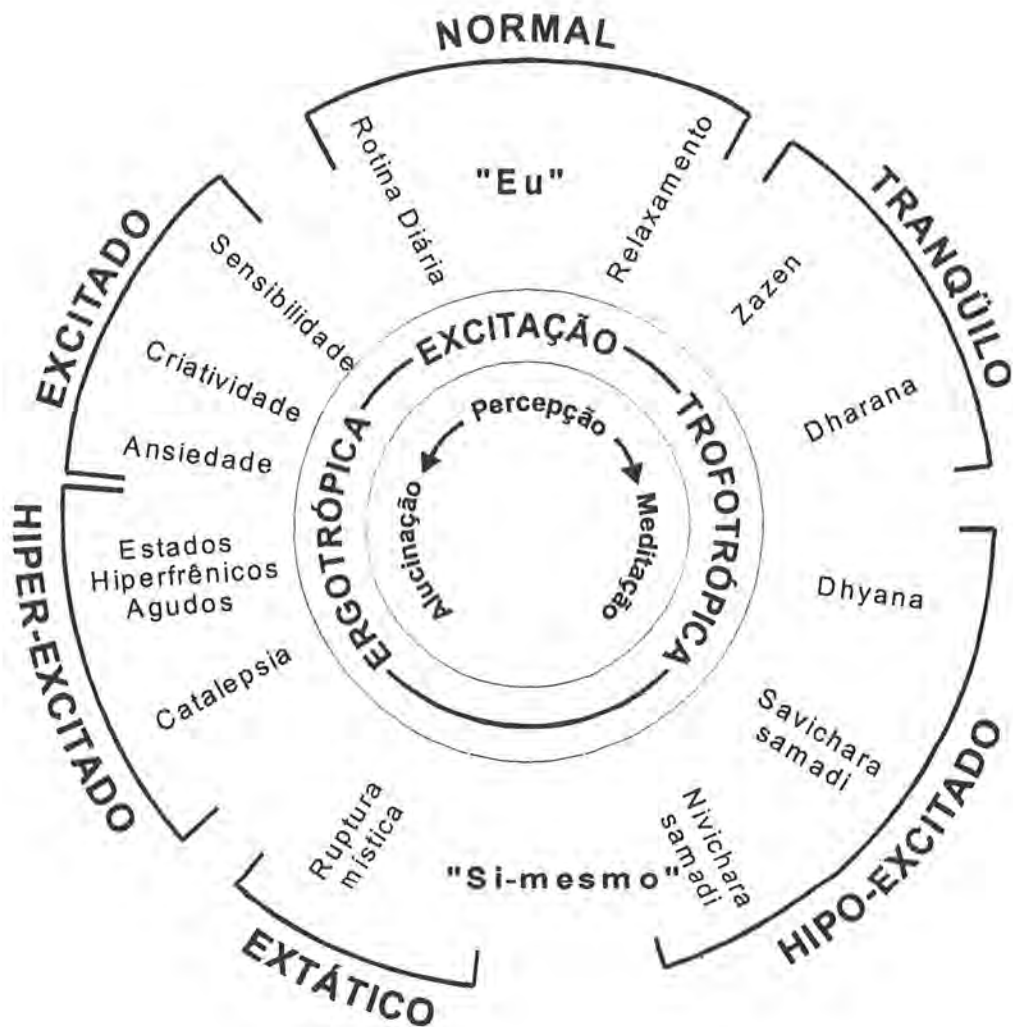
Retornando aos fatores que conduziriam aos EAC, temos que os estímulos, tanto internos quanto externos, relacionados com a incorporação de espíritos, devem provocar algum tipo de alteração psicofisiológica. Tal alteração parece ser dirigida a um objetivo. No caso da mediunidade de incorporação, teríamos a emergência de conteúdos culturalmente estabelecidos.

Mas, há evidências de alterações psicofisiológicas objetivas durante os estados de incorporação? Apenas recentemente está à disposição um dispositivo de

eletroencefalografia portátil, que permite ao médico avaliar as funções neurológicas do paciente ao longo do dia, enquanto esse realiza suas atividades diárias. Apesar da potencial aplicabilidade desse equipamento para a avaliação neurológica de médiuns sob o transe, não há registro de estudos realizados nesse sentido. Tenho estado em contato com pesquisadores da área de eletroencefalografia e, com eles, tenho discutido as possibilidades e os limites de tal técnica. Um importante problema metodológico de um estudo como esse prende-se à quase impossibilidade de se verificar se possíveis alterações neurofisiológicas se deveriam à incorporação, ao transe propriamente dito, ou à atividade física realizada pelos médiuns ao longo das sessões. Da mesma forma, possíveis alterações neurofisiológicas constatáveis entre as diferentes entidades poderiam ser devidas às diferenças nas atividades físicas – algumas mais exuberantes, com gritos, pulos, rodopios, e outras com uma profunda passividade – características das próprias entidades. Sabemos, no entanto, de estudos neurofisiológicos em pacientes portadores de distúrbio de personalidade múltipla, em que cada uma das personalidades alternantes apresenta distintos traçados no EEG (Krippner, 1997). Há, ainda, outros estudos neurofisiológicos relacionados a distintos tipos de alteração de consciência ligados à religião, ou, como diria Siikala (1978/1987), a EAC institucional, de tipo sacro. Por exemplo, os estudos da neurofisiologia da meditação zen (Kaamatsu & Hirai, 1969) ou do êxtase em iogues (Gellhorn & Kiely, 1972). Tais estudos são indicadores, apesar de não constituírem garantia, de que a incorporação por espíritos seja acompanhada por alterações neurofisiológicas significativas, próprias da alteração de consciência induzida nas sessões rituais.

Enquanto não se realizam estudos neurofisiológicos objetivos, pode-se avaliar clinicamente as características neurológicas dos médiuns, por meio da avaliação dos sinais

neurológicos que acompanham o transe mediúnico. A partir de suas observações, o neuropsicólogo Roland Fischer (1969, 1971, 1978, 1986) estruturou uma cartografia do êxtase e dos estados meditativos, que poderia perfeitamente ser utilizada para compreender, sob certo aspecto, a mediunidade de incorporação.



Cartografia de Fischer. Esquema demonstrando os dois caminhos possíveis de se alcançar o Si-Mesmo.
Retirado de: Psychology of Religion: classic & contemporary, Wulff (1997), p. 109

Fisher vê nos diversos estados mentais, nos quais inclui os mais variados EACs, correspondência com o funcionamento neurofisiológico. Assume um *continuum*, que vai desde estados mentais ligados à maior excitação subcortical, que corresponderiam ao que chamou de *excitação ergotrópica*, até os estados mentais ligados à baixa excitação subcortical, que corresponderiam ao que chamou de *excitação trofotrópica*. O que está subjacente a tal modelo é a maior ou menor atividade do sistema nervoso que, por sua variação, suscitaria diferentes estados mentais, desde aqueles em que haveria preservação do *ego*, até aqueles em que haveria sua dissolução, ou, como chama, o *si mesmo* (self). Como há um *continuum* circular entre o *ego* e o *si-mesmo*, poder-se-ia alcançar o si-mesmo tanto para um aumento da excitação, quanto por meio de sua diminuição. Tal circularidade explicaria, neurofisiologicamente, como estados mentais tão distintos quanto a meditação e os movimentados êxtases xamanísticos poderiam resultar em efeitos cognitivos tão próximos. Ambos os estados chegariam ao ápice da ruptura do *ego*, tanto pela hiper quanto pela hipo-atividade subcortical. As experiências de dissolução do *ego*, de inefabilidade, de ausência de tempo-espço, de unidade com o todo, assim, seriam esperadas em qualquer dos rituais de alteração de consciência. O modelo de Fischer ainda prevê o que chama de *ricochete trofotrópico* ou *ricochete trofotrópico*, ou seja a tendência de se passar de um extremo de funcionamento subcortical o outro, como por exemplo, de um êxtase (estado de grande excitação subcortical) a um *samadhi* (estado mental meditativo, ligado a um funcionamento de tipo hipo-excitatório).

Apenas como exemplo de como a cartografia de Fischer tem sido empregada no terreno cultural, vejamos o que a antropóloga Barbara Lex (1979) afirma a respeito de rituais que empregam EACs:

Rituais corretamente realizados promovem um sentimento de bem-estar e alívio, não apenas por causa do prolongado ou intenso estresse que é aliviado, mas também porque as técnicas utilizadas nos rituais são projetadas para sensibilizar ou "afinar" o sistema nervoso e, assim, reduzir a inibição do hemisfério direito e permitir a dominância temporária do hemisfério esquerdo, bem como da excitação mesclada trofotrópica-ergotrópica, para alcançar sincronização dos ritmos corticais em ambos hemisférios e evocar o ricochete trofotrópico (pp. 144-145).

Lex sustenta que os estados de transe religiosos serviriam, portanto, para promover o equilíbrio neurofisiológico dos membros de um grupo. Haveria, assim, uma função meramente biológica, neurofisiológica, nos rituais com transe. A cultura moldaria uma técnica destinada à supressão de estresse, do desequilíbrio existente entre distintas operações do sistema nervoso. Ainda que não descartando tal função, a aposta desta tese é a de que existam outras variáveis a serem consideradas na análise da incorporação ou possessão de espíritos além da neurofisiológica e que esta, por si só, é insuficiente para dar conta da complexidade do fenômeno em questão. Dentre as variáveis a serem analisadas para que se constitua um terreno sólido sobre o qual caminhar neste estudo, encontra-se a psicológica. Apesar de já anunciada e, de certa forma abordada acima, é necessário apresentá-la de maneira sistematizada, procurando recuperar estudos ou conceitos que já se fizeram clássicos na área, ainda que sem a pretensão de esgotar a enorme variedade de abordagens. É o que pretendo apresentar no próximo capítulo.

Capítulo 2

Psicologia e Mediunidade: Uma Breve Revisão

2.1 Abordagem com Preconceitos

A análise unilateral da mediunidade tem levado a interpretações muitas vezes parciais e, portanto, incompletas desse fenômeno. Monique Augras (1983), por exemplo, critica a posição daqueles que buscaram compreender a mediunidade - ou possessão por espíritos - por um enfoque que excluísse os elementos culturais envolvidos no fenômeno.

Ocorre que os grupos culturais que propõem tais modelos de explicação psicológica são os mesmos que, escolhendo o caminho do racionalismo, por isso mesmo excluem a tentativa de compreender o que a possessão significa dentro do grupo cultural que acredita em sua realidade (Augras, 1983, p. 77).

E segue, propondo que essas explicações não sejam definitivas:

Achamos mais correto, por enquanto, 'suspender nosso julgamento', tal como propunha Oesterreich no fim do estudo sobre os 'Possuídos' (Augras, 1983, p. 77).

A prudência em suspender nosso julgamento frente a uma realidade pouco conhecida, ou aparentemente mal interpretada, não deve, pois, neutralizar nosso empenho em conhecê-la.

Na verdade, podemos encontrar algumas análises do ponto de vista psicológico do fenômeno da mediunidade que, sejam completas ou não, constituem-se em importantes contribuições e às quais devemos fazer referência.

2.2 Mediunidade e a *Society for Psychical Research*

A pesquisa científica dos médiuns e da mediunidade teve seu início organizado em 1882, com a fundação da *Society for Psychical Research* (SPR), em Londres. Dentre os membros da SPR figuravam personalidades que seriam conhecidas como as fundadoras da Psicologia moderna, como Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e William James. As pesquisas realizadas pelos membros da SPR estiveram menos ligadas às análises psicológicas dos médiuns do que à tentativa de constatação dos supostos feitos mediúnicos, como a capacidade de provocar alterações físicas no ambiente (como o deslocamento de objetos) e a capacidade de se comunicar com os espíritos de pessoas falecidas. Apesar de serem criticados por provocarem seus efeitos por meio de fraude, os médiuns também mereceram análises menos desabonadoras, como a de William James:

O que quero atestar imediatamente a seguir é a presença - no meio de todos os ingredientes da farsa - de um conhecimento verdadeiramente supranormal. Entendo por um tal conhecimento aquele cuja origem não possa ser atribuída às fontes ordinárias de informação - ou seja, os sentidos do sujeito (James, 1973/1909, p. 238).

Mas não é no sentido *supranormal* - ou *para-psicológico* conforme a terminologia empregada atualmente - que a maioria dos membros da SPR investigou a mediunidade que pretendo analisá-la. Interessam-me, antes, os aspectos propriamente psicológicos - ou *normais*. Nesse contexto, coube a outro membro da SPR, Theodore Flournoy, eminente pesquisador da área da Psicologia da Religião e professor de Psicologia na Universidade de Genebra, realizar as primeiras análises psicológicas dos médiuns. Sem discordar da posição de William James quanto às faculdades *para-psicológicas* dos médiuns, Flournoy se propôs a avaliar a psicologia dos médiuns utilizando os referenciais teóricos amplamente aceitos pela comunidade científica de sua época. Em seu “Espiritismo e Psicologia” (1911),

Flournoy resume alguns dos resultados obtidos a partir de um questionário desenvolvido especificamente para levantar alguns elementos da vida dos médiuns e de sua mediunidade. Preocupou-se, por exemplo, em inquirir a respeito da influência de condições fisiológicas e mentais da mediunidade e, inversamente, a influência da mediunidade na saúde orgânica e mental dos médiuns; sob que circunstâncias (se espontaneamente, se durante uma sessão espírita...) os médiuns descobriram sua mediunidade; a importância da mediunidade para a vida mental, religiosa e moral dos médiuns; e as origens familiares da mediunidade (Flournoy, 1911, p. 33).

O trabalho pioneiro de Flournoy, apesar de fundamental do ponto de vista histórico do estudo psicológico da mediunidade, não fez senão uma pequena referência aos seus aspectos psicossociais e culturais. A identificação da existência de uma *influência do meio ambiente* não parece suficiente para compreender como e em que tal influência se deu. A conclusão de que em alguns casos haveria predisposições familiares para a mediunidade parece demasiado categórica para ser extraída apenas de um questionário. Investigações psicológicas com a utilização de outras técnicas poderiam oferecer importantes contribuições para esclarecer essa questão.

2.3 Dissociação e Mediunidade

Há uma tendência, antiga e atual, em interpretar o fenômeno da mediunidade como um estado ligado aos EACs. como foi discutido no capítulo anterior, ou, numa linguagem moderna, com um estado dissociativo. Dentre os estudiosos que se dedicaram ao estudo psicológico da mediunidade, tornou-se comum a associação entre incorporação, ataque histérico e estados de transe induzidos pela hipnose (Siikala, 1978/1987, pp. 46). O

xamanismo, por exemplo, foi considerado em sua conexão com desordens neuróticas (Czaplicka, 1914) e mesmo como uma forma de histeria (Ohlmarks, 1939). Oesterreich (1930) sustentava a similaridade entre os estados de possessão, o estados sonambúlicos e os estados hipnóticos, Sargant (1973) e Walker (1972) defenderam que o transe de possessão é induzido pelo mesmo mecanismo mental que os estados hipnóticos.

Tais estados da mente, bem como todos os EACs, têm em comum o fenômeno da dissociação. O conceito de dissociação tem sido construído de formas diferentes de acordo com a cultura do pesquisador (Krippner, 1986, 1987, 1989, 1994, 1997). O conceito de *desagregação*, proposto por Pierre Janet, por exemplo, refere-se aos fenômenos por meio dos quais duas ou mais idéias ou estados de consciência tornam-se separados e operam com aparente independência (Hilgard, 1992), tal como ocorre com a hipnose, os estados de fuga e a mediunidade (Krippner, 1994).

Krippner propõe que:

... a dissociação envolve a ocorrência de experiências e comportamentos que se supõe existirem afastados, ou terem sido desconectados da consciência, do repertório comportamental e/ou do auto-conceito. 'Dissociação' é o processo pelo qual essa desconexão ocorre (Krippner, 1994, p. 339).

Hilgard (1992) e Braun (1988) apontaram que a dissociação pode ocorrer em variados níveis, além de não estar limitada a fenômenos anormais. Haveria um *continuum* entre a dissociação patológica e a dissociação não-patológica (Bernstein & Putnam, 1986), como apresentado no capítulo anterior.

No contexto da mediunidade, Bourguignon (1989), discutiu as diferenças conceituais entre *transe*, *possessão* e *transe de possessão*, sustentando que a *possessão* não envolve um *transe* ou outra alteração de consciência, mas uma doença cuja causa seria a invasão de espíritos malévolos na mente e no corpo de alguém. No *transe de possessão*, haveria uma alteração de consciência induzida por espíritos durante o qual o comportamento e a fala das entidades possuidoras poderiam ser observadas. Algumas vezes as entidades seriam benevolentes (como no caso dos médiuns que incorporam seus espíritos-guias) e algumas vezes inoportunas (como no caso de espíritos malévolos ou entidades nocivas que falam e agem pelo corpo dos médiuns). Bourguignon utilizou o termo *transe* para se referir aos estados alterados de consciência induzidos que não estão relacionados às idéias culturais de possessão. Apresentou dois estudos de caso, um de Nova Iorque e outro de São Paulo, para examinar as diferenças transculturais das interpretações dos fenômenos dissociativos. No primeiro exemplo, uma mulher foi diagnosticada por um psicoterapeuta como manifestando *desordem de personalidade múltipla* e a personalidade “intrusa” foi interpretada como uma cisão do núcleo da sua personalidade. No segundo caso, a personalidade “intrusa” foi conceitualizada como um fenômeno em que um ou vários espíritos possuiriam o indivíduo em intervalos. Enquanto que no caso de Nova Iorque a personalidade “intrusa” foi desconcertante para a “hospedeira”, no exemplo de São Paulo tal personalidade foi aceita pelo grupo social do “hospedeiro” e por ele próprio.

Assim, apesar da mediunidade “fazer uso” de capacidades dissociativas individuais do médium, a dissociação parece disciplinada pelo grupo social de que o médium participa, como visto já no capítulo anterior. Os elementos sócio-culturais que darão o contorno das personalidades “intrusas” estão presentes no grupo social do médium e, portanto, na mente

do médium. A análise de Bourguignon oferece a possibilidade de compreender que a diferença entre a dissociação patológica e a dissociação não-patológica reside na cultura.

Hughes (1992), após entrevistar e administrar escalas de dissociação a sujeitos diagnosticados como portadores de *desordem de personalidade múltipla* e a médiuns, concluiu que

... os médiuns não exibem alto grau de psicopatologia, nem apresentam experiências dissociativas em grau mais elevado em frequência, apesar de suas experiências de transe. Apesar de tanto os médiuns quanto os portadores de desordens de múltipla personalidade estarem condicionados à dissociação ao nível dos processos mentais, eles diferem em relação à etiologia, função, controle e patologia. (...) Enquanto que para os portadores de desordens de personalidade múltipla a dissociação com co-consciência é idiossincrática e compulsiva, para os médiuns de transe a experiência dissociativa acompanhada de co-consciência é contextualizada culturalmente e está sob o controle da consciência do praticante (Hughes 1992, p. 191).

Considerar a mediunidade não apenas pelo seu aspecto individual-dissociativo tem levado, como foi visto, a uma análise das correlações entre fenômenos psico-fisiológicos (como a própria dissociação) e fenômenos culturais. Deslocou-se, portanto, o eixo interpretativo de fatores psicopatológicos para os de caráter psicossocial. Parece-me, no entanto, que as relações ainda não estão bem delineadas. Não basta apontar a existência de correlações. Seria necessário novamente enfatizar que ainda há carência de informações a respeito de como e em quê essa correlação se dá.

2.4 Psicologia e Mediunidade no Brasil

O Brasil do começo do século XX assistiu a inúmeras interpretações da mediunidade também relacionadas à dissociação, porém descontextualizando tais experiências de seus aspectos culturais. A mediunidade foi descrita, quase invariavelmente, como sinal de psicopatologia. Raymundo Nina Rodrigues, interpreta a possessão como um...

...estado de sonambulismo provocado, com cisão e substituição da personalidade (Rodrigues, 1900, p. 81)

Manoel Querino (1955), afirma que

... tanto quanto nos permite a penetração nesses segredos, essa exaltação dos sentidos é o resultado de uma idéia fixa determinada pela conversão sobre a espécie com pessoas entendidas, ou por ter assistido aos atos feticistas; tudo isso a influir no temperamento nervoso, auxiliado pelo histerismo, desde que esse fenômeno é peculiar ao sexo feminino, sempre impressionável (Querino, 1955, p. 73).

O psicanalista e antropólogo Arthur Ramos não fugiu à regra. Segundo Monique Augras:

... quarenta anos após Nina Rodrigues, Ramos pensa que o transe não revela nenhuma característica além das já estabelecidas pela Psiquiatria como a histeria de massa" (Augras, 1983, p. 36).

Nota-se a influência do pensamento psiquiátrico europeu do final do século XIX, sobretudo o francês, nas idéias desses pesquisadores, momento em que Gustave Le Bon fala de "histeria das multidões" e Charcot propõe a dissociação histérica como degeneração neurológica das mulheres (Ellemerger, 1976).

Foi com o antropólogo Melville J. Herskovits (1967) que a mediunidade ganhou sua dimensão social no Brasil, deixando de ser encarado como um aspecto psicopatológico.

Nas palavras de Augras: Herskovits

[Herskovits] afirma que o transe ritual, por ser institucional, é um fenômeno normal. Trata-se de culto organizado, em vez de patologia individual (Augras, 1983, p. 47).

A perspectiva de Herskovits foi empregada, posteriormente, por Octavio da Costa Eduardo, no Maranhão, e por René Ribeiro (1978), no Recife. Mas foram Roger Bastide e Pierre Verger que trouxeram uma perspectiva propriamente sociológica e histórica para a análise das religiões mediúnicas no Brasil, a partir de meados da década de 1950. Bastide, nesse sentido, interpretava o “transe místico” como um recurso religioso contra o protesto racial, uma forma de compensação psicológica frente a uma desigualdade social. Em suas palavras:

O transe místico, identificando empregadinhas de restaurante, cozinheiras ou pedreiros com os reis do céu, da tempestade ou do mar, faz desaparecer os sentimentos de inferioridade, os ressentimentos contra as humilhações diárias, em resumo, tudo o que pode originar ou alimentar o protesto racial (Bastide, 1989).

Augras, comentando a posição de Verger no particular da mediunidade, narra uma situação em que o antropólogo discutia com um interlocutor que insistia em relacionar a histeria com a possessão. Verger terminaria o diálogo com as seguintes palavras:

No terreno da histeria, não o posso acompanhar, eu não sou médico, sou fetichista! (citado em Augras, 1983, p. 51).

Como se pode notar, as análises feitas da mediunidade apenas raramente foram realizadas por pesquisadores com formação psicológica. Parece terem sido sobretudo os antropólogos e sociólogos a oferecerem interpretações psicológicas ou psicossociais para o fenômeno.

Mas outra classe, a médica, também se propôs a investigar os fenômenos mediúnicos no Brasil. A posição da comunidade médica brasileira sobre o Espiritismo parece acompanhar os acontecimentos históricos relacionados a essa religião no Brasil. A perseguição feita aos espíritas durante governo do Presidente Getúlio Vargas parece ter legitimado a posição da comunidade médica, francamente contrária ao Espiritismo. Por exemplo, durante as décadas de 1920 e 1930, a *Liga de Higiene Mental* considerava o Espiritismo como um problema de saúde mental (Costa, 1976). Murillo de Campos (1931) e Antônio Xavier de Oliveira (1931), médicos que integravam a liga, escreveram sobre o Espiritismo e outras religiões mediúnicas como um problema social.

Durante esse período, muitos centros espíritas foram fechados (Hess, 1991, p.157). A legitimação científica da repressão ao Espiritismo com o argumento de que a mediunidade era um sintoma psicopatológico parece ter sido mantida pela posição dos primeiros psicanalistas brasileiros a se interessarem por essa religião, como Artur Ramos, anteriormente mencionado (Machado, 1996).

Nas décadas de 1970, 1980 e 1990, coube, novamente, aos cientistas sociais as análises mais aprofundadas das religiões mediúnicas e da mediunidade. Os estudos dessa época procuraram dar nova direção às pesquisas realizadas até então. Em *Guerra de Orixá: Um Estudo de Ritual e Conflito*, de Yvonne Maggie, trabalho que marcou época e se constituiu uma espécie de divisor de águas quanto ao estudos das religiões afro-

descendentes, encontramos os seguintes comentários críticos aos estudos realizados no passado:

Quando iniciei minhas leituras sobre o que se convencionou chamar de religiões afro-brasileiras, fiquei impressionada com a continuidade e constância com que eram tratados certos temas. Estes quase não mudaram desde o início dos estudos sobre essas religiões. (...) Em primeiro lugar, as religiões afro-brasileiras foram sempre vistas como um fenômeno de sincretismo religioso no qual se encontravam traços africanos associados a católicos. (...) Em segundo lugar, esses traços foram associados a um maior ou menor grau de desenvolvimento ou evolução cultural. Assim, os traços de origem africana foram colocados no vértice mais baixo da evolução cultural, seguidos dos traços indígenas e dos traços católicos assimilados de forma primitiva. No vértice mais elevado dessa evolução cultural colocavam-se os traços espíritas. (...) Dentro dessa linha foi desenvolvida uma classificação desses cultos, a qual seguia o mesmo raciocínio evolucionista. (...) Na medida em que esses autores buscavam a explicação dos traços na sua origem, não conseguiram dar conta do próprio objeto que se propunham a analisar, ou seja, o fenômeno do sincretismo (Maggie, 2001, pp. 13 e 14).

Maggie apresenta, então, sua perspectiva:

Diante do que foi exposto quero dizer que não estou interessada no sincretismo, nem na origem dos traços, nem tampouco no primitivismo ou fetichismo dessas religiões. (...) Meu objetivo nesse trabalho é muito restrito. Fiz um estudo de caso de um terreiro, ou seja, um local de culto. Neste estudo de caso, minha preocupação básica foi partir das informações do universo pesquisado e tentar verificar como um grupo de pessoas vivia, numa época determinada, usando determinados rituais, símbolos e costumes. Num segundo momento, procurei interpretar o que estava sendo expresso através da história desses terreiros, de seus rituais e da

exegese dos membros do grupo. Ou seja, pretendia perceber a lógica que estava por trás desses rituais, dos símbolos e do discurso daqueles que os praticavam (Maggie, 2001, pp. 16 e 17).

“Por trás” da trama descrita, Maggie encontrou uma lógica baseada em duas estruturas da realidade. Uma baseada no que denominou de *código do santo* e outra baseada no que chamou de *código burocrático*.

A primeira supunha uma ruptura entre a vida de fora e a vida no terreiro (não-aceitação dos critérios de prestígio social para a organização do poder no terreiro; o controle mágico; a visão de mundo mais intuitiva, tendo por base a possessão; a visão da sociedade mais ampla como sociedade estratificada, sendo a hierarquia do terreiro a inversão dessa hierarquia social; e a aceitação do conflito entre as distintas posições hierárquicas: demanda⁵ (Maggie, 2001, p. 131). A segunda estaria baseada no prolongamento da vida de fora para a vida no terreiro (aceitação dos critérios de prestígio social para a organização do poder no terreiro); controle racional através de um estatuto; visão de mundo mais racional e menos intuitiva; visão estratificada da sociedade mais ampla, estabelecendo a hierarquia do terreiro como prolongamento da hierarquia social; e não-aceitação do conflito entre as distintas posições hierárquicas – não-aceitação da demanda (Maggie, 2001, p. 131). Maggie descobre a lógica do conflito entre tais códigos, não se prendendo à análise da abordagem tradicional em Antropologia que se preocupava quase que exclusivamente em encontrar as relações justapostas das possíveis origens das religiões afro-brasileiras. Preocupada mais com as inter-relações entre as distintas lógicas que operavam no terreiro estudado, pôde encontrar com maior nitidez suas contradições internas, o conflito operante no grupo.

Apresentei o trabalho de Maggie como um exemplo de como as religiões afro-descendentes têm sido abordadas pela Antropologia atualmente, procurando absorver o que se manifesta na interação dos membros de um grupo (do qual, de certa forma também o pesquisador faz parte), seus símbolos, rituais e costumes, e menos na busca de funções ou de sinais de uma origem supostos, preconcebidos.

Outro exemplo, ainda mais recente e de perspectiva eminentemente sociológica, é o trabalho de Lísias Nogueira Negrão, *Entre a Cruz e a Encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*, no qual encontramos inigualável descrição da Umbanda, em toda sua complexidade cultural e relacional (Negrão, 1996). Negrão analisa o movimento da Umbanda em São Paulo desde a noção de *campo*, que lhe permite avaliar as dinâmicas interna e externa dessa religião. A dimensão interna, ou *endógena*, resulta no reconhecimento da complexa diversidade que a Umbanda apresenta em suas produções e manifestações culturais. Na trama que se estabelece entre a Umbanda e as demais religiões, sobretudo aquelas que lhe são mais importantes quanto ao fornecimento de produtos simbólicos – como o são o Kardecismo e o Candomblé – encontra a dimensão externa, ou *exógena*, fundamental para a compreensão desta religião em disputa, no campo, por espaço, legitimidade, institucionalização e identidade. No resultado dessas dinâmicas, Negrão encontra dados que parecem não sustentar a clássica concepção de que a Umbanda tenderia para o *branqueamento racionalizador e moralizador sempre crescente*. Conclui que, ao contrário dessa expectativa, a Umbanda estaria entre as solicitações da legitimação encontrada nas religiões cristãs (daí a imagem que o autor faz da cruz) e os interesses das origens negras e populares (a encruzilhada).

⁵ Guerra de Orixá, batalha ou briga de santo (Maggie, 2001, p. 143).

As abordagens que priorizam as relações, as tramas, ou o campo, animam meu trabalho, embora minha perspectiva, que é psicossocial, seja claramente distinta da antropológica e da sociológica. A partir de um referencial clássico dentro da Psicologia Social, a teoria de papéis, pretendo oferecer uma contribuição psicológica para a compreensão do fenômeno da incorporação de médiuns de Umbanda. Tal referencial teórico, a ser apresentado no capítulo 4, guarda, creio, profunda empatia com os métodos empregados pela Antropologia e pela Sociologia atualmente na busca de compreensão do fenômeno religioso, notadamente do campo afro-descendente. Ao considerar que os papéis se estabelecem na trama de relações estabelecidas por meio da linguagem, a teoria de papéis prioriza a análise do comportamento enquanto submetido ao campo das interações sociais. Alinho-me a essa perspectiva, que será um importante mote deste trabalho.



Parte II

Do Fenômeno

Capítulo 3

*O Templo Espírita de
Umbanda Xangô Agodô:
ambiente, ritual e
mediunidade*

3.1 Meu Primeiro Encontro com a Mediunidade Revisitado

A mediunidade talvez seja resultado ou manifestação de múltiplas dimensões humanas. Talvez tenha, por um lado, um substrato neurofisiológico, por outro, características propriamente culturais, que oferecem as formas pelas quais o fenômeno se torna exterior, observável e compartilhado pelo grupo. Entre ambos existe um sujeito psicológico, uma subjetividade que deve ser ouvida, compreendida. Estas são as conjecturas que permeiam este trabalho. Antes, porém, de procurar lançar mão da análise propriamente teórica - digamos, científica - para compreender nosso objeto de estudo, procuremos nos defrontar com o fenômeno, em sua forma o mais pura possível, por meio de sua descrição crua, tal qual este aparece ao pesquisador.

Mas este pesquisador não está isolado da realidade que percebe. Antes, é partícipe dela e, ao percebê-la, sente, pensa, rememora e se posiciona. É também percebido, avaliado, sentido e também a ele é atribuído um lugar. Foi neste jogo psicológico, social, e porque não dizer, semiótico, que me defrontei com a mediunidade e com os médiuns, duas realidades a se encontrar frente a frente: pesquisador e fenômeno.

Nesta parte da tese, interessa-me apresentar o fenômeno tal como ele me foi dado a conhecer: pelo assombro, pela interrogação, pelo medo, pela curiosidade e pela vontade de entender. Meu objetivo é o de, inicialmente, descrevê-lo da maneira mais ingênua possível, a princípio, apenas pelo que observei e, posteriormente, pelos testemunhos que colhi.

Na Introdução, referi-me aos primeiros contatos que tive com médiuns e com a mediunidade. Parentes freqüentadores da Umbanda levaram-me, ocasionalmente, às giras.

Apesar de ser criança, o fato de não me ser permitido cruzar as pernas e os braços, fazia-me reconhecer que o local exigia uma atitude respeitosa. Imperava uma atmosfera do sagrado, de mistério. Imagens sensuais, decoração africana, odores fortes, poucas eram as referências de meu catolicismo herdado. Uma escultura de Jesus Cristo ofereceu o conforto necessário para que eu não me sentisse absolutamente “de fora” daquela realidade. O ambiente não era de todo adverso. As pessoas eram amistosas e se interessavam pelo pequeno acompanhante de meus parentes. Com a segurança transmitida pude aguardar o início dos trabalhos sem qualquer apreensão. Naquela altura, não tinha a menor idéia do que fosse uma gira, não tinha qualquer informação a respeito dos ritos, das músicas e, menos ainda, dos médiuns e de seus comportamentos, digamos, “diferentes”.

Vi pessoas de branco se acomodarem em um local ao qual não tínhamos acesso. Assim, distinguiram-se o espaço dos assistentes e o dos médiuns e da realização dos trabalhos. Eu conhecia o teatro, conhecia a missa. Aquela disposição não me era desconhecida. Então, três homens começaram a tocar o atabaque. O som era-me demasiadamente alto. Sentia-o no peito e na garganta, na cadência das ágeis e ritmadas mãos. As pessoas vestidas de branco iniciaram um balé desconhecido. Lembro-me de palmas, de fumaça, do início das músicas ou pontos, que se sucediam ao som dos atabaques. Nada me é mais presente, no entanto, que o exato momento de transfiguração de uma daquelas pessoas de branco. Um salto é visto. O corpo se chacoalha de maneira intermitente, amparado por duas ou três outras pessoas próximas. Um último solavanco descontrolado dá início a um período de aparente controle motor. A metamorfose tornou o homem forte, alto e ereto num velhinho acorçado. Sua expressão era de absoluta paz e tranqüilidade, seus gestos eram lentos e suas palavras incompreensíveis. “É o Preto-

Velho!”, respondeu minha madrinha ao dar-se conta de minha inquirição. Cenas semelhantes foram se sucedendo a partir de então. Pretos e Pretas Velhas podiam ser vistos por todo o terreiro, sentados em seus tocos ou acorados, pitando seus cigarros de palha previamente confeccionados. O medo despertado pela surpresa foi, paulatinamente, dando lugar à tranqüilidade e à curiosidade que o novo também pode despertar. Vi-me, então, sendo levado ao primeiro passe. Minha madrinha levou-me para perto da entrada do local em que atuavam os médiuns, onde tive que tirar meu calçado. O som dos atabaques se misturou com o frio nos pés e uma leve sensação de torpor invadiu-me, provavelmente causada pela fumaça emanada dos cachimbos. Alguém lá de dentro fez um gesto para que entrássemos. Apertei a mão de minha madrinha ainda com mais força. Paramos à frente de um dos Pretos Velhos, cujo nome não consigo lembrar. Ele me olhou bem nos olhos, mas permaneceu em silêncio. O mistério aumentou. Então, recebi, sem qualquer aviso, uma baforada de fumaça em minha cabeça. Meus olhos e garganta arderam por um instante. A situação estava se tornando aversiva para uma criança não preparada para ela. Mas, felizmente, o Preto Velho abriu um enorme sorriso e disse, apertando uma de minhas bochechas: “Não fique com medo, filho. Eu vou te contar uma história”. Eu gostei do sorriso e da forma carinhosa com que me acariciava. Mas, curioso, interessei-me mesmo por ouvir a história. “No lugar de onde eu vim tem muitos rios e cachoeiras. Um dia, quando eu era ainda pequenininho como você, eu e meus amigos fomos ao alto de uma cachoeira de onde os adultos pulavam para nadar lá embaixo. Mas nem eu nem meus amiguinhos jamais tínhamos pulado ali. Um dos meninos do grupo, o que era maior, olhou para nós e pulou. Então, todos os outros meninos pularam também, menos eu. Eu fiquei com muito medo e não consegui pular. Eu via meus amigos lá embaixo, nadando e gritando para que eu pulasse também. Mas eu tentei, tentei... mas não pulei. Fiquei com

muita vergonha de todos. Então, quando eu cheguei em casa, contei para o meu pai o que tinha acontecido. Ele sorriu e me disse que tinha orgulho de mim. Eu perguntei por que ele tinha orgulho de um medroso. E ele me disse que ele tinha orgulho de mim porque eu respeitei o que eu sentia e que o medo não era uma coisa ruim. Então, ele me contou que quando ele era bem pequeno, como eu era, e como você é hoje, ele tinha ido lá naquela cachoeira com os amigos dele. Todos pularam menos ele. Então, de vergonha, ele resolveu pular. Pulou, mas bateu com o braço em uma pedra e se machucou muito. Então meu pai me disse que se ele tivesse respeitado os seus sentimentos, então ele não teria se machucado.” Eu gostei da história e, alguma coisa que me foi incompreensível naquele momento, me deixou mais tranquilo. Voltamos para o lugar reservado à assistência e sentamo-nos novamente.

Descrevi meu primeiro encontro com as entidades de Umbanda com a finalidade de apresentar o que considero ter sido o início de meu interesse pelo tema “religião”, mas também o início do de meu dilema pessoal, do incômodo intelectual frente a tal temática. Sofridas reflexões tornaram-me um não-teísta, após décadas de dedicação intensa em uma comunidade católica jovens. Penso ter resolvido minha religiosidade, ou melhor dizendo, minha não-religiosidade. No entanto, sempre me foi difícil compreender a religiosidade dos outros, sobretudo as práticas e crenças que sempre me soavam tão estranhas na infância, como as da Umbanda. Assim, minha opção de estudo pelo comportamento religioso encontra-se fincado na estranheza que senti e sinto, não apenas pela religiosidade dos outros, mas da distância que esta tem da minha não-religiosidade, de meu não-teísmo. Em muitos momentos acho mesmo que busco no comportamento religioso dos outros compreender meu próprio comportamento não-religioso. É nesse jogo de atração e rejeição

do campo religioso que me situo. É a partir, portanto, do emblema da contradição que pesquiso o comportamento religioso. Penso que estou parado em cima do penhasco, admirado, a observar os outros a se deleitar nas águas a que se atiraram com convicção.

Assim, poucas outras formas de comportamento religioso me parecem tão instigantes quanto aquelas em que o próprio sujeito “desaparece” para dar lugar a um outro. A mediunidade parece-me um protótipo extremo dessa circunstância, talvez presente de modo mais sutil em toda forma religiosa.

Após apresentar minhas primeiras impressões e experiências frente ao fenômeno que pretendo estudar e de situar-me diante dele, pretendo, a seguir, expor minhas observações do Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô, o *locus* principal das atividades religiosas dos médiuns entrevistados. Descrevendo sua história, suas dimensões física e social, espero transmitir a atmosfera na qual vivem os protagonistas desse trabalho. Se é correto afirmar que a mediunidade tem uma faceta grupal, nada melhor que iniciar pela descrição dessa dimensão vivida em um lugar determinado.

No entanto, devo fazer uma importante declaração de ignorância pessoal. Finda a pesquisa, que tomou vários anos de minha vida, sou forçado a admitir que apenas agora sinto-me na condição de começar a compreender o que significa a Umbanda para o grupo estudado. A cosmovisão, a simbologia, os rituais, os procedimentos, o panteão, enfim, tudo quanto compõe a semântica da vida desse grupo me é absolutamente ainda pouco conhecido. Não se trata aqui de fazer um discurso de falsa humildade. Trata-se de afirmar minha posição de aprendiz frente a uma realidade cultural que não pude penetrar completamente. Tudo quanto descreverei abaixo me foi dado a conhecer pelas entrevistas com os dirigentes, com os médiuns de diversas categorias e pela observação, não pela leitura

de estudos científicos da Umbanda. Não foi minha intenção a comparação dos cultos, das manifestações das entidades, das diferenças ou semelhanças de quaisquer aspectos desta religião entre distintos terreiros, entre os vários agregados simbólicos que cada grupo representa. Meu objetivo foi o de mostrar o que ouvi, vi e compreendi, ainda que com a deficiência da escuta de quem não é e nem pode ser considerado “de dentro”. Assim, a descrição abaixo poderia ser enquadrada muito mais como uma apresentação etnográfica do grupo em questão do que como uma reflexão sociológica ou antropológica a respeito dos caminhos pelos quais a Umbanda passou e passa. Esse seria outro trabalho. No entanto, espero que o material abaixo apresentado possa ser de alguma utilidade para os estudiosos dessa área, que terão a possibilidade de ter mais um estudo de caso registrado que poderá servir para novas análises desse campo.

Se por um lado apresento-me como um novato nessa área de estudo, reconhecendo o quanto ainda há para dela se conhecer, por outro, tenho a clara convicção de que o conhecimento é um processo contínuo. Deste processo participo com total empenho, estando certo de que, ao continuar nessa área de pesquisa, como pretendo, terei oportunidade de fazer com que menos lacunas existam em minhas exposições futuras, ainda que reconheça que uma semântica nunca encontre seu fim dada suas características intrínsecas de complexidade e constante mutabilidade.

3.2. O Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô: A escolha

O Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô está localizado a cerca de cinco quadras de minha residência. Essa foi a razão da escolha, pura conveniência espacial o que, sobretudo em uma cidade das proporções de São Paulo, creio ser plenamente justificável.

Isto me permitiu maior proximidade com a realidade urbana vivida pelos participantes da casa, com o entorno sócio-cultural de seus afiliados.

Meu primeiro contato com o terreiro se deu em abril de 2001. Naquele momento, estava a fazer minha pesquisa em um outro centro, distante cerca de um quilômetro deste. Interessei-me em me aproximar a vários centros da região para reconhecer semelhanças e diferenças de doutrina, cultos e manifestações da mediunidade de incorporação. No entanto, um inesperado revés de percurso me obrigou a eleger outro centro para a realização da pesquisa. Naquela altura, fui entrevistado pelo programa Fantástico, para oferecer minha opinião acerca do auto-intitulado paranormal Thomaz Green Morton. Minhas observações *in loco* de sua atuação ofereceram indícios claros de que o que vi era fruto de fraude deliberada. Como tenho formação em ilusionismo e prestidigitação, pude verificar as técnicas empregadas por Morton durante vários dias de manifestação de sua “paranormalidade” em seu sítio. Meu depoimento, junto a outros colegas que também estiveram com Morton, não foi bem recebido alguns dos que aceitavam sua paranormalidade ou sua mediunidade. Um dos médiuns terreiro que assistiram à exibição do programa interpretou minhas palavras como uma ofensa a todos os que alegariam certa paranormalidade, como se eu considerasse todos como charlatães. Esse médium, de fato, era o único com formação universitária no grupo e era respeitado como aquele que domina o conhecimento formal. Desde o início de minha pesquisa, ele resistiu a ser entrevistado e buscou, de todas as formas, convencer a Mãe-de-Santo a não permitir que a pesquisa fosse levada adiante. Tenho indícios suficientes que minha presença ali representou ameaça de seu lugar de destaque no grupo como o único com formação superior. Após minha aparição no Fantástico, encontrou mais argumentos para defender sua posição, mesmo que estes não

fossem vistos pelo grupo de médiuns como bem embasados. Ao ameaçar sair do terreiro caso a pesquisa fosse mantida, uma espécie de “ou ele ou eu”, decidi não continuá-la naquele terreiro, dando minha palavra de que não usaria o material ali registrado, apesar de três anos de observações e de 28 entrevistas realizadas. Tenho consciência de que o pesquisador sempre é participante da situação pesquisada. No entanto, há certos limites a serem respeitados, de forma a não transformar a situação de pesquisa em um problema para o grupo investigado.

Como meu relacionamento com a Mãe-de-Santo, R.L.M. (ver R.L.M. na transcrição das entrevistas em Anexo), e com os demais médiuns do Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô sempre foi muito bom, resolvi recomeçar a pesquisa ali. O primeiro contato que tive com R.L.M. foi realmente informal, uma vez que fui ao terreiro em um dia e horário em que não havia qualquer atividade religiosa. Toquei a campainha e ela saiu de sua casa, sobre a qual fica o terreiro. Ainda no portão, expliquei-lhe meu interesse em conhecer o terreiro e as razões de meu interesse. Apresentei-me como pesquisador da área da religião. Fui bem recebido e convidado a participar da próxima gira. A partir de então, tenho participado de giras e entrevistado médiuns e assistentes.

3.2.1 O Entorno

O bairro, Jardim Cidália, teve desenvolvimento a partir da década de 1950, podendo, assim, ser considerado como recente. Antes formado por olarias e chácaras, o bairro tornou-se basicamente residencial com comércio localizado e em rápida expansão. A população residente é formada predominantemente por jovens adultos e crianças, uma vez que os adultos que formaram o bairro já, em sua maioria, são falecidos, sendo seus filhos e

netos os principais moradores na atualidade. O predomínio é de descendentes de italianos e portugueses, podendo ser encontrados, ainda que em número menor, descendentes de japoneses e espanhóis.

Por mais de duas décadas, o bairro serviu basicamente como dormitório para aqueles que trabalhavam no centro da cidade. A infra-estrutura de transporte, que era a princípio bastante rudimentar, formada por poucas linhas de ônibus que conduziam apenas à região central da cidade, deu espaço a uma bem servida estrutura de ligação de transporte que permite aos moradores trânsito para quase todas as regiões da cidade. O comércio local emprega, em especial, moradores da região, não sendo suficientemente grande para oferecer trabalho à maioria da população local. Assim, o bairro continua a servir como moradia aos que trabalham tanto no centro, como em regiões em que o comércio e os serviços necessitam de maior número de funcionários, como é o caso de outros bairros próximos, também da Zona Sul de São Paulo, como Santo Amaro e Moema.

O bairro é formado por famílias de renda média, podendo-se dizer que se tratam de famílias de classe social média-baixa, com salários entre R\$ 600,00 e R\$ 1.000,00. O nível educacional está em rápido crescimento, uma vez que a terceira geração, os netos dos primeiros moradores do bairro, não apenas tiveram acesso à educação superior média como almejam para seus filhos educação de qualidade. Isto faz a educação ser um negócio em franca expansão no bairro.

3.2.2 Breve Histórico do Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô

As características dos precursores do Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô não são diferentes das da população geral do bairro. A atual Mãe-de-Santo, R.L.M.,

atualmente com 41 anos, é a terceira pessoa a tomar conta do terreiro, após seu pai, que chamarei de Pai D. e seu irmão, 5 anos mais novo que ela, R.C.L.M. (ou Pai R.; ver R.C.L.M. na transcrição das entrevistas em Anexo). O Pai D. foi o fundador do centro, há 20 anos. Mas foi a avó paterna do Pai D., chamada aqui de Madalena, que iniciou a família nesta modalidade de vida religiosa.

Madalena, falecida em 1987, era mãe de mãe do Pai D., seu único filho. A história que chegou aos netos e à nora, por mim entrevistados, é de que Madalena desenvolveu sua mediunidade sem nunca ter tido contato com pais ou mães-de-santo. Teria sido orientada diretamente pela sua entidade sem nunca ter tido qualquer contato com a Umbanda. Iniciou os trabalhos religiosos em sua própria casa, onde atendia os consulentes. O Pai D. foi iniciado na prática da mediunidade ainda na infância pela mãe. Ambos continuaram a exercer juntos suas funções religiosas em casa.

Pai D. conheceu M.N.M. (a partir de agora, Mãe N.; ver M.N.M. na transcrição das entrevistas em Anexo), com quem se casou. Mãe N. foi iniciada pelo marido por sua Madalena na vida espiritual. Alguns dos quatorze irmãos de Mãe N. juntaram-se a ela para desenvolver suas mediunidades. Um dos irmãos de Mãe N., Inácio, o que mais se destacara nas atividades religiosas da família, por volta de 1978 começou a participar de giras em um centro de Umbanda também da Zona Sul, onde todos residiam. Pai D., Mãe N. e Madalena seguiram Inácio. Posteriormente, R.L.M. e R.C.L.M. também acabaram por ser levados ao mesmo centro, onde receberam suas iniciações.

Cerca de três anos mais tarde, a entidade de Pai D. solicitou-lhe que empreendesse esforços para ter seu próprio terreiro. Inicialmente as giras eram feitas no quarto de R.L.M. e de R.C.L.M. aos sábados, quando suas mobílias eram colocadas para fora do cômodo

para acomodar tanto os médiuns quanto a pequena assistência que comparecia às reuniões. Logo, o quarto se tornou pequeno e o grupo passou a se reunir no quintal dos fundos da casa. Pai D. tornava-se cada vez mais famoso por incorporar o espírito de um médico. Pouco a pouco a assistência aumentou e viu-se a possibilidade de construir, por sobre a casa em que residiam, o salão planejado para servir como terreiro. Esse é salão utilizado para esta finalidade até hoje, com poucas modificações desde sua fundação, em 1983.

Pai D. dirigiu o terreiro por quinze anos. As vicissitudes da vida o fizeram se envolver com outra mulher, com quem acabou por ter um filho. A família o rejeitou fortemente e ele acabou por se mudar de cidade, indo morar no litoral paulista. Tal fato deixou seqüelas profundas na esposa e nos dois filhos e desestruturou, por certo tempo, os rumos do terreiro. R.C.L.M., que até então era *ogã*⁶, talvez fosse o mais preparado para seguir os passos do pai. Sempre muito dedicado, interessado, estudioso e crítico, realmente assumiu o cargo de direção da casa e tornou-se Pai-de-Santo. Antes, porém, logo ao saber da vida dupla do seu pai, afastou-se dele e do terreiro, depois de muitos desentendimentos entre os dois. Durante o período em que permaneceu fora do terreiro, R.C.L.M. continuou a estudar a doutrina e fez *obrigações*⁷ também no Candomblé. Ao saber da saída de seu pai da casa, voltou e tornou-se seu dirigente por dois anos, afastando-se dessa posição por ter sido transferido para Recife pela empresa onde trabalha.

Apesar de iniciado também no Candomblé, R.C.L.M. sempre orientou-se pelos ensinamentos do pai, seguindo à risca os preceitos que lhe foram transmitidos por este na tradição de Umbanda. Apesar de se mostrar sempre amigavelmente disponível a ensinar a quem quer que possa todos os meandros dessa cultura, sempre foi temido por ser exigente e

⁶ Pessoa que toca atabaque durante as giras.

intolerante com os erros dos médiuns, o que fez com que vários deles deixassem o terreiro. Sob sua tutela, o terreiro permaneceu forte, apesar da ausência da figura carismática do pai e da entidade mais procurada pelo terreiro, o Pai Griff, médico alemão que trabalhava por meio do Pai D..

Uma nova situação de insegurança foi vivida pelo terreiro quando do afastamento de R.C.L.M., R.L.M. viu-se obrigada a dirigir a casa. Mas a experiência acumulada junto ao pai e irmão como *Doné da Casa*⁷ e como responsável pelas *giras de desenvolvimento*⁸, deram-lhe suficiente condição para enfrentar as médiuns que mantinham certa dúvida acerca de suas qualidades. Dessa vez não houve afastamentos de membros motivados pela troca de “comandante”¹⁰. R.L.M. segue até o presente como Mãe-de-Santo, tendo conquistado a confiança das médiuns e da atenta assistência.

Após um ano de afastamento, R.C.L.M. voltou a São Paulo, para conseguir “organizar algumas coisas”. Desde então, apesar de não voltar a atuar como Pai-de-Santo, respeitando a hierarquia tal qual estava quando de seu retorno, freqüentou as giras, quer como ogã, ao lado de outro rapaz que ocupa tal função desde que ele se afastara, quer como médium, sobretudo nas Festas de Cigano. Seu cigano é uma espécie de chefe da aldeia de ciganos que trabalha no terreiro.

Como pode ter sido apreendido pelo uso do gênero feminino para se referir às médiuns, o terreiro é composto, atualmente, apenas por médiuns de sexo feminino, exceção

⁷ Oferendas às divindades.

⁸ Pessoa responsável pela preparação das festas e, sobretudo, das comidas das entidades.

⁹ Sessões voltadas ao aprendizado da mediunidade, dos ritos, dos cultos e da Doutrina por parte dos que estão se iniciando na religião como médiuns.

¹⁰ As palavras colocadas entre aspas são as palavras usadas pelos membros do grupo. Sempre que considerar apropriado para a compreensão do leitor, uma nota explicativa se seguirá com a finalidade de contextualizá-la no universo cultural do grupo.

feita à R.C.L.M. e ao atual ogã. São cerca de vinte pessoas a trabalhar, entre *cambonas*¹¹, ogã, Mãe-de-Santo, Mãe Pequena e médiuns.

3.2.3 Estrutura Física

Trata-se de um salão de cerca de 6m de largura, por 8m de comprimento, com pé direito de 4m. Uma área ao fundo acomoda a assistência, com espaço para cerca de trinta pessoas sentadas em bancos de madeira rústicos. O *peji*¹² encontra-se à frente, no *congá*¹³. Há uma separação física entre tais espaços, demarcada por uma espécie de cerca baixa de tecido colorido retorcido e colunas de ferro. Esses espaços guardam diferentes significados simbólicos representando, respectivamente, um local profano e um local sagrado.

A ornamentação espalha-se por todo o terreiro. Imagens de entidades podem ser vistas em posterões de cerca de 50 x 40 cm fixados nas paredes. Muitas velas brancas e vermelhas no *peji*, ao lado de figuras de Caboclos, Pretos Velhos, e de Jesus Cristo, representando Oxalá, situado ao centro e acima de todas as outras imagens.

Dependendo do tipo de gira o local recebe uma ornamentação especial. A preparação, sobretudo para as festas, é cuidadosa. Por exemplo, para a Festa de Ciganos, a decoração é a característica de uma grande tenda de ciganos. Tiras de finos tecidos multicoloridos atravessam todo o terreiro, desde baixo até o teto, saindo de diferentes pontos da linha divisória entre o *congá* e o local destinado à assistência, na altura de cerca de 1m, encontrando-se em um mesmo ponto do teto, no centro do *congá*. Luzes coloridas podem ser acendidas no terreiro, oferecendo ambiente necessário para a ambientação das

¹¹ Nome dado aos ajudantes dos médiuns, responsáveis por anotar receitas ditadas pelas entidades e por auxiliar os assistentes a compreenderem o que elas lhes dizem.

festas e giras, preparando os presentes para o que há por vir. A entrada dos médiuns vestidos a caráter é precedida de músicas ciganas. A mistura de formas e cores, as músicas vibrantes e a presença dos médiuns já incorporados a dançar com coreografia própria, oferecem um rico estímulo a ser, antes de mais nada, apreciado por todos os presentes.

Anexas ao salão do terreiro, duas pequenas saletas são usadas como auxiliares aos trabalhos. Em uma delas, com cerca de 6m², as médiuns se trocam para as giras. Na outra, uma cozinha de cerca de 8m², são preparados alguns dos pratos a serem servidos durante as festas, bem como são armazenados alimentos, como por exemplo, os doces a serem distribuídos nas giras de crianças. Em um pequeno *hall* de entrada, há ainda um banheiro que serve tanto médiuns quanto assistentes.

Mas, antes de entrarmos no terreiro, que encontra-se acima da casa dos seus dirigentes, encontramos duas importantes edificações. A primeira delas é a *trunqueira*. Trata-se de uma pequena casa, de cerca de um 1m², com 1m de altura, cuja frente é fechada com um pequeno portão de barras de ferro. É pintada de vermelho e preto e está localizada nas costas do muro em que se encontra o portão de acesso ao prédio, de maneira que para chegar ao terreiro, todos são obrigados a primeiro passar por ela. Abriga imagens de Exus, velas, cachaça para os Exus e champanha para as Pombas Giras, entre outras oferendas, como a farofa. A função da trunqueira é a de hospedar os Exus e por isso é também conhecida como a “Casinha dos Exus”. Ali acorrem os membros da casa para fazerem pedidos a esta entidade. A segunda edificação é a *casa das almas*. Medindo também algo como 1m² e 1m de altura, adornada de azulejos, fica à direita da entrada que dá acesso à escada que leva ao terreiro. Nela se encontram, geralmente, um vela de cor branca e uma

¹² Altar.

“quartinha”, pequeno vaso de louça com tampa dentro do qual há um preparado só conhecido pelos iniciados. Abriga as “almas santas” e as “almas aflitas”. Tem a função de realizar uma espécie de “triagem espiritual”, verificando se as entidades que por ali passam podem ou não subir para o terreiro, retendo espíritos que poderiam perturbar a gira. Tais entidades seriam almas sofredoras, ainda não evoluídas, muitas vezes parentes de pessoas que freqüentam o terreiro. Caso passem pelos Exus, terão a possibilidade de encontrar luz na “casa das almas”. O que se espera é que, a partir desse encontro, tais “espíritos sem luz” sigam um caminho na direção de seu desenvolvimento espiritual. O risco é de que, ao terem acesso ao congá, tais espíritos venham a inviabilizar os trabalhos de entidades mais evoluídas, que têm a missão de auxiliar na evolução espiritual de todos aqueles que buscam por ajuda durante os trabalhos. Estas entidades são conhecidas como Eguns ou “Espíritos zombeteiros”. Os Pretos Velhos seriam as entidades responsáveis por lidar com as almas sofredoras.

No peji, na trunqueira e na casa das almas encontram-se os principais assentamentos da casa, ou seja, as oferendas ou “agrados” que visam atingir um objetivo: conseguir das entidades o que se pretende. O peji, como já foi dito, é o altar. Nele são depositadas imagens de Orixás e outras entidades, sobretudo aquelas que serão chamadas ao trabalho naquele dia, o “santo do dia”. Atualmente, podemos ver as imagens representativas do sincretismo da Umbanda, como a de Jesus Cristo, representando Oxalá e de São João Batista, representando Xangô Agodô, e a imagem de Santa Bárbara, representando Iansã, entidades da casa, Orixás do fundador, Pai D.. Com as imagens,

¹³ Área reservada às médiuns e seus auxiliares. Local em que o culto se realiza.

encontram-se algumas oferendas, como velas, bebidas e alimentos, bem como os instrumentos musicais utilizados durante as giras, como os atabaques e os *adjas*¹⁴.

3.2.4 A Hierarquia

Os membros do terreiro se organizam obedecendo a uma hierarquia que é conhecida e respeitada por todos. No alto da pirâmide está a figura da Mãe-de-Santo, responsável pelo terreiro, pela transmissão da doutrina e dos rituais, cargo ocupado por R.L.M.. Abaixo encontramos o cargo de Mãe Pequena, cuja função é a de auxiliar os trabalhos da Mãe-de-Santo no terreiro ou, em sua ausência, fazer realizarem-se as atividades. Tal cargo hierárquico é ocupado por D., uma das mais antigas frequentadoras do terreiro. O ogã, responsável por tocar o atabaque e por entoar os cânticos das entidades, vem logo abaixo. F.A., esposo de I.M.F.L, uma das médiuns, ocupa tal cargo, juntamente com R.C.L.M., um “rodante”, ou seja, alguém que ocupa várias funções durante as giras. Temos, então, os médiuns “coroados”, médiuns já desenvolvidos, “firmes” na incorporação, cujas entidades dão consultas e passes. Abaixo, encontram-se os cambonos, com a tarefa de prestarem auxílio às entidades. Anotam as receitas ditadas, servem como intérpretes entre os guias e a assistência, além de serem testemunhas da ação das entidades, o que garante certa transparência às atividades do terreiro. Os cambonos também são médiuns de incorporação, mas, apesar de receberem entidades durante as giras, estas não trabalham com a assistência. Após os cambonos, temos os médiuns em desenvolvimento. Estes ainda não apresentam a “firmeza” necessária para manter uma entidade incorporada. Durante as giras, podem tomar parte das danças, ao lado dos demais médiuns mais graduados, no congá, área sagrada do terreiro, destinada aos trabalhos com as entidades. Por fim, temos a

¹⁴ Espécie de sineta.

assistência, que comparece às giras abertas geralmente para tomar passes e se consultar com as entidades. O número de pessoas a formar a assistência é difícil de precisar e, pode-se dizer, há inúmeras variáveis a se considerar para se estabelecer as razões de tal flutuação. Há um pequeno número de pessoas, cerca de dez, a compor um núcleo de assistentes sempre presentes às giras. Os frequentadores eventuais, cerca de vinte pessoas, retornam quando necessitam dos conselhos das entidades, quando estão aflitos com algum problema a resolver em uma das áreas que compõem o trinômio saúde/amor/dinheiro. O número de assistentes aumenta nas giras especiais, as festas, sempre mais interessantes pela ornamentação, pela fartura alimentar e mesmo pela contagiante alegria com que todos delas participam. As entidades homenageadas nas festas também se apresentam mais inspiradas para o trabalho com a assistência, tornando a situação também propícia para serem consultadas. A assistência é formada, basicamente, por pessoas de baixa escolaridade e por profissionais de baixa renda. Além de uma maioria formada por donas de casa e aposentados, encontramos serventes de pedreiro, pedreiros, pintores e encanadores. Dentre os assistentes eventuais, há alguns poucos profissionais liberais de formação superior, como advogados e médicos.

3.2.5 As Entidades: Classificação e Características

As figuras centrais na simbologia do terreiro analisado são chamados de entidades, guias, espíritos, santos e Orixás quando sua origem remete ao panteão africano. São pessoas falecidas, experientes na vida, espiritualmente desenvolvidas, com interesse em transmitir ensinamentos aos que a elas recorrem.

No Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô sustenta-se a existência de “sete linhas” de Umbanda, ou seja, sete falanges ou famílias de entidades espirituais, cinco das quais encabeçadas por Orixás do Candomblé, quais sejam, Ogun, Oxosse, Xangô, Iemanjá e Oxalá, e duas próprias da Umbanda, a linha de Pretos Velhos e de Crianças. Os Orixás foram pessoas especiais, que teriam vivido na África e adquirido grande conhecimento de como lidar com as “energias” da natureza, o que lhes conferiu grande sabedoria e técnica para lidar com a vida e seus dissabores. Ao morrerem, teriam se tornado “forças” inspiradoras, “vibrações emanadoras” que não se incorporam nos médiuns, mas estão atuantes em outras entidades de sua linhagem, que apresentam características similares às dos Orixás que as encabeçam.

Mas as sete linhas apresentadas acima não esgotam as linhas existentes na Umbanda, tal qual sustentada no terreiro. A estas sete linhas, consideradas as principais, se somam outras sete, chamadas de “linhas complementares”. São elas, a linha dos Baianos, dos Boiadeiros, dos Marinheiros, dos Pescadores, dos Ciganos, a linha ou corrente Médica e a linha dos Exus, que inclui as Pombas Giras.

Apresentarei algumas das principais características de cada uma das linhas e das entidades a elas ligadas. Os três primeiros Orixás, Ogun, Oxosse e Xangô, manifestam-se como Caboclos. Temos, então, Caboclos da linha de Ogun, Caboclos da linha de Oxosse e Caboclos da linha de Xangô. Ogun teria sido um soldado romano, um guerreiro, portanto. Dotado de vigor físico e de grande capacidade estratégica para a resolução de problemas é visto como aquele que poderá auxiliar no combate da vida. Mas, como já foi dito, o próprio Ogun não “desce” nas giras. Inspira com sua “vibração” os Caboclos que, efetivamente, incorporam-se nos médiuns e operam no terreiro. Os Caboclos de Ogun são caracterizados

como soldados dos tempos de Roma, empunhando espada e protegidos por um elmo. Movimentam-se com certa rigidez, como se estivessem portando uma armadura que lhes impedisse a agilidade. O gesto característico é o de desembainhar e manusear uma espada, ainda que esta não esteja, efetivamente, nas mãos dos médiuns. O colar de contas vermelhas ornamenta sua vestimenta.

A linha de Oxosse também é considerada como formada por bravos guerreiros, estes indígenas, com profundos conhecimento das matas, das cachoeiras, da terra, sendo-lhes possível extrair e manipular “energias” presentes na natureza em benefício dos consulentes. As entidades dessa linha são ágeis, movimentando-se com rapidez pelo terreiro enquanto soltam fortes brados de guerra, sobretudo na frente da entrada que dá para a assistência, local considerado como de entrada de “energias”. Seu gesto característico é o da mão como que apontando para cima, representando o movimento manual de preensão da flecha contra a corda do arco. Talvez sejam as entidade cuja fala seja de mais difícil compreensão, sendo-me necessário, constantemente, recorrer às cambonas para a respectiva “interpretação”. Seu adorno principal é o cocar. As cores das contas de seu colar são o verde e o branco.

Mais um bravo, Xangô é visto como dotado de grande poder. Os Caboclos da linha de Xangô, também indígenas, mostram-se rudes no trato e com ar de superioridade. Dançam pelo terreiro com grande desenvoltura e agilidade, geralmente com uma das mãos fechadas, que é levada contra o peito enquanto brada alto, saudando a assistência. Sua vestimenta inclui a o cocar e a machadinha feita de pedra. A cor das contas do colar é marrom, apesar de também serem utilizados o vermelho e o branco.

Os Pretos Velhos, considerados os heróis africanos, foram os que teriam trazido o culto aos Orixás para o Brasil. Dominariam as forças dos Orixás, o que lhes conferiria grande força espiritual e poder em seus trabalhos religiosos. Daí porque afirmar-se que a “mandinga” de Preto Velho é como a “praga” de Cigano. Seu conhecimento lhes permite fazer e desfazer qualquer tipo de “trabalho espiritual”, espécie de ação mágica a favor ou contra alguém. Apesar do nome, nem todos os Pretos Velhos são de idade avançada, o que significa que nem sempre se movimentarão com dificuldade ou encurvados. Gostam de pitar seu cigarro de palha e bebericar café, chá, vinho ou cerveja. Suas cores predominantes são o preto e o branco e, dada a proximidade dos Pretos Velhos com o Orixá Obaluaê, do Candomblé, muitas vezes também usam o vermelho. Usam, na maioria das vezes, o rosário de Nossa Senhora, mostrando a influência católica sobre as crenças nos Orixás. O chapeuzinho de palha completa sua ornamentação.

A linha das Águas, como é conhecida entre os adeptos da casa, tem como sua representante máxima Iemanjá, a rainha das águas. Apesar da importância dada a ela, é uma das linhas em que menos se trabalha no terreiro, a não ser que se trate de uma festa especificamente preparada para ela. As entidades dessa linha não dão consultas ou passes apesar de serem fortes por serem dotadas das forças das águas. Nas festas, as entidades vestem-se de tecidos leves em tom azul claro e branco. Dançam como que imitando o movimento das ondas. O colar de fio-de-conta é de cor azul e branca.

A linha de Criança também não tem origem no Candomblé, sendo, portanto, eminentemente, da Umbanda. As entidades dessa linha, espíritos de crianças, são respeitados e reverenciados pela força que trazem ao terreiro, sobretudo pela alegria, pela inocência e pela sinceridade que as caracterizam. A vestimenta talvez seja a mais variada

que encontrei, dependendo do gosto específico das entidades. Podem se vestir de calções e camisetas representativos de um determinado time de futebol ou vestir boné e camiseta branca. Seus colares levam contas de cor rosa e azul claro, mas podem ser multicoloridos. Brincam entre si e com as cambonas, de bola, de peteca, batendo palmas. Os gestos são infantis, não sendo raro lançarem-se contra o chão de maneira brusca. Gostam de comer doces e tomar refrigerantes, sobretudo guaraná e coca-cola. Nas festas dedicadas a essa linha, distribuem doces e refrigerantes aos assistentes.

Oxalá é o mais importante dos Orixás, sendo considerado o deus dos deuses. Não incorpora na Umbanda, mas pode se manifestar como Oxalá novo (Oxaguian) ou como Oxalá velho (Oxalufan), apesar de nunca trabalhar diretamente com a assistência. É descrito como a “vibração” mais forte dos Orixás, uma essência de verdade, paz e harmonia, como o princípio de tudo e como o destino de todos.

Na linha de Baiano, assim com nas que serão descritas a partir daqui, encontramos entidades que nasceram no Brasil e foram doutrinadas segundo a doutrina dos Orixás. São entidades respeitadíssimas no terreiro por sua sapiência e força espiritual. Geralmente são muito carinhosas com a assistência, mas firmes em suas posições. Movimentam-se com o característico gingado baiano, similar a alguns passos da capoeira. As Baianas são faceiras e graciosas nos gestos. Os baianos vestem-se de branco e levam chapéus de couro ou de palha sobre as cabeças, enquanto que as baianas usam turbantes. Seus colares são compostos por contas de “olho de boi”, semente característica da região Nordeste e Norte. Fumam charuto ou cigarro de palha e bebem batida de coco, cerveja ou vinho.

A linha de Boiadeiro é formada por entidades tidas como dotadas de grande força física e espiritual, apesar de rudes no comportamento. Geralmente são quietos, mas há os

que se expressam com veemência, podendo ser pouco gentis no que dizem, fazendo críticas aos médiuns e mesmo aos dirigentes da casa de maneira direta. Seu gestual inclui o característico movimento de controlar um laço sobre sua cabeça. Seu grito lembra o utilizado na condução da boiada. Sua fala se caracteriza pelo emprego errôneo do idioma. Podem usar lenço amarrado no pescoço, chapéu de couro, fumar cigarro de palha e beber cerveja, vinho ou chá. Suas cores são: marrom, azul, amarelo e branco.

A linha de Marinheiro é formada por entidades conhecidas pelo gosto pela bebida e pelas mulheres. Chegam ao terreiro já embriagados, apresentando o andar característico dos bêbados ou dos que transitam no navio em mar revolto. São brincalhões, alegres e não têm qualquer pudor com as mulheres, chegando a ser grosseiros no trato com elas. Galanteadores inveterados, manifestam grande interesse pela conquista, apesar de considerarem as mulheres como inferiores, sendo rotulados geralmente como machistas extremados. Usam roupa e colar de cor azul e branca. Adornam-se com bonés ou quepes que demonstram sua função ou cargo na embarcação em que trabalharam.

A linha dos Pescadores é composta por entidades que, ao se apresentarem, movimentam-se como se estivessem a jogar a tarrafa ou rede ao mar. Entidades dessa linha se apresentam com muito pouca frequência no terreiro. Dada a proximidade com a linha das águas (de Iemanjá), assim como os marinheiros, podem se “manifestar” nas Festas a Iemanjá. Seu colar é feito de contas translúcidas, azuis e brancas. Não são entidades de passe ou consultas, de modo que não há giras exclusivamente dedicadas a elas.

As entidades da linha de Cigano apreciam a boa vida, as festas, a fartura, a boa comida, principalmente as frutas e o vinho. Amantes da natureza, pregam em prol de sua preservação. São especialistas em temas do amor, do erotismo, do romantismo. São os mais

procurados no terreiro. R.C.L.M. incorpora o Rei Cigano, enquanto as demais médiuns incorporam outras entidades do mesmo grupo desta entidade. Apresentam-se geralmente quando das festas que os homenageiam e em circunstâncias especiais, como no aniversário de fundação do terreiro, quando são homenageados pela importância que representam em sua história. Conta-se que, juntamente com o principal mentor espiritual do templo, o Pai Griff, os Ciganos foram os mais importantes espíritos da casa, tornando-a conhecida e em expansão crescente, atingindo cerca de trezentos médiuns a trabalhar nas várias giras realizadas na casa durante a semana. Os ciganos vestem-se com suas já conhecidas indumentárias, as mulheres com vestidos multicoloridos e muitas pulseiras douradas. O Rei Cigano veste-se de preto e dourado ou totalmente de branco. Sempre de pés descalços os ciganos prescindem dos toques dos atabaques, geralmente dançando embalados por músicas de estilo árabe ou indiano tocadas em aparelhos de som instalados no congá para tal finalidade. Podem fazer uso do baralho cigano, da leitura das mãos e outras artes divinatórias durante as consultas. Distribuem frutas e oferecem vinho em suas taças de cristal.

A linha Médica, ou Corrente Médica como preferem chamá-la, está inativa no terreiro desde a saída do fundador do centro, Pai D., o único a incorporar uma entidade médica, o médico alemão, Dr. Adanamirovick Michael Griff, ou simplesmente, Pai Griff. Segundo os dirigentes da casa, há a possibilidade de que R.C.L.M. venha a incorporar o Dr. Griff no futuro, caso Pai D. não possa mais trabalhar por alguma razão. Mas advertem que tal escolha depende de um plano espiritual, não do desejo deles. Segundo as narrativas, o Dr. Griff é muito querido por todos e continua a operar espiritualmente os filhos da casa, realizando cirurgias espirituais. Vários dos membros do templo mencionaram já ter sentido

picadas de agulhas e a manipulação de mãos invisíveis do médico durante o momento pré-determinado para sua intervenção. Disseram, ainda, sentir as mesmas reações físicas de um pós-operatório tradicional após tais operações espirituais. Há uma cadeira reservada ao Pai Griff na frente do congá, onde acredita-se que ele permaneça durante os trabalhos do terreiro.

Tanto as linhas de Cigano quanto a Médica, são tidas como linhas do Oriente, ou seja, linhas ligadas mais à abordagem kardecista, do Espiritismo de “mesa branca”. Os kardecistas teriam se interessado primeiro pelas entidades de sabedoria, as entidades que conheceriam os segredos e mistérios do oriente. A relação entre Umbanda e Kardecismo é explicada historicamente. A Umbanda teria nascido em uma sessão de mesa branca, quando um Preto Velho teria se manifestado. Como não se deram ouvidos a tal entidade, ela teria dito que “desceria o morro” e levaria os conhecimentos dos Orixás e de todas as entidades a conhecimento do “povão”. Assim, entidades da própria família dos médiuns podem “baixar” em circunstâncias especiais, mostrando que a comunicação com os mortos na Umbanda abrangeria aquela encontrada no kardecismo, com o acréscimo obtido pelos conhecimentos adquiridos e transmitidos pelos Orixás e pelos negros africanos que chegaram ao Brasil no início de nossa colonização.

Falta ainda falar da importante linha de Exu, que inclui também as Pombas Giras. Os Exus são entidades fundamentais, apesar de aparentemente não estarem dentre as entidades das sete linhas principais da Umbanda. Apesar de serem conhecidos como os “escravos dos Orixás”, nada pode ser feito sem antes passar pelos Exus, nem as giras, nem as festas, nem qualquer outro trabalho. Oxalá teria criado o Exu, a única entidade que tinha a capacidade de se comunicar pela fala. Sendo o único a ter a possibilidade de falar com

Oxalá, nada poderia ser transmitido, solicitado, a Oxalá sem antes passar pelo Exu. São os responsáveis pelas entradas, pelas vias de acesso ao terreiro. Assim, são eles que têm como função guardar o terreiro contra invasões de espíritos cuja presença perturbaria os trabalhos do terreiro. Como veremos, as giras se iniciam com a solicitação de que Exu proteja a casa, desde a trunqueira. R.C.L.M., no livro que está a escrever a respeito das tradições da cultura afro-brasileira, os apresenta como entidades independentes, orgulhosas, altivas, extrovertidas, mas também revanchistas e radicais em suas posições. Seriam ligados, sobretudo aos prazeres da vida, sobretudo aos prazeres da carne. Exuberantes no comportamento, Exus e Pombas Giras falam alto, dão sonoras gargalhadas e vestem-se, preferencialmente, de vermelho e preto. Gostam de bebidas alcoólicas e de tragar seus charutos. Também de vermelho e preto, as Pombas Giras caminham pelo terreiro, podendo estar ligeiramente encurvadas para frente, enquanto bebem alguma bebida alcoólica como Martini ou champanha. Os Exus podem ser brincalhões e rudes, mas quase nunca permitem que o mesmo tratamento lhes seja dirigido. São entidades de “esquerda”, o que, na prática, significa que podem realizar o mal, não por serem intrinsecamente más, mas porque seriam amorais, realizando o que lhes é solicitado em troca de um presente, uma oferenda. Todas as demais linhas e suas entidades seriam de “direita”. Uma exceção seria a entidade chamada Zé Pilintra, que poderia se manifestar tanto nas giras de Exu como nas de Baianos. Seriam entidades com certa premissão de trânsito entre tais linhas e que também atuariam tanto na esquerda quanto na direita.

A classificação entre entidades de direita e de esquerda parece ser um tanto vaga, uma vez que as solicitações dos consulentes podem ser atendidas por entidades de qualquer linha, independentemente dessa classificação. No entanto, na prática, os Exus e Pombas

Giras são vistos pela assistência como indicados para a resolução de problemas amorosos, sobretudo quando alguém obstaculiza o relacionamento desejado. São, ainda, identificados pela assistência com a figura do diabo e, portanto, temidos como se fossem possuidores de poder para impingir o sofrimento e mesmo a morte. Do ponto de vista do dirigentes da casa, no entanto, tal imagem não representa adequadamente tais entidades, que antes de serem maléficas, seriam apenas entidades ligadas à transformação, ao novo, à criatividade, à sensualidade e à fertilidade. Dada a interpretação católica da sensualidade como pecado, os Exus passaram a ser identificados, erroneamente, com o diabo.

3.2.6 As Atividades: Camarinhas e Giras

São três as principais atividade do terreiro: as giras de desenvolvimento, abertas apenas aos médiuns, realizadas sempre aos sábados a partir das 16h00; as giras abertas ao público, realizadas também aos sábados, após a gira de desenvolvimento, por volta das 18h00, estendendo-se, geralmente até as 21h00; e as camarinhas, que podem ser marcadas a qualquer momento do ano com tempo de duração de algumas horas a vários dias de duração. Quando há festas, sobretudo de Cigano, não há hora pré-determinada para o término das giras. Houve tempo em que várias giras eram realizadas geralmente às segundas, quartas, sextas-feiras à noite e aos sábados à tarde. No entanto, as reuniões noturnas realizadas nos dias de trabalho foram se tornando inviáveis tanto pelos novos padrões de vida, quanto pela dificuldade de trânsito pela cidade. Cada vez mais os médiuns têm procurado aumentar sua formação acadêmica, demanda dos tempos atuais. A solução foi a realização dos trabalhos sempre nos finais de semana, preferencialmente aos sábados. O tempo de duração das giras também sofreu sensível diminuição pelos mesmos motivos.

O aumento da carga de atividades, não apenas de trabalho, mas também de estudo, não permite aos médiuns dedicação maior aos trabalhos religiosos, a não ser eventualmente. As tarefas escolares limitam o tempo disponível. Os mais antigos na religião tornaram-se idosos e também menos resistentes às giras que varavam as noites. Os domingos, assim, acabam sendo dedicados exclusivamente ao lazer e à atenção à família, sendo utilizados apenas para importantes trabalhos religiosos.

Como foi dito, as camarinhas são reuniões especiais, marcadas pelos dirigentes da casa, que podem se estender de poucas horas até vários dias de trabalho. Há três modalidades de camarinhas, segundo seus objetivos. A primeira delas é dedicada à transmissão de ensinamentos da doutrina e rituais. Os “filhos¹⁵” da casa reúnem-se no terreiro para aprenderem com os dirigentes da casa e/ou com entidades que são invocadas especificamente para trazer sabedoria. A segunda objetiva a realização de assentamentos, ou seja, oferendas às entidades visando algum objetivo. Os membros do terreiro poderão sair do terreiro para assentamentos em cachoeiras, cemitérios, praias, rios, matas, dependendo dos objetivos e de acordo com as entidades a serem cultuadas. Findo o trabalho externo, retornam para o terreiro, local em que as camarinhas sempre são abertas e fechadas. A última modalidade de camarinha é a de “puxada de Santo”. Nela, todos os Orixás são louvados por meio de cantigas de cada uma das linhas. Mas, o objetivo fundamental deste tipo de camarinha é o de identificar a que linhagem cada filho pertence, ou seja, saber “quem é filho de quem”. Cada membro do grupo é designado “filho” de algum dos Orixás, também conhecido como “Santo de cabeça”. É o Orixá que guia os trabalhos iniciais do neófito. A identificação o Santo de cabeça de uma pessoa se dá dentro de um processo. À medida que as cantigas vão sendo executadas ao longo da camarinha, cada membro do

grupo sente as “vibrações” dos Orixás que a elas corresponde. Enquanto uma cantiga estiver louvando um determinado Orixá, seus filhos “manifestarão” a força desse Orixá. Tal manifestação é uma experiência subjetiva que pode ter repercussões exteriores, como tremores e formigamento nas extremidades do corpo, entre outros “sinais”. Os médiuns apreciam muito as camarinhas, momento de profunda imersão no mundo espiritual e na tradição que abraçaram.

As giras de desenvolvimento são dedicadas ao ensinamento da doutrina da Umbanda, dos seus rituais e, sobretudo, da prática da mediunidade de incorporação. Considera-se que até que a incorporação esteja “firme” pode levar algum tempo. Há médiuns que levam meses para obter a plena capacidade de incorporação, enquanto que há outros que nem precisariam participar das giras de desenvolvimento, dada a facilidade com que incorporam.

Durante o tempo de desenvolvimento, os médiuns sentem que as entidades querem se comunicar, mas não conseguem servir-se adequadamente deles para tal tarefa. Algumas vezes, as entidades pedem que os médiuns realizem alguns rituais, chamados *obrigações*, para que seja sanado algum problema espiritual que esteja interferindo na incorporação. O processo de desenvolvimento, além de demorado, pode ser penoso. Os médiuns relatam sintomas como tontura, perda temporária de consciência, formigamento nas extremidades do corpo, insensibilidade à dor, sensação de estar saindo do próprio corpo, perda de memória, perda da noção de espaço e tempo, falta de controle muscular, respiração acelerada, taquicardia e sudorese excessiva.

¹⁵ Termo que designa os membros do terreiro.

Além das obrigações, os médiuns recebem orientações práticas que visam facilitar a incorporação, como procurar não interferir nos movimentos corporais e deixar que as entidades controlem seus corpos de maneira completa. Como parte das giras, os médiuns iniciam suas atividades pedindo que as entidades lhes dêem forças para que eles não interfiram no trabalho espiritual. Nas sessões de desenvolvimento os médiuns aprendem que tal postura de submissão é um requisito para que a incorporação se dê de maneira “firme”. Além disso, têm consciência de que se interferissem nas consultas poderiam prejudicar as orientações dadas pelas entidades, uma vez que poderiam comparecer sentimentos, pensamentos e atitudes dos médiuns relacionados ao consulente, como a inveja, o preconceito e a raiva.

Geralmente os médiuns passam pela gira de desenvolvimento até que é dada a “ordem de passe”, uma espécie de habilitação conferida pelo Pai ou Mãe-de-Santo. A partir da ordem de passe a entidade (ou entidades) que trabalhará com o médium apresenta seu nome, *risca seu ponto*¹⁶ com a *pemba*¹⁷ e inicia suas atividades, podendo atender os consulentes.

O ensino da doutrina e da prática não são exclusividade das giras de desenvolvimento e das camarinhas, como será apresentado a seguir. As médiuns relatam aprender mais a respeito de sua religião enquanto “camboneiam”, ou seja, enquanto servem de ajudantes para os médiuns incorporados. Algumas entidades falam com sotaque ou de forma bastante rústica, tornando a compreensão e a comunicação entre entidades e consulente bastante difícil. Os cambonos “traduzem” as orientações ao consulente, anotam

¹⁶ Cada entidade possui o seu “ponto riscado”, uma espécie de insignia formada por sinais interpretados como cabalísticos, como tridentes, arcos e flexas, estrelas e figuras geométricas como o triângulo e o círculo.

¹⁷ Giz de cor branca.

as receitas passadas e servem como testemunhas no caso de eventuais intrigas ou confusões. Os médiuns afirmam que as entidades lhes ensinam muito durante esse processo, oferecendo-lhes informação fundamental tanto para o desenvolvimento da incorporação quanto para a compreensão da religião como um todo. Não é infrequente que cambonos sejam também orientados pelas entidades a quem auxiliam como se fossem consulentes, recebendo orientações para as várias áreas de suas vidas cotidianas.

As giras abertas ao público têm como finalidade oferecer aos médiuns e à assistência a possibilidade de ter contato com as entidades e receber delas a orientação espiritual necessária e os passes, ritual de limpeza espiritual. Poderiam ser classificadas em giras normais e festas. As giras normais são dedicadas, cada qual, a uma determinada linha de Orixá. Neste dia as entidades de determinada linhagem são as que darão consultas e passes.

A gira é o ritual em que os espíritos, chamados preferencialmente de entidades ou guias pelo grupo pesquisado, incorporam-se nos médiuns e realizam seus trabalhos. Seguindo a já apresentada classificação bi-partite das entidades (em linhas, para delimitar uma espécie de categoria de características similares e em entidades de direita e de esquerda), as giras podem ser chamadas, por exemplo, de “gira de Exu”, ou “gira de esquerda”, dado que Exu é considerado uma entidade de esquerda.

3.2.7 A Estrutura da Gira

Há sempre uma pessoa responsável pela coordenação das giras. Essa função é geralmente ocupada pela entidade que incorpora R.L.M., a Mãe-de-Santo, a não ser que R.C.L.M. esteja presente. Como ogã, ele encontra-se em situação privilegiada para dirigir as giras por ser o responsável por entoar os cânticos que embalam toda e qualquer atividade

do ritual, como veremos. As entidades são chamadas a se apresentarem no terreiro por meio de *pontos*¹⁸ que invocam tal presença. Da mesma maneira, o momento para que as entidades se vão é também anunciado por meio de cantos. A posição geográfica de R.C.L.M., como ogã, à frente dos médiuns, ao lado do peji, é estratégica. Dali pode avistar todas as médiuns e os assistentes. Pode saber se há médiuns incorporadas ou entidades em trabalho de passe ou consultas. Se é a entidade de R.L.M. quem coordenará a gira, posicionar-se-á em frente ao peji, de onde poderá facilmente se comunicar com os ogãs.

Seja lá quem a dirija, uma gira no Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô tradicionalmente se inicia com a cantiga a Exu. Como já foi dito, tal entidade seria a responsável por garantir que apenas as entidades chamadas a participar da gira se manifestem, fazendo com que espíritos “pouco evoluídos” permaneçam afastados do terreiro. A presença não esperada de um Exu também traria inconvenientes. Os trabalhos teriam que ser paralisados no caso de uma inadvertida invasão de tais entidades até que estas fossem orientadas religiosamente no sentido de seguirem seus caminhos e, assim, permitir que a gira prosseguisse. É importante lembrar para operar sem tais invasões, o terreiro deve estar preparado para isso. Daí a importância da trunqueira e da Casinha das Almas na edificação, anteriormente descritas. Antes do início da gira, pelo menos um dos filhos da casa acende uma vela para Exu na trunqueira. Esse ritual garante que Exu fique na entrada do terreiro impedindo a passagem dos espíritos não desejados. No entanto, como garantia extra, a cantiga a Exu é entoada preventivamente¹⁹.

¹⁸ Outro nome para “cantigas”.

¹⁹ Essa garantia extra é justificada por R.C.L.M.. Segundo ele, a filha responsável por acender a vela para Exu poderia não se ter preparado corretamente para a gira, tomando os banhos recomendados, entre outros rituais.

A gira continua. Cantos e/ou exclamações vão saudar várias entidades, na seguinte ordem, após se entoar o ponto para Exu: Ogun, Oxosse, Ossayin, Obaluaê, Xangô, Iemanjá (ou entidades das águas), Criança e Oxalá. Na verdade, canta-se para Ogun, depois para Oxosse, Orixás cultuados tanto no Candomblé quanto na Umbanda e, segue-se não uma cantiga, apenas uma saudação a Ossayin, entidade não cultuada na Umbanda e que, portanto, não deve receber o mesmo tratamento das demais. A saudação a Ossayin é feita porque ele é o Orixá das ervas, de todas as folhas, e aquele é o momento em que procederá à defumação do ambiente, ritual destinado à “limpeza” das energias “negativas” presentes no terreiro. A defumação é acompanhada de uma cantiga própria. Seguindo a gira, canta-se em saudação a Obaluaê, Orixá do Candomblé não cultuado na Umbanda, mas que guarda grande proximidade de características com a linha de Preto Velho.²⁰ A gira segue seu curso com uma cantiga que saúda a linha de Xangô, depois da qual outra é dirigida a uma das “santas”, entidades da linha das águas, como Iemanjá. Então, chega a vez dos cânticos à linha de Criança e, finalmente, a Oxalá, quando todos os médiuns param de dançar e de bater palmas para se prostrar em respeito ao grande Orixá.

Depois de garantida a presença do Exu na entrada do terreiro, de o local ter sido defumado, afastando as más “vibrações”, e de todas as principais entidades terem sido saudadas, os tambores entoam a cantiga de “abertura de gira”, um pedido de permissão para que a gira seja efetivamente aberta, o que significa que as entidades serão chamadas a dela participar e a trabalhar com a assistência. As médiuns então se levantam e cantam cantigas exclusivamente dedicadas à entidade do dia, sendo que as cantigas das “santas”²¹ são consideradas como bem-vindas na gira dedicada a qualquer entidade. Se, por exemplo,

²⁰ . Aqui encontramos uma das idiosincrasias do grupo. Não cantam a Ossayin por não ser uma entidade de Umbanda, mas cantam a Obaluaê, uma entidade não cultuada na Umbanda.

tratar-se de uma gira dedicada aos Caboclos, serão entoados cânticos de Caboclos de todas as linhas, ou seja, de Ogun, de Oxosse e de Xangô, como um chamado a todos eles. Até esse momento as médiuns ficavam enfileiradas, de frente para o peji, nas duas laterais do congá, dançando, cantando e batendo palmas em seus lugares ou ajoelhadas. Após as primeiras cantigas do santo do dia, apenas as cambonas são convidados a sair das fileiras de médiuns, aproximando-se mais do centro do congá para que incorporem suas entidades. As cambonas incorporam e suas entidades conversam entre elas e com as médiuns coroadas. Deixam os recados que queriam transmitir, mas não dão passes nem consultas. Novos pontos, então, são cantados para que essas entidades deixem o terreiro.

Quando todas as cambonas já não estão incorporadas, é a vez das médiuns coroadas receberem seus guias. Os cânticos de “chamamento” das entidades do dia voltam a ser entoados e os médiuns com ordem de passe saem das fileiras e, amparados pelos cambonos, incorporam seus santos. O som dos atabaques oferece a “força”, que se amplia paulatinamente até que os médiuns sentem, fisicamente, como uma “vibração”, a presença de seus guias. À medida em que as entidades vêm, as cambonas lhes trazem seus paramentos próprios, como os chapéus de couro, os cocares ou os bonés e elmos, dependendo da linha e gosto do entidade. Os guias incorporam-se nos médiuns, vestem-se, falam e gesticulam conforme suas características individuais. Se, por um lado, é certo que os Preto-Velhos geralmente andam acorados e sentam em troncos ou banquinhos baixos, também é certo que cada entidade, dentro dessa linhagem, terá suas preferências de traje. Assim, embora haja certa determinação geral das características esperadas para cada uma das sete linhas de entidades, há espaço para o individual, para o único, para o estilo próprio.

²¹ Entidades femininas ligadas à linha das Águas, encabeçada por Iemanjá.

Quando todas as médiuns coroadas estão incorporadas e suas entidades já dançaram, cantaram, beberam e “firmaram a vela²²” no ponto riscado, canta-se uma cantiga de “riscar o ponto”. A cantiga de riscar o ponto tem como finalidade “firmar” o santo, ou seja, tornar a incorporação a mais estável possível, sem o risco de que o médium perca o sentido de entrega e torne o trabalho da entidade inviável. Tal cantiga, ainda, tem como finalidade a preparação das entidades para o trabalho com a assistência, um sutil recado para que se preparem para as consultas. Cada entidade irá, então, para o local que lhe é reservado para o atendimento em torno do congá.

As consultas são o espaço de relacionamento entre a assistência e os guias. Todas as giras públicas abrem esse espaço, em sua segunda parte. Nesse momento, as médiuns dispõem-se em círculo, formando a “corrente”, ocupando toda a lateral do terreiro, permanecendo geralmente sentadas à espera dos consulentes. Cada uma das médiuns incorporadas têm ao seu lado uma cambona, cuja função já foi descrita. Uma das médiuns, uma das cambonas ou mesmo uma pessoa da assistência, fará a organização da entrada dos consulentes para o atendimento. Quando há um número considerado grande de consulentes, distribuem-se, previamente, pequenos cartões numerados. No momento oportuno, a pessoa encarregada de organizar a fila, grita o número do próximo cartão e encaminha o consulente para a respectiva entidade.

Os guias saúdam carinhosamente os consulentes, abraçando-os, beijando-os e apertando-lhes as mãos, cada um à sua maneira. Muitos mantêm o contato físico pelo tempo das consultas, demonstrando proximidade. Antes de falarem, ouvem atentamente as queixas e pedidos. Algumas vezes perguntam algo com a finalidade de esclarecer o

²² Ato de acender uma vela e fixá-la no chão do terreiro, dentro ou ao lado do ponto riscado.

problema. Apenas após compreenderem perfeitamente o que se espera deles, oferecem sugestões e rituais a serem seguidos para que a solução advenha. Geralmente, os sofrimentos são explicados como um problema de ordem espiritual, apesar de não ser raro que o consulente seja repreendido por não querer tomar sua parte de responsabilidade em seu sofrimento, de maneira a compreendê-lo de maneira bastante mundana. As sugestões de solução de problemas espirituais seguem alguns princípios rituais, recomendando-se que alguma *obrigação*²³ seja levada a cabo. Uma obrigação pode ser algo simples, como a oferta de uma rosa branca a Iemanjá, a ser jogada no mar, ou algo mais complexo, como um ritual de encruzilhada, com a oferta de bebidas e comidas para um determinado Exu. Banhos aromáticos ou de sal são receitados para os que necessitam de algum *descarrego*²⁴. A terapêutica dependerá não apenas do diagnóstico, mas também da entidade a ser consultada. Uma entidade com formação médica, por exemplo, poderá proceder a uma cirurgia espiritual, que pode variar desde uma simples limpeza do *perispírito*²⁵ até a uma cirurgia física, por meio de instrumentos caseiros como facas, tesouras e agulhas. O fundador do Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô, Pai D., como foi dito anteriormente, incorporava o Dr. Griff, que atuava na área de curas orgânicas por meio de tais cirurgias. Desde que se afastou da casa, nenhum outro guia médico voltou a incorporar, ainda que exista a expectativa que o Dr. Griff volte a trabalhar nela incorporado agora em R.C.L.M..

Ouvindo as consultas e conversando com a assistência, não é difícil perceber que as razões das consultas podem ser enquadradas no conhecido trinômio saúde/dinheiro/amor.

²³ Um ritual em que o devoto oferece algo a uma determinada entidade ou Orixá.

²⁴ Ritual em que se eliminam "energias negativas", geralmente acumuladas no contato com pessoas portadoras de tais "energias".

A eficácia simbólica das consultas é passível de ser verificada pelas conversas com os consulentes. Os testemunhos dão conta de todos os tipos de problemas resolvidos a partir dos conselhos dos guias. Ouvi histórias de curas de carcinomas sem solução pelos tratamentos médicos tradicionais, de resolução de falências empresariais, de retornos de amores perdidos...

As pessoas estão longe de atribuir a solução exclusivamente aos guias. No entanto, testemunham que sem a ajuda deles não teriam podido suportar o sofrimento por que passaram, nem teriam tido possibilidade de encontrar as saídas para seus problemas.

Ofereço um exemplo de resolução de problema que acompanhei. Um rapaz de cerca de 16 anos de idade que procurou um Preto Velho para encontrar solução para sua impotência sexual. O Preto Velho perguntou ao envergonhado garoto se ele já havia procurado um médico, ao que recebeu uma resposta negativa. Então, o Preto Velho lhe disse que o problema era orgânico e que seu consulente deveria procurar um médico imediatamente. De fato, o rapaz apresentava uma obstrução arterial que lhe impedia a manutenção da ereção. Após uma pequena cirurgia, o problema anatômico foi superado e a impotência sexual resolvida. Encaminhamentos desse tipo são freqüentes, uma vez que o diagnóstico nem sempre é espiritual. Um caso que me foi narrado é o de um senhor que retornara à gira para agradecer uma determinada entidade por esta ter identificado um tumor cerebral a tempo de ser feita uma cirurgia.

Diagnósticos e tratamentos espirituais para problemas de saúde/dinheiro/amor são, no entanto, os mais freqüentes. Nesses casos, pode ser diagnosticado um espírito obsessivo,

²⁵ Conceito kardecista, adotado pelo grupo estudado, para referir-se ao “corpo sutil”, situado entre o corpo e o espírito. Sustenta-se que “energias negativas” poderiam ser retidas no perispírito, fazendo com que a relação

um *encosto*²⁶, que produz algum tipo de sofrimento, como por exemplo, um vício qualquer. Outras vezes, um problema atual pode ser compreendido como um efeito de ações cometidas pelo consulente em outras encarnações. Esse diagnóstico fundamenta-se na crença baseada na doutrina espírita kardecista, segundo a qual a cada ação corresponde uma reação, a conhecida lei de causa e efeito moral, ou Lei do Karma, adotada pelo grupo investigado como parte da doutrina da Umbanda. Para solucionar um problema kármico, o consulente deve proceder a trabalhos espirituais específicos, como determinadas oferendas aos Orixás.

As festas, são dedicadas geralmente às Crianças e aos Ciganos, entidades festivas. É comum que a assistência, geralmente pequena, se aglomere nos dias de festa para poder disputar os deliciosos quitutes oferecidos. Nesse sentido, a Festa de Cosme e Damião é a mais famosa. Os médiuns incorporados pelas crianças tornam o ambiente alegre e divertido. Atraem os olhares da assistência curiosa as idosas médiuns incorporadas por meninos travessos, vestidos de boné e camiseta do time do coração, a chutar bola pelo terreiro. É um momento em que os opostos, por um lado se aguçam e, por outro, perdem seu peso, encontrando-se de maneira leve e caricata. As velhas senhoras são vistas a cair ao solo à moda infantil, sem que isso lhes cause, aparentemente, danos à saúde, muitas vezes já tão debilitada. Após o período em que as entidades brincam entre si, inicia-se o período de consultas, que seria mais adequado dizer período de cumprimentos. Cada um dos consulentes ganha um pequeno saco de plástico e passa a cumprimentar cada uma das entidades infantis. Cada uma dessas entidades possui um ou mais tipos de doces, como

corpo/mente fosse perturbada, causando sofrimento às pessoas.

²⁶ É um feitiço realizado por alguém que quer causar algum dano a outrem, em que um espírito considerado sem desenvolvimento moral é enviado por Exus para permanecer com a pessoa a quem se pretende realizar o dano. O espírito “baixo astral” induziria a pessoa ao erro.

balas, paçocas, chocolates que lhe são oferecidos e colocados em seu saco plástico. Ao fim dos cumprimentos, os saquinhos estão repletos de doces de todos os tipos. Assim, é esperado que essa festa tenha grande apelo público, quer pela alegre presença das entidades infantis, quer pela oferta de doces.

Também nas festas, que trazem o diferencial da comida, da música e da ornamentação especiais, há momento de passes e consultas. Os ciganos parecem ser especialmente esperados para as consultas. Revestidos de um poder considerado mágico, são dotados de grande capacidade, sobretudo para a resolução de problemas sentimentais. Quando todos os consulentes já foram atendidos, os atabaques voltam a atroar, dessa vez entoando cantigas de despedida das entidades e, posteriormente, de fechamento da gira ou da festa, lembrando que no caso dos Ciganos os atabaques são dispensados.

3.3 A Mediunidade de Incorporação no Templo de Espírita de Umbanda

Xandô Agodô: Conceito, Descoberta e Desenvolvimento

Esta seção é dedicada à apresentação descritiva do que pensam os médiuns do Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô entrevistados a respeito do fenômeno de mediunidade de incorporação. O texto foi composto para retratar a síntese do pensamento do grupo de médiuns a respeito deste fenômeno. Assim, deliberadamente, foi escrito tomando-se por base exclusivamente o material coletado pelas entrevistas com médiuns e assistentes e pelas observações de campo. Mesmo os trechos em que alguma informação adicional é oferecida, em benefício do esclarecimento de algum tema, não devem ser considerados como resultado do estudo de outra fonte.

Continuarei a me referir às médiuns, uma vez que a predominância do gênero feminino sobre o masculino deve ser notada até mesmo pela linguagem adotada.

Incluí excertos das entrevistas ao longo da apresentação que se segue em benefício da compreensão, como recurso para ilustrar as descrições e para dar voz às médiuns, as principais personagens deste trabalho. Ao final de cada excerto, entre parênteses, apresento as iniciais do nome da pessoa entrevistada e o número do parágrafo em que se encontra ou se inicia tal excerto. Esse recurso foi utilizado para permitir ao leitor a possibilidade de encontrar facilmente a fala citada na transcrição das entrevistas – que encontra-se no Anexo – e, assim, conhecer o contexto em que apareceu.



A mediunidade é considerada pelo grupo como uma capacidade, um “dom”, que precisa ser desenvolvido para ser empregado da maneira adequada.

As entidades começavam a cantar e a doutrinar e ele foi gostando daquilo, de ver eles cantando, achou bonito. Só que ele via que não tinha o dom de incorporar, não sentia as vibrações, não sentia nada, aí ele começou a pensar no que ele poderia fazer. (I.M.F.L.: 170)

Quando eu entrei eu já incorporava em casa. A primeira vez eu achei estranho, mas eu sentia que as entidades falavam: “Olha, você tem o dom da mediunidade. Então, vamos desenvolver”. (I.M.F.L.: 176)

...assim... é um dom. Ninguém recebe porque não quer. Assim, acho que todo mundo tem, mas nem todo mundo tem do modo que a gente tem. (V.A.S.: 1231)

Há uma grande variedade de modalidades de mediunidade, como a “mediunidade de vidência²⁷” (ou “clarividência”), a “mediunidade de audição²⁸” (ou “clariaudiência”), a

²⁷ Aquele tipo de mediunidade em que o contato com as entidades é feito de maneira visual, sendo possível ao médium ver e, muitas vezes, ouvir, as entidades.

²⁸ Mediunidade em que o médium pode ouvir as entidades.

mediunidade intuitiva²⁹ (ou sensitividade), a “mediunidade de escrita³⁰” (ou “psicografia”), dentre outras, além da “mediunidade de incorporação”. Assim, nem todas as pessoas seriam médiuns, e dentre os médiuns, nem todos seriam médiuns de incorporação.

Não, eu não vi. Porque eu não tenho a mediunidade de visão... nem de audição. E tenho de incorporação e muito, assim, de intuição, mas de... por exemplo, se eu tiver lá no terreiro e eu tiver que falar sobre algum assunto, e se eu sentar ali, isso sai e se eu tiver que repetir eu não consigo reproduzir aquilo que eu falei. É difícil repetir o que eu falei. (...) Eu tenho essa facilidade de captar as coisas mesmo sem tá incorporada. (R.L.M.: 849)

Acho que a gente não vê, a gente sente. Tem gente que vê, tem gente que tem o dom da visão. Tem algumas entidades que têm o dom da visão. Eu não sei com as minhas como é que vai ser, se tem o dom da visão ou se ela só vai ouvir ou se vai ver. Porque tem entidade que é assim, tem entidade que elas vêem e outras que ouvem. Eu já fui já jogar cartas num senhor que ele falava que ele ouvia, ele não via, ele ouvia. O que a entidade queria que ele ouvisse ela falava nos ouvidos. E tem outras entidades que têm o dom de visão, de ver. Eu sinto. (L.S.: 270)

A mediunidade de incorporação é definida como a capacidade de deixar que as entidades controlem o corpo do médium para, assim, poderem realizar seus trabalhos de caridade na Terra.

Então, você não controla. Eu não interfiro... quando eu tô ali eu peço pra que Deus não deixe minha matéria, meu espírito interferir no trabalho das minhas entidades. Então eu peço que elas tomem o meu corpo e que minha matéria não interfira no trabalho deles. Ai eu peço, mas eu não, sabe, não fico naquele negócio... eu deixo. (I.M.F.L.: 186)

Exatamente. Casos com a entidade da minha mãe: uma pessoa tá sentada lá na assistência, também, sabe, que ela queria abortar. É a entidade lá dentro. Essa pessoa nem tinha entrado ainda. Falou: "Nem pense nisso. A nossa casa tá aqui, ela existe pra fazer caridade, não pra fazer o mal a ninguém, principalmente praquele que tá pra vir". (R.C.L.M.: 464)

Desenvolver a mediunidade significa, antes de mais nada, aprender a não interferir no processo de incorporação. Talvez a palavra mais empregada para definir tal posição do médium seja “entrega”. Entregar-se significa não resistir, não duvidar, não controlar. A

²⁹ Modalidade de mediunidade em que o médium, inspirado por uma entidade, tem um *insight*, um pensamento ou sentimento que representa uma verdade espiritual ou de um consulente.

³⁰ Mediunidade em que uma entidade pode usar o braço do médium para escrever e, assim, transmitir mensagens.

entrega é, ainda, essencial, para quê, como foi dito, as médiuns não interfiram nas consultas. Ali deve falar a entidade, não a médium.

Eu digo: "Eu sou analfabeta, eu não tenho estudo, como eu vou..." A entidade... chegava, eu via os outros trabalhando, passando isso, passando aquilo... "Mas eu não sei de nada." Fiquei totalmente apavorada. Mas aí eu prometi... Eu disse, nesse mesmo dia à Mãe R. Eu disse: "Mãe R., eu espero, desejo mesmo que eu nunca há de decepcionar a senhora pela essa ordem de passe que a senhora tá me dando. Eu procurarei sempre ser digna dessa ordem que tá me dando. Isso quer dizer, tenho medo, tenho uma responsabilidade muito grande". Ela disse: "Não se preocupa não que quem vai trabalhar não é você. É as suas entidades. Elas tão ávidas pra trabalhar. Se elas vão passar alguma coisa, elas vão passar. Não precisa de você saber de nada. E ela me deu muita força sobre isso. Daí eu vim trabalhando. (F.M.S.L.: 48)

Faz uns três meses. É recente... Antes... a cabeça da gente fica oca, vazia... eu não penso em nada. (F.S.: 103)

Se desligar, você tem que se entregar no momento. Se tem que ter consciência que se tá ali pra se entregar pra aquela entidade pra que ela consiga fazer o trabalho dela... porque ela incorpora porque ela também tem uma missão... assim como eu tenho a minha, de trabalhar no espiritual, ela também tem a dela de atender pessoas. (R.L.M.: 937)

Qualquer tentativa de controle por parte da médium poderia ter conseqüências nefastas para o trabalho das entidades.

A gente sente vontade de fazer aquilo, mas você não se vê fazendo aquilo... "então, não, não vou fazer"... mas colocaram na minha cabeça... "não é você, deixa a sua matéria livre, deixa eles trabalharem em paz..." (F.S.: 93)

Por isso que eu falo, eu não tenho essa firmeza ainda, eu quero ter e eu vou ter. Mas por enquanto, eu ainda atrapalho as minhas entidades. Eles falam isso, eles mesmo falam: "Fala pra minha menina deixar os problemas lá fora e aqui dentro se concentrar mais. Pra deixar os problemas lá fora". Porque lá dentro eu atrapalho o trabalho deles. Tem que apagar tudo, tem que entrar com a mente limpa. Mas se eu pensar nas minhas preocupações, se eu pensar nos meus problemas atrapalha. Não consegue aquela firmeza, não consegue direito... atrapalha a entidade. (L.S.: 264)

Mesmo que tenha passado meses ou anos de desenvolvimento, qualquer médium sabe que corre risco. É por isso que há um momento nas giras em que cada médium aproxima-se do peji, deita-se frente a ele, "bate cabeça"³¹, e pede forças para que possa se entregar. A entrega é obtida com o desenvolvimento da mediunidade, ou seja, com a "firmeza", que significa abandonar-se completamente ao trabalho dos espíritos.

Eu tô começando agora. É muito difícil, tem que ter uma cabeça... pra você agüentar porque, ao mesmo tempo dá medo e você tem segurança... você acha que é você que tá querendo fazer aquilo e, portanto, você fica mais preso em querer deixar, se soltar... porque o que falam pra gente é que, quando a gente vai lá pra bater cabeça, conversando, a gente tem que pedir, tem que tá com a cabeça aberta, tem que deixar o mundo aqui de fora aqui fora. Lá dentro é lá dentro, tem que se dedicar a estar lá. (F.S.: 89)

É, não vai. Então, você não controla. Eu não interfiro... quando eu tô ali eu peço pra que Deus não deixe minha matéria, meu espírito interferir no trabalho das minhas entidades. Então eu peço que elas tomem o meu corpo e que minha matéria não interfira no trabalho deles. Ai eu peço, mas eu não, sabe, não fico naquele negócio... eu deixo. (I.M.F.L.: 168)

Agora eu não tenho dúvida. Eu subo, me entrego. Eu bato cabeça na hora do trabalho e peço que minha matéria não interfira no espiritual, que as entidades possam vir trabalhar normalmente eles mesmos. Que eu não interfira no que eles tem pra dizer. E aí eu confio, não tenho mais dúvida. (M.N.M.: 346)

Eu não penso nada. Não tem o domínio. Eu só tô vendo. Não penso nada porque ele tá comandando... ele tá aqui na minha cabeça. Antes eu pensava, no começo, "será que eu tô incorporada, mesmo", aí depois, parei de ter dúvida, parei de pensar. Eu subi pra trabalhar, então ele vai trabalhar. Eles, né, as entidades. A hora que eu bati a cabeça ali, acabou, limpa tudo. (M.N.M.: 352)

Se desligar, você tem que se entregar no momento. Se tem que ter consciência que cê tá ali pra se entregar pra aquela entidade pra que ela consiga fazer o trabalho dela... porque ela incorpora porque ela também tem uma missão... (R.L.M.: 937)

É, por exemplo, se você não deixar que nada, a tua mente, atrapalhe o trabalho da entidade. É como que a sua mente ela apagasse. Ela apaga, que você tem firmeza que você, assim, que você... (Z.C.S.: 1382)

Mas eu estou aqui para ceder a matéria pra vocês trabalharem para ajudar as pessoas e me ajudarem também". Então, a partir do momento que eu entrar dali pra dentro e bater cabeça... (C.Z.C.: 1448)

Mas entregar-se não significa estar inconsciente. De fato, há "médiuns inconscientes", ou seja, aqueles que não têm memória do momento da incorporação. Mas, estes são a minoria dos médiuns. O restante é composto por "médiuns conscientes".

Aí foi que ela começou a me explicar que tem médiuns que são conscientes e uns que são inconscientes, que é minoria que são inconsciente, a maioria são médiuns conscientes. (R.M.S.: 979)

Porque eles chamam de "médiun consciente". É isso aí que é importante. É o médiun consciente, o inconsciente... o inconsciente, ele apaga de vez. Então, qualquer pessoa que queira abusar dessa situação ele pode. Por isso que é muito difícil um médiun inconsciente. Porque você apaga e você faz coisas que você não lembra nada e você... um médiun consciente, se eu te conheço, eles te conhecem também. Eles não vão deixar na minha mente a tua vida pessoal ou o

³¹ Ato de encostar a cabeça no chão, em sinal de respeito.

que ele falou pra você. Eles apagam. Ali ó... apagam. Mas eu sei que é você.
(Z.C.S.: 1450)

Ser uma médium consciente não significa ter algum controle durante a incorporação, mas simplesmente estar presente, vendo, ouvindo e, muitas vezes, sentindo o toque das roupas no corpo, a bebida que é ingerida pelas entidades, o gosto do charuto. Perdem a noção de espaço e de tempo. Durante as consultas, a médium consciente pode ver o consulente, ouvir suas queixas e as orientações da entidade. No entanto, ocorre que a memória desses dados é confusa. As médiuns podem saber que determinada entidade atendeu uma certa pessoa, mas dificilmente consegue se recordar com precisão do que foi dito. Muitas vezes, recordam-se das orientações das entidades, mas não se lembram a quem foram dirigidas. Tal confusão seria provocada pelas próprias entidades, de maneira a guardar o sigilo necessário para que a relação entre elas e os consulentes seja preservada e, sobretudo, para que os médiuns não se sintam tentados a controlarem, de alguma forma, as próximas consultas com o mesmo consulente.

Quando a minha menininha veio, eu ficava olhando pro peji aí eu: "Eu não tô aqui, não sou eu". Aí eu olhava em volta, todo mundo brincando, festejando, aí aquilo apagava da minha memória. Aí eu já não lembro mais nada. Eu fico a maior parte do tempo percebendo as coisas. O que ela fala muitas vezes eu não lembro. Algum gesto, alguma conversa com um cambono, a gente pode até lembrar, mas o resto... o que é pra deixar elas deixam, o que é pra não deixar elas não deixam. (F.S.: 127)

Tenho [consciência], só que eu não conheço as pessoas. Pode passar com as minhas entidades e quando eu vejo lá fora eu não sei que é a pessoa que foi. (I.M.F.L.: 190)

Posso dizer assim que, vamos supor que você esteja tomando passe com alguma entidade minha, entendeu. Ela [a entidade] embaralha uma seqüência, ela embaralha vozes, entendeu? De que forma? Vamos supor que você seja a primeira pessoa que vai tomar passe com a minha entidade. Eu já acho que a primeira foi a terceira ou quarta pessoa. Eu nunca sei. Vamos supor que você tá perguntando: "Essa caixa aqui é vermelha?" Eu já acho que você perguntou se ela queria tomar água. No meu dito consciente, ela tá modificando aquilo tudo que o meu ouvido estaria ouvindo. Ou seja, aquela parte consciente do R., ou seja, a pessoa R., estaria ouvindo, ou vendo, ela embaralha. (R.C.L.M.: 448)

Eu não tenho essa noção [de tempo de incorporação], porque você não tem noção de tempo. Não dá pra saber. Às vezes a gente incorpora e parece que faz cinco minutos e quando você olha pro relógio já faz três horas. (R.L.M.: 891)

As vezes tem. As vezes tem incorporação que eu não consigo me lembrar, mas é difícil. No momento das consultas eu sempre acho que eu ouvi, mas a pessoa diz que a entidade falou outra coisa. Isso é que as entidades fazem com a cabeça da gente, que é meio inconsciente, meio consciente, confundindo a cabeça pra que a gente não fique escutando conversa. Mesmo assim, mesmo que a gente escute o real que, nem sei até aonde a gente tá escutando o que realmente a pessoa tá falando, isso tem que morrer ali também. É como uma confissão. (R.L.M.:911)

Eu não tenho noção de onde eu tô, eu não tenho noção do que tá acontecendo, porque quando a gente incorpora a entidade em si, você tem noção do que tá à sua volta, das coisas que acontecem. Você pode, depois de voltar, você não se lembrar, mas na hora você tem uma noção. (R.M.S.: 981)

Confunde, completamente. Já tive provas de amigas: "Olha, sua entidade falou isso." Ai, dentro de mim eu falo: "Ué, mas eu ouvi ela falar outra coisa. Como e que ela disse isso?" Então, realmente ela confunde. Cê pensa que tá sendo consciente, e às vezes você não tá. Ela confunde. (S.R.O.G.: 1072)

As médiuns conscientes sabem que estão incorporadas porque não têm a condição de controlar seu aparelho motor. No começo de suas vidas como médiuns, testam essa possibilidade, convencendo-se de que, de fato, não são elas que movimentam seus corpos durante a incorporação.

vai mudando assim, fugindo, a minha mente, não sei das outras, mas a minha mente ia fugindo as coisas. A minha mente ia fugindo, meu eu ia fugindo de mim. Ai eu ficava com medo. Ai eu ficava ali, querendo abrir os olhos mas não conseguia abrir. E aquela coisa me tomando... aquela força estranha tomando posse de mim. (F.M.S.L.: 42)

Porque eu sinto assim, quando eu tô incorporada, as vezes eu quero olha pro rosto da pessoa e eu não consigo levantar a minha cabeça. Eu não sei, parece que é um bloqueio. (I.M.F.L.: 190)

Se eu quiser ir pra lá e as entidades não querem eles [os músculos] vão ficar travados. (M.N.M.: 346)

Numa dessas giras eu falei: "Eu tô parecendo um besta aqui, girando. Eu vou parar". Ai, tava girando, ai de repente, naquela sua consciência você fala: "Não, pera ai, não pode, né". Eu dei aquele tranco. No que eu dei o tranco, parece que me jogaram de costa na porta. Ai eu falei: "Pô, eu não tava fazendo papel de boboca. Alguma coisa estava em mim, né". Foi uma das primeiras provas na minha pessoa com referência a uma entidade espiritual. Eu, girando lá, de repente eu resolvi parar. Eu parei de me entregar, né, mentalmente praquela energia, pra entidade, ai eu falei: "Não. Vou parar". Parei. Na hora que eu dei aquele tranco, assim, ai quem me deu o tranco foi ele, né. Ele me jogou um metro e meio, dois metros... Me jogou contra a porta, né. (R.C.L.M.: 393)

E. Eu já tentei... Assim, eu sou alérgico. Ai, qualquer coisa, eu espirro. Ai, uma vez, parece até por uma questão da incorporação, né, aquela coceira danada aqui no nariz. Ai, sabe quando você sente que você tá incomodado, aquela coceira tá te incomodando, não sei o que, e você quer levar a mão pra coçar e não consegue. A entidade simplesmente faz assim: acaba com aquela coceira.

Ela não passou a mão no seu nariz. Ela simplesmente faz "assim", e ela eliminar aquela coceira. Tipo assim: "Perai, eu tô usando a matéria, vou aliviar o coitado, né, do sofrimento dele". (R.C.L.M.: 452)

Não, eu só consigo... o meu corpo só tem controle sobre o que a entidade quer. Se ela quiser andar... (R.M.S.: 979)

Mas a dúvida pode, ainda assim, voltar a perturbar as médiuns, sobretudo quando a médium ainda inexperiente dá-se conta que percebe tudo à sua volta. Algumas vezes não sabia que sua mediunidade poderia ser de tipo consciente. A permanência da consciência durante a incorporação é motivo de mais dúvidas.

Dúvida. Assim, quando eu comecei a trabalhar, as entidades conversavam e eu ouvia... eu tava incorporada e eu não me dominava, mas eu ouvia o que eles falavam. "Será que eu tô incorporada mesmo?" Porque eu tinha muito amor, eu falei, às vezes o amor exagerado pode levar a isso, a pensar que tá incorporado e não tá. Ai eu conversava com esse Dr. Michael e ele falava assim: "Filha, não faça isso, isso é pecado. As suas entidades são maravilhosas, elas estão trabalhando para ajudar as pessoas. O dia que você parar de duvidar de você mesmo... mas ainda você vai ver muita coisa que você vai acreditar em você mesma". (M.N.M.: 338)

Exatamente. Essa é uma questão, uma pergunta que tá na cabeça de qualquer filho que começa: sou eu ou é o quê? Entendeu? Porque a incorporação, a princípio, ela é muito duvidosa, sabe. Todo mundo que passa por isso sabe. Ela é duvidosa, entendeu. Cê só vai conhecer o que é incorporação depois de algum tempo, de alguns anos, sabe, de incorporação, de trabalhos é que você vai entender melhor a incorporação. (R.C.L.M.: 413)

Às vezes, a princípio, até ouvia muito, eu até comentava com a Mãe R., que eu tinha.. eu queria realmente saber se eu tava incorporada porque eu ouvia as pessoas falando comigo, eu ouvia o que eu falava, porque eu achava que eu falava. Então eu tinha medo de eu estar fingindo, de aquilo ser uma criação minha, uma coisa da minha cabeça. Eu tive muita dificuldade com isso. Até que depois eu comecei a cambonear a entidade da Mãe N., e ela passou a me contar o que acontecia. Porque ela fala que ela é médium consciente. (R.M.S.: 977)

Então, porque é complicado você... quando você começa a receber, você, de certa forma atrapalha os pensamentos. Vamos dizer assim: eu tô incorporando, eu sei que é... Não é eu, mas ao mesmo tempo fica com aquela sua metade da entidade e você. (V.A.S.: 1219)

A dúvida pela consciência durante a incorporação pode ser superada por meio de outras experiências que mostram o domínio das entidades, não apenas sobre as atividades motoras das médiuns, mas sobre o tipo específico de comportamento realizado. O

comportamento das entidades nem sempre combina com o dos seus *cavalos*¹². Há médiuns que não fumam e sentem repugnância ao tabaco. Mas suas entidades fumam cigarro, cigarro de palha, charuto, cachimbo. Há médiuns que não toleram bebidas alcoólicas, apesar de suas entidades beberem grandes quantidades desse tipo de bebida. Há médiuns que se julgam introvertidas, envergonhadas e tímidas, incapazes de dançar e gritar em público como fazem suas entidades.

Ela é bem ousada. Assim, pela roupa dela, que ela me mostrou ela é bem ousada, muito, muito, muito... É toda de renda, é toda rendada. Então, assim, eu jamais usaria uma roupa assim, me vestiria desse jeito. Jamais. (F.S.: 99)

É, eu sou médium consciente. Eu vejo, assim, e escuto, mas eu sei que eu e minha consciência não fariam certas coisas. Eu vejo a entidade dançando. Eu jamais... eu sou tímida, eu morro de vergonha... eu jamais iria sair no meio do terreiro dançando. Eu tenho a maior vergonha, sabe. Eu sou assim, muito tímida. Eu não gosto de me expressar, eu não gosto de... quando tem muita gente eu gosto de ficar escondidinha, ali. E eu acho que eu, na minha consciência, eu jamais faria uma coisa dessas. Então eu acho, assim... eu escuto, eu vejo, mas eu não consigo controlar, entendeu. Acho que é uma coisa que eu não tenho controle. (I.M.F.L.: 184)

Eu outra coisa, meu Baiano que toma um litro de batida de coco, eu não tomo uma gota e fuma, fuma, fuma e eu odeio cigarro. Eles vão embora e eu não sinto nada. (M.E.O.: 299)

Mas olha, eu me preparei tanto aquele dia... o senhor não sabe nem o que aconteceu aquele dia... a mulher dele entrou... mas falou tanta coisa... eu não me lembro qual era o trabalho, não me lembro qual era a entidade que foi... eu sei que ela falou tanta coisa, mas tanta coisa, brigou, sabe e discutiu lá no meio da assistência... assim de gente... aquele dia foi uma prova tão grande que eu estava incorporada e a entidade falando, assim, tão suave, normal e eu não fiz nenhum gesto pra mostrar que a M.N. tava ali. Já tinha discutido com o R. lá dentro, a moça veio e discute com a entidade, na frente de todo mundo. É uma prova. (M.N.M.: 352)

A entidade bebe e eu não fico de fogo. E tem uns que bebem bem, coisa que eu não conseguiria. (R.L.M.: 905)

... porque assim, eu sou muito tímida, eu não gosto de dançar, eu não tenho vício de beber, eu não fumo e as minhas entidades, algumas fumam, outra bebem, outras dançam e muito, coisa que jamais eu faria. Eu gosto muito da minha Baiana porque ela se solta muito. Eu passei a acreditar, a confiar neles justamente pela minha Baiana, pelas atitudes dela, são atitudes que eu jamais faria. São coisa que eu não faria jamais. São coisas assim, que ela vem e dança, ela conversa e eu sou tímida... dançar assim é muito raro. Eu participo muito das festas do centro, mas sempre no meu canto, sou muito reservada, às vezes brinco com um com outro com quem eu tenho mais intimidade, mas também não são todos. Então, aí foi nessas atitudes das entidades que eu passei a ter certeza, porque até então eu achava que era coisa da minha cabeça, que eu imaginava outra coisa, não sei dizer o quê, mas eu imaginava que fosse

¹² Termo usado para designar os médiuns de incorporação na Umbanda.

diferente, que desligasse, que a pessoa, a partir do momento que incorporou, a pessoa não visse mais nada. (R.M.S.: 979)

Não, não fumo e não bebo. Se eu beber um pouco eu fico de fogo, sou muito fraca pra bebida. As entidades bebem e eu não sinto nada. Tem o meu Exu que ele bebe, ele bebe pinga e tem a minha moça, que também é de esquerda, que bebe champanhe. Eu, normalmente, não tenho costume de beber nada. Eu se eu tomo uma cerveja, ou meia cerveja, que seja, eu já fico alegre. (R.M.S.: 981)

Línguas diferentes, roupa diferente. Eu odeio vermelho. Eu não suporto vermelho, mas a Cigana gosta, a minha Pombo Gira gosta. Odeio batom vermelho. Eu não fumo. Só o cheiro do cigarro me faz mal. E ela fuma um atrás do outro. Eu não bebo. Bebo só refrigerante e olhe lá! Depende do refrigerante. Eles bebem... (V.A.S.: 1225)

Bebe! Uísque... Eu odeio. Se você me oferecer um uísque, eu só coloco a minha língua e se eu sentir ainda... eu ainda jogo fora! Então é coisa que você fica, assim, surpresa, coisas que não têm nada a ver com você. É... Eles tomam um atrás do outro, um atrás do outro. E não te deixam tontinha de maneira nenhuma. A minha Pombo Gira, ela toma uma garrafa inteira de champagne. Eu, eu tomo assim, um copo desse assim, eu já fico morrendo de sono. Sou fraquíssima pra bebida. E ela toma pá, pá pá! Fuma um atrás do outro. Quando eu vou ver, aquele gosto de cigarro na boca, quando eu vou ver, a garrafa vazia. Eu falei: "Ela tomou tudo isso?" "Tomou!" Você não sai tonta. É como se eles levassem aquele alcoolismo com eles pra não deixar você passar mal. A entidade da R.L.M., por exemplo, toma é... aquela pinga... Como é o nome daquela pinga? É 51! Vira todinha! Quem disse que ela sai tonta? Não sai. O Exú do R.C.L.M., ele toma vodka... Vodka não! Mintol! Uísque. Ele toma um uísque inteirinho... Aqueles Old... (V.A.S.: 1227)

Isso. Eu tive certeza quando era a Cabocla, por exemplo, na hora de gritar aquele grito de guerra. De vim e você gritar daquela maneira, e você pular... porque no começo a gente não tem muito equilíbrio ainda, muita firmeza, então seu corpo pesa muito. Então, até que se sente as pernas doer, tudo, por causa da maneira que ele vem, muito forte. Então, quando a Cabocla gritou o grito de Caboclo aí eu disse: "Jamais que ia fazer um negócio desse. Não tem condições de eu fazer um negócio desses". Até aí eu tinha dúvida. (Z.C.S.: 1388)

Essas coisas assim, e outras coisas que acontecem mais. Por exemplo, palavras que vêm na sua boca ou vêm na tua mente. A voz muda completamente. A sua voz muda, a sua maneira de andar, a sua maneira de pronunciar as palavras, palavras difícil. Língua, por exemplo, de um Caboclo, é muito difícil de entender. Eu não sei falar inglês, eu não sei falar língua nenhuma. E você fala de uma maneira que não tem condição de ser você. É isso que dá certeza. (Z.C.S.: 1390)

O meu Baiano... Não é bastante. Eles bebem uns... eles colocam assim, no máximo, uns três copinhos desse, às vezes, quando é festa, que eles extrapolam. E fumar, coisa que eu não aguento. Inclusive eu até ia falar pra eles deixar a cambona explicar pra eles que pode deixar um cigarrinho aceso ali, ou em casa, pra não fumar, porque é uma coisa. Mas, aí eu fico pensando "Se é ele, por que é que eu não vou deixar ele fumar?" (S.R.O.G.: 1902)

Fica. O cheiro na mão... A bebida não. Bebida, bebe... O meu Marinheiro tomou, a última vez, um Martini inteiro e quente, né, que a gente não deixa gelado. Tranqüila. (S.R.O.G.: 1094)

E eu não bebo dois dedos de champanhe que eu fico tontinha (risos). E as entidades bem bastante. (Z.C.S.: 1380)

Outras experiências são ainda mais significativas para as médiuns. As entidades possuem conhecimentos especializados aos quais as médiuns jamais foram sequer iniciadas, como por exemplo, o nome e as funções de determinadas ervas, ou de cantar músicas que alegam nunca terem aprendido.

Depois teve uma gira de Boaideiro, uma Festa de Boaideiro...E o Boaideiro do R. disse: "O Boaideiro que souber seu ponto pode cantar". Aí, ninguém se mexeu. Aí, de novo: "O Boaideiro que souber seu ponto pode cantar". Aí o meu Boaideiro... eu falou que é enxerido (risos)... saiu e falou: "Boaideiro não tem medo. Boaideiro sabe o ponto. Boaideiro sabe da onde veio. Boaideiro vai cantar". Cantou um ponto lá e eu: "Meu Deus do céu, que vergonha". Ele cantou o ponto, o R. mandou escrever ponto, bonitinho. Então eu digo: "Então é eu que tô incorporada". Porque ainda mais festa, no tempo do Pai D.... (M.E.O.: 293)

Tem vezes que cê tá incorporado e cê fala... mas o seu Caboclo te mostra que ele tá ali, pelas ações, pela maneira dele agir, pela maneira dele falar, pela maneira que ele da o passe na pessoa, te da um banho, uma erva... Eu não conheço erva nenhuma. E ele te passa uma erva que eu nem sei de onde vem. Diz daonde tem o pé que ele pode até ir buscar. Então cê fala realmente eu tô incorporada, né. Mas até chegar você ter essa noção, e muito difícil. (S.R.O.G.: 1036)

Há entidades que teriam a capacidade de conhecer fatos da vida de seus consulentes aos quais os médiuns jamais teriam tido acesso, mas que se mostram acertados.

...Não é dia dessa linha, mas eu posso trazer, pedir, né, licença pra entidade e eu trago essa linha, essa entidade pra o senhor conversar com ela". E nesse caso, essa pessoa tava com um tumor no cérebro, não sabia e operou a tempo, porque a entidade disse a ele. (R.C.L.M.: 460)

Ele foi fazer exame? (W.Z.: 461)

Ele foi. E eu não sabia... Não sabia nem do que se tratava! Ele foi, fez o exame, fez a operação, depois é que ele voltou pra agradecer, que já tava se recuperando... (R.C.L.M.: 462)

... Isso acontece muito também. Aquelas pessoas que até tem um poder mental muito grande, entendeu, de transmitir aquilo que ela tá pensando, sabe, a entidade capta facilmente. Quando existe uma entidade, ela capta muito facilmente. E de repente, eu já vi muitos casos da entidade parar de dar passe e mandar recado lá pra fora. "Se o senhor tá com algum problema assim, assim, assado, o senhor espere sua vez pra depois o senhor ser atendido". Entendeu? É a pessoa, tipo, olhar pra um lado, olhar pro outro, né, tipo assim, "Caraca! É comigo, né!" Existe muito. A entidade às vezes sai lá de dentro da gira, sentar do lado da pessoa e dizer: "Olha, é isso, isso... já que o senhor tá com tanta pressal Depois o senhor vá lá e tome o seu passe. Eu só vim lhe responder isso". Entendeu? Acontece muito também. Sabe, é uma coisa assim, até certo ponto, pra quem não vivencia isso, meio complicada. Como é que... de que forma... Mas é legal. (R.C.L.M.: 466)

Alguns desses fatos estariam relacionados a eventos futuros, desconhecidos por quaisquer pessoas.

Tem muitas coisas que já foram ditas que eu nem pensava que ia acontecer e, no passado, já aconteceram. Uma entidade de outras meninas, de outras meninas da casa, coisas assim que eu disse: "Meu Deus, não pode ser verdade, não tá acontecendo!" E já aconteceram. "Por que que eu fui duvidar?" Por exemplo, com relação ao pai do meu filho. Tudo que realmente eles falavam lá eu vi tudo depois, tudo, tudo que eles falavam lá, o jeito de ser, a maneira, o que ele imaginava, o que ele queria fazer, o que ele pensava em fazer, no passar do tempo foi acontecendo tudo, tudo, tudo. (L.S.: 272)

Pra contar um bem rápido. A gente tem uma lanchonete em Pinheiros. É um ponto bom, mas é um ponto com muita ruim, de bêbado, de mulher da vida. Em cima mesmo tem uma boate de mulher da vida. Quando nós compramos tinha muito traficante. Inclusive o ponto da gente, tinha um que fazia ponto na nossa lanchonete. Ai a gente comprou lá e meu marido é uma pessoa muito forte. Pode ter medo mas ele não se entrega. Eu sei que ele espantou todo mundo... traficante saiu de lá... bêbados... máquinas de som... mulher da vida... Limpo a área e dos vizinhos. Tinha um perueiro lá que foi preso. E eu sempre falei pro meu marido: "Cê não fica falando mais porque não é bom, cê sabe como é bandido". O cara foi preso e teve um boato que foi meu marido que mando prender o cara. Mas não foi. Ele foi preso porque pegaram ele com a mão cheia. Tava com um ano. Ai, quando foi ontem à noite, eu não sonhei, porque tem coisa que e vejo. Minha filha, cinco e meia passou pra tomar banho. Eu vi ela passando pra ir pro banheiro. Naquele meio que ela passou pro banheiro, eu vi o cara lá na porta do nosso bar. Entrou, tomou café e eu olhei e falei assim: "Esse é o cara que tava preso. Ele já foi solto". Foi no meio, eu dormindo e acordada, foi mais ou menos assim. Quando a menina voltou do banheiro que era pra eu tomar banho, foi quando eu falei: "Esse cara tava na cadeia e foi solto". Levantei e contei pra minha filha. E ela: "Tem que prevenir, porque se esse cara for solto e cair nos ouvidos dele que o pessoal que fala que foi o meu pai que mandou..." Ai nós fomos trabalhar e outro perueiro que trabalha lá porta, encostou num velho ali e falou: "Vem cá, e fulano? Como é que tá ele na cadeia?" Ai o cara falou assim: "Ontem foi o julgamento dele. Ele pegou quatro anos". Quer dizer, cê tem que interpretar. O que eu vi veio avisar que podia ficar despreocupado que ele foi condenado quatro anos de cadeia, que por esse tempo ele não vai tá na área. Cê vê, eu achei impressionante. E eu falei pro meu marido, pra prevenir meu marido: "Cê toma cuidado, ou esse cara vai sair da cadeia ou ele vai sair". E depois de meia hora um pergunta pro outro e o outro diz isso! Quer dizer, vieram me avisar. E outros casos da minha sogra. A minha sogra, vira e mexe eu falo com ela... Ela tem dez anos que faleceu. E ela já veio... meu marido tem uma questão na justiça... vai fazer dez anos agora, essa questão... e aí teve um tempo que teve um rolo danado que praticamente ele estava quase ganhando, foi a última vez que ele estava praticamente ganhando essa causa... porque as outras todas a gente tem ganho... Ai ela veio no meu sonho e disse: "Olha, cê fala pro F. Não se preocupar que ele não vai perder essa questão. E outra vão pegar tudo que a mulher tem". Ai, uma semana depois o advogado descobriu o último apartamento que eles têm, no Guarujá, que vale quatrocentos e cinquenta mil esse apartamento... tá empenhorado, tá bloqueado todas as contas da mulher, tá casa, apartamento... porque tá em meio milhão de reais esse dinheiro aí... tá dizendo ela que até o fim do ano a gente recebe... eu tô rezando pra receber (risos)... E ela veio falar: "Vai reverter"... desse jeito mesmo... "... e vocês vão pegar esse dinheiro e a advogada vai guardar tudo, vai tomar tudo que eles têm". Uma semana depois tava tudo com a advogada, bloqueado tudo, tudo. Estamos só esperando o juiz dá... Então é muita coisa assim. Eu tive previsão de morte... à noite. Quando foi de manhã ligaram de Fortaleza que o irmão dele tinha sido esfaqueado. Eu sonhei ele indo pra uma festa. Quando ele chegava lá na festa, vinha uma pessoa bem alta, pele bem... morenã, alto, e chegava e falava assim: "Olha, tira seu cunhado daqui porque senão ele não vai voltar pra casa hoje". Ai eu dizia: "Mas como eu vou tirar ele da festa se ele tá brincando, dançando..." e ele: "Eu tô avisando pra você. Se não tiver você vai ver". Ai,

quando foi de manhãzinha, o meu marido foi trabalhar e eu fui passar a roupa. Aí eu falei pra ele: "F. eu não sei não, ontem sonhei uma coisa ruim com o E., viu! Eu não acho que vai ser boa coisa não". Porque esse irmão dele gostava de beber, de farra, de folia. Aí quando foi de noite, dez horas da noite ligaram de Tauá, do Ceará, falando que na hora da saída da festa o cara deu sete facadas nele. Caiu durinho. Na festa, parece que mexeu com a namorada do cara e aí... a namorada do cara... porque hoje em dia essas mulher também é fogo, né... deu bola pra ele, deixou o antigo namorado, ficou colada nele e quando foi na saída o cara esperou ele... deu sete facadas nele, morreu na hora, não teve salvação. (M.E.O.: 285)

E eu tinha pedido licença pro Pai R. porque a gente entrou na sexta-feira e iamos ficar o final de semana e eu tinha pedido licença pro Pai R. pra poder sair todos os dias pra poder visitar minha mãe, que ela tava internada. (...) E eu fui, fui levar meu filho até em casa e cheguei em casa e falei pro meu pai que eu não ia visitar a minha mãe. Meu pai falou: "Por que?" "Ah, pai, não vou e ela tá sempre do mesmo jeito, então não vou mais". E, durante todo o tratamento da minha mãe eu nunca fiquei de visitar a minha mãe um dia. Aí meu pai falou: "Vai, porque se você não for ela vai ficar sem visita". Aí eu falei: "Ah, meu Deus, o que eu vou fazer?"... e sentei um pouquinho e me atrasei dez minutos, porque eu chegava no hospital sempre dez para as duas e nesse dia eu cheguei no hospital era duas horas. O pessoal já tinha subido pra visita. E a hora que eu cheguei, a minha mãe tinha acabado de falecer. A minha mãe tinha falecido as dez para as duas da tarde. E assim, eu freqüentava o centro e sempre pedi muito pras entidades da Mãe R., e eu pedia pra todas, que me ajudassem muito que eu não queria ver a minha mãe morrer. Achava que, pra mim, iria ser inesquecível, iria ser assim uma coisa que eu não iria suportar. E eu tinha conversado, no sábado, com a Cabocla da Mãe R.... um sábado antes, aliás, e ela falou pra mim, eu pedi pra ela me ajudar, que me minha mãe tava internada, que ela fizesse o possível pela minha mãe. E ela disse assim: "Olha, minha filha, tem coisas na vida da gente que não se pode mudar. E vai acontecer o que tiver que acontecer". Naquela hora eu senti que a minha mãe não ia viver muito, sabe. (...) eu pedi a Deus naquele dia que levasse ela porque ela tava sofrendo muito, ela chorava, ela gritava, ela tava vegetando, não conhecia mais a gente. (R.M.S.: 981)

Isso e foi se consultar. Aí a entidade deixou na minha mente onde que ela tava e os passos que ela tava convivendo, o perigo que ela tava vivendo. E tudo que ela falou a minha irmã falou pra mim e também ficou na minha mente. Até o momento que minha irmã não acreditou. Aí, ela não acreditou e depois de uma semana, ela tava em casa, e a mesma entidade veio no meu ouvido e ficou falando: "Liga pra ela, avisa ela". Aconteceu que a minha irmã tava chegando em casa com o marido dela e dois caras pegaram eles dentro do carro e seqüestraram o meu cunhado e foi isso que a entidade pediu pra ela tomar cuidado... com assalto e com pessoas amigas mesmo, pessoas que eram da convivência deles. E meu cunhado já tinha percebido... depois que aconteceu que meu cunhado falou... que já tinha desconfiado de dois rapazes seguindo ele, mas que ele não levou a sério. Foi assaltado dentro de casa, na hora que tava abrindo a garagem. Eles entraram e roubaram. (Z.C.S.: 1392)

O do meu irmão eu sabia que ele ia ser morto porque vieram me falar: "Se prepara, você vai perder uma pessoa muito querida"... e quem falou foi a Criança. "Você se prepare e avise suas irmãs, que você vai perder o seu irmão. A gente tentou de todas as maneiras ajudá-lo, mas ele não teve saída. Não tem mais saída. "E vai acontecer no período de sete meses". Em sete meses meu irmão faleceu. (...) Eu falei: "Eu não tô ficando louca eu só tô lhe falando o que tão me falando... Vai acontecer que ele vai entrar numa encrenca e vão pegar ele numa armadilha. E tem a ver com mulher e carro". E realmente aconteceu... com sete meses. (...) Aí, nessa dança aí... quando foi 4 horas da manhã, de 3 e meia pra 4 horas, eles vieram e me falaram assim: "Você tem que descansar". (...) Mandei todo mundo embora, pedi desculpas, e todo mundo foi embora. Nisso daí, que todo mundo foi embora, aí eu deitei. 4 e meia, 5 horas da manhã o

telefone toca lá em casa. Mataram ele 5 hora, 5 e 10 da manhã. E aí a gente ficou... na hora que falaram que mataram... foi exatamente do jeito que eu falei. Ele tinha uma namorada, a namorada dele chamou ele pra ir no bar... ele disse que não ia, não ia, não ia. "Não, vem, vem". Quando chegou lá ficaram até 5 horas da manhã, sentado os quatro: ele e um amigo, ela e um primo. Aí foi quando ela levantou falou assim que ia embora. Levantou e o rapaz ficou com meu irmão. E o amigo do meu irmão tinha saído pra ir ao toalete. Aí ele levantou pra cumprimentar meu irmão, pra dizer assim: "Feliz ano novo". Ele levantou, já tava com a arma na mão... embaixo da mesa... Deu um tiro na garganta e quando ele caiu deu outro no ouvido. E tinha um rolo de um carro, que ela tinha comprado com ele e que ela queria... que meu irmão era casado, tinha essa namorada... ela queria que meu irmão se separasse pra ficar com ela e meu irmão disse que não ia se separar... eles tinham acabado de comprar um carro juntos. Quê que ela fez? O primo era apaixonado por ela e aí ela usou o primo pra matar ele. E aconteceu do jeitinho eu contei pra minha irmã. Aí, 5 horas da manhã, 5 e meia mais ou menos, minha irmã me liga desesperada falando o que aconteceu. Ela falou assim: "Acabou" "Mas acabou o quê?" "Acabou tudo" "Tudo o quê?" Ela falou assim: "Do jeito que você falou". E até aí eu não conseguia lembrar, apaguei tudo que tinha falado... que me falaram. E aí ela falou: "É o nosso irmão... acabaram de.. acabou de falecer" Do jeitinho que eles tinham falado. (Z.C.S.: 1400 a 1408)

Haveria outros eventos, não ligados ao momento da incorporação, que mostrariam aos médiuns, segundo suas interpretações, a realidade da "espiritualidade"³³, solidificando ainda mais a crença de que os espíritos os habitariam. Há narrativas de "experiências fora do corpo"³⁴, "experiências de paralisia do sono"³⁵ acompanhadas de visões das entidades, "experiências de percepção extra-sensorial"³⁶, dentre outras "experiências anômalas"³⁷. Estas experiências representam para os médiuns uma prova direta da espiritualidade e indireta de que, de fato, suas entidades podem se manifestar na incorporação. São experiências muitas vezes compartilhadas, em que, por exemplo, uma informação adquirida de maneira

³³ Este termo é empregado pelos membros do grupo como sinônimo de "mundo espiritual", mundo em que habitam os espíritos dos mortos.

³⁴ Sensação de que a consciência está afastada geograficamente do corpo, durante a qual o sujeito pode ver seu próprio corpo de uma outra localização, como por exemplo, do teto do quarto em que se encontra.

³⁵ A paralisia do sono é caracterizada como uma parassonia, um distúrbio do sono, em que o sujeito está desperto mas não pode se mover.

³⁶ Experiências que teriam como característica a aquisição de informações a respeito de eventos por mecanismos outros que os sensoriais. Tratam-se, geralmente, de informações que dão a conhecer algo desagradável (como acidentes e mortes) que se passa à distância, tanto no tempo quanto no espaço, por meio de sonhos, alucinações e intuições (conhecimento súbito).

³⁷ Termo que tem se tornado corrente desde a publicação do livro "Anomalistic Psychology", de Zusne e Jones (1980, 1989). Mais recentemente, em 2000, a *American Psychological Association* publicou outro livro de mesma temática, "Varieties of Anomalous Experience", editado por Cardenã, Lynn e Kruppner. Em ambos os livros o termo "anomalia" designa experiências para as quais não há interpretações teóricas suficientes no presente momento.

“anômala” é contada a alguém que pode testemunhar sua veracidade no futuro. Isto aumenta ainda mais seu poder persuasivo.

Você tem sensações boas e ruins, porque é meio estranho você estar semiconsciente, vamos dizer assim, que você já não tem domínio do corpo, você acha que tá vendo alguma coisa, você acha que tá ouvindo o outro, né. Então, de repente você se vê, como se você tivesse no teto, deitado no teto, de barriga pra baixo, olhando você lá embaixo, entendeu, mas sem saber... Você tá vendo o seu corpo, mas não vê a sua fisionomia. Essas sensações eu tive. (R.C.L.M.: 409)

Era meia noite e quinze. Exatamente meia noite e quinze. E eu tava muito ofegante, sabe, respirando sabe, forte assim, de repente eu falei: "Pô, será que é falta de ar, alguma coisa?" Mas não tava aquela falta de ar. E eu não conseguia me mexer. Eu tava completamente parado, sabe, assim, estático sei lá qual nome possa dar. Eu lembro que eu tava de lado, deitado de lado, com a parte esquerda pra baixo, virado pra porta do meu quarto, que hoje é o quarto da minha irmã, que da de cara pra rua, né, pra porta da rua. E eu não conseguia me mexer de jeito algum. Ai, nisso foi se passando o tempo. Eu, respirando forte, eu não conseguia falar, não conseguia gritar, não conseguia fazer nada. Eu falei: "Mas que coisa, né. Tem alguém pra querer aparecer?" Que eu sempre fui tirador de sarro. Eu falei: "Tem alguém pra aparecer? Aparece logo porque não é brincadeira, meu, meia noite e quinze, pô. Eu não consigo me mexer, tô respirando mal. É recado, meu amigo, vem me dar o recado logo, porque não da, não é por aí, não,.". E aquilo ficava aquele incomodo. Isso eu via, me permitia, posso dizer assim, ver as horas se passando. Aquilo foi indo, passava-se minutos, tal, tal, tal e eu não conseguia me mexer. De repente, eu senti a presença de alguma coisa, vamos dizer assim, do meu lado. Ele falou: "Você não é cheio de ficar brincando? cê não tá brincando? então, agora nós vamos levar a sério. Eu vou lhe pegar". Eu falei: "Vai pegar o que, rapaz! Que é que tá falando? Deixa eu te ver! Deixa eu te ver, já que cê tá falando...". Isso eu falava como se eu tivesse falando normal aqui com você, mas eu falava mentalmente, porque eu não conseguia mexer a boca. Eu percebia que eu não mexia a boca e não conseguia me mexer de jeito nenhum. (...) Com som. Com som. Com som. Era, praticamente como se eu tivesse conversando aqui com você. E eu falava "Mas não é possível! Como é que posso falar, né, ouvindo minha voz nitidamente, sabendo que eu não estou falando?" Mentalmente te escutando: "Não, você não fica brincando sempre? você não acha que todo mundo é doido, que não sei o quê? Eu vou lhe pegar". Ai, eu sentia uma senhora de uma mão, entendeu, querendo pegar a perna. Aquela sensação, sabe quando a pessoa tá bem perto de você, que nem te pega, nem, sabe, e nem tira a mão? Aquilo eu senti a sensação... Ai eu começava... Eu fiquei relutando, né, com aquela angustia de ficar parado, foi na hora que, não sei se liberaram ou não, né - acredito que liberaram, né porque era tudo uma questão de provar, né, que existia coisa - eu mexi com a mão direita. Ai eu peguei num tamanho dum braço, meu amigo, que num tinha... Cê num sente o osso. Cê sente músculo mas não sente osso, de pegar com a mão aberta, assim. Sabia que eu tava pegando aquilo e aquilo cutucava a minha perna, sabe. A mão cutucava a minha perna e eu segurando aqui. Ai, eu falei: "Ah, meu amigo, seguinte: se você vai aprontar alguma coisa, cê não vai ter força pra ganhar de mim". E eu, maior boca dura, eu brigando com aquilo, né, e aquilo foi indo. Foi indo, foi indo, já era mais de duas horas. Cê vê, meia noite e quinze... (...) Olha, rapaz, e eu sentia que eu tava sem força nenhuma, né. Não tinha como mexer. Eu só conseguia pegar no braço dele, eu apertava com tudo aquilo que eu tinha de força naquela mão, que era a mão direita, pegando nele, no braço esquerdo dele. E ele: "Não, que eu vou te pegar! Que eu vou te pegar!" É aquela... sabe, aquela agonia de saber que cê não tá falando com a boca, você não conseguir gritar, você não conseguir se mexer alem da mão. Ai, o que eu fiz? Ai eu chamei por uma entidade minha, aliás, por duas entidades minhas, né. Eu tenho uma entidade que eu tenho, assim, um senhor carinho, que foi o Tiriri, né, que é o meu Exu, é o Pai Pedro, que é o meu Preto Velho. Eu falei: "Se não der aqui, eu vou ter que chamar socorro, né". Ai eu falei: "Tiriri, Pai Pedro, da uma mão aqui que eu não sei o que é que tá

acontecendo". Ai veio um facho de luz branca, ambas as luzes eram brancas, veio de fora, entrando pela porta da sala, e a outra veio como se tivesse vindo do terreiro, entrando pela janela, tá entendendo. Na hora em que as duas se juntaram em cima de mim, eu cai pro lado. Eram três e quinze. Foram três horas, assim, de agonia constante. Ai bateu aquela luz branca, assim, em cima de mim. Ai, sumiu e eu puff! Cai de lado, né, ai eu levantei, né. Ai eu falei: "Isso é sonho, não é possível! Isso deve ser sonho". Eu levantei, né, porque eu falei: "Eu vou olhar em outro relógio". Porque você tá ali, se você tá achando que é sonho aquela loucura toda, você não vai acredita naquilo ali, né. E eu levantei e olhei pra tudo quanto é lugar, porque eu tava sozinho em casa. Eu peguei meu relógio de pulso. Era três e quinze. Peguei o outro, era três e quinze. Ou seja, até cê chegar na sala, três e dezesseis, ou seja, todos estavam de acordo com o horário. (R.C.L.M.: 424 a 429)

As vezes, comigo acontece muito... as vezes eu escuto nitidamente: 'vai fazer tal coisa... vai fazer'. Se quer ver uma assim que eu me lembro assim, que é muito claro. Foi quando meu marido teve o derrame... eu... eu ia pra casa da minha mãe de chinelo... eu morava um pouquinho mais ali pra baixo, tinha que subir umas ruas e eu ia de chinelo mesmo. Eu falei: 'não vou bota sapato nada, eu vô de chinelo'. Ai eu escutei assim: 'Não vai de chinelo, não, que é muito feio. Vai de sapato. Não vai de chinelo que é muito feio. Vai de sapato.' E repetindo isso e eu disse: 'Ah, tá bom!' Eu cheguei a responder, sabe: 'Tá bom!' Ai eu coloquei o sapato.(...) E eu sempre deixava o chinelo na porta da sala, na porta de entrada da casa... e nesse dia ficou no meu quarto. Ainda vim pra gira... tudo, voltei pra casa, ai dei um lanche pras meninas... elas foram pro quarto delas... eu ia fazer chocolate que eu ia fazer ovo de Páscoa naquele dia... ai o sapato tava me apertando... falei: 'Eu vou por o meu chinelo'... ai tava no quarto... ai foi quando eu bati na porta e ele já tava caído lá... agora se imagina se eu tivesse ido de chinelo... eu não ia subir... lá pro quarto... e ele caiu atrás da porta e ficou travado entre a porta e a cama... ele prendeu assim e a chave tava virada, porque ele tava tentando abrir e virou a chave e trancou. (...) Imagina, se não tivesse me avisado... isso foi um aviso. (...) É, eles me ajudam... graças a Deus me ajudam muito. Porque eles não podem, assim, evitar que aconteça, mas... ele teve o derrame e ele poderia ter morrido sem socorro, né. (R.L.M. 917 a 929)

As razões que levaram as médiuns à Umbanda são variadas. Na maioria das vezes deveu-se à busca para a resolução de um problema pessoal ou familiar.

[Por que procurou o terreiro?] Acho que é porque eu tava desiludida do amor. Eu sofri muito por causa do meu filho, né. Ai as meninas falavam "Vai lá que eles ajudam, você vai melhorar." Ai realmente eu consegui, melhorei bastante. Chegou um dia da minha vida que eu fiquei assim "Mas pra que essa droga de vida? Essa vida pra quê se a pessoa que eu amo me despreza tanto, não gosta nem um pouquinho de mim, nem com um filho dele na barriga essa pessoa tá pouco se lixando pra mim." Eu disse: "Ó, quer saber de uma coisa? Eu vou lá." Já tava desiludida, já. Muito triste. Ai, quando chegava aí, eles começaram falando coisas boas, coisas bonitas, me levantando pra cima, sabe? Eu sentia tão em paz, me sentia tão bem com aquelas palavras lindas que eles falavam pra mim. Ai eu voltei assim realizada. (L.S.: 227)

Eu apagava na escola. Quando eu ia ver eu já tava em casa. A molecada me levava me arrastando pela rua. Eu chegava com a perna toda esfolada, o braço esfolado... porque eles não R.L.M: Ah, ai podia ficar! Eles deixavam a gente ficar. E eu gostava muito de brincar de imitar. Ah, eu fazia gira com as minhas amigas. Eu tava sempre fazendo essas coisas, eu era terrível. Ai, na casa que a minha vô morava, lá na rua, tinha um centro, às vezes eu ia lá espia. Mas eu era danada. Porque não tinha medo. Como eu nasci ali eu não tinha medo nenhum. Eu... eu ficava brincando com isso enquanto eu era pequena. Ai, quando eu tinha dezesseis anos...ai eu comecei a mediunidade. Eu apagava na escola. Quando

eu ia ver eu já tava em casa. A molecada me levava me arrastando pela rua. Eu chegava com a perna toda esfolada, o braço esfolado... porque eles não agüentavam carregar e me arrastavam pela rua. Sorte que a escola era perto, senão chegava só a cabeça em casa. Ai eu comecei, com dezesseis anos. (R.L.M: 799)

Aí minha mãe teve um problema de saúde, teve um derrame e aí a gente recorre a tudo. A gente vai à Igreja Católica, a gente vai a igreja de crente, onde disserem pra você que tá curando você vai atrás. E eu freqüentei muito, eu ia em Igreja Católica, freqüentei mais ou menos uns dois anos a Igreja Batista. Depois, através de uma médium da casa, ela sempre me convidava, ela trabalhava comigo e sempre me convidava, "vamo lá, vamo lá". E eu sempre fugindo, fugindo. Ai eu resolvi vir, ela falou pra mim: "Ah, vai ter uma Festa de Cigano, vamos" "Vamos!" Eu vim. Depois tive mil problemas e não pude vir, até que um dia eu resolvi: Ah, eu vou, vou ver". Ai eu fui, comecei a freqüentar e minha mãe com problema de saúde... minha mãe teve uma boa melhora depois que eu comecei a freqüentar ai. Meu pai também bebia muito. Então eu comecei a freqüentar e ela começou a ter melhoras. Meu pai, depois, com o tempo, também começou a freqüentar também... freqüenta até hoje... aí até que.. é lógico, a situação dela se agravou devido ao derrame e ela acabou falecendo, mas isso porque chegou a hora dela mesmo. Meu pai continua freqüentando. Depois que ele começou a freqüentar ele parou de beber, graças a Deus... (R.M.S. 965)

No contato com as entidades, há a descoberta de que a pessoa é um médium.

Geralmente as entidades sugerem que a pessoa comece a trabalhar sua mediunidade.

Eu não conseguia mais, quando eu ficava na assistência, eu não conseguia mais me controlar, me segurar. As minhas entidades, eles exigiam de mim, queriam que eu entrasse. (...) O que a gente começava a sentir... uma sensação de chora, a gente quer chorar, aquela emoção muito grande. E a vontade que a gente tem é de entrar lá pra dentro. E se a gente vem embora pra casa, eu começava até a passar mal. Entrava no ônibus, a gente ia mal, minha vontade que eu tinha era de voltar. Roupa preta, eu usava roupa preta, nem pensar... a gente tinha vontade de tirar toda a roupa de cima de mim. Numa gira de Preto Velho, então, se eu fosse com uma roupa escura, eu sentia vontade de tirar toda a roupa. Que eu queria uma roupa branca, queria uma roupa branca e começava a chorar. Ai, eu tinha que por roupa branca. Eu tinha que entrar. Minha sensação era de angústia, sabe, uma coisa muito ruim que a gente sente. Era uma coisa que tava contrariando a gente, gente não queria aquilo, mas tinha uma força maior que queria que a gente fizesse. E quando era gira de esquerda eu não podia por uma roupa branca de jeito nenhum, de jeito nenhum, porque a minha Pombo Gira era queria que eu tivesse de outra maneira, nunca de roupa branca. Ela sentia vontade de rasgar toda a roupa. Eu não podia ficar ali de jeito nenhum, começava a chorar, chorar e tremia. Eu tinha que entrar lá pra dentro. Isso aconteceu depois de uns três anos que eu tava na assistência eu não conseguia me segurar. As próprias entidades que eu tava passe falavam que o meu lugar era lá dentro... as minhas próprias entidades tavam exigindo isso de mim. Então, tava na minha hora de vestir a minha roupa branca e mudar de lado, que meu lugar era do lado de lá. Então, quando eu tava tomando passe a minha entidade vinha, eu incorporava. Ai eu ficava fazendo força pra não vim. Ai elas falaram: "Relaxa e deixa a entidade vim, porque ele tá exigindo isso de você". Ai eu comecei a relaxar e a deixar e ai vinha. Ai a entidade que eu tava passando tirava e eu voltava pra assistência, bem. Eu não sentia mais nada, aquela vontade de chorar aquela coisa tudo que eu tava sentindo acabava, eu voltava pra casa bem. Até então, eu tava na assistência era dor nas costas, era um peso terrível, sensação horrível. Hoje eu não sinto mais nada. (L.S.:248 e 250)

As entidades que você começa a passar costumam dizer que você é médium, você tem a espiritualidade bem próxima, que você precisa se desenvolver, né. (S.R.O.G.: 1020)

À medida em que há o chamamento, a mediunidade poderá ser desenvolvida caso o assistente tome a decisão de fazê-lo. Em caso afirmativo, é encaminhado às giras de desenvolvimento, cujas funções já foram apresentadas acima. A entidade prepara seu futuro médium, passando-lhe uma receita. Uma vela, geralmente branca, para o anjo de guarda do médium e um copo com água. O médium, então faz suas orações, solicitando o que deseja. Este é o primeiro contato do médium com o ritual. Posteriormente, a entidade receitará “banhos de defesa”, com ervas aromáticas ou mesmo com sal grosso, com a finalidade de “iluminar a aura espiritual” do médium e limpar o corpo de tudo quanto ali reside de negativo, fornecendo-lhe equilíbrio espiritual. Paulatinamente o neófito ingressa no universo ritualístico e de desenvolvimento de sua mediunidade.

(...)Ela acaba vendo ou não em você a necessidade de você desenvolver o seu lado espiritual. Que todo mundo é médium. Eu entendo assim. Cada um tem a sua aptidão. Cada um tem um dom, tem a sua mediunidade. Então, basta designar ela ou desenvolve-la também ou não. Aí é uma opção de cada um. É o tal do livre arbítrio. Aí foi quando eu optei por desenvolver, até por curiosidade, né. Eu comecei a ter aquelas chamadas “puxadas”, né, das entidades, e tal. Na prática... A princípio, a entidade vai lhe passar banhos, ela vai lhe preparar espiritualmente. Eles passam uma receita. Você acende uma vela pra seu Anjo de Guarda - aquela receitinha - uma vela branca, e um copo com água, onde você vai rezar e pedir aquilo que você tem vontade de pedir, que é seu primeiro contato com o ritual religioso. Aí depois passam banhos, que aquela entidade vai julgar ser necessário pra iluminar a sua aura espiritual, pra limpar o seu corpo das partes negativas, pra te dar o equilíbrio espiritual e tudo o mais. (R.C.L.M.: 385)

Esse processo de preparação da mediunidade pode ocorrer também fora das giras. As entidades podem, ainda, iniciar o desenvolvimento das médiuns por meio de sonhos.

Eu não sei se em sonhos eles me desenvolveram, eles trabalhavam comigo, né, porque eu trabalhava muito no espiritual. Assim, dormindo, eu ajudava as pessoas dormindo. Acho que foi isso. (M.N.M.: 330)

As médiuns sentem-se satisfeitas com sua condição de médiuns e com sua religião.

Eu era uma pessoa que tinha medo da escuridão. Quando começava, assim, a serenar, aquilo já me apavorava. Que disso eu acho que ficou alguma coisa, resíduos, né. Daquelas entidades lá que me apavorava. Eu tinha desgosto, eu

tinha depressão. Meu destino era me deitar e ficar lá até amanhecer o dia. Eu era uma pessoa totalmente rancorosa. Se a pessoa viesse fazer alguma coisa comigo... assim, se eu via que merecia, também... eu era uma pessoa... com o pensamento eu jogava minhas pragas, eu não vou mentir. "Cê vai me pagar por isso. Vai acontecer isso, isso." Te juro, acontecia. Eu era uma pessoa totalmente... Não tinha Deus, realmente. Rezava pra ele mas ele não tava. Ele queria até se encontrar, queria que eu encontrasse ele, mas eu não deixava espaço. Ele ajudou muito criando meus filhos na educação a vista de eu ser uma pessoa leiga, não tenho leitura, não tenho estrutura, não tenho nada. Mas graças a Deus, eu não sei como foi que eu comecei a estudar, a ler um livro, a ler... a ver as coisas diferente. Hoje em dia eu vejo as coisas diferente. Hoje em dia, depois que eu entrei, me afirmei, olha, minha mãe, as pessoas que me conhecem... A minha mãe é feliz porque hoje em dia ela vê eu totalmente mudada. Eu não sinto rancor de ninguém, por mais que façam comigo. Não sinto ódio. Graças a Deus meu coração está lavado, tá limpo. Eu fumava.. a depressão acabou, tudo aquilo acabou... medo da escuridão, rancor não existe mais... hoje em dia minha irmã, meus filhos, se admiram porque... minha nora que é justamente da minha irmã aqui... duas irmãs casadas com dois irmãos... Essa outra... é novinha... era uma dor de cabeça... nervosa, estourada. (F.M.S.L.: 64)

(...) Por isso que eu falo, se eu não tivesse o terreiro pra me alimentar eu tava frita porque é aonde eu vou recarregar minha energia que... é dura, né, cê viu que a minha vida é dura. Então se eu não tivesse ali pra ter essa ajuda de força, de energia, de vontade de lutar, de fazer alguma coisa, o que eu ia fazer, me fala? Ou eu ia me entupir de remédio pra ficar fora do ar a vida inteira ou ia beber também, né. Mas graças a Deus eu tenho o terreiro que me dá essa força. Eu sempre digo o seguinte, que o terreiro não vai te dar nunca um carro, nem uma casa, nem uma conta no banco. Mas te dá força, te dá vontade, te dá ânimo, te dá vontade de viver, de fazer alguma coisa. (R.L.M: 955)

(...) ele ficou me pressionando muito pra eu escolher entre ele e a minha religião. Ele não falou com essas palavras, mas você sente: ou é eu ou a sua religião. Falei: "Então, meu filho, de uma coisa pode ter certeza na minha vida - eu tenho certeza - eu tô ali e ali e que e minha missão. E dali eu não vou sair." (V.A.S.:1367)

Apesar da satisfação que a religião e a mediunidade lhes dá, não é raro que se afastem de suas obrigações temporariamente, retornando posteriormente. As razões do afastamento devem-se geralmente a problemas familiares, como a presença em casa de um doente, que exige cuidados especiais constantes, ou mesmo pessoais, como uma gravidez que obriga a médium ao repouso absoluto. Mas há relatos de médiuns que se ausentaram temporariamente das giras por razões menos drásticas, como o desinteresse momentâneo ou a possibilidade de se ver livre das restrições impostas pela vida religiosa. No entanto, durante o tempo de ausência, sentiram que suas vidas se esvaziaram e que problemas anteriormente resolvidos voltavam a acometê-los. Sentem que, a partir do momento em que foram escolhidas pelas entidades não têm como abandonar a vida mediúnica sem uma

represália das entidades, uma “cobrança”. O retorno às atividades mediúnicas lhes devolveu o “equilíbrio” perdido.

Teve momentos na minha vida que eu pensava em abandonar... eu achava que teriam que me ajudar na minha vida... teriam que me dar uma assistência, por exemplo, o problema da gravidez, que era injusto eu estar numa religião que falava tanto de nascimento, de tudo e eu não conseguir um neném... eu achava assim. Mas, depois eu fiquei parando pra pensar: “Pô, não é justo eu fazer isso. Porque se isso é um Kama que eu tenho que levar na minha vida, não vai ser deles, nem Deus... se não quiser eu não vou ser... Então, não adianta. Tem coisas que eles não podem interferir na vida da gente. Cada um tem sua vida particular. Eu acho que eles não podem nem devem interferir. Então eu pensei muito nisso. Não adianta eu me afastar... se eu me afastava ficava pior porque eu morria de saudades, eu queria tá vindo. Eu vinha pra assistir, eu não agüentava, chorava. Não adianta, “vou voltar mesmo”. Eu me afastei um tempo, acho que uns dois meses só o tempo que eu agüentei e aí voltei. (I.M.F.L.: 204)

[Ficou afastada?] Fiquei. Fiquei quase dois anos... dois anos e alguns meses. (...) Mas foi mais na época quando meu marido sofreu, né por causa do serviço, ele tomou alguns tiros, e aí eu falei; “Ah, vou ficar em casa. Não tô querendo ir mais.” Aí eu fiquei em casa. Não fui mais. Mas não falei assim: “Ah, vou deixar porque... Não!” Eu não sei se... Porque com muita gente já aconteceu isso. Deixa um pouco de vir. Não sei se e normal a gente deixar por deixar, e depois volta de novo, né. Não sei se eles cobram a nossa volta e a gente volta. Acho que volta até com mais amor, que eu voltei assim, com muito mais. (S.R.O.G.: 1160)

(...) Eu cheguei a ficar um ano fora da religião porque eu cheguei... Eu saía duas da tarde e chegava meia-noite em casa. (...) Nossa! Minha vida, assim, ficou... um mal! Porque você fica desnorteadada. Você acaba relaxando. Por causa do trabalho, cê não acaba fazendo o que fazia antes, tomar seus banhos... Às vezes até orar, normalmente, é um Pai-Nosso, uma Ave-Maria, cê acaba esquecendo. E isso deixa sua cabeça meia paralisada, meia fora de si. E eu comecei a ter problemas na escola, quase eu repito de ano. Até meu próprio espírito mesmo era mais assim... era mais alegre. Eu comecei a ficar mais triste. Então, acaba te desgastando. Cobranças também que... Eles cobram de você. Vamos assim... Eles escolhem você, mas até quando se você... quando você tá preparado pra trabalhar, eles querem cobrar de você pra poder ajudar outras pessoas. É essa a missão deles. Então, nosso corpo é um instrumento pra tá ajudando essas pessoas. Então vem a cobrança. Quando eles sintam... sentem que você tá preparado pra ser um médium de ordem de passe, começa a cobrança, né. Porque eles querem porque querem ajudar de qualquer maneira. Não importa se é só uma pessoa, mas tem que ser assim. Então, eu via muitas cobranças. Tinha sonhos muito estranhos, quase fui atropelada, então muita coisa aconteceu porque eu me afastei nessa época. Então, quando eu terminei esse serviço, eu comecei a voltar. Eu tive que refazer de novo, aprender algumas coisas de novo até eu voltar a me estabilizar. Então, uma coisa que me falaram e que eu também concordo - pelo menos na minha vida - é se eu não trato bem desse meu lado espiritual, acho que minha vida fica meia desequilibrada, né. (V.A.S.: 1231)

As médiuns são estimulados pelos dirigentes da casa a se instruírem na tradição. As giras de desenvolvimento servem não apenas para preparar os médiuns iniciantes na incorporação, mas também como circunstância de aprendizado continuado dos “fundamentos da Umbanda”. Nelas conhecem os segredos dos Orixás e das entidades, suas

histórias, lendas, cores características, cantigas, indumentária, poderes. Outra situação em que os ensinamentos são transmitidos é a camarinha, já apresentada acima. O Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô mantém, ainda, a “Biblioteca Espírita”, com variados títulos de livros, alguns propriamente de ensinamentos de Umbanda (geralmente romances de escritores umbandistas), outros de tradição kardecista. Mas, lembrando o que foi mencionado acima, os médiuns avaliam o período em que “camboneavam” como um dos mais ricos em termos de aprendizado da doutrina. Os ensinamentos vêm também do contato indireto das médiuns com suas entidades, mediado pelos cambonos. Antes e depois do atendimento à assistência, cambonas e entidades trocam informações. Este é o momento em que os espíritos narram suas histórias de vida, dando detalhes de suas existências passadas, e enviam “recados” para seus “cavalos”. Tratam-se de orientações as mais variadas, tanto relacionadas aos problemas práticos da vida cotidiana quanto da sua vida espiritual.

É muita responsabilidade. Eu penso assim: a partir do momento que você se torna cambono é o momento que você tem de aprender, de ter mais responsabilidade e de saber o que você quer também. Pra mim representa assim, ser cambono é isso. (F.S.: 131)

(...) Acho que eu fui cambona uns três meses. E aprendi mais sendo cambona que com o Pai-de-Santo. Acho que ele não ensinava muita coisa. Ele, assim, tinha o poder. Ele era o poder. Ele achada que os súditos tinham que ir lá e só bater cabeça pra ele. E ele mantinha esse poder porque ele não ensinava. E quando você passa por isso você não quer que as outras pessoas passem. Então meu pai sempre me ensino isso. As entidades vinham e ensinavam... e eu aprendi com ele que a gente tem que ensinar, não tem que ficar guardando. Guardando o quê? Pra quê que cê tá guardando isso, um ensinamento que pode ser útil pra pessoa? Se vai guardar pra quê? Que utilidade tem se você guardar isso? Não tem nenhuma? (R.L.M: 867)

Sustenta-se que a mediunidade será tanto melhor quanto mais evoluído for o médium.

(...) Dizem até os mais velhos que a consciência do médium, inclusive de entidades, eu já ouvi isso de entidades, quanto mais a pessoa vai perdendo esse estágio de semiconsciência ou de inconsciência propriamente dita, e que a pessoa tá atingindo um grau espiritual tão grande que já não há mais a necessidade de incorporação pra que uma entidade possa dar um recado. Ou

seja, uma evolução espiritual da pessoa. O caso do Chico Xavier, né. Fazia psicografia e a evolução dele era tão grande que ele não precisava tá tomado por entidade nenhuma pra tá psicografando, pra ter esse contato, tal, e assinar conforme as pessoas assinavam em vida. São coisas que cada um carrega e seus rituais facilitam ou não, né, essa evolução espiritual. Antigamente, quanto mais tempo pra trás, havia o caso que as pessoas achavam de inconsciência, porque não conheciam o que estava acontecendo com elas, pelo fato de que ela não sabia que ela tava incorporando. Até então, na época, você não fazia por uma questão religiosa, de você entrar no terreiro e freqüentar. A entidade vinha e tomava você. Então, você não entendia aquilo. Você dizia: "Eu não fiz aquilo". É o semiconsciente. Ela não sabe como acontecia aquilo, então ela não sabia explicar, entendeu. E com o passar do tempo, como eu disse pra você, hoje em dia, as pessoas não ficam mais girando pra incorporar. Elas se concentram de uma tal forma que a entidade vai tomando ela aos poucos. Ela vai sentindo aquele arrepio, ela vai respirando mais forte, ela vai se locomovendo, começa a dançar, às vezes mexer os pés, perde aquele domínio físico e começa a ir pra cá e pra lá, até que a entidade, vamos dizer põe uma mão pra trás, ou bate no peito, ou dá aquele grito, né, o brado de guerra dos Índios, e daí pra diante. (R.C.L.M.: 472)

Assim, todas essas formas de tornar o médium conhecedor dos ensinamentos da doutrina, dos fundamentos da Umbanda terão resultados práticos para a incorporação. A orientação dada pelos dirigentes da casa, sobretudo quando o Pai D. ainda ocupava tal posição, é de que, com o desenvolvimento moral dos médiuns e com o tempo, a incorporação cada vez mais se assemelha a um estado quase indissociável do estado de não-incorporação.

(...) E cada gira parece que a incorporação muda. Cada vez mais. Eu lembro uma vez que o Pai D. falou: "Quanto mais tempo você tem, parece que menos você está incorporado." Ai é quando você fala que realmente é verdade o que ele diz. (S.R.O.G.: 1036)

Na prática, a passagem de um estado para outro torna-se cada vez mais suave, sem a necessidade de tremores, arrepios, dormência dos membros e pulos. De fato, muitas das narrativas das médiuns dão conta que, durante o período de desenvolvimento, estes eram os sinais coadjuvantes mais freqüentes da falta de "firmeza" na incorporação.

Vinha... É assim... difícil agente explicar... é difícil, mas é assim. Eu tô aqui, agente sente aquela força, aquela energia..., aquela coisa diferente. Aquela força, agente sente aquela força que vai chegando na gente. Adomece mão, dá tremedeira, né. E tem momento que parece que o chão desaparece dos nossos pés. É aonde agente cambaleia porque parece que agente tá entrando num buraco. É muito engraçado (risos) hoje em dia agente pensar. Mas é que nesse tempo eu ainda não incorporava ainda, eu tinha medo. (F.M.S.L.: 46)

(...) Ela vai fazendo com que aquilo vá se aproximando de você. Ai você vai tendo, né, aquelas sensações de... quer dizer, cada um também tem uma. De arrepio, de tremedeira, de tontura, o coração parece que vai acelerando, parece que vai sair pela boca, quer dizer, também são situações diferentes. Cada entidade te dá uma sensação diferente. (R.C.L.M.: 385)

Eu não sabia, não. Quando a gente entra a gente não sabe nem o que tá fazendo, até, vamos dizer assim. Mas é impressionante, sabe, aquele toque do atabaque... Inclusive eles falam: "Fecha o teu olho, deixe a tua matéria receber quem tiver que vir". Vamos supor, na época em que eu entrei, se eu me lembro bem, era uma gira de baiano. E você fecha o olho e a gente se apaga completamente. Inclusive, eu demorei muito pra incorporar. Inclusive eu mais pulava, que eu até falei: "Mãe, não sei o quê que tanto a gente pula, né. Pula, pula, pula, e nada". (S.R.O.G.: 1018)

Em outros termos, lembrando do que foi dito no início desta seção, a qualidade da entrega depende diretamente da dotação de conhecimento, de aprofundamento constante nas tradições.

Mas não apenas os médiuns devem ser desenvolvidos. Também as entidades o devem ser. Se por um lado os espíritos são reconhecidamente doutrinadores, por outro é sabido que as entidades, a exemplo de qualquer ser humano, também são passíveis de evolução. Assim, devem ser "doutrinadas", disciplinadas. Acima mencionei o fato de que há espíritos considerados sofredores ou aflitos que não devem ter acesso às giras, cabendo-lhes reconhecer que devem se encaminhar para a "luz", um estágio mais evoluído na escala moral. Mas a doutrinação se dá de forma também muito prática. As entidades simplesmente não podem apresentar comportamentos não aceitos na casa. Se o fizerem, serão duramente repreendidas. Por exemplo, não é permitido que os guias tirem as roupas ou escarrem no congá. As entidades vão, por assim dizer, também elas, sendo doutrinadas no sentido de se comportarem cada vez mais adequadamente.

É. Existe o chamado baixo-astral. Não são Exus, entendeu, são os Eguns ou Zombeteiros. São entidades de pessoas que desencamaram, não acreditam no fato da desencarnação, ou são espíritos vagantes por aí já há muito tempo que optaram por continuar vagando. São mandados pelos Exus, são os escravos de Exus, pra ficar encostado em alguém. Quando ela vai pra um terreiro e tem um contato com essa entidade, a entidade que tá tomando conta da gira ou o próprio zelador, a pessoa que tá ali no momento de atendimento, vai fazer com que aquela entidade saia do corpo daquela pessoa à princípio, né, pra livrar aquela

matéria desse sofrimento, através de paga, de alguma forma, seja do que ela tá querendo, de obrigações, né, aí vai saber lá a lista que ela vai dar, né, do que ela quer, pra que ela retire o sofrimento daquela pessoa e ela pode acompanhar aquela entidade pra desenvolvimento espiritual. (R.C.L.M.: 542)

(...) Às vezes também acontece, a gente trabalha pra isso, que vem espíritos que não encontraram luz, tão vagando por aí, às vezes passam por lá e... só entram também se tiverem a permissão pra entrar e, se têm a permissão pra entrar é porque eles querem alguma coisa. [Quem permite?] Os mentores da casa, os donos da casa, do plano espiritual. Uma casa que tem a sua segurança, que tem os seus assentamentos direitinho, não tem como entrar quem eles não permitem. Só tem como entrar quem eles permitem. Às vezes pode acontecer de numa gira, você tá chamando Caboclo e, de repente, cai ali, cê sacode, bate pra lá, pra cá, algum espírito sem luz, que tá procurando caminho. Aí, vem, fala... às vezes fala. Ali vai a doutrina, se vai chega, sabe se ele quer luz, se quer ir pra escola, se quer alguma coisa de bom pra ele. A gente oferece coisas boas pra ele. Para ele poder ser encaminhado, para que ele continue vagando... que encontre o caminho da luz pra não ficar por aí perturbando ninguém. Então, se ele aceitar ele vai. Se não, ele sai e você não pode fazer nada pra ele. Porque você não pode fazer nada contra a vontade de ninguém, nem do espírito. Todo mundo tem a liberdade de escolha, até os espíritos. Se ele escolhe ficar vagando por aí, ele vai ficar vagando, até o dia em que ele reconhece isso e pedir ajuda. Aí ele vai ter ajuda. Aí a gente trabalha não só pras pessoas que vêm pedi, mas também pra esses espíritos. (...) [Já incorporou em você?] Já. Uma vez me aconteceu e daí foi terrível. Não lembro que linha tava pra incorporar e, de repente, não veio e veio um espírito lá e eu me sentia presa, toda acorrentada com um monte de gente em volta, só que seriam espíritos. E eu tava me sentindo... eles fazem a gente sentir aquilo que a gente sente... e uma sensação muito ruim, dava muito medo porque eu não conseguia voltar. Era horrível. Presa, com um monte rodando em volta. Aí você vai se sentindo tonta, girando, assim, girando então cê via passando assim. Era muito ruim, e eu não conseguia voltar. Esse dia foi difícil e eu fiquei com medo de não voltar. (R.L.M: 881 a 885)

Há médiuns que, por uma razão de saúde, por exemplo, devem deixar de trabalhar com a incorporação e, portanto, suas entidades. Suas entidades podem, então, passar a trabalhar com outras médiuns. Para tanto, há uma preparação especialmente elaborada para tal e um ritual para essa finalidade é realizado, de acordo com as orientações do próprio espírito. A médium que deixará de trabalhar com a incorporação recebe, pela última vez, a entidade com que trabalhou, muitas vezes por décadas. Durante o ritual, a entidade irá deixar um corpo para, imediatamente, ocupar outro.

Já, já, por exemplo, a entidade, vamos dizer, da linha de Criança. Ela incorporou primeiro no meu pai. Ela vinha, incorporava no meu pai. Até então eu não tinha nunca incorporado uma Criança, né, essa linha de Criança. Ele brincava muito comigo, conversava comigo tal, não sei o que é; "Ah, eu vou vir em você". "Como assim que você vai vir em mim?" "Não, eu vou trabalhar com você agora. Cê vai ter que fazer isso". Aí eu tive que fazer um trabalho durante quase sete anos. Tinha que fazer um trabalho e quando... Não, não foi sete anos, não. Um ano... Eu sei que foi bastante tempo. Ela falou assim: "Você vai acender a vela" - ou seja, ela deu a receita dela lá - "e quando terminar isso, eu vou passar desse menino" - que é o meu pai, né - "e vou passar pra você". Eu só concordei, né. Não sabia como que era isso. E é uma entidade que eu tive muito contato fora de

mim. Então, ele fez essa transição. No dia que chegou o dia D., né, meu pai falou "É agora que eu vou passar pra você". Eu tomei aquele susto, né. Se prepara que eu vou passar em você agora. Aí, ao mesmo tempo que ele tava chacoalhando meu pai pra desincorporar, aí eu comecei a sentir uma... aí eu comecei a chacoalhar e a incorporar ele. Aí, na hora que ele me pegou de vez, meu pai". (R.C.L.M.: 512)

Mas este é um caso relativamente raro. O mais comum é que uma entidade nova venha a se apresentar na incorporação. Durante as giras de desenvolvimento, como já mencionado, o médium sente uma ampla variedade de "sintomas" fisiológicos da presença, da proximidade de sua entidade, até mesmo antes de saber de quem se trata.

Dependendo do dia, da linha que a ente tá trabalhando a gente sente. No dia de Criança a gente sente mais alegria, mais vontade de brincar, de falar. Mas tem entidade, tipo, se for mais séria, então a gente fica com aquele negócio, assim, repreendendo, a gente não sabe se deixa soltar ou não. Às vezes eu sinto um peso nas costas. O meu Caboclo... veio nessa semana até... a primeira vez que ele veio... ele deixou umas dor na perna... incrível. É incrível, é incrível, assim, você não sabe assimilar o que tá acontecendo. Eu mesmo fico meio aérea. Converso, pergunto pra R. e ela: "Não tem problema. É normal. É a primeira vez". Cada entidade que eu tô recebendo agora é tudo a primeira vez. Primeiro foi a menininha, aí a segunda foi a minha Preta Velha... aí a terceira acho que foi a minha Pombo Gira, com muita dificuldade mas ela veio. (F.S.: 95)

É, sente, sente. Sente que entidade está ali. Um exemplo, eu tenho três Pretos Velhos. Eu sei reconhecer os três, a vibração dos três. Se consegue sentir mas não consegue explicar. Mas isso e só com o tempo de distinguir qual é qual. Porque no começo eles incorporam porque cê tá chamando e a entidade é que vem até pessoa, não é a pessoa que chega na entidade. Com o passar do tempo a gente consegue chegar até a entidade. Mas já aconteceu, há pouco tempo, era gira de Boiadeiro... eu tava com tudo do Boiadeiro, com o chapéu dele e veio a minha criança, mas eu percebi que não era ele, que não era o Boiadeiro. Antes de incorporar. Porque dá pra sentir a diferença. [Aí você avisa a cambona?] Não dá tempo, isso é rápido. Nem se tivesse alguma coisa na mão de entregar pra alguém. Já foi. Aí ela vê que não é o Boiadeiro porque também eles já conhecem todas as entidades. Eles passam a distinguir as entidades. (R.L.M: 875 a 877)

É, no corpo. O corpo às vezes fica gelado. Depende da linha de trabalho da entidade você fica gelado como se tivesse dentro de um freezer. Cê só sente seu coração bater. Super gelado. Outras linhas é muito quente. Uma coisa que marcou pra mim, logo no início... que comecei a incorporar só tinha vibrações... foi uma gira de Xangô. Eu não recebi nem nada, só tinha as vibrações. Mas quando começou a saudar Xangô o meu coração... na hora... o coração disparou, foi como duas pedras batessem uma na outra. Aí se sentia a pedra bater... e que nessas pedras aí é uma sensação de que você tá numa montanha... porque ele é justiça e Xangô é das pedras. Então é uma sensação que você parece que seu coração vai sair pela boca. Você... o seu coração dispara e você sente muito calor. Aí, depois, tem outras que você às vezes sente frio, outras o seu corpo não segura em pé, você bambeia pra frente, pra trás. Você não... sua mente sabe o que tá acontecendo, mas você não segura seu corpo. (Z.C.S.: 1374)

Estas novas entidades podem contatar as médiuns, por exemplo, em sonhos ou em visões, informando de quem se tratam, suas histórias ou o que desejam.

Eu vi.. era eu incorporada com o Exu.. que é o que trabalha comigo, Exu Chacá... ele puxa uma pema. Mas eu vi ele já... que ele me ajudou muito nos começo, porque eu tinha muito, assim, fiquei perturbada porque eu era católica... e eles me ajudaram muito... esse mesmo Exu... ele é alto, ele é muito bonito... ele é todo vestido de preto, todo ele... Tanto que ele me pediu um turbante, e eu nunca nem sabia o que era um turbante. Eu vi ele... pediu... até desenhei um retrato com ele, que era retrato dele, e esse turbante, do jeito que ele desenhou eu trouxe pra mãe e ela fez do mesmo jeito que tava lá, que ele pediu, e a capa. E ele trabalhou com ela. Se acredita que ela ficou boa. Ela sarou da dor nos quarto. Nunca mais ela sentiu dor dos quarto. (F.M.S.L.: 38)

Eu tava dormindo, foi em sonho... um sonho erótico que eu tive. Eu chegava num quarto... aí a V. estava no sonho... ela me dava uma blusinha de renda preta. E ela sumia depois. E eu já tava com a saia. Então, tava assim, só de calcinha e sutiã e a roupa rendada. A saia vermelha e a blusinha preta. Aí eu chegava no quarto com meu namorado... aí eu empurrava ele em cima da cama, eu subia em cima dele e começava a dançar. Aí, depois me pediram pra acender uma vela vermelha e preta também no sonho. No caso, vermelho e preto significa Pombo Gira. Aí acendi... vim aqui num sábado, antes do trabalho, depois que já tinham acendido as velas das entidades, aí vim aqui em baixo e acendi pra elas. Isso foi bem antes de incorporar ela. Mas até o momento de incorporar ela eu não consegui identificar ela, como ela é. Até agora eu não sei... ela só me mostrou a roupa que é desse jeito. Tanto que quando eu lembro da roupa eu fico encantada... mas eu, vestir essa roupa, não sei se eu tinha coragem. É bonita. (F.S.: 101)

É, a visão. Tinha um banquinho que ele ficava sentado lá na frente, contando história pras criançada. E a cama dele era de girau. Sabe que que é girau? É de tronco de árvores fina. Então eles faziam a forquilha aqui e aqui, colocava a madeira aqui, depois colocava as madeiras assim e depois enrolava o cipó. Depois punha colchão de palha. E ele tava deitado nesse colchão de palha, que ele tava com pneumonia, né, aí teve uma enchente no Rio Ubá, que ele passava no fundo da fazenda, e todo mundo correndo pra salvar as crianças, pra salvar as coisas, esqueceram dele lá. 98 anos. Enorme! Diz-se que ele era alto! E ele morreu afogado. Ele falou: "Tá vendo?" – ele contando a história dele pras pessoas – "eu doente, com pneumonia, morri afogado." Quer dizer que a gente nem sempre vai do mal que tem, né? Essa é uma das histórias. (M.N.M.: 314)

Tenho. A minha menina. Ele é do Paraná. Alicinha. Ela morreu com quatro anos e meio... e eu tive um sonho de como ela morreu, ela me mostrou. Ela tava na escolinha. A mãe dela colocou ela na escolinha... acho que deveria ser rica, mas eu não vi a casa... era assim no alto e todo gramado. Ela tava de uniforme cinza. Saíinha pagueadinha, blusinha branca, bem antiquinha, sabe aqueles uniformes antiquinhos? Falei assim: "engraçado, como que pode uniforme... mas as crianças não iam pra escola!"... devia ser algum lugar que os pais levavam pra passar o dia, não sei... e tinha o uniforme, não sei porque isso aí ela não explicou não. Eu sei que ela tava brincando de bola. Eu vi ela jogando bola e a bola escorregou no gramado e passou um caminhão e pegou... pegou as pernas dela. Aho que ela não resistiu, né. E morreu. Nossa, a primeira vez que ela veio, eu morava em outro bairro... eu fui convidada pra ir na Festa de Cosme e Damião, lá na Vila Aurora, perto da Água Fria, pro lado de Tucuruvi. Aí ela incorporou... a primeira vez que ela incorporou. Nossa... encostavam nela ela gritava de dor, ela chorava, ela não podia nem mexer as pernas. Então ela ficava num cantinho... ela chega ela fica num cantinho, ela não sai, ela só cumprimenta e vai pro cantinho dela... aí ela.. e pisaram na minha mão, na mão dela, né... e caíram em cima dela. Nossa, mas era uma bagunça eu falei: "nunca mais que eu vou em lugar nenhum"... nesses lugares assim, acho que devia ser casa particular, acho

que não era um centro não. Eu sei que ela chorava e ela contou a história dela. Mas eu sonhei e vi. (M.N.M.: 344)

Isso. Eu, antes de dormir, costumo pedir pros guias espirituais de luz que me mostrassem as minhas entidades, que eu conversasse. E nessa vez eu dormi e ela veio como uma, tipo uma samambaia na mão, uma folhinha de samambaia. Me deu e falou: "Olha, eu sou sua Cabocla". Os cabelos bem lisos, e não me disse o nome. Eu ia saber com o Pai D. quem seria ela. Ai eu falei: "Pai D."... desenhei inclusive a samambaia pra ele. Ele falou: "A sua Cabocla é a Jurema". E quando ela veio nesse dia, que foram perguntar pra, ela disse: "Cabocla Jurema"... e desenhou, e fez o desenho desse ponto, né. Dessa folha no chão, Algumas coisinhas a mais, né. Foi assim. (S.R.O.G.: 1022)

O processo de desenvolvimento da mediunidade é, na maioria das vezes, lento e sofrido, até que, finalmente, a entidade chega, dá seu nome e risca o seu ponto.

É. Porque é assim, como a gente tá em desenvolvimento, eles tem que vir até a matéria da gente tá acostumada com eles... até eles darem nome, dar o ponto deles no chão, porque quando eles vierem vão marcar aquele ponto, vão colocar a firmeza deles ali até a gente ter a ordem de passe. Só a minha criança que tem nome, minha Pombo Gira e a minha vó, a Preta Velha, mas ainda não riscaram o ponto. (F.S.: 113)

(...) Mas eu ficava naquela: eu nem dava pé de dança, porque Deus me livre eu dá um pé de dança e eu não sabia se era ela ou se era eu... eu nem falava... aí eles perguntava: "Minha Mãe, como é seu nome". Vixe... também não vinha nada... Não sei se é porque eu bloqueava, também não vinha. Ai era Caboclo... Caboclo então, Deus me livre, era a mesma coisa... Ai teve uma camarinha, camarinha de Caboclo, que a gente entra sexta-feira e sai domingo... e nessa camarinha eles chamavam as quatorze linhas, né... as camarinhas muito bem feitas, muito assim mesmo na religião. Ai a primeira gira foi de Baiano. Eu tentava segurar... Ai vinha a R. e dizia: "Minha Mãe, como é seu nome?" Ai: "Baiana Maria Rosa". E eu digo: "Gente, será que eu tô dizendo a verdade ou será que é ela que tá dizendo". Mesmo assim eu fiquei.. Ai dentro de mim ficava falando: "É Baiana Maria Rosa..." Ai eu dizia: "Minha Mãe, eu não tô passando n frente da Senhora?" e ela: "Baiana Maria Rosa." Então eu digo: "Então é a Baiana"... porque eu não ia dizer... nunca ia dizer... nunca tive esse negócio na minha cabeça, como eu ia falar Baiana Maria Rosa? (M.E.O.: 293)

(...) Depois, eu entrei pra incorporação que, na verdade, o desenvolvimento, só pulando, como eu já disse, cai e levanta. E cerca também de uns oito meses, por aí, quase um ano, até chegar minha primeira entidade falar. Ai ela vem mesmo, e já fala da onde ela é, que entidade ela é, tudo. Demorou mais ou menos um ano. (...) Eu fiquei quase dois anos, três anos camboneando. Foi quando numa gira de quarta-feira que tinha, que era a Mãe D., que eu recebi a ordem de passe. O Pai D. deu a ordem de passe. Era uma gira de Caboclo e minha Cabocla Jurema veio. Inclusive, ele deu o passe, ela veio, aí ela vem com todo o seu ritual. Ela dançar pra assistência, né. Ela risca pra valer o ponto ali, ponto riscado... Foi assim. Eu conhecia essa Cabocla, mas pra dizer a verdade, não sabia o nome dela. Ela vinha devagarzinho, dava seu grito, tudo direitinho. (S.R.O.G.: 1020)

Cada médium pode ter uma entidade de cada uma das linhas, sendo que o fato de que existam médiuns que incorporem mais de uma entidade por linha não é bem visto, dando a impressão de que se trataria de "mistificação", ou seja, de uma incorporação

fraudulenta. Mas há uma tênue separação entre a mistificação, a incorporação e a ação do “psicológico” na incorporação. A primeira seria algo deliberado, consciente, com vistas a mostrar poder, ser reconhecido como médium desenvolvido. Mas, sobretudo R.C.L.M., apresenta a possível interferência do psiquismo sobre a incorporação. Os médiuns, sobretudo os novatos, tendem a produzir “romances”, acreditando incorporar lindas índias de olhos cor de mel ou fortes guerreiros, de grande estatura. Assim, o nome das entidades teria pouca variação, sendo todas “Juremas”, por exemplo. Isso seria uma influência, não deliberada, não necessariamente voluntária, por parte do médium, que no afã de conhecer as características de sua entidade, seriam levados a acreditar ser o que pensam delas. Não se trata de uma mistificação, esta sim repreensível, mas o resultado de um mediunidade ainda pouco desenvolvida, em que os conteúdos mentais dos médiuns interfeririam na incorporação. Isto pode ser demonstrado pelo fato de que, com a aquisição de maior “firmeza”, entrega e desenvolvimento espiritual dos médiuns, as entidades têm a possibilidade de se identificarem com maior precisão, sem que as o “psicológico” dos médiuns influencie o conteúdo de sua fala. Tal influência, portanto, é vista como um mecanismo até certo ponto esperado e, portanto, não reprovável. R.C.L.M., Pai de Santo, afirma que seria até mesmo louvável, já que demonstraria interesse do médium em conhecer rapidamente sua entidade. Mas, se por um lado é um processo esperado dentre os novatos, também é certo que deverá desaparecer.

(...) Mas também vou orientá-lo de que isso não acontece constantemente, porque o psicológico é complicado. Porque se você dá asas à imaginação, é complicado. Cê não tem domínio de ninguém, não. E as pessoas que começam, elas criam um romance, sabe, um romance de histórias, entendeu? É o que eu digo. Até, eu brinco, que às vezes eu preciso pegar alguns filhos e levar pra andar ali em Moema pra aprender nome de índio, entendeu, porque tem um monte, né? Um monte de nome de índio... Ai aparece aquele tal de Estrela Pequena, Estrela Dourada, Flecha Dourada, Flecha... sabe? É só isso. “Eu sou Jurema!” “Eu sou Jurema!” “Eu sou Jurema!” Cadê a entidade? Ai, depois que aquele médium vai se desenvolvendo, ele vai ficando mais firme, né, mais consciente do seu trabalho junto à religião, mais consciente do que é uma entidade, não sei o que, aí a gente vai buscando o nome daquela entidade. Não

é errado, em termos, esse romance que eu falo que o médium cria, até porque o início... É muito bonito você ver uma entidade incorporada. Eu acho. Uma entidade, de repente... Você vai conversar com a entidade, ela te fala coisas que só você sabe. Você nunca entrou ali, de repente ela começa a contar alguma história sua, começa a te dizer como você é, entendeu? Aí cê fala: "Po, mas eu nunca vi essa pessoal" Assim, a princípio é curioso, porque como que eles sabem? De que forma eles sabem? então as pessoas vão criando um romance. Aí, quer desenvolver. Aí vai desenvolver, aí ela tem aquela imagem de uma índia mais linda do mundo, de cabelos louros, de olhos azuis, né, nunca tem aquela índia velha, nunca tem aquela índia de peito caído, ou índio todo retalhado de tanto se enfiar no meio do mato, sabe. Um belo índio, como aparece nos filmes, tal. É até louvável que ele crie isso, né, porque é aquela euforia de descobrir quem é aquele índio, quem é aquela índia, ou quem é aquele Preto Velho, aquela entidade dele, né. Até que ele vai se moldando, se lapidando dentro da religião pra entender porque realmente, o que é, porque é... Então, foi só por isso. As pessoas criam muito, então eu não gosto de dar asas muito a imaginação das pessoas, não. Se vem é aquilo. É assim, é assim. Não é, não é. Entendeu? Por isso é que eu não consigo decifrar sonho, não consigo. Não sei. Não sei o que é isso. Eu sei que dizem - eu já li em alguns livros - que o sonho é uma forma do seu Anjo da Guarda lhe mandar uma mensagem, que tem que ser interpretada de alguma forma. Então, você tem que saber interpretar. Eu não vou inventar história pra ninguém. (...) (R.C.L.M.: 422)

A ambivalência entre o que seria próprio do médium e o que seria próprio da entidade é manifesta a partir da apresentação do que seria mediunidade de acordo com a doutrina da Umbanda. Esta reza que a incorporação seria a assimilação de uma “energia” chamada entidade, que atua sobre a “matéria física” do médium, em conjunto com a “energia” deste. Isto significa que o “espírito” do médium sempre está presente quando da incorporação, como já apresentado acima. O postulado básico aqui é que a pessoa humana é composta, ao mesmo tempo, pela sua “energia vital” e pelo seu corpo físico. O resultado do encontro da energia da entidade com energia do médium resulta na “transcendência da matéria”, transformando o ser humano em ser divino, capacitando-o a manipular as “energias” e orientar os consulentes de maneira adequada.

Sabe, chega uma pessoa e pergunta: "O que é incorporação?" "Incorporação é a assimilação de uma energia chamada entidade e que atua sobre a sua matéria física em conjunto com a sua energia". Quer dizer, que o seu espírito sai pra outro entrar, é mentira. Eu posso provar que isso é mentira. Não tem como. Se você saiu, cê morreu. Não tem como. Acabou. A sua energia tá ali, é vital. Ela tá ali. E como eu digo pra eles: nós somos uma lâmpada de 40 watts, e a entidade em conjunto com a gente é uma de 200. Entendeu? Ela em conjunto com a nossa energia, ela se transforma. Ela transcende a matéria... Esse momento é transcender a matéria, onde a pessoa se torna divino, em nome dessa energia,

que foi conhecida e descoberta pelos africanos, pelos índios e que se pode, através de antepassados ou dessas energias puras, você poder transcender a matéria e orientar uma pessoa, seja de que forma for. E ajuda-la de alguma forma. Aí, cê ouve dizer: "Incorporar, você fica apagado... Você fica não sei o que...". Seu espírito sai pra outro entrar? Eu não consigo... (R.C.L.M.: 422)

A conclusão a que as médiuns mais experientes chegam é a de que, de fato, a consciência durante a incorporação é variável, com a ocorrência de curtos períodos de total inconsciência. Como foi mencionado, não apenas a prática e o desenvolvimento do médium alteram a forma de incorporação sua qualidade, mas também o aumento do conhecimento que é transmitido a cada nova geração de adeptos.

Inconsciente? Esse ato de inconsciência total é frações de segundo. Geralmente o ato do, grosseiramente, da incorporação. A dita incorporação. Quando você incorpora uma entidade. Tem entidades que te deixam completamente apagado. Eu já procurei saber de outros tipos de Pais-de-Santo antigos e tal, quê que era antes de incorporar o Orixá, como era, se ficava inconsciente, se não ficava, quê que era inconsciência pra eles... Ou seja, a mesma curiosidade que você tem em saber eu tive também e, sei lá, existem alguns segredos dentro da religiosidade até talvez pra que a pessoa saiba como buscar isso. Mas a inconsciência, ela é parcial. Ela nunca é total. (R.C.L.M.: 448)

Por meio de conversar informais com as médiuns, soube que acreditam que no início do movimento da Umbanda os médiuns eram praticamente inconscientes em suas incorporações. Os métodos de desenvolvimento da mediunidade de incorporação empregados à época, e até há poucos anos utilizados, visavam retirar a consciência dos médiuns de alguma maneira para facilitar a incorporação, como por exemplo, a técnica de fazê-los girar sobre seu eixo corporal até que perdessem os sentidos. Estimula-se, atualmente, o desenvolvimento da "concentração" dos médiuns, técnica mais suave e de resultados geralmente paulatinos, em que se procura "esvaziar a mente". Livrando-se de seus pensamentos, o médium se entrega à entidade.

[Por que te giravam no começo do desenvolvimento?] É um termo que eles encontravam pra que você não tenha o domínio do corpo, porque se você fica girando você fica tonto, então você perde o controle do corpo. Esse movimento do corpo mais o toque do atabaque, o toque de adja, que são as sinetas, te atordoa, te desliga de todo o resto. Ouvindo cantigas, tocando aquele sino na sua cabeça...Cê se perde. E você tá num ambiente... Você se perde, você se desliga do seu momento... Então aquilo facilitava a incorporação. Hoje você já

tem como colocar na cabeça do médium, antes de ele começar a incorporar, de que ele tem que se concentrar pra isso. Eu posso tá aqui conversando com você, e se eu quiser me desligar das suas intenções, eu esvazio a minha mente e acabou. Você vai perguntar eu vou falar alguma coisa ou insistir num assunto só. (R.C.L.M.: 478)

(...) Porque se nós tivermos já assim, uma concentração, se nós não tivermos preocupados com as coisas que tão acontecendo lá fora, na nossa casa, se a gente tiver com a cabeça limpa, sem tá pensando em nada, nós não atrapalhamos. As entidades vem direitinha, bonitinha. Agora, se nós tivermos preocupados com alguma coisa, atrapalha também a incorporação. Isso é que é ter firmeza. (L.S. 265)

Cada entidade tem uma forma pessoal, única, de emanar sua “energia” para o médium, que poderá ter sensações físicas, como o arrepio, o tremor, a tontura e a taquicardia, de acordo com o tipo de entidade. Do torpor causado pela “puxada” energética das entidades, o médium passa a verificar que seu aparelho motor parece operar independentemente de suas intenções. Se se tratar de um caboclo, por exemplo, poder-se-á ver o médium bater a mão contra o peito, depois soltar o brado de guerra dos índios e assim por diante, até que a entidade seja “recebida” totalmente.

Sinto. Eu sei quem vai vir. Porque se não vem nenhum eu não incorporo, eu fico lá. Várias vezes eu não incorporei. Eu sei quem é. Aí vem, como que numa luz, eu vejo o Preto Velho, o chapeuzinho dele, a silhueta dele. A Baiana, eu vejo o turbante dela, sempre em luz. Eu sempre sinto quem vem incorporar. Eu vejo na minha frente. Aí depois... eu acho interessante... porque antes eu sentia mais pra incorporar... eu balançava muito, dava muito choque assim entre... Pra entidade pegar a matéria. (M.N.M.: 348)

Como auxiliar no processo de concentração, os médiuns contam com a importante colaboração das cantigas e de uma técnica de imaginação. Cânticos que têm a finalidade exclusiva de preparar os médiuns para a chegada de um determinado tipo de entidade, facilitam a “captação” das “vibrações”, das “energias” que são as entidades. A técnica de imaginação é, na verdade, uma atitude mental que tem como objetivo chamar a entidade. Na prática, procura-se visualizar mentalmente qualquer coisa que remeta à entidade.

Tem que deixar a cabeça livre... pensar tipo... a gente tem sempre um campo vibratório onde a gente vai buscar por elas. Tipo, os Baianos, assim a gente pensa muito na Bahia, em coco, batida de coco, que eles gostam muito também. Preto Velho a gente pensa mais nos escravos, em senzala, messes lugares

assim que têm a ver com eles. Tem que visualizar o lugar, assim... onde você acha que eles estão. Então ali você vai buscando, vai chamando por eles, pedindo proteção, segurança, firmeza, pra que eles venham, possam trabalhar e fazer o que eles tem pra fazer, conversar com eles. É o momento entre você e eles. Pra eles poderem vim. Aí eles vem, trabalham. O tempo passa assim num segundo. Quando você vai ver já se passaram muito tempo e você ali, parada no tempo... "ué, o que foi que eu fiz esse tempo todo que a hora passou e eu não vi?" Mas assim, é legal, é muito bom.. (F.S.: 133)

Não, não é assim não. Tem lugares que precisa o Pai por a mão na cabeça do filho, pra modo de o Santo descer, mas nós não precisamos. A gente só se concentra, faz só tipo uma concentração, faz o silêncio, senão os cantos, e a pessoa já vai mentalizando a sua entidade, já vai mentalizando ele e ele já vem. (L.S.: 256)

É um termo que eles encontravam pra que você não tenha o domínio do corpo, porque se você fica girando você fica tonto, então você perde o controle do corpo. Esse movimento do corpo mais o toque do atabaque, o toque de adja, que são as sinetas, te atordoa, te desliga de todo o resto. Ouvindo cantigas, tocando aquele sino na sua cabeça...Ce se perde. E você tá num ambiente... Você se perde, você se desliga do seu momento... Então aquilo facilitava a incorporação. Hoje você já tem como colocar na cabeça do médium, antes de ele começar a incorporar, de que ele tem que se concentrar pra isso. Eu posso tá aqui conversando com você, e se eu quiser me desligar das suas intenções, eu esvazio a minha mente e acabou. Você vai perguntar eu vou falar alguma coisa ou insistir num assunto só. (R.C.L.M.: 478)

Estranho, né, porque eles falavam: "Fecha o olho, vai buscar o seu Caboclo na mata, vai buscar seu Preto Velho no tempo da senzala..." Você ia, imaginava, mas acho que cê ia tão fundo que ficava aquela situação de pular, né, caso você abrisse teu olho... (S.R.O.G.: 1036)

O processo de preparação para a incorporação não se resume, no entanto, à concentração durante a gira. Ele deve se iniciar bem antes, com uma série de rituais e interdições. Desde o dia anterior à gira, os médiuns não devem manter relações sexuais. Na manhã do dia da gira, ao acordarem, saúdam os Orixás e suas entidades, e iniciam o processo de entrega a elas, dispondo-se, mentalmente, à tarefa que será levada a cabo mais adiante. Tomam seus banhos aromáticos com ervas especificadas pelas suas entidades e acendem velas. Toda essa preparação leva a uma "boa incorporação", mas não a garante. Qualquer problema mais sério, como discussões com familiares, pode dificultar, ou mesmo impedir a incorporação.

Ó, eu me senti... assim, quando eu sei que eu tô com carga negativa, ou alguma coisa assim, ou se eu não tomei meu banho de defesa, então a gente fica mais sensível então dá muito enjôo... eu mesma, depois da gira de Boiadeiro eu senti muito enjôo... passei mal, senti vontade de vomitar até... mas depois, a gente firma a cabeça, a gente pede pra aliviar, pra tirar tudo aquilo... chega em casa a

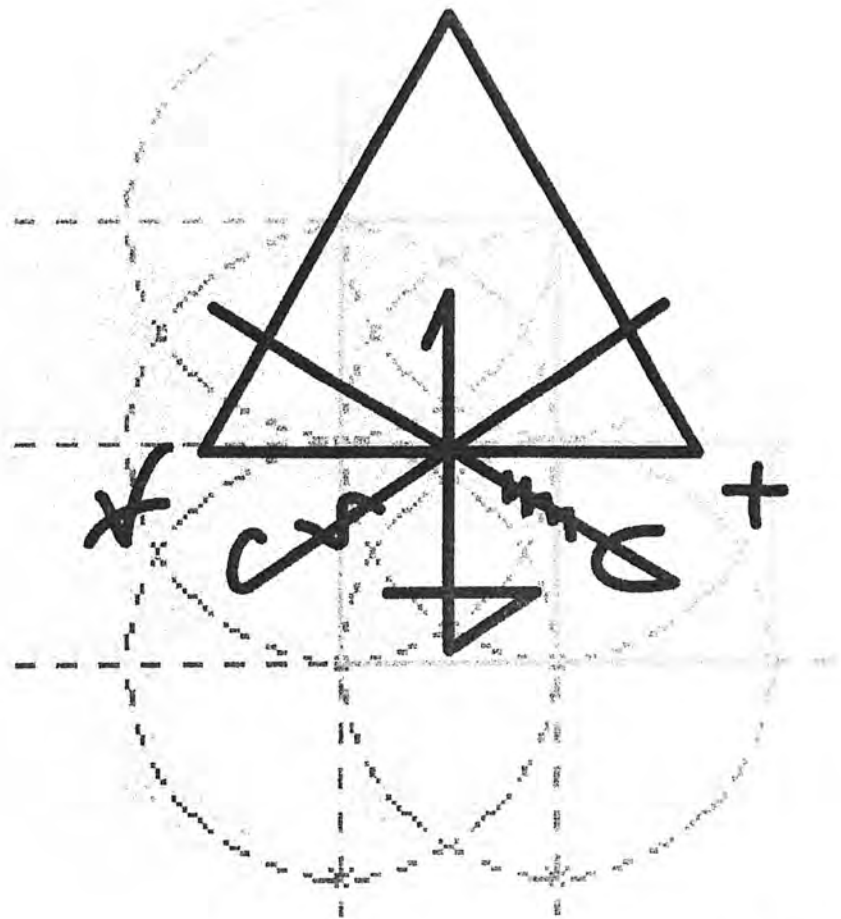
gente acende a vela pro anjo de guarda... ai melhora. Esse dia eu não tinha feito o banho de preparação e ai me senti mal. A gente trabalha muito corrido e pega muita carga no local... muita gente que entra e sai e a gente acaba pegando... a gente te, que tá sempre se cuidando. (F.S.: 105)

Não, não é simples não. Tem época que eu não consigo incorporar. Às vezes, não sei, acontece algum bloqueio. Às vezes eu faço as coisas direito, faço os banhos, faço tudo que tem que fazer, faço o ritual certinho... às vezes não vem a entidade, entendeu. Às vezes em me concentro, eu tô lá, tudo, e eu fico até sem graça, tá todo mundo lá esperando a entidade trabalhar, tal... e eu tô lá e não sinto nada. Mas tem giras que eu tô assim com tanta vibração que eu não consigo assim nem ficar em pé... nem na abertura, assim, eu não consigo nem... Mas assim, é diferente a incorporação... Não é simples. (...) [Relaciona com algo de fora da gira?] Eu acho que sim. Eu acho que quando, assim, na semana eu não tô bem, sabe, tô com algum tipo de problema eu acho que deve ser isso, né. Eu acho que sim. Porque sempre que na semana que eu tô com algum problema, alguma coisa, eu tenho esse problema de não conseguir. Mas, daí... no começo da gira eu não consigo, mas daí no decorrer da gira eu vou pedindo, eu vou cantando, eu vou, né... Daí, depois, eu vou... conforme o tempo... eu vou conversar com uma entidade... tá ali cantando os pontos... os pontos são uma reza, né.. aí eu acabo sentindo uma presença, a vibração e às vezes eu até incorporo, mas tem vezes que eu não consigo mesmo. I.M.F.L.: 180 e 182)

(...) Então, você já toma seu banho. Um dia antes, você não tem a sua relação com seu marido. Tudo isso, sabe, você vai ter uma boa incorporação. Agora, você acorda, se você já discute com o marido, melhor você nem ir pro centro. Você não incorpora muito bem (...). (S.R.O.G.: 1036)



Em meio à subjetividade que permeia cada narrativa, é possível encontrar pontos em comum que permitem reconhecer como a mediunidade se constrói. Esta análise é a que apresentarei no Capítulo 5. Antes, porém, apresento em detalhes o referencial adotado para que tal análise fosse teoricamente fundamentada.



Parte III

A Construção Psicossocial da Mediunidade

Capítulo 4

Teorias do Papel Social

Pelo que foi apresentado nos dois capítulos precedentes, pode-se tomar o fenômeno da mediunidade de incorporação como um fenômeno de comunicação. Dentro de um modelo clássico de comunicação, os médiuns, de acordo com as crenças do grupo a que pertencem, serviriam como *mídia* de mensagens a serem comunicadas. A mediunidade, assim, pode ser considerada em seu aspecto de relacionamento entre distintas instâncias, entre o mundo espiritual e o mundo material, entre o mundo dos mortos e o dos vivos. Um fenômeno de mediação, poder-se-ia dizer. O médium de incorporação assume o lugar de elo entre essas distintas realidades, ocupando a posição de articulador entre as aspirações dos sofredores e as orientações sobrenaturais.

Como apresentado no *Capítulo 1 - Estados Alterados de Consciência Culturalmente Padronizados*, a mediunidade de incorporação apoia-se, em sua atividade ritual, na alteração de consciência disciplinada culturalmente, a saber, na atividade ritual. Os médiuns cumprem a função de articuladores, permitindo que os Orixás dominem seus corpos e deles façam uso para seus propósitos. Os espíritos precisam de um substrato material para se comunicarem, uma vez que são descritos como *forças* da natureza, *luz*, *energia...* Manifestam-se por meio dos médiuns que lhes emprestam seus corpos.

Pode ser útil tomar de empréstimo a noção desenvolvida pela antropóloga Anna-Leena Siikala (1987), em sua análise das técnicas rituais do xamanismo siberiano:

Se supusermos que o mecanismo psíquico básico da técnica de êxtase do xamã é o mesmo das práticas hipnóticas ocidentais ou, em sentido amplo, de todo comportamento de transe, então a formulação psicossocial de Theodore Sarbin de que 'a hipnose é uma modalidade de um tipo mais geral do comportamento psicossocial conhecido como adoção de papéis',

fornece o ponto de partida analítico mais fértil para o estudo desse mecanismo.” (Siikala, 1987, p. 52)

Na mesma perspectiva adotada por Siikala em sua análise dos xamanismo, compreendo que conceber a função de médium como papel pode elucidar a compreensão das relações que se estabelecem no processo de comunicação grupal entre os distintos partícipes da cena, trama ou drama mediúnico. A teoria dos papéis, como pretendo mostrar a seguir, oferece ferramentas conceituais suficientes para uma análise da mediunidade de incorporação que dão conta do comportamento individual do médium naquilo que de social esse comportamento manifesta, ou seja, do comportamento psicossocial da mediunidade de incorporação, em que estão em jogo, ao mesmo tempo, elementos individuais e grupais. Ainda que minha ênfase - a ser apresentada detalhadamente no próximo capítulo - seja dada aos elementos psicossociais, não se pode deixar de considerar aqueles aspectos do indivíduo que permitem a eclosão ou manifestação de um comportamento para o qual nem todos os membros do grupo parecem estar preparados ou ter a disposição psicofisiológica necessária. Uma vez que tal disposição psicofisiológica é uma condição para se alcançar alterações de consciência, devemos pensar a mediunidade considerando tanto este elemento individual quanto a dimensão grupal, ou cultural, que determina e molda os contornos das manifestações. Assim, é impossível falar-se de uma sem considerar a outra. Considerarei, neste capítulo, a forma ou, valendo-me de uma analogia, a fôrma daquilo que imprime sobre o indivíduo a marca do grupal para, no próximo capítulo, voltar-me à análise do material coletado nesta pesquisa.

4.1 Papéis: a Construção do Conceito

O termo *papel* remete ao campo do teatro, onde atores e atrizes encenam um texto dramático, caracterizando-se, comportando-se de acordo com o que se espera de seus personagens, como se eles os fossem. Segundo Holm (1995, 1997), o termo teria sido empregado, posteriormente, em outros contextos e com outros significados

Neste século, o termo foi gradualmente adotado pelas Ciências Sociais para denotar a função adquirida por um indivíduo em um contexto social específico. Uma característica distintiva de toda teoria de papel é que os papéis não existem isoladamente, mas estão sempre inseridos em padrões sociais, o que significa que a maioria dos papéis estão inscritos em uma interação de, pelo menos, duas mãos (Holm, 1995, p. 398).

Distinguem-se, basicamente, duas concepções que se desenvolveram em teorias de papéis com ênfases distintas. Por um lado, uma que privilegiou a análise dos modelos culturais dirigidos a estruturas grupais sócio-antropológicas e das atividades sociais que têm lugar nos grupos. Por outro lado, a outra escola psicossocial, se interessa pela análise da interação entre o *ego* e o *outro* (Siikala, 1987, p. 52-53).

O antropólogo Ralph Linton parece ter sido o primeiro teórico a formalizar a teoria dos papéis. Em seu clássico "The Study of Man", Linton (1936) definia *papel* como sendo o aspecto dinâmico da unidade estrutura social, enquanto que *status* era compreendido como seu aspecto estático.

Segundo Holm (1994), é possível dividir a ampla área da pesquisa sobre papéis em três distintas, mas não excludentes, perspectivas: a analítico-estrutural, a interacionista e a perceptiva.

4.1.1 O Modelo Analítico-Estrutural

A ênfase deste modelo está em reconhecer as estruturas dos papéis em determinado contexto social. A sociedade poderia ser compreendida como um conjunto de papéis a serem executados por seus membros. Papéis emergiriam de qualquer agrupamento como forma de organizar seus membros, considerando-se, assim, mais a importância dos papéis para o grupo do que para seu impacto sobre os indivíduos.

Linton (1945), um dos representantes do modelo analítico-estrutural, vê a sociedade como um agregado de indivíduos, cada qual desempenhando uma função social que determinará sua posição social, seus direitos e deveres. A posição social está intimamente ligada ao que Linton chamou de “status social”, ou seja, uma atribuição de relevância social dada pelo grupo a um indivíduo que, por meio desse privilégio, vale-se dos seus direitos e sobrepuja-se aos seus deveres. Ao fazer assim, o indivíduo, segundo Linton, estaria adotando um papel, ou seja, comportando-se em conformidade com a posição a ele atribuída pelo grupo.

Poder-se-ia perguntar qual seria, segundo essa perspectiva, a relação entre papéis e comportamento religioso, uma vez que este trabalho focaliza tal dimensão humana.

Segundo Holm:

Se se examina a pesquisa baseada nesse modelo, nota-se que a religião é mencionada como um exemplo, entre muitos outros, de como as interações sociais funcionam. É difícil encontrar pesquisas relacionadas exclusivamente a experiências religiosas. Muito frequentemente limita-se à descrição social das unidades do grupo, embora seja interessante notar como, a partir dessa perspectiva, os grupos religiosos lidam com as novas situações que a sociedade mais ampla lhes cria. Que papéis ou funções adquirem maior importância em situações caracterizadas por dificuldades ou adversidades? Quais papéis emergem em igrejas ou

comunidades onde a secularização e o materialismo ganham espaço? O que é necessário para que uma nova seita como uma filosofia indiana, por exemplo, seja capaz de ter sucesso na sociedade ocidental? Que papéis devem ser desenvolvidos em uma igreja ou comunidade religiosa que deseja crescer e ter êxito? Estas e muitas outras perguntas podem ser respondidas desde a perspectiva analítico-estrutural quando se estuda como os grupos funcionam na sociedade.

*Uma contribuição de pesquisa no campo da Sociologia da Religião adere a esse modelo, mesmo não sendo mencionado o termo “papel”. Trata-se do principal estudo de Wach, *The Sociology of Religion* (1944), que analisa em profundidade as funções e os representantes oficiais de vários grupos religiosos. É o espectro de papel desses grupos que recebe particular ênfase. Uma vantagem do estudo de Wach é o de ele cobrir várias religiões diferentes (Holm, 1994, p. 400).*

4.1.2 O Modelo Interacionista

A ênfase dessa abordagem recai na análise das situações, em como os comportamentos dos indivíduos assumem distintas formas de acordo com os diferentes contextos sociais que, em última instância, são vividos na interação entre os indivíduos. Tal interação se manifesta por meio da linguagem, seja ela verbal ou não-verbal, que funciona como um código reconhecido por/em determinado grupo. Assim, a comunicação tem função privilegiada na análise do modelo interacionista. O papel, aqui, apresenta-se de maneira sutil. Ao se comunicarem, os indivíduos, na tentativa de compreender as mensagens, colocar-se-iam no lugar dos outros, adotando, por assim dizer, a perspectiva, o papel do outro. Compreender-se-ia o outro tanto melhor quanto fosse possível se identificar com ele, com seus sentimentos, expectativas e atitudes (Holm, 1994).

Por sua vez, Mead (1934) preocupa-se em reconhecer as conseqüências dessa dinâmica para o indivíduo. Sustenta que, a partir desse processo de comunicação que estrutura as interações sociais, o indivíduo adquire experiência. Tal experiência resultaria na formação paulatina do *self*. À medida que a criança se relaciona com outras pessoas, internaliza seus papéis e pode brincar com eles, assumindo-os temporariamente. Da mesma forma, é por meio da interação que adquire uma auto-imagem, internalizando as avaliações que são feitas a seu respeito. Nesse processo, Mead faz distinção entre duas estruturas intra-psíquicas, o *eu* e o *mim*. A primeira seria a função ativa e integradora do indivíduo, enquanto a segunda estaria ligada à capacidade de o indivíduo estabelecer contato com a realidade, de perceber, de refletir. A estrutura *mim* seria a responsável pela condição de aquisição de papéis por parte do indivíduo.

Para nos aproximarmos mais à noção psicossocial de papel desde essa perspectiva, vejamos como Sarbin define seu conceito de posição:

Uma posição é uma organização cognitiva de expectativa, um termo curto para designar um conceito que abarca ações esperadas em pessoas que adotam papéis específicos. Essas expectativas, organizadas como são em torno dos papéis, podem ser justificadamente chamadas de papéis de expectativas. Assim, a posição é uma organização cognitiva de papéis de expectativas.

Então, conceitua papéis:

Um papel é uma seqüência padronizada de ações aprendidas ou realizadas por uma pessoa em uma situação de interação (Sarbin, 1954, p. 225).

Na perspectiva de Sarbin, apesar de os papéis não serem independentes dos indivíduos, é possível se reconhecer como cada membro da sociedade ou grupo social acomoda os papéis que adota, uma vez que a forma de adoção e suas repercussões psicológicas seriam distintas de indivíduo para indivíduo.

Um elemento potencialmente importante da proposta de Sarbin a respeito dos papéis para a compreensão dos EACs – dentre eles a mediunidade de incorporação - é sua escala ou níveis de situações orgânicas que seriam reguladoras da conexão existente entre o papel e o *self*. Haveria sete níveis, desde o que torna papel e *self* afastados um do outro, até aquele em que ambos estariam unidos, como no caso dos EACs. O próprio Sarbin considera os estados de possessão, os estados místicos, as conversões religiosas como exemplos desse último extremo. O que importaria aqui é reconhecer que haveria situações em que o indivíduo perde a vontade consciente e, ao ser absorvido pelas circunstâncias e pelas idéias que as sustentariam, tornar-se-ia o que grupalmente se espera que adote como comportamento. Em outras palavras, identifica-se com seus papéis. *Self* e papel estariam integrados. O *self* para Sarbin seria a agência psicológica que estabelece contato entre as demandas do indivíduo e as exigências do grupo. Como mediador desse processo, o *self* se desenvolve por meio da aprendizagem dos papéis, por meio da capacidade que tem de adotar papéis. Rigidez ou facilidade em adotar papéis, assim, seriam possibilidades resultantes do maior ou menor desenvolvimento do *self*.

O modelo interacionista teve grande desenvolvimento posterior a Sarbin pelo trabalho de Berger e Luckmann (1966). Sustentam esses autores que é inerente ao ser humano edificar relações sociais sobre as quais se constrói um universo simbólico

compartilhado. Esse universo é externalizado, ou seja, é considerado como produto das relações estabelecidas. O processo de externalização tem como consequência outro processo, o da objetivação, pelo qual o universo da experiência simbólica humana compartilhada é tomada como realidade objetiva. Por sua vez, por meio da aprendizagem ou do processo de socialização, o indivíduo internaliza tal realidade construída anteriormente e a toma como um dado objetivo, como uma realidade externa dada. Externalização, objetivação e internalização são processos e conceitos básicos da teoria de Berger e Luckmann.

Os papéis, para Berger e Luckmann, estariam relacionados com a forma tipificada com que as instituições apresentam as ações e as idéias a respeito da realidade e de sua própria existência. O processo de convencimento se daria por meio da comunicação, do diálogo, ou seja, pelo uso da linguagem. Os papéis seriam comportamentos e ações, adotados pelos indivíduos no grupo por serem considerados como realidades dadas, embora sejam, de fato, realidades construídas e padronizadas institucionalmente.

A legitimação do universo simbólico se apresenta à medida que são oferecidos aos membros do grupo conceitos conexos que oferecem a sensação de plausibilidade e de logicidade para o que se apresentou como objetivado. Exemplos de meios institucionalizados de oferta de plausibilidade seriam a religião, a filosofia, a teologia e a mitologia.

Holm aponta alguns limites da proposta de Berger e Luckmann:

A perspectiva oferecida por Berger e Luckmann considera os papéis do cotidiano mas apresenta a tendência a super-padronizar, e assim talvez super-simplificar, a dinâmica dos papéis no cotidiano. Que existam

igrejas individuais e comunidades religiosas que tendam para a totalização do universo simbólico é bastante claro, mas no dia-a-dia há várias perspectivas diferentes constantemente em conflito umas com as outras. Esse é ao menos o caso das sociedades ocidentais. Como as pessoas escolhem um dentre vários quadros de referência simbólicos interpretativos é algo que a teoria não considera. A esse respeito, é necessário ser feita uma análise profunda das razões que levam um determinado indivíduo a escolher um universo simbólico específico dentre vários, além de se analisar como e porque ele se esforça em mantê-lo (Holm, 1997, pp. 404-405).

Sua crítica funciona como gancho para a apresentação da terceira vertente de teoria dos papéis.

4.1.3 O Modelo Perceptivo

Não há outra região do planeta a ter-se valido mais da teoria dos papéis para a análise do comportamento religioso que aos países escandinavos. Isto se deve ao impacto da teoria dos papéis proposta por Hjalmar Sundén (1908-1993).

Hjalmar Sundén nasceu em 1908 na Suécia e estudou Teologia na Universidade de Uppsala, onde terminou seu doutorado³⁸ em 1940, após ter estudado temas como Literatura, Filosofia e História da Religião na Universidade de Estocolmo. Seu interesse pela história das religiões o fez aprofundar-se nos estudos de Psicologia. É importante lembrar que o estudo histórico das religiões era marcado na Suécia pelos trabalhos de Nathan Söderblom e seu estudante Tor Andre, que enfatizavam a importância de se considerar os aspectos psicológicos da religião para uma compreensão mais abrangente do

³⁸ A tese de Sundén tem como título "*La théorie bergsonienne de la religion*".

fenômeno religioso. Sundén acabou por ler todos os trabalhos até então publicados na área de Psicologia da Religião. Seu interesse pelo tema foi tanto que decidiu procurar inscrever-se em cursos genéricos de Psicologia e teve aulas com um dos principais psicólogos do período pré-guerra, David Katz, na Universidade de Estocolmo. Anos depois, Katz preparava um manual de Psicologia e lembrou-se de Sundén para escrever um capítulo sobre Psicologia da Religião. Sundén o fez e tomou a decisão de ampliar os conhecimentos dessa área. Após quase dez anos de estudos, em 1959, Sundén publicou aquele que seria seu principal trabalho, *Religionen och Rollerna* [Religião e Papéis], que recebeu uma versão para o alemão, em 1966. Sundén escreveu mais de 300 artigos e algo como 30 livros. Com o reconhecimento de seu trabalho na área, uma cátedra de Psicologia da Religião foi criada para ser ocupada por ele na Universidade de Uppsala, em 1967. Em 1984, foi eleito Presidente-Honorário da *Internationale Gesellschaft für Religionspsychologie* (Belzen, 1996; Holm, 1997)

Em *Religionen och Rollerna* Sundén estabeleceu as bases de sua teoria de papéis, apresentado exemplos de análises de comportamentos religiosos de várias tradições. Uma primeira noção ali desenvolvida é a de que para que uma experiência religiosa exista, para que um comportamento ou visão de mundo religiosa exista, o indivíduo deve estar preparado para tal. Essa preparação se dá a partir de um contínuo processo de aprendizagem ao longo da vida do indivíduo que, como resultado acaba por formar um quadro de referência religioso. Assim, para que alguém possa apreender qualquer realidade como religiosa deve ter tido a oportunidade de conhecer uma tradição religiosa.

Sundén propunha que para que um quadro de referência fosse criado seria necessário que o organismo, por meio de seus receptores, recebesse os estímulos do meio.

Tais estímulos seriam processados pelo sistema nervoso e formariam, paulatinamente, uma disposição para a percepção. A percepção seria um processo ao mesmo tempo interno e externo, na medida em que os conteúdos seriam histórica e culturalmente oferecidos, mas assimilados, processados e armazenados individualmente, tornando o processo bastante susceptível às variações individuais. À medida que o quadro de referência se forma, há uma *disposição* para a percepção, definindo o que é e o que não é significativo e, em última instância, que estímulo deve ser considerado. Cria-se, assim, uma *disposição* neurológica no processo perceptivo.

Sundén apresenta como exemplo uma história, citada por vários de seus comentadores (Belzen, 1996; Holm, 1997), na tentativa de tornar essas primeiras noções melhor compreendidas.

A polícia criminal da Suécia do Norte recebeu a informação de que uma liga criminosa da Finlândia estaria atacando a costa sueca. Uma busca parcial mostrou que isso de fato ocorria. Descobriu-se que uma cabana de lazer havia sido destruída por dentro e que os ladrões haviam roubado um par de rifles, além de munição. Um bote a remo que havia desaparecido foi descoberto em uma ilha. Conseqüentemente, os ladrões deveriam também estar na ilha. Parte de uma equipe de patrulheiros desembarcou na ilha e caminhou em direção ao seu interior. De repente, o comandante saltou para trás de uma rocha para abrigar-se. Ele teria visto um homem que lhe apontava uma arma. Aguardou pelo atropelamento das balas, mas nada ouviu. Finalmente, saiu de seu esconderijo e revistou cuidadosamente a área. Encontrou uma garrafa de cerveja no solo, com o gargalo voltado para ele. Essa forma correspondia ao elemento na preparação que o comandante havia construído mentalmente: a arma que ele havia esperado ver (citado por Holm, 1997, pp. 407-408).

Sundén, então, descreve o processo psicológico por trás da formação de quadros de referência:

1. Há uma excitação real dos sentidos. Apesar de haver muitos estímulos presentes, apenas um deles está em concordância com o que havia sido determinado mentalmente pelo indivíduo.

2. Os processos que têm lugar no sistema nervoso se dão em movimento. Tais processos alcançam o cérebro, onde:

2.1 Começa a busca por padrões, com freqüência levando concretamente à descoberta de um (padrão). Esse processo é inconsciente. Apenas seu resultado é consciente.

2.2 O padrão descoberto agora estrutura o conteúdo da percepção e dá sentido ao estímulo que afeta o organismo (Sundén, 1977, p. 27, citado por Holm, 1997, p. 408).

Procurando compreender melhor o exemplo acima, pode-se dizer que havia um padrão na mente do comandante, um criminoso armado. Ao procurar encontrar o criminoso, acaba por encontrá-lo, ainda que não se dê conta de como o reconhecimento se deu. De fato, o objeto encontrado pelo comandante, a garrafa, foi percebido como uma arma apontada para ele, o padrão descoberto. Assim, perceber ou encontrar padrões é um processo em que estão em jogo, por um lado, um conjunto de informações que se organizam na mente do indivíduo e, por outro, os estímulos que ganham sentido em função das informações presentes no indivíduo. Ao lidar com a contraparte da percepção, o objeto, surge a figura do *partner*, daquilo que se oferece como um padrão. A garrafa foi, no exemplo dado, o objeto *partner*. O comandante acabou por fazer um teste de realidade, confrontando o estímulo (garrafa) com suas informações. Para Sundén, no entanto, apesar da possibilidade de retificação do aparente auto-engano perceptivo, o processo de

percepção é considerado como ambíguo e multi-determinado. Nesse processo a cultura influencia a formação do quadro de referência dos indivíduos.

Como dito acima, para se adotar um quadro de referência religioso é necessário que o indivíduo seja exposto ao conhecimento religioso. Para Sundén, uma experiência religiosa, assim, depende dessa imersão do indivíduo na rede de significações religiosas. Obviamente isso não é suficiente para estabelecer que aquele determinado sujeito terá, invariavelmente, uma percepção religiosa da realidade ou de parte dela. Poderá simplesmente prescindir dessa, de acordo com o quadro de referência que lhe for dominante e, mais, de acordo com o quadro de referência que lhe for dominante em dada circunstância. O processo de mudança de um quadro de referência religioso para um não-religioso, e vice-versa, foi chamado por Sundén de *fase de mudança (Phasenwechsel)* e funciona de modo comparável ao clássico experimento de figura e fundo da Psicologia da Gestalt. Assim, um mesmo estímulo ou padrão externo pode assumir contornos religiosos para uma pessoa e não para outra e, como dito, pode ser interpretado como religioso por um indivíduo em uma situação e não em outra.

Sundén oferece um interessante exemplo para ilustrar seu conceito de fase de mudança:

... o governador de Karlstadt havia orado e chorado durante um grande incêndio na cidade, enquanto o bispo praguejava e combatia o fogo. Este é um exemplo de realidade psicológica. O efeito cômico da história é provocado pela inversão de papéis entre as duas autoridades. Para o governador, a perspectiva não-religiosa é a esperada, mas nessa situação extraordinária ele assumiu uma atitude religiosa. Para a autoridade eclesial, a perspectiva religiosa seria a normal, mas na hora de perigo ela

assumiu uma outra atitude (Sundén, 1966, p. 99, citado por Belzen, 1996, p. 185).

Os quadros de referência são formados a partir da exposição dos indivíduos à cultura, à rede de significações estabelecidas entre seus personagens que dão sentidos muitas vezes variados aos mais diversos elementos da vida cotidiana e subjetiva. Os objetos assumem distintas representações, tornando-se identidades culturalmente convencionadas. Para Sundén é fundamental compreender que, escondido por trás de qualquer interação humana com a realidade, pode estar atuante um processo psíquico de reconhecimento de padrões ligados a papéis.

O objeto percebido pode tornar-se 'partner' se o padrão perceptivo do momento for um papel (Sundén, 1977, p. 27)

O conceito de papel, em Sundén, não é original. Tendo-o tomado de fontes da Psicologia Social clássica, concorda, basicamente, com as formulações de Linton e de Rocheblave-Spenlé, para quem "o papel é um modelo de comportamento que é adotado por um indivíduo em uma totalidade interacional" (Sundén, 1977, p. 27).

Se nos detivermos um pouco na reflexão de quão significativos são os papéis em nossa vida psíquica, talvez concordemos com as palavras de Wikström, que relaciona papéis a atitude religiosa:

O equipamento cultural do ser humano consiste, em grande parte, de papéis que ele obteve de seu entorno. Inclui-se aí também sua participação nas tradições religiosas de sua sociedade: em sentido amplo, pode-se dizer que estas compreendem papéis, no sentido psicológico. Ao fim e ao cabo, essas tradições compreendem homens e deuses e a maneira pela qual estes interagem. Dizer que é compreendida de papéis é,

portanto, meramente a formulação técnica de um fato bem conhecido. Entretanto, isso não significa que essa formulação não seja importante. Devemos considerar o quanto nossa própria atividade psíquica provavelmente consiste na adoção de papéis e no assumir papéis de outros. Além disso, também consiste na antecipação dos papéis de outros. A natureza do processo perceptivo acima mencionado permite um processamento de alguns ou de todos os processos neuronais periféricos, tal como a maneira significativa como são incluídos na causa de um padrão. Assim, a experiência de um deus ou um espírito deveria ser, vista de maneira puramente funcional, ao menos tão natural quanto a experiência das 'coisas'. Psicologicamente, deuses e espíritos são vistos verdadeiramente como papéis, papéis relevantes para o grupo em que as pessoas vivem (Wikström, 1987, p. 392).

Sundén estava, antes de tudo, interessado na compreensão psicológica das experiências religiosas e encontrou na teoria dos papéis ferramenta conceitual poderosa para sua elucidação. Aplicou-a, sobretudo, à análise de episódios das vidas de grandes místicos como Teresa D'Ávila, Agostinho, João da Cruz, dentre outros menos conhecidos em nosso meio cultural. Como visto acima, o primeiro ponto a se considerar naqueles que relatam ter uma concepção religiosa da vida é compreender os fundamentos culturais dessa disposição, o que significa, praticamente, reconhecer quais os mitos, textos, relatos verbais e representações que poderiam estar na base da adoção dos preceitos religiosos em sujeitos concretos. Assim, há que se reconhecer na história dos indivíduos os elementos lingüísticos e comunicacionais, em sentido amplo, que estiveram na base da criação do seu quadro de referência.

Para Sundén, por exemplo, os contatos dos indivíduos com Deus são descritos nos textos sagrados como papéis (Unger, 1976; Holm, 1997). As diversas situações descritas,

por exemplo, nos textos bíblicos, oferecem papéis bastante claros de como alguém deve proceder em tal ou qual circunstância. Representam modelos de comportamento ligados tanto às ações de Deus quanto às dos homens em relacionamento com Ele, bem como às ações entre os seres humanos, de acordo com a vontade Dele. Sundén fala do caráter dual da religião. Os papéis, reconhecidos pelo crente nos textos sagrados, apresentam tanto um modelo de atuação nas circunstâncias específicas, idênticas às acontecidas nas circunstâncias originais, quanto modelos de comportamento que podem ser generalizados e empregados em uma gama maior de situações.

Esse modelo desloca a aplicação da noção de papéis de um uso eminentemente ligado às relações sociais para um uso em contextos míticos, simbólicos e lingüísticos. Assim, é absolutamente dispensável que o indivíduo se relacione concretamente com qualquer figura mítica, heróica ou sobrenatural. O modelo de comportamento é assimilado pelo indivíduo através do contato “meramente” indireto, através do que lê ou ouve a respeito de tais figuras. Isso permite que o indivíduo possa desempenhar papéis de personagens com os quais não teve contato a não ser por meio de leituras a respeito deles, de suas vicissitudes, façanhas, experiências. Tais papéis são internalizados e farão parte do repertório de possíveis comportamentos do indivíduo no futuro.

No sistema interacional Deus-ser humano, o papel de Deus não é um padrão perceptual construído paulatinamente; no caso do Deus cristão, o papel é, de fato, especificado em escritos bíblicos. Encontramos um grande número de situações em que Deus é encontrado em interação com o ser humano ou com uma pessoa. Gerações após gerações têm sido capazes de ler ou ouvir relatos dessas situações, de maneira que milhões e milhões de seres humanos têm aprendido o papel de Deus, que em suas vidas tem

sido capaz de funcionar como um padrão perceptivo estrutural (Sundén, 1970, p. 22, citado por Unger, 1976, p. 20).

Há, portanto, uma espécie de aprendizagem vicária dos papéis por meio da aquisição de informações de tais personagens. Reais ou imaginários, não importa. O fundamental é que desempenham uma função concreta na constituição do quadro de referência dos indivíduos. Diante de situações as mais variadas, sobretudo aquelas para cuja resolução não dispõe de recursos técnicos apropriados, o indivíduo terá à sua disposição respostas (conjuntos de comportamentos) previamente assimiladas e armazenadas. Assim, seu campo perceptivo é estruturado pela presença de modelos míticos, por exemplo, que o auxiliam a compreender a situação por que passa e a nela se comportar.

A teoria dos papéis de Sundén apresenta um refinamento fundamental. Trata-se da distinção operacional entre papel assumido (na tradução inglesa de *role-taking*) e papel adotado (na tradução inglesa de *role-adopting*).

Quando um ser humano encontra-se em uma situação com a qual não pode lidar por meio de métodos oferecidos pelo mundo "técnico", pode, então, – se adquiriu a tradição religiosa e apresenta os aspectos relevantes para essa disposição – identificar-se com uma pessoa da tradição que se encontra em situação similar à sua. A situação em comum em suas vidas – ou mais corretamente, a experiência que de que essas situações são comuns – cria as condições para a identificação. Sundén denota isso como papel assumido. O indivíduo em questão "assume" o papel humano na cena apresentada pelas tradições religiosas. Ao mesmo tempo em que o indivíduo assume o papel humano, entretanto, ele também "adota" o papel divino. Adotar o papel divino na cena é idêntico à expectativa que o indivíduo tem de que Deus o tratará da mesma maneira como Deus tratou o ser humano na tradição. A adoção de papéis, assim, implica que

o indivíduo antecipe o tratamento que Deus terá para com ele. Por essa razão, Sundén fala de antecipação e expectativa. Aqui, o papel Deus funciona como um padrão perceptivo estruturante. Se o que acontece preencheu a expectativa, então o que ocorreu é estruturado com a ajuda do padrão perceptivo de maneira que, para o indivíduo, pareceu ter sido fruto de um ato de Deus. Seres humanos e Deus estão em interação. As expectativas do indivíduo são preenchidas ou confirmadas. Uma ocorrência também pode ser diretamente identificada como um ato de Deus (Sundén, 1977, p. 350.; citado por Unger, 1976, p. 21).

Assim, os papéis assumidos resultam de uma apropriação de padrões de comportamento pelo indivíduo a partir tanto da experiência sensorial direta como da indireta. São vividos, ou atuados, pelo indivíduo nas situações acima descritas. Por outro lado, adotar papéis, não significa incorporá-los, torná-los seus, mas considerar sua existência quando da prática dos papéis assumidos. No exemplo, o papel de Deus é adotado pelo indivíduo, o que significa que seu comportamento (papel assumido) deverá corresponder às expectativas que supõe exigidas por Deus (papel adotado). Papéis assumidos e papéis adotados estruturam as percepções do indivíduo e estão, obviamente, em sintonia com o padrão do quadro de referência de que constituem os elementos básicos. Dependendo da situação, o campo perceptivo do indivíduo pode se alterar abruptamente, representando o que Sundén chamou de fase de mudança perceptiva, como apresentado acima.

A teoria de papéis de Sundén não implica que os indivíduos desempenhem os papéis assumidos de maneira linear ou estática. Uma série de variáveis irão influenciar sua maior ou menor aderência aos papéis, como os fatores de personalidade e as circunstâncias externas. O que talvez seja fundamental aqui é ressaltar o aspecto de realidade que qualquer

quadro de referência pode assumir. As experiências religiosas são consideradas tão reais quanto qualquer outra realidade não-religiosa. As dúvidas que poderiam pôr abaixo um quadro de referência religioso, por exemplo, poderão deixar de existir graças a novas experiências religiosas ou mesmo a novas leituras, participações em cultos e conversas com pessoas com o mesmo quadro de referência (Holm, 1997).

Uma vez apresentados os conceitos básicos do modelo perceptivo, talvez seja o momento de apresentar alguns exemplos, dos vários oferecidos por Sundén, para caracterizar os processos acima discutidos.

O primeiro exemplo é do quacre³⁹ inglês James Nayler, do século XVII.

Nayler retornara para casa vindo de uma campanha de propaganda do exército revolucionário, da qual ele participara por razões religiosas. Estava profundamente desapontado com o resultado da vitória da campanha. Em 1652, enquanto estava sozinho, ao ar livre, durante o período de sementeira dos campos de centeio, vivenciou um evento incomum: "Eu estava arando e pensando nas coisas de Deus. Então, repentinamente, ouvi uma voz: 'Deixa... tua família e a casa de teu pai'"⁴⁰. Naquele momento senti como que uma promessa em mim. Alegrei-me por ter-me dado ouvir a voz de Deus, com a qual, desde minha infância, havia me familiarizado, mas nunca percebido".

"Essa foi", afirma Emilia Fogelklou, "uma inspiração religiosa imediata. E foi ao texto bíblico que a voz deu fala, apesar de ter ocorrido com a história de Abraão e ter se deslocado para a própria história de James

³⁹ Membro de um grupo cristão chamado *Sociedade dos Amigos*, que não mantém cerimônias formais ou um sistema formal de crenças e que se opõe fortemente à violência e à guerra. (Cambridge International Dictionary of English, 1995)

⁴⁰ Gênesis 12, 1: Ora, o Senhor disse a Abrão: "Sai da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai e vem para a terra que eu te mostrar". (Bíblia Sagrada. Edições Paulinas, 35ª edição, 1979)

Nayler". Na linguagem da Psicologia moderna, o incidente acima pode ser chamado papel assumido e papel adotado.

Assim, há invariavelmente algo mais que meramente uma reação a um comportamento de alguém. Nayler identifica-se com Abraão, mas ele simultaneamente adota o papel de Deus e seu organismo antecipa-o. Subseqüentemente, depois de ele ter deixado casa, esposa e filhos para trás, não demorou que seu organismo assumisse o papel do Outro como oposto ao seu próprio 'self'. Esse papel é assumido por ele por causa dos eventos e ocorrências – ele encontra uma ação, um "Outro" ativo em tudo que acontece a ele. As identificações mudam, porém: no momento de deixar a casa, pode-se suspeitar que ele se identificou com um dos "setenta e dois", já que ele viajou sem dinheiro e sem qualquer ferramenta ou equipamento particular. Ao lidar com autoridades e multidões tumultuadas identificava-se com os profetas e os apóstolos; porque a Bíblia lhe dá em cada caso a chance de antecipar a maneira como Deus agir, e por causa da correspondência entre estas ações divinas e suas antecipações, torna-se completamente certo de que seu 'partner' é, de fato, um "Outro Vivo", o Deus que divide a Bíblia com os homens.

Para Nayler, esse Deus é uma realidade experienciada (Sundén, pp. 57-58; citado por Unger, 1976, p. 22).

O exemplo mostra como Nayler assume o papel de Abraão e, ao mesmo tempo, adota o papel de Deus, esperando que Deus seja tão fiel a ele como o foi a Abraão.

Um novo exemplo poderá trazer luz a um outro aspecto da teoria de papéis tal como desenvolvida e utilizada por Sundén: o do efeito estruturante da antecipação. Trata-se de Lewi Pethrus, o primeiro líder do movimento pentecostal sueco. O fato ocorrera em 1899.

Quando Lewi Pethrus hesitava sobre sua vida futura, lia a Bíblia. "Novamente ocorreu uma dura luta dentro de mim, e hesitei a respeito de retornar para casa dia após dia e sofri em agonia diante de minha tarefa.

Não muito antes, eu estava em Kristiania tão solenemente diante de Deus que estava preparado para tornar-me o que quer que fosse, ir para qualquer lugar que fosse e fazer o que quer que fosse por Jesus. Este foi o princípio que eu desejei manter, e desejei conhecer a vontade de Deus. Não obstante, havia uma coisa que eu temia: eu não desejava sofrer uma derrota em minhas atividades; eu desejava o sucesso. Passado algum tempo, Linköping vinha à minha mente, mas eu tive o sentimento de que se eu fosse até lá certamente eu não teria êxito. Dentro de mim, algo me dizia que eu deveria viajar para lá, mas meu sentimento dizia que não. Uma noite, eu estava em minha casa em Storgårdskleven, lendo a Bíblia. Comecei a ler sobre Elias, que Deus havia encontrado e preparado para seu serviço. Ele colocara sua vida nas mãos de Deus. Deus respondera às suas preces, um carvão ardente tocara seus lábios e ele se tornou um profeta a serviço do Senhor. Mas, então, Deus lhe disse que ele deveria ir-se e estabelecer-se no riacho de Cherith. Então, li que depois de o riacho secar, Elias teria que ir a uma pobre viúva em Zareobath, onde, em pobreza, queria que ele dissesse maravilhas de Deus. Após essas experiências, a Elias fora permitido ver o fogo cair sobre seu sacrifício e revelar Deus para Israel. Isso tudo tocou-me. Tornou-se muito claro para mim que mesmo se isso fosse a minha experiência, que a ação de Deus ordenasse que eu deveria secar como o riacho Cherith, e que se eu me fosse nas circunstâncias mais estéreis e pobres, ainda assim Deus deveria ser capaz de revelar-se igualmente. Compreendi que essa foi a maneira pela qual me fora dado aumentar minha experiência espiritual e o caminho para realizar maiores bênçãos pelos outros.” (Sunden, 1966, p. 66; citado por Unger, 1976)

Lewi Pethrus identifica-se com Elias por viver circunstâncias de agonia quanto a seu incerto futuro. Assume o papel de Elias ao supor que ocorreria com ele o mesmo que com Elias e que seu sofrimento seria coroado com as glórias do Senhor. Nesse sentido, adota o papel de Deus, em quem confia seu destino e de quem aguarda a recompensa

espiritual. Unger (1978) faz notar que a experiência de Lewi Pethrus fora reestruturante, uma vez que o cenário futuro, que lhe parecia sombrio e negativo, passou a ser encarado com esperança e contentamento. Isso se deveu ao fato de Lewi Pethrus ter a expectativa do triunfo. Assim, uma situação de fracasso transformara-se em uma nova circunstância, repleta da intenção de Deus. O fracasso tinha, agora, um sentido.

A narrativa de Lewi Pethrus traz ainda um outro aspecto elucidativo quanto à situação existencial, mostrando que ela é capaz de se tornar propícia para que o indivíduo assuma e adote papéis. Lewi Pethrus simplesmente não tinha meios de lidar com sua situação por meio dos recursos seculares convencionais. Assim, o quadro de referência religioso permitiu a ele o instrumental conceitual, simbólico, suficiente para muni-lo de informações acerca de seu futuro desconhecido. “Se com Elias foi assim, também comigo o será”. Desta forma a tradição religiosa é uma condição para a experiência religiosa. A tradição serve como mediação no processo de enfrentamento da realidade, de constituição de um quadro de referência religioso e, por conseguinte, na oportunidade para que o indivíduo adote e assuma papéis. A imersão do indivíduo na tradição, com suas práticas, leituras e contatos interpessoais, constitui a base da assimilação e da incorporação de tal quadro de referência.

4.2 A Escolha Teórica

O trabalho de Sundén inspirará a análise feita no próximo capítulo. No entanto, assim como Sundén, prefiro manter-me à parte dos riscos da unilateralidade e arriscar-me na tentativa de compreender a experiência da mediunidade de incorporação valendo-me de uma teoria útil, apesar de estruturalmente inacabada. Não é meu objetivo o avanço teórico

ou a discussão da teoria em questão em suas bases epistemológicas mais profundas. Se, no entanto, alguma contribuição teórica vir a surgir, o mérito caberá, exclusivamente, ao incitamento que o objeto, *per se*, propuser.

Pretendo contribuir para a compreensão do objeto que propus estudar. Situo-me, portanto, dentre aqueles que, seguindo os passos de Sundén, valeram-se da teoria dos papéis como modo de compreender melhor uma determinada realidade religiosa. Ainda assim, proponho-me a avaliar criticamente as possibilidades e limites de tal emprego após a operacionalização da teoria. Isso deverá ser apresentado nas *Considerações Finais*.

Tal escolha teórica não se deu por razões arbitrárias. Como já mencionado na Apresentação, foi uma escolha baseada, por um lado, naquilo que o próprio *corpus* de análise propôs e, por outro, pela natureza de minhas hipóteses. O fenômeno de incorporação é eminentemente um fenômeno relacional, comunicativo, grupal. Não há qualquer possibilidade de investigá-lo sem que essa sua característica básica seja levada em consideração. Como apresentado no capítulo anterior, *incorporar* significa, no grupo estudado, ceder lugar, abandonar o corpo à ação dos espíritos. Ora, a ação dos espíritos não é outra que a de se comunicarem como meio de auxiliar aos que eles se socorrem. Não é por acaso que à capacidade de incorporação se intitule *mediunidade*. Medeia-se o aquém e o além. Os médiuns são meios de comunicação da palavra dos espíritos. Portanto, são *mídia*, em uma linguagem cibernética. Mas os médiuns, como propõe este trabalho, são muito mais do que apenas bons receptores e transmissores de informações. Ainda que sem consciência disso, são agentes profundamente responsáveis pelas informações que transmitem. Mesmo seus espíritos, seus guias, são gerados criativamente pelos médiuns dentro dos limites estabelecidos pelo grupo, pela cultura própria que estabelece as ações dos

Orixás. Um fenômeno complexo como a mediunidade de incorporação, cuja eclosão em um indivíduo dependerá de variáveis culturais amplas, de variáveis de interação do indivíduo com o grupo específico de pertença, além de certa disposição psicológica e neurológica individual, e cuja permanência no grupo dependerá de variáveis de sociais e culturais não menos complexas, demanda uma teoria que dê conta, ao menos, do caráter relacional indivíduo-grupo e, no caso específico, do caráter relacional indivíduo-grupo/indivíduo-espiritualidade. A relação se estabelece horizontalmente entre seres humanos e outros seres humanos. Nessa interação há o que Sundén chamou de formação do quadro de referência religioso, aprendizagem em que a percepção se amolda de acordo com a ideologia construída em grupo. Cada um dos médiuns assumiria seu papel de médium em função desse quadro de referência. De outra parte, há a relação vertical, estabelecida entre os seres humanos e suas divindades. Constitui-se, assim, a função da expectativa que essas divindades têm dos seres humanos quanto ao comportamento desses últimos. Sundén, assim, nos dirá dos papéis assumidos e adotados.

Os pontos de partida desse estudo, já anteriormente apresentados, enfatizam o papel do grupo, da interação grupal, mas naquilo em que o grupo influencia o comportamento. Dessa forma, escolher uma teoria psicológica que desse conta dos aspectos meramente individuais seria inútil. Da mesma forma, render-se às teorias propriamente sociais ou antropológicas seria o mesmo que deixar de lado aspectos propriamente individuais, fundamentais para a compreensão de um fenômeno reservado apenas a alguns, não a todos os membros do grupo. Optar por uma abordagem baseada nas Ciências Sociais, portanto, poderia reduzir as chances de compreender quais as características individuais que podem tornar um membro da Umbanda um médium. Assim, a opção pela

teoria de papéis de Sundén foi feita também em função de uma necessidade metodológica e de um interesse específico.

A teoria dos papéis, tal como empregada por Sundén, permite analisar o fenômeno da mediunidade de incorporação naquilo que de mais característico tem, seu caráter relacional: médiuns em interação com outros membros do grupo e com suas divindades. Permite que se faça uma espécie de arqueologia da formação do quadro de referência dos médiuns e do papel da percepção nesse processo. Permite que se reconheçam os papéis adotados e assumidos pelos médiuns e suas funções coletivas e individuais em cada caso concreto. Permite, ainda, que sejam conhecidas as estruturas grupais que subjazem aos comportamentos específicos e característicos da mediunidade, com seus rituais, práticas e métodos de atuação. Mas, sobretudo, permite considerar os processos interacionais, que se estabelecem pela comunicação, pela linguagem, como fundamentais na construção da realidade religiosa dos médiuns de incorporação.

Outros aspectos talvez sejam relevantes para se considerar a opção pela teoria de papéis para o estudo da mediunidade de incorporação. No Capítulo 1 foi dito como os EACs podem ser disciplinados culturalmente, como variáveis individuais, inclusive neurológicas, são necessárias para sua manifestação. A teoria dos papéis tem sido apresentada como uma das formas de compreender os fenômenos de alteração de consciência disciplinados culturalmente. Quanto maior a identificação do sujeito com o papel assumido, maior será a sujeição dos processos fisiológicos que concorrem para sua manifestação. Sarbin (1954) sustentou que: 1) assumir papéis e atuá-los envolve o organismo psicofísico inteiro do indivíduo e 2) o assumir papéis pode-se dar em diferentes níveis de consciência. A esse respeito, afirma Siikala sobre a posição de Sarbin:

Em apoio à sua premissa de que “assumir papéis é um processo orgânico”, refere-se ao teste que fez com J. H. Lewis, em que a uma pessoa hipnotizada, cujas contrações gástricas de fome eram registradas, foi dito que ela estava comendo certos tipos de alimentos. O comer imaginário provocou prazer espontâneo na pessoa testada. De grande importância foi a observação de que nas pessoas testadas sob hipnose profunda, isto é, as pessoas que melhor assumiam papéis, as contrações estomacais cessavam como se alimento real tivesse sido ingerido. Sarbin menciona, ainda, estudos realizados por Devereux, Alexander e Rivers, que demonstram que uma pessoa pode assumir tão profundamente o papel de predestinado a morrer que a morte realmente ocorre mesmo sem qualquer sinal de patologia somática. Na literatura antropológica é relativamente freqüente a aparição de casos em que a morte segue uma quebra de tabu ou a que alguém sabe que é alvo de feitiçaria. Rivers escreve sobre os papuas e sobre os melanésios: “Os homens que ofenderam alguém que eles acreditam possuidor de poderes mágicos adoecem e podem até morrer pelo resultado direto de sua crença; e se o processo não ocorre, este poderá vir a ocorrer se tais homens forem convencidos de que o encantamento havia sido temporariamente removido” (Siikala, 1987, pp. 62-63).

Apostando nessas premissas, desafio-me, agora, a apresentar uma análise coerente dos processos envolvidos na mediunidade de incorporação sob a luz da teoria dos papéis.

Capítulo 5

A Mediunidade de Incorporação como Construção Psicossocial

Neste capítulo, dedicar-me-ei à apresentação de uma aposta interpretativa do fenômeno da mediunidade de incorporação, a partir de uma perspectiva teórica baseada na análise psicossocial de papéis inspirada na proposta por Hjalmar Sundén, arriscando-me a apresentar um modelo geral de compreensão deste fenômeno. Como qualquer modelo, este apresenta uma série de postulados, criados a partir do material coletado durante a pesquisa e da reflexão a respeito das relações lógicas existentes entre seus vários elementos constitutivos.

Novamente, lembro que os dados que serviram para a análise que se fará a seguir foram retirados exclusivamente das entrevistas com médiuns e assistentes do Templo Espírita de Umbanda Xandô Agodô e de minhas observações de campo. Dessa forma, o modelo proposto talvez não tenha qualquer poder de generalização, apesar de ser ferramenta útil para a compreensão do terreiro e das médiuns entrevistadas⁴¹. Ainda assim, tenho a esperança de vê-lo testado em outros grupos e verificar sua eficiência interpretativa, ainda que tenha que sofrer os ajustes necessários produzidos pelo seu confronto com a realidade de outros grupos e médiuns.

5.1 Por um Modelo da Mediunidade de Incorporação

A mediunidade de incorporação é um fenômeno cujo estudo exige um trato interdisciplinar. Seriam necessárias ferramentas conceituais de diferentes origens para uma compreensão abrangente de sua natureza e complexidade. Não me proponho a tão abrangente empresa. No entanto, ancorado pelo reconhecimento de que apenas a avaliação

⁴¹ Apesar de conhecer a regra de utilização de gênero em nossa língua, continuarei a me referir às médiuns, para enfatizar a predominância de mulheres a ocuparem tal papel no Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô, sendo, no momento da pesquisa, o Pai R.C.L.M. o único homem a desempenhar tal função.

interdisciplinar do fenômeno em questão seria suficiente para sua compreensão, ofereço uma contribuição, a partir de uma abordagem psicológica, com a esperança de que venha a ser considerada e somada àquelas já consagradas no estudo das religiões mediúnicas, sobretudo na área das Ciências Sociais. Reconheço, portanto, que a perspectiva aqui adotada não esgota, nem pretende esgotar, a compreensão do fenômeno, embora seja necessária para contribuir para que tal realidade seja conhecida em toda a sua riqueza.

O modelo a ser apresentado toca em áreas que não as de minha especialidade e que, portanto, não serão desenvolvidas. No entanto, não mencioná-las limitaria a compreensão dos limites do modelo, dificultando, inclusive, a avaliação de seu potencial empírico interdisciplinar. A esperança é a de que grupos de pesquisa interdisciplinares possam, ao menos, se inspirar neste modelo para que ele possa se desenvolver, ou mesmo se mostrar ineficaz em sua aplicação.

A seguir, passo a apresentar meus postulados. Cada seção se inicia com a apresentação do postulado, em letras *itálicas*, à qual se segue sua fundamentação teórica e empírica.

5.1.1 As Três Dimensões da Mediunidade de Incorporação

A mediunidade de incorporação é um fenômeno complexo cuja análise científica deve levar em conta, pelo menos, três dimensões da realidade e suas relações. Tais dimensões são: a dimensão social ampla, a dimensão social dos grupos e a dimensão individual.

Chamo de *dimensão social ampla* aquela dimensão ligada aos processos e aos sistemas macro-sociais, que podem ser identificados com o que se costuma chamar de macro-estrutura social. Assim, *a cultura brasileira*, ou *a sociedade brasileira*, ou ainda *a realidade brasileira*, seriam termos com a intenção de delimitar tal campo. Objeto de estudo das Ciências Sociais, esta dimensão organizaria as relações entre os diferentes grupos sociais e influenciaria seus distintos níveis de existência, como sua hierarquia, sua constituição simbólica, seus objetivos e a operacionalização de suas atividades. Cada um dos distintos grupos sociais, apesar de manterem uma aparente independência dos demais, estariam como que submetidos a princípios geridos pelo conjunto da sociedade da qual participam e também influenciam. Dessa forma, qualquer grupo social, ao mesmo tempo, influencia e é influenciado pela dimensão social ampla, com um variável poder de influência. Assim, por exemplo, as ações de um grupo político no poder poderão influenciar mais significativamente a *dimensão social ampla* que um pequeno grupo de filatelistas.

A *dimensão social dos grupos* é a realidade das relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos organizados em segmentos ou grupos sociais da *dimensão social ampla*. Os grupos são formados por indivíduos que guardam certa identidade sob critérios estabelecidos socialmente. Assim, pode-se afirmar, por exemplo, que as mulheres formam um grande grupo social, assim como um determinado grupo de taxistas de certo ponto da Av. Paulista. Há, portanto, diferentes níveis de relação entre os indivíduos de um determinado grupo social.

Por fim, temos uma *dimensão individual* que se refere ao papel do sujeito, da subjetividade, cuja constituição dependerá tanto de fatores internos (intra-psíquicos e neurofisiológicos) quanto de fatores externos (psicossociais) interdependentes. Os

indivíduos são, ao mesmo tempo, pacientes e agentes no processo das relações que estabelecem com outros indivíduos, com o meio social.

Ao analisarmos a mediunidade de incorporação, as três dimensões devem ser levadas em conta. A mediunidade de incorporação é um conceito construído dentro de uma determinada cultura, em determinado grupo, e vivida, concretamente por indivíduos. Sociólogos e antropólogos têm dedicado interesse na compreensão das relações entre a Umbanda e, mais especificamente, embora com menor atenção, à mediunidade de incorporação, e a cultura brasileira, bem como a maneira como os diferentes grupos de Umbandistas vivem e interpretam a mediunidade, como foi apresentado no Capítulo 2. Além deles, os médicos também se pronunciaram a respeito do fenômeno de possessão, apesar da tendência a isolá-los de aspectos sociais e culturais, preocupando-se mais com a abordagem individual e médica, identificando-o à psicopatologia, até que alguns postulados da Psiquiatria fossem revistos na segunda metade do século XX e tal posição fosse repensada. Ainda assim, tem sido dada pouca atenção à dimensão individual da mediunidade de incorporação.

5.1.2 Mediunidade de Incorporação como Construção Individual e Grupal

Considera-se a mediunidade de incorporação como um fenômeno construído social e individualmente, em que estão em jogo tanto aspectos culturais macro-estruturais, quanto aspectos culturais específicos de um determinado grupo, além da vivência concreta dos indivíduos na prática desse tipo de atividade.

Como consequência de se considerar as três dimensões acima mencionadas para a análise da mediunidade de incorporação, há que se postular que todas elas sejam importantes em sua natureza, manifestação e interpretação. Cada uma das médiuns de incorporação ouvidas nesta pesquisa são únicas, participam de um mesmo templo de Umbanda que, por sua vez, está imersa em uma cultura mais geral. Considerar a mediunidade de incorporação como uma construção significa reconhecer que esta não pode ser concebida sem que sua significação e seu contexto sejam levados em conta e que, portanto, o fenômeno da mediunidade depende das relações entre as três dimensões apontadas.

Como a ênfase deste trabalho recai sobre os aspectos propriamente psicossociais da mediunidade de incorporação, a análise a seguir se deterá exclusivamente nas relações estabelecidas entre as dimensões grupal e individual, ou seja, da construção da mediunidade de incorporação por sujeitos concretos, as médiuns, pertencentes a um grupo específico, o Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô. Assim sendo, a mediunidade de incorporação para este grupo e para estes indivíduos pode guardar maior ou menor relação com as construções de outros grupos e indivíduos sobre o mesmo fenômeno. Minha proposta foi a de reconhecer e analisar uma semântica específica, dentre as várias potencialmente existentes. O reconhecimento dessa construção particular se fez possível pela compreensão do papel que a linguagem desempenha nas relações entre os indivíduos.

5.1.3 O Papel da Linguagem

Considera-se que as relações entre os diferentes atores do grupo se estabelecem por meio da linguagem, que permite que os ensinamentos

rituais, a doutrina, os "fundamentos" da Umbanda, acompanhados da semântica específica a respeito da mediunidade de incorporação, sejam transmitidos aos neófitos e, da mesma forma, que as médiuns de incorporação expressem suas experiências como tal.

A linguagem aqui é considerada em sentido amplo, compreendendo os elementos verbais e não-verbais que permitem as relações signícas entre os membros de um grupo. É exatamente pela linguagem que cada um dos elementos do grupo poderá formar um conjunto mais ou menos organizado da doutrina, dos rituais e das relações interpessoais subjacentes à vida desse grupo. É por meio da linguagem que não apenas será possível a interação realizada entre os membros do templo, mas também a interação realizada entre os membros do grupo (que aqui inclui a assistência) e as entidades. Por fim, outro aspecto fundamental da linguagem: será a partir dela que se poderá formar o quadro de referência religioso de cada membro. Nesse sentido, a linguagem será a ferramenta de constituição do sujeito religioso em um processo de aprendizagem tanto formal quanto informal, que inclui a aprendizagem de tipo vicária.

Começo pela experiência de quem chega pela primeira vez ao Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô, sentando-se no local reservado à assistência. Ainda que chegue sem qualquer informação profunda a respeito da Umbanda e do terreiro, não parece razoável imaginar que tal pessoa não tenha nenhuma referência geral acerca dessa religião. Afinal, não é tão raro que a televisão apresente matérias em que médiuns incorporados são vistos em atividade. Isto faz parte da cultura brasileira. Além disso, há alguma expectativa em relação ao que ali se realiza e, muito provavelmente, esse visitante terá um objetivo a alcançar.

Sundén (1977) sustenta que é exatamente quando o conhecimento técnico se torna insuficiente na resolução de nossos problemas que encontramos a via religiosa como um caminho viável de solução. O contato com o grupo entrevistado demonstrou que, apesar de ser freqüente que as entidades sejam procuradas em casos extremos em que os recursos técnicos foram esgotados, existem casos em que o conhecimento que os membros têm das possibilidades de resolução técnica de seus problemas é limitado, quer por falta de informação, quer por deformação da informação. Um exemplo é o de um alcoólatra que jamais procurou qualquer serviço especializado no tratamento de dependentes químicos que ouviu um médico dizer que seu problema não tinha solução na Medicina. Diante desta afirmação de um representante da ciência, o homem não teve outra alternativa senão buscar os cuidados do espiritual. Assim, considera-se que a “falta de recursos técnicos para a resolução de problemas” sempre guardará referência ao que o indivíduo considera possível ou impossível de ser solucionado por meio de conhecimentos técnicos. Seja qual for o nível de compreensão técnica do indivíduo, geralmente o que o leva a recorrer às entidades é um problema relacionado ao trinômio saúde/amor/dinheiro.

Essa nossa pessoa imaginária deve saber, ao menos, que os espíritos incorporados agirão em seu benefício. Provavelmente terá ido à gira a convite de alguém já informado minimamente da sistemática do terreiro e de seus conceitos básicos, como os de médium, entidade, passe e consulta. Além do que ouviu, terá acesso visual a muitos elementos que se somarão rapidamente aos que já trouxe. A observação lhe permitirá, desde o momento em que entrar no terreiro, por exemplo, entrar em contato com imagens que lhe parecerão representativas do diabo dentre outras que lhe são familiares, como a de Jesus Cristo. Ao

ser orientado pelas entidades, obterá informações a respeito dos ensinamentos. Lentamente será exposta a mais e mais elementos da doutrina e dos ritos da casa.

Os membros que trabalham nas giras, por sua vez, mantêm encontros regulares para o aprimoramento formal dos elementos constitutivos dos preceitos da Umbanda. São as giras de desenvolvimento e as camarinhas, já apresentadas no Capítulo 3. Além delas, há situações de aprendizado informal, como o período em que as médiuns ainda em desenvolvimento tornam-se cambonas, situação propícia para se relacionarem e aprenderem com as entidades que assessoram. O aprofundamento é muito bem-vindo no Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô, como já foi mencionado. Isso significa que há um esforço de seus membros em manter as ocasiões de educação continuada, em que os membros mais antigos, e mesmo as entidades, ensinam os mais novos do grupo.

Todas essas informações apenas são possíveis de transmissão por meio da linguagem. Mas a linguagem não é apenas um veículo de conteúdos, um condutor de mensagens.

O psiquismo é constituído de linguagem ou por meio dela. Valendo-nos da palavra, construímos os conceitos, dentre os quais o de “eu”. Também o grupo se constrói pela linguagem. A identidade do grupo só é possível de existir pela interação entre seus membros e pela interação do grupo com outros grupos.

Assim, a linguagem constituirá o membro do grupo por permitir acesso a informações que, por sua vez, formarão o quadro de referência religioso. No caso das médiuns que foram objeto de meu estudo, pode-se falar da formação de um quadro de referência mediúnico, cujos desdobramentos serão mencionados adiante. Mas falta

reconhecer como esse quadro de referência se dá na prática e como, a partir dele, um consulente poderá se transformar em médium.

5.1.4 A Construção Individual e Grupal da Mediunidade de Incorporação:

O Processo

A mediunidade de incorporação é o resultado de uma construção social e individual em que estão em jogo os conceitos ou crenças grupais relacionados à mediunidade e à doutrina da Umbanda de uma forma geral, e a aspectos individuais das médiuns, tanto cognitivos quanto afetivos. A mediunidade de incorporação é construída por meio de um processo constituído de seis elementos, a saber, assimilação, entrega, treino, criação, manifestação e comprovação.

Como visto no Capítulo 3, as médiuns se desenvolvem como tal, geralmente a partir da recomendação de uma entidade a quem costumam recorrer e consultar. Iniciam, assim, um período, por vezes longo, de aprendizagem, de desenvolvimento, pode-se dizer, de construção de suas mediunidades. Esse processo geral é composto de seis processos específicos, que atuam concomitante e interdependentemente: assimilação, entrega, treino, criação, manifestação e comprovação.

5.1.4.1 Assimilação

A *assimilação* é o processo pelo qual o indivíduo, por meio do contato com os conceitos do grupo a respeito da vida espiritual, se informa da doutrina da Umbanda, dos deveres das médiuns, das qualidades das entidades e de tudo quanto signifique a cultura

religiosa tal qual adotada pelo grupo, passam a integrar a sua vida anímica. Este é o processo psicossocial e individual de constituição de uma imagem interna ou representação das crenças do grupo. As crenças grupais, as crenças compartilhadas, tornam-se, assim, constitutivas da subjetividade dos que delas se nutrem. Por meio da assimilação, as médiuns e futuras médiuns poderão construir um quadro de referência umbandista e, neste caso, da mediunidade de incorporação.

O processo de assimilação parece ser apenas parcialmente consciente. Estão em jogo conteúdos não apenas não-verbais subliminares, que permeiam qualquer interação humana mas, sobretudo, um tipo de processamento de informações não-consciente, como ficará claro ao ser apresentado o quarto elemento do processo de construção da médium, a criação.

O processo de assimilação corresponderia ao que Sundén (1977) caracterizou como *disposição* neurológica e conseqüente formação de *padrões perceptivos*, necessários para a constituição de um quadro de referência perceptivo. Como visto no capítulo anterior, Sundén preocupou-se em reconhecer o processo neurológico de formação dos padrões perceptivos. Tais padrões seriam o resultado da exposição gradual do sistema nervoso a estímulos que, a serem congruentes, podem servir como a base para a formação de padrões perceptivos e, posteriormente, para o reconhecimento de padrões na realidade, uma vez que os padrões estruturam a percepção. Assim, a partir da formação do quadro de referência umbandista, o indivíduo tende a perceber a realidade como permeada de espíritos e de suas manifestações.

5.1.4.2 Entrega

Sem exceção, as médiuns afirmam que o processo de desenvolvimento da mediunidade, conforme já apresentado, só se realiza se não interferirem, ou seja, se permitirem que suas entidades tomem conta de seus corpos. Chamei esta disposição cognitiva de *entrega*. O processo de entrega supõe completa ausência de controle, esforço consciente para não agir sobre o próprio corpo de modo que uma entidade possa atuar sobre ele conforme sua própria vontade. Ora, ninguém se entrega a tal ponto sem que esteja inteiramente decidido a tal e sem que tenha completo conhecimento e aceitação da razões, das intenções e dos objetivos que motivam tal domínio de seu corpo por parte de um suposto outro. Assim, sem que haja assimilação das crenças do grupo, não haverá incorporação de espíritos, ou seja, sem que já exista um quadro de referência umbandista suficientemente formado. Esse processo mostra nitidamente a *interface* existente entre os processos grupais e individuais, uma vez que estão em jogo informações fornecidas pelo grupo e a disposição individual em colocar-se a serviço do grupo.

As médiuns relatam que, com o passar do tempo, têm mais facilidade para a entrega. Postulo que tal facilitação se deva, basicamente, a dois fatores: aumento gradativo de assimilação, que torna a entrega mais facilmente realizável, e o treino, próximo elemento a ser apresentado.

5.1.4.3 Treino

Refiro-me a *treino* como um processo gradual de aprendizagem psiconeurológica, portanto pode-se falar de treino de alteração de consciência, ou dissociação disciplinada. Como apresentado no Capítulo 1, há numerosas variáveis que interferem nas múltiplas modalidades de dissociação, como fatores neuropatogênicos, fatores psicológicos e fatores

culturais. Assim, uma manifestação dissociativa deve ser compreendida à luz de uma avaliação do contexto em que se dá (Krippner, 1997; Martinez-Taboas, 1995). Minha aposta interpretativa é de que a mediunidade de incorporação seja uma alteração de consciência disciplinada culturalmente, cuja aparição e conteúdo dependerá, portanto, de fatores tanto sociais quanto individuais. O grupo fornecerá as informações simbólicas, ou seja, uma semântica específica. O indivíduo que adere ao grupo, recebe, elabora, assimila e transmite tais informações. Mais do que isso, as vivencia. O contato com as médiuns revelou que para elas as idéias não são simplesmente entes abstratos, acessíveis apenas por meio do esforço da razão e da lógica. As idéias, que poderiam aqui adequadamente ser chamadas de crenças grupais (Bar-Tal, 1990), tornam-se, de fato, o próprio sujeito, o que, novamente nos remete aos conceitos de assimilação e acomodação, sobretudo este último. Assim como um pedaço de pão que como transforma-se em meu corpo, as idéias são assimiladas e tornam-se parte de minha mente. Atuam como verdades. Se estou certo nesta aposta, então pode-se concluir que, uma vez que a entrega se realize, o organismo (compreendido aqui como o conjunto corpo-mente) se acomodará conforme o esperado. No caso da mediunidade, uma vez vencida a resistência inicial, a estranheza de ter seu corpo ocupado por um outro ser, a médium exercitará seu sistema nervoso de modo a que funcione de acordo com as crenças do grupo, agora também crenças da médium, uma vez que ela também é parte do grupo.

O treinamento conta com aliados importantíssimos, como as cantigas específicas de cada linha, que falam da realidade das entidades daquela falange, o som dos atabaques marcando a forte cadência indutora de alterações de consciência, das danças, do bater de palmas, dos paramentos, das luzes, dos odores do incenso... Todos estes elementos,

somados, parecem facilitar o processo cognitivo de formação do *setting* de recepção das entidades (Lans, 1978; 1987). Servem, ainda, como estímulo padronizado condutor da alteração de consciência, com função semelhante à do assim chamado “signo-sinal” na hipnose (Faria, 1958). Assim, sempre que tal estímulo for apresentado deverá significar que a médium deverá incorporar. Sem tais coadjuvantes, os médiuns contariam exclusivamente com os estímulos cognitivos internos, diminuindo a chance ou sucesso da incorporação.

O processo de treino dissociativo é lento e leva, em média, quatro meses, segundo minha amostra. O treino dissociativo corresponde ao período de desenvolvimento da mediunidade durante o qual, como foi dito, as médiuns também recebem informações a respeito da semântica umbandista. O momento do desenvolvimento é aquele em que a médium deve procurar “ausentar-se”, não controlar-se, desligar-se. Lentamente passa de alguns arrepios, de formigamento nas extremidades do corpo, da possível vaso-constricção (dada a sensação de rebaixamento da temperatura corporal), para períodos cada vez maiores de ausência, de “cabeça oca”, como uma das médiuns afirmou. Esse período corresponde a uma acomodação lenta do sistema nervoso, de treino neurofisiológico, de um progressivo aumento disciplinado da dissociação.

Parece-me inevitável lembrar dos conceitos de assimilação e acomodação de Jean Piaget, cuja lembrança me veio à consciência quando de uma das revisões do texto acima, muito provavelmente dada a semelhança entre os conceitos piagetianos e os processos que reconheci na vida mediúnica. Para Piaget (1952), *assimilação* é o processo pelo qual o organismo entra em contato com o meio ambiente, estando disponível aos estímulos provenientes deste, enquanto que *acomodação* é processo de modificação do organismo em

função do contato com o meio. O conceito piagetiano de *assimilação* identifica-se com o processo de mesmo nome acima descrito. Utilizo aqui o termo *treino* para nomear o processo que guarda muita similaridade com o processo que Piaget chamou de *acomodação*.

5.1.4.4 Criação

Mas o que temos na mediunidade não é vazio. As médiuns não simplesmente se ausentam. A ausência dissociativa é apenas um dos elementos da mediunidade de incorporação. O que as médiuns apresentam enquanto incorporadas sugere um processo de construção não-consciente das entidades, de uma também progressiva elaboração de suas características. A este processo dei o nome de *criação*. Um médium em desenvolvimento não apresenta imediatamente sua entidade.

O período de incubação criativa permite que a entidade seja concebida em todas as suas características, do nome ao ponto riscado, da roupa de sua preferência à história de sua vida, da forma de caminhar e dançar à maneira de tratar os consulentes.

Há, portanto, um espaço de criação possível, exercitado pelas médiuns, que não despreza os limites estabelecidos pelos conteúdos próprios da doutrina. Ao contrário, estes são assimilados como já visto e profundamente levados em conta no processo de criação das entidades, mesmo porque estas também devem respeitar a semântica do grupo. Como já mencionado, há casos em que as entidades devem ser “doutrinadas”, ou seja, devem ter seus comportamentos lapidados de acordo com as regras estabelecidas pelo grupo. Assim, apesar de ser predominantemente um processo não-consciente, a criação supõe uma negociação com as exigências do grupo. Haveria, portanto, um constante *feedback* entre a criação

própria da médium e seu meio social. Se, por um lado, as entidades podem ser respeitadas como “espíritos de luz”, que auxiliarão os dirigentes do terreiro na elaboração e transmissão dos conteúdos doutrinários e rituais, por outro lado é certo que nem todas as entidades são dignas de respeito imediato e deverão passar por um intenso “desenvolvimento moral” para que cheguem à luz. Como já mencionado, sempre há o risco, inclusive, de que uma dessas entidades “baixo astral”, os Eguns, venha a invadir as giras, tumultuando os trabalhos dos “espíritos iluminados”.

Se há uma demanda cultural para que tais invasões ocorram, como sustentam alguns estudiosos (Ortiz, 1991), também é certo que tais processos se dão com maior frequência entre as médiuns ainda em desenvolvimento ou em pessoas da assistência, ou seja, em indivíduos cujos elementos ora apresentados (assimilação, entrega, treino, criação, manifestação e comprovação) parecem não ter sido suficientemente “desenvolvidos” e integrados.

5.1.4.5 Manifestação

O processo da *manifestação*, que de já foi apresentado sem ser distinguido de maneira explícita na seção anterior, é o resultado do processo de criação. Em outras palavras, a manifestação é o processo através do qual a entidade e todas as suas características finalmente se apresentam na gira. A manifestação é um complexo conjunto de elementos comportamentais - como a expressão facial, o estilo de movimentação no espaço, a maneira de expressão verbal, a forma de dançar - que deve se integrar profundamente com outro aspecto fundamental, a história da entidade, que abrange não apenas suas experiências passadas, mas, sobretudo, sua personalidade e conhecimentos

atuais – seu gosto por uma determinada bebida alcoólica, a preferência por prescrever banhos aromáticos aos banhos de sal e mesmo a atitude de fuga frente a estímulos que foram aversivos ao longo de sua história. Enfim, a mediunidade de incorporação não remete apenas a uma ausência mais ou menos permanente do ego da médium, mas à manifestação de uma outra identidade completa, ou em vias de se tornar completa.

5.1.4.6 Comprovação

Todas as médiuns entrevistadas manifestaram ter ou ter tido dúvidas a respeito de sua mediunidade de incorporação. As dúvidas referem-se à impossibilidade de se reconhecer com exatidão se as entidades são absolutamente autônomas ou se são um produto delas próprias. No entanto, sem exceção, acabam por sentirem-se racionalmente incapazes de duvidar graças às *comprovações* que acabam por experimentar. Já foram apresentadas algumas dessas comprovações anteriormente. Elas podem ser descritas como uma série de experiências anômalas vividas pelas médiuns, ou seja, experiências para as quais não encontram qualquer explicação lógica que as convença de que elas próprias seriam as responsáveis pelas entidades. A partir da análise dos relatos, é possível distinguir claramente dois grupos distintos de experiências anômalas: as ocorridas em virtude da incorporação e as vivenciadas independentemente dela.

Saltam aos olhos das médiuns as diferenças entre elas e suas entidades. Há médiuns que são abstinências por intolerância ao álcool, mas suas entidades ingerem, por vezes, grandes quantidades de bebidas com forte teor alcoólico, sem que isso lhes faça se sentir alcoolizadas ao desincorporarem. Há médiuns que não fumam e não toleram sequer o odor do cigarro, mas suas entidades fumam cigarros, charutos e cigarros de palha. Há médiuns

que relatam jamais se permitirem dançar em público, por se considerarem tímidas e introvertidas; apesar disso, suas entidades dançam, saltam e bradam fortemente.

Um segundo aspecto a respeito desse tipo de comprovação, que depende da incorporação, é o reconhecimento por parte das médiuns de que suas entidades possuem habilidades para as quais jamais foram treinadas. Esse é o caso de uma médium que afirmou que seu Caboclo prescreve ervas das quais nem mesmo se lembra de ter ouvido o nome e cujas funções terapêuticas desconhece por absoluto. Outras médiuns relatam que jamais poderiam sequer imitar as danças de algumas de suas entidades.

Mais impressionantes às médiuns é a capacidade de algumas entidades revelarem segredos ou fatos passados (e mesmo futuros) dos seus consulentes.

O segundo tipo de comprovações são indiretas, independentes da incorporação. Mostram às médiuns a existência do mundo espiritual, uma vez que vivenciam situações que não podem explicar de outra maneira que não a religiosa. Este é o caso das “experiências fora do corpo”, “experiências extra-sensoriais”, “experiências oníricas anômalas”, dentre outras, já descritas anteriormente. Mesmo tais experiências, apesar de seu caráter subjetivo, são interpretadas em consonância com o quadro de referência do grupo.

O conjunto dos seis elementos discutidos – assimilação, entrega, treino, criação, manifestação e comprovação – é representativo do profundo inter-relacionamento entre a dimensão grupal e a individual, demonstrando como a mediunidade de incorporação deve ser compreendida tanto como uma construção do grupo quanto como uma construção individual de cada uma das médiuns. Qualquer discussão, seja em relação à anterioridade

de uma ou de outra ou da relevância de uma sobre a outra para a compreensão do fenômeno da mediunidade de incorporação não me parece ser procedente.

5.1.5 Entidades Incorporadas e Papéis

Considera-se a mediunidade de incorporação como um processo de adoção e assunção de papéis. Há membros do terreiro que adotam o papel das entidades e, ao mesmo tempo, assumem o papel de médiuns. Adotar o papel das entidades significa anteciper e interpretar a conduta das entidades. Assumir o papel de médiuns significa identificar-se com tal papel, ou seja, desempenhá-lo no grupo. Os sujeitos que adotam e assumem tais papéis apresentam um quadro de referência umbandista, o que significa ter a disposição psíquica para perceber e interpretar a realidade de um ponto de vista umbandista. Em última instância, são os papéis adotados e assumidos que dispõem os indivíduos a agir e a experimentar a realidade dessa forma particular. Sendo os papéis de médiuns e de entidades constructos grupais, os médiuns ao mesmo tempo que interpretam seus papéis, são seus co-autores.

Uma das principais contribuições da teoria do papel de Sundén, conforme visto no Capítulo 4, foi ter apresentado a esclarecedora distinção entre papéis assumidos e papéis adotados. Faz-se necessário verificar se tais constructos seriam aplicáveis à análise da mediunidade de incorporação no sentido de trazer alguma luz a respeito de sua natureza.

Tradicionalmente, as análises realizadas por Sundén e pelos seus seguidores têm aplicado a teoria dos papéis no sentido de esclarecer, sobretudo, as manifestações religiosas da tradição cristã. Além disso, há uma tendência de que tais análises centrem-se sobre a experiência religiosa de indivíduos, não de grupos. A partir dessa perspectiva, têm sido

analisados inúmeros casos de indivíduos que acabam por se converterem ao cristianismo, sobretudo após algum período de profunda desolação pessoal em que são detectáveis carências não satisfeitas pelos meios seculares que lhes eram disponíveis. No momento de aflição encontram uma saída ao assumirem o papel de figuras bíblicas cujo sofrimento foi aliviado pela relação com Deus. Identificam-se com a personagem bíblica assumindo seu papel e adotam o papel de Deus, ou seja, passam a considerar que Deus estaria agindo em suas vidas como ele agiu na vida da personagem bíblica à qual se identificaram. Deus, assim, foi vivido como o *partner* destes indivíduos em suas caminhadas de vida. Conforme já apresentado, os *partners* e as figuras que serviram como modelos identificatórios são, de fato, padrões de comportamento, papéis sociais.

O *partner* das médiuns também é Deus, Oxalá, mas é, também o restante do panteão umbandista. A tradição da Umbanda, como das religiões africanas, é oral. Apenas muito recentemente o mercado editorial tem mostrado interesse em publicar textos de autores umbandistas, ainda muito raros e pouco lidos pelos membros do grupo estudado. Assim, a relação com as divindades não se faz pela leitura de algum texto sagrado fundamental ou por meio dos contos míticos de personagens heróicos que enchem a Bíblia. Se é verdade que na Umbanda há uma rica mitologia, também o é que, para o grupo estudado, o mais significativo não é tal mitologia, mas as experiências concretas vividas dentro do terreiro diretamente pelo contato com as entidades.

Há, assim, uma ampla variedade de *partners*, com características distintas, que representam uma rica variedade de padrões comportamentais humanos. Como vimos no Capítulo 3, cada uma das catorze linhas admitidas pelos membros do terreiro possui características marcantes. Embora essas características sejam respeitadas pelas entidades

construídas pelas médiuns, cada uma dessas entidades terá a possibilidade de enfatizar em seu comportamento certo traço em sua personalidade.

Outro aspecto importante a ser pensado ao falar de papéis em relação às médiuns é o do próprio papel de médium. Tal papel é assumido por alguns membros do grupo, mas não por todos, levando-se em conta que a assistência também é considerada como parte integrante do grupo. As entrevistas com as médiuns não permitem afirmar se qualquer membro da assistência poderia ou não se tornar médium. Para tanto, talvez fosse necessário entrevistar pessoas que foram chamadas a ser médiuns, participaram das giras de desenvolvimento e não lograram êxito nessa empresa, se é que tais pessoas existem. Pelo que as entrevistas mostram, qualquer pessoa é, potencialmente, médium, ou seja, não haveria qualquer capacidade ou característica individual distintiva entre médiuns e não-médiuns. Teoricamente, como já visto, bastaria que a pessoa assimilasse a semântica do grupo, se dispusesse à entrega de seu corpo de maneira incondicional e exercitasse ou disciplinasse a alteração de consciência, que se constituem nos processos desencadeadores dos demais processos descritos, a saber, a criação, a manifestação e a comprovação. De qualquer forma, o papel de médium é bastante claro para membros que trabalham no terreiro e mesmo para os assistentes com quem tive oportunidade de conversar e conviver durante a pesquisa de campo. O único aspecto da mediunidade de incorporação que é, ao menos no início do exercício mediúnico, motivo de dúvida, apreensão e medo por parte das médiuns em desenvolvimento, refere-se à consciência das médiuns durante a incorporação. Parece imperar, entre as médiuns novatas, a concepção de que ser médium significa se ausentar completamente durante a incorporação, ou seja, a de que todo médium deveria ser um médium inconsciente. Os relatos dão conta da sensação de estranheza e de dúvida

quanto à própria mediunidade quando as médiuns em desenvolvimento percebem que não permanecem completamente inconscientes e que, ao contrário, há períodos em que se encontram absolutamente alertas, sendo-lhes possível o acompanhamento de todas as atividades da entidade e do reconhecimento do seu entorno. Mas essa dúvida é minorada gradualmente, chegando mesmo à eliminação, à medida que as médiuns mais antigas da casa lhes narram suas experiências como sendo idênticas e, sobretudo, por se defrontarem com o que chamei acima de comprovações. Assim, apesar de as médiuns não terem a informação precisa a respeito de como será a incorporação, o que apenas ocorrerá com a prática mediúnica, o papel de médium é perfeitamente conhecido, mesmo pelas pessoas não iniciadas.

Toda essa reflexão inicial foi necessária para que fosse possível chegar à afirmação de que ao incorporarem espíritos, os membros do grupo estão assumindo o papel de médiuns. No entanto, ao assumirem o papel de médiuns, também adotam, durante as sessões, concomitantemente, o papel das entidades. Poder-se-ia afirmar, no entanto, que o papel de médium de incorporação supõe a óbvia função de incorporar espíritos e que, portanto, não se trataria de dois papéis, mas de apenas um. Por outro lado, o papel de médium não supõe o padrão comportamental correspondente a cada uma das entidades incorporadas pela médium, o que faria supor que, ao invés de considerar o papel de médium como único, dever-se-ia postular que a médium tem a capacidade de assumir múltiplos papéis.

De uma perspectiva fenomenológica, no entanto, o papel de médium, de acordo com o grupo estudado, não supõe mais do que o “empréstimo” de seu corpo às entidades e diferente do trabalho ativo como, por exemplo, o realizado pelos artistas de teatro ao

encenarem uma peça. Os artistas conhecem um texto e atuam conforme algo já esperado. Em outras palavras, as artistas sabem que estão atuando, representando papéis. As médiuns simplesmente não consideram estar atuando por não considerarem ter qualquer controle sobre os comportamentos das entidades. Nesse sentido, as médiuns não estariam assumindo os papéis correspondentes aos das entidades, mas apenas permitindo que as entidades atuem por meio de seus corpos. As entidades usariam os corpos das médiuns assim como os artistas fariam uso de microfones e cenários. Microfones e cenários não assumem quaisquer papéis, apenas tornam possível que papéis sejam atuados. Médiuns não atuariam papéis, apenas permitiriam que as entidades desempenhassem seus papéis.

No entanto, para ser coerente com a perspectiva adotada até aqui neste trabalho, que procura reconhecer a dimensão psicológica da mediunidade de incorporação, sem com isso pretender que a Psicologia possa esgotar sua natureza, deve-se admitir, teoricamente, que as entidades sejam constructos psicossociais e, assim, as médiuns seriam, ao mesmo tempo, intérpretes e co-autoras de suas entidades, ainda que disso não tenham consciência. O papel “médiun” supõe, portanto, ambas as funções.

A crença do grupo sustenta que as médiuns devem apenas oferecer seus corpos para a ação dos espíritos. Conforme já apresentado, os fundamentos doutrinários umbandistas transmitidos no terreiro dão conta de que tais espíritos são pessoas falecidas que continuam existentes em um mundo não-físico, portanto, seres independentes, autônomos, com vontade própria. Tais espíritos têm a missão de realizar um trabalho de “caridade”, auxiliando aqueles que a eles recorrem no sentido de minimizar-lhes o sofrimento. Ao mesmo tempo, acredita-se que tais entidades pertençam a um dentre vários grupos com características próprias, as linhas de Umbanda. Psiquicamente, tais fundamentos

funcionam como um pré-roteiro. As entidades serão vivenciadas psiquicamente como entes independentes, que apresentam características típicas da linha a que pertencem, cuja missão é a caridade. Assim, o papel “entidade” é construído pelo grupo e adotado pelas médiuns que deverão, intra-psiquicamente, assumi-lo, isto é, compor ou criar um personagem específico que cumpra tal papel.

Para tornar a proposta mais clara e mais aprofundada, devo voltar aos conceitos de Sundén e procurar responder à questão proposta no início dessa seção, qual seja “*verificar se tais constructos seriam aplicáveis à análise da mediunidade de incorporação no sentido de trazer alguma luz a respeito de sua natureza.*” Para tanto, apresento o seguinte enunciado: *alguns* membros do Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô *adotam o papel* das entidades e *assumem o papel* de médium. Decompondo a afirmação, temos que: (1), nem todos os membros do grupo são médiuns, uma vez que os assistentes, apesar de serem tidos como médiuns em potencial, de fato não serão considerados como tal até que tenham completado seu desenvolvimento; (2), alguns membros assumem o papel de médiuns, ou seja, identificam-se e desempenham tal função estabelecida grupalmente e; (3), adotam o papel das entidades, o que significa que agirão conforme as entidades esperam que ajam, e vivenciam a ação das entidades em suas vidas, sobretudo por meio do fenômeno da incorporação.

Este último aspecto necessita ser melhor explicitado. Lembremos que na proposta de Sundén os papéis adotados correspondem aos papéis de outros, os *partners*. Ao afirmar que os papéis adotados correspondem ao papel dos *partners*, está enfatizando o caráter interacional dos papéis. Assim, o papel assumido – médium – pressupõe a adoção de outro papel – entidades – de maneira a compor um continuum “eu-tu” interdependente. Ao

assumir o papel das entidades, as médiuns estruturam sua percepção, uma vez que reconhecerão a ação das entidades em suas vidas de acordo com a expectativa que têm a respeito de tal ação. O processo de *comprovação*, apresentado acima, reflete a maneira pela qual a percepção das médiuns é dirigida a encontrar em suas experiências as provas da ação das entidades em suas vidas. O que importa aqui não é o caráter genuíno das experiências – se, por exemplo, de fato, uma entidade pode reconhecer o futuro – mas o fato de as médiuns reconhecerem nessas experiências a ação direta das entidades. Se a incorporação, como vimos, sempre poder deixar alguma suspeita quanto a participação das próprias médiuns, tais experiências, digamos, anômalas, demonstrariam para as médiuns a existência e a presença do transcendente em suas vidas.

Nenhum termo parece-me mais apropriado para se referir a este processo de adoção do papel das entidades por parte das médiuns como o já corrente dentre elas: incorporação. Ora, incorporar significa “corporificar”, “dar corpo a”. A que se dá corpo senão às crenças compartilhadas pelo grupo? Assim, parece-me que também é extremamente adequado o uso do termo “médium” para se referir àquele que medeia, faz ponte, entre as crenças e a ação. Aí encontra-se o caráter midiático de tais pessoas, não apenas entre o além e o aquém, mas entre as crenças compartilhadas e sua presentificação concreta. Pergunto-me: que outra função ou papel mais fundamental existiria que não o de servir como linguagem?

5.1.6 A Função Social da Mediunidade de Incorporação e a Missão

Mediúnica

Compreende-se a mediunidade de incorporação como um serviço prestado à comunidade. As médiuns conhecem tal missão e sentem-se satisfeitas

por ajudar as entidades a auxiliarem a assistência. Mas trata-se de uma missão executada de maneira tensa por parte das médiuns. Mantém-se na atividade mediúnica motivadas não apenas pelo reconhecimento do dom que possuem e pela gratidão pelas graças alcançadas, mas também pelo medo de serem objeto da ira das entidades caso se afastem de suas obrigações mediúnicas.

Os indivíduos entrevistados encaram seu papel de médiuns como uma missão, não necessariamente como uma escolha pessoal. Tal missão consiste em permitir que as entidades que os escolheram continuem seu trabalho de caridade na Terra. A caridade é praticada por meio da busca de eliminação ou minoração dos sofrimentos por que passam os membros de sua comunidade. Serão os assistentes, os que buscam alívio de seus sofrimentos mundanos e/ou espirituais, a servirem de alvo da caridade, mas também os próprios membros do grupo de médiuns.

As médiuns entrevistadas não demonstraram qualquer dúvida quanto à função social da mediunidade de incorporação. Sustentam emprestar seus corpos para que os espíritos desempenhem a função que cabe a eles. Algumas reconhecem, no entanto, que ao se afastarem das tarefas mediúnicas, colocam em risco seu equilíbrio espiritual e material, e podem sofrer conseqüências concretas em suas vidas. Não é raro que as entrevistas deixem transparecer muito claramente o receio de ver suas vidas regredirem caso se afastem – ou voltem a ser afastar – da Umbanda e de suas funções como médiuns. A vida mediúnica é vista como uma missão que deve ser executada sob pena de sofrer represálias.

Se a mediunidade é um dom, o afastamento intencional ou não da mediunidade por parte das médiuns é visto como uma transgressão. Afinal, se as entidades escolheram seus

“cavalos” para fazer caridade, porque eles se recusariam a tal missão? Se não aceitam tal condição, ou se afastam dela, as próprias entidades “cobrarão” das médiuns tal postura, mostrando-lhes, “pelo amor ou pela dor”, o caminho correto. Assim, o medo parece ser um dos fatores a motivar as médiuns a continuarem em suas tarefas mediúnicas. Todas sabem da existência de entidades rancorosas e, ao mesmo tempo, poderosas.

Outro elemento em jogo é a gratidão para com as entidades. O ingresso e/ou permanência de muitas médiuns no grupo deve-se ou deveu-se ao auxílio recebido dos espíritos. Como poderiam, ao serem chamadas ao trabalho, demonstrar ingratidão a quem as auxiliou? Assim, parece ser freqüente entre as médiuns certa tensão frente ao trabalho mediúnico. Manifestam-se satisfeitas com o trabalho que desempenham, mas a mediunidade é experimentada, algumas vezes, como uma missão tão gratificante quanto exigente.

Seja como for, a mediunidade é apresentada como um serviço de caridade prestado à comunidade, a todos aqueles que buscam auxílio. De fato, meus contatos com a assistência permitiram a verificação de inúmeros relatos de curas, de resolução de conflitos amorosos e familiares, de conquista de empregos, de alívio espiritual e conforto pessoal. O que ouvi foram relatos de pessoas que já haviam passado por várias religiões, sobretudo a “católica” e a “crente” (como se referem aos protestantes de uma forma geral), mas que afirmam que apenas na Umbanda encontraram o que buscavam. Afirmam que ali encontraram uma religião viva, na qual é permitido o contato pessoal com autoridades do mundo espiritual, não com meros intermediários. Além disso, afirmam que as entidades os ouvem, os tocam, os reconhecem, os auxiliam de maneira pessoal, sem “afobação”.

Não é difícil reconhecer o poder que tal encontro pode propiciar a alguém aflito. Após as consultas, as pessoas sentem-se revigoradas, acolhidas e motivadas a alcançarem seus objetivos.

5.1.7 Possíveis Ganhos Psicológicos da Mediunidade de Incorporação

A prática da mediunidade de incorporação permite às médiuns ganhos psicológicos, como o sentimento de pertença a um grupo, o sentimento de utilidade espiritual e social, bem como a exteriorização e desenvolvimento de parcelas de suas próprias personalidades que não encontram espaço de manifestação no cotidiano.

Falar de possíveis ganhos psicológicos da mediunidade de incorporação não me parece tarefa simples dada a escassez de material que permita tal análise. No entanto, alguns aspectos me parecem suficientemente claros, de modo a permitir que mais algumas apostas interpretativas sejam apresentadas.

Parece-me inegável que as médiuns se sintam, efetivamente, parte de um sólido grupo com tradições claras, com funções bastante bem definidas, e que isso seja vivenciado de maneira a gerar a vivência de estabilidade social, o sentimento de pertença, cuja importância já foi apontada, entre outros, por Kurt Lewin (1948).

Dentro desse grupo, sentem-se úteis enquanto pessoas por tornarem possível o “tão nobre” trabalho dos espíritos. São, assim, duplamente úteis. Por um lado, permitem que os espíritos se manifestem, sendo úteis na realização dos interesses das entidades, de seus

objetivos na religião. Por outro lado, são úteis à comunidade, por permitirem que os consulentes entrem em contato com as entidades que os auxiliarão em suas reivindicações.

Mas há um outro território, menos óbvio, que parece oferecer às médiuns uma oportunidade de experiências construtivas. Esse é o território lúdico, o território da experimentação, o território do exercício da criatividade, o território da vazão do subjetivo, do novo, de aspectos da personalidade que, de outra forma, muito dificilmente aflorariam.

A mediunidade de incorporação é vivida como um processo cuja responsabilidade é quase que exclusivamente das entidades que dominam os corpos das médiuns para dele se servirem de instrumentos para seu trabalho de caridade. À médium cabe não interferir na manifestação dos espíritos, o que caracteriza uma “boa incorporação”. As entidades são as mais diferentes, com as mais variadas formas de ser e agir.

Considerando o processo criativo, ou elemento *criação*, apresentado no postulado anterior, há que se supor que, ao menos em uma instância psíquica não-consciente, a médium está exercitando uma importante função da vida psíquica. Criar é gerar o novo. A construção de cada uma das entidades – e lembro que cada médium no grupo estudado poderá ter uma entidade de cada uma das cerca de quinze linhas de Umbanda que trabalham com a assistência – já é, por si, circunstância de grande exercício de criação. No entanto, cada gira representa uma nova situação de criação e de exercício de atuação, uma vez que a assistência solicita cada vez mais informações acerca da história das entidades e das soluções que lhe serão propostas nas consultas.

É possível dizer que cada uma das entidades representam diferentes aspectos da vida psíquica das médiuns. Apesar de não ter extraído das entrevistas elementos suficientes para

poder demonstrar tal afirmação com segurança, não há como negar que, teoricamente, se consideramos as entidades como construções individuais e grupais, terão elas que ser compostas por conteúdos da psique da médium. Assim sendo, a construção e manifestação das entidades permite à médium a experiência de desenvolvimento, ainda que temporário, de elementos que, apesar de presentes em sua personalidade, serão como que exacerbados, ampliados, para constituírem as características de personalidade daquela entidade. Assim, por exemplo, uma recatada médium poderá se permitir dançar e cantar sob os olhos vigilantes dos assistentes, ou apresentar-se como um bêbedo marinho, mulherengo e perverso, cujo prazer mais desejado é o de submeter as mulheres à condição de inferiores. Uma imaginária mulher autoritária terá a oportunidade de incorporar uma criança indefesa, amedrontada, vítima das seqüelas de uma doença paralisante das pernas.

Creio que este seja um dos temas que poderiam levar os colegas da área a pesquisas mais aprofundadas. A compreensão da relação entre as entidades e a personalidade das médiuns talvez permita maior informação a respeito de quais são os conteúdos psíquicos preferencialmente eleitos para a construção das entidades. Seriam conteúdos recalçados? Seriam conteúdos que representariam o inverso dos conteúdos assumidos pela psique consciente? Seriam conteúdos que os sujeitos buscam conscientemente desenvolver? Ao serem manifestados como características da personalidade das entidades, tais conteúdos permitem crescimento, sob alguma ótica, da personalidade das médiuns? Este talvez seja um tema para um próximo estudo.

5.2 Os Pontos de Partida Revisitados

Logo na *Apresentação*, expus quatro hipóteses às quais chamei de "pontos de partida". Terminada a análise dos dados, com a apresentação de uma proposta de modelo interpretativo, creio que seja o momento para revisitar as quatro hipóteses e verificar se elas ainda podem ser consideradas como validadas ou confirmadas.

A primeira dessas hipóteses propunha:

a. "a mediunidade de incorporação como um fenômeno grupal". O ritual de possessão por espíritos existe, concretamente, em um grupo, em uma dada comunidade. Este grupo define o papel do médium de incorporação, define os critérios de aceitação deste tipo de médium, apoia a atividade mediúnica e impõe a ele os limites de sua atividade. Como fenômeno grupal, a mediunidade de incorporação não se limita, portanto, às características e qualidades psicológicas dos médiuns. Mas vale-se delas, uma vez que há médiuns e não-médiuns de incorporação, para desempenhar os papéis estabelecidos grupalmente. Da mesma forma, o grupo de não-médiuns, desempenha também um papel, o de consulente que, por sua vez, define o papel dos médiuns quanto à prática da atividade de orientação espiritual. É nesta relação de papéis que se estabelece a função dos espíritos a serem incorporados. Independentemente de suas histórias e vicissitudes, os Orixás servem à comunidade oferecendo-lhe orientação e consolo para as dificuldades da vida.

b. "A mediunidade de incorporação como um modo institucionalizado de comportamento". A mediunidade de incorporação pode ser compreendida como uma instituição na medida em que sua prática é mantida por uma tradição que, ao mesmo tempo que a mantém viva, a controla por meio de sua adoção por um grupo.

c. "A mediunidade de incorporação como uma tradição de crenças compartilhadas". Podemos entender a mediunidade de incorporação como um conjunto de crenças compartilhadas por um grupo. Tais crenças

não são apenas comunicadas direta e objetivamente por meio de ensinamentos transmitidos pelos membros da comunidade em reuniões específicas para essa finalidade. São também aprendidas de maneira indireta, através da própria experiência mediúnica, por meio do contato com os espíritos. As crenças são compartilhadas por médiuns, não-médiuns e espíritos que, como representantes de um universo tido como mais evoluído, conferem às crenças valor de verdade. Pode-se dizer, em última instância, que as crenças do grupo são incorporadas pelos médiuns, seus detentores privilegiados, transformando-se em espíritos, por meio de papéis que assumem e adotam, apesar de o fazerem como se não os desempenhassem.

d. *“A mediunidade de incorporação como um sistema de ação ritual”*. A mediunidade de incorporação é, antes de tudo, prática, é ritual. Tal ritual depende do desenvolvimento de habilidades pessoais, de mecanismos psicofisiológicos, e de mecanismos psicossociais a estes relacionados, ligados à alteração de consciência conseguida pelo médium, mas disciplinada culturalmente. Estão em jogo nesse processo, portanto, características pessoais, subjetivas, que facilitam ou não o desempenho da função ritual do médium como também as expectativas individuais e grupais quanto ao exercício adequado, disciplinado deste papel.

Creio que os dados coletados demonstram que, de fato, uma das características mais marcantes do fenômeno da mediunidade de incorporação seja seu caráter midiático, ou seja, seu potencial para ser o elo que se estabelece entre os distintos atores da cena grupal. Vejo a mediunidade de incorporação como um instrumento construído e utilizado *no* grupo e *pelo* grupo. Vimos como as médiuns do Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô descobrem o que é mediunidade no contato com as outras médiuns incorporadas. Vimos, ainda, que descobrem que são médiuns no contato com as entidades incorporadas por suas

“irmãs”. A partir de então, passam por um longo processo de treinamento no grupo para, então, devolverem ao grupo seu “dom”, permitindo ao grupo o contato com novas entidades, o que significa maior oportunidade de obtenção dos benefícios espirituais. A análise realizada revela que, de fato, as médiuns são instrumentos grupais para o auxílio mútuo. O terreiro pode, nesse sentido, ser compreendido como uma cooperativa religiosa cujo produto é um bem simbólico e mágico que tem como função, por um lado, de estruturar a cosmovisão dos seus participantes, dando-lhes sentido de vida e, por outro lado, a resolução imediata de problemas para os quais não encontram solução no mundo secular.

A análise dos dados, assim, parece ter revelado a correção das proposições ou hipóteses apresentadas, mostrando que não apenas foram úteis como ferramentas conceituais que nortearam o caminho investigativo, como também foram importantes para a compreensão do que encontramos ao longo desse caminho. Posso dizer, dessa forma, que foram importantes tanto para a aplicação do método científico quanto para a interpretação teórica do objeto que propus estudar. Para terminar com uma analogia, os “pontos de partida”, serviram, ao mesmo tempo, como de bússola e como lentes.

Evidentemente, sempre existe o risco de que meu próprio “quadro de referência”, formado por minhas experiências pessoais, minhas hipóteses, a proposta teórica de Sundén, as orientações que recebi ao longo dessa trajetória investigativas..., tenham me feito enxergar a realidade tal qual a apresentei acima. No entanto, ao invés de considerar a empresa científica como risco, prefiro pensá-la como uma tentativa humana de conhecer a realidade. Nessa tentativa sempre estarão envolvidos fatores tanto sociais quanto individuais. Mas não é exatamente essa uma das principais apostas que fiz a respeito dos

médiuns de incorporação? Assim, de certa maneira, cientistas e médiuns desempenhamos nossos papéis, apostamos, arriscamos.

Considerações Finais

Teoria dos Papéis de Sundén: Aplicações e Limites

Jacob A. Belzen (1996), historiador da Psicologia da Religião da Universidade de Amsterdã, situa claramente a teoria de papéis de Sundén dentro do movimento do construcionismo social e a aproxima ao relativamente recente campo da Psicologia narrativa, desenvolvido a partir dos estudos de Gergen e Gergen (1988). Segundo Belzen, a Psicologia Clínica foi a primeira a se interessar em adotar uma abordagem narrativa. Os relatos dos clientes, suas relações interpessoais narradas, as narrativas de busca por sentido ou de perda de sentido, constituíram-se em material de análise dos psicoterapeutas e pesquisadores desse campo. As histórias de vida narradas pelos pacientes foram vistas sob novo prisma, como elementos que, de fato, mostram a significação dada pelo indivíduo para suas experiências. Além disso, verificou-se que os indivíduos vivem suas vidas de acordo com a narrativa que fazem de suas histórias. Desta forma, a Psicologia Clínica, sobretudo a Psicanálise, busca analisar as narrativas de um ponto de vista hermenêutico.

Ainda segundo Belzen, um outro movimento foi fundamental na preparação para uma consideração das narrativas com ponto fulcral em certas correntes psicológicas. Teria sido o pensamento hermenêutico de Heidegger, Merleau-Ponty, Gadamer, Ricoeur, dentre outros, que enfatiza

...a historicidade do ser humano e a importância primordial da linguagem para a existência pessoal. Ricoeur, por exemplo, enfatizou que as narrativas não são descrições do (da experiência de) mundo como ele realmente é, nem as formas simplesmente impostas das experiências reais pré-existentes; mais do que isso, as narrativas são constitutivas para e da forma das experiências. Da mesma forma que a percepção não é originalmente constituída de um zumbido confuso de dados sensíveis

isolados, mas consistem de objetos já formados, de maneira que a experiência não aparece originalmente como a experiência de átomos distintos que apenas com certo tempo torna-se organizada e forma um padrão. A experiência forma-se e apresenta-se à consciência como narrativa (Belzen, 1996, p. 189).

A abordagem que considera a narrativa dessa forma é congruente tanto com a teoria dos papéis de Sundén, como com o construtivismo social, do qual a Psicologia Narrativa seria um ramo.

A conclusão de Belzen é de que Sundén emprega todas essas idéias psicológicas, ainda que nunca as tenha sistematizado de maneira tal a constituir uma teoria coerente e organizada. Encontra no trabalho de Sundén muito mais uma tentativa de dar conta da experiência religiosa, uma busca na direção de sua elucidação, que o interesse de formular e apresentar uma teoria rigorosamente constituída. Essa busca o teria levado a tocar em diversas áreas e campos do saber filosófico e científico e, propriamente da Psicologia, ainda que sem a pretensão de provocar qualquer acréscimo significativo, do ponto de vista teórico, a nenhuma delas. Mesmo sua principal contribuição à Psicologia da Religião, sua teoria de papéis, teria limites bastante significativos.

(...) ele teria admitido que muitas questões não foram respondidas por sua teoria: Como as pessoas adquirem um quadro de referência religioso? Sob que circunstâncias ocorreria uma fase de mudança? Por que e como algumas pessoas, em algum momento em suas vidas, escolhem um quadro de referência religioso diferente daquele no qual foram criadas? Essas são todas questões que Sundén reconheceu e para os quais ele próprio chamou a atenção. Algumas vezes ele mesmo voltou-se para uma outra tradição psicológica para responder algumas dessas questões, mas sem tentar integrar essas visões com sua própria teoria de papéis. É notório que ele

próprio não gostava de ser identificado com a teoria de papéis ou de ser visto como um grande homem: ele considerava a si mesmo como alguém de interesses muito mais amplos e, de fato, ele assim o era” (Belzen, 1996, pp.194-195).

A falta de sistematização teria atingido e marcado os vários discípulos de Sundén, sempre interessados mais em aplicar sua concepção que ampliá-la ou sistematizá-la como um *corpus* teórico integrado. Assim como Sundén, interessaram-se mais em compreender a experiência religiosa por meio de um instrumental psicológico suficiente para esse fim. Belzen reconhece que Sundén e seus discípulos representariam uma estrutura de análise não-reducionista do fenômeno religioso, uma vez que sempre seriam bem-vindos conhecimentos e conceitos oriundos dos mais diversos saberes e tendências psicológicas quando se tratasse de compreender a experiência religiosa.

Belzen afirma que a Psicologia Narrativa contemporânea poderia super-enfatizar a importância do papel das histórias na constituição cultural da pessoa.

As pessoas se tornam participantes da cultura humana não apenas por internalizarem histórias, mas também, e talvez mais, por serem tratadas como membros de certas culturas. A Psicologia Narrativa parece negligenciar a importância absoluta da estabilidade e da constância das atividades, práticas e procedimentos. Para compreender a gênese e a continuidade do ‘self’ não é suficiente apontar a estrutura da trama que compreende nossa humanidade. Deve-se reconhecer que os papéis derivam, ou são gerados, de histórias que são muito freqüentemente constituídas de práticas, procedimentos ou métodos que têm como finalidade dar significação e não são refletidos. Essas práticas se tornam disponíveis como fontes da ordem social dentro da qual fomos socializados (Shotter, 1989). (...) Conseqüentemente, é por meio das histórias e

práticas que a cultura encarna-se em seus membros humanos (Bourdieu, 1980/1990). (Belzen, 1996, p. 196).

Sundén parece ter-se livrado de tal risco de unilateralidade ou reducionismo.

Há que se admitir, entretanto, que Sundén não ignorou essa questão e esse perigo. Ao evitar a unilateralidade, voltou-se para outras abordagens da Psicologia para além daquela que atualmente chamamos de Psicologia Narrativa. Podemos apenas admirar a variedade de perspectivas com as quais ele trabalhou e lamentar que ele nunca tenha tentado integrar as diferentes abordagens. Mas talvez ele não estivesse mesmo interessado nisso ou apenas não possuísse o suficiente do que Kant chamou de 'rage' para querer compreender. Ele sabia que a vida sempre seria mais que a melhor teoria (Belzen, 1996, p. 196).

Ao me lançar nessa pesquisa, não me propus ao esforço de encontrar qualquer saída para as críticas feitas à proposta de Sundén. Não foi meu objetivo oferecer um conjunto teórico abrangente o suficiente para dar conta de todos os aspectos da realidade do fenômeno da mediunidade de incorporação. Ao contrário, meu objetivo foi muito mais limitado. Propus-me a compreender como os médiuns de uma das modalidades de mediunidade – a de incorporação – de um determinado local geográfico e cultural – o Templo Espírita de Umbanda Xangô Agodô – compreendem e constroem a sua mediunidade. Creio ter chegado a bom termo nessa proposta.

No entanto, apesar de o universo de estudo deste trabalho ser tão circunscrito, talvez o modelo ora apresentado possa ser criticado e ampliado de modo a servir de guia para posteriores aplicações no mesmo território, o da mediunidade de incorporação. Isso significa que talvez ele possa ser útil, no futuro, como modelo a ser generalizado e dar conta

de aspectos deste fenômeno não encontrados no grupo estudado. É sobretudo no aprofundamento dos seis processos de construção psicossocial da mediunidade apresentados - *assimilação, entrega, treino, criação, manifestação e comprovação* - que vejo maior potencial interpretativo do modelo do ponto de vista psicossocial e que, portanto, gostaria de ver desenvolvido pelos colegas da área.

Referências Bibliográficas

- ACKERKNECHT, E. H. (1971). *Medicine and Ethnology. Select Essays*. Berna.
- AUGRAS, M. (1983). *O Duplo e a Metamorfose*. Petrópolis: Vozes.
- BAR-TAL, D. (1990). *Group Beliefs. A conception for analyzing group structures, processes, and behavior*. New York: Springer.
- BOURGUIGNON, E. (1989). Multiple Personality, Possession trance, and the Psychic Unity of Mankind. *Ethos*, 17(3), 371-384.
- BAR-TAL, D. (1990). *Group Beliefs. A conception for analyzing group structures, processes, and behavior*. New York: Springer.
- BASTIDE, R. (1989). *As Religiões Africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira. (3ª edição / Edição original de 1960)
- BELZEN, J. A. (1996). Beyond a Classic? Hjalmar Sundén's Role Theory and Contemporary Narrative Psychology. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 6(3), 181-199.
- BENEDICT, R F. (1934). Anthropology and the Abnormal. *Journal of General Psychology*. Vol. 10.
- BERGER, P. L., LUCKMANN, T. (1966). *The Social construction of reality*. New York: Penguin Books.
- BERNSTEIN, E.M., e PUTNAM, F.W. (1986). Development, reability, and validity of a dissociation scale. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 174, 727-735.
- BRAUN, B.G. (1986). *Treatment of Multiple Personality Disorder*. Washington: American Psychiatric Press, Inc.
- BRAUN, B.G. (1988). The BASK model of dissociation. *Dissociation*, 1, 4-23.
- CARDEÑA, E., LYNN, S. J. & KRIPPNER, S. (Eds.) (2000). *Varieties of Anomalous Experience*. Washington: American Psychological Association.
- CARLSON. B. E., e PUTNAM, F.W. (1993). An update on dissociative experience scales. *Dissociation*, 1, 16-27.
- COSTA, J. F. (1976). *História da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Documentário. Cruz Monclova, Lidio.
- CZAPLICKA, M. A. (1914). *Aboriginal Siberia. A Study in Social Anthropology*. Oxford.
- ELLEMBERGER, H.F. (1976). *El Descubrimiento del Inconsciente*. Madrid: Gredos.

- EYSENCK, H. J. & EYSENCK, S. B. G. (1964). *Eysenck Personality Inventory Manual*. New York: Hodder & Stoughton.
- FARIA, O. A. (1958). *Manual de Hipnose Médica e Odontológica: Histórico, Neurofisiologia e Aplicações*. Rio de Janeiro: Livraria Atheneus.
- FISCHER, R. (1969). The Perception-Hallucination Continuum (A Re-Examination). *Diseases of Nervous System I*, 30, 161-171.
- FISCHER, R. (1971). A Cartography of Ecstatic and Meditative States. *Sciences*, 174, 897-904.
- FISCHER, R. (1978). Cartography of Conscious States: Integration of East and West. In A. A. Sugarman & R. E. Tarter (Eds.), *Expanding Dimensions of Consciousness*. New York: Springer, pp. 24-57.
- FISCHER, R. (1986). Toward a Neuroscience of Self Expression and States of Self-Awareness and Interpreting Interpretations. In B. B. Wolman & M. Ullman, *Handbook of States of Consciousness*, pp. 3-30.
- FLOURNOY, T. (1911). *Spiritism and Psychology*. New York: Harper & Brother Publishers.
- FLOURNOY, T. (1963). *From India to the Planet Mars. A study of a case of somnambulism with glossolalia*. New Hyde Park: University Books. (Primeira edição francesa de 1898)
- GELLHORN, E. e KIELY, W. F. (1972). Mystical States of Consciousness: Neurophysiological and Clinical Aspects. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 154, 399-405.
- GERGEN, K. J. e GERGEN, M. M. (1988). Narrative and self as relationship. *Advances in Experimental Social Psychology*, 21, 17-56.
- HERSKOVITS, M.J. (1967). *Les bases de l'anthropologie culturelle*. Paris: Payot.
- HESS, D. (1991). *Spiritists and Scientists. Ideology, Spiritism, and Brazilian Culture*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press.
- HILGARD, E. R (1992). Dissociation and theories of hypnosis. In. E. Fromm & M.R. Nash (Eds.), *Contemporary hypnosis research*. New York: Guilford Press. 69-101.
- HOLM, N. G. (1995). Role Theory and Religious Experience. In: Ralph W. Hood Jr., Ed. *Handbook of Religious Experience..* Birmingham: Religious Education Press. 297-420.

- HOLM, N. G. (1997). An Integrated Role Theory for the Psychology of Religion: Concepts and Perspectives. In: Bernard Spilka & Daniel McIntosh, Eds. *The Psychology of Religion: Theoretical Approaches*. Boulder: Westview Press. 73-85.
- HUGHES, D. J. (1992). Differences between trance channeling and multiple personality disorder on structured interview. *The Journal of Transpersonal Psychology*, 2, 181-192.
- JAMES, W. (1973). *Experiências de um Psiquista*. Porto: Moraes Editores. (Original publicado em outubro de 1909 no *American Magazine*)
- KAAMATSU, M. & HIRAI, T. (1969). An electroencephalographic study on the Zen meditation (zazen). In C. T. Tart (Ed.), *Altered states of consciousness* (pp. 489-501). New York: Wiley.
- KRIPPNER, S. (1986). Cross-cultural approaches to multiple personality disorder: Therapeutic practices in Brazilian spiritism. *Humanistic Psychologist*, 14, 176-193.
- KRIPPNER, S. (1987). Cross-cultural approaches to multiple personality disorder: Practices in Brazilian spiritism. *Ethos*, 15, 273-295.
- KRIPPNER, S. (1989). A call to heal: Entry patterns in Brazilian mediumship. In: Colleen A. Ward. (Ed). *Altered states of consciousness and mental health: A cross-cultural perspective. Cross-cultural research and methodology series*, 12. Newbury Park: Sage Publications: 186-206.
- KRIPPNER, S. (1994). Cross-cultural treatment perspectives on dissociative disorders. In S.J. Lyn & J.W. Rhue (Eds.), *Dissociation: Clinical and theoretical perspectives* (pp. 338-361)
- KRIPPNER, S. (1997). The varieties of dissociative experience. In S. Krippner & S.M. Powers (Eds.), *Broken Images, Broken Selves: Dissociative narratives in clinical practice*. 336-361.
- KROEBER, A. L. (1960). Psychosis or Social Sanction. In: A. L. Kroeber (Ed.) *The Nature of Culture*. Chicago. (Publicado originalmente em 1940).
- Lewin, K. (1948). *Resolving social conflicts, selected papers on group dynamics [1935-1946]*. (1ª ed.). New York : Harper.
- LANS, J. M. (1978). *Religieuze Ervaring en Meditatie [Experiência religiosa e meditação]*. Tese de doutorado não publicada, University of Nijmegen, Nijmegen, Holanda.

- LANS, J. M. (1987). The Value of Sundén's Role Theory Demonstrated and Tested with Respect to Religious Experiences in Meditation. *Journal for Scientific Study of Religion*, 26, 401-412.
- LEX, B. W. (1979). The Neurobiology of Ritual Trance. In E. G. d'Aquili et al., *The Spectrum of Ritual*, pp. 117-151.
- LEWIS, I. M. (1971). *Êxtase Religioso*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- LINCOLN, J. S. (1935). *The Dream in Primitive Cultures*. Londres.
- LINTON, R. (1936). *The Study of Man: An Introduction*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- LINTON, R. (1945). *The cultural background of personality*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- LUDWIG, A. (1968). *Altered States of Consciousness. Trance and Possession States*. Montreal: Raymond Prince.
- MACHADO, F. R. (1996). *A Causa dos Espíritos: um estudo sobre a utilização da Parapsicologia para a defesa da fé católica e espírita no Brasil*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, PUC-SP.
- MARTÍNEZ-TABOAS, A. (1995). *Multiple personality: An Hispanic perspective*. San Juan, Puerto Rico: Puente.
- MARTÍNEZ-TABOAS, A. (2001). Dissociative experiences and disorders: A review. *International Journal of Parapsychology*, 12 (1), 131-162.
- NEGRÃO, L. N. (1996). *Entre a Cruz e a Encruzilhada: formação do campo umbandístico em São Paulo*. São Paulo: Edusp.
- NINA RODRIGUES, R. (1900). *L'animisme fétichiste des nègres de Bahia*. Salvador: Reis.
- MEAD, R. K. (1934). *Mind, self, and society*. Chicago: University of Chicago Press.
- OESTERREICH, T. K. (1930). *Possession, Demonical and Other, among Primitive Races, in Antiquity, Middle Ages and Modern Times*. Londres.
- OHLMARKS, A. (1939). *Studien zum Problem des Schamanismus*. Lund.
- OLIVEIRA, A. X. de. (1931). *Espiritismo e Loucura*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco.
- ORTIZ, R. (1991). *A Morte Banca do Feiticeiro Negro: Umbanda e Sociedade Brasileira*. São Paulo, Brasiliense.

- PIAGET, J. (1952). *The Origins of Intelligence in Children*. New York: International Universities Press. (Publicado originalmente em 1936).
- QUERINO, M. (1955). *A Raça Africana*. Salvador: Livraria Progresso.
- RIBEIRO, L. e CAMPOS, M. (1931). *O Espiritismo no Brasil. Contribuição ao Seu Estudo Clínico e Médico-Legal*. São Paulo: Editora Nacional.
- RIBEIRO, R. (1978). *Cultos Afro-brasileiros do Recife*. Recife: I.J.N.P.S.
- ROCHE, S. M. & McCONKEY, K.M. (1990). *Journal of Personality and Social Psychology*, 1, 91-101.
- SARBIN, T. R. (1954). Role Theory. Em *Handbook of social psychology*, Vol 1, editado por G. Lindzey. Reading, MA: Addison-Wesley.
- SARGANT, W. (1973). *The Mind Possessed. A Physiology of Possession, Mysticism and Faith Healing*. London.
- SPIEGEL, H. (1974). *Manual for Hypnotic Induction Profile: Eye-roll levitation method*. (Rev. ed.) New York: Soni Medica, 1976.
- SIKALA, A-L. (1978/1987). *The Rite of Siberian Shaman*. Helsinki: Academia Scientiar Fennica. (2ª edição) (Publicado originalmente em 1978)
- SUNDÉN, H. (1966). *Die Religion und die Rollen*. Berlin: Alfred Töpelmann.
- SUNDÉN, H. (1970). *Kompndium i religionspsychologi*. Stockholm.
- SUNDÉN, H. (1977). *Religionspsykologi. Problem och metoder*. Stockholm: Propius förlag.
- TART, C. T. (Ed.). (1975). *Transpersonal Psychologies*. New York: Harper & Row.
- TART, C.T. (1990). *Altered States of Consciousness*. New York: Harper Collins.
- TELLEGEN, A. & ATKINSON, G. (1974). Openness to absorbing and self-altering experiences ("absorption"), a trait related to hypnotic susceptibility. *Journal of Abnormal Psychology*, 83, 268-277.
- UNGER, J. (1976). *On religious experience*. Uppsala: Acta universitatis upsaliensis, Psychologia religionum 6.
- VYGOTSKI, L. S. (1989). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- WALKER, S. S. (1972). *Cerimonial Spirit possession in Africa and Afro-America. Forms, Meanings, and Functional Significance for Individuals and Social Groups*. Leiden.

- WIKSTRÖM, O. (1987). Attribution, roles and religion: A theoretical analysis of Sundén's role theory of religion and the attributional approach to religious experiences. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 26, 390-400.
- WULFF, D. M. (1997). *Psychology of Religion: Classic and Contemporary*. New York: John Wiley & Sons. (2ª Edição).
- ZANGARI, W. (1996). *Parapsicologia e Religião: a importância das experiências parapsicológicas para uma compreensão mais abrangente dos fenômenos religiosos*. Dissertação de Mestrado - Programa de Ciências da Religião da PUC-SP.
- ZUSNE, L. & JONES, W. H. (1980). *Anomalistic Psychology*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- ZUSNE, L. & JONES, W. H. (1989). *Anomalistic Psychology: A Study of Magical Thinking* (2ª ed.). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Índice Geral

A

Ackerknecht, E. H., 29, 30
adja, 81
Augras, M., 51, 57, 58, 205

B

Baianos, 83, 90
Bastide, R., 58
Belzen, J. A., 147, 148, 151, 199, 200, 201, 202
Benedict, R., 30
Berger, P. L., 144, 145
Bernstein, E. M., 54
Boiadeiro, 86
Boiadeiros, 83
Bourguignon, E., 55, 56
Braun, B. G., 54

C

Caboclos, 78, 83, 84, 98
camarinhas, 91, 92, 94, 172
Campos, M., 59
Candomblé, 27, 76, 83, 85, 97
Cardenã, E., 116
Casa das Almas, 79, 80
Casinha dos Exus, 79
Charcot, J.-M., 57
Cigano, 77, 85, 87, 89, 91
Ciganos, 78, 83, 88, 102, 103
Congá, 78, 80, 81, 88, 89, 98, 99, 125
Corrente Médica, 83
Cosme e Damião, 102
Crianças, 83, 102
Czaplicka, M. A., 54

D

desagregação, 54
Descarrego, 100
Despersonalização, 36
Diabo, 91

E

Eduardo, O. C., 58
Eguns, 80
ElleMBERger, H. F., 57
encosto, 102
Espiritismo, 27, 52, 59, 89, 208, 209
Espíritos zombeteiros, 80
Exu, 79, 83, 89, 90, 95, 96, 97, 100, 102

F

Fischer, R., 47, 48
Flournoy, T., 52, 53
Freud, S., 52

G

Gellhorn, E., 46
Gergen, K. J., 199
Gergen, M. M., 199
Giras de desenvolvimento, 77, 91, 93, 94, 120, 122, 127, 172, 184

H

Herskovits, M. J., 58
Hess, D. J., 59
Hilgard, E. R., 54
Hirai, T., 46
Holm, N. G., 140, 141, 142, 145, 146, 147, 148, 149, 152, 156
Hughes, D. J., 56

I

incorporação, i, ii, viii, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 24, 27, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 47, 49, 53, 63, 72, 81, 93, 94, 95, 99, 105, 107, 109, 111, 116, 122, 124, 127, 130, 131, 132, 134, 138, 139, 144, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 194, 195

J

James, W., 52
Janet, P., 54
Jesus Cristo, 67, 78, 80, 171
Jones, W. H., 116
Jung, C. G., 52

K

Kaamatsu, M., 46
Kardecismo, 62, 89
Katz, D., 147
Kiely, W. F., 46
Krippner, S., 46, 54, 116, 176, 207
Kroeber, A. L., 30

L

Lans, J. M., 177
Le Bon, G., 57
Lei do Karma, 102
Lewis, I. M., 29
Lex, B., 48
Liga de Higiene Mental, 59
Lincoln, J. S., 27, 28
Linha das Águas, 85, 98
Linha Médica, 88
Linton, R., 140, 141
Luckmann, T., 144, 145
Ludwig, A., 26, 32, 33, 34, 41, 42, 45
Lynn, S. J., 116

M

Maggie, Y., 59, 60, 61
Marinheiro, 87
Marinheiros, 83, 87
Martínez-Taboas, A., 37, 38, 176
Morton, T. G., 72

N

Negrão, L. N., 62

O

Obaluaê, 85, 97
Oesterreich, T. K., 51, 54
Ogã, 76, 77, 78, 81, 95
Ogun, 83, 97, 98
Ohlmarks, A., 54
Oliveira, A. X., 59
Orixás, 80, 82, 83, 85, 86, 89, 92, 97, 102, 122,
134
Ossayin, 97
Oxaguian, 86
Oxalá, 78, 80, 83, 86, 89, 97, 183
Oxalufan, 86
Oxosse, 83, 84, 97, 98

P

Pai Griff, 77, 88, 89, 100
Peji, 78, 80, 96, 98, 106
Pemba, 94
Perispirito, 100, 101
Pescadores, 83, 87
Pombas Giras, 79, 83, 89, 91
Ponto riscado, 94, 99, 178
Pretos Velhos, 68, 78, 80, 83, 85
Psicologia Transpessoal, 25
Putnam, F. W., 54
Puxada de Santo, 92

Q

Querino, M., 57

R

Ramos, A., 57
Ribeiro, R., 58
Rodrigues, R. N., 57

S

Santa Bárbara, 80

Santo de cabeça, 92
São João Batista, 80
Sarbin, T. R., 138, 143, 144, 162, 163
Sargant, W., 54
Siikala, A.-L., 30, 46, 53, 138, 139, 140
Society for Psychical Research, 52
Söderblom, N., 146
Sundén, H., 19, 146, 147, 148, 149, 150, 151,
152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161,
162, 165, 171, 174, 182, 187, 199, 200, 201,
202, 205, 209, 210

T

Tart, C. T., 25, 26
Templo Espirita de Umbanda Xangô Agodô, 13,
17, 20, 35, 45, 65, 70, 71, 74, 83, 96, 100, 169,
170, 172, 187
Trunqueira, 79, 80, 90, 96

U

Umbanda, i, ii, 13, 14, 15, 17, 20, 21, 27, 29, 35,
45, 62, 63, 65, 66, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76,
80, 83, 85, 86, 89, 93, 96, 97, 100, 102, 111,
118, 122, 124, 131, 132, 161, 168, 169, 170,
172, 173, 183, 184, 186, 187, 189, 190, 192,
208
Unger, J., 152, 154, 155, 157, 158, 159

V

Vargas, G., 59
Verger, P., 58

W

Walker, S., 54
Wikström, O., 151, 152

X

Xangô, 13, 17, 20, 35, 45, 65, 70, 71, 73, 74, 80,
83, 84, 96, 97, 98, 100, 169, 170, 172, 187
Xangô Agodô, 80
Xavier, F. C., 11

Y

Yemanjá, 83, 85, 87, 97, 98, 100

Z

Zangari, W., 12
Zé Pilintra, 72, 90
Zusne, L., 116

Anexo

Transcrição das Entrevistas

F.M.S.L.

1. W.Z.: Eu gostaria de lhe agradecer por ter vindo e dizer que sua entrevista é importante para a pesquisa que estou fazendo...
2. F.M.S.L.: Eu espero que ajude a diminuir o preconceito que é grande. A minha filha mais velha, ela teve um problema de bronquite. E as pessoas me perguntam: "porque entrou, por que tá na Umbanda? Foi por amor?" Aí eu digo assim, que eu já era espírita desde que eu nasci, mas não sabia. Porque ninguém nunca me explicou. Porque eu sofri bastante com espírito encostado em mim. Digo, como é esse negócio de espírita? Por que ninguém nunca me explicou. Eu também era ignorante, não tinha conhecimento de nada. E tomava o meu corpo. Eu tava lá no Recife.
3. W.Z.: Então, F., conta um pouquinho mais desse começo. Desde quando isso lhe acontecia?
4. F.M.S.L.: Eu tinha uns quatorze anos.
5. W.Z.: Hoje você está com quantos anos?
6. F.M.S.L.: Tô com cinqüenta e nove. Aos quatorze anos, a primeira vez que se manifestou. A mãe, muito leiga, totalmente das coisas, minha mãe, minha avó. Não sabiam o que era espírito. Eu mesmo não sabia. A pessoa falava em alma, nossa, eu digo, 'o que alma?' As pessoas não sabiam o que era uma alma, o que era um espírito. Eu não tinham nem noção. Até mesmo antes de chegar aí, eu não sabia a noção da coisa. E nesse tempo, minha mãe muito pobre, muito humilde, trabalhava pra criar seis filhos...
7. W.Z.: E você que número é dos irmãos?
8. F.M.S.L.: Eu sou a terceira?
9. W.Z.: Quantos anos têm os outros irmãos?
10. F.M.S.L.: Primeiro foi um homem, meu irmão mais velho. Depois outro irmã, mais velho. Depois veio eu, depois veio os outros. E nessa época minha mãe trabalhava e eu ficava em casa, com meus irmãos mais pequenos, tomando de conta. Quando foi bem um dia, alguma coisa me tomou, tomou meu corpo, me tomou toda. Eu não sabia. Diz que essa coisa quando chegava em mim ela ficava muito furiosa, quebrava tudo, precisava de três homens pra me segurar (e eu era magrinha) pra me sustentar, pra me segurar. E quando minha mãe... porque me amarravam, deitada... minha mãe chegava perto de mim... essa coisa queira avançar na minha mãe, tinha um ódio da minha mãe. Minha mãe diz que eu mudava de fisionomia porque não era eu. Queria abocanhar ela. Agente não entendia. Chegava o vizinho: "leva pro centro espírita". Pra poder me leva tinham que me amarrá. Arrumá um carro, joga eu dentro, amarrada. E eu sem dar conta de si, porque até hoje, no meu lado espírita, na minha incorporação, eu fico ausente, não fico presente. E quando eu acordava, eu tava lá, no terreiro, quando eu acordei. Esse espírito foi encima do Pai-de-Santo, cuspiu em imagem. Fez um banquete lá. Quando eu acordava, tava descalça, tava descabelada. Gente, era longe, quando voltava tinha que vir de pé! E isso foi muito tempo.
11. W.Z.: Essa entidade falava alguma coisa?
12. F.M.S.L.: Não falava, só destruía. E outra, quando às vezes eu me lembrava, às vezes quando eu tava em mim, que eu fumava muito. Nesse tempo eu fumava mesmo, mas ela fumava mesmo, pedia cigarro. Eu não comia, fiquei magrinha, deitada.
13. W.Z.: Quanto tempo isso aconteceu?
14. F.M.S.L.: Passou mais de ano isso. Sempre me levando pro centro. E engraçado que, se viu que eu tinha um lado mediúnico pra um desenvolvimento, teria que, um Pai-de-Santo, alguém que, "olha, tem que vesti de branco, tem que cuidar das suas entidades..." Mas não, ninguém me orientou nesse lado. Aí voltava pra casa. Passava um dia, dois, fazendo alguma coisa em casa. Depois me atacava de novo.
15. W.Z.: Era nessa frequência?
16. F.M.S.L.: É, era freqüente, eu tava totalmente obsediada. A mãe ficava... coitada. Os vizinhos é que tomavam conta dos meus irmãos. Eu ficava totalmente à mercê deles.
17. W.Z.: E você não se lembrava de nada depois...

18. F.M.S.L.: Nada, nada do que me acontecia. Aí, depois, com o tempo, aí vinha uma entidade. Mamãe disse que quando... vinha esse espírito... trevoso... querendo matar minha mãe, o negócio era com a minha mãe, problema com a minha mãe. Arreventava tudo. Tinha sempre que ter alguém ali pra segurar. Eu ficava toda doída, toda machucada, nós pés, no corpo. Eu chorava de desgosto.. porque isso comigo, na minha casa, minha mãe trabalhando... meus irmãos tudo abandonado, pela mão dos vizinhos... e eu inútil. Eu não tinha... em Fortaleza, nesse tempo, ninguém tinha conhecimento de nada. Bem, depois desse tempo... acho que ele vinha, encostava alguma coisa pra fora... e minha irmã falava que ele chegava assim falando grosso e começava a cantar uma doutrina, que ainda hoje tem essa doutrina. Ele começava a cantar. Ficava de joelho e cantando. Aí é quando eu ficava bem depois. E aí foi por diante. Até que eu me curei. Foi ele que me curou.
19. W.Z.: Você já conhecia essa música do centro?
20. F.M.S.L.: Não, não. Eu não tive em centro?
21. W.Z.: Mas você era levada para um centro.
22. F.M.S.L.: Mas só quando ele ficavam feróis em casa, querendo quebrar tudo. Aí me levavam, quando o Pai-de-Santo trabalhava lá, porque eu não sabia de nada, e depois me traziam de volta pra casa.
23. W.Z.: Então era uma música que você nunca tinha ouvido que a entidade cantava?
24. F.M.S.L.: Isto... que justamente essa entidade, eu tenho muito amor por ela, como eu tenho amor por todas elas... eu pensava que essa entidade fosse meu pai de frente, depois que eu comecei a entender as coisas... achei que era meu pai de frente, meu pai de cabeça. Ele era meu pai de cabeça, sim, o Orixá, que é Ogun. E essa entidade que vinha me ajudar é Ogun das Matas, trabalha nas pedreiras das matas. É linda a doutrina que ele cantava. E eu pensava até que ele podia ser meu Pai de Caboclo. Mas não é. Me enganei. Depois veio outra entidade, depois que comecei a me desenvolver. Quer dizer, antes disso, me casei, tive a minha primeira filha.
25. W.Z.: Você se casou com quantos anos?
26. F.M.S.L.: Me casei já com dezessete, pra fazer dezoito. Mas essa coisa nunca deixou de me perturbar, continuou. Diminuiu a frequência, porque não me tomava mais assim me corpo. Mas eu sentia a presença, eu era uma pessoa muito irritada, era um pessoa muito nervosa. Totalmente diferente de hoje. Mesmo casada, eles sempre apareciam. Olha, eu não posso me esquecer nunca de uma vez. Eu tava rezando, que eu sempre gostei de fazer as orações antes de dormir. Agente... em Fortaleza é quente... agente tinha a cama, mas eu dormia sempre numa rede, às vezes, quando tava muito calor. E eu tava nessa rede nesse dia. Aí eu comecei a orar. Você acredita, que nessa hora que eu tava orando, quando chegava no Pai Nosso, não vinha mais uma palavra. Travava. Não me lembrava. Não saía. Eu começava de novo, e quando chegava lá, não vinha mais. Meu Deus, o que tá acontecendo comigo. Aí eu já ficava apavorada. Aí, quando eu me queria sair dali já me apagava. Aí já era pra modo de arreventar... chegava o espírito, queria arreventar meu marido, já ia pra cima do meu marido pra matar, pra esfolar... minha mãe. Aí meus irmãos socorria, fincava me segurando. Aí meu marido tinha uma pessoa, que trabalhava com ele, meu marido ia lá, de madrugada, chamar ele. Quantas vezes de madrugada meu marido se levantava para ir lá incomodar o menino, o Nezinho, pra vim me socorrer. E ele ia e me socorria. Aí teve, até a última vez, que eu já tinha minha filha, me apartava, sempre, de madrugada, qualquer hora, nem me acordava, quando acordava já tava lá, o Nezinho tava lá. Era horrível. Eu apagava. Aí, uma vez, quando me acordei, o Nezinho tava lá, eu tava toda doída, aí meu marido disse, "lha F., dessa vez ele não vem mais. Nunca mais ele vai vim". Eu disse: "Porque? Graças a Deus, que foi que o cê fez, Nezinho? Porque eu já tô tão cansada disso". Aí, ele disse: "Olha F., dessa vez ele nunca mais vai te perturbar, porque eu amarrei". E, de fato, nunca mais esse espírito me perturbou. Sentia muito, era um balançar de rede/ E até meus filhos... balançava a rede. Eu sentia a rede balançando. Minha mãe... perturbava minha mãe balançando rede de minha mãe. Eu tava na cama com meu marido, eu sentia como se tivesse alguém balançando pra lá e pra cá. Mas eu me acostumei, já nem ligava mais. Acordava, tava lá, a rede balançando. Eu falava: "Tá bom, pode me balançar". Me acostumei com a coisa. Quando eu vim mesmo desenvolver essa mediunidade, por causa da orientação de minha cunhada, que freqüentava aí, o terreiro... porque eu nunca tinha freqüentado um terreiro... ela já tava com meu irmão e já freqüentava há tanto tempo... eu nunca me interessei de vim. Não ligava. Aí foi que ela, através da minha filha. Minha filha trabalhando, com problema de bronquite, trabalhava no escritório de médico. Ela sempre aparecia lá, uma entidade sempre pegava ela, uma Pombo Gira, pegava ela. Agente, naquela ignorância... "espírito?" Então minha filha ficava no escritório totalmente envolvida... se transformava, ficava deitada. Fico como

maluca lá. Aí, o que que aconteceu? Os médicos davam injeção, davam calmante. Ela era casada já... porque minha casa é assim, e a dela é assim (mostrando a disposição das duas casas com as mãos). Aí agente via a T., o médico vinha com ela. Tava totalmente dopada. Sempre tava acontecendo, quase todo dia isso com a minha filha. E o marido dela, crente. Aí o médico, patrão dela, o chefe, manda me chama... a mãe. Eu digo: "Tudo bem". Marcou a hora, que ele queria conversar muito comigo. Aí eu cheguei lá, entrei lá. Ele me recebeu muito bem. Aí começamo a falar sobre ela por causa do problema dela... porque era um problema totalmente... para quem não acredita, pra quem não... ainda mais médico... é louca. Daí perguntou, desde minha avó, minha tataravó, pra saber se tinha algum problema. Eu digo: "Olha, que eu saiba não. Minha vizinha faleceu com noventa, quase cem anos totalmente boa da mente." E ele: "Ah, porque tá acontecendo isso e eu tô achando isso muito estranho, todo dia tem que ela tá aí, deitada. Mandeí ela marcar psicóloga, psiquiatra...". Eu já sabia o que era. Ela começou a passar com psiquiatra.

27. W.Z.: Ela estava com quantos anos?

28. F.M.S.L.: Nem sei. Ela já tava casada, já tinha os dois filhos dela. Acho que uns vinte e cinco, vinte e seis anos. E foi nessa vez que ela chegava, quando a filha tava lá na casa dela, ela tava totalmente envolvida com a entidade. Eu chegava lá, eu ainda não tinha conhecimento, mas eu via coisa estranha. Chegava lá e tava minha filha, se mordendo toda. A coisa dela era se morder, atacar o marido. E o marido dela ficava louco. Crente. Não acredita. Era um crente... hoje em dia tá melhor porque eu orei muito. Aí minha cunhada veio aí e eu disse: "Acontece isso com T.". Ela já freqüentava aí há muito tempo. Aí ela disse: "Olha, F., é espírito maligno. Espírito totalmente ignorante, que não entende a luz, o caminho". E eu disse: Ah, eu vou lá". E quando foi nesse dia, ela foi lá justamente quando a T. tava totalmente... o marido dela tinha passado a noite inteira acordado, orando, pertinho pra ela não se machucar, porque a pessoa queria morder e se soltasse mordida mesmo, tirava os pedaços. E quando foi bem cedo... Não tinha com quem deixar, chamo de lá, gritou de lá. Quando eu cheguei lá, que eu vi... ainda bem que foi nesse dia, dia de domingo, a minha cunhada ia passar o dia. Ela chegou e viu a situação, um alvoroço. Ela disse: "Temos que fazer alguma coisa". Aí ela veio com o irmão dela, foi fazer um assentamento, foi fazer as orações primeiro pra receber algum recado, pra saber quem tava ali. Aí foi meus filhos tudo lá em volta, orando. Quando, de uma vez ela incorporada, eu nunca tinha visto ela incorporada, minha cunhada, porque nunca tinha ido aí nem em canto nenhum... aí ela tava incorporada, aí eu falei com essa entidade dela. Aí minha filha tava lá, a coisa lá mordendo ela. Aí que foi se zangando, foi se zangando porque tava ali e chegou alguém pra querer tirar. Aí eu fiquei de lado. Saí dali e fui pro outro lado, por trás da entidade. Quando eu cheguei mais pra lá, uma coisa incrível... muitas coisas já aconteceu comigo, muito incrível... quando chego na porta do quarto pra sala, olha, mas foi de surpresa, só senti assim, quando eu comecei a dar uma gargalhada bem grande. Só senti isso. Pronto, me empurrou. Aquela coisinha que tava ali na minha ilha, machucando a noite todinha, passou pra mim. Mas veio rápido e na hora que veio pra mim, sem eu saber, diz que minha filha ficou boa, totalmente sã e quem ficou ruim foi eu, porque aí, como foi em mim... Aí, vamo quebrar. Ficou totalmente danada. Como que eu era a mãe passou pra mim. Mas eu não sei porque. Acho que é a entidade. Mas eu não sei. Mas foi uma coisa muito rápida. Daí a mamãe disse que a T. começou logo chorar. Aí pronto. Foi um alvoroço porque viu eu totalmente se debatendo.

29. W.Z.: Ela nunca tinha visto você com essa entidade?

30. F.M.S.L.: Não, não, fazia muitos anos atrás. Fazia o quê? Fazia uns dez anos atrás isso que me aconteceu. Quando.. aí chamaram um irmão, que é justamente o da I. (sua nora), que é também médico... aí a I. foi chamar, porque tava só eu, T., M.A. (marido de T.), tava P. S. (filho), e ainda veio o irmão de I., e ainda tinha S. (amiga) pra me sustentar. Aí diz que saiu se batendo, essa pessoa, se batendo todinha, até que chegou no lado de fora, no terraço, acho que me derrubaram, e lá foi que foi feito o trabalho. Foi embora por um momento, mas não foi não. Nem ente... eu nem me acordei... aí, nesse momento em que a entidade vai embora, aí chega essa entidade, que há tantos anos... o mesmo Ogun das Matas, que se chama General das Matas. Ele chegou... foi o mesmo gesto, pelo que a minha mãe falou, com a fala muito grossa, e começou a cantar depois que a coisa foi embora. E cantou a mesma música. Aí, bem, depois que ele cantou tudinho, aí mamãe se lembrou... a S. (cunhada, membro do terreiro) já desincorporou, já tava totalmente... daí a S. Não sabia que eu tinha esse lado mediúnico. Só sabia o sofrimento que eu tinha passado, mas eu não sabia o que significava isso... médium. Aí a S. foi no terreiro e a entidade chegou dando o recado. Depois essa entidade foi embora. Dá mamãe se lembrou que se tratava da mesma entidade que eu tinha e que me ajudou.

31. W.Z.: A entidade retornou para ajudar...
32. F.M.S.L.: Retornou para ajudar a tirar a entidade da minha filha, uma Pombo Gira. Mas era a mando de alguém pra ela. Porque minha filha, ela casou-se com essa pessoa mas ele era casado, tinha um filho. E essa mulher fez o diabo. Hoje ela tá passando... sem poder andar... por causa desse homem. E daí foi que... eu fiquei me sentindo muito ruim. Mole, muito mole. Minhas perna não obedecia. Eu tava... me arreei na cadeira. Não tinha força nos meus braços. Parece, sei lá, que eu tava sem energia. Aí, eu tava com meus olhos assim meio fechados, não conseguia abrir os meus olhos todo. Eu me senti completamente estranha. Aí eu digo: "S., pelo amor de Deus, me ajude." E comecei a chorar. "Eu não tô podendo me levantar. Eu não tô podendo agir. O corpo não é meu. Parece que eu tô morta. Tô sem energia, sem força. Me ajuda, pelo amor de Deus." Por que eu não sabia, era apavorante. Aí ela começou a achar graça. Disse: "Não, F., o que tem aí não é nada de mais não. Não se preocupa, não. É uma criança. Tá ao teu lado. Dá passagem pra ela". E eu: "Mas como eu vou dar passagem? Se eu nem sei o que é passagem?" Daí ela disse: "F., eu vou te ajudar, sim. Vem cá. Se levanta." E cadê, eu sem ter força nas pernas! Parece uma criança, quando nunca sabe anda, não sabe engatinhar. Assim tava eu, uma criança sem totalmente os movimentos nas pernas, sem nada. Daí, ela: "Vem aqui". Aí pegou nas minhas mãos, outro me ajudou a levantar, daí sem que saiu andando comigo, eu querendo ficar de pé, querendo cair... Me lembro muito bem, querendo cair, totalmente morta. Aí, começou a judiar comigo: "Vamos embora". Começou a rodear comigo. Aí, não sei o que aconteceu, me pegou, e era criança mesmo. Ela disse, essa irmã da S., que era uma criança tão linda, e foi me contando: "Olha, F. que criança tão linda, que eu nunca vi na minha vida, uma criança tão linda como a sua". E chegou. Disse que ela chegou, ficou sentada. Era um menino. Começou a conversar, sentadinho, sobre uns sonhos que eu tinha, muitos sonhos, sonhava muito, tomava banho de cachoeira. Sabe, as entidades tudo tomando conta de mim e eu sem saber de onde era isso! Eu sempre sonhava. Eu flutuava. Descia em cada cidade, flutuava. Era muita coisa linda que acontecia nos sonhos. Mas era eles trabalhando no meu lado e eu não sabia. Aí ele começou a contar... mal falava de tão pequenininho... que era ele... querendo me buscar, que era ele que fazia tudo isso pra ver se eu despertava, se eu procurava, mas que não tinha jeito, que eu não entendia. Aí pediu bala, pediu guaraná. Aí foram arrumar as balinhas, foram arrumar a guaraná pra ele. Aí diz que, com os olhos fechados, dava pra cada pessoa as balinha. Não abria os olhos, durante todo o tempo. Acho que é por isso que diz que era uma criança muito linda. Se ele via com os olhos dele mesmo. Sei que depois disso, foi embora e fiquei bem. Mas, só que eu passei uma semana cansada. Parecia que era uma surra de pau tinham me dado de tão doída. E aí, passou os dias, minha filha passou uns dias bem do dia em que a S. fez os trabalhos aí. Trouxe ela aqui no centro e eu vim com ela. Era até uma gira de esquerda. Ela recebeu entidade.
33. W.Z.: Essa foi a primeira vez que você foi a um centro...
34. F.M.S.L.: Foi a primeira vez que eu vim por vontade própria, porque eu não sabia também. Mesmo a S. sendo médium, minha cunhada, ela não chegou a falar: "Você tem um lado mediúnico, procura desenvolver". Nunca ninguém me falou nada. Aí eu vim aí, minha filha veio e eu acompanhei, ela tinha feito uns trabalhos pra ver se ela ficava bem e ela ficou bem. Aí orientaram que era bom o desenvolvimento. Eu sei que, enfim, com o marido dela, de tanto conversar, viu a situação da esposa, deixou, aceitou. Mas não de bom grado. E aí meu filho caçula acompanhou também. Ficou aí se desenvolvendo. Aí ficaram e eu nem vinha com eles. Aí, o meu filho: "Vamos lá, mãe". E eu: "Vão vocês mesmo. Deixa eu aqui". Eu era tão sem gosto na vida. Não tinha prazer pela vida. Era uma pessoa totalmente morta. Vivia assim... Não sei. "Vamos lá, mãe". Sei que um dia "tá bom", e eu fui. "Vou hoje, pra assistir". Aí cheguei, assisti, passei pela entidade de uma pessoa que não está mais na casa. Aí a entidade conversou muito comigo. Aí, como eu tive uma orientação dessa entidade... e começou a conversar que desse passagem, que eu tava totalmente desenvolvida, as entidades tavam querendo só uma passagem pra eles trabalhar porque eles querendo trabalhar. Que eu era uma pessoa totalmente desenvolvida no desenvolvimento, mas que eu precisava de dar passagem para a minha evolução e para a evolução deles. Que na minha veia corria o sangue... E eu digo: "Mas precisa mesmo de eu vim?" "Ah, tem que vim, vestir de branco pra felicidade.." Eu vinha, assistia meus filhos. Mas não era assim uma coisa que eu.. Vim por vim, por causa dos meus filhos. Vim por amor aos meus filhos, pra falar a verdade. Porque meus filhos tanto pelevava, minha filha tanto pelevava: "Mãe, a senhora é médium. A senhora lá, mãe". Sabe. Eu vim por amor aos meus filhos. Não foi por dor, como se diz. Não foi por amor às entidades, porque eu não conhecia. Foi por amor aos meus filhos, pra acompanhar. E daí eu tô até hoje. Graças a Deus. Olha! Já tem acontecido muitas coisas. As pessoas, às vezes, assim, o lado espírita as pessoas vêem assim, como, sei lá, coisa muito feia. Eu sofri muito por causa do meu genro. Porque depois

ele tirou minha filha daí. Meu filho se afastou também e eu fiquei sozinha. Ele queimou todas as coisas, os paramentos dela, fez uma fogueira. Olha, hoje em dia, eu... foi uma coisa muito errada o que ele fez. Todos aqueles paramentos dos Orixás. Queimou uns pneus lá na frente da casa dele, fez uma fogueira e queimou tudo. A filha dela, minha neta mais velha, quando a filha dela tava com nove anos, já tava no desenvolvimento, trabalhava já com as entidades, ele cortou totalmente. A filha dela: "Vó, por que o pai fez isso... Por que ele tocou fogo nas nossas coisas, vó. Eu vi, vó, os espirítinho tudo pulando, chorando dentro do fogo. Por que ele fez aquilo?" Sabe, cortou mesmo. Ele me atacava muito. Às vezes meus filhos queiram ir em cima dele... ele ia na minha casa implicar comigo. Aí, abandonou a casa de perto de mim, que era casa própria... por causa do meu lado espiritual. Ele disse que a mulher não tinha saúde, que vivia na miséria, não tinha aumento... por causa da desse lado que eu tinha, que era o Demônio. Totalmente na ignorância. Minha filha também... ia sair de casa, de perto de mim, fugida, sem dizer, procurando casa, sem eu saber... ela aceitando tudo dele. Hoje em dia, eu vejo assim, ela tá sofrendo... como ela teve uma parada respiratória por causa da bronquite... saiu... quando ela teve essa parada ela não tava pertinho de mim, ela tava lá em São Paulo. Saiu de Diadema pra São Paulo... Pra se afastar de mim. Como que longe ele ia se ver totalmente livre. Ele desses crentes que... sabe. E ficou lá, abandonou a casa e foi embora. Ela tava procurando casa, apartamento escondido de mim. Isso me doeu muito... porque eu sou mãe, ela não devia fazer isso. Dei minha vida... como ela sempre foi doente, eu sempre tive mais cuidado com ela por causa do problema de saúde. Eu tenho um amor muito grande, um amor imenso pelos meus filhos. Amor demais mesmo. E ela fez isso comigo, isso me doeu. Eu nunca falei nada pra ela... me doeu. Mas, mesmo quando ela tava doente... eu nunca deixei de pedir: "Senhor". Eu nunca deixei de pedir aos meus Orixás, aos meus guias. Uma vez ela chegou lá em casa, com dor nos quartos: "Ai mãe, tô com tanta dor nos quarto que eu não posso nem me sentar. Fiz exame não deu nada. Tô com dor nos quarto, mãe tá quebrado". "Tá bom filhinha". Eu aceito... ela é crente hoje em dia, eu aceito. Não tem isso. Eu tenho um filho que é católico praticante que vivia lá no centro... aceito. Importante pra mim é a felicidade dos meus filhos. O importante é que eles estão procurando alguma coisa... colocar aquela fé, aquele amor em alguma coisa. Sempre pedi. Aí, uma vez eu pedi a Deus pedi aos Orixás, pedi à Mãe Oxum que perdoe ela, que é a mãe dela. Como peço a Xangô.. Pra ver se ameniza o sofrimento. Aí, quando foi uma noite, quem foi ver o socorro dela foi justamente o Exu, que é o Exu que trabalha comigo. Trabalhou muito comigo nessa noite, pegou ela aqui no ombro, pro meio da rua, trabalhou, trabalhou... me lembro muito desse sonho, que eles vieram trabalhar com ela. E ela se curou.

35. W.Z.: Isso foi em sonho?

36. F.M.S.L.: Foi em sonho, mas ele que curou. Trabalhei em sonho. Porque quando agente dormi, agente morre um pouco. Porque o espírito, coitado, tá preso. Quando agente dorme, eles sai um pouco. Por que que agente sonha? Porque eles vão nos lugares. Reveste da nossa matéria, que é o perispírito e aí vai.

37. W.Z.: Como foi o sonho? O que você viu?

38. F.M.S.L.: Eu vi.. era eu incorporada com o Exu.. que é o que trabalha comigo, Exu Chacá... ele puxa uma perna. Mas eu vi ele já... que ele me ajudou muito nos começo, porque eu tinha muito, assim, fiquei perturbada porque eu era católica... e eles me ajudaram muito... esse mesmo Exu... ele é alto, ele é muito bonito... ele é todo vestido de preto, todo ele... Tanto que ele me pediu um turbante, e eu nunca nem sabia o que era um turbante. Eu vi ele... pediu... até desenhei um retrato com ele, que era retrato dele, e esse turbante, do jeito que ele desenhou eu trouxe pra mãe e ela fez do mesmo jeito que tava lá, que ele pediu, e a capa. E ele trabalhou com ela. Se acredita que ela ficou boa. Ela sarou da dor nos quarto. Nunca mais ela sentiu dor dos quarto.

39. W.Z.: E ela nem sabe...

40. F.M.S.L.: Nem sabe... nunca falei. Eles ajudam. Porque eu tenho um amor muito grande para com Deus, primeiramente, que eu amo demais meu Pai, porque eu devo tudo a ele. Eu devo a minha mediunidade, eu devo esse caminho que eu tô seguindo. Eu devo tudo. E meus filhos... as minhas entidades que são a minha segunda família pra mim... eu amo todos eles, porque eu sei que eles são os espíritos que já se foram e estão aqui ajudando a cada pessoa. Como já ajudou meu filho, F.A. (Nota: F.A. é atabaqueiro no terreiro e também esposo de uma médium), que tá com câncer agora. Tenho fé em Deus que agora, quando ele fizer outro exame ele não vai ter mais nada... que o exame de sangue deu... bem. E nisso tô orando. E eles já curaram meus filhos. Deus, por intermédio de humildes e simples entidades, os espírito, curaram meu filho, pedras nos rins. Primeiro ele foi... minha nora levou ele numa médium que diz que recebia médico. Aí, passou uma semana... coitado, ele não trabalhava, ele vivia lá, não fazia xixi, pra fazer ele gritava... só vivia no hospital, no Pronto Socorro. Aí, minha nora: "Ah, ei vou

levar você numa médium que recebe um médico, ele opera". Aí ele: "Tudo bem, então. Vamo. Ah, mãe, a senhora vai mais eu?" Vamos filho, eu vou sim." Mas esse médico não fez nada. Chegou lá, agente pagava... falou em pagar, já não serve... eu cheguei lá tinha um caixa pra pagar, cada pessoa... Fomos com ele, muita gente com ele... agente queria ver. Mas, olha, eu achei muito estranho. E depois... que tinha operado, que voltasse tal dia pra fazer o curativo. Eu fiquei esperançosa. É claro que.. eu tô acreditando naquela entidade daquela pessoa... tô acreditando que meu filho vai sarar. Porque se eu não acreditasse eu não tava... fazendo o que? E com muita esperança, muita fé, mesmo, eu confiei. Quando é meia noite, lá se vai F. A., gritando. No outro dia de manhã.. gritando. Aí, quando foi no dia de ir fazer o curativo lá, aí agente foi. Aí quando chegou lá o médico desenganou... que ele ia ser mesmo cortado... Pra tirar as pedras dos rins. Aí eu já fiquei: "Se já tinha curado, tinha feito a cirurgia, veio só fazer o curativo, como é?" Aí desengana? Aí chegou casa: "Aí, mãe. O médico lá falou que eu vou ter que ser cortado. Quando eu me lembro daquele corte, que é nos rins, corta a barriga da gente todinha..." Ele ficou totalmente apavorado. Tinha marcado um exame pra fazer... tá bom. Aí quando eu vim pro centro, sábado a tarde, aí foi minha mãe (Nota: Mãe-de-Santo) que falou pra ele: "Olha, filho, porque você não pede à sua mãe pra receber uma entidade, pra ele benzer... quem sabe você vai melhorar." Aí ele disse: "É mesmo, né, mãe". Nesse tempo ele não trabalhava, não batia (Nota: não tocava atabaque) aí. Eu disse: "É filho, pede". Aí disse pra mim "Ó, mãe, dá pra senhora quando vier aí receber uma entidade pra modo de fazer benzimento em mim?". Eu digo: "Mas, filho, você acredita. Porque se você foi no médico...", eu mesma fiquei, sabe... "Se você foi no médico, espírito médico, e não se desenrolou, filho, como eu... humildes e simples entidades, humildes e simples Caboclos... como filho se o médico não resolveu, como?" Eu fiquei, até, dessa vez eu dei até uma de... eu fazia pouco tempo que tava aí, tanto que não fazia nem um ano que eu tava aí trabalhando... Não tinha ordem de passe nem nada, mas as entidades já vinham todas elas trabalhando em si. Eu digo: "Cê qué, filho?" "Eu quero, mãe." "Você acredita que eles possam fazer alguma coisa?". Aí ele disse assim: "Acredito, mãe". "Tá bom. Quando chegar eu vou pedir a Deus, se Deus conceder, aí quem sabe, filho." Bem, fui, avisei pra isso, se eu poderia. Eles disseram: "Pode, suas entidades já são firmes, você já tem firmeza, faça suas orações, faça assentamentos, tudinho... enfim, invoca a Deus que venha alguém". Eu digo: "Tá bom". Aí cheguei em casa, fui preparar as coisas, assentamentos de anjo de guarda, fazer tudo direitinho como ensinaram aí, porque eu não sabia. Aí vesti minha roupinha branca, vesti minhas guias, aí orei, fiz um pejizinho lá em casa, um pejizinho que tem meus santinhos e fiz minhas orações, tudo, lá. Aí eu pedi, com medo, né: "Aí, me Deus do céu". Comecei a orar a Deus, com muita fé, com muito amor. Eu digo: "Oh, Pai. Ó, Senhor. Aí comecei a conversar (choro) Ó, Pai. Eu sou uma pessoa tão simples, tão humilde. Minhas entidades são tão humildes, tão simples, Pai. Oh, Paizinho, o que é um Caboclo, Pai, pra desmenti um médico, que meu filho já passou por ele? Oh, Pai, me ajude para que meu filho seja ajudado." Aí comecei a pedir. Aí, quem veio nesse dia foi o Caboclo. Eu nem sabia que Caboclo ia ser meu pai de frente, não sabia de nada ainda, eu era totalmente grega, né. Aí diz que quando ele veio, ele veio com aquela força, aquela voz grossona e ele começou a trabalhar, começou a flechar, começou a trabalhar e começou a conversar com ele, aí ele contou lá do médico. Aí diz que o Caboclo disse... eu sei que sempre quando minhas entidades, quando eu trabalhava em casa, na casa de alguém, eles gravavam, eu sei a voz do Caboclo... quando eu vejo o Caboclo numa fita, eu não me vejo ali. É um homem ali. Eu não me vejo eu. E ele sempre deixava uma mensagem pra mim. Aprendi muita coisa com eles, sempre me ensinaram, passavam pra mim as coisas que eu não sabia. Aí, começou a trabalhar. Aí perguntou pra ele se ele acreditava, se ele tinha fé, se amava Deus realmente... porque se ele tinha passado por um homem de anel, um espírito, como que...né. Aí com muita fé disse que confiava, tinha muita fé que ele ia melhorar. Nisso ele trabalhou. Colocou ele no círculo... porque a primeira vez que ele veio em mim ele já riscou o ponto dele, a primeira vez... todas as entidades, sempre que vem e risca os ponto... aí riscou o ponto dele, colocou ele lá, colocou as coisas dele lá, que eu não sei... aí começou a trabalhar... Aí diz que, na hora: "Quero sentá". Arrumaram lá um banquinho pra ele, porque ele não agüentava em pé de tanta dor. Começou a trabalhar, começou a trabalhar e daí, quando a assistência disse que meu filho não tava mais agüentando de dor, que queria fazer xixi e não agüentava fazer xixi. Aí ele foi no banheiro. Diz que quando ele foi no banheiro só faltava morrer de dor, mas que na hora que ele foi no banheiro ele disse que... eu não sei se ele ainda tem as pedrinhas... veio as pedrinhas, uma espécie assim de sangue, de coisa machucada como se fosse uma terra, totalmente de sangue e umas pedrinhas que... eu não sei se ele ainda tem as pedrinhas... que ele tirou. Aí, depois que ele fez isso, ele voltou e aí contou pra ele. Aí, ele agarrou... continuou trabalhando... passou pra ele dietas e meu filho ficou bom. Quando ele foi fazer exame, não tinha mais nada. Olha, eu tenho um monte de... olhe as pessoas crente é porque tem crédito para dar testemunho. Se tem dor de cabeça, vai lá na frente pra dar testemunho. Se eu fosse dar testemunho de tantas coisas que minhas entidades já

fez.. né, Deus através deles... Não digo milagre, não sei, mas, sei lá, umas graças, né, eu tinha muito testemunho pra dar, muita coisa pra dar...

41. W.Z.: Quando você começou aqui, você fez desenvolvimento ou já começou a trabalhar?
42. F.M.S.L.: Não, quando eu vim aí, eu não recebia logo porque eu tinha medo, eu não sabia o quê que era. Eu vim, aí me colocaram lá. Diziam: "É uma médium em desenvolvimento". Eu ficava morta de medo. Aí, quando vinha aquela energia que eu sentia... agente sente no começo as mãos da gente fica dormente... vai adormecendo as mãos, vão adormecendo os pés... vai mudando assim, fugindo, a minha mente, não sei das outras, mas a minha mente ia fugindo as coisas. A minha mente ia fugindo, meu eu ia fugindo de mim. Aí eu ficava com medo. Aí eu ficava ali, querendo abrir os olhos mas não conseguia abrir. E aquela coisa me tomando... aquela força estranha tomando posse de mim. Aí foi cambaleiar pra lá e pra cá... eu sentia tudo, né... porque eu não deixava minha mente totalmente livre, eu não dava abertura totalmente, eu tinha muito medo pelo que já tinha passado, e eu não tinha conhecimento. Eu pensava que isso tudo era um pecado, que eu tava num caminho errado porque eu era católica, de família católica, eu achava que isso aí não era coisa boa, achava que o Espiritismo era coisa do Demônio (risos). Até que, enfim, com o tempo, com a explicação do Pai da casa eu fui aceitando mais para eles vir totalmente...
43. W.Z.: Quanto tempo levou esse processo?
44. F.M.S.L.: Não, esse tempo não demorou muito não. Acho que uns quatro, cinco meses eu já tava totalmente já recebendo elas.
45. W.Z.: Durante esse tempo elas vinham...
46. F.M.S.L.: Vinha... É assim... difícil agente explicar... é difícil, mas é assim. Eu tô aqui, agente sente aquela força, aquela energia..., aquela coisa diferente. Aquela força, agente sente aquela força que vai chegando na gente. Adormece mão, dá tremedeira, né. E tem momento que parece que o chão desaparece dos nossos pés. É aonde agente cambaleia porque parece que agente tá entrando num buraco. É muito engraçado (risos) hoje em dia agente pensar. Mas é que nesse tempo eu ainda não incorporava ainda, eu tinha medo. Só ficava recebendo aquelas energias. Eles ficam procurando moldar agente pra poder ir aos pouquinhos... porque agente ter medo, agente não deixa a mente totalmente livre pra poder eles totalmente...
47. W.Z.: Aí foram quatro, cinco meses assim. Aí você...
48. F.M.S.L.: Firmei. Me decidi. Aí eles vinham, vinham, aí trabalhavam, até que, seja um ano, já recebi ordem de passe... porque eu fui fazer a primeira camarinha de Caboclo... e as entidades minhas, Baianas, já chegavam, já conversavam, já riscavam o ponto, tudo... Preto Velho, Criança... todos já bem firme, né. Aí foi um médium da casa foi... por causa da Mãe R. (Nota: Mãe-de-Santo da casa) porque, acho que por ela, não sei, acho que ela demora muito às vezes de achar que um médium tá pronto pra trabalhar, ela demora muito pra dar uma ordem de passe... aí esse médium, justamente esse que me aconselhou... a entidade dele, né... a entrar, que foi que ele chegou, na camarinha ele tava, eram os *sambas*⁴², então foi ele que chegou pra ela... depois ele me contou, e falou: "R. acho que já tá na hora de dar ordem de passe porque as entidades dela já tão totalmente desenvolvidas". Eu fiquei com um pouco de medo, entendeu, com medo daquela responsabilidade.. que eu ia lidar com o público, com pessoas. Eu imaginava: "Mas como?" E outra, que eu sou analfabeta... eu sei ler... eu leio sim, mas escrever... Mas nem isso eu sabia. Eu vim aprender no centro, não sei, há... Não sei, pega um livro, e lê. Escrever alguma coisinha, mas pegar e escrever... eu não escrevo. Eu digo: "Eu sou analfabeta, eu não tenho estudo, como eu vou..." A entidade... chegava, eu via os outros trabalhando, passando isso, passando aquilo... "Mas eu não sei de nada." Fiquei totalmente apavorada. Mas aí eu prometi... Eu disse, nesse mesmo dia à Mãe R. Eu disse: "Mãe R., eu espero, desejo mesmo que eu nunca há de decepcionar a senhora pela essa ordem de passe que a senhora tá me dando. Eu procurarei sempre ser digna dessa ordem que tá me dando. Isso quer dizer, tenho medo, tenho uma responsabilidade muito grande". Ela disse: "Não se preocupa não que quem vai trabalhar não é você. É as suas entidades. Elas tão ávidas pra trabalhar. Se elas vão passar alguma coisa, elas vão passar. Não precisa de você saber de nada. E ela me deu muita força sobre isso. Daí eu vim trabalhando.
49. W.Z.: Faz quanto tempo que isso aconteceu, de você receber a ordem de passe?

⁴² Samba é o nome dado aos médiuns que auxiliam as entidades durante uma camarinha.

50. F.M.S.L.: Olhe, já tem... com um ano eu recebi ordem de passe... vai fazer onze anos que eu tô na casa. Dez anos que eu venho trabalhando.
51. W.Z.: À medida em que você recebeu a ordem de passe você já começou a trabalhar?
52. F.M.S.L.: Não, eu não comecei a trabalhar assim. Ela me deu ordem de passe, aí eu não comecei a trabalhar logo de imediato porque não tinha giras ao sábados pra ordem de passe. Tinha só às segundas, quartas e sextas. E eu não tinha como vir porque é contra-mão pra mim. Sozinha. Depois que a minha nora entrou e o F.A. entrou então melhorou, mas na semana eu não tinha tempo. Meu filho trabalhava, a I. (Nota: nora) também estudando, como é que eu ia? A Cupecê... é muito perigoso aqui, ficar no ponto de ônibus, às vez passa um cara pedindo dinheiro... Não tem como. Aí eu sei que eu fui uma vez... minha filha, que mora comigo, que é solteira e tem um filho, comprou um carrinho, aí foi que a Mãe D. (Nota: Mãe Pequena do terreiro) foi num sábado lá, que ela tinha uma gira de quarta, tava formando uma gira e tinha poucos médiuns... eu tenho um amor muito grande pela Mãe D., nossa! Eu tenho um amor muito grande e ela tem um amor muito grande comigo. E tem muita afinidade, um amor mesmo. Aí ela chegou lá no dia de sábado, aí começou... falou com a Mãe R., pra ver se dava pra mode de ver uns médiuns pra trabalhar que tava já na casa. Daí a Mãe R.: "Tudo bem, quem quiser ir, tudo bem, não me incomodo. Agente prepara os sábados pra preparar os médiuns pra trabalhar mesmo." Aí eu sei que ela falou com um, falou com outro... ela falou comigo e eu digo: "Olha Mãe D., é o seguinte, não tenho como vim... vontade eu tô de trabalhar... eu te amo muito... mas como eu venho de lá? É contra-mão. Mas, espera que eu vou falar com as minhas filhas. Se ela, ao menos vir me pegar, aí eu lhe garanto que eu vou ficar na sua gira e, de dia de sábado eu venho pra outra, de tarde de desenvolvimento"... que agente ajuda no desenvolvimento, né. Aí falei com as minhas filhas. "Tá bom, mãe. A senhora vai aí eu vou pegar a senhora... dez horas em vou pegar. Eu digo: "Tá bom". Nisso eu trabalhei até a Mãe D. se afastar, foi fazer cirurgia e tudo. Aí, no fim, ela veio, de quarta-feira. Aí eu fiquei trabalhando. Aí tinha gira de sábado, que tinha outros médiuns preparados. Aí eu fiquei trabalhando dia de sábado, meu filha já vinha tocar, e já tinha minha nora também trabalhava aí e fico melhor, tendo companhia. Eu ficava trabalhando. Começava mais cedo e não terminava muito tarde. Trabalhava na gira inteira atendendo pessoas.
53. W.Z.: Quando você começou a trabalhar nas giras mudou alguma coisa em relação à incorporação? Porque no começo você disse que era algo que vinha e te deixava mal. Depois você fez o desenvolvimento e já pode firmar. Como é hoje em dia? Você se desliga..
54. F.M.S.L.: Ah, sim, eu me desligo. Quando eu sinto no momento... que tá a vibração... aquela coisinha que eu sinto, às vezes até diferente das outras, né... eu sinto aquela vibração... mas no momento que eles toma e chegam, tô desligada, tô distante. Só volto a si quando eu desincorporo. Aí que volto a mim.
55. W.Z.: Você se lembra do que se passou?
56. F.M.S.L.: Não, eu lembro. Outro dia a menina que me camboneia, numa gira de esquerda, ela chegou e disse: "Olha, Fátima, tem algumas coisinhas que eu trouxe pra sua Pombo Gira fazer um trabalho pra mim." Aí passo isso, isso... Passa ela vai, mas eu não lembro de forma nenhuma. Uma vez também, quando foi pro Boiadeiro, ele pediu um chapéu de couro, o chapéu... o tipo que ele deu do chapéu... logo nos começo, né... e eu não sabia. Aí foi embora e a médium disse: "Olha, Fátima, compra um chapéu de couro pro teu Boiadeiro. É assim, assim que ele quer". Bom, porque ele é lindo meu Boiadeiro. "Dá esse presente pra ele". E assim, sempre as coisas as pessoas me falam. Como essa semana, chegou uma mulher lá... : "Ah, vai ter um trabalho aí pra fazer... porque a sua Pombo Gira passou... que é pro meu filho que tá muito mal. "Passou um trabalho pra você? Como? Não vai ter mais trabalho..." "Ah, tá aqui a relação". Eu digo: "Olha aí, Mãe R.!" Ela disse assim: "Sábado, ela vem mais cedo, traz os materiais e se é sua Pombo Gira ela vai fazer. Ela tem que se garantir. Ela não prometeu?"
57. W.Z.: E ela fez?
58. F.M.S.L.: É hoje! Tem que fazer! Aí um dia aí veio..., digo: "Mas você quer fazer esse trabalho?" "Ah, eu quero" "Então, vamos fazer". E muitas provas, eu tenho recebido muitas provas. Minha filha já teve em coma quando ela saiu de perto de mim e veio pra São Paulo. Foi pra Diadema passar no médico... descuido dos médicos.. tá até em processo. A minha filha teve uma parada cardíaca e ela ficou com embolia. Graças a Deus, graças às orações... acho que o poder de Deus é muito grande que não tirou a mente... que os médicos hoje em dia se admiram porque passou nove dias em coma. E ela anda, ela caminha. Mas as pernas dela, quando ela caminha, ela falseia, ela cai. Olhe aí a dor que eu sinto quando eu vejo a minha filha cair como se fosse uma criança. Engordou muito. Tá pesando cento e tantos quilos.

Ela é crente. Mas eu tô orando, eu tô orando. Quando ela sai pro médico pra lá, eu tô lá. Com Deus e meus Orixás. E ela vai ao médico e volta. Graças a Deus ela chegou... obrigado Senhor. Eu tenho uma amor muito grande em Nosso Senhor, meu Pai, Nossa Senhora. Sempre quando eu peço as coisas eu realizo. Quando minha filha teve em coma... Nossa Senhora... ele me deu muita força. Porque aquilo ali foi uma coisa muito forte pra mim. Me deu muita força... quando eu chegava ali, na hora de fazer visita na UTI eu me apegava em tudo que era Santo, em tudo que era Orixá. Ali na hora eles me deram muita força. E quando foi preciso ficar lá, vendo o sofrimento da minha filha, sem ela falar. Ficou totalmente parálitica quando ela saiu lá da UTI, paralisada. Ela não falava. Ela não enxergava. Não mexia. Olha... um sofrimento, sabe... que pra eu começar a lidar com ela... "Minha filha, você tá me ouvindo?" Ai ela: "Ao..." "Olha, quando a mamãe falar uma coisa assim, assim, filha, se for isso que você tá sentindo, você pisca os olhos". Comecei a ensinar ela como ela podia se comunicar comigo. Foi um sofrimento.

59. W.Z.: Seu lado espiritual ajudou.

60. F.M.S.L.: Ajudou. Ajudou porque como a minha cunhada tinha saído, a I. e meu filho já tavam aqui. Minha cunhada tinha abandonado aqui, não sei porque, depois que eu entrei, eu não sei, ela abandonou, ela saiu não sei por qual motivo. Ela abandonou mas eu fiquei. Ai ela ficou muito apavorada, né, com a minha filha lá. Ela me deu muita força. "F. é o seguinte: vamos agarrar com Deus, com muita fé, com muito amor, com muita esperança, vamos orar e, todo dia... é o seguinte, vamos fazer nove novenas. Eu venho..." Porque ela tem um lado também, que ela trabalha pra mesa branca, né, sentada... eu nunca tinha visto ela. Ficava eu e ela na mesa. E ela me ensinou como era, tudinho, né... Ai fiquei. "Olha, F. todo dia, tal hora eu vou tá lá". Ela foi muito boa, me deu muita força e ajudou muito a minha filha. "Eu vou tá lá e aí vamos reunir. Os filhos, netos, cunhados, todo mundo. Vamos fazer uma corrente, depois que eu receber na mesa branca vamos orar pra trazer a T. em casa." Eu digo: "Eu te agradeço. Eu agradeço a todos que vão orar pela minha filha." Ai fazia. Quando eu chegava minha filha ficava a noite com ela no hospital. Ai eu saía de casa de manhã pra minha filha vim e eu ficar o dia todinho. Quando era noite minha filha ia. Ai, quando eu chegava em casa, porque já era sete e meia, oito horas da noite... passava o dia com fome.. que eu não tinha vontade de comer mesmo. Ai, quando eu chegava... aí ela tava lá, chegava. Ai agente ia lá acende a vela, colocar aquela água, aquelas coisas... o papel pra escrever tudinho. Ficava lá, assistindo, atendendo, ajudando no que fosse preciso. Terminava ali agente... na mesa mesmo, agente... tinha as pessoas em volta... fazia a oração. E quando terminava ali a primeira vez, eu senti algo estranho chegando em mim... a energia chegando. Era uma vibração muito forte. E neste ente da vibração muito forte, a primeira vez quando veio foi o Xangô... minha Mãe falou; "Ele saiu de lá e foi lá proteger." Ela disse que saiu de lá, porque é o Pai dela, e foi trabalhar. Ai, depois que ele trabalhou, veio o Caboclo das Flechas. A esse Caboclo eu devo tudo, eu devo tudo a ele. Um Caboclo maravilhoso. Bom, me ama. Ele tem me dado muita doutrina, muita doutrina dele. No meu aniversário... no dia que eu não podia vim que a minha filha tava em casa na festa dele ele me viu lá em casa... dava doutrina. Até umas coisas que eu passei pra ver...

61. W.Z.: Como você se ausenta, alguém tem que te contar. Você já gravou alguma vez...

62. F.M.S.L.: Lá em casa... porque lá em casa eu trabalhei muito também. Porque as pessoas me procuravam muito doente... chegava gente lá em casa que... senhora que queria passar comigo que nunca tinha visto entidade minha, só por causa da filha dela que acredita nessa entidade. E essa mulher, essa senhora queria porque queria passar comigo. Ai a T., amiga da minha filha, foi lá em casa e: "F., o que é que eu faço. Minha mãe tá tão doente, mas tá tão doente minha mãe. E eu já falei das suas entidades. Eu já vi a senhora aqui trabalhando. E ela quer muito passar pela entidade da senhora". Eu digo "Mas como, T. se eu nem conheço a sua mãe.. e tua mãe... Você não disse que tem uma irmã que faz quinze anos que trabalha? Imagina eu que faz pouco tempinho que eu trabalho. Quer dizer, ela tem muita experiência, quinze anos é muita coisa. Eu sou novata, tô engatinhando". "Mas ela não quer a minha irmã. Minha irmã já foi trabalhar lá, mas não é o que ela quer. Ela quer a sua entidade. Eu não sei, ela implicou". Mas essas coisas eu nunca fazia sozinha. Eu tinha aquela dúvida, aquele medo, aquele temor, entendeu? Eu ainda não tava preparada assim. Ai eu chegava lá em casa chamava meus filhos: "Acontece assim, assim... o que é que vocês acham?" E era assim, eu ia porque eles me diziam, meu filho caçula, minha filha mais velha, essa que hoje em dia vive lá. Ai eles dizia: "Oi, mãe, é o seguinte, a senhora tá trabalhando... a senhora é espírita. A senhora não tá trabalhando, não tá no caminho que é pra fazer a caridade?" Eu digo: "É filha, é o que eu mais quero. Se eu não posso ajudar as pessoas materialmente, depois eu ajudo, sei lá, no espírito, no lado espiritual". Mas eu não tinha ordem de passe ainda, eu tava há pouco tempo. Ai ela diz: "Oi, mãe, se ela quer tanto, porque não a senhora receber a entidade. Quem sabe, mãe, com a fé dela,

com essa fé que ela tá, tão grande, talvez, quem sabe, ela vai se curar mesmo com a entidade da senhora se Deus assim abençoar." Aí fui, e digo: "T., tal dia, tal hora você teja aqui que eu vou fazer os preparativos, tudo, aguardar o nosso trabalho e você traz a sua mãe". E foi de carro, uma senhora bem idosa. Chego lá... ela não sustentava pra senta na cadeira. Gente, quando eu vi aquela pessoa me deu uma coisa tão grande. Meu Deus o que vai ser de mim. Como é que vai ser. Eu perdi totalmente, sabe... olha, de fica totalmente, assim, abalada quando eu vi a situação da pessoa. Aí, ela deitada no colo do marido dela, idosos, bem idosos. Aí eu digo: "Olha, deita aqui no meu quarto, na minha cama. Deita aqui na minha cama no quarto, vem aqui, vem aqui senhora, se deite aqui. Por favor, porque que a senhora queria tanto passar com as minhas entidades? A senhor nunca me viu. A senhora tem fé nelas? Por que?" "Ah, eu tenho. Eu sei que eu vou ficar boa." Eu digo: "Então, que Deus te abençoe... a tua fé... se deita aqui na minha cama, fica à vontade, pode dormir, pode ficar à vontade que eu vou me preparar. Quando estiver tudo pronto, que a entidade chegar, pra senhora não se cansar, manda chamar, ou alguém traz a senhora". Aí, assim foi feito. A entidade chegou. Sempre quem chegava era o Caboclo. Aí meu Deus, numa hora dessa eu entrego nas mãos de Deus. Aí, faço as orações tudinho, o Caboclo chegou. Aí, quando chegou diz que mandou chamar. Aí trouxeram ela... bem doentinha... Começou a trabalhar... pegou ervas, que ele trabalhava com ervas em casa, aqui não, mas em casa ele trabalhava muito com ervas. Sempre ele... já deixava já ervas porque eu sabia que ele ia trabalhar com ervas... Aí começou a trabalhar com ervas, trabalhar em cima dela. Diz que foi muito carinhoso para com ela, carinhoso, carinhoso demais. Muito carinhoso com ela, Nossa Senhora, um amor tão grande com aquela pessoa que tá ali. Diz que ela se levantou, levantou as roupas pra ele passar medicamentos, ela não tinha vergonha. Mas trabalhou tanto... mais ou menos uma hora trabalhando em cima dela. Diz que quando saiu tava totalmente caminhando com os pés, totalmente bem. E muitas e muitas outras graças. A irmã da I., ela ia pro Ceará porque ela tava com problema na garganta. Fez uns exames e não deu nada. E ela vivia morrendo sem fôlego, tampava. Aí, a mãe dela... tudo isso com pouco tempo que eu tava aí... e a mãe dela que queria porque queria que viesse falar comigo pra... a irmã da I., minha nora, né... Pra ver se eu poderia fazer alguma coisa com a entidade pra modo de... eu digo: "Não! Meu Deus! Como é que vocês podem... Isso aí é coisa... se o médico não encontrou nada, como é que vai..." Aí ela foi lá em casa. "Olha, F., pelo amor de Deus, me ajuda. Eu vivo sem fôlego". O marido dela ficava a noite acordado pra mode de ela poder não ficar... entendeu... "Ah, então se a senhora não pode, Dona F., então eu vou ter que ir pro Ceará pra fazer alguma coisa por lá". Digo: "Eu não acredito. Tu vai daqui pro Ceará pra procurar um terreiro? E não tem terreiro por aqui, menina?" "Não, eu vou pra lá, eu não confio, eu não conheço. Daí eu: "Bem, eu vou falar com meus filhos, porque eu dependo muito deles pra me ajudar porque eu não posso trabalhar sozinha, tem que ter alguém. Sei lá o quê que vai acontecer comigo, eu fico distante, eu sei lá." Aí peguei minha filha, todo mundo. Aí concordaram. Aí meu filho chegou e disse: "Olha, minha mãe não é milagrosa. As entidades também não são milagreira. Não são santos. Vamos trabalhar em cima de você e que seja o que Deus quiser. Se for do consentimento de Deus. Mas não vai esperar porque minha mãe vai trabalhar que você vai ser curada do que você tanto quer." Meu filho, já tinha até estudo... tudo mais, ele fez faculdade, minhas filhas também... graças a Deus todos são bem formados. Daí, bem. Marquei tudo o dia, preparei tudo cedo. A I. me ajudou. A I. sempre me camboneando. Tudo que a entidade falava ela depois falava pra mim pra mim saber o que tinha acontecido. Aí já fica ruim porque aí as meninas já não falam nada, vão passando... me pegam de surpresa, trabalho pra fazer, né, me pegam de surpresa. Como eu vim descansada, porque hoje eu vou trabalhar com entidade da esquerda. Antes de começar a de Baiano. Ela veio. Se acredita que as entidades trabalhou, que nesse tempo nem era Caboclo que trabalhava em mim... quem trabalhava nesse tempo era a Ogun das Ondas do Mar, que era ele que vinha. Esse outro Ogun que me ajudava a trabalhar. E quem veio foi esse Ogun das ondas do Mar. Esse me ajudou muito, ajudou muito a minha filha. E ele veio, trabalhou, trabalhou, trabalhou... Ficou um bocado de tempo trabalhando em cima dela. E fizeram corrente... as meninas. E nisso ela ficou boa. Passo as coisas pra ela fazer, pra ela usar e ela curou. Eu tenho muitas coisas. Aí, gente...

63. W.Z.: F., Já são quatro e vinte e eu sei que você ainda tem muito trabalho lá no terreiro. Eu só gostaria de lhe perguntar mais uma coisa. Depois desse tempo todo de trabalho, aquelas coisas ruins do começo, voltaram a acontecer?
64. F.M.S.L.: Não, não voltaram não. Depois que eu aceitei realmente meu lado espiritual. Porque muitas provas Deus tem colocado na minha visão, na minha vida, na minha família. E muitas outras provas que aconteceram e se eu fosse te contar levaria muito tempo... Poucos anos que eu tenho, mas graças a Deus eu tenho muitas coisas pra contar. Muitas obras feitas. Deus, através das minhas entidades. Eu era uma pessoa, depois disso, de vim a conhecer, tá aí firme... eu não tinha alegria na vida. Fiquei... Não tinha

mais... Mas eu era uma pessoa totalmente... era como se vivesse... na escuridão, sei lá. Eu não tinha alegria na vida. Vivia para os meus filhos. Só para os meus filhos. Sempre orei, mas orei a Deus sempre porque, assim, como se fosse uma obrigação porque eu fui criada na religião católica. Eu ia à missa, tudo mais. Sempre orava, mas não é assim. Mas não era aquela oração. Porque eu não me encontrava como realmente hoje eu me encontro com Pai Oxalá, com Pai Olorum. Era orar. Uma oração que hoje em dia eu vejo que foi jogada fora. Hoje em dia, não. Eu oro pra Pai Oxalá, pra Pai Olorum, sinto até, às vezes, em minha oração, até a presença deles. Eu sinto aquela coisa linda, muito boa dentro de mim. Eu era uma pessoa que tinha medo da escuridão. Quando começava, assim, a serenar, aquilo já me apavorava. Que disse eu acho que ficou alguma coisa, resíduos, né. daquelas entidades lá que me apavorava. Eu tinha desgosto, eu tinha depressão. Meu destino era me deitar e ficar lá até amanhecer o dia. Eu era uma pessoa totalmente rancorosa. Se a pessoa viesse fazer alguma coisa comigo... assim, se eu via que merecia, também... eu era uma pessoa... com o pensamento eu jogava minhas pragas, eu não vou mentir. "Cê vai me pagar por isso. Vai acontecer isso, isso." Te juro, acontecia. Eu era uma pessoa totalmente... Não tinha Deus, realmente. Rezava pra ele mas ele não tava. Ele queria até se encontrar, queria que eu encontrasse ele, mas eu não deixava espaço. Ele ajudou muito criando meus filhos na educação a vista de eu ser uma pessoa leiga, não tenho leitura, não tenho estrutura, não tenho nada. Mas graças a Deus, eu não sei como foi que eu comecei a estudar, a ler um livro, a ler... a ver as coisas diferente. Hoje em dia eu vejo as coisas diferente. Hoje em dia, depois que eu entrei, me afirmei, olha, minha mãe, as pessoas que me conhecem... A minha mãe é feliz porque hoje em dia ela vê eu totalmente mudada. Eu não sinto rancor de ninguém, por mais que façam comigo. Não sinto ódio. Graças a Deus meu coração está lavado, tá limpo. Eu fumava.. a depressão acabou, tudo aquilo acabou... medo da escuridão, rancor não existe mais... hoje em dia minha irmã, meus filhos, se admiram porque... minha nora que é justamente da minha irmã aqui... duas irmãs casadas com dois irmãos... Essa outra... é novinha... era uma dor de cabeça... nervosa, estourada. E ela me ofendia, uma vez queria bater na minha mãe. Outro dia ela veio me ofender. Me disse um palavrão. Daí, todos os que estavam, meus filhos, e ela louca dentro de casa... porque eu fui lá, tava quebrando tudo dentro de casa. Eu digo: "Meu Deus me dá uma luz". Porque uma hora meu filho faz uma arte com ela e ela faz uma arte com meu filho. Eu entrei lá e digo: "Pelo amor de Deus, gente, o que é isso? Pelo amor de Deus. Meu filho eu não te criei assim. Eu nunca briguei com teu pai. Vocês nunca ficam um batimento de boca meu. Procurei sempre criar... nunca tive um palavrão dentro de casa. Eu nunca disse um palavrão. Você, filho, pelo amor de Deus, respeita tua esposa. C., você, pelo amor de Deus..." Ah, essa mulher virou um bicho pra cima de mim. Gente, deu um palavrão mas tão feio comigo que eu nunca recebi de ninguém, bem alto. Aí eu saí. Aí meu filho foi em cima dela. Aí saí, todos os filhos ficaram de cara virada pra ela, não falavam mais... minha mãe ficou odiando... tudo... entendeu. Mas eu não fiquei com ódio disso, não fiquei com raiva. Não falei mais. Não veio mais a palavra. Não falei mais com ela. Quando foi um dia, minha irmã de Osasco passou um dia lá comigo. Aí eu fui lá na minha filha, essa que é doente, ela tava lá fazendo as unhas da minha filha. Aí eu cheguei lá.. até hoje em dia eu tô pra entender como foi que aconteceu isso... cheguei lá... todos somos carinhosos, temos respeito para com os outros, somos uma família unida... muito unida... meus filhos... aí cheguei lá e: "Benção mãezinha". "Deus te abençoe". Beija, beija. Aí me sentei. Porque não beijar você C.? Fui lá e beijei. Gente, até hoje em dia eu tô pra saber... como aconteceu isso comigo? Todas ficaram de boca aberta... ela mesma ficou com a boca aberta. Porque eu fui ofendida, muito ofendida. Aí depois eu saí... "Meu Deus" E a T.: "Como é que tu foi fazer isso? Tu tava beijando a C.?" Eu acho que é o seguinte... é as própria minha entidades... como eu entrego nas mãos de Deus minhas atitudes, meus atos, minhas ações, né. Como eu entrego a ele, ele toma de conta de todos os meus atos. E isso acho que foi as próprias entidades. Por que? Sei lá. Daí minha filha falou: "Aí, S., tua mãe parece que enlouqueceu, chegou e ela me deu um beijo. Eu que ofendi a ela e ela veio". Mamãe filha ficou horrorizada, minha filha: "Minha mãe, não, não acredito". Eu digo: "Acho que é o seguinte: se ela só tem agressividade para comigo, eu tenho amor. As minhas entidades passam isso pra mim". Quebrou o gelo. Ela vai lá em casa, ela me abraça, ela me beija. Se fosse o tempo que eu era rancorosa, se fosse tempo que eu era maldosa, cheia de maldade no coração, com o coração cheio de ódio... que eu tinha isso, tinha muito isso... eu era totalmente negra, de tanto que eu era rancorosa que meu irmão... passei mais de trinta anos sem ir na casa dele. Daí você vê quem era a pessoa que eu era. Hoje em dia não. Hoje em dia, depois que eu conheci realmente o lado espiritual, muitas coisas que têm acontecido na minha vida, na vida da minha família, daqueles que vêm me procurar... isso aí é uma gratificação muito grande, algo que eu não tenho palavras pra agradecer a Deus e a eles por tudo que eles fizeram por mim... eu sei que ele zela pela minha família... zela porque eu sei que zela porque tudo que eu peço ele dá.

65. W.Z.: F., eu gostaria de lhe agradecer de coração por tudo que você me falou...
66. F.M.S.L.: É tudo verdade, é verdadeiro... porque, olha, eu sou uma pessoa que eu não sei mentir. Se eu fosse passar tudo isso pra um livro, se eu pudesse escrever, eu te juro... eu comecei ainda a fazer... eu tenho até um comecinho de um diário. Aí pra mim escrever é uma dificuldade. "Meu filho, me ensina". "Ah, meu filho, eu quero fazer assim, assim, mas passa pro papel e eu passo pra cá". Comecei... mas se eu fosse uma pessoa... se eu tivesse uma estrutura, se eu soubesse escrever, eu te juro, eu tava com esse diário totalmente cheio. Porque desde o começo, todas as obras que eles fossem fazendo tava ali escrito. Pra ficar pra minha família... Eu amo. Olha, me encontrei, me encontrei mesmo. Hoje em dia eu tenho prazer na minha vida. Me amo e amo aqueles que vem a mim. Sinto amor.
67. W.Z. F., muitíssimo obrigado por ter atendido o meu pedido e me contado tudo que contou. Foi muito importante ouvir você. Muito obrigado.

F.S.

68. W.Z.: F., antes de mais nada eu gostaria de lhe agradecer por ter atendido à minha solicitação e vindo até aqui. Como você sabe, estou pesquisando a mediunidade dos médiuns do seu terreiro. Mas, antes de entrar nesse assunto, eu gostaria de conhecer um pouquinho você. Quantos anos você tem?
69. F.S.: Dezesseis.
70. W.Z.: Você tem mais irmãos?
71. F.S.: Tenho um, o T., que tá com dez anos.
72. W.Z.: A sua mãe é a L. (ver L.S.), que está com...
73. F.S.: Com trinta e oito pra trinta e nove.
74. W.Z.: Seu pai...
75. F.S.: Deve ter a mesma idade da minha mãe... faz um tempão que eu não vejo ele. Eles estão separados. Eu tinha três anos quando eles se separaram. Cheguei a conhecer... mas não tenho nenhuma lembrança dele.
76. W.Z.: Você trabalha como manicure e...
77. F.S.: Eu sou auxiliar de cabeleireira. Eu só não corto cabelo... lavo, faço escova, pinto, tudo...
78. W.Z.: Eu gostaria que você me contasse um pouquinho da sua vida. O que você lembra de pequenininha pra cá?
79. F.S.: De pequenininha? Eu sei que eu fui passar um tempo com a minha avó em Pernambuco, passei um tempo com ela... assim que eles se separaram... aí eu voltei, foi quando a gente conheceu a Z (ver Z.C.S.), eu cresci junto com a Tia Z.... ela já morava no quintal e a gente foi pegando amizade, minha mãe com ela e eu com as meninas dela, a gente tinha tudo a mesma idade. Eu tinha uns quatro, cinco anos. É frente a frente, a casa de gente. Uma acordava saía correndo pra casa da outra. Aí fui pegando afinidade, ela com a gente, a gente com ela também. Então, assim, pra onde ela ia eu ia junto. Minha mãe trabalhava direto então ela sempre foi responsável por mim, desde pequenininha até agora. Ela pra mim é minha segunda mãe. Terceira, né, porque segunda é minha avó... mas ela é uma pessoa muito importante pra mim. Quando saía era as cinco, eu, ela e as três filhas dela. Tanto que a gente se considera irmãs, ela é minha tia... tudo, as irmãs dela, tudo é bem ligado mesmo. Foi através dela, até, que a gente conheceu aqui o centro.
80. W.Z.: Ela já fazia parte quando vocês se conheceram?
81. F.S.: Eu creio que não conhecia ainda. Depois ela começou a freqüentar e a gente ia junto, a minha mãe... aí ela já começou a fazer parte da corrente. Eu comecei a freqüentar com uns dez, doze anos, na assistência.
82. W.Z.: E você ia tomar passe, falar com as entidades...
83. F.S.: Eu chegava, assim, fora, na assistência, chegava com medo, não se conhecia direito... mas quando eu entrava pra conversar com alguma entidade aquele medo acabava, eu me sentia tranqüila, calma... sempre gostei muito. Comecei a passar pelas entidades da Dona P., ela já saiu. Aí, quando ela saiu eu comecei com a E., passar com as entidades dela. Aí, eu... foi daí então, que me chamaram pra participar. Todas as entidades que eu passei falavam que eu precisava entrar, que ia ser bom pra mim, que eu precisava pelo... por eu ser tão boa, por eu ter um coração tão bom, e muitas pessoas precisavam de ajuda e tal, então perguntaram se eu não gostaria de participar e eu ficava meio assim... sem saber, sim ou não. Aí, foi numa gira de Marinheiro que tava muito lotado. Aí o Marinheiro da R. (Nota: Mãe-de-Santo) olhou pra mim: "Quê que a senhora tá fazendo aí fora? Já não falam que seu lugar é aqui dentro?" Aí, eu entrei, pedi licença, cumprimentei, aí entrei... Aí fui falar com os pais da casa e aí eu entrei. Aí, no final da gira, foram todo mundo na corrente e deram pra cada um uma missão. E falaram pra mim: "A partir de hoje o seu lugar é aqui. Se eu chegar e a senhora tiver lá fora, eu busco pela orelha". Aí eu comecei entrar, foi numa gira de criança.
84. W.Z.: Aí você começou a participar das giras de desenvolvimento?

85. F.S.: Isso, na corrente, na gira de desenvolvimento. Era nos sábados, num horário mais cedo.
86. W.Z.: E como foi esse começo?
87. F.S.: Eles ensinam, eles deram o fundamento da Umbanda, como começou, a história. Tinha, assim, tipo as provinhas... no final de cada aula eles faziam perguntas. Aí, da aula que a gente teve a gente tinha que tirar proveito, dizer o que a gente entendeu, o que não entendeu tinha que perguntar, tirar dúvida. Sempre abriram esse espaço pra gente. Cores, o que significa... cada entidade... eu participei de umas três ou quatro aulas. Aí no sábado foi ficando mais pesado pra mim porque quando saía do salão, eu saio sempre em cima da hora. A gente dá seis horas no máximo. Foi aí que a gente foi perdendo mais o contato nos sábados, antes. Tanto que acho que não tem mais esse horário antes do desenvolvimento pra gente que é cambono. Então, das aulas que a gente teve a gente tem que tá tirando proveito. Alguma dúvida que a gente tiver, tem que tá procurando a R., o R. Pra tá perguntando mesmo, porque tá difícil. Eu mesmo não tenho participado, vindo mais cedo porque não dá mesmo.
88. W.Z.: Mas você já recebe.
89. F.S.: Algumas. Eu tô começando agora. É muito difícil, tem que ter uma cabeça... Pra você agüentar porque, ao mesmo tempo dá medo e você tem segurança... Você acha que é você que tá querendo fazer aquilo e, portanto, você fica mais preso em querer deixar, se soltar... porque o que falam pra gente é que, quando a gente vai lá pra bater cabeça, conversando, a gente tem que pedir, tem que tá com a cabeça aberta, tem que deixar o mundo aqui de fora aqui fora. Lá dentro é lá dentro, tem que se dedicar a estar lá. Então, a primeira vez que eu tive, foi a minha Criança, minha menininha. Eu pensei: "Será que sou eu mesma? Não, eu não tenho vontade de fazer isso. Então eu vou deixar" A hora que eu tenho vontade de fazer e sei que não é eu, aí, "não, deixa quieto... eu vou ter que fazer... se é assim, vai ser assim".
90. W.Z.: Quanto tempo levou desde que você entrou na corrente até a menininha chegar?
91. F.S.: Levou um tempo. Uns quatro meses.
92. W.Z.: Antes de receber a menininha, como era?
93. F.S.: A gente sente vontade de fazer aquilo, mas você não se vê fazendo aquilo... "então, não, não vou fazer"... mas colocaram na minha cabeça... "não é você, deixa a sua matéria livre, deixa eles trabalharem em paz..."
94. W.Z.: Você sentia algo no corpo?
95. F.S.: Dependendo do dia, da linha que a ente tá trabalhando a gente sente. No dia de Criança a gente sente mais alegria, mais vontade de brincar, de falar. Mas tem entidade, tipo, se for mais séria, então a gente fica com aquele negócio, assim, repreendendo, a gente não sabe se deixa soltar ou não. Às vezes eu sinto um peso nas costas. O meu Caboclo... veio nessa semana até... a primeira vez que ele veio... ele deixou umas dor na perna... incrível. É incrível, é incrível, assim, você não sabe assimilar o que tá acontecendo. Eu mesmo fico meio aérea. Converso, pergunto pra R. e ela: "Não tem problema. É normal. É a primeira vez". Cada entidade que eu tô recebendo agora é tudo a primeira vez. Primeiro foi a menininha, aí a segunda foi a minha Preta Velha... aí a terceira acho que foi a minha Pombo Gira, com muita dificuldade mas ela veio.
96. W.Z.: Qual foi a dificuldade?
97. F.S.: Porque assim, acho que é um negócio mais usado e eu não tenho coragem de me expor assim, desse jeito.
98. W.Z.: A sua Pombo Gira é ousada?
99. F.S.: Ela é bem ousada. Assim, pela roupa dela, que ela me mostrou ela é bem ousada, muito, muito, muito... É toda de renda, é toda rendada. Então, assim, eu jamais usaria uma roupa assim, me vestiria desse jeito. Jamais. Foi a minha Pombo Gira... depois o Caboclo e agora, por último, foi o Boiadeiro.
100. W.Z.: Como a Pombo Gira te mostrou a roupa dela?
101. F.S.: Eu tava dormindo, foi em sonho... um sonho erótico que eu tive. Eu chegava num quarto... aí a V. estava no sonho... ela me dava uma blusinha de renda preta. E ela sumia depois. E eu já tava com a saia. Então, tava assim, só de calcinha e sutiã e a roupa rendada. A saia vermelha e a blusinha preta. Aí eu chegava no quarto com meu namorado... aí eu empurrava ele em cima da cama, eu subia em cima dele e começava a dançar. Aí, depois me pediram pra acender uma vela vermelha e preta também no sonho. No caso, vermelho e preto significa Pombo Gira. Aí acendi... vim aqui num sábado, antes do trabalho, depois

- que já tinham acendido as velas das entidades, aí vim aqui em baixo e acendi pra elas. Isso foi bem antes de incorporar ela. Mas até o momento de incorporar ela eu não consegui identificar ela, como ela é. Até agora eu não sei... ela só me mostrou a roupa que é desse jeito. Tanto que quando eu lembro da roupa eu fico encantada... mas eu, vestir essa roupa, não sei se eu tinha coragem. É bonita.
- 102.W.Z.: A menininha faz quanto tempo.
- 103.F.S.: Faz uns três meses. É recente... Antes... a cabeça da gente fica oca, vazia... eu não penso em nada. Assim, antes de eu incorporar assim. Eu gelava, eu ficava gelada, começava a sentir vibrações... eu não consigo explicar ao certo o que a gente sente... os batimentos do coração aumentam, a gente soa mais...
- 104.W.Z.: Depois de incorporar, quando a entidade vai embora, como você se sente?
- 105.F.S.: Ó, eu me senti... assim, quando eu sei que eu tô com carga negativa, ou alguma coisa assim, ou se eu não tomei meu banho de defesa, então a gente fica mais sensível então dá muito enjôo... eu mesma, depois da gira de Boiadeiro eu senti muito enjôo... passei mal, senti vontade de vomitar até... mas depois, a gente firma a cabeça, a gente pede pra aliviar, pra tirar tudo aquilo... chega em casa a gente acende a vela pro anjo de guarda... aí melhora. Esse dia eu não tinha feito o banho de preparação e aí me senti mal. A gente trabalha muito corrido e pega muita carga no local... muita gente que entra e sai e a gente acaba pegando... a gente te, que tá sempre se cuidando.
- 106.W.Z.: Durante o momento que você tá incorporada você vê as pessoas, tudo, ou não?
- 107.F.S.: A gente vê... Pra mim, eu que tô começando agora, eu consigo ver, consigo identificar o que é mais... as vontades... eu consigo identificar quem sou eu ou não pelas vontades, pelo que a gente sente vontade de fazer. A Criança, mesmo, ela brinca de um jeito mais carinhoso, mais afetivo com as outras pessoas. Ela é muito carinhosa. E ela.. eu vejo as pessoas normais, mas por ela té... por eu sentir afeto por uma pessoa, eu sei que não sou eu... o jeitinho de falar, os gestos que elas fazem... eu sei que não é eu.
- 108.W.Z.: Você já tentou se mexer durante a incorporação? Como foi?
- 109.F.S.: Não... na gira de Caboclo, até, eu dancei de um jeito que não era eu, não era eu... sinceramente não era eu... fiquei assim... depois eu fiquei impressionadamente: "Nanda, eu adorei teu Caboclo". Ele dança de um jeito.. eu senti, tanto que as minhas pernas depois ficou assim de um jeito que... "gente, não é possível". Aí eu penso: "Não, não. É possível sim. Lógico que é possível".
- 110.W.Z.: E quando a entidade fala. Você ouve? Lembra?
- 111.F.S.: É... algumas coisas ficam guardada na cabeça... outras coisas que você nem lembra que você falou aquilo... eles tiram da cabeça de um jeito inacreditável... Você não lembra de nada depois.
- 112.W.Z.: Você está em desenvolvimento, então suas entidades ainda não trabalham, não é?
- 113.F.S.: É. Porque é assim, como a gente tá em desenvolvimento, eles tem que vir até a matéria da gente tá acostumada com eles... até eles darem nome, dar o ponto deles no chão, porque quando eles vierem vão marcar aquele ponto, vão colocar a firmeza deles ali até a gente ter a ordem de passe. Só a minha criança que tem nome, minha Pombo Gira e a minha vó, a Preta Velha, mas ainda não riscaram o ponto.
- 114.W.Z.: Você se lembra dos nomes? Você se lembra do momento em que as entidades deram o nome ou foi alguém que te contou?
- 115.F.S.: Foi alguém, que tava ali que me contou, eu não me lembro da hora que elas deram.
- 116.W.Z.: Fora do terreiro, você já sentiu vontade de incorporar, já incorporou, sentiu a presença de entidades...
- 117.F.S.: Não. Às vezes eu tô nalguma dúvida pra fazer alguma coisa... tanto que, esses dias, eu tava em casa comigo mesma, pensando. Veio n minha cabeça "toma cuidado porque vai acabar acontecendo..." veio na minha cabeça. Ainda agora... tem uma menina morando na casa do meu namorado, colega da irmã dele, que eles moram juntos. E essa menina não é pessoa que a gente vê, na cara dela que ela não é uma pessoa boa. Que ela pode atrapalhar muita coisa. E a minha cunhada não gosta muito de mim. Então eu acho que o que ela puder fazer pra atrapalhar meu relacionamento com o irmão dela ela vai fazer. As entidades todas já me avisaram dela também... Pra eu tomar cuidado com ela, pra eu saber em quem eu confio ou não acreditar. Às vezes eu quero fazer alguma coisa e, do nada, "não, não vai ser bom"... Então eu acabo não fazendo e não sinto falta depois.
- 118.W.Z.: Você disse que sabe que não é você pelas vontades das entidades. Tem alguma coisa além disso que te mostra que não é você?

- 119.F.S.: É mais o jeito deles mesmo. Se bem que as minhas entidades não falam nada ainda. Só vem pra descarregar mesmo. Só falam se alguém vier perguntar se quer alguma coisa. Que eu me lembre eles não comem nada, não falam nada... e o que tem pra falar a pessoa vem e fala.
- 120.W.Z.: No começo dá medo, você falou.
- 121.F.S.: É, pelo fato de você nunca ter feito isso antes, você não sabe se vai ser você ou não, se vão machucar você, como é que eles vão vim, se eles vão se jogar no chão e você vai se machucar... o medo que faz você se deixar livre, de alguma coisa tomar conta de você depois. Isso me deixou preocupada, mas se for pra o meu bem ninguém vai me machucar, não vão fazer mal pra mim.
- 122.W.Z.: É muito difícil se soltar?
- 123.F.S.: Pra mim, principalmente, porque eu chego... muitas vezes já tem começado, já tem cantado o ponto de bater cabeça, já tem aquele... Então já chego, troco de roupa... faço descarrego lá dentro mesmo, com alfazema, tal... aí a gente entra, cumprimenta o peji, os atabaques, a Mãe... é a vez dos cambono, "ainda dá pra fazer, incorporar?" "Dá", então paro ali no peji, converso, peço. Às vezes eu tô meio avoadada porque eu cheguei correndo, então pra mim fica muito difícil. Tem vez que eu não consegui incorporar porque eu cheguei assim muito... eu sinto que eu tô muito pesada, eu F. tô ruim, ruim mesmo. Eu tenho que fazer isso no sábado de manhã, eu tenho que acender minha vela, aceder pra eles, pra entidade do dia, conversar, pedi pra me dar força, pra me ajudar... que eu faço curso aos sábados de manhã e chego, almoço e vou pro salão... aí trabalho até as seis horas... tem dia que a gente nem consegue ir... tem que sair super-atrasada mesmo... a gente às vezes chega até ficar na assistência, mas o R. sempre dá uma abertura pra gente poder entrar, participar ali pra ver se descarrega porque a gente pega muita carga. Eu pego muita carga porque eu tô assim, digamos, de espírito aberto, livre, pra pegar essas energias. Então eu tenho sempre que tomar meus banhos pra tirar as energias negativas e deixar as positivas, pra me ajudarem.
- 124.W.Z.: Você está recebendo há uns três meses. Você sente que nesses três meses tem ficado cada vez mais fácil a incorporação?
- 125.F.S.: Tem, porque é assim, ó... a partir do momento que você sabe que ela já tá com você, que você tem certeza que ela já tá com você, a gente começa a confiar mais nelas, que elas vão tá ali pra te ajudar, pra dar força. Então, eu acredito que sim, que elas dão mais força pra gente continuar. Eu já passei.. eu tava mal esses dias, não sei. Tava acontecendo coisas comigo que eu não tava bem... perdi minha prima também então fiquei muito sem cabeça, não conseguia pensar em nada, me justificar com nada... Aí eu pedi... eu pensei até em sair da corrente e voltar pra corrente porque eu não tava conseguindo me concentrar de jeito nenhum. Aí eu pensei: "De jeito nenhum, não posso fazer isso. Agora que eu mais preciso de ajuda eu não vou fazer isso". Tanto que eu tava lá dentro tudo isso passava. Dá um alívio pra gente, com coragem de enfrentar a realidade... porque se aconteceu é porque era pra ter acontecido. Não adianta fazer mais nada porque nada vai trazer ela de volta.
- 126.W.Z.: O que mais que as entidades fazem que você não faria ou não é igual a você?
- 127.F.S.: Eu sinto que a minha fisionomia muda. Alguns gestos. Eu sei que eu penso durante a incorporação. Quando a minha menininha veio, eu ficava olhando pro peji aí eu: "Eu não tô aqui, não sou eu". Aí eu olhava em volta, todo mundo brincando, festejando, aí aquilo apagava da minha memória. Aí eu já não lembro mais nada. Eu fico a maior parte do tempo percebendo as coisas. O que ela fala muitas vezes eu não lembro. Algum gesto, alguma conversa com um cambono, a gente pode até lembrar, mas o resto... o que é pra deixar elas deixam, o que é pra não deixar elas não deixam.
- 128.W.Z.: O que representa a Umbanda pra você? Na sua vida ela é importante?
- 129.F.S.: Eu acho que qualquer religião que a gente acredita, que a gente tenha fé... que a gente sabe que vai ser bom... qualquer uma é importante. Qualquer uma. Tem sido bom pra mim. Quando eu comecei lá, eu nunca frequentei nenhuma outra igreja ou religião... eu entrei lá, lá pra mim tá sendo bom então eu não preciso procurar outra... Pra mim ali tá bom pra mim.
- 130.W.Z.: Você como cambona ouve os dois lados: do assistente e da entidade...
- 131.F.S.: É muita responsabilidade. Eu penso assim: a partir do momento que você se torna cambono é o momento que você tem de aprender, de ter mais responsabilidade e de saber o que você quer também. Pra mim representa assim, ser cambono é isso.
- 132.W.Z.: Minha última pergunta: como você faz pra se concentrar?

- 133.F.S.: Tem que deixar a cabeça livre... pensar tipo... a gente tem sempre um campo vibratório onde a gente vai buscar por elas. Tipo, os Baianos, assim a gente pensa muito na Bahia, em coco, batida de coco, que eles gostam muito também. Preto Velho a gente pensa mais nos escravos, em senzala, messes lugares assim que têm a ver com eles. Tem que visualizar o lugar, assim... onde você acha que eles estão. Então ali você vai buscando, vai chamando por eles, pedindo proteção, segurança, firmeza, pra que eles venham, possam trabalhar e fazer o que eles tem pra fazer, conversar com eles. É o momento entre você e eles. Pra eles poderem vim. Ai eles vem, trabalham. O tempo passa assim num segundo. Quando você vai ver já se passaram muito tempo e você ali, parada no tempo... "ué, o que foi que eu fiz esse tempo todo que a hora passou e eu não vi?" Mas assim, é legal, é muito bom.
- 134.W.Z.: Muito bem, F. eu agradeço muito pelo seu depoimento e tenha a certeza que ele foi muito importante para o meu trabalho.

I.M.F.L.

- 135.W.Z.: I. muito obrigado por ter atendido à minha solicitação. Para começar, eu gostaria que você me contasse um pouquinho de você.
- 136.I.M.F.L.: Eu não tenho muito que falar de mim. Sou uma pessoa simples, estudo, trabalho...
- 137.W.Z.: Você está fazendo que curso?
- 138.I.M.F.L. Eu estou fazendo o segundo ano do segundo grau. Eu parei de estudar porque eu casei. Aí eu fiquei um tempo sem estudar e aí eu voltei a estudar. Eu tô terminando. Pegando firme agora. Tô indo bem nas aulas e vou até o fim.
- 139.W.Z.: Você pretende ir até o final do colegial e depois...
- 140.I.M.F.L. Eu pretendo sim fazer faculdade, eu vou tentar, né. Inclusive eu queria fazer até Biologia, que eu gosto de mexer com bichinho, essas coisas. Eu gostaria de fazer biologia. Vamos ver. No final de semana eu venho pro centro. De segunda a sexta é correria, trabalho, escola, de dia de noite, de final de semana também é uma correria porque fica em casa, tem que arrumar, tem que cuidar dos meus cachorrinhos, que eu tenho dois, é uma loucura. Aí venho pra cá. Mas eu gosto de sair, bem, né. Acho que é uma vida normal.
- 141.W.Z. Você trabalha em quê?
- 142.I.M.F.L. Eu trabalho com a minha irmã. Ela tem uma confecção de *langerie*. Eu corto as *langeries* pra ela e ela costura.
- 143.W.Z.: Você tem outros irmãos e irmãs, além dessa?
- 144.I.M.F.L. Tenho. Ao todo somos em nove. Morreram dois, um morreu afogado e o outro morreu assassinado.
- 145.W.Z.: Você é que número dos irmãos?
- 146.I.M.F.L. Preciso contar... tem um que é o mais velho, que morreu. Depois vem também que morreu. O E., o E., o I., a A. Eu sou a sete. Depois de mim tem mais dois.
- 147.W.Z.: Você tem quantos anos?
- 148.I.M.F.L. Vinte e cinco.
- 149.W.Z.: E você se casou faz quanto tempo?
- 150.I.M.F.L. Vou fazer nove anos.
- 151.W.Z.: Vocês tem filhos?
- 152.I.M.F.L. Não, não temos. Assim, eu tinha dificuldade de engravidar e fiz um longo tratamento, engravidei, perdi. Tive problemas de saúde, perdi. E continuei o tratamento. Só que agora eu tive que parar com tudo. Meu marido tá com um tipo de câncer, teve que fazer quimioterapia, radioterapia. Aí, provavelmente ele não vai ficar estéril, porque a radioterapia mexe muito com o sistema reprodutivo. Coo é na parte abdominal o dele, então, o médico falou que as chances de ele ficar estéril é muito grande. Mas, aí... teve uma época que eu me preocupava muito, entendeu, de ser mãe, aquela obsessão, aquela coisa. Mas eu acho que, sei lá, um dever, achava que era um dever que eu tinha de ter. Agora não, depois que eu vi que eu tentei... vou tentar porque vai chegar um certo tempo vão falar que eu não tentei e deveria ter tentado... mas eu tentei e não deu certo e agora o problema dele também... Então eu não. Tenha vontade de adotar. Sempre tive. Mesmo não sabendo que eu podia ser mãe ou não, eu sempre quis adotar um neném e depois ter os meus. Mas meu esposo não quer muito. Então, eu fico na minha. Seja o que Deus quiser.
- 153.W.Z.: E ele tem quantos anos?
- 154.I.M.F.L.: Trinta e sete.
- 155.W.Z.: Ele está com esse problema já faz quanto tempo?
- 156.I.M.F.L.: Que nós descobrimos tem uma ano já. Um ano que nós descobrimos. E não tava muito recente não, ele tinha o quê, já tava com uns seis centímetros o tumor maior, um linfoma no sistema linfático, o

maior... tinha vários nódulos, o maior tinha seis centímetros. Tinha quase um ano a evolução do tumor. Acho que tem uns dois anos que ele tem... de quando ele começou a sentir dores... a gente correu logo e foi descoberto e... Não teve demora assim, né. Agora a gente tá tratando aí, tá dando ótimo resultado também. Os médicos falam que esses casos somem... porque tem que fazer a radio e a quimioterapia pra eles sumirem... e já reduziu sessenta por cento com a quimioterapia. Agora ele fez a radio e vai fazer os exames tudo de novo pra vê...né as tomografias... Pra ver se não ficou. No dia primeiro já vai fazer e vamos ver. Vamos torcer pra dar tudo certo, né. Inclusive é ele até que toca lá no centro.

157.W.Z.: Ah, então eu conheço ele. Claro!

158.I.M.F.L. É ele toca lá. E assim, ele teve uma melhora muito boa, assim, sabe. Porque ele aceitou numa boa a doença. Eu é que fiquei desesperada. Sei lá, tudo acontece, tudo acontece. Quando a gente acha que a coisa tá indo bem... às vezes eu acho que tudo sã provas, provação que a pessoa tem que passar na vida. Aí, ele teve assim, e não vi ele... nunca vi ele chorando assim. Eu que sempre chorava e ele segurava o rojão, entendeu. Só que eu vendo a força que ele tinha, a vontade que ele tinha de que ia dar certo... aquilo foi me dando força. Tanto é que ele tá bem, conversa, parece que não tem nada. Fala sobre a doença, assim, normal. Sabe, reagiu muito bem com a doença. Ele acabou me dando força. Uma vez, eu tava assim, eu não agüentava... eu tava guardando tudo, tudo, tudo, e teve um dia que eu não agüentei e chorei. Ele me viu chorando. Aí ele falou pra mim: "Você fica falando pra mim ter força..." porque eu falava pra ele reagir, ter força, aí ele "é, você fala pra mim ter força, mas você não tá tendo. Você tá chorando, tá se entregando". Aí eu falei: "Pô, é verdade, né. Aí eu aceitei, procurei investigar o que era, procurei ler. Porque até então, pra mim, essa era uma doença que não tinha cura. Pra mim a pessoa que tinha ia morrer e... quem não teve pensa assim, né. Falei: "eu vou..." porque assim, sempre que eu tenho um problema, uma doença, assim, qualquer coisa, eu sempre investigo pra ver o que é, né. Aí eu me informo melhor... aí eu descobri que tem tratamento quando é descoberto cedo. Então eu não me preocupei mais. Eu vi que era uma coisa que tinha resultado. De ter filho, o médico falou: "Bom, se vocês pretendem ter filhos é bom vocês congelar o sêmem pra depois tá fazendo o tratamento". Mas só que ele já tinha feito a quimioterapia. Aí não podia colher porque já tinha que ser no mínimo dois anos depois da quimioterapia pra poder continuar o tratamento. Então, como ele tinha feito a quimioterapia seis meses antes, não dava tempo de colher porque tá tudo com problema nos espermatozoides. Então, eu falei; "Saúde em primeiro lugar. Seja o que Deus quiser. Vai firme" E quando ele descobriu também que tava... eu fazia tratamento, tudo, eu inclusive eu engravidei de inseminação artificial. Eu fiz três inseminações, na terceira eu engravidei. Aí... só que eu perdi com três meses... o coraçãozinho do neném parou de bater. Aí os médicos foram investigar o por quê eu tava perdendo. Aí descobriram que eu tinha problema na tireóide. Aí eu tive que tratar, tomar hormônio. Agora eu tomo hormônio todo dia. Durante a vida inteira eu tenho que tomar. Eu tenho hipo-tireoidismo. Aí eu tomo todo dia. Aí eu controlei e o médico falou: "Olha, agora você tá liberada pra engravidar". Aí, quando eu voltei pra fazer o tratamento que aconteceu o problema dele, só que a gente ficou tão desesperado que nem pensou em negócio de filho, de tratamento nem nada... "vamos tratar rápido". Aí, quando fez a primeira sessão, aí que foi dar o estalo... aí não tinha mais jeito.

159.W.Z.: Você queria muito ter filhos?

160.I.M.F.L.: Eu queria, sim. Sabe, eu sempre pensava, assim, em casar e... eu às vezes eu fico assim, eu comento com as minhas amigas, assim... estranho, porque quando eu era pequena eu escutava muito... minha mãe escutava aquelas sessões de cartas que tem nas rádios AM, aquela "Saudade de Você"... Então eu escutava muita as mulheres que mandavam as cartas dizendo que não poderia ter filhos, e depois fazia tratamento e engravidava... aí eu pensava assim comigo: "Aí, quando eu crescer eu vou fazer tratamento pra engravidar". Assim, pequena e dito e feito. Eu cresci e tive que fazer tratamento. Aí, eu tinha muita vontade sim, sabe, mas não deu certo, fazer o quê? Eu tinha vontade mas eu tenho medo... medo assim de um desses negócio de (incompreensível), acho uma coisa horrível (risos)... tenho pavor só de imaginar, Mas as dores que eu passei quando eu tava pra perder o neném... eu acho que já deve ser igual... Não é possível... porque me deram aquele soro pra ter contração... e então e eu senti muita dor, pra mim aquilo foi um parto... só não saiu um neném, assim, tudo, né, mas foi horrível. Mas, eu tinha medo, tinha vontade mas eu tinha medo de dar a luz, assim. Por isso que eu queria mais... adotar, assim, entendeu, porque eu achava que eu não ia passar a dor mas ia ser meu filho do mesmo jeito. Até hoje eu tenho vontade de adotar, tudo, mas meu marido não quer. "Ah, vamos dar um tempo, vamos ver como fica esse tratamento aí". Aí, estamos aí.

161.W.Z.: E seu interesse pelos bichinhos aumentou depois disso?

- 162.I.M.F.L.: Eu sempre tive. Eu adora gato, sabe. Peguei uma paixão por gato que eu tinha três quatro gatos em casa. Só que, um dos problemas foi esse, eu tive toxoplasmose por causa dos gatos. Bem no comecinho do casamento eu também perdi uma gravidez. Depois eu fiz vários exames e deu que eu tinha toxoplasmose. Aí eu tive que tratar, tomas os hormônios pra poder engravidar de novo. Aí foi a hora que eu entrei nesse tratamento, aí a toxo controlada, eu tive que dar fim nos gatos. A médica falou: "vai ter que abandonar, sumir com tudo. Porque não adianta tratar e você estar em contato com eles". Aí isso cortou meu coração, sabe. Meus bichinhos... Aí depois ela falou: "Olha, cachorro você pode ter, o risco é grande mas não é tanto. Não é que nem o gato... o gato é transmissor". Eu queria um cachorrinho *poodle*. Aí, de repente apareceu um no meu portão, do nada, surgiu... todo peludinho, bonitinha, grandinho já. É *poodle toy*, é coroinha já. Aí meu esposo trouxe ele e disse: "Olha, tava lá no portão" Eu disse, "vamos deixar aqui, né, ver se o dono aparece". Esperamos uma semana.. cortamos os cabelinhos dele... demos banho, tudo... começamos a cuidar... falei: "Vamos deixar aqui, se o dono aparecer..." Tava empestado de pulgas. Compramos remédio, colocamos... "Se o dono aparecer a gente devolve". Até hoje não apareceu o dono. E lá é vila, assim, sabe, é lugar pequeno, se sai com ele na rua... nunca chgou alguém e falou: "Esse cachorro é meu". Aí ficou lá. Aí essa semana... tem um mês já... aí tava passando na feita, aí tinha uma lojinha que tava doando os cachorrinhos. Aí tava doando uma cachorrinha também *poodle* só que era fêmea e ele... o que eu tenho é o macho. Aí eu peguei pra mim. É um amor, assim... Aí os parentes falam: "Ah, I. vai arrumar um filho". "Não, filho é desobediente, os cachorro não é" (risos) E eu dou banho, ponho pra dentro de casa, cuido... adoro, eu gosto mesmo. Tenho passarinho... Não tenho mais bichos porque não cabe... é praticamente um apartamento pequeno, não tem nem quintal, só tem um corredor. Tem minhas sobrinhas assim, mas eu não me apego muito, sabe, não gosto de ficar com muito chamego porque eu não gosto de me apegar muito... Pra depois a mãe começar a falar. Sabe, não misturo muito. Aí eu procuro dar amor pros meus bichinhos. Eu acho assim, se eu tivesse meus filhos também não ia gostar. Eu ia ficar todo o tempo, se fosse alguém que não tivesse filho ficasse todo tempo bajulando, eu não ia gostar. Ia sentir ciúmes porque eu tenho muito esse negócio de posse, assim, sabe. O que é meu é meu ninguém pode por a mão. Eu tenho muito isso. Então eu fico afastada.
- 163.W.Z. Você é muito ciumenta, então.
- 164.I.M.F.L.: Sou, muito ciumenta. Muito mesmo. Morro de ciúme também do meu marido. Acho que não tem nenhum motivo... fico caçando motivo onde não tem. A gente briga muito por causa disso, sempre teve atritos. Inclusive até melhorei bastante quando eu voltei a estudar... eu não tive mais tempo pra ficar caçando coisa onde não tem. Ah, eu sou muito ciumenta. As minhas coisas, eu morro de ciúmes das minhas coisas, não gosto de emprestar nada. Tenho muito CD, não gosto de emprestar de jeito nenhum. Porque as pessoas não cuidam do jeito que a gente cuida. Eu acho que... eu sou assim, muito apegada nessas coisas... e não devia de ser, né, eu sei, eu tenho consciência disso.
- 165.W.Z.: E sobre religião. Sua família é religiosa?
- 166.I.M.F.L.: Meu pai não tem religião, mas assim, ele tem muita devoção com as almas. Dá seis horas da manhã ele já tá de pé. Ele anda o quintal inteiro rezando, fazendo oração. Dá seis horas da noite e acende uma vela no quintal, uma vela branca, e começa a rezar. Você chega esse horário em casa ele tá andando e tá rezando. Minha avó, por parte da minha mãe, era do Candomblé. Tinha um tempo que ela ficava no Candomblé tinha um tempo que ela ficava na Umbanda. Tinha tempo que ela virava crente. Ela morreu. Minha mãe tomava passe de vez em quando e agora virou crente, na Igreja Quadrangular. Assim, eu tenho um irmão, que ele é do Candomblé.. inclusive a gente se dá muito bem. Quando a gente era solteiro a gente brigava, se pegava mesmo. Hoje em dia a gente é super-amigos.
- 167.W.Z.: Como é que você chegou na Umbanda?
- 168.I.M.F.L.: Eu cheguei na Umbanda, eu tava namorando meu esposo. Aí ele...minha sogra, nesse tempo, ela começou a ter problemas espirituais. Ela incorporava uma entidade, todo mundo ficava desesperado, ninguém sabia o que fazer, não sabia o que era. E a entidade baixava nela... quando tinha algum problema no quintal... quando alguém iria sofrer algum acidente, alguma coisa, eles previam e aí eles incorporavam nela de repente e começavam a falar que ela tinha que trabalhar que depois ia ter problema, ia incorporar direto dentro de casa. Aí a cunhada dela trouxe ela pro centro aqui. Aí ela começou a desenvolver. Como eu tava no meio já, eu comecei a gostar. Eu achava bonito, as entidades, eles passavam muita paz. E eu comecei a gostar daquilo. Aí foi quando eu casei com meu esposo. Aí eu comecei a freqüentar também.
- 169.W.Z.: Ele se tornou ogã nessa época?

- 170.I.M.F.L.: Não, tinha uns dois anos que a gente freqüentava já. Meu esposo via a mãe dele incorporada. As entidades começavam a cantar e a doutrinar e ele foi gostando daquilo, de ver eles cantando, achou bonito. Só que ele via que não tinha o dom de incorporar, não sentia as vibrações, não sentia nada, aí ele começou a pensar no que ele poderia fazer. Aí ele achou, começou cantar e gostou. Então conforme foi cantando ele quis ser ogã. Aí veio aí, o R. ensinou ele a tocar e hoje ele tá aí, tocando. E ele gosta, sabe. Ele diz que o negócio dele é cantar pro santo descer. E ele, em casa, fica ouvindo música, pra aprender pontos novos, fica ouvindo, até me irrita (risos)... eu gosto de outras músicas. Eu acho que tem tempo pra tudo e a gente até briga.
- 171.W.Z.: E você, começou o desenvolvimento como?
- 172.I.M.F.L.: Em casa, durante aquele período que a minha sogra incorporava e a entidade dela. Aí depois de um ano, acho, eu vim pra cá. Eu achei que tinha que desenvolver, entrar num centro pra trabalhar já que começou. Eu entrei porque eu gosto mesmo. Não foi por doença... Não, eu entrei porque eu adorava mesmo, ajudar todo o tempo. Aí eu entrei pra ajudar ela, pra cambonear, Aí estou até hoje, adoro vim, me sinto muito bem quando eu venho. Às vezes eu tô em casa: "Ai, eu não queria ir hoje. Tô tão desanimada". Porque às vezes dá um desânimo. Acho que é alguma coisa já pra você não ir, sabe. Aí minha sogra: "I., nós temos que cumprir com nossa obrigação". "Ah, é mesmo, né". Aí eu venho, mas tem aquele cansaço da semana... aí eu venho, tudo, faço minhas obrigações, saio daí toda sorridente, alegre, outra pessoa. Acho que eu tenho mais forças pra continuar mais uma semana tumultuada. Então eu gosto muito. Quando é festa eu gosto de chegar cedo. Eu abandono tudo que eu tenho que fazer em casa e me mando pra cá, sou a primeira a chegar. Não tenho preguiça. Se eu pudesse eu morava aqui perto e não saia de lá (risos). Eu gosto... faz muito bem.
- 173.W.Z.: Você sente a mediunidade em você? Algum tipo de manifestação?
- 174.I.M.F.L.: No dia a dia eu não sinto. Porque às vezes eu tenho vontade de ter, tipo assim, intuição essas coisas aí... eu não tenho. Acho muito fraca a minha intuição, às vezes eu penso que é certo, eu vou e dá errado (risos). Eu tenho pouca intuição. Mas, assim, mediunidade eu sinto, eu sinto que não sou eu, que é uma força, que é o além. Eu sinto quando eu venho trabalhar, mas no meu dia a dia eu não consigo distinguir.
- 175.W.Z.: Você passou pelas gira de desenvolvimento? Por quanto tempo você ficou até incorporar?
- 176.I.M.F.L.: Quando eu entrei eu já incorporava em casa. A primeira vez eu achei estranho, mas eu sentia que as entidades falavam: "Olha, você tem o dom da mediunidade. Então, vamos desenvolver". Acho que me colocaram numa roda, começaram a cantar. A entidade dela começou a cantar e começaram a me rodar. Faz muito tempo eu não me lembro. Eu acho até estranho isso. Porque, do meu passado eu não lembro de detalhes. Eu sei que eu tava querendo incorporar, eu achava bonito, eu achava... ajudar as pessoas. Então, me colocaram na roda, começaram a cantar e eu comecei a sentir vibrações, ir pra um lado ir pro outro. Não foi assim já no primeiro dia que incorporei. Teve alguns trabalhos, alguns dias. Trabalhos.. manda fazer isso, manda fazer o banho que toma, tem que ter uma preparação, né.
- 177.W.Z.: Quanto tempo desde lá até agora?
- 178.I.M.F.L.: São oito anos que eu tô no centro aí, então faz quase nove anos.
- 179.W.Z.: Como é a incorporação atualmente pra você? É simples.
- 180.I.M.F.L.: Não, não é simples não. Tem época que eu não consigo incorporar. Às vezes, não sei, acontece algum bloqueio. Às vezes eu faço as coisas direito, faço os banhos, faço tudo que tem que fazer, faço o ritual certinho... às vezes não vem a entidade, entendeu. Às vezes em me concentro, eu tô lá, tudo, e eu fico até sem graça, tá todo mundo lá esperando a entidade trabalhar, tal... e eu tô lá e não sinto nada. Mas tem giras que eu tô assim com tanta vibração que eu não consigo assim nem ficar em pé... nem na abertura, assim, eu não consigo nem... Mas assim, é diferente a incorporação... Não é simples.
- 181.W.Z.: E esses períodos em que você não consegue incorporar, você relaciona com alguma coisa da sua vida lá fora, alguma coisa que você tá vivendo...
- 182.I.M.F.L.: Eu acho que sim. Eu acho que quando, assim, na semana eu não tô bem, sabe, tô com algum tipo de problema eu acho que deve ser isso, né. Eu acho que sim. Porque sempre que na semana que eu tô com algum problema, alguma coisa, eu tenho esse problema de não conseguir. Mas, daí... no começo da gira eu não consigo, mas daí no decorrer da gira eu vou pedindo, eu vou cantando, eu vou, né... Daí, depois, eu vou... conforme o tempo... eu vou conversar com uma entidade... tá ali cantando os pontos... os pontos são uma reza, né.. aí eu acabo sentindo uma presença, a vibração e às vezes eu até incorporo,

- mas tem vezes que eu não consigo mesmo. Mas eu saiu muito bem também, não saio mal, cansada, não. Parece... teve uma vez, que era gira de Baiano... daí eu comecei a tocar... tem um xequeré (Nota: instrumento musical feito do fruto seco do cabaceiro-amargoso envolvido numa rede de fios de algodão com búzios enfiados, que, por atrito mútuo, provocam um som chiado), lá, eu comecei a tocar. Aí, eu a Mãe R. a E., começamos a tocar aqueles instrumentos pra todas as entidades que vinham. Tanto é que a gente nem tava a fim de incorporar,, "vamos ficar tocando"... e aquilo ali era maravilhoso. A gente tocava e via as entidades dançando. Tanto é que todo mundo: "Vocês não vão incorporar?" "Não... depois a gente vai". (risos) E ficamos lá. Aí o pessoal incorporou, tudo, foram embora com as entidades... saímos dali maravilhosamente bem, muito bem assim, acho que valeu até pela incorporação, saí com o corpo leve... as vibração que recebem ali naquele momento acho que foram boas, assim, valeu. Às vezes a gente quer até repetir a dose mas acho que não é todas às vezes que são iguais, não dá certo... acho quer ficar tocando e... agora não dá também porque conforme a gira de quarta passou pra sábado né.. porque enquanto eram duas giras na semana ainda dava, porque sábado era só desenvolvimento e a gente tinha mais tempo, não dava passe no sábado, não dá mais. Então a gente não teve nem tempo de ficar cantando, de... Agora não dá, porque tem trabalhos que você tem que fazer... ficou mais complicado.
- 183.W.Z.: Quando você incorpora você sente primeiro a vibração e depois você incorpora. Enquanto você tá incorporada, como que é? Você consegue ver, ouvir...
- 184.I.M.F.L.: É, eu sou médium consciente. Eu vejo, assim, e escuto, mas eu sei que eu e minha consciência não fariam certas coisas. Eu vejo a entidade dançando. Eu jamais... eu sou tímida, eu morro de vergonha... eu jamais iria sair no meio do terreiro dançando. Eu tenho a maior vergonha, sabe. Eu sou assim, muito tímida. Eu não gosto de me expressar, eu não gosto de... quando tem muita gente eu gosto de ficar escondidinha, ali. E eu acho que eu, na minha consciência, eu jamais faria uma coisa dessas. Então eu acho, assim... eu escuto, eu vejo, mas eu não consigo controlar, entendeu. Acho que é uma coisa que eu não tenho controle.
- 185.W.Z.: Se você quer ir para um lado e a entidade não quer...
- 186.I.M.F.L.: É, não vai. Então, você não controla. Eu não interfiro... quando eu tô ali eu peço pra que Deus não deixe minha matéria, meu espírito interferir no trabalho das minhas entidades. Então eu peço que elas tomem o meu corpo e que minha matéria não interfira no trabalho deles. Aí eu peço, mas eu não, sabe, não fico naquele negócio... eu deixo.
- 187.W.Z.: Tem coisas que as entidades falam e que você pensa: "isso eu nunca falaria"? Isso acontece?
- 188.I.M.F.L.: Acontece. Às vezes acontece, sei lá, de uma entidade falar uma coisa e eu penso: "Pô, acho que não deve falar isso", mas fala, entendeu.
- 189.W.Z.: Você sempre tem consciência durante a incorporação? Ou não?
- 190.I.M.F.L.: Tenho, só que eu não conheço as pessoas. Pode passar com as minhas entidades e quando eu vejo lá fora eu não sei que é a pessoa que foi. Porque eu sinto assim, quando eu tô incorporada, às vezes eu quero olha pro rosto da pessoa e eu não consigo levantar a minha cabeça. Eu não sei, parece que é um bloqueio. Não vejo o rosto da pessoa. Acho que é da entidade mesmo, acho que elas não precisam olhar pra pessoa pra conhecer.
- 191.W.Z.: Depois da incorporação, como você se sente? Sente cansaço ou alguma dor?
- 192.I.M.F.L.: Às vezes eu sinto cansaço. Me sinto cansada... às vezes me dá muito calor, assim, falta de ar, um pouco. Às vezes, quando acontece, assim, de uma incorporação... tá acontecendo algo que... se não foi bem e tá pegando algum tipo de carga ou alguma coisa, eu sinto, o corpo fica todo tremendo, sabe, a gente às vezes... Não é só comigo, com todo mundo, eu percebo... às vezes a pessoa vai, bate a cabeça, reza no chão... ou às vezes vem outra entidade pra limpar aquele corpo... aí você fica bem... vai embora, você fica ótima. Mas eu acho que é carga que pega, né.
- 193.W.Z.: E é diferente a sensação da incorporação com entidades diferentes.
- 194.I.M.F.L.: É. Tem uma que as vibrações são mais fortes... porque eu sinto assim com as entidades que eu me relaciono mais, que são o Pai de cabeça, Caboclo, é... Preto Velho, Baiano. Depende, não são todos. Agora, se... eu já não gosto de incorporar Criança, não gosto. Às vezes, é gira de Criança eu digo: "Ah, não. Não vou, não". Se eu puder faltar eu falto, não gosto. Então as meninas: "Mas I., é tão bom" Aí eu falo: "Ai, gente, eu não sei, eu não tenho essa afinidade". Tem isso também, de você não ter afinidade, de não ter... às vezes você fica muito tempo sem ver uma entidade, sem incorporar aquela entidade, sem trabalhar, então você não pega aquele vínculo de amizade, acho que é isso. Mas tem gira que eu adora,

- assim. Acho que as entidades que sempre tão vindo, acho que ela passa a fazer parte do dia a dia e você se sente melhor com ela. Mas a diferença de incorporação... é tipo aquilo... se você tá sempre incorporando, então eu acho que essa tá mais evoluída. Então é diferente a incorporação.
- 195.W.Z.: E é mais fácil incorporar essas que você tem mais tempo de trabalho?
- 196.I.M.F.L.: Às vezes não. Às vezes é difícil também. É o que eu falei, às vezes um problema interfere também.
- 197.W.Z.: Se está tudo bom com você, então você incorpora mais fácil.
- 198.I.M.F.L.: Mais fácil a incorporação. Às vezes eu tô bem, eu quero incorporar, canto, canto e nada. Também já aconteceu comigo.
- 199.W.Z.: Você já incorporou fora do centro?
- 200.I.M.F.L.: Depois que eu vim pro centro, que eu comecei a trabalhar no centro acho que foi raras vezes, acho que só quando tinha algum problema mesmo em casa, acho que uma ou duas vezes só. E eu não vou a outro centro pra incorporar. Às vezes quando eu vou em outro centro assistir, às vezes eu sinto a vibração e eu falo: "Oh, Pai, aqui não, aqui não é seu lugar. Não dá, aqui não é a sua casa". E não é sempre, é raro isso acontecer.
- 201.W.Z.: Em outros lugares, trabalhando, fazendo compras... Você sente alguma vibração?
- 202.I.M.F.L.: Não. Às vezes eu passo por alguém, sinto aquela coisa ruim, sabe, um arrepio... que me arrepiava o lado esquerdo inteiro, dou uma arrepiada, assim, mas só isso. Nada de sentir vibração no meio da rua. E, pelo amor de Deus, se isso acontecer (risos), daí eu tenho um ataque. Não! Já pensou, no meio da rua! (risos)
- 203.W.Z.: Você falou que se sente carregada para mais uma semana depois da gira. Você já pensou em abandonar?
- 204.I.M.F.L.: Teve momentos na minha vida que eu pensava em abandonar... eu achava que teriam que me ajudar na minha vida... teriam que me dar uma assistência, por exemplo, o problema da gravidez, que era injusto eu estar numa religião que falava tanto de nascimento, de tudo e eu não conseguir um neném... eu achava assim. Mas, depois eu fiquei parando pra pensar: "Pô, não é justo eu fazer isso. Porque se isso é um Karma que eu tenho que levar na minha vida, não vai ser deles, nem Deus... se não quiser eu não vou ser... Então, não adianta. Tem coisas que eles não podem interferir na vida da gente. Cada um tem sua vida particular. Eu acho que eles não podem nem devem interferir. Então eu pensei muito nisso. Não adianta eu me afastar... se eu me afastava ficava pior porque eu morria de saudades, eu queria tá vindo. Eu vinha pra assistir, eu não agüentava, chorava. Não adianta, "vou voltar mesmo". Eu me afastei um tempo, acho que uns dois meses só o tempo que eu agüentei e aí voltei.
- 205.W.Z.: Você já teve dúvida "será que eu tô incorporando mesmo"...
- 206.I.M.F.L.: É, sim, já tive dúvida. Já tive mas eu sempre pensei: "Pô, eu não faria isso. Se eu não tivesse incorporada eu não faria uma coisa dessas". Às vezes eu acho assim... achava que "será que é a entidade, será que não é"... na época que eu entrei no centro era uma época que tinham muitos grandões, gente grande assim, sabe. Então, eu me sentia tão pequenininha ali. Aí, falavam assim... lugar que tem muitas pessoas sempre geram fofoca e, naquele tempo que eu entrei, há uns oito anos atrás, tinha muito isso. Hoje não, hoje aquele povinho lá sumiu, sumiu de repente. Hoje em dia ninguém vê isso... mas antes o povo falava... sempre colocava dúvida: "Ah, será que fulano tá incorporado?" ou "Fulano incorpora pra falar as coisas pros outros" Então, meu Deus do céu, que coisa, né. Eu achava aquilo... "será que eu assim?" Então pesava muito, sabe. Hoje em dia, não. Aquele pessoal de encrenca, de futilidade... acabou tudo. Agora é todo mundo amigo, a gente não tem mais isso. Os antigos, os grandões saíram tudo e os pequeninhos foram crescendo. Um é amigo do outro, quando a gente quer fazer uma festa, todo mundo... Hoje mesmo, hoje é uma gira de Baiano... simples. Mas nós comentamos: "Ah, gente, como é a última, vamos fazer algum prato, vamos fazer uma festinha?" Daí um vai trazer uma coisa, outro vai trazer outra, a gente se uniu e vai fazer uma coisa mais alegre pras entidades. Mas naquele tempo, não, eu ficava com muita dúvida. "Não, eu não tô fazendo uma coisa dessas". Às vezes a entidade dá um conselho que eu não daria. Mas eles dão conselho. Porque eu não gosto de opinar na vida dos outros e as entidades, elas falam elas dão conselho: "Vocês vão fazer isso, vão fazer aquilo..." Então, acho que eu não faria isso.

207.W.Z.: Eu gostaria de lhe agradecer muito pela sua presença e quero lhe dizer que seu depoimento vai ser muito importante para a minha pesquisa. Muito obrigado.

L.S.

- 208.W.Z.: L., antes de mais nada eu gostaria de lhe agradecer por ter atendido à minha solicitação e vindo até aqui. Como você sabe, estou pesquisando a mediunidade dos médiuns do seu terreiro. Mas, antes de entrar nesse assunto, eu gostaria de conhecer um pouquinho você. Você nasceu aonde?
- 209.L.S.: Eu nasci em Bom Jardim, uma cidade do interior de Pernambuco.
- 210.W.Z.: Você está com quantos anos?
- 211.L.S.: Trinta e oito por enquanto, só até domingo.
- 212.W.Z.: Você nasceu em Bom Jardim e depois, como veio parar em São Paulo.
- 213.L.S.: Eu fiquei lá até meus dezesseis anos. Depois vim pra São Paulo, até hoje. Eu vim com uma irmã mais velha, que casou aqui e quando ela foi viajar pra lá, na volta eu vim com ela. O começo foi difícil. Eu ficava com minha irmã, mas eu ficava praticamente morando no serviço, em casa de família. Só em finais de semana que eu vinha pra casa dela. Mas não dava certo. Com irmã casada é difícil. Com irmã a gente se entende, mas com cunhado já é difícil. E eu não gostaria de atrapalhar a vida dela, então eu trabalhava no meu serviço.
- 214.W.Z.: Você tem uma filha, que é a F...
- 215.L.S.: Tenho a F., com dezesseis, tenho o T., com dez anos. E perdi uma este ano, com sete meses de gravidez. O médico falou que foi insuficiência respiratória.
- 216.W.Z.: Você foi casada...
- 217.L.S.: Com o pai da F., em 86. Uns meses antes de ela nascer... quando eu casei já estava grávida. Me separei dele em 90.
- 218.W.Z.: Você tem irmãos e irmãs?
- 219.L.S.: Minha mãe teve quatorze filhos (risos). Teve nove meninas e cinco meninos.
- 220.W.Z.: Como você entrou em contato com a Umbanda?
- 221.L.S.: Eu nunca tive religião, antes. Eu sempre participei da missa, nunca fui aquela católica fanática, de viver na igreja. Eu sempre gostei de ir em centro, aqui, ali. Alguém diz assim: "Ali joga carta e búzios", eu tava indo... até junto com a Z. (Nota: também médium do mesmo terreiro)... eu conheci esse lado todo mais por causa da Z.... até então eu não conhecia nada. Ela dizia; "Tem um centro ali, vamos lá?" Eu digo: "Estamos indo". Aí, ali embaixo tinha outro, a gente foi, tinha outro lá, a gente ia... Antes de São Paulo eu não ia em nada... nem acreditava em nada.
- 222.W.Z.: Você começou a freqüentar há quantos anos?
- 223.L.S.: Eu comecei de 90 pra cá. foi quando eu conheci a Z., quando eu vim morar aqui na Joaniza, porque antes eu morava no centro da cidade e eu não conhecia nada. Aqui nesse terreiro mesmo, tem uns cinco anos a seis anos que eu freqüento aí, não como filha da casa, mas como uma pessoa normal que vai pra assistir, tomar um passe essas coisas. Depois, de dois anos pra cá foi que eu resolvi fazer desenvolvimento. Eu não tenho ordem de passe ainda, eu não sou capaz, eu não tenho aquela firmeza que as outras irmãs lá tem... porque faz muito pouco tempo, né, sou nova.
- 224.W.Z.: Antes de começar a freqüentar aqui, você participava regularmente de outro centro?
- 225.L.S.: Não. Eu freqüentava onde minha irmã trabalha, perto da Cupecê, atrás do Hospital Santa Marina, um centro que tem atrás, que é onde a minha irmã freqüenta. Eu estive por lá duas ou três vezes. Mas lá eu não me senti bem. Eu me sentia mal, sentia dor de cabeça, não tive vontade de ir lá. Aí eu fui algumas outras vezes com a Z. em um centro que tinha aqui atrás. Eu fui algumas vezes, eu gostei, me senti bem. Mas também lá, a Z. também não quis ficar lá, aí ela acertou aqui, ficou e eu também fui ficando. Eu vinha todos os sábados, às vezes as giras eram de quarta-feira, no sábado. Eu vinha na gira da sexta, me sentia muito bem. Eu comecei a conhecer melhor e o que eu vinha buscar eu conseguia.
- 226.W.Z.: O que você veio buscar? Por que você começou a freqüentar centros?

- 227.L.S.: Acho que é porque eu tava desiludida do amor. Eu sofri muito por causa do meu filho, né. Ai as meninas falavam "Vai lá que eles ajudam, você vai melhorar." Ai realmente eu consegui, melhorei bastante. Chegou um dia da minha vida que eu fiquei assim "Mas pra que essa droga de vida? Essa vida pra quê se a pessoa que eu amo me despreza tanto, não gosta nem um pouquinho de mim, nem com um filho dele na barriga essa pessoa tá pouco se lixando pra mim." Eu disse: "Ó, quer saber de uma coisa? Eu vou lá." Já tava desiludida, já. Muito triste. Ai, quando chegava aí, eles começaram falando coisas boas, coisas bonitas, me levantando pra cima, sabe? Eu sentia tão em paz, me sentia tão bem com aquelas palavras lindas que eles falavam pra mim. Ai eu voltei assim realizada. E depois eu não acreditava mais que ele viesse a gostar de mim e que ele viesse a me assumir, eu e os meus dois filhos... Depois de muito tempo, eu já duvidava, não acreditava mais nisso. Ai uma das entidades falou assim: "Você tá duvidando?" Eu disse: "Não, meu pai, eu não tô duvidando, mas é uma coisa que eu não acredito mais." Ele disse: "Então eu vou mostrar pra você que isso pode acontecer." E realmente tá acontecendo, sem eu cobrar nada, sem eu pedir nada, de repente ele resolveu me assumir de uma vez, ficar comigo e com os meus dois filhos. Ai eu engravidei pela segunda vez dele, né. Ai foi quando eu perdi. Mas o problema é que ele era uma pessoa assim, muito sem juízo. Ele não queria nada com nada nessa vida. Ele vivia pulando de galho em galho, não queria uma coisa fixa. Não precisava. Não queria um lar. Não queria uma família. Ele queria viver a vaidade do mundo e foi o que ele escolheu.
- 228.
- 229.W.Z.: E aí vocês se separaram... e depois ele te assumiu e vocês ficaram quanto tempo juntos?
- 230.L.S.: Também durou pouco. Nós ficamos assim durante dez anos eu na minha casa e ele na casa dele. Ai, quando ele resolveu me assumir, me levar pra casa dele lá na Zona Leste, foi quando eu tava grávida, assim logo qu eu perdi o bebê, aí eu voltei. Eu falei: "Ó, chega! Pra mim eu não quero mais não." Nove meses depois.
- 231.W.Z.: Ai, você é que não quis ele mais.
- 232.L.S.: Ai fui eu que descobri que ele não era nada daquilo que eu tinha dentro de mim. Eu tinha criado uma pessoa dentro de mim que ele não existia. Eu criei ele dentro de mim. Eu inventei uma pessoa dentro de mim que ele não era. E eu descobri, passando nove meses junto com ele debaixo do mesmo teto. Ai eu voltei e larguei ele lá. Com a cara e a coragem é os meus dois filhos.
- 233.W.Z.: Ai você ficou bem da desilusão porque ele voltou, você foi quem dispensou ele...
- 234.L.S.: Foi. Eu sarei. Aquela paixão que eu dizia que era amor, que era não sei o quê, que eu não vivia sem ele, que eu era capaz de botar um fim na minha própria vida porque graças a Deus eu me curei. Eu pedia, eu pedia pra Ele que mostrasse realmente pra mim quem era ele, que eu não conhecia. Eu não conhecia. Realmente eu conheci ele. E me desiludi. Eu não me arrependi. Eu sofri muito ter ido pra casa dele. Sofri muito, muito, muito. Chorava quase todos os dias, mas eu não me arrependi porque eu conheci ele realmente. E a ilusão acabou. Sarei, graças a Deus! Daquela doença, eu sarei! Ai hoje eu vejo ele assim, vejo uma pessoa normal, uma pessoa comum, uma pessoa qualquer. Não sinto mais nada, eu não tremo mais e nem gaguejo mais como antigamente.
- 235.W.Z.: Mas você chegou a casar com outra pessoa depois ou não?
- 236.L.S.: Não... Eu fui casada com o pai da F., que foi a primeira pessoa da minha vida. Casei com o pai da F. Foi ele e foi só esse aí mesmo, que acabou logo em seguida, graças a Deus!
- 237.W.Z.: Mas depois desse outro...
- 238.L.S.: Fiquei com outra pessoa. Tô com outra pessoa agora, mas tamos só namorando. Não tô vivendo junto não.
- 239.W.Z.: Tem quanto tempo que vocês tão juntos?
- 240.L.S.: Tem três meses.
- 241.W.Z.: Pela sua cara você tá contente.
- 242.L.S.: Eu tô. Hoje é dia dos namorados, né? Ele não me ligou no meu serviço!
- 243.W.Z.: Você trabalha em quê?
- 244.L.S.: Eu trabalho em casa de família. Eu sou doméstica.
- 245.W.Z.: Desde que você chegou a São Paulo você trabalha em casa de família?

- 246.L.S.: Não, não. Logo assim, no começo, sim. Depois eu trabalhei um pouco tem, um ano e pouco numa fábrica onde fazia carteiras, cintos, bolsas lá na Liberdade. Depois, quando eu saí de lá, aí eu voltei a trabalhar como diarista. Depois eu parei e em 92, justo quando eu mudei da cidade aqui pra Joaniza, Aí eu entrei numa loja aí na Washington Luis, onde eu lavava e passava. Alugava roupas pra noivo, pra noiva. Aluguel de roupas. Aí, cinco anos depois a loja veio a fechar. Aí eu voltei outra vez a trabalhar em casa de família lá no Jabaquara, passei mais cinco anos. Aí saí e nessa casa vai fazer dois anos que eu tô. E assim é minha vida.
- 247.W.Z.: Você então começou aqui a freqüentar de maneira regular isso desde 90 pra cá. Aí como é que foi? Você começou primeiro na assistência, uns três quatro anos na assistência. E como foi que você começou a trabalhar?
- 248.L.S.: Eu não conseguia mais, quando eu ficava na assistência, eu não conseguia mais me controlar, me segurar. As minhas entidades, eles exigiam de mim, queriam que eu entrasse.
- 249.W.Z.: O que você sentia?
- 250.L.S.: Sintomas, era coisas assim que a gente conversando assim a gente não tinha coragem de fazer jamais. (risos) O que a gente começava a sentir... uma sensação de chora, a gente quer chorar, aquela emoção muito grande. E a vontade que a gente tem é de entrar lá pra dentro. E se a gente vem embora pra casa, eu começava até a passar mal. Entrava no ônibus, a gente ia mal, minha vontade que eu tinha era de voltar. Roupa preta, eu usava roupa preta, nem pensar... a gente tinha vontade de tirar todo a roupa de cima de mim. Numa gira de Preto Velho, então, se eu fosse com uma roupa escura, eu sentia vontade de tirar toda a roupa. Que eu queria uma roupa branca, queria uma roupa branca e começava a chorar. Aí, eu tinha que por roupa branca. Eu tinha que entrar. Minha sensação era de angústia, sabe, uma coisa muito ruim que a gente sente. Era uma coisa que tava contrariando a gente, gente não queria aquilo, mas tinha uma força maior que queria que a gente fizesse. E quando era gira de esquerda eu não podia por uma roupa branca de jeito nenhum, de jeito nenhum, porque a minha Pombo Gira era queria que eu tivesse de outra maneira, nunca de roupa branca. Ela sentia vontade de rasgar toda a roupa. Eu não podia ficar ali de jeito nenhum, começava a chorar, chorar e tremia. Eu tinha que entrar lá pra dentro. Isso aconteceu depois de uns três anos que eu tava na assistência eu não conseguia me segurar. As próprias entidades que eu tava passe falavam que o meu lugar era lá dentro... as minhas próprias entidades tavam exigindo isso de mim. Então, tava na minha hora de vestir a minha roupa branca e mudar de lado, que meu lugar era do lado de lá. Então, quando eu tava tomando passe a minha entidade vinha, eu incorporava. Aí eu ficava fazendo força pra não vim. Aí elas falaram: "Relaxa e deixa a entidade vim, porque ele tá exigindo isso de você". Aí eu comecei a relaxar e a deixar e aí vinha. Aí a entidade que eu tava passando tirava e eu voltava pra assistência, bem. Eu não sentia mais nada, aquela vontade de chorar aquela coisa tudo que eu tava sentindo acabava, eu voltava pra casa bem. Até então, eu tava na assistência era dor nas costas, era um peso terrível, sensação horrível. Hoje eu não sinto mais nada.
- 251.W.Z.: Então você começou no desenvolvimento? Como foi?
- 252.L.S.: A gente... era nos sábados de tarde, às cinco horas, chegava todo mundo, a gente tomava as aulas, o significado, quando nasceu a Umbanda, essas coisas assim. E chegava a hora da gira e a gente ia, as novatas, junto com aquelas outras meninas, na hora da gira normal. Aí, as nossas entidades vinham, eles traziam, antes de vir as pessoas de ordem de passe, aí dava primeiro pra nós, primeiro pra gente. Aí, cada um traz a sua entidade. Aí, como é em fase de desenvolvimento, as coisas que as nossas entidades falam a gente sabe. Porque ela não toma o nosso corpo assim por completo. É só metade, é só cinquenta por cento. Então a gente sabe tudo que eles falam, qual é o desejo deles, o que eles querem.
- 253.W.Z.: Você sabia que era assim?
- 254.L.S.: Sabia porque a Z. me contava tudo. Um bocadinho de coisa que eu aprendi foi a Z. que me ensinou. Ela já trabalhava quando eu tava na assistência. Eu passei muitas vezes com as entidades dela que eu amo, assim, de paixão, as delas são maravilhosas, adoro eles.
- 255.W.Z.: Você, na gira de desenvolvimento, já incorporava direto?
- 256.L.S.: Não, não é assim não. Tem lugares que precisa o Pai por a mão na cabeça do filho, pra modo de o Santo descer, mas nós não precisamos. A gente só se concentra, faz só tipo uma concentração, faz o silêncio, senão os cantos, e a pessoa já vai mentalizando a sua entidade, já vai mentalizando ele e ele já vem. Não exatamente igual a das outras meninas que já tem ordem de passe. No comecinho a gente sentia as vibrações delas. Cada entidade tem uma vibração diferente, dos Caboclos, dos Baianos, dos

Pretos Velhos, principalmente. Das Crianças, então, é um barato, uma coisa tão linda, tão especial... muito bonita.

257.W.Z.: Você começou recebendo que linha?

258.L.S.: Criança. A minha primeira entidade, foi na minha casa, e foi uma Criança. Eu ainda não tava desenvolvendo aqui, eu ainda tava na assistência. Foi na minha casa e foi uma Criança. Não sei porque, não sei o que aconteceu que, de repente, eu já tava... quem queria vir de frente é a minha Pomba Gira... eu comecei a rir, comecei a rir... aí, de repente, eu pedi um pouco... me deu uma sensação de choro, eu pedi: "Me dê um pouco de água com açúcar". Aí a minha filha pegou... nessa época eu tava gostando de um outro rapaz e ele tava na minha casa... aí ele pegou a água com açúcar e eu peguei, tomei água com açúcar e dali eu já tava parecendo, reagindo como criança. Aí, naquele tempo não entendia nada, não entendia nada... começou falar e eu "Meu Deus do céu!" Eu queria andar, eu queria doce, eu queria jogar guaraná no cabelo, a menina não deixava... e falava que era uma criança, eu queria brincar, eu queria bala, de manhã. A primeira vez foi engraçada. Não demorou muito.

259.W.Z.: E atualmente você recebe todas as linhas?

260.L.S.: Recebo todas até a minha Cigana. Eu não sei o nome de todos eles não me disseram o nome. Porque eles tem que deixar o nome. Aí eu sei só o da minha Preta Velha, Maria Joaquina. Os outros não falaram ainda não.

261.W.Z.: Riscaram o ponto?

262.L.S.: Não, ainda não. Nenhum.

263.W.Z.: Então, no começo você sentia a vibração. Aqui no centro, pra vir firme, demorou quanto tempo?

264.L.S.: Demorou muito mesmo porque no começo eram só vibrações. Eu via, eu sentia as coisas, a entidade não fala quase nada, só se alguém vier perguntar as coisas, aí responde. Mas ele não fala quase. Eu não sei se é porque eu atrapalho. Porque nós atrapalhamos as nossas entidades. Porque se nós tivermos já assim, uma concentração, se nós não tivermos preocupados com as coisas que tão acontecendo lá fora, na nossa casa, se a gente tiver com a cabeça limpa, sem tá pensando em nada, nós não atrapalhamos. As entidades vem direitinha, bonitinha. Agora, se nós tivermos preocupados com alguma coisa, atrapalha também a incorporação. Isso é que é ter firmeza. Por isso que eu falo, eu não tenho essa firmeza ainda, eu quero ter e eu vou ter. Mas por enquanto, eu ainda atrapalho as minhas entidades. Eles falam isso, eles mesmo falam: "Fala pra minha menina deixar os problemas lá fora e aqui dentro se concentrar mais. Pra deixar os problemas lá fora". Porque lá dentro eu atrapalho o trabalho deles. Tem que apagar tudo, tem que entrar com a mente limpa. Mas se eu pensar nas minhas preocupações, se eu pensar nos meus problemas atrapalha. Não consegue aquela firmeza, não consegue direito... atrapalha a entidade.

265.W.Z.: Você disse que eles tomam metade. Quando você está incorporada você consegue ver as pessoas...

266.L.S.: Consegue. A gente está consciente.

267.W.Z.: Já teve momentos em que você fica inconsciente?

268.L.S.: Já teve, já aconteceu comigo de eu não lembrar nada e coisas que a entidade ter falado e eu não ter lembrado. Já teve vezes de a entidade não vir de jeito nenhum porque eu mesma atrapalhei. Por isso mesmo eu já fui chamada à atenção, de outras entidades... que as outras entidades vê. "Você não deixou, você é culpada de a sua entidade não ter baixado. Você atrapalha, não pode atrapalhar". Tem que apagar tudo, ficar com a mente limpa, ficar de coração limpo. É difícil, principalmente quando você tem um problemão lá fora, então é difícil.

269.W.Z.: Como você sabe que tem ali uma entidade?

270.L.S.: Acho que a gente não vê, a gente sente. Tem gente que vê, tem gente que tem o dom da visão. Tem algumas entidades que têm o dom da visão. Eu não sei com as minhas como é que vai ser, se tem o dom da visão ou se ela só vai ouvir ou se vai ver. Porque tem entidade que é assim, tem entidade que elas vêem e outras que ouvem. Eu já fui já jogar cartas num senhor que ele falava que ele ouvia, ele não via, ele ouvia. O que a entidade queria que ele ouvisse ela falava nos ouvidos. E tem outras entidades que têm o dom de visão, de ver. Eu sinto.

271.W.Z.: O que mais te mostra que as entidades existem?

- 272.L.S.: Tem muitas coisas que já foram ditas que eu nem pensava que ia acontecer e, no passado, já aconteceram. Uma entidade de outras meninas, de outras meninas da casa, coisas assim que eu disse: "Meu Deus, não pode ser verdade, não tá acontecendo!" E já aconteceram. "Por que que eu fui duvidar?" Por exemplo, com relação ao pai do meu filho. Tudo que realmente eles falavam lá eu vi tudo depois, tudo, tudo que eles falavam lá, o jeito de ser, a maneira, o que ele imaginava, o que ele queira fazer, o que ele pensava em fazer, no passar do tempo foi acontecendo tudo, tudo, tudo. E outra coisa, depois que eu me separei do pai do T., eu conheci um rapaz bem mais novo do que eu. Eu fiquei com ele um ano, um ano e pouco. Também não deu certo. Aí, a Z. trabalhando lá na casa dela e recebeu uma vizinha, uma Preta Velha dela. Aí ela falou que eu ia conhecer um rapaz, assim, assim, assim e falou todo o jeitinho dele... que era uma pessoa mais nova do que eu e que ia acontecer isso, e que ia acontecer... "Meu Deus do céu, não pode ser verdade..." alguns meses depois eu conheci realmente essa pessoa. Aí eu disse: "Vó, é essa pessoa que a senhora falou?" Ela disse: "Só você vai descobrir depois se é ou não". Mas o jeitinho dele era exatamente do jeitinho que a vó tinha falado. Meu Deus do Céu, duvidar dos outros!" As entidades da Z. tem isso. Duvido que ela diga uma coisa que as entidades dela digam uma coisa pra mim e acontecer o contrário. É ver pra crer. Sempre, em seguida, sempre aconteceu.
- 273.W.Z.: E as suas entidades, já deram alguma informação importante pra você?
- 274.L.S.: Não, as minhas não. Tanto que eu não sei ainda me comunicar com elas. Aí eu pergunto, né, pras outras porque que eu não sei me comunicar com as minhas. Só que tem um porém, aquilo que eu peço pra elas, elas me mostram, elas faz com que aquele meu desejo seja realizado.
- 275.W.Z.: Dá um exemplo pra mim.
- 276.L.S.: (Muitos risos) Teve uma coisa que eu fiz... talvez hoje eu não fizesse... eu fiz aquele pedido na época porque eu tava assim, com muita raiva do pai do meu filho, por causa das decepções que eu tive com ele, eu tive muita raiva dele porque eu descobri depois que as intenções que ele tinha com a minha filha era das piores. Por isso a nossa separação. Aí eu descobri que ele tinha péssimas intenções com a minha filha com doze anos. Aí, eu fiz, num momento de raiva, que ele não ia ter nunca, jamais, minha filha, mas ele ia ter a mulher que ele merecia ter... uma das piores. (risos) Pior que ele conheceu uma mulher, que até mesmo já bateu nele. Ela é uma mulher que... Não dizer que é uma mulher de bom caráter, mas uma mulher assim que ele merecia ter. E ele conheceu essa mulher, ficou junto uns tempos, mas não deu certo também, viviam brigando... e deu pra pegar no pé dele, infernizando, tudo. E essa mulher chegou a bater na cara dele. "Então esse é o tipo que você merece ter". Eu joguei isso na cara dele. "Você nunca mereceu o meu amor, você nunca mereceu nada de mim. Esse é o tipo de mulher que você merecia ter". E outro pedido também que eu fiz também (risos)... Não sei se eu fiz certo ou se fiz errado, mas eu fiz, a minha desilusão foi tanta, tanta... Eu tive esse homem e não deu certo. Aí eu tive um outro, não deu certo também. Aí fiquei com esse outro menino lá que... ele mentiu pra mim, desgraçado (risos), ele tinha vinte anos, falou que tinha vinte e seis anos. Mas como ele era assim bem moreno... aquelas pessoa índio, bem bonito, grandão, um metro e setenta e quatro, quase um metro e oitenta, eu acreditei mesmo que ele tivesse vinte e seis anos (risos). Fiquei com ele um tempinho, mas também tive muita decepção, muito menino, muito criança. Eu disse pra minha Pombo Gira que eu estava cheia, que eu estava cansada. Se eu cuida dela, ela tinha que cuidasse de mim e não tirasse de mim, eu falei pra ela. Que ela tinha que por na minha vida uma pessoa que não tirasse de mim e que só me desse desgosto... que eu tava cheia desses homens que não me davam valor, me viam assim como uma coisa de uso e eu não sou uma mulher que homem queira só pra cama... eu precisava de outro tipo de homem, que me ajudasse, que me tirasse dessa vida... contando as migalhas pra comprar o pão... eu não queria mais isso. Aí eu fiz um pedido pra ela, que ela botasse... se eu merecesse dela, que ela botasse na minha vida uma pessoa digna, decente, que merecesse meu amor, que me tirasse dessa vida de mesquinha de viver contando a migalha até pra comprar os pão pra dentro de casa. Aí eu conheci uma pessoa (risos). Eu não sei se é esse ou não, mas eu sei que eu conheci essa pessoa tem três meses. Depois que eu fiz esse pedido pra ela, eu fiz assentamento pra ela e fiz esse pedido pra ela. Foi na minha casa, fiz assentamento pra ela, acendi uma vela e pedi: "Se eu merecer, a senhora faça isso por mim". E essa pessoa trabalha no mesmo prédio que eu trabalho. Só que essa pessoa... há muito tempo tá me dando cantada, ficava mandando recado pra mim, que ele era apaixonado por mim, mas eu não queria saber de jeito nenhum. "Eu sou uma pessoa comprometida, não quero ninguém. Eu já tenho alguém". Só que eu não tinha ninguém, eu tava separada... fiquei pouco tempo com o rapaz. Aí, não sei o que aconteceu, deu aquele estalo na cabeça e, de repente, essa pessoa foi a pessoa que ela tá mostrando pra mim, que ela tá dando pra mim... eu vou dar uma chance, uma oportunidade. Só que esse rapaz tá tão apaixonado... tão apaixonado (risos) que eu não

sei o que faço. Ele tá, assim, louco. Ele me liga de noite, ele me liga de manhã... eu saio do meu serviço ele sai do serviço dele pra me trazer no ponto do ônibus, quando ele não me traz na minha casa. E me liga na minha casa direto... ciumento (risos)... tem quarenta e seis anos. Então, eu acho, assim, que é coisa dela. Só pode ser. Um homem que manda flor, que daqui a pouco tá dando pacotinho de bala, aquela coisa toda... e comprando roupa e me dando presente. Eu digo... "olha, tem alguma coisa errada com isso aí" (risos) Pra mim tudo é coisa dela. Porque eu disse: "Olha minha mãe, não é de um homem bonito... nem é só um homem pra cama que eu quero, mas uma pessoa que possa me ajudar... uma pessoa que me tire dessa vida" Porque eu tava cheia, tava cansada disso... e se eu tava cuidando dela, da minha mãe, que ela me cuidasse como filha, que ela me protegesse, que ela me ajudasse. E esse é o rapaz que pode me tirar dessa vida. Ele se preocupa muito comigo, ele me trata diferente de todas as outras pessoas. Ele é porteiro do prédio de lá onde eu trabalho, só que ele tem casa própria, tem dois carros... ele quer que eu vá morar com ele lá na casa dele mas eu não quero de jeito nenhum. Já disse pra ele: "Se quiser você venda a sua casa lá e viver perto de mim venda sua casa lá e venha pra perto de mim". Mas ele disse que.. até vender a casa dele vai alugar uma casa na Joaniza pra ficar perto de mim. (risos) Às vezes eu acho que tô sonhando! Seu lá se é um pesadelo, ou sei lá o quê! Só pode ser obra dela de tão bom.

277.W.Z.: L, eu quero te agradecer muito pelo seu depoimento...

M.E.O.

278.W.Z.: Antes de mais nada quero lhe agradecer por ter atendido ao meu convite. Você sabe que estou fazendo uma pesquisa sobre a Umbanda, sobre a mediunidade. Mas, antes de lhe perguntar sobre isso, eu gostaria de lhe conhecer um pouquinho. Você está com quantos anos?

279.M.E.O.: Sessenta e um.

280.W.Z.: Você nasceu aqui em São Paulo?

281.M.E.O.: Não, eu sou do Piauí. Depois fui, com uns quinze anos, no Maranhão, a terra da Macumba.

282.W.Z.: E lá você freqüentava a Macumba?

283.M.E.O.: Não, lá não. A minha mãe já tinha noção porque ela inventava de jogar carta pras moças, e sempre inventou esse negócio de chá, de banho. E o pessoal diz que dava certo, voltava tudo de novo. Eu não conheci, mas ela me falou que a parte da minha avó, sempre foi muito branco, de olhos muito azul, dando pro italiano, e meu avô neguinho pretinho, da cabeça de coco, bem da África. Aí roubou minha avó e fez aquela mistura... A gente morou no Maranhão, depois em Belém. Meu pai era serralheiro e foi pras matas de Maranhão e minha mãe com roça. Aí ela teve problema sério com bronquite, tipo tuberculose. Uma vez, ela lendo o jornal, ela leu, "Santa Rita, em Belém do Pará"... as promessas que as pessoas faziam pra conseguir as graças. Ela fez, se ela ficasse boa a gente ia pra Belém. Graças a Deus ela ficou bem. Em seguida meu pai morreu e nós fomos pra Belém pra pagar essa promessa. Eu fui pra lá, acho, que com dezessete anos, porque com dezoito eu tive a minha filha mais velha. E lá em Belém, por incrível que pareça, começou a outra parte da espiritualidade. Fomos de navio e encontramos uma mulher que era de lá. Ela falou que morava em Chapéu Virado, que é uma praia famosa que tem em Belém do Pará e "Eu tenho uma filha que mora em Belém e eu vou fazer uma cartinha, vou dar o endereço e vocês vão pra casa dela". E a mulher nunca tinha visto a gente. Lá, demos a carta e a mulher recebeu a gente excelentemente. Minha mãe arrumou emprego em uma casa grande, uma mansão, de casa de família. Mas nosso ponto de referência era a casa dessa senhora que nós ficamos. Depois eu conheci um rapaz lá, namorei, engravidei desse rapaz. Aí eu peguei a gravidez e deu problema seríssimo, tinha que ficar de repouso absoluto. Pra onde eu fui? Pra casa da M. H., essa senhora. Só na gravidez, quando eu tive a minha criança, que eu descobri, que ela tinha um terreiro atrás, e eu não sabia. Ela foi minha parteira, ficamos lá uns dois anos, depois que minha filha nasceu, e viemos pra cá, pra São Paulo, com uns vinte anos. Minha mãe ficou lá com minha filha. Com uns três dias arrumei emprego no Pacaembu. Não deu certo. No tempo que eu saí de lá minha mãe me mandou uma carta dizendo que tava vindo atrás de mim com a menina. Só que a carta chegou no endereço antigo, e já não me achou. E quanto eu mandei a minha pra lá, mandaram de vota dizendo que ela já tinha vindo. Quer dizer: a gente se perdeu. Nessa perdida ela encontrou uma pessoa que falou; "Olha, eu não sei se a senhora acredita, mas tem um terreiro na Casa Verde... e a senhora vai encontrar sua filha se a senhora for lá". Aí minha mãe foi nesse terreiro na Casa Verde. Quando chegou lá, minha mãe nunca tinha ido num terreiro. Ela diz que passou num Caboclo, ela falou a história. Aí o Caboclo deu uma vela pra ela acender e deu um prazo de sete dias, que ela ia me achar. Eu perdida em São Paulo. Eu tava no Centro, na Avenida São João e ela tava na Vila Formosa, numa senhora que veio com ela no ônibus, acho que de Brasília, e deu abrigo pra ela. Nessa Av. São João que eu estava, eu tinha um conhecido que morava na Vila Formosa, vê como são as coisas. Minha mãe ficou na casa vizinha desse cara. Aí, ela lá falando: "Minha filha, assim, assim..." Ele falou: "Eu conheço a moça, que ela chora dia e noite porque ela se perdeu da mãe e da filha e ela não sabe o que faz. E ela mora na Av. São João e o nome dela é E.. Pra não enrolar muito assunto, com seis dias a minha mãe me achou. Aí a gente ficou sempre indo lá no terreiro, né. Nessa freqüência, toda vez que eu passava numa entidade, que eu também não sabia diferenciar o que era Caboclo, Preto Velho. Eu ia, passava e pronto. Não sabia o que era Orixá, nem nada. Mas sempre que eu passava numa entidade eu ficava tonta, zozna, e aí eu ficava vermelha e eu começava a pedir pra Deus. Eu tinha tanto medo. Eu achava que o espírito da gente saía e entrava o outro e daí que eu ia morrer (risos). Nessa brincadeira nós levamos dez anos... aí eu conheci meu marido, casei... aí comece a levar ele lá também. Sempre indo lá. E o Caboclo falando: "Cê tem que vestir branco, cê tem que vestir branco". Dez anos pra cá que eu vim entrar mesmo no terreiro, mas eu sempre tive assim... premonição. A família do meu marido... acho que morreu assim,

gente bem próximo da gente... umas cinco pessoas e todas eu sabia antes. Eu toda vida eu tive sonho antes e eu falava pro meu marido: "Oh, pode esperar que você não vai ter notícia boa". Era dito e certo hoje ele já recebia a pessoa... ou mataram, ou tinha terminado de morrer, ou tava dois dias de morto. Sempre em sonhos.

284.W.Z.: Você poderia contar um desses sonhos com mais detalhes?

285.M.E.O.: Pra contar um bem rápido. A gente tem uma lanchonete em Pinheiros. É um ponto bom, mas é um ponto com muita ruim, de bêbado, de mulher da vida. Em cima mesmo tem uma boate de mulher da vida. Quando nós compramos tinha muito traficante. Inclusive o ponto da gente, tinha um que fazia ponto na nossa lanchonete. Aí a gente comprou lá e meu marido é uma pessoa muito forte. Pode ter medo mas ele não se entrega. Eu sei que ele espantou todo mundo... traficante saiu de lá... bêbados... máquinas de som... mulher da vida... Limpo a área e dos vizinhos. Tinha um perueiro lá que foi preso. E eu sempre falei pro meu marido: "Cê não fica falando mais porque não é bom, cê sabe como é bandido". O cara foi preso e teve um boato que foi meu marido que mando prender o cara. Mas não foi. Ele foi preso porque pegaram ele com a mão cheia. Tava com um ano. Aí, quando foi ontem à noite, eu não sonhei, porque tem coisa que e vejo. Minha filha, cinco e meia passou pra tomar banho. Eu vi ela passando pra ir pro banheiro. Naquele meio que ela passou pro banheiro, eu vi o cara lá na porta do nosso bar. Entrou, tomou café e eu olhei e falei assim: "Esse é o cara que tava preso. Ele já foi solto". Foi no meio, eu dormindo e acordada, foi mais ou menos assim. Quando a menina voltou do banheiro que era pra eu tomar banho, foi quando eu falei: "Esse cara tava na cadeia e foi solto". Levantei e contei pra minha filha. E ela: "Tem que prevenir, porque se esse cara for solto e cair nos ouvidos dele que o pessoal que fala que foi o meu pai que mandou..." Aí nós fomos trabalhar e outro perueiro que trabalha lá porta, encostou num velho ali e falou: "Vem cá, e fulano? Como é que tá ele na cadeia?" Aí o cara falou assim: "Ontem foi o julgamento dele. Ele pegou quatro anos". Quer dizer, cê tem que interpretar. O que eu vi veio avisar que podia ficar despreocupado que ele foi condenado quatro anos de cadeia, que por esse tempo ele não vai tá na área. Cê vê, eu achei impressionante. E eu falei pro meu marido, pra prevenir meu marido: "Cê toma cuidado, ou esse cara vai sair da cadeia ou ele vai sair". E depois de meia hora um pergunta pro outro e o outro diz isso! Quer dizer, vieram me avisar. E outros casos da minha sogra. A minha sogra, vira e mexe eu falo com ela... Ela tem dez anos que faleceu. E ela já veio... meu marido tem uma questão na justiça... vai fazer dez anos agora, essa questão... e aí teve um tempo que teve um rolo danado que praticamente ele estava quase ganhando, foi a última vez que ele estava praticamente ganhando essa causa... porque as outras todas a gente tem ganho...Aí ela veio no meu sonho e disse: "Olha, cê fala pro F. Não se preocupar que ele não vai perder essa questão. E outra vão pegar tudo que a mulher tem". Aí, uma semana depois o advogado descobriu o último apartamento que eles têm, no Guarujá, que vale quatrocentos e cinquenta mil esse apartamento... tá empenhorado, tá bloqueado todas as contas da mulher, tá casa, apartamento... porque tá em meio milhão de reais esse dinheiro aí... tá dizendo ela que até o fim do ano a gente recebe... eu tô rezando pra receber (risos)...E ela veio falar: "Vai reverter"... desse jeito mesmo... "... e vocês vão pegar esse dinheiro e a advogada vai guardar tudo, vai tomar tudo que eles têm". Uma semana depois tava tudo com a advogada, bloqueado tudo, tudo. Estamos só esperando o juiz dá... Então é muita coisa assim. Eu tive previsão de morte... à noite. Quando foi de manhã ligaram de Fortaleza que o irmão dele tinha sido esfaqueado. Eu sonhei ele indo pra uma festa. Quando ele chegava lá na festa, vinha uma pessoa bem alta, pele bem... morenã, alto, e chegava e falava assim: "Olha, tira seu cunhado daqui porque senão ele não vai voltar pra casa hoje". Aí eu dizia: "Mas como eu vou tirar ele da festa se ele tá brincando, dançando..." e ele: "Eu tô avisando pra você. Se não tiver você vai ver". Aí, quando foi de manhãzinha, o meu marido foi trabalhar e eu fui passar a roupa. Aí eu falei pra ele: "F. eu não sei não, ontem sonhei uma coisa ruim com o E., viu! Eu não acho que vai ser boa coisa não". Porque esse irmão dele gostava de beber, de farra, de folia. Aí quando foi de noite, dez horas da noite ligaram de Tauá, do Ceará, falando que na hora da saída da festa o cara deu sete facadas nele. Caiu durinho. Na festa, parece que mexeu com a namorada do cara e aí... a namorada do cara... porque hoje em dia essas mulher também é fogo, né... deu bola pra ele, deixou o antigo namorado, ficou colada nele e quando foi na saída o cara esperou ele... deu sete facadas nele, morreu na hora, não teve salvação.

286.W.Z.: Você sempre teve essas premonições, mesmo sem freqüentar?

287.M.E.O.: Mesmo sem eu freqüentar. E outra, aí, quando entrei aí nesse terreiro, foi assim, porque sempre eu ia na Casa Verde. Lá é Umbanda. Porque a nossa é...não é Umbanda branca e lá é Umbanda branca, não tem atabaque é só no canto e só trabalha Preto Velho, Caboclo e Criança. Exu... eles fazem assim,

porque eles têm a defesa, isso eles faz, eles faz o assentamento do Exu, dão a comida pro Exu, mas ter uma gira pro Exu, não tem na Umbanda branca. Eu conhecia isso. O meu filho se envolveu com drogas. Eu tenho cinco filhos e mais quatro que eu perdi. O mais velho tá com quarenta e o mais novo com trinta e dois. E esse filho tava com esse problema de droga, com bebida. Um amigo nosso falou: "Vocês ainda vão na Casa Verde?" Eu disse: "Vamos" Ele falou: "Eu tô indo num terreiro assim, assim..." Aí falou aí do Xangô Agodô. Aí eu vim numa segunda feira. Isso faz dez anos. Na hora que eu cheguei aí, nossa, eu amei. Eu aqui já vestia branco. Ó, desde 1990 que eles falavam pra eu vestir branco lá e eu pedindo pra tirar essas coisas de cima de mim. Apaixonei aí. Eu achei assim, primeiro o toque do atabaque, que lá não tinha. Assim, o ritual, de você entrar, bater cabeça... cantar... eu achei assim muito bonito... uma saída de Orixá que eu nunca tinha visto... nossa um encanto. Aí eu pedi a um Caboclo a ajuda pro meu filho. Aí a D. (Nota: Mãe Pequena da casa) me explicou direitinho essas coisas.. Preto Velho, Caboclo... Deu uma dica como era e quando foi na quarta-feira eles mandaram trazer meu filho. Aí eu levei. Quando ele chegou ele apaixonou. Já no domingo tinha camarinha e ele já tava lá. E aí ficou, eu passei nas entidades elas falaram que eu tinha que vestir branco e na outra segunda-feira eu vesti. Porque depois eu fui entender porque eu aqui quis e nunca quis lá.

288.W.Z.: E por que?

289.M.E.O.: As entidades que não... elas escolhem o terreiro e o chão que elas pisa. Então elas não são bem Umbanda branca, né. Que nem, minha Baiana é do Candomblé da Bahia. Daí ela não queria entrar numa coisa diferente. Meu Baiano a mesma coisa. Mas eu passei um ano sem incorporar, né.

290.W.Z.: Você ficou um ano trabalhando como cambona...

291.M.E.O.: É. Trabalhando, indo lá pro meio, tentando trazer a entidade... porque eu nunca fui pra gira da R., que era de desenvolvimento, de sábado. Eu sempre ia na de segunda que é gira de trabalho. Eu, meu filho, depois entraram mais outras filhas, cinco filhos. O meu marido sempre veio, sempre pediu e as entidades trabalharam pra ajudar e ele conseguiu. Nós ajudamos muito nesse terreiro.

292.W.Z.: Como era durante esse ano, você entrava na corrente...

293.M.E.O.: Entrava na corrente, aí eles ficavam puxando, né, que eles fazem assim, como aquelas meninas... mas é assim, até a Baiana podia ter encostado... por que acho que de quinze mil pessoas acho que cinco pessoas fica inconsciente, o resto tudo vê, escuta, tudo... aí como eu via e escutava... eu achava que não rava. Então eu não deixava falar. Então, vinha assim: na gira de Baiano... eu sentia uma coisa esquisita, eu sentia uma dor aqui no meu estômago que parece que eu tava levando uma facada. Depois, o Pai D. (Nota: ex-dirigente da casa) falou, na gira de Baiano, que a minha Baiana tinha morrido com uma facada, por isso que eu sentia dor. Mas eu ficava naquela: eu nem dava pé de dança, porque Deus me livre eu dá um pé de dança e eu não sabia se era ela ou se era eu... eu nem falava... aí eles perguntava: "Minha Mãe, como é seu nome". Vixe... também não vinha nada... Não sei se é porque eu bloqueava, também não vinha. Aí era Caboclo... Caboclo então, Deus me livre, era a mesma coisa... Aí teve uma camarinha, camarinha de Caboclo, que a gente entra sexta-feira e sai domingo... e nessa camarinha eles chamavam as quatorze linhas, né... as camarinhas muito bem feitas, muito assim mesmo na religião. Aí a primeira gira foi de Baiano. Eu tentava segurar... Aí vinha a R. e dizia: "Minha Mãe, como é seu nome?" Aí: "Baiana Maria Rosa". E eu digo: "Gente, será que eu tô dizendo a verdade ou será que é ela que tá dizendo". Mesmo assim eu fiquei.. Aí dentro de mim ficava falando: "É Baiana Maria Rosa..." Aí eu dizia: "Minha Mãe, eu não tô passando n frente da Senhora?" e ela: "Baiana Maria Rosa." Então eu digo: "Então é a Baiana"... porque eu não ia dizer... nunca ia dizer... nuca tive esse negócio na minha cabeça, como eu ia falar Baiana Maria Rosa? Tudo bem. Aí vai, vai, vem. Aí foi Criança. Aí a criança pula pra lá, pula pra cá... Porque nessa camarinha três entidades deram o nome tudo ali, na camarinha. Minhas Crianças tudo quietinha, dali não saía. Queria correr e eu segurava. Aí pergunta, pra lá, pergunta pra cá... e outra fazer ponto, porque esse negócio de fazer ponto é uma coisa muito séria, muito difícil, porque além fazer o ponto que eles faz, eles diz o que é o ponto, eles diz qual é o significado, eles diz daonde veio, se for pra contar... de quê morreu eles contam. Aí deram uma pomba pra Criança fazer... ele fez, pá, pá, pá.. Aí eu digo: "Aí meu Deus, que garrancho foi que eu fiz aí?" Porque cê fica em dúvida. Quem vier falar que não fica tá mentindo. Porque fica em dúvida devido você tá vendo, você exergar... depois foi a Cabocla. Chegou do mesmo jeito, deu pé de dança, deu o grito dela... Depois teve uma gira de Boaideiro, uma Festa de Boiadeiro...E o Boaideiro do R. disse: "O Boaideiro que souber seu ponto pode cantar". Aí, ninguém se mexeu. Aí, de novo: "O Boaideiro que souber seu ponto pode cantar". Aí o meu Boiadeiro... eu falou que é enxerido (risos)... saiu e falou: "Boiadeiro não tem medo. Boiadeiro sabe o ponto. Boiadeiro sabe da onde veio. Boiadeiro vai cantar". Cantou um ponto lá e eu: "Meu Deus do céu, que

vergonha". Ele cantou o ponto, o R. mandou escrever ponto, bonitinho. Então eu digo: "Então é eu que tô incorporada". Porque ainda mais festa, no tempo do Pai D....

294.W.Z.: Veio uma música inteira?

295.M.E.O.: É! Do jeito que canta lá, se já ouviu. Meu Boiadeiro cantou na hora lá. Ele dá aquele grito de berrante que eles usam.. que eu digo: "Não vou fazer". Já tentei fazer sem ele... Não consigo fazer. Tipo aquele cantor, o Sérgio Reis toca aquele negócio, ele dá aquele grito lá. Aí eu fico pasmada.

296.W.Z.: Depois essa dúvida passa?

297.M.E.O.: Agora já passou. Agora, assim... na gira de Baiano eu vejo meu Baiano já chegar... já vejo ele bonitinho ali do meu lado ali... todo de branco, do jeitinho que eu amarro aquele negócio assim... a única diferença que ele tá é que não uso aquelas sandálias brancas no pé. Ele entra bonitinho daquele jeito. A minha Cigana... eu vejo como ela vem. A minha Pombo Gira eu já vi. Eles me amostraram tudo antes como eles era e toda gira, qualquer um deles que eu for incorporar eu já sei como é que ele veio, já vejo ali de ladinho. Minha Preta Velha bem gordona... ela usa bengala... e eu tenho a bengala e nunca levei a bengala... (risos) ela sempre cobra a bengala e eu não levo. Então, agora já não tenho mais dúvida.

298.W.Z.: O que tirou essa dúvida, o fato de você ver as entidades...

299.M.E.O.:O que tirou... assim, vamos supor que você... eu não entendo de erva... assim, eu não entendo mesmo de outras coisas... a minha filha... outra coisa que meu baiano fez. Ela foi trabalhar no Correio na Joaquim Floriano e teve uns assaltantes lá. E esses assaltantes... deu problema porque ela reconheceu e os moleque jurou ela de morte. Aí o Caboclo fez um trabalho de fechamento de corpo nela que eu não ia saber fazer nunca. Ele fez um trabalho na minha casa com vela, o ponto que ele fez no chão, as velas, o significado das velas, onde despachar aquelas velas... impressionante... que só um Pai-de-Santo de muitos anos faria uma coisa dessas. Eu mesmo não faço. Na época não sabia o que era cambono ainda, não tinha nem dado o nome deles... só sabia que era Baiano... aí ele fez isso, fez o patuá pra ela usar. Os moleque saíram da cadeia, nunca passaram no Correio... esqueceram o assunto... isso aí prova. Outra coisa, às vezes você passar no baiano e pedir um trabalho, uma coisa que já em um milhão de gente... eu tenho um arsenal assim, uma estante grande e um *rack*... eu tenho umas cinqüenta garrafas de bebida... cada uma... do uísque mais caro ao mais barato, tudo que as pessoas levam pra agradecer... de champanhe, de tudo. De você chegar pro Baiano e pedir... um trabalho e ele vim e dizer, de repente na cabeça dele: "Você faz isso, isso, isso... e saia pra procurar o seu trabalho". E a pessoa fazer. Mas, tipo assim, tem gente que pede e não faz, aí não dá. Porque meu Baiano fala: "Não é aquilo que você fez que vai lhe dar o trabalho. É aqui (Nota: apontando para a cabeça). É a fé que você teve de fazer". Porque eles falam: "Nós não somos Deus. Oxalá é que é Deus e que vai dar a permissão". Mas conforme a fé... Você pediu e você faz com fé... dá certo. Eu já passei muita necessidade, mas nunca deixei e estou conseguindo, mesmo depois de muito tempo de pedir. Tem que ter fé e esperar. Eu outra coisa, meu Baiano que toma um litro de batida de coco, eu não tomo uma gota e fuma, fuma, fuma e eu odeio cigarro. Eles vão embora e eu não sinto nada. Teve uma vez só que a minha Pombo Gira... porque o Pai D. explicou que às vezes a entidade tem que sair por causa de uma urgência.. ele vai embora e deixa a pessoa bêba... e ele já fez isso comigo, eu fiquei bêba, bêba... cheguei em casa eu falei assim... falei brava, porque eu brinco com eles também... Eu falei assim: "Não vou deixar mais você beber, não vou deixar mais você fumar, porque você me fez isso. Eu não bebo, como é que você faz uma palhaçada dessa? Falo desse jeito com eles. Aí eu comecei a me sentir mal e incorporei ele em casa. Aí, quando eu incorporei, minha filha disse: "Meu Pai, o Senhor deixou a minha mãe ruim". Aí ele disse assim: "Eu fui trabalhar. Tive uma urgência e fui. Agora ei vou embora e levo". Aí eu desincorporei. Ele foi embora. Eu deitei, nem dor de cabeça eu senti.

300.W.Z.: Dona E., muito obrigado pelo seu depoimento. Pode ter certeza de que ele foi muito útil para o meu trabalho. Muito obrigado.

M.N.M.

- 301.W.Z.: N., antes de mais nada, eu gostaria de lhe agradecer por ter atendido à minha solicitação e vindo até aqui. Como você sabe, estou pesquisando a mediunidade dos médiuns do seu terreiro. Mas, antes de falarmos da sua mediunidade, da sua religião, eu gostaria de conhecer você um pouco mais, algo sobre a sua vida.
- 302.M.N.M.: A minha vida? Ai, como que eu vou começar...
- 303.W.Z.: Você nasceu em São Paulo mesmo?
- 304.M.N.M.: Lá em Minas... Santa Luzia... agora é município de Belo Horizonte, já. Família de quatorze irmãos... eu sou a sexta. Eu morava sempre em fazenda, chácara. Era uma vida assim, muito livre. Morei nessa vida durante doze anos. Não me preocupava com nada, brincava à vontade. Pisava em cobra... Em Itapeva... eu morei aqui em Itapeva, no interior de São Paulo, o lugar que mais tem cobra que eu já vi. Eu era totalmente infantil, até meus dezessete, dezoito anos... acho que eu fui muito inocente... Não sei se era pela criação dos meus pais... uma vida mais cheia de tabus... uma vida muito simples... eu sempre fui alegre, ria, brincava... até hoje, apesar dos tropeços da vida ainda tento brincar, mas é mais difícil agora. Mas tento ser alegre, porque a gente passa tanta coisa na vida e tanto sofrimento e a alegriz vai se esvaindo. Mas ainda tento brincar até hoje. Meus pais eram assim: mau cumprimentavam, tinha que tomar a benção, muito severo meu pai, rígido. Eu acho que fui a que mais apanhei... porque inocente e desastrada. Então, tudo o que eu fazia eles brigavam comigo, batiam mesmo. Uma vez eu fui ver a hora, acho que eu tinha uns nove anos... eu subi na cadeira e pus o dedo no relógio, sabe aqueles relógios redondos, antigos?... que falavam que era a marca "cebolão", né... aí eu encostei o dedo no bendito relógio. Caiu e tinha foto do meu avô, da minha avó lá dentro. Sabe que desapareceu que nunca mais ele achou? Eu não acredito nisso! Até hoje eu não consigo acreditar como é que pode ter acontecido isso. O relógio amassou, né... apanhei feito uma danada... de cinta! Nossa, o velho era bravo mesmo. A minha mãe, não, coitada. Era brava mas a gente tinha mais liberdade com ela que com ele. Liberdade entre aspas. Conversas, assuntos de nada, de nada. Eu não sabia de nada... eu tinha... o último irmão que nasceu, eu não sabia que minha mãe tava grávida! Olha a inocência... eu tinha doze anos! Não sabia nada que pudesse chamar a atenção. Eu era muito inocente, muito bobinha mesmo. Eu falei assim: "Meu Deus os meus filhos não vão ser assim não". Aí, quando eu fui explicar pra minha filha, ela tinha sete anos... eu falei assim. A minha primeira menstruação veio com quatorze anos. Nossa, eu chorei tanto! Eu desesperei. Nossa... eu não tinha machucado nem nada e a vizinha escutou.. nossa. Mas ela ria da minha cara. Mas também, quatorze pra quinze anos não saber nada disso! Minha mãe não falava. E pensa que ela chegou pra mim e conversou comigo? Não, nem minhas irmãs. Pediram pra uma amiga pra fala, nem a família teve coragem de falar comigo. Eu falei: "não, essa vergonha que eu passei a minha filha não vai passar". Cheguei pra ela com sete anos de idade: "Oh, filha, eu vou conversar com você pra você não passar o que a sua mãe passou". "O que, isso? Ah, eu já sei". A minha neta com dois anos já sabia também... Então, "ninguém vai passar a vergonha que eu passei, né. E assim foi a minha vida. Era tudo seco, ninguém tem liberdade de falar, assim: "eu te amo". Nem eu com meus filhos.. é muito difícil de, sabe... acho que conforme foi a criação a gente não tem... até pequenininho, até a adolescência a gente abraçava, beijava. Depois eles ficaram tão revoltados com qualquer coisa que aquilo já poda a gente. Igual às minhas netas, é a mesma coisa. Você vai agradar, já desagrada de chegar perto. Então a gente recua, né. Eu era muito boba. Eu casei e não sabia nada de... nada de nada. Eu fiquei grávida e fiz o pré-natal, tudo. Um dia antes da minha filha nascer, que é a R. (Ver R.L.M.), eu fui no médico da cidade com a minha irmã. Nós pegamos o ônibus, nós viemos de pé, o ônibus lotado. Eu de pé, ninguém, me deu lugar. Porque antigamente se levantava e dava lugar, né. Nem isso. Passei uma noite inteira, não sabia o que quer era. Falei: "Ai, mãe. Tô com uma dor de barriga". Ela me dava elixir parególico, pode? Um remédio pra cólica intestinal e eu tava com dor de parto, a noite inteira... É impressionante como foi isso, ninguém me falou nada, nem as que já eram mãe. Olha, com vinte anos, isso, um absurdo. Aí eu tive a R., de parto normal. Eu tive três filhos, todos de parto normal. Aí eu fiquei grávida do segundo filho. Foi num aniversário, todo mundo tava bebendo, se divertindo, nove meses antes desse segundo nascer. Aí chegou lá um espírito, pegou minha sogra, um Exu, e falou assim: "Olha, se você não tiver grávida, procura não ficar, porque você vai ter a maior decepção da sua vida". Aí eu fiz: "Ah, que nada, isso aí é a minha sogra que bebeu até cansar". Foi em 64. Ele nasceu, parto normal... foi o melhor parto... a melhor

gestação que eu tive foi desse menino, ele chamava Renato. Registrou, né. Quarenta e oito horas só ele viveu. E realmente eu tive a maior decepção. Ele viveu quarenta e oito horas, foi pra mesa de cirurgia e morreu na mesa. Ele tinha problema de... o reto era ligado com a bexiga. Ele não tinha o canal do reto, era fechado, tiveram que colocar anel, tudo. Eu falei: "quer saber, Deus sabe o que faz".. porque, já pensou, um rapaz tendo que usa fraudas, com certeza, porque esses anéis não seguram. Depois eu fiquei grávida de novo, de gêmeos... perdi também. Depois fiquei grávida do R. (ver R.C.L.M.), fiquei nove meses quase de repouso, e o Preto Velho da minha sogra cuidou de mim até fazer os nove meses, Ele falou: "Mas esse você vai ter, e é um menino". E é o R. Aí, depois dele, fiquei grávida de novo. Eu e a minha irmã. O marido dela fez tudo pra ela perder. Tomo tudo que foi remédio pra perder. E ela chorava, porque ela não queria, perder o neném. E eu não tomava remédio nenhum, perdi, perdi de novo. E ela, nasceu a menina. Pode? A que tomou o remédio que veio até do Rio de Janeiro, pra perder o nené. Aí, eu falei assim, não tive mais. Mas depois fiz cirurgia com 44 anos, aí não teve mais mesmo. Aí o marido começou a trair, trair, trair, aí já... Até teve uma filha lá em 78, aquela traição horrorosa... Eu descobri, falei que não queria saber. Ele pediu perdão, aí eu fiquei assim, voltamos. Vivemos normalmente, aí depois, aí nessa casa, ele traiu de novo. Aí eu falei "Agora, também não dá..." Falei: "Pode ir embora. Viver desse jeito não dá não."

305.W.Z.: Isso foi quando?

306.M.N.M.: Foi no ano em que nasceu a minha neta mais nova. Mas até eu descobrir, até o olho abrir, né, a inocência é maior que tudo, confiante, né, que não ia acontecer mais... Aconteceu, aí eu descobri... Foi em 98. Eu falei: "Ó, pode sumir que eu não quero saber mais." Agora ele mora lá pra Caraguatatuba, lá com a mulher. Teve mais outra filha. Falei assim: "Deus é justo, só mandou mulher procê." E a filha mais velha dele tem amizade comigo, me chama de tia, aí me liga de vez em quando. Mas a outra... Não quero não. Dentro da minha casa, entrando e saindo, e ele fingindo... Ele, pros outros, pra ela ele era separado, né, pra família dela, desquitado ainda! Casado! Nem desquite, nem nada. Aí, no caso, é bigamia, né. Que ele tava vivendo, ele sendo casado... Eu falei "Ah, não vou mexer porque não vale a pena. Ele já tá pagando as penúrias dele..." Porque ele tem só uma vista. E essa vista ele teve catarata, fez cirurgia, não enxerga direito. Pra que vingança? Não leva a nada. Não guardo raiva de ninguém, deixa pra lá... Vou viver minha vida. É uma luta terrível, né, mas a gente vai vivendo.

307.W.Z.: É isso que você tava falando quando falava do sofrimento?

308.M.N.M.: Nossa Senhora! Porque a gente casa assim, naquela ilusão que vai viver aquela vida pra sempre, né, como os meus pais sempre disseram, né, casamento é pro resto da vida. Mas era no tempo deles, né, porque trinta anos de casado... Ao fazer assim, acho que eles jogaram tudo pro alto, né? Mas a amizade... "Ó, se um dia você pensar em sair de casa, é pra nunca mais, hein? Pensa bem." Cansaram de avisar pra ele. E todo lugar que ele ia, falavam a mesma coisa. E ele tinha uma mediunidade tão bonita! Ele tinha um médico... Ah, o que doeu mais em mim nem foi a separação assim dele. Foi de separar das entidades que a gente convivia, entendeu? Pra mim foi muito triste. Porque com o tempo a gente vai sabendo das coisas, a gente vai desiludindo, aos poucos, né. Mas se não fosse o meu espiritual, não sei, não! Tinha que fazer tratamento psicológico, né, como todo mundo faz... Análise, essas coisas. Pobre não pode fazer essas coisas, né, senão já sabe! Então, tudo é muito caro e não tem condição. Se não fosse o meu espiritual mesmo, não sei, não! Aquelas entidades lá, de todo mundo, desde o que tava começando, que conversava comigo até dos mais velhos, tudo, conversavam muito comigo, me deu muita força.

309.W.Z.: Como é que essa parte espiritual entrou na sua vida?

310.M.N.M.: Ah, isso aí acho que foi com oito anos de idade. Eu tinha feito a Primeira Comunhão na escola. Era obrigado fazer, mas eu era católica mesmo, até vir pra São Paulo. Eu fui na igreja e quando eu olhei assim pro altar, desceu aquela cortina prateada, e parecia que girava, assim, descendendo, assim, mas aquela cortina todinha! Aí eu falei: "Gente! O que... Será que eu tô com problema na vista?" E eu tava sozinha naquele dia. Não tinha ninguém comigo, não. Eu falei: "Eu vou à missa sozinha", e fui. Aí, olhava assim... Porque lá em... no começo, o sacrário era no altar, né, e a mesa era no altar. Aí, quando o sacristão tocou o sino, e que ele abriu o sacrário pra pegar a hóstia, o Menino Jesus desceu do colo de São Benedito e veio até o pé dele. Mas era de carne e osso. A coisinha mais linda! Bem redondinho, aquele bebê, a coisa mais linda! Aí, desceu assim... Aí quando eu olhei, voltou pro colo dele. Aí quando o padre rezou, rezou, que ele levantou a hóstia, que o sacristão tocou o sino de novo, ele veio até a hóstia. Desceu de novo do colo de São Benedito e veio até a hóstia, consagrando a hóstia, né. Aí eu falei assim: "Meu Deus! Será que eu tô sonhando?" E eu me beliscava pra ver se era sonho, né. Aí eu piscava e olhava, eu piscava e olhava, mas eu continuava vendo. Aí veio uma voz no meu ouvido e falou assim: "Não conta pra

ninguém senão vão te chamar de louca.” Porque tudo eu contava pra todo mundo. E eu sou assim até hoje. Aí eu falei: “Eu, hein! Eu não vou contar é nada. Vão me chamar de louca, vão me pôr no hospício... Eu não vou contar nada.” Fui pra casa e fiquei. Aí depois eu só sonhava com Santa Therezinha. Ela tava sempre me livrando dos perigos. Eu não tinha nem dez anos, isso. Aí depois, logo depois que a minha filha nasceu... Não, antes disso eu vim pra São Paulo, e meu irmão freqüentava uma mesa branca, que é Allan Kardec, né. E eu ia com ele só assistir, assim, mas eu continuava indo na igreja. Aí, eu com vinte anos, de repente eu... assim, sem mais aquela, incorporou. Era um Preto Velho, e deu o nome. É o Preto Velho que eu recebo ele até o hoje. É o Pai Benedito. Mas o interessante é que depois de muito tempo, foi que eu liguei que eu vi o Menino Jesus no colo de São Benedito – que ele é o chefe de falange dos Pretos Velhos – e quando eu recebi esse Preto Velho a primeira vez, ele deu o nome de Pai Benedito. Depois de muito tempo é que eu fui ligar uma coisa com outra. Benedito e Benedito, né. Inclusive, esse Preto Velho é lá de Ubá, Minas Gerais. Ele contou a história que ele veio no navio, a mãe dele veio no navio, e teve gêmeos. E cada um foi pra um lado. E ele foi pra essa fazenda lá em Ubá. Tanto que ele morreu lá. Ele viveu a vida inteira dele lá. E teve uma enchente – ele tinha 98 anos quando ele morreu – e ele tava com pneumonia. A casinha dele, quando ele mostrou, eu vi essa casinha. Uma casinha de pau-a-pique, tinha uma janelinha, um aporta e um banquinho.

311.W.Z.: Você viu como?

312.M.N.M.: Assim, ele falando...

313.W.Z.: No pensamento?

314.M.N.M.: É, a visão. Tinha um banquinho que ele ficava sentado lá na frente, contando história pras criançada. E a cama dele era de girau. Sabe que que é girau? É de tronco de árvores fina. Então eles faziam a forquilha aqui e aqui, colocava a madeira aqui, depois colocava as madeiras assim e depois enrolava o cipó. Depois punha colchão de palha. E ele tava deitado nesse colchão de palha, que ele tava com pneumonia, né, aí teve uma enchente no Rio Ubá, que ele passava no fundo da fazenda, e todo mundo correndo pra salvar as crianças, pra salvar as coisas, esqueceram dele lá. 98 anos. Enorme! Diz-se que ele era alto! E ele morreu afogado. Ele falou: “Tá vendo?” – ele contando a história dele pras pessoas – “eu doente, com pneumonia, morri afogado.” Quer dizer que a gente nem sempre vai do mal que tem, né? Essa é uma das histórias.

315.W.Z.: Você me disse que com oito anos viu no altar o menino Jesus. Depois, você já incorporou no centro ou não?

316.M.N.M.: Não. Dentro da minha casa. Minha filha era bebê.

317.W.Z.: Você já freqüentava só o kardecismo...

318.M.N.M.: É. Eu ia de vez em quando assim a algum trabalho. Mas eu continuava indo na igreja. Na igreja eu via luzes correndo, aquelas luzes que passavam assim... Aí eu já começava a sentir mal, né, quase desmaiar dentro da igreja. Com dezessete anos eu me sentia assim... Uma vez, eu tava trabalhando na loja – era no Albano Piccinini, você já ouviu falar no Décio Piccinini? Então, era o pai dele, era gerente da loja que eu trabalhava. E ele era espírita. Ele era kardecista. E ele me tratava como um pai. Porque logo em seguida meu pai faleceu, né. E ele via que eu era assim, um pessoa inocente e ele sempre conversava comigo, dava conselho. Ele foi como um pai pra mim, mesmo. E eu comecei me sentir mal e ele falou assim: “Vamos aqui no estoque, você senta lá e eu vou ver o que é que é que tá se passando.” Aí ele falou assim: “Você conheceu um senhor assim, assim, ele é muito extrovertido, ele morava na mesma terra que você e é pai de uma amiga sua.” Eu falei: “Mas o que é que tem isso?” Ele falou assim: “Não, ele sofreu um acidente de carro e ele tá aí perto de você.” Eu achei aquilo estranho, né, aí depois eu vim saber que era um parente de um ex-namorado da minha irmã, que ele era muito alegre mesmo. Ele chegava lá – ele morava em Belo Horizonte, e Santa Luzia era quarenta minutos só, né – e chegava lá e brincava com todo mundo na cidade e ria. Era uma pessoa muito alegre. E ele brincava comigo, que eu era amiga da filha dele. E ele veio avisar que tinha falecido. Pode? Inclusive a turma da loja, né – porque a maldade tá em todo lugar – começaram a falar mal de mim, que o gerente tava lá no estoque comigo. Eu falei: “Meu Deus! Como é que pode a maldade dos outros?” E eu tão inocente... Olha, eu sofri tanto com essa inocência! É igual minha neta do meio, que às vezes ela fala umas coisas, umas bobagens... Eu me vejo, sabe. Às vezes eu até choro de ver as bobagens que ela fala. Meu Deus! Eu não sei quem essa menina me puxou! Mas é assim, muito inocente.

319.W.Z.: Você freqüentava, então, de vez em quando, Umbanda antes de incorporar o Pai Benedito.

- 320.M.N.M.: Não.
- 321.W.Z.: Nunca tinha isso na Umbanda?
- 322.M.N.M.: Não.
- 323.W.Z.: Tava indo só de vez em quando no kardecismo...
- 324.M.N.M.: É. Ai, minha sogra que é... ela era médium, que recebia o Pai José de Oliveira.
- 325.W.Z.: Você já tinha contato com esse Pai José?
- 326.M.N.M.: É... Sim. Conversava de vez em quando, porque ela também não freqüentava... Aliás, a comadre dela, que tava muito doente, e os médicos não achavam a doença dela. Comadre não, amiga. Patrão do meu sogro. Agora que vou lembrando... Comadre era minha porque batizou minha filha. E aí o meu sogro falou pra ele que a minha sogra tinha um Preto Velho e que ia levar lá pra ver a situação lá da minha comadre. Aí eles foram e ele tratou dela e ela ficou boa. Era problema espiritual e não era material. Por isso que os médicos não achava nada. Fez tudo quanto foi exame possível, no Hospital da Clínicas, na Santa Casa, que eram os hospitais mais famosos da época, né. Ele curou ela e aí que eu comecei a conversar com ele. Sempre ele ia lá em casa... sempre não, de vez em quando ele ia lá em casa, a gente conversava, tudo. E depois, meu irmão abriu um centro, que era aqui atrás, na Vila Filomena. E aí meus irmãos todos tinham mediunidade, começaram a freqüentar. E aí depois um mal entendido... desmancharam tudo. Aí, cada um seguiu o seu caminho. Aí os meus filhos cresceram, eu morava com a minha sogra, a gente se separou, e eu fui morar na Casa Verde, e depois... Na Casa Verde eu escutava vozes. Tinha uma moça que faleceu na estrada, irmã da dona da casa que eu morava. O terreiro era... três casa assim, a casa dela do lado, mas não tinha muro de separação. Era tudo junto no quintal. E ela era muito católica, né. E eu gostava do espiritual, né. Aí eu conversava muito com ela e ela brigava, não gostava muito de conversar comigo não por causa que eu era católica e ela era espírita. Aí essa moça diz que tinha ido numa cartomante e ela falou que ela podia ir viajar que não ia acontecer nada com ela. Que poderia acontecer com o marido, mas com ela, nada. Ela foi. Chegando em Registro, não sei o que é que aconteceu com o carro, os filhos dela voaram pelo vidro de trás, ela, a porta abriu e ela caiu – se tivesse cinto de segurança naquela época talvez ela não tivesse morrido – ela bateu aqui assim, e foi embora. Só, a única que morreu. E aquela cartomante falou que ela era a única que não ia sofrer nada. Aí eu escutava: “N.! N.!” Aí eu ia olhar, nada! Não tinha ninguém. Ela era muito alegre, nossa, ela chegava: “N., tem cafezinho aí?” Pois eu escutava. “N., tem um cafezinho aí?” E chegava lá, nada. Era ela. Aí eu rezava, pedia pra ela, né. Depois de muito tempo, eu conversando com esse médico que o meu marido recebia, né, meu ex-, né, aí ele falou pra mim que ia procurar por ela. Eu expliquei pra ele mais ou menos onde foi. Ele chegou, ela tava na estrada ainda, sabia. Depois de muitos anos que ela tinha falecido. Quantas missas rezaram por ela! Aí encontraram ela, eu pedi pra ele levar pra escola espiritual, ele levou, aí ela mandou me agradecer. Falou assim: “Isso que era amiga, que conseguiu dar o alívio espiritual pra ela.” Aí eu fiquei feliz, né. Ela tava presa ali na estrada. É engraçado, né, porque rezam tanto! Acho que rezam, rezam, rezam... é tão complexa essa vida espiritual, do além, né, que a gente é difícil pra entender. Porque diz que rezar missa ou oferecer mesmo trabalho espiritual ajuda. Eu acho que cada um tem o seu quinhão pra passar. Aí, pra eu explicar isso, só na outra vida mesmo. (risos) Só quando eu voltar.
- 327.W.Z.: Seu marido foi o fundador da casa. Eu sei que ele recebia o Dr. Griff. Sei que ele se afastou dos trabalhos e foi para o litoral. Sei que foi uma entidade dele que quis que o terreiro fosse aberto. O Dr. Griff não incorporou em mais ninguém aqui?
- 328.M.N.M.: Eu falei pra ele. Porque quando... ele teve vários problemas ainda com a vista. Ele entrou na escola do Senai pra fazer escultura de madeira e uma ferpa entrou dentro da vista dele. E eu sabia antes de acontecer, eu fiquei sabendo. E eu não sabia nem onde ele morava. Depois ele ligou pra minha filha. Não sei se eu sonhei ou se foi assim... porque passa pela minha cabeça, eu falo que é meu pensamento, mas não é. Ele explicou, o Pai Griff, que são ondas sonoras, então vem através do cérebro e traduz e eu falo que é meu pensamento. Então eu falei: “R., eu acho que aconteceu alguma coisa com o seu pai”. Aí o meu genro procurou saber e aconteceu mesmo: uma ferpa entrou na... ferpa ou farpa, não sei, porque lá em Minas a gente fala ferpa... entrou dentro do olho dele, ele teve que fazer cirurgia, quase que acabou o restinho de visão que ele tinha. Porque ele operou de catarata e ficou com um pouquinho de visão. Ele usa vinte e dois graus. Aquele óculos “lente de garrafa”. E dali é só acidente que acontece com ele. Ele liga lá em casa. Eu não tenho raiva, eu não consigo ter raiva de ninguém. Fiquei magoada muito tempo, porque isso dói, dói na alma, né. Eu converso com ele, eu digo: “Olha, acho bom você voltar pra sua vida

espiritual viu, porque do jeito que você está indo, não sei não. Porque mesmo sem enxergar você pode trabalhar. Porque pelo menos eles te ajudaram. Ele parou.

329.W.Z.: Em geral, N. as pessoas passam pelas giras de desenvolvimento, para aprimorarem o processo mediúnico. Mas com você foi diferente...

330.M.N.M.: Eu não sei se em sonhos eles me desenvolveram, eles trabalhavam comigo, né, porque eu trabalhava muito no espiritual. Assim, dormindo, eu ajudava as pessoas dormindo. Acho que foi isso. Os dois sonhos nítidos que eu nunca vou esquecer... eu também tinha oito pra nove anos... é assim... eu achei cinquenta mil reis, naquela época, em 1950. Dava pra comprar dois daqueles caramelinhos e uma... lá em Minas costuma fazer muito puxa-puxa... aí eu falei pras meninas... eram três abaixo de mim: "vamos comear doces". Fomos todas felizes da vida, todas de mãos dadas. Aí, a chácara era assim, numa subidinha, descia tinha um córrego, mais um pedacinho tinha a porteira, aí tinha a estrada assim (fazendo como um 'c' com a mão), que era curva, que aqui era uma fábrica de banha, que matavam os porcos, tudo, ali. Depois tinha uma casa que fazia doce sírio e tinha uma vendinha, mais acima... lá que vendiam os doces. Aí fomos. Mas, à tarde, não tava escuro. Quando nós chegamos nessa fábrica de banha, nessa curvinha, escureceu. Eu falei: "Nossa, como é que pode ter escurecido desse jeito?" Aí, quando eu olhei, a Santa Terezinha, de carne e osso. Eu falei: "Meu Deus! Santa Terezinha" e eu fiquei encantada com ela, né... aquele hábito marrom, aquela parte bege assim, que cobria a cabeça, o crucifixo e as rosas naturais, aquele perfume da rosa, coisa mais linda a Santa. E ela é menina, mocinha. E eu falei: "A Senhora por aqui? O que a Senhora tá fazendo aqui?" Ela disse assim: "Olha, meninas, vocês não podem passar ali. Procurem abrigo pra passar a noite e amanhã de manhã vocês vão pra casa". Mas eu falei "Mas nós não podemos fazer isso, meu pai vai ficar muito bravo! Não tem jeito da Senhora passar". "Não, porque tem dois ladrões ali". Porque tinha uma parte da entradinha que eles tiravam terra. Ela disse: "Um tá ali naquela parte do buraco e o outro tá do lado do mato. Se vocês passarem por lá vocês correm perigo" Aí eu falei assim: "Tá bom, tá bom. Nós vamos procurar abrigo. Nós vamos primeiro na casa da sogra do meu irmão" Aí ela falou: "Só tem lugar pra uma". E ficou a menorzinha. Aí nós fomos nessa outra casa que vendia doce, que a gente conversava com eles... "Só tem lugar pra uma" Aí deixamos a outra menor. Aí voltou eu e a mais novo do que eu, a M.I. E a Santa Terezinha tava lá no mesmo lugar. Só que onde ela tava era claro, era uma luz do dia. Aí eu falei: "Santa Terezinha, não tem jeito. Nós vamos ficar na rua. Nós não temos lugar onde ficar. Só ficaram com as menorzinhas. E como que nós vamos fazer". Aí ela viu que nós tentamos, né... aí ela falou: "Então vamos lá pegar as suas irmãs. Eu vou ajudar vocês a atravessarem". Aí nós voltamos, pegamos as duas irmãs mais novas. Voltamos. Ela falou assim: "Então fica duas de cada lado". Eu com a menorzinha aqui e a outra com a outra menor. Segurando no hábito dela, né. Ela falou: "Vocês não olhem pros lados". Imagine, eu... xereta que só! Aí quando eu fui passando, eu só olhei de rabo de olho, mas tinha um homem agachado mesmo! E eu olhei pro lado do mato, não tinha outro? Aí ela foi até a porteira. Quando ela chegou na porteira, que nós passamos por baixo da porteira, eu: "Obrigado Santa Terezinha". Todo mundo feliz, dando tchau pra ela. Passamos a ponte que era estreitinha assim e nem olhamos. Voando. Quando chegamos no outro lado, dando tchau pra ela, agradecendo... que ela tinha livrado a gente do perigo. Clareou o dia de novo e eu acordei. E aí, a outra vez, a minha mãe, fervia a roupa pra gente e ela fazia com o fogareiro de serragem. Ela falou: "N., vai buscar serragem pra mim". Aí, eu falei: "Tá bom, mãe". Aí eu peguei dois sacos e fui buscar na serraria. Era pra outro lado e foi uma turma. Só eu que chegava na curva. Quando eu cheguei ali, a Santa Terezinha de novo. Eu falei: "Santa Terezinha, a Senhora de novo aqui? O quê que a Senhora tá fazendo aqui?" Ela disse: "Deite-te menina, porque vão passar duas cobras em cima de você". A coisa que eu mais... a coisa que eu tenho pavor é cobra. Aí eu joguei o saco de serragem pro lado, assim e deitei. Eu deitei na rua, não era bem rua, uma estradinha, né. Deitei lá e fiquei. Olhei assim e o senhor não queira saber... a cobra era maior que essa mesa, desta grossura (indicando com os dedos) e duas, uma amarelada e outra preta. Ali vinham as duas.. em cima de mim. Passaram em cima de mim e ela só olhando pra mim e eu fechei o olho e eu sentindo que ela tava me olhando. E eu sentia aquele gelo passando por cima de mim. Eu sentia as cobras assim como se tivessem ao natural mesmo. Quando eu vi que elas acabaram de passar, que elas já tavam longe, eu abri o olho. Quando eu abri o olho eu tava na minha cama, dura, desse jeito, do jeito que eu deitei na estrada eu tava na minha cama, não conseguia sair daquela posição, dura, dura, dura. E esse médico falou pra mim que aquilo era preparação pro meu espiritual. Acho que eu já vim com essa missão mesmo.

331.W.Z.: Como foi essa sua primeira incorporação com o Pai Benedito?

332.M.N.M.: Foi, assim, eu tava assistindo, conversando com o Preto Velho e de repente, eu tava falando com uma voz que não era minha... e ele deu o nome, conversou com eles e depois foi embora. Tava meu marido, meu sogro e minha sogra, que eu me lembre... e a R. bebezinho, tinha três meses ela.

333.W.Z.: Era dia de trabalho?

334.M.N.M.: Não, não. É que quando ela sentia que ele... ele chegava perto dela e "Preciso falar com fulano". Aí ela dava entrada pra ele. Ela se preparava e ele vinha e conversava com as pessoas que ele tinha que conversar. Eu não senti nada naquele dia. Foi engraçado porque, de repente, me deu aquele solavanco e não era mais eu. Eu só ouvia a voz que não era a minha. A gente não domina nada. Porque eles dominam a gente, do corpo... Não sei, meu filho diz que eles não incorporam, que eles só irradiam na cabeça, mas a gente não faz o que a gente quer... eu acho interessante, assim... que eu duvidava muito... porque depois eu comecei a escutar. Aí, até que... as pessoas conversavam... eu fui desenvolvida... assim, porque quando eu fui nesse terreiro... foi depois do que aconteceu com a minha filha, ela já te contou que ela apagava, depois disso a gente começou a ira nesse terreiro. Um tempo eu tava falando sozinha porque eu no tava trabalhando no espiritual. Aí falei "meu Deus, eu acho que tô ficando louca". Eu tava normal, dali a pouco eu tava conversando sozinha, não é possível... "acho que eu tô ficando doida, acho que eu vou marcar um psiquiatra". E marquei e fui. Ele olhou pra mim falou: "Pois não", ele falou desse jeito... "Qual é o problema da senhora?" Eu falei assim: "Sinceramente eu não sei. Eu acho que eu tô ficando doida, mas eu também acho que não é material. Acho que meu problema é espiritual e eu marquei essa consulta nem sei porque". Ele olhou pra mim e riu. "A senhora tem certeza disso?" "Olha, olhando pro senhor, conversando com o senhor eu acho que eu não tenho problema material nenhum. Porque eu trabalhava no espiritual e parei. E faz muito tempo que eu não frequento centro nenhum e eu acho que eu tô necessitando de voltar". "A senhora acha que é isso mesmo". "Acho. Até logo"... virei as costas e saí, não voltei mais e ele ficou dando risada lá na sala. Aí a R. começou com esses negócio de adormecer as pernas, vir carregada, tinha que ir vizinho lá... toda vez... porque eu nem ligava mais pra isso... desiludi, aquela desilusão de ter terminado tudo... o centro sem mais nem menos, né. Eu falei "Aí meu Deus, o quê que eu faço" Eu chamava a vizinha, em vez de eu acudir a minha filha, eu mesmo podia acudir, não. Então a vizinha falou: "Vocês tem que procurar uma Umbanda"... porque ela era kardecista... "na linha de Kardec vocês não vão resolver nada com essa menina. Porque é Iemanjá que tá com ela e ele não vão... quanto muito um passe, um passe eu tô dando". Quando meu irmão começou a frequentar esse centro... eu pegava os meus dois filhos e vinha. Ela foi melhorando e foi desenvolvendo. E o R. também, com oito anos começou a mediunidade dele. Ele contou, não contou?

335.W.Z.: Contou.

336.M.N.M.: Que ele acordava com olho vermelho, gritando de medo? Que tinha o homem da capa preta lá do lado dele? O dele foi assim. E então nós começamos a desenvolver e eu comecei tudo de novo porque nesse terreiro podia ser graduado onde fosse, chegava lá entrava no desenvolvimento, aprende tudo passo a passo e aí depois tinha ordem de passe. Eu saí de lá não tinha ordem de passe! Fiquei uns três anos. Aí, logo depois o meu marido... esse Preto Velho que vinha nele voltou como médico e quis que ele fizesse uma casa. Aí nós começamos dentro da minha casa, no quarto do R. e da R. A gente montava e desmontava todo sábado. Meu marido trabalhava com a mãe dele e ia muito a terreiro, mas não era uma coisa fixa, não. Ele ia muito pra visitar e onde ele ia ele incorporava, a entidade dele vinha. Até que mãe dele abriu um terreiro que era com os meus irmãos que ele começou a vir mesmo a trabalhar, que ele trabalhava como Preto Velho sete anos, depois veio como Dr Michael.

337.W.Z.: Eu gostaria de entender melhor a dúvida que você falou que tinha...

338.M.N.M.: Dúvida. Assim, quando eu comecei a trabalhar, as entidades conversavam e eu ouvia... eu tava incorporada e eu não me dominava, mas eu ouvia o que eles falavam. "Será que eu tô incorporada mesmo?" Porque eu tinha muito amor, eu falei, às vezes o amor exagerado pode levar a isso, a pensar que tá incorporado e não tá. Aí eu conversava com esse Dr. Michael e ele falava assim: "Filha, não faça isso, isso é pecado. As suas entidades são maravilhosas, elas estão trabalhando para ajudar as pessoas. O dia que você parar de duvidar de você mesmo... mas ainda você vai ver muita coisa que você vai acreditar em você mesma". Aí, quando foi um belo dia, chegou uma pessoa, aí, gente, eu queria esganar aquela pessoa, eu tava com raiva daquela pessoa. Ela chegou perto da minha entidade e foi conversar com ela. E ela num amor pra conversar com aquela pessoa... e eu ouvindo, sabe, eu... se tivesse em mim eu tava esganando essa pessoa, entendeu? Olha que teste que eles fazem pra gente... apesar de eu não guardar raiva, mas naquela época eu tava com raiva daquela pessoa. O motivo eu não me lembro. E só me lembro que esse foi um teste mesmo. Eu via e ouvia, o pior era isso! Ela dava conselho, ainda passava a mão na cabeça

daquela pessoa. Terminou os trabalhos e eu falei: “meu Deus, eu tava incorporada mesmo! Porque se eu não tivesse eu tinha esganado aquela pessoa!” Uma outra vez foi a minha Baiana. Ela chegou... minha sobrinha chegou, eu ouvi ela falar muita coisa pra menina de tudo e eu ainda me lembro de uma coisa: “Você tem uma rosa na mão, filha. Não destrua essa rosa”. Quer dizer, ela tinha todo um futuro pela frente, pra ela não destruir... mas ela não tem juízo... essa menina. Aí terminou o trabalho e eu falei: “E aí, M. quê que a Baiana falou pra você? Quê que a Sebastiana te falou?” Ela falou: “Nada tia. Ela não abriu a boca pra falar comigo” E eu vi... tanta coisa... “Mas você entendeu o que ela quis dizer?” “Ela olhou dentro do meu olho, eu escutei tudo que ela tinha pra falar comigo, ela me passou mentalmente tudo que ela tinha que falar comigo e ela falou que eu tinha uma rosa na mão que é pra eu não deixasse destruir essa rosa. Mas não abriu a boca. Ela ficou olhando pra mim sem abrir a boca”. Bom, dali eu não tive mais dúvidas, né, fiquei calada. E muitas vezes eu escutava e às vezes eu comentava com as pessoas e elas diziam: “Não as suas entidades não falaram nada disso”... por isso tem o cambono ali do lado... falam assim: “Não, a sua entidade não falou nada disso”. Ela fez eu ouvir uma coisa e ela tava conversando outra.

339.W.Z.: Bom, você já tem muitos anos de mediunidade...

340.M.N.M.: A R. já tem quarenta anos.

341.W.Z.: Mudou isso, ou não?

342.M.N.M.: Não! Pior é isso, que eu sou consciente. Eu sei quem chega perto de mim, muitas vezes eles não deixam ver, eu não sei quem tá ali do meu lado, vendo. Muitas vezes eu via só metade da pessoa, só via daqui pra baixo (mostra, apontando da região da boca para baixo)... outras vezes eu via a pessoa todinha na minha frente, eles deixam ver pra ver que não sou eu mesmo... e umas conversas, umas coisas assim impressionantes.

343.W.Z.: Nessa última gira, a de Criança, a sua entidade estava triste. Você tem consciência disso?

344.M.N.M.: Tenho. A minha menina. Ele é do Paraná. Alicinha. Ela morreu com quatro anos e meio... e eu tive um sonho de como ela morreu, ela me mostrou. Ela tava na escolinha. A mãe dela colocou ela na escolinha... acho que deveria ser rica, mas eu não vi a casa... era assim no alto e todo gramado. Ela tava de uniforme cinza. Sainha pregueadinha, blusinha branca, bem antiguinha, sabe aqueles uniformes antiguinhos? Falei assim: “engraçado, como que pode uniforme... mas as crianças não iam pra escola!”... devia ser algum lugar que os pais levavam pra passar o dia, não sei... e tinha o uniforme, não sei porque isso aí ela não explicou não. Eu sei que ela tava brincando de bola. Eu vi ela jogando bola e a bola escorregou no gramado e passou um caminhão e pegou... pegou as pernas dela. Aho que ela não resistiu, né. E morreu. Nossa, a primeira vez que ela veio, eu morava em outro bairro... eu fui convidada pra ir na Festa de Cosme e Damião, lá na Vila Aurora, perto da Água Fria, pro lado de Tucuruvi. Aí ela incorporou... a primeira vez que ela incorporou. Nossa... encostavam nela ela gritava de dor, ela chorava, ela não podia nem mexer as pernas. Então ela ficava num cantinho... ela chega ela fica num cantinho, ela não sai, ela só cumprimenta e vai pro cantinho dela... aí ela.. e pisaram na minha mão, na mão dela, né... e caíram em cima dela. Nossa, mas era uma bagunça eu falei: “nunca mais que eu vou em lugar nenhum”.. nesses lugares assim, acho que devia ser casa particular, acho que não era um centro não. Eu sei que ela chorava e ela contou a história dela. Mas eu sonhei e vi. Aí, depois de muito tempo, eu tinha muitos médiuns aí... chegou a ter duzentos médiuns.. tinha segunda, quarta, sexta, sábado à tarde e sábado à noite... de tanta gente. Era uma turma cada dia. E o rapaz, ele tinha um menino e ele tinha um caminhão. Mas o senhor não queira saber o dia que ele levou esse caminhão. Foi numa Festa de Cosme e Damião, essa menina saiu correndo, arrastando no chão e se escondendo atrás das pessoas de medo do caminhão. Ele levou um caminhão baú. Foi nessa noite que eu sonhei. Ela vestidinha.. ela lourinha, cabelo bem cacheado, amarradinho, assim, com aquele cacho lindo... aquele olho azul que ela tinha. A menina, uma gracinha. E ela: “Pelo amor de Deus, tira isso de perto de mim” e não queria saber de jeito nenhum. Foi preciso fazer uma barreira onde ela tava pra ela não ver o caminhão. A gente sabia que ela tinha sido atropelada, mas não o caminhão.

345.W.Z.: Isso tudo te deixou sem dúvida.

346.M.N.M.: Agora eu não tenho dúvida. Eu subo, me entrego. Eu bato cabeça na hora do trabalho e peço que minha matéria não interfira no espiritual, que as entidades possam vir trabalhar normalmente eles mesmos. Que eu não interfira no que eles tem pra dizer. E aí eu confio, não tenho mais dúvida. Aí já faz um tempinho. Mas eu escuto, mas eu não me domino. Se eu quiser ir pra lá e as entidades não querem eles vão ficar travados.

347.W.Z.: Durante a gira a senhora sente a aproximação da entidade?

348.M.N.M.: Sinto. Eu sei quem vai vir. Porque se não vem nenhum eu não incorporo, eu fico lá. Várias vezes eu não incorporei. Eu sei quem é. Aí vem, como que numa luz, eu vejo o Preto Velho, o chapuzinho dele, a silhueta dele. A Baiana, eu vejo o turbante dela, sempre em luz. Eu sempre sinto quem vem incorporar. Eu vejo na minha frente. Aí depois... eu acho interessante... porque antes eu sentia mais pra incorporar... eu balançava muito, dava muito choque assim entre... Pra entidade pegar a matéria. E depois que eu fiz uns assentamentos, que eu fiz os assentamentos pro meu Pai de Cabeça que é Oxosse, pra Iansã, e minha madrinha é Oxum... aí, depois que eu fiz os assentamentos pra eles.. porque a gente faz a graduação toda.. eu não sinto mais isso.. é mais leve. Eu vejo assim, quando eu vejo já.. já foi. Agora, mais pra desincorporar que dá mais solavanco, assim. Depois, depende da vibração... porque às vezes tem muita gente, vai muita gente, cada um com um tipo de vibração, a gente sente alguma coisa. Nessa última que o senhor foi, a de Criança, eu não senti nada depois, eu tava ótima. Mas depende da entidade. Eu tenho problema de osteoporose. Mas a gente sobe e vai trabalhar. Às vezes eu sinto alguma coisa, mas às vezes não. Porque às vezes eles ficam muito tempo, por exemplo, o Preto Velho senta num banquinho de Minas, aquele banquinho mineiro... nenhum outro senta naquele banquinho, ninguém. Nenhum outro Preto velho de visita, de algum médium... eu não quero sentar nasse banquinho não. E ele senta e fica ali, horas e horas trabalhando. Às vezes ele vem primeiro e sai por último. Às vezes ele vai embora e eu não sinto nada... às vezes só a hora que ele desincorpora que é pesado... que ele vem, ele dança, ele vem num passinho de Preto Velho ela dança o congá inteirinho, ele dá a volta no salão e senta pra trabalhar. Quando ele vai embora... duas, três pessoas pra levantar ele do banco. Eu não sou pesada. Eu sento e levanto normal. Eu acho isso muito interessante.

349.W.Z.: Enquanto você está incorporada, você está como espectadora, assistindo?

350.M.N.M.: É.

351.W.Z.: Você pensa normalmente...

352.M.N.M.: Eu não penso nada. Não tem o domínio. Eu só tô vendo. Não penso nada porque ele tá comandando... ele tá aqui na minha cabeça. Antes eu pensava, no começo, "será que eu tô incorporada, mesmo", aí depois, parei de ter dúvida, parei de pensar. Eu subi pra trabalhar, então ele vai trabalhar. Eles, né, as entidades. A hora que eu bati a cabeça ali, acabou, limpa tudo. Pra dizer a verdade, o R. era muito, muito, muito terrível. Adolescente é terrível. E antes o terreiro, o salão de trabalho era no quintal. E uma vez ele cismou de brigar comigo, na cozinha. E da cozinha pro terreiro era um degrauzinho assim. Ele discutiu comigo, mas discutiu feio mesmo que todo mundo olhou assim pra mim, arregalou o olho e de falar: "Ah, ela não trabalha hoje!" Por causa da ex-mulher dele. Discutiu feio e eu falei assim: "Senhor". Eu fui lá, bati cabeça, abri os trabalhos, cantei todas as linhas e ele querendo me atropelar no atabaque e eu lá seguindo... Eu falei: "Eu não sou eu. É o Caboclo". A mão do R. ficou lá dentro e eu sou a Mãe-de-Santo". Abri os trabalhos. Mas olha, eu me preparei tanto aquele dia... o senhor não sabe nem o que aconteceu aquele dia... a mulher dele entrou... mas falou tanta coisa... eu não me lembro qual era o trabalho, não me lembro qual era a entidade que foi... eu sei que ela falou tanta coisa, mas tanta coisa, brigou, sabe e discutiu lá no meio da assistência... assim de gente... aquele dia foi uma prova tão grande que eu estava incorporada e a entidade falando, assim, tão suave, normal e eu não fiz nenhum gesto pra mostrar que a M.N. tava ali. Já tinha discutido com o R. lá dentro, a moça veio e discute com a entidade, na frente de todo mundo. É uma prova.

353.W.Z.: Pelo que a senhora me falou antes, a Umbanda é importante pra sua vida...

354.M.N.M.: Muito, muito. Eu acho que... eu não sei se eu entrei em depressão... eu sei que eu chorava muito, sabe, ver a vida desmoronar? Quando meu marido... chega, né? Eu não aceitei. Eu nunca ia imaginar que eu ia chegar e ia falar: "Vai embora". E ele foi, porque ele não gostava mesmo, né? Fazendo o que fazia não gostava. Eu sei que desde que mundo é mundo homem nenhum é exatamente uma... tem algumas exceções... eu falo isso pro meu filho: "Homem nenhum presta, não" "Ah, mãe". Não seu nem se Jesus foi só aquilo que tá escrito na Bíblia. Acho que ele foi homem porque dos treze aos trinta não consta na Bíblia. Se ele veio na Terra como homem ele viveu como homem, não é? Eu penso assim agora, depois que eu deixei de ser muito boba. Eu fiquei decepcionada, chorando. Não tinha com quem conversar. Foi a única pessoa que eu tive na minha vida. Eu achava que eu ia casar e ia viver pra sempre. Nem sei, porque eu não tenho raiva dele. Mas também, se ele voltar, eu não quero, como marido não. E não quero nem pensar em outro... eu não aceito outro homem... meu coração fechou e acabou. Eu sei que eu sofri muito mesmo. A minha vida acabou. Eu não tinha com quem conversar... porque as minhas

irmãs, sabe, com gozação... essa palavra é forte mesmo, mas é a verdade... elas debochavam, não sabiam conversar, nenhuma. Então, quando tocava no assunto eu: "Vamo parar por aqui?" Já que não tinha um diálogo, pra quê ouvir besteira? Não conversei com nenhum dos meus irmãos. Aí eu não subia pra trabalhar porque eu iria interferir, concorda? Eu subia um pouquinho, conversava um pouquinho... melhorava mas não trabalhava. Nenhuma entidade me falou nada. Só o médico dizia: "M.N., abre os olhos!" E o Baiano dele, falou assim: "Eu vou embora", e eu não liguei uma coisa com a outra, porque ele falou que ele incorporava em um outro centro na Bahia, e ele largou o Pai-de-Santo porque ele tava fazendo coisa que não devia. Como ele fez em vida e se arrependeu amargamente, ele não achava correto aquilo. Ele largou o Pai-de-Santo falando sozinho e não voltou mais porque ele tava traindo a esposa, que era correta e ajudava, tudo. Quando ele falou que ia embora, eu chorei "não faz isso"... quase que ele me contou o porque e eu não me liguei. Depois de muito tempo "mas como você é boba, N., ele tava tentando te falar, pra olha o quê que tava acontecendo à sua volta"... também não ia ter volta mesmo. Uma vez, duas vezes... é triste, né, então não ia ter volta. Eu sei que nós discutimos.. ele se parou, não queria ir mais... mas eu falei pra ele ir porque "desse jeito não quero viver mais. Pessoa honesta não te serve, então, até logo". Aí ele foi embora.

355.W.Z.: N., eu agradeço muito a sua gentileza. Tenha a certeza de que seu depoimento é muito importante para minha pesquisa. Muito obrigado.

R.C.L.M.

- 356.W.Z.: Como você sabe, estou fazendo uma pesquisa sobre a Umbanda, sobre a mediunidade de incorporação. Mas, antes disso, gostaria de conhecer você um pouquinho, sobre sua vida, como é que você se vê, um pouco a sua história... Evidente, as questões da religião se envolvem aí na sua história, independentemente da religião, eu gostaria de conhecer você, que você me contasse um pouco mais a seu respeito.
- 357.R.C.L.M.: Acho que eu não tenho muito o que falar sobre mim, não. Eu tenho... Hoje eu sou uma pessoa com trinta e seis anos, vou fazer trinta e sete, um filho de quatorze, tenho batalhado de todas as formas aí a alcançar alguns objetivos, é que não é nada fácil. Nos dias de hoje tá cada vez mais difícil. E tenho objetivos fáceis, outros difíceis, mas sempre que cê conquista um, cê quer outro, né. Ninguém para em lugar nenhum. É familiarmente assim, nossa família é um pouco complicada. Com referência a parte religiosa é a que mais centra a gente em não se desviar em alguns caminhos. Enfim, acho que uma pessoa quase que normal.
- 358.W.Z.: Quase?
- 359.R.C.L.M.: É, quase que normal.
- 360.W.Z.: Quê que falta pra ser normal?
- 361.R.C.L.M.: E...O quê que falta? Acho que... Eu, pra eu atingir aquilo que eu quero, eu preciso de paz, um pouco de paz, é aquele... que é muito difícil, né. Eu acho que o equilíbrio emocional, o espiritual e o físico... Então vou tá sempre lutando contra alguma coisa. Então, é complicado. Você vai em busca de uma coisa e de outra. Você quer entender porque ela da aquelas caídas, né, você faz de tudo pra equilibrar... Na hora que você consegue, ela dá uma descida, aí você vai e faz... Você se questiona porque que pessoas que erram muito mais que você estão sorrindo, né, porque que outros tantos que fazem determinadas coisas conseguem atingir aqueles objetivos que você também acha que é válido, é você que procura fazer de certa forma uma vida normal, uma vida correta, dentro do que se pode chamar de correto, é você, qualquer coisa que você faz, você paga. Eu sou assim. Principalmente... Eu vejo muito por aí. É o que eu brigo, assim espiritualmente. Minha guerra, aí, meus confrontos... é justamente isso. Porque qualquer coisa que eu faço, eu pago. É rapidinho pra tomar castigo. Aí eu: "Por quê que outros não,?" Mas não sei o que mais posso falar de mim.
- 362.W.Z.: O que você se lembra da sua vida mais antiga, da infância? Como é que era?
- 363.R.C.L.M.: Olha, eu tive assim, quase uma vida de Cigano. Meu pai teve bastante coisas, segundo me relataram, em sociedade com meu avô, que é o padrasto do meu pai, e depois que eles resolveram se separar - até então moravam junto - a gente teve uma vida de Cigano. Morava tanto tempo num lugar, tanto tempo noutro, em geral sempre dentro de São Paulo. Pra nós, foi sempre dentro de São Paulo. Moramos de bairro em bairro até que estabilizamos aqui, que a gente tá aqui há mais de 20 anos. É onde a gente deu uma estabilizada. Assim, de conjunto, de família, sempre foi uma família razoavelmente no contexto de família, né, onde se tinha bastante coisas, união, promessas e preocupações, durante o período enquanto meu pai tinha dinheiro era fácil, aí depois, quando meu pai não tinha mais dinheiro, a família não procura mais, aí não presta mais, e a gente continuou a nossa vida, a família em si, né, a família do meu pai e da minha mãe que sou eu e a minha irmã. Aí depois foi aumentando a família, minha irmã casando, eu casei, me separei rápido, e aí por diante. Aí teve aquelas pagas, né, as famosas pagas. Que meu pai... minha avó era religiosa, né, como eu disse pra você anteriormente, e eles tinham um "terreiro", aí pararam, aí eu não lembro nem que data que é. Acredito que eu tinha uns dez anos, um domingo de feijoada em casa, eles tavam escutando uns discos lá do Pai de Santo de um terreiro aí, e foi acho que meu primeiro contato, assim... Não, não foi o primeiro, não. me recorde de outros. Assim, mas o que mais começou a definição de continuidade religiosa foi quando, escutando essas músicas, começou todo mundo a incorporar, lá, em casa, e houve a necessidade da gente dar continuidade religiosa que tinha sido freada, parada, né. Aí começamos a frequentar um terreiro. Aí paramos de frequentar esse terreiro. Aí, o mentor da casa, né, o Pai Griff, um médico alemão, falou "Meu filho" - que é o meu pai - "precisa dar continuidade religiosa..." e abriu-se o terreiro novamente. E a gente vem lutando até hoje

pra manter o terreiro aberto e com a diretriz daquilo que foi proposto no início. Eu, como parte integrante do terreiro, comecei a tocar atabaque num banquinho, que a gente não usava atabaque, era num banquinho, e daí pra frente vim vindo até o ano que eu parei praticamente porque eu fui pro Nordeste. Aí é que eu parei, assim, de ser assíduo, né, na religião. É a minha religião, não da pra mudar. É ali que eu me encontro. Só.

364.W.Z.: você era novinho quando houve aquela feijoada lá...

365.R.C.L.M.: Eu tinha uns dez anos, por aí. Dez, onze anos, por aí.

366.W.Z.: Você falou que antes disso você já tinha tido algum contato...

367.R.C.L.M.: Tinha. Eu me lembro de uma única vez em que eu me lembro dentro de um trabalho que teve numa casa de uma tia minha. Essa eu não lembro nem que idade que eu tinha.

368.W.Z.: Irmã do seu pai?

369.R.C.L.M.: Irmã da minha mãe, já falecida. É que teve uma gira e eu me lembro muito vagamente desse trabalho e foi quando essa entidade mentora do meu pai tinha encerrado os trabalhos, no período que ela tinha dito que ela tinha encerrado os trabalhos e dito que ela não voltava mais. A não ser que fosse de uma grande necessidade. E retornou, não me lembro a época, acho que eu já tinha mais de doze anos, quê quem veio primeiro não foi ele, mas foi dito através de uma outra entidade, que coordenava a parte de rituais, do meu pai, uma entidade chamada José Firino, que disse que deveria dar continuidade. Aí, essa entidade que disse que não voltaria mais voltou a prosseguir os trabalhos dela. Foi a que eu me lembro de menos, assim, de mais tempo, aliás, menor idade, foi essa, uma única vez. Não lembro muita coisa disso e alguns flashes de algumas coisas que aconteceram posterior a isso. Que minha avó sempre foi religiosa. O Preto Velho dela é quem nos doutrinava e falava: "Olha, faça isso. Não faça isso"... benzia. Era tudo o Pai José, o Preto Velho da minha avó. O que ele falava era lei. Pra nos, sempre foi lei. mãe do meu pai. Não era terreiro, não era nada. Era na casa dela, quando a gente precisava de uma ajuda, um conselho, ou mesmo pra benzer, alguma coisa, e ele é quem vinha e dava assistência pra gente. Até então, meu pai nem tava ainda naquela do volta não volta, né. Aí, depois de anos, é que aconteceu essa tal feijoada e ele deu continuidade. E parou. O meu pai tá parado já, o quê que.. uns 4 anos, 3 anos, por aí. Ele se afastou, separou da minha mãe e tá parado. Aí, eu assumi a responsabilidade dele, da ausência dele eu assumi porque acho que não deveria parar o terreiro. Assumi essa responsabilidade e, na minha ausência, ficou minha irmã. Eu dou assistência a ela qualquer coisa que ela precisa, que ela talvez não tenha o conhecimento, ela liga pra mim: "R. isso, isso...". Eu passo pra ela lista de material, como fazer determinadas coisas e a gente vai se ajudando aí. Vai fazendo o que pode.

370.W.Z.: Como é que foi sua primeira experiência, digamos... Você falou que começou a tocar atabaque, a princípio. O seu pai, então, já tava trabalhando...

371.R.C.L.M.: E. Quando eu comecei a tocar, na verdade, ele... Nos estamos freqüentando um terreiro, que não era o nosso terreiro. Depois é que começamos a abrir o nosso. É que nós não tínhamos atabaque e eu comecei a tocar num banquinho.

372.W.Z.: Antes, então, você já freqüentava outro terreiro...

373.R.C.L.M.: Nos freqüentamos um terreiro durante um bom tempo. Não me lembro quanto tempo. Uns quatro anos, talvez.

374.W.Z.: E lá, que tipo de trabalho você fazia?

375.R.C.L.M.: Eu era ogã. Só que, aquelas qualificações... Absorve-se o nome afro sem... Atabaqueiro, né. Eu tocava atabaque. mas lá dava o nome de quem toca atabaque de ogã, o que não é correto. Na verdade, se for usar o nome afro, seria alabê. Aí eu comecei a tocar atabaque lá até o dia que eu recebi a ordem pra fazer o primeiro grau, que seria a primeira feitura de santo, que é um ritual deles lá. Aí eu resolvi não fazer.

376.W.Z.: Isso foi no Candomblé?

377.R.C.L.M.: Não, Umbanda. La chama-se... Até mudou o nome, mas lá agora é Centro de Estudos e Pesquisas Caboclo Guaraci. Antes era Casa de Umbanda Caboclo Guaraci. Aí, eu sai de lá e dei seguimento com o meu pai.

378.W.Z.: A primeira feitura foi aonde?

- 379.R.C.L.M.: Veja bem, em termos de... A gente tem que separar umas coisas. Um pai consanguíneo, ele não pode por a mão em um filho religiosamente. Em termos de feitura de santo, ele não pode fazer. Então, tudo que era dentro de Umbanda e que não tinha aquela responsabilidade, de fazer no santo, eu fiz com o meu pai, que na verdade quem fazia não era o meu pai, era uma entidade dele. Isso até é um ritual Nagô, é um ritual similar ao Nagô, Mina, Nagô, Mina, Gêge, costuma-se muito ter esse ritual, em que uma entidade é que faz a obrigação nos filhos. Já no Queto, na Angola, não existe isso. É o próprio Pai de Santo, o dito Pai de Santo é quem faz. Então dentro da Umbanda, daqueles rituais de Caboclo, assentamento de Caboclo, tudo, era essa entidade que eu falei, José Firino, que fazia os rituais. Aí, depois, quando eu resolvi procurar algo mais pra mim, eu procurei alguns Pais de Santo, com alguns eu fiz até curso e procurei maiores informações pra saber o que era fazer um santo, o quê que ia, o quê que não ia na obrigação e tudo o mais, quando eu dei minha obrigação na nação Nagô Mina Gêge, até por uma escolha minha, porque existem entidades na Umbanda, que quando você raspa o santo, você faz o chamado raspar o santo, você suspende essas entidades. Você não incorpora mais. Isso no ritual de Angola e no ritual de Queto. O Gêge e o Efon também. Agora já no Nagô Mina Gêge, como trabalha muito com encantados, que é linha similar a linha da Umbanda e de Caboclo, aí não se suspende quando você faz sua obrigação. Então, eu optei por fazer essa obrigação nesse ritual pra não ter complicação com as minhas entidades, que eu jamais faria de suspende-las, deixar de trabalhar com elas a troco de uma vontade minha de conhecer o santo é saber o que era aquilo tudo, embora teoricamente eu já sabia. Eu queria saber na prática e estar mais próximo do chamado Orixá. Foi o que aconteceu.
- 380.W.Z.: Vamos ver historicamente. Primeiro, então, você tava naquela primeira casa, no primeiro centro...
- 381.R.C.L.M.: Isso. O meu primeiro contato religioso foi isso. Eu lembro, foi uma gira que teve na casa de uma tia minha, em que meu avô tocava atabaque, que é padrao do meu pai, até então eu e a R. só saibamos imitar. Brincávamos de estar incorporados e tudo o mais. Depois, o segundo contato foi nessa dita feijoada, que depois de um disco tocando eu vi minha mãe incorporando, vi meu tio incorporando, aí acho que meu pai incorporou também, se não me engano foi linha de Baiano, não me recordo bem. Incorporaram, todo mundo falando diferente e dali pra frente é que eu fui tendo um contato direto com a religião Umbanda. Aí, depois disso, aconteceu desse meu tio que tava no dia dizer que ele tinha conhecido esse terreiro, né, que eu citei. E ele levou a gente pra ir lá, tal, a gente começou a freqüentar, gostou. Gostava do ritual deles, a princípio e tudo o mais. Aí eu comecei realmente a ter um contato direto. Aí, desde então, eu tenho uma assiduidade assim, constante. Porque lá era gira de segunda a segunda. Eu comecei numa quarta-feira, que foi a gira que a gente foi conhecer lá naquele terreiro. Aí eu comecei a desenvolver espiritualmente lá, não foi com os meus pais, não foi quando eles abriram o terreiro. O primeiro contato meu, aquela... aquele transe e tudo o mais foi feito nesse terreiro, saber o que era uma vibração, um Caboclo, uma entidade foi nesse terreiro. Após isso, eu comecei sempre tocando.
- 382.W.Z.: Esse primeiro contato, essa primeira, digamos, sensação que você teve, já tinha passado algum tempo, muito tempo nesse terreiro?
- 383.R.C.L.M.: Já, já. Tinha passado um ano, dois, porque eu era novo. Eu lembro que eu tava com onze, doze anos, mais ou menos, né. É eu acho que eu fui ter o primeiro contato com treze anos, parece... treze, quatorze anos. Que até então, até pra participar de um desenvolvimento, cê tinha que pedir autorização, né, por eu ser menor, tal. Aí, cê pedia autorização. Se os pais deixassem, cê freqüentava. Porque é uma questão de não ter mais liberdade, né. Você passa a ter um compromisso e você ser criança ainda. Então, a gente tinha esse negócio. Podia tocar, mas o fato de você desenvolver e tudo mais já era outro... uma outra responsabilidade.
- 384.W.Z.: Até ali, você tocava, já.
- 385.R.C.L.M.: Eu tava começando. Eu não tocava ainda, porque é assim, como que funcionava a casa: você entra como assistente. Cê vai lá, vê a casa, tal. Entra pra tomar passe. Com o tempo de sua freqüência, aquela entidade que você vai tomar passe... Você acaba passando sempre com aquela mesma entidade, né, ou seja, com aquele mesmo médium. Outras linhas, mas sempre com aquele mesmo médium. O que acontece? Ela acaba vendo ou não em você a necessidade de você desenvolver o seu lado espiritual. Que todo mundo é médium. Eu entendo assim. Cada um tem a sua aptidão. Cada um tem um dom, tem a sua mediunidade. Então, basta designar ela ou desenvolve-la também ou não. Aí é uma opção de cada um. É o tal do livre arbítrio. Aí foi quando eu optei por desenvolver, até por curiosidade, né. Eu comecei a ter aquelas chamadas "puxadas", né, das entidades, e tal. Na prática... A princípio, a entidade vai lhe passar banhos, ela vai lhe preparar espiritualmente. Eles passam uma receita. Você acende uma vela pra seu Anjo de Guarda - aquela receitinha - uma vela branca, e um copo com água, onde você vai rezar e

pedir aquilo que você tem vontade de pedir, que é seu primeiro contato com o ritual religioso. Aí depois passam banhos, que aquela entidade vai julgar ser necessário pra iluminar a sua aura espiritual, pra limpar o seu corpo das partes negativas, pra te dar o equilíbrio espiritual e tudo o mais. Aí a partir daquele momento que você vai tendo essa... esse ritualzinho de acender vela, de tomar banho, de defesa, chamado banho de defesa, e tudo o mais, você vai gradativamente entrando no processo de desenvolvimento. Aí, o próximo passo, o que é? Quando ela lhe dá o passe, ela começa, através da sua fórmula, que é muito... como posso dizer? Única, né, exclusiva de cada entidade... tem uma forma de fazer a puxada. Ela vai atraindo aquela energia pra você. Ou seja, uma energia que paira sobre você, que a gente chama de enredo, ou sua linha espiritual. Ela vai fazendo com que aquilo vá se aproximando de você. Aí você vai tendo, né, aquelas sensações de... quer dizer, cada um também tem uma. De arrepio, de tremedeira, de tontura, o coração parece que vai acelerando, parece que vai sair pela boca, quer dizer, também são situações diferentes. Cada entidade te dá uma sensação diferente.

386.W.Z.: E você teve o quê?

387.R.C.L.M.: Ah, o que eu me lembro foi assim, a princípio, aqueles arrepios...

388.W.Z.: Arrepios no corpo todo?

389.R.C.L.M.: E. Vamos chamar no corpo todo. Você gela o corpo. E quando a entidade faz aquela puxada - como eu disse, cada terreiro tem o seu ritual... lá eles faziam a gente ficar girando - você perde a noção do espaço físico que você tá e você gira e fica completamente... Antes dele te deixar girando, você já fica zonzó, entendeu. Da aquela coisa, sabe, tipo, "Me perdi". Sabe quando cê toma um golinho a mais, que cê já bebeu, da aquela meia tonturinha, que cê fala "Po, acho que eu tô ficando bêbado"? É exatamente uma sensação similar aquela, só que não dá embriaguez, né.

390.W.Z.: Um torpor.

391.R.C.L.M.: É, exatamente. Aí cê fica meio que perdido. Aí, aquilo vai aumentando. Gradativamente vai aumentando. Cê vai sentindo uma força...

392.W.Z.: Isso ao longo do tempo ou no mesmo...

393.R.C.L.M.: não. Ao longo do tempo. Desenvolvimento, hoje em dia, até por uma orientação dos doutrinadores da casa, dos dirigentes da casa, não sei se pela facilidade ou pela forma de entendimento, já não se faz isso mais. Não tem esse negócio de ficar girando. Hoje em dia, pra você ver uma pessoa incorporar, é a coisa mais fácil do mundo, entendeu. Não sei de que forma. Mas, acontece. E eu acho, e na minha época sempre foi assim, vinha gradativamente. Aí você vai sentindo aos poucos, até chegar o momento em que você mesmo duvida que você tá... Cê fala: "Mas não é possível! Eu tô fazendo papel de bôbo aqui". Uma dessas situações foi quando eu já estava no sábado a tarde, que é uma gira só de desenvolvimento, embora eu ainda freqüentava a quarta-feira lá, eu comecei a freqüentar aos sábados - foi quando eu já atingi a idade de catorze anos - e comecei a freqüentar aos sábados pra desenvolver mais. Era uma gira destinada a médiuns que estavam iniciando, pra aprender sobre a religião, cores, nome de entidades, linhas, cantigas e tudo o mais. Aí, o que aconteceu? Numa dessas giras eu falei: "Eu tô parecendo um besta aqui, girando. Eu vou parar". Aí, tava girando, aí de repente, naquela sua consciência você fala: "Não, pera aí, não pode, né". Eu dei aquele tranco. No que eu dei o tranco, parece que me jogaram de costa na porta. Aí eu falei: "Pô, eu não tava fazendo papel de boboca. Alguma coisa estava em mim, né". Foi uma das primeiras provas na minha pessoa com referência a uma entidade espiritual. Eu, girando lá, de repente eu resolvi parar. Eu parei de me entregar, né, mentalmente praquela energia, pra entidade, aí eu falei: "Não. Vou parar". Parei. Na hora que eu dei aquele tranco, assim, aí quem me deu o tranco foi ele, né. Ele me jogou um metro e meio, dois metros... Me jogou contra a porta, né. Aí o pessoal vem, te segura, "Quê que aconteceu?" e não sei o que. E cê fica meio tonto ainda, né. Aí vem a entidade, toma conta, conversa com você, te explica e pronto. Esse foi o primeiro grande contato meu com a parte religiosa. E depois eu comecei a tocar atabaque. Aí eu tocava de quarta-feira, que eu ia sempre, de sábado, porque era o dia da minha gira, aí depois tinha gira de sexta-feira, que eu ia de vez em quando; sábado a noite eu ficava, que eu já tava de sábado a tarde; aí depois teve a abertura da gira de quinta-feira. E um que era o ogã principal. Aí depois teve a terça-feira, abertura. Ninguém podia ir. Eu era o ogã principal da terça. Aí eu tocava de terça, quarta, quinta, sexta, de vez em quando sábado a tarde e sábado a noite. E quando tinha camarinha, que recolhia todo mundo, eu ficava de domingo também. Então meu contato era bastante. Eu fiquei muitos anos lá. Dois anos depois desse início, dois anos, dois anos e meio, mais ou menos, constantemente tocando quase todos os dias. Aí, até que nós abrimos...

394.W.Z.: Ao longo desse tempo, você foi fazendo o seu desenvolvimento.

- 395.R.C.L.M.: Fui. Fui fazendo meu desenvolvimento.
- 396.W.Z.: Na gira de desenvolvimento, aos sábados.
- 397.R.C.L.M.: Sim.
- 398.W.Z.: E aí, como é que foi? Depois desse tranco, como é que foi?
- 399.R.C.L.M.: Olha, que eu posso assim... o desenvolvimento mesmo lá não foi assim muito profundo. Eu tive o quê? Uma de incorporação, a entidade parou de girar... teve momentos - até foi numa quarta-feira...
- 400.W.Z.: Isso significa o quê? Parou de girar...
- 401.R.C.L.M.: Que eu estava incorporando melhor minha entidade. Eu tava mais preparado pra incorporação.
- 402.W.Z.: Quando você fala de giro, é giro mesmo?
- 403.R.C.L.M.: É ficar girando mesmo.
- 404.W.Z. E quando não precisa mais girar é porque já tá mais preparado.
- 405.R.C.L.M.: E. A entidade faz com que você pare de girar. É o que eu falei: é o ritual deles lá. Eles iniciam o médium assim. Aí, depois de um tempo, a gente até entende o porque. Aí depois eu lhe explico melhor por que isso. Aí, o que aconteceu? Eu lembro de uma situação muito engraçada numa gira em que minha entidade foi cumprimentar algumas pessoas e, talvez por eu estar com meu olho aberto normalmente, as pessoas acharam que... sabe, muita gente, ou por despreparo ou sei lá o que, na hora que a entidade foi cumprimentar, falou: "O, R., cê num vai tocar atabaque mais?"; entendeu? A entidade ficou quieta. Não falou nada. Ficou quieta e continuou cumprimentando o pessoal até que alguém do lado disse: "Não é o R. É a entidade do R". Aí o rapaz pediu desculpa, tal, e cumprimentou. Esse foi o primeiro... aquele lance que deixa até com dúvida, na verdade, né. Porque você tá até então muito consciente. Aí você tá ali e você não tem domínio do seu corpo, mas você tem a percepção, a audição, a visão praticamente normal. Não muda nada. E, depois disso, aconteceram camarinhas, giras normais. A entidade foi se aproximando. E aí acontece de uma entidade de uma pessoa lá da casa dizer: "Olha, a sua entidade é filha minha..."
- 406.W.Z.: Aí da o nome...
- 407.R.C.L.M.: É, exatamente. Foi eu que puxei, né, porque realmente isso acontece, né, de puxar família, dos Caboclos, do Preto Velho e coisa e tal. Eles atraem pra uma linha de trabalho deles.
- 408.W.Z.: Qual era a sua primeira entidade?
- 409.R.C.L.M.: Essa primeira entidade, ele chama Sr. Ogum Megê, é a mãe dele era a Cabocla Indaia, que era a Cabocla que eu ia no sábado a tarde, que fazia as puxadas das minhas entidades, né. Aí foi, foi indo. Aí foi gradativamente. Mas minhas entidades quase não falavam lá. Falavam muito pouco e veio mesmo a conversar, falar muito mais, ou seja, dar as suas mensagens depois que nós abrimos o terreiro, que eu fui também dando aquela continuidade aquele desenvolvimento que até então eu era muito novo ainda, né. Aí, fui fazendo uns trabalho que depois é que começou realmente a ter aquele contato assim direto com a entidade. Você tem sensações boas e ruins, porque é meio estranho você estar semiconsciente, vamos dizer assim, que você já não tem domínio do corpo, você acha que tá vendo alguma coisa, você acha que tá ouvindo o outro, né. Então, de repente você se vê, como se você tivesse no teto, deitado no teto, de barriga pra baixo, olhando você lá embaixo, entendeu, mas sem saber... Você tá vendo o seu corpo, mas não vê a sua fisionomia. Essas sensações eu tive.
- 410.W.Z.: Durante o processo de incorporação?
- 411.R.C.L.M.: De incorporação. Foi até numa camarinha, que o pessoal tava conversando comigo, conhecendo essa entidade, né, o primeiro que desenvolveu, o Ogum Megê e eu tava assim, tão assim concentrado né, no trabalho, que ele acabou me mostrando que eu estava realmente incorporado, né. Que ele me tirou, entre aspas, assim, a minha consciência e falou: "Não, seu corpo é aquele. Aqui sou eu, né".
- 412.W.Z.: Foi, digamos, uma demonstração pra você que ficava meio em dúvida...
- 413.R.C.L.M.: Exatamente. Essa é uma questão, uma pergunta que tá na cabeça de qualquer filho que começa: sou eu ou é o quê? Entendeu? Porque a incorporação, a princípio, ela é muito duvidosa, sabe. Todo mundo que passa por isso sabe. Ela é duvidosa, entendeu. Cê só vai conhecer o que é incorporação depois de algum tempo, de alguns anos, sabe, de incorporação, de trabalhos é que você vai entender melhor a incorporação.

- 414.W.Z.: Mas você tem mais de 20 anos de incorporação.
- 415.R.C.L.M.: Tenho. Tenho uns 21 anos.
- 416.W.Z.: Então... quanto tempo! O que mudou nesse tempo todo?
- 417.R.C.L.M.: Rapaz, o que mudou nesse tempo todo... Olha, mudou...
- 418.W.Z.: Desde aquela primeira chacoalhada que você levou lá de costas...
- 419.R.C.L.M.: Desde a primeira chacoalhada eu aprendi que a gente não pode duvidar daquilo que a gente carrega, que a gente não pode duvidar muito do que os outros falam, entendeu, com referência a parte espiritual, que até eu comentei com você que eu brincava muito quando alguém contava alguma história, né. Até o dia que eu tive aquela sensação física sem tá numa gira, e pegar no pesado sozinho em casa...
- 420.W.Z.: Me conta isso de novo que eu quero ter registrado.
- 421.R.C.L.M.: Não, isso aí eu vou lhe contar já. Assim, só pra... sobre o que mudou. Hoje, por exemplo, agora que eu vim de Recife, você não vai me ver lá dentro do terreiro. A não ser que eu vou lá um pouquinho tocar, que eu peço licença ou eu sou convidado por uma entidade responsável da gira, que em geral é a da R. Se não for, eu não entro, porque eu tô afastado. Então, minha energia, ela não tá de comum acordo com todos os filhos da casa, entendeu, que tão fazendo seus trabalhos todos os finais de semana, que tão tomando seus banhos de defesa, que tão assentando suas velas. Eu não faço isso há muito tempo. Então, pra eu começar a ter essa assiduidade na casa, botar uma roupa branca, eu tenho que me preparar novamente. Eu tenho que começar a tomar banho... Agora, sábado agora, eu já vou entrar porque é gira da esquerda, né, que o pessoal chama de entidade baixo-astrol. Não tem nada a ver uma coisa com outra. Eu vou... porque sem você passar por ele, você não passa em nenhuma outra porta. Sem abrir a porteira... A mesma coisa é o Exu. Tem que passar por ele primeiro. Ele vai dizer pra mim o que eu tenho que fazer, e dizer o que ele quer que eu faça. E depois disso, eu vou dar continuidade. Eu vou tomar meus banhos, fazer meus assentamentos, aí... de roupa branca pra entrar no ritual de novo, pra fazer a coisa direito.
- 422.W.Z.: Você vai incorporar, inclusive, né?
- 423.R.C.L.M.: Exatamente. Também. Eu posso até, numa necessidade, chamar uma entidade minha, pedir pra que ela venha até a mim, porque ninguém é dono de entidade, e você não tem esse dom de, na hora que eu quero... Isso é balela, é besteira. O cara que fala "Ah, a hora que eu quero incorporar...", é mentira, entendeu, porque cê pode pagar um mico feio. porque a entidade, ela tá pra uma necessidade. Ela tá pra orientar, pra te ajudar, ou ajudar uma pessoa, mas não pra fazer bonito e nem pra fazer qualquer coisa, não. Ela tá ali pra isso. Aliás, a função dela... ela tá retornando a Terra pra dar uma continuidade, né. Algumas retornando a Terra, outras nem contato teve karmico. né. Então, e por aí. Então eu acho que você tem que seguir o ritual e como eu sempre fui um cara que disse assim pra você começar a falar, cê tem que aprender o abecedário, né, as vogais, as consoantes pra começar a formar frase. Cê não vai começar a falar inglês antes de conhecer sua língua. Pra nós, brasileiros aqui... Até é possível? E, se alguém souber. Mas se não souber, cê vai aprender a falar o quê? Primeiro português, aprender a formar frases, palavras, frases, pra depois... Então, ninguém começa a correr sem antes dar o primeiro passo.
424. Então, assim eu acho. Eu vou começar de novo com os rituais pra que eu possa de novo fazer parte daquele conjunto todo. Porque se eu entrar agora, as minhas deficiências energéticas... Vai ficar meio complicado ali. Porque na verdade, todos nós somos vampiros de energia, né. Se você não tá legal - não sei se você já percebeu ou teve essa experiência - de alguém do seu lado abrir boca, ou você de repente abrir a boca, chega a lacrimejar os olhos, e porque algum vampiro tá te sugando a energia, entendeu? Isso acontece muito. Quer dizer, pra quem conhece, tem os meios pra você recarregar as energias e quebrar a dele. Tem meios fáceis que a gente faz dentro do escritório. Mas não é o caso, mesmo que eu tenha conhecimento, que eu tenha preparo pra tudo isso, eu preciso me equilibrar espiritualmente. Porque eu venho de lugares distantes, eu não sei o que... né. Embora eu tenha uma proteção espiritual muito boa, mas eu prefiro me preparar, tomar banho e respeitar o que a minha entidade tem a dizer... A gente tem que respeitar a doutrina espiritual. Você tem um mentor na sua cabeça. Você tem uma entidade que toma conta de você, ouça ela primeiro. Se você sabe que tem alguma receitas, você pode auxiliar. Mas você só pode fazer alguma coisa por alguém se você estiver em dia. Saco vazio não para em pé, né. Se você tá fraco, como é que você pode ajudar alguém? não tem como. Agora a segunda grande experiência que eu tive em relação ao espiritual, que eu posso dizer que foi cruel, foi assim: minha mãe, ela sempre tem

sonho, ela sempre tem visão e alguns filhos da casa sempre tem isso, esse negócio de sonho. Eu não gosto de sonho. Eu não sei interpretar um sonho, não é minha área, entendeu. Não adianta cê falar "Quê que cê acha que é?" Eu falo: "Acho que é um sonho", entendeu? Eu acho que é seu Anjo de Guarda que se deslocou, viajou no tempo, entendeu, e que isso te dá alguma mensagem. só que eu não sei interpretar essa mensagem. Não sei. Eu sei lidar com entidade, eu sei chamar uma entidade pra vir, sei tirar um espírito baixo-astral, sei tirar os chamados eguns, os zombeteiros, tal, isso eu sei me virar muito bem. Se eu tiver que fazer um assentamento com cantigas, eu sei fazer, essas coisas eu sei. Eu sei lidar diretamente com o ato e com o fato, agora esse negócio de interpretar, meu amigo, é uma negação. Mas todo mundo sempre me contava "Ah, porque eu vi isso, porque não sei o que, não sei o que lá". Aí eu falei: "Po, isso é um absurdo, né". Mas eu sempre fui na base da gozação. Que nem o são Tomé, ver pra crê. Mais ou menos isso. Aí, um belo dia, minha mãe estava na casa da mãe dela, se não me engano, porque minha avó tava doente, minha mãe, dia sim, dia não, ela ficava na casa da minha avó pra ajudar a cuidar dela. E meu pai tinha ido viajar. Eu fiquei sozinho, porque minha irmã não morava em casa ainda. Eu fiquei sozinho. Eu tinha saído, acho que com a namorada, voltei pra casa e eu acordei eram... eu me lembro muito bem, assim, tinha um vídeo, a televisão... Era meia noite e quinze. Exatamente meia noite e quinze. E eu tava muito ofegante, sabe, respirando sabe, forte assim, de repente eu falei: "Po, será que é falta de ar, alguma coisa?" Mas não tava aquela falta de ar. E eu não conseguia me mexer. Eu tava completamente parado, sabe, assim, estático sei lá qual nome possa dar. Eu lembro que eu tava de lado, deitado de lado, com a parte esquerda pra baixo, virado pra porta do meu quarto, que hoje é o quarto da minha irmã, que dá de cara pra rua, né, pra porta da rua. E eu não conseguia me mexer de jeito algum. Aí, nisso foi se passando o tempo. Eu, respirando forte, eu não conseguia falar, não conseguia gritar, não conseguia fazer nada. Eu falei: "Mas que coisa, né. Tem alguém pra querer aparecer?" Que eu sempre fui tirador de sarro. Eu falei: "Tem alguém pra aparecer? Aparece logo porque não é brincadeira, meu, meia noite e quinze, pô. Eu não consigo me mexer, tô respirando mal. E recado, meu amigo, vem me dar o recado logo, porque não dá, não é por aí, não,". E aquilo ficava aquele incomodo. Isso eu via, me permitia, posso dizer assim, ver as horas se passando. Aquilo foi indo, passava-se minutos, tal, tal, tal e eu não conseguia me mexer. De repente, eu senti a presença de alguma coisa, vamos dizer assim, do meu lado. Ele falou: "Você não é cheio de ficar brincando? cê não tá brincando? então, agora nós vamos levar a sério. Eu vou lhe pegar". Eu falei: "Vai pegar o que, rapaz! Que é que tá falando? Deixa eu te ver! Deixa eu te ver, já que cê tá falando...". Isso eu falava como se eu tivesse falando normal aqui com você, mas eu falava mentalmente, porque eu não conseguia mexer a boca. Eu percebia que eu não mexia a boca e não conseguia me mexer de jeito nenhum.

425.W.Z.: E a, vamos dizer, aquela coisa falava com som ou também mental?

426.R.C.L.M.: Com som. Com som. Era, praticamente como se eu tivesse conversando aqui com você. E eu falava "Mas não é possível! Como é que posso falar, né, ouvindo minha voz nitidamente, sabendo que eu não estou falando?" Mentalmente te escutando: "Não, você não fica brincando sempre? você não acha que todo mundo é doido, que não sei o quê? Eu vou lhe pegar". Aí, eu sentia uma senhora de uma mão, entendeu, querendo pegar a perna. Aquela sensação, sabe quando a pessoa tá bem perto de você, que nem te pega, nem, sabe, e nem tira a mão? Aquilo eu senti a sensação... Aí eu começava... Eu fiquei relutando, né, com aquela angustia de ficar parado, foi na hora que, não sei se liberaram ou não, né - acredito que liberaram, né porque era tudo uma questão de provar, né, que existia coisa - eu mexi com a mão direita. Aí eu peguei num tamanho dum braço, meu amigo, que num tinha... Cê num sente o osso. Cê sente músculo mas não sente osso, de pegar com a mão aberta, assim. Sabia que eu tava pegando aquilo e aquilo cutucava a minha perna, sabe. A mão cutucava a minha perna e eu segurando aqui. Aí, eu falei: "Ah, meu amigo, seguinte: se você vai aprontar alguma coisa, cê não vai ter força pra ganhar de mim". E eu, maior boca dura, eu brigando com aquilo, né, e aquilo foi indo. Foi indo, foi indo, já era mais de duas horas. Cê vê, meia noite e quinze...

427.W.Z.: Uma luta longa.

428.R.C.L.M.: Olha, rapaz, e eu sentia que eu tava sem força nenhuma, né. Não tinha como mexer. Eu só conseguia pegar no braço dele, eu apertava com tudo aquilo que eu tinha de força naquela mão, que era a mão direita, pegando nele, no braço esquerdo dele. E ele: "Não, que eu vou te pegar! Que eu vou te pegar!" É aquela... sabe, aquela agonia de saber que cê não tá falando com a boca, você não conseguir gritar, você não conseguir se mexer além da mão. Aí, o que eu fiz? Aí eu chamei por uma entidade minha, aliás, por duas entidades minhas, né. Eu tenho uma entidade que eu tenho, assim, um senhor carinho, que foi o Tiriri, né, que é o meu Exu, é o Pai Pedro, que é o meu Preto Velho. Eu falei: "Se não

der aqui, eu vou ter que chamar socorro, né". Aí eu falei: "Tiriri, Pai Pedro, da uma mão aqui que eu não sei o que é que tá acontecendo". Aí veio um facho de luz branca, ambas as luzes eram brancas, veio de fora, entrando pela porta da sala, e a outra veio como se tivesse vindo do terreiro, entrando pela janela, tá entendendo. Na hora em que as duas se juntaram em cima de mim, eu caí pro lado. Eram três e quinze. Foram três horas, assim, de agonia constante. Aí bateu aquela luz branca, assim, em cima de mim. Aí, sumiu e eu puf! Cai de lado, né, aí eu levantei, né. Aí eu falei: "Isso é sonho, não é possível! Isso deve ser sonho". Eu levantei, né, porque eu falei: "Eu vou olhar em outro relógio". Porque você tá ali, se você tá achando que é sonho aquela loucura toda, você não vai acreditar naquilo ali, né. E eu levantei e olhei pra tudo quanto é lugar, porque eu tava sozinho em casa. Eu peguei meu relógio de pulso. Era três e quinze. Peguei o outro, era três e quinze. Ou seja, até cê chegar na sala, três e dezesseis, ou seja, todos estavam de acordo com o horário. Aí eu comecei a respirar fundo, respirar fundo... aquela... eu tava ofegante, né, começou a dar aquela, sabe, aquela caída assim, e tal. Aí eu fui tomar água. Aí eu tomei água, normal, sentei na sala, falei: "Isso é brincadeira. Tô ficando doido". Falei: "Não é possível". Aí eu falei: "O que é que eu vou fazer? Vou voltar a dormir". Eu entrei no quarto, acendi a luz, olhei pra tudo quanto é coisa, dentro do guarda roupa, debaixo da cama. Eu falei: "Não é possível. Tem alguém me sacaneando. Pô, mas se tivesse sacaneando, não ia ficar paralisado, né. Sabe de uma coisa? Acho que foi um castigo, né, de ficar brincando com os outros". Aí, peguei e fui dormir. Dormi legal. Aí fui falar com uma entidade, posteriormente... Eu conversei com uma entidade. Aí falou: "Quem fez isso pra você foi uma entidade tal... ela fez pra lhe provar". só que é aquele tal negócio, eu não contei o que aconteceu. Porque eu sou muito aquilo, é ou não é. A entidade falou: "Quê que cê tem?" Eu falei: "Não, não tenho nada, tal. É que outro dia eu passei mal". Ela falou: "Cê tomou seu castigo?" Aí eu falei: "Como assim?" Ela falou: "Não, porque não aconteceu de uma entidade" - ela deu o nome, então eu não sabia de quem se tratava, né, ela deu o nome da entidade. Falou assim: "Você não tomou castigo. Ele não foi te assustar a noite?" não precisou falar mais nada, né.

429.W.Z.: Você não tinha contado pra ninguém?

430.R.C.L.M.: Não tinha contado pra ninguém. Mesmo porque a entidade - eu não costumo conversar com uma entidade só. Às vezes, se você me ver lá no terreiro, eu cumprimento todas as entidades, e eu procuro deixar que a entidade me chame pra conversar, entendeu, porque eu não sou... Eu, eu... Isso é de mim. Eu não chego pedir nada pra minha entidade. "O, me arrume namorada, o, me arrume emprego... me arrume isso...". Nada! não peço nada a entidade nenhuma. Eu, quando eu vou no terreiro, eu bato cabeça e peço pra mim paz e saúde. só o que eu preciso. O resto, depende só de mim. É a única coisa que eu peço. É as entidades que vêem que eu tô aflito por alguma coisa, aí diz: "Não, filho, calma! cê vai resolver esse problema tal. Cê vai resolver aquele problema tal", entendeu? Eu deixo com que elas me dêem receita, "Olha, toma um banho assim, faça isso, faça aquilo...". Eu sigo aquele caminho. Eu não deixo de fazer o que me pedem, não. Eu faço. Eu não costumo conversar com uma mesma entidade. Se eu to, de repente, aflito e quero ouvir de alguma entidade, eu vou lá, aquela desculpa de que vou cumprimentar, "Ah, como é que cê tá?" Eu falo " Ah, eu não tô legal". Eu falei que eu não tô legal ela já... Como eu falei, ela veio diretamente, né, falou "Ce tomou castigo, né do Sr. Capa Preta". Eu falei: "Como?" Falou: "Não, cê não tomou castigo? Ele não apareceu pra você de madrugada?", entendeu? não disse detalhadamente, mas o suficiente, né. Aí eu falei: "Realmente aconteceu uma coisa assim e tal", aí foi esse grande contato, assim, espiritual.

431.W.Z.: Isso você julga ter sido o quê? Uma reprimenda mesmo, uma prova, o quê?

432.R.C.L.M.: Eu posso dizer que foi tudo isso. Tudo isso junto. Porque é o que eu disse pra você: eu sempre fui de brincar muito com as coisas. Eu gosto de ver pra crer, entendeu. Porque é muito fácil uma pessoa dizer alguma coisa pra você espiritualmente, entendeu, "Ah, se você não fizer, você vai morrer". Nunca disseram isso pra mim. Pais de Santo já jogou búzio, pessoal que joga carta já jogou carta, nunca tô pedindo nada, nunca vou morrer, entendeu. Eu não tenho problema algum. "Olha, se você quiser, oferta isso pro seu Orixá...", entendeu, isso pra mim. Agora, pros outros: "Olha, cê tem que tomar cuidado. Cê tem que...". sabe? É uma coisa muito, sabe, sei lá, decorada vamos dizer assim. Eu acho, né. Então, eu sou muito duvidoso com referência a um monte de coisa. E todo mundo consegue ver tudo. Tem gente que não começa a frequentar o terreiro, ela já começa a ver, a ouvir vozes... Eu tô há vinte e poucos anos e nunca ouvi vozes, quer dizer, com exceção dessa vez, aí. Eu não sou um cara que constantemente tá virando, incorporando entidade em qualquer lugar. Eu não sou um cara que tá vendo toda hora... Eu não vejo luzes em você, sabe, eu não vejo uma entidade atrás de você. Tem gente que vê, tem gente que... Sabe, não sei se isso é verdade ou mentira. Não sei. Porque cada um... Eu sei que...

- Acontece? Acontece. Eu não sei com que constância. Mas acontece. Agora, existem os alucinados, né, pela coisa, os fanáticos pela coisa. Então acho que foi um pouco até pra mostrar pra mim "O, isso ocorre. É desta forma, é real. Você pode vivenciar tudo isso, entendeu, só que..."
- 433.W.Z.: não fica achando que tudo é...
- 434.R.C.L.M.: É. É o castigo. Foi um castigo. Pra mim foi, porque eu duvidei. Eu sempre duvidei de todo mundo. Foi uma prova que eles existem? Foi uma prova que eles existem. E todas essas entidades que apareceram em forma de luz ou aquela tal mão, né, que é a única coisa que eu vi, são entidades minhas. Não é entidade de nenhuma pessoa, não é castigo de nenhuma outra entidade, sabe, baixo-astrol que veio pra me pegar, pra me derrubar, nada disso. Até porque, entre aspas, eu tenho uma proteção divina muito grande. Tudo o que vai acontecer comigo pega nos outros, entendeu? E se formar uma corrente pra mim, as pessoas tiverem me circundando e eu tiver no meio, a carga passa pra todo mundo. Eu posso até... meus negócios pessoais, assim, podem até não tá indo muito pra frente, mas fisicamente não me derruba de jeito nenhum. Eu tive provas disso. A R., coitada, já apanhou muito por causa disso. Até um caso que é interessante saber: uma ex-mulher minha, né, a mãe do meu filho, com raiva de tudo o mais dela lá, aprendeu a fazer um feitiço. E é o tipo da pessoa que não pode ver ninguém feliz porque ela não se sente bem. Aí, o que é que aconteceu? Ela pegou e fez lá um trabalho. Um trabalho x lá. E aquilo surtiu efeito, né. Tem um efeito? Tem. Eu não vou dizer que não tem. Esse negócio de bruxaria acontece? Acontece. Existem aqueles que facilitam a entrada dessa energia negativa e os que são mais resistentes. Aí, numa gira, uma gira comum do terreiro, eu tava conversando com a entidade do meu pai, essa entidade que eu já citei, que é o Baiano dele, o Zeferino, e minha irmã passou por trás de mim. De repente, ela tomou um tombo, caiu, começou a falar enrolado, babando e não sei o que... "Vou matar esse menino! Vou matar esse menino!" E eu, conversando com a entidade, e nem aí pro que tava acontecendo lá atrás, porque eu achei que era com alguém que eles tavam fazendo trabalho lá, que a gira tava cheia. "Que eu vou matar esse menino!", que não sei o que. Aí, minha mãe e alguns filhos da casa: "Mas quem que o senhor tá falando? Por que é que o senhor tá... Que é que o senhor quer? Quem é que o senhor foi mandado matar?" "Eu vou matar aquele menino". Até que eu fiquei sabendo que era comigo. Falando: "Aquele moço ali". Aquele menino tal menino era eu. Aí, fez aquele babado todo, né, disse pra que veio, né, e tudo o mais. Aí foi feito um trabalho pra que ele se afastasse, né, fosse embora e pronto. Isso aconteceu outras vezes. Quando alguém faz alguma coisa pra mim, ao invés daquilo se inscrever na minha aura espiritual, ele pode até tá em volta de mim, mas não consegue me atingir assim, não fisicamente, como eu disse, né, nem espiritualmente.
- 435.W.Z.: Respinga em quem tá por ali.
- 436.R.C.L.M.: E respinga em quem tá próximo, entendeu. É uma vantagem que eu tenho. Pode ser, às vezes, por exemplo, no trabalho, sabe, às vezes as coisas começam a dar uma freada, mas, fisicamente, eu nunca dobrei joelho pra ninguém. Pra Sr. Ninguém, entendeu. E acho que vai ser difícil, porque eu acredito muito naquilo que eu carrego, confio muito, né, e sei que aquilo é meu alicerce. Então...
- 437.W.Z.: Quando você teve aquela experiência com o Capa Preta, você... até ali você já tava trabalhando...
- 438.R.C.L.M.: Já, já tava velhaco na coisa, posso dizer assim.
- 439.W.Z.: Mas duvidava até da coisa em si. É isso?
- 440.R.C.L.M.: Não, não. Veja bem, é o que eu disse pra você. Tem muita gente no meio religioso, na Umbanda, no Candomblé, que vê muita coisa, sabe, toda hora tá vendo. Tem gente que incorpora dentro do ônibus, sabe, é a entidade pega e leva ele embora pra casa, leva pro terreiro. Antigamente, isso pode acontecer? Pode acontecer. Mas não constantemente. Sabe, o constantemente... e criar história, sabe. Eu sei de histórias antigas aí que um certo senhor, aí, Pai-de-Santo, tava no centro, né, de lambreta, na época, e o Exu dele... Ele se negava a fazer a obrigação dele, né, uma entidade, o Orixá da casa dele, lá onde ele freqüentava, disse que ele tinha que fazer. Tinha que fazer, ele não queria. Relutou, relutou até que a entidade dele pegou ele na São João e levou ele até o Cipó, a pé, parando de bar em bar e tomando cachaça. Teve uma hora que o Exu dele gritou lá na porta do terreiro da roça, né, que lá é um sitio, gritou lá na frente o Pai-de-Santo: "É o Exu tal".
- 441.W.Z.: Reconheceu.
- 442.R.C.L.M.: Aí foi lá, ele tava caído lá na porta. O Exu levou ele. Existem casos assim? Existem. Existem casos em que, de repente, eu tô aqui conversando com você é minha entidade sente a necessidade de lhe falar alguma coisa, ela pode me tomar e lhe falar alguma coisa. Uma necessidade super que, lá em cima,

se permite isso. Mas, já pensou, toda hora? Qualquer coisa? Aí eu brigo em casa, minha entidade desce pra querer apaziguar. Eu brigo com a minha namorada a minha entidade desce pra, de repente, sei lá, falar que a pessoa tá errada. Sabe, não sei... existe muito disso. Eu já vivi muito isso, vi muitas coisas... Então, eu criei aquele negócio. Pô, não é possível. Isso é besteira. "Ah, porque eu vi isso. Porque eu vi aquilo.". Então eu acho que eu tomei o castigo pra dizer que realmente pode se ver. Realmente é um sufoco, como algumas pessoas me disseram. Que às vezes você fica, sabe, completamente estático, cê não consegue se mexer, cê não consegue falar, você não, sabe... E me mostram: "Olha, nós existimos. De alguma forma, nós existimos". Mas não aquilo que eu digo. Eu acredito nisso, de alguém ver, hoje eu acredito muito mais do que eu acreditava antes, né, de ver, de sentir, de pegar, sabe, numa entidade, e sentir aquilo. Hoje eu sei porque eu fiz, eu peguei. Então eu sei o que ele sentem. Então se alguém hoje vier falar pra mim alguma coisa, e até perguntar: "Isso acontece?" Eu vou dizer pra ele, sabe, de quem vivenciou isso: "Realmente, acontece". Mas também vou orientá-lo de que isso não acontece constantemente, porque o psicológico é complicado. Porque se você dá asas a imaginação, é complicado. Cê não tem domínio de ninguém, não. E as pessoas que começam, elas criam um romance, sabe, um romance de histórias, entendeu? É o que eu digo. Ate, eu brinco, que às vezes eu preciso pegar alguns filhos e levar pra andar ali em Moema pra aprender nome de índio, entendeu, porque tem um monte, né? Um monte de nome de índio... Aí aparece aquele tal de Estrela Pequena, Estrela Dourada, Flecha Dourada, Flecha... sabe? É só isso. "Eu sou Jurema!" "Eu sou Jurema!" "Eu sou Jurema!" Cadê a entidade? Aí, depois que aquele médium vai se desenvolvendo, ele vai ficando mais firme, né, mais consciente do seu trabalho junto a religião, mais consciente do que é uma entidade, não sei o que, aí a gente vai buscando o nome daquela entidade. Não é errado, em termos, esse romance que eu falo que o médium cria, até porque o início... É muito bonito você ver uma entidade incorporada. Eu acho. Uma entidade, de repente... Você vai conversar com a entidade, ela te fala coisas que só você sabe. Você nunca entrou ali, de repente ela começa a contar alguma história sua, começa a te dizer como você é, entendeu? Aí cê fala: "Po, mas eu nunca vi essa pessoa!" Assim, a princípio é curioso, porque como que eles sabem? De que forma eles sabem? então as pessoas vão criando um romance. Aí, quer desenvolver. Aí vai desenvolver, aí ela tem aquela imagem de uma índia mais linda do mundo, de cabelos louros, de olhos azuis, né, nunca tem aquela índia velha, nunca tem aquela índia de peito caído, ou índio todo retalhado de tanto se enfiar no meio do mato, sabe. Um belo índio, como aparece nos filmes, tal. É até louvável que ele crie isso, né, porque é aquela euforia de descobrir quem é aquele índio, quem é aquela índia, ou quem é aquele Preto Velho, aquela entidade dele, né. Até que ele vai se moldando, se lapidando dentro da religião pra entender porque realmente, o que é, porque é... Então, foi só por isso. As pessoas criam muito, então eu não gosto de dar asas muito a imaginação das pessoas, não. Se vem é aquilo. É assim, é assim. Não é, não é. Entendeu? Por isso é que eu não consigo decifrar sonho, não consigo. Não sei. Não sei o que é isso. Eu sei que dizem - eu já li em alguns livros - que o sonho é uma forma do seu Anjo da Guarda lhe mandar uma mensagem, que tem que ser interpretada de alguma forma. Então, você tem que saber interpretar. Eu não vou inventar história pra ninguém. Sabe, chega uma pessoa e pergunta: "O que é incorporação?" "Incorporação é a assimilação de uma energia chamada entidade e que atua sobre a sua matéria física em conjunto com a sua energia". Quer dizer, que o seu espírito sai pra outro entrar, é mentira. Eu posso provar que isso é mentira. Não tem como. Se você saiu, cê morreu. Não tem como. Acabou. A sua energia tá ali, é vital. Ela tá ali. E como eu digo pra eles: nós somos uma lâmpada de 40 *watts*, e a entidade em conjunto com a gente é uma de 200. Entendeu? Ela em conjunto com a nossa energia, ela se transforma. Ela transcende a matéria... Esse momento é transcender a matéria, onde a pessoa se torna divino, em nome dessa energia, que foi conhecida e descoberta pelos africanos, pelos índios e que se pode, através de antepassados ou dessas energias puras, você poder transcender a matéria e orientar uma pessoa, seja de que forma for. E ajuda-la de alguma forma. Aí, cê ouve dizer: "Incorporar, você fica apagado... Você fica não sei o que...". Seu espírito sai pra outro entrar? Eu não consigo...

443.W.Z.: Então isso significa que você tem sempre a consciência durante o processo?

444.R.C.L.M.: Não consciência total.

445.W.Z.: Mas sempre existe algum ponto de consciência.

446.R.C.L.M.: Você sabe às vezes onde você tá...

447.W.Z.: Já teve alguma vez que você ficou absolutamente inconsciente?

448.R.C.L.M.: Inconsciente? Esse ato de inconsciência total é frações de segundo. Geralmente o ato do, grosseiramente, da incorporação. A dita incorporação. Quando você incorpora uma entidade. Tem entidades que te deixam completamente apagado. Eu já procurei saber de outros tipos de Pais-de-Santo

antigos e tal, que que era antes de incorporar o Orixá, como era, se ficava inconsciente, se não ficava, que que era inconsciência pra eles... Ou seja, a mesma curiosidade que você tem em saber eu tive também e, sei lá, existem alguns segredos dentro da religiosidade até talvez pra que a pessoa saiba como buscar isso. Mas a inconsciência, ela é parcial. Ela nunca é total. Posso dizer assim que, vamos supor que você esteja tomando passe com alguma entidade minha, entendeu. Ela embaralha uma seqüência, ela embaralha vozes, entendeu? De que forma? Vamos supor que você seja a primeira pessoa que vai tomar passe com a minha entidade. Eu já acho que a primeira foi a terceira ou quarta pessoa. Eu nunca sei. Vamos supor que você tá perguntando: "Essa caixa aqui é vermelha?" Eu já acho que você perguntou se ela queria tomar água. No meu dito consciente, ela tá modificando aquilo tudo que o meu ouvido estaria ouvindo. Ou seja, aquela parte consciente do R., ou seja, a pessoa R., estaria ouvindo, ou vendo, ela embaralha. Ha momentos em que ela usa os olhos fechados e parecesse que você tá de olho aberto, que você tá vendo tudo a sua volta. E tem horas que ela tá com os olhos totalmente abertos e você acha que tá com o olho fechado. Então ela embaralha totalmente a situação. Mas você sabe onde você esta, entendeu. Você ouve o atabaque, as cantigas, você sabe que tá dentro do terreiro.

449.W.Z.: Você pode se mexer do jeito que você quer? você tem controle...

450.R.C.L.M.: Não consegue. Não consegue. Eu já fiz esse teste.

451.W.Z.: Já fez durante a incorporação?

452.R.C.L.M.: E. Eu já tentei... Assim, eu sou alérgico. Aí, qualquer coisa, eu espirro. Aí, uma vez, parece até por uma questão da incorporação, né, aquela coceira danada aqui no nariz. Aí, sabe quando você sente que você tá incomodado, aquela coceira tá te incomodando, não sei o que, e você quer levar a mão pra coçar e não consegue. A entidade simplesmente faz assim: acaba com aquela coceira. Ela não passou a mão no seu nariz. Ela simplesmente faz "assim", e ela eliminar aquela coceira. Tipo assim: "Perai, eu tô usando a matéria, vou aliviar o coitado, né, do sofrimento dele". É mais ou menos isso. Isso acontece muito. Outro exemplo: fumar. Eu não fumo. Odeio cigarro. Minhas entidades fumam charuto. Meu Exu bebe uísque. E o outro bebe cachaça. Eu gosto de uísque, entendeu, mas não sou um cara que bebe, assim, constantemente. Ele já bebeu um litro, um litro e meio, eu desincorporar e tá completamente sossegado. O meu Cigano, ele bebe vinho. Ele bebe muito. Em festas, ele já bebeu 5 litros de vinho. teve uma festa que eu incorporei 8 horas da noite, desincorporei 9 horas da manha, ele bebeu a noite inteira, da hora que eu incorporei até a hora que eu desincorporei ele tava bebendo. E aquele de acabou a taça dele e ele beber, pedir pra botar mais, entendeu, e foi bebendo, bebendo, bebendo. Aí, tinha um Pai-de-Santo visitando, que é o Pai-de-Santo com quem eu fiz obrigação de Orixá, ele falou assim: "Ah, vamos ver se esse menino tá incorporado mesmo". Aí, falou com o Cigano o que ele quer, né, se ele ia embora, tal, até a entidade desse Pai-de-Santo tava presente, né, que é uma encantada do Nagô Mina Gêge... Falou assim: "Ah, Vamos ver". E ela falou: "O, meu senhor, o senhor vá embora que eu vou ficar que eu quero mostrar pro povo uma coisa". Aí ele falou: "Tá bem". Aí, ele desincorporou, porque é uma entidade assim de um desenvolvimento espiritual muito grande, né, o Cigano. Aí ele foi embora sentado, né. Eu desincorporei, aí todo mundo, assim, a minha volta, porque só tava eu incorporado e ele, né, com a entidade dele, e ficou só ele, de repente. Aí ele falou assim: "Menino, cê tá bem?" Eu falei: "Ah, o senhor tá aqui!" Ele falou: "Vá ao banheiro, né que o senhor acabou de acordar, o senhor tá com o olho todo sujo". Aí eu falei: "Olho todo sujo? Eu não tava incorporado? Impossível tá com o olho todo sujo, né". Aí ele falou: "Faz o seguinte. Vá lá no banheiro, escova seus dentes, que já amanheceu...". "Ta bom, né". Eu peguei, levantei e sai, normalmente. Fui até o banheiro, escovei os dentes, eu falei "Não tô nem aí, porque cê volta meio zonzozinho, né. Apesar de você sentir seu corpo ali, quando você volta, acho que é o momento que você deixa de tá semiconsciente pra tá consciente, pra voltar, assim "Olha, você esta normal agora". Aí você volta meio que cansado, às vezes ofegante, aí cê olha pras pessoas, aí, sabe, o olho meio embaralhado... ocê acaba de acordar, assim, você... fica as imagens meia turva e tal. Aí eu fui. E o banheiro era longe. E eu andei em linha reta. Pra quem bebeu a noite inteira vinho, e eu não sou acostumado a beber vinho, diga-se de passagem, até então, se eu bebesse uma taça de vinho eu ficava vermelho já porque me aquecia o corpo inteiro, eu fui e voltei, todo mundo batendo palma, não sei o que. Eu falei: "Batendo palma do quê?" Aí, depois que eu voltei, a entidade disse: "É que eu queria mostrar pro povo que o senhor estava com o Cigano. Porque ele bebeu a noite inteira, são 9 horas da manha, bebeu, bebeu a noite inteira, não parando de servir em nenhum momento o vinho dele e o senhor tá muito bem. Não esta?" Falei: "To. Tô ótimo". Não tive dor de cabeça, não tive nada. Então, são pequenos detalhes que mostram, né, o seu estado físico normal pra o seu físico incorporado, astral. Sabe, esses detalhes assim acho que dos mais fortes assim, pode até se julgar que foram esses, entre outros, né.

Mas aí não são meus, especiais, em particular com as minhas entidades, e sim de mim, o R., como atuante lá dentro do terreiro, como Pai Pequeno, como adorador de Orixá, fazendo com que o Orixá venha me abraçar. Você vê a presença do Orixá. Você cantar e, de repente, você não tá nem olhando pra pessoa, sabe, você fecha os olhos, se concentra na entidade daquela pessoa e você tocando, você através de cantiga, você fazer aquela entidade incorporar. E eu falo pro ogã do meu lado: "Olha, agora quem vai incorporar e fulano de tal". É eu não olhar pra pessoa, começar a tocar... A pessoa, fulana de tal, incorporar. Aí o cara fala: "Po, não é possível!" "Já sei. Agora vai ser fulano". E a pessoa tum!, incorporar. O cara falou: "Ce é doido!" Entendeu? Existe isso.

453.W.Z.: são demonstrações também...

454.R.C.L.M.: Demonstrações energéticas, né, de você estar de bem com a coisa, vamos dizer assim, grosseiramente, e poder mostrar às pessoas que aquilo tudo em comum acordo, num mesmo equilíbrio, é possível. Você chamar uma entidade, você buscar respostas...

455.W.Z.: Por exemplo, quando alguma entidade sua fala com alguém que tá sendo consultado, o consulente, alguma coisa depois de você estar sem tá incorporado, ela diz: "Pô, a entidade me disse certinho tal e tal coisa", ou então aconteceu exatamente essa coisa...

456.R.C.L.M.: Eu prefiro não saber.

457.W.Z.: Mas, chegam a te contar?

458.R.C.L.M.: Já, já. Muita gente já disse isso. Ha casos, por exemplo, que uma entidade deu passe numa pessoa, né - o Pai Pedro, né, que é Preto Velho - ele deu passe numa pessoa, num senhor, e eu não sei o quê que era, porque eu não procuro saber, aí, depois de algum tempo, essa pessoa veio conversar, que é uma pessoa que até não é muito crente na coisa... Veio conversar a esposa dele e ele, tal, veio agradecer. "Olha, eu queria te agradecer...". "Agradecer a mim por quê?" "Não, porque a sua entidade.". "Ce tem que agradecer a entidade, porque eu me excludo disso, porque não sou eu que estou fazendo. Eu tô emprestando a minha matéria pra que uma entidade possa dar a mensagem dela, que ela possa ajudar alguém". Eu não quero esse mérito. Esse mérito não é meu. O meu mérito é poder tá próximo dessa entidade e ela também me ajudar, né, de alguma forma, me equilibrando energeticamente, espiritualmente e tudo o mais. Aí eu falei: "Fala com a entidade, é melhor. Dou uma linha... Não é dia dessa linha, mas eu posso trazer, pedir, né, licença pra entidade e eu trago essa linha, essa entidade pra o senhor conversar com ela". E nesse caso, essa pessoa tava com um tumor no cérebro, não sabia e operou a tempo, porque a entidade disse a ele.

459.W.Z.: Ele foi fazer exame...

460.R.C.L.M.: Ele foi. E eu não sabia... Não sabia nem do que se tratava! Ele foi, fez o exame, fez a operação, depois é que ele voltou pra agradecer, que já tava se recuperando... E tem casos assim, alguns casos de entidades que... Que tem pessoas assim que, como eu disse, entidade, cada uma tem sua particularidade, seu modo de ser, né. E tem entidades que elas não tem meia palavra. Se ela tiver que falar alguma coisa, até puxar sua orelha, ela vai puxar sua orelha na frente de todo mundo. E tem uma entidade que ela falou assim pra uma pessoa que até o médium que é o cambono que fica do lado da entidade ficou com vergonha. Porque a pessoa foi lá toda cheia de humildade e ela falou: "Pois não.". Aí a pessoa foi conversar com ela, isso depois o cambono dizendo...

461.W.Z.: Você tava incorporado?

462.R.C.L.M.: Eu tava incorporado. Aí a pessoa falou não sei o que pra ele. Aí ele falou: "Mas não é bem assim, não. É assim, assim, assado... O senhor é muito sem-vergonha. O senhor devia prestar muita atenção naquilo que o senhor faz, pra depois o senhor acusar os outros". A pessoa ficou abestalhada ali, né. Ele falou: "Por causa disso, disso, disso...". Acabou com o cara ali na bronca, que ele tinha que dar bronca. E o cara falou: "O senhor me desculpa. O senhor tem toda razão. Eu sou exatamente assim. O senhor me desculpa, tá, eu chegar de uma forma". Ele falou: "Não, não tem problema, não. O senhor só não precisa duvidar de que a gente existe. Quando o senhor se sentar numa igreja pra pedir, o senhor senta e peça. Não duvide do santo que tá ali na sua frente. Ou então, não entre na igreja pra rezar. Quando o senhor entrou aqui, o senhor veio com risos e duvidando das nossas existências. O que eu fiz foi só lhe mostrar. Não tenho anda contra o senhor. Eu quero só lhe ajudar".

463.W.Z.: O sujeito ficou espantado.

464.R.C.L.M.: Exatamente. Casos com a entidade da minha mãe: uma pessoa tá sentada lá na assistência, também, sabe, que ela queria abortar. É a entidade lá dentro. Essa pessoa nem tinha entrado ainda.

- Falou: "Nem pense nisso. A nossa casa tá aqui, ela existe pra fazer caridade, não pra fazer o mal a ninguém, principalmente praquele que tá pra vir".
- 465.W.Z.: Ela ainda estava na assistência?
- 466.R.C.L.M.: Tava. Não tinha nem... Isso acontece muito também. Aquelas pessoas que até tem um poder mental muito grande, entendeu, de transmitir aquilo que ela tá pensando, sabe, a entidade capta facilmente. Quando existe uma entidade, ela capta muito facilmente. E de repente, eu já vi muitos casos da entidade parar de dar passe e mandar recado lá pra fora. "Se o senhor tá com algum problema assim, assim, assado, o senhor espere sua vez pra depois o senhor ser atendido". Entendeu? É a pessoa, tipo, olhar pra um lado, olhar pro outro, né, tipo assim, "Caraca! É comigo, né!" Existe muito. A entidade às vezes sai lá de dentro da gira, sentar do lado da pessoa e dizer: "Olha, é isso, isso... já que o senhor tá com tanta pressa! Depois o senhor vá lá e tome o seu passe. Eu só vim lhe responder isso". Entendeu? Acontece muito também. Sabe, é uma coisa assim, até certo ponto, pra quem não vivencia isso, meio complicada. Como é que... de que forma... Mas é legal.
- 467.W.Z.: você falou então que inconsciência total... quer dizer, sempre é uma coisa semiconsiente, de embaralhamento de percepção.
- 468.R.C.L.M.: Inconsciência total eu desconheço.
- 469.W.Z.: Tem o contrario, quer dizer, momentos de completa consciência?
- 470.R.C.L.M.: Tem. Existe.
- 471.W.Z.: E isso às vezes some, volta?
- 472.R.C.L.M.: Existe, existe. Dizem até os mais velhos que a consciência do médium, inclusive de entidades, eu já ouvi isso de entidades, quanto mais a pessoa vai perdendo esse estágio de semiconsiência ou de inconsciência propriamente dita, e que a pessoa tá atingindo um grau espiritual tão grande que já não há mais a necessidade de incorporação pra que uma entidade possa dar um recado. Ou seja, uma evolução espiritual da pessoa. O caso do Chico Xavier, né. Fazia psicografia e a evolução dele era tão grande que ele não precisava tá tomado por entidade nenhuma pra tá psicografando, pra ter esse contato, tal, e assinar conforme as pessoas assinavam em vida. São coisas que cada um carrega e seus rituais facilitam ou não, né, essa evolução espiritual. Antigamente, quanto mais tempo pra trás, havia o caso que as pessoas achavam de inconsciência, porque não conheciam o que estava acontecendo com elas, pelo fato de que ela não sabia que ela tava incorporando. Até então, na época, você não fazia por uma questão religiosa, de você entrar no terreiro e freqüentar. A entidade vinha e tomava você. Então, você não entendia aquilo. Você dizia: "Eu não fiz aquilo". É o semiconsiente. Ela não sabe como acontecia aquilo, então ela não sabia explicar, entendeu. E com o passar do tempo, como eu disse pra você, hoje em dia, as pessoas não ficam mais girando pra incorporar. Elas se concentram de uma tal forma que a entidade vai tomando ela aos poucos. Ela vai sentindo aquele arrepio, ela vai respirando mais forte, ela vai se locomovendo, começa a dançar, às vezes mexer os pés, perde aquele domínio físico e começa a ir pra cá e pra lá, até que a entidade, vamos dizer põe uma mão pra trás, ou bate no peito, ou da aquele grito, né, o brado de guerra dos Índios, e daí pra diante.
- 473.W.Z.: Com você, como é que isso acontece na prática? É assim mesmo?
- 474.R.C.L.M.: Hoje?
- 475.W.Z.: Hoje.
- 476.R.C.L.M.: E, hoje em dia é o que eu falo... Eu explico pras pessoas o que é uma incorporação, o princípio de tudo. Ela tem que aprender a saber o que é que é aquilo, que é uma vibração e tudo mais, ou seja, o que você sabe, entendeu, você tem que passar. Antigamente, eles chamavam de ero, segredo. "Ah, cê não pode saber". Entendeu? Tudo era uma dificuldade. "Não é hora de você saber isso". Perai, mas se eu tô ingressando, eu tenho que saber o que eu tô fazendo pra saber se eu quero ingressar ou não,". É óbvio que você não vai dar o abecedário todinho pra pessoa, né. Eu jamais poderia falar determinadas coisas pra você que envolvem os segredos da religião. Você tem que participar pra saber. Então, o que acontece é que a pessoa hoje em dia tá mais esclarecida sobre o que é uma incorporação, de que forma ela incorporar. Então não tem necessidade de ficar girando, naquele estágio que ela ficava girando pra sentir uma vibração... O estágio é o mesmo. Ela só não vai tá girando.
- 477.W.Z.: E porque girava?

- 478.R.C.L.M.: É um termo que eles encontravam pra que você não tenha o domínio do corpo, porque se você fica girando você fica tonto, então você perde o controle do corpo. Esse movimento do corpo mais o toque do atabaque, o toque de adja, que são as sinetas, te atordoam, te desliga de todo o resto. Ouvindo cantigas, tocando aquele sino na sua cabeça... Ce se perde. E você tá num ambiente... Você se perde, você se desliga do seu momento... Então aquilo facilitava a incorporação. Hoje você já tem como colocar na cabeça do médium, antes de ele começar a incorporar, de que ele tem que se concentrar pra isso. Eu posso tá aqui conversando com você, e se eu quiser me desligar das suas intenções, eu esvazio a minha mente e acabou. Você vai perguntar eu vou falar alguma coisa ou insistir num assunto só.
- 479.W.Z.: Mas como é que acontece com você hoje? É uma coisa que não precisa de girar, você simplesmente...
- 480.R.C.L.M.: A minha incorporação? A minha incorporação ocorre de que forma? Isso, acredito eu, né, como eu disse, é uma coisa única, né. Cada um tem uma forma de incorporar... Tem entidades que me deixam zonzinho. Me gira, me dá aquele chacoalhão, assim, pro lado, e incorpora. Gradativamente.
- 481.W.Z.: Existe uma seqüência. Eu vejo lá, por exemplo, chama-se uma determinada linha, aí então há um...
- 482.R.C.L.M.: Isso. Quando é gira de Caboclo, é de Caboclo só. Quando é de Preto Velho, é só de Preto Velho. A gente separa tudo isso pra cada qual ter a sua vibração e tudo o mais. E tem terreiros que é tudo misturado. Caboclo com Baiano e Preto Velho... Vai do ritual da casa e não tá errado. Vai do que eles tem de propósito, a forma de trabalho deles. Por exemplo, nós lá na gira de Caboclo. Vai cantar cantiga de Caboclo. Tema da cantiga de chamada, que a gente já tá dizendo: "Olha, agora é hora de incorporar".
- 483.W.Z.: Isso é importante pra quem? Pros médiuns?
- 484.R.C.L.M.: Pra os médiuns se prepararem pra incorporar.
- 485.W.Z.: Ou também pra entidade saber que agora...
- 486.R.C.L.M.: Não. O preparo sempre é nosso. A entidade é uma energia que tá pairando sobre nós. Quem tem olhos pra ver, que veja. Quem tem sensibilidade, que sintam. Mas elas estão aí, presentes. É a gente que, infelizmente, não tem esse dom de tá enxergando, nem nada. O que acontece?
- 487.W.Z.: Mas me fala da tua experiência mesmo, pessoal...
- 488.R.C.L.M.: Exatamente, é o que eu tô dizendo. Em geral, o que eu faço? Assobio, chupo cana, faço de tudo! Então eu abro a gira, em geral, quando eu tô ali dentro, participando ativamente. Eu, lá do atabaque eu canto, abro a gira, faço o ritual, o pessoal só faz a defumação e o resto sou eu que faço. Aí eu canto pra entidade dos cambonos descerem, que são aquelas primeiras pessoas que vão incorporar, que é pra eles darem o descarrego espiritual deles, tudo, é mais pra eles tarem com uma energia boa pra até se na hora de, de repente, pegar uma carga de alguém que vá tomar passe, eles estão mais bem preparados até com a energia da sua entidade. Aí depois é os médiuns com ordem de passe. Eu trago, eu chamo todas as entidades dessas pessoas através desse ritual de chamada, né, das cantigas, eles incorporam. Depois que eles incorporaram, eu saio do atabaque e vou incorporar. E, assim, na casa, não tem muito atabaqueiro, não tem muita gente que toca.
- 489.W.Z.: Se estiver só você, não tem jeito?
- 490.R.C.L.M.: Eu vou. Eu saio, não tem ninguém pra tocar, eu vou lá na frente, eu puxo a cantiga, igual a pra todo mundo, entendeu, e me concentro e peço, mentalmente, eu peço pra que minha entidade se aproxime tomando o meu corpo como instrumento de trabalho dela naquele momento. E sempre peço pra que ela tome todos os meus sentidos, seja no tato, paladar, olfato, visão, audição, tudo, entendeu, pra que eu não tenha domínio sobre meu corpo. E que elas possam dar a sua mensagem sem interferência minha. É uma coisa que eu tenho consciência de fazer. No meu interior, eu peço isso. Aí eu me concentro. Eu fecho os olhos e vou cantando. Aí eu começo a sentir aquela respiração diferenciada da minha normal, ou eu sinto arrepios - determinada entidade da arripio - outras já começam a me dar tontura até o momento da incorporação, que aí ela vem, me chacoalha, cada uma de uma forma diferente, também não é uma forma decorada, entendeu. Aí a entidade toma a minha matéria, aí depois ela vai fazer o trabalho dela até o momento da desincorporação. Na hora que ela acha que ela tem que ir embora, ela vai embora, me deixa na desincorporação. Não sei como é a desincorporação. Eu sei como eu incorporo, porque é o momento que esta o R. ...
- 491.W.Z.: Porque aí depende de você dizer...

- 492.R.C.L.M.: Exatamente. É eu me concentrar pra incorporar.
- 493.W.Z.: Depois ela que decide...
- 494.R.C.L.M.: Depois ela que vai fazer a forma dela sair. Agora, aí que não sei, entendeu.
- 495.W.Z.: E aí você sente alguma coisa também?
- 496.R.C.L.M.: Na desincorporação? Às vezes eu fico super cansado. Às vezes você... a entidade bebeu, tá zozzo, parece que você bebeu.
- 497.W.Z.: Às vezes ela não bebeu e parece que bebeu?
- 498.R.C.L.M.: Exatamente. Parece que você tá embriagado. Você às vezes sente até o gosto, sabe, de bebida alcoólica, dependendo da entidade. Umás te deixam assim, completamente desfalecido, né. Cê fica branco, parece que a pressão baixa, sei lá, alguma coisa assim, embora eu tenha problema de pressão alta. Sabe, eu não sei qual é o sentido de pressão alta, pressão baixa... Dizem que é o mesmo, né? você fica meio branco, meio... gelado, aí depois cê vai voltando, assim. Aí eu volto pro atabaque e toco.
- 499.W.Z.: Dor? Alguma dor?
- 500.R.C.L.M.: não. Dor eu nunca tive.
- 501.W.Z.: Dor de cabeça? Nada?
- 502.R.C.L.M.: Nunca. Nunca tive nenhum problema desse não.
- 503.W.Z.: Isso e logo quando desincorpora, né.
- 504.R.C.L.M.: Quando desincorpora, alguns segundos, assim, não chega nem um minuto disso, essa transição da incorporação pro consciente, já.
- 505.W.Z.: Aí você já pode ir logo pro atabaque...
- 506.R.C.L.M.: Aí eu vou pro atabaque, se eu não tiver cansado, né. Que quando cê tá cansado, cê vai, toma um copo de água, ou se alguma entidade, de repente, tá ali, na tua frente, esperando você desincorporar, aí cê vai, conversa com ela. Aí eu volto pro atabaque...
- 507.W.Z.: Espera aí. Como é que é isso?
- 508.R.C.L.M.: Uma entidade, por exemplo, às vezes tem um recado pra te dar...
- 509.W.Z.: Incorporada lá, no outro.
- 510.R.C.L.M.: Exato. Tava esperando, vai, te da alguma mensagem. Ou sua entidade deixou uma mensagem com ela, entendeu, ou com algum filho da casa. Ele: "O, tua entidade mandou fazer isso...". Aí cê volta. Eu volto pro atabaque e continua o ritual, até a hora que é pra encerrar tudo. Encerra-se o trabalho e vamos conversar com filhos, alguma coisa desse tipo. Aí, cada gira é totalmente diferente da outra. Cada momento é especial, entendeu, porque cê sempre tá aprendendo alguma coisa. Dentro duma gira você aprende receitas novas, você aprende como atuar em determinadas situações. Às vezes uma pessoa incorpora lá na assistência. A entidade que vai cuidar dela trata ela de uma forma, entendeu. Às vezes ela incorpora lá dentro e a gente trata ela de uma outra forma. Então, isso pra quem tá consciente ali, tá vivenciando aquilo, na sua consciência total, é o maior aprendizado que tem. Quando acontecer e você não tiver uma entidade perto de você, você vai saber como atuar.
- 511.W.Z.: Deixa eu lhe perguntar uma coisa também que eu tenho curiosidade. Uma entidade que você incorpore, você já viu ser incorporada em outro lugar?
- 512.R.C.L.M.: Já. Já, por exemplo, a entidade, vamos dizer, da linha de Criança. Ela incorporou primeiro no meu pai. Ela vinha, incorporava no meu pai. Até então eu não tinha nunca incorporado uma Criança, né, essa linha de Criança. Ele brincava muito comigo, conversava comigo tal, não sei o que é; "Ah, eu vou vir em você". "Como assim que você vai vir em mim?" "Não, eu vou trabalhar com você agora. Cê vai ter que fazer isso". Aí eu tive que fazer um trabalho durante quase sete anos. Tinha que fazer um trabalho e quando... Não, não foi sete anos, não. Um ano... Eu sei que foi bastante tempo. Ela falou assim: "Você vai acender a vela" - ou seja, ela deu a receita dela lá - "e quando terminar isso, eu vou passar desse menino" - que é o meu pai, né - "e vou passar pra você". Eu só concordei, né. Não sabia como que era isso. E é uma entidade que eu tive muito contato fora de mim. Então, ele fez essa transição. No dia que chegou o dia D., né, meu pai falou "É agora que eu vou passar pra você". Eu tomei aquele susto, né. Se prepara que eu vou passar em você agora. Aí, ao mesmo tempo que ele tava chacoalhando meu pai pra desincorporar, aí eu comecei a sentir uma... aí eu comecei a chacoalhar e a incorporar ele. Aí, na hora que

ele me pegou de vez, meu pai voltou ao normal. Tem uns lances assim... O Preto Velho... Essa linha de Cigano que eu tenho, gosta muito desse Preto Velho. E ele foi convidado pra ir numa festa de Cigano, que ele queria ir na festa de Cigano, tal. Aí, o que aconteceu? Aí ele veio em mim. Como vai fazer? Ele falou: "Eu vou. Tô convidado, Cigano?" O Cigano disse, espiritualmente, lá, os dois. Aí depois foi contada uma história... Ele falou "Não, você vai".

513.W.Z.: Deixa eu ver se eu entendi. Você tava incorporado, ou não,?

514.R.C.L.M.: A princípio não. Foi uma história entre eles, lá em cima, espiritualmente.

515.W.Z.: você, por enquanto, não sabia nada.

516.R.C.L.M.: não sabia nada. Aí o Cigano disse que tinha convidado um Preto, que ele trata assim "Ah, eu convidei um Preto pra ir na minha festa". E ninguém sabia quem era o Preto. Aí depois, o Pai Pedro, numa outra gira que veio, que é o Preto Velho, disse: "Olha, eu fui convidado pelo Cigano a ir na festa dele". E o senhor não tinha dito que era o meu Preto Velho. Isso ele incorporado em mim, com o pessoal conversando. Aí, o pessoal: "Como que o senhor vai se o Cigano vai tá incorporado no seu menino?" "Ah, eu vou. Eu baixo em algum de vocês, não tem problema, não. Eu vou escolher que eu quero é pego". Aí, pronto. Foi só que eu não tive o contato direto com ele, porque eu estava incorporado com o Cigano, e ele baixou na minha mãe. Como já aconteceu o fato da Cabocla da minha irmã, nos momentos de gravidez da minha irmã - se não me engano, foi nos três - quando já tava próximo já a ter nené, ela não... Minha irmã já não freqüentava mais. Durante um período ela não freqüentava mais. E a entidade, querendo dar um recado pra ela incorporou em mim. A Cabocla da minha irmã, com os mesmos moldes, entendeu, tudo direitinho, incorporou em mim e foi conversar com a minha irmã. E minha irmã, logo que viu, né, sabia que se tratava da entidade dela e recebeu o recado.

517.W.Z.: E por acaso você indo em outros centros?

518.R.C.L.M.: Pode acontecer. Nunca aconteceu, não. Ainda não. mas acontece muito. Eu sei de casos que aconteceram. De um cara que é aqui de São Paulo, foi em São Luiz do Maranhão. A entidade dele chama-se Chica Baiana. Adora essa entidade, sabe. É uma entidade assim, super legal, pra conversar, sabe. Ela tava lá incorporada naquele médium dela lá e passou perto do menino e falou "Ah, já, já eu rodo em sua cabeça, viu!" Ele "Como é que é?" Ela falou: "Eu sou Chica Baiana". Aí ele ficou abestalhado, né. Acontece muito. Isso é uma coisa que ocorre. Tem pessoas que não conseguem entender isso porque acham que tem o domínio sobre a entidade. Isso é besteira.

519.W.Z.: Quer dizer que entidades que você incorpore podem estar trabalhando em outros lugares...

520.R.C.L.M.: Em outros lugares... E vamos supor que eu vá em outro terreiro e veja, por exemplo, lê, o Sr. Pedra Preta, que é um Boiadeiro. Ele vai me abraçar, vai me cumprimentar "Meu Filho!"

521.W.Z.: O Pedra Preta é aquele lá que você me falou da árvore...

522.R.C.L.M.: Não, não. Aquele é outro. É o Boiadeiro... É um Caboclo Boiadeiro. Essa é uma outra linha. Aí, pode ser que eu veja ele em um outro terreiro, se for aquele Pedra Preta que eu incorporo, ele vai me abraçar e "O, meu filho!"

523.W.Z.: Tem muitos Pedra Preta, ou não,?

524.R.C.L.M.: Existe assim, é chamado de falange. Como eu posso explicar o que é falange? É que nem José. José tem de monte, entendeu. Mas cada um tem sua particularidade. José da Silva, José de Anchieta, José não sei das quantas. Mas tem muito José.

525.W.Z.: Mas pode vir especificamente aquele lá...

526.R.C.L.M.: Pode ser exatamente o Pedra Preta, aquele Pedra Preta que eu incorporo, como pode ser o Pai Pedro, pode ser qualquer entidade minha ou de qualquer outra pessoa que incorpore em alguém pra dar um recado. De repente, eu, fisicamente, não tô podendo. Minha entidade precisa me ver, precisa falar comigo e ela quer fazer isso ali, sabe, *in locu*, né... Que ela pode fazer isso espiritualmente, mas eu não tenho o dom de ver. Talvez até por eu querer ver, eu bloqueie essa mediunidade minha. Porque eu sou louco pra ver e ouvir determinadas coisas e eu não consigo, entendeu? Quando meu pai não for trabalhar mais ou não tiver mais condições nenhuma de trabalho, precisando ele vai incorporar em mim. Eu falei: "Po, tanta gente pra escolher tem que ser só eu, né?" Tanta gente precisando de Preto Velho... Eles: "Não. É você mesmo". E eu brinco muito. Eu imito ele... Ate, assim, não na parte pejorativa, ou seja de gozação, mas eu imito qualquer entidade.

527.W.Z.: Numa brincadeira...

- 528.R.C.L.M.: É. Saudável. Tanto é que as entidades não brigam comigo quando eu faço. E uma vez minha mãe, achando ruim, entendeu, de eu imitar o Pai Griff, que ele é um medico alemão e eu imito a forma dele falar. Aí ela foi falar: Aí, Pai Griff, tá te imitando". Ele falou: "Não tem problema, não. É bom que ele vá aprendendo, assim eu não vou ter dificuldade nenhuma em falar quando eu tiver nele. Então, eu falei: "Ta vendo!"
- 529.W.Z.: E você falou que vocês imitavam, né, desde pequenos...
- 530.R.C.L.M.: E. Nos tínhamos essa brincadeira, sabe, de imitar. Minha irmã, principalmente, né, com os amigos, a gente imitava que tava incorporado, dar passe um no outro... Isso é molecada que frequenta esses lugar, a maioria imita.
- 531.W.Z.: É freqüente ver a molecada?
- 532.R.C.L.M.: Você vê. Tem crianças que parece que tá incorporada. Te da recado e tudo o mais. Aí você não sabe se realmente é uma entidade que tá ali dizendo... Às vezes é tão seria a coisa que parece que... tem uma filha da casa que a filha dela chegou a dizer determinadas coisas que a menina não sabia sobre aquelas pessoas que ela tava... "Olha, você precisa ouvir isso, isso e isso". Tamanha facilidade que uma criança tem, daquela energia de criança, né. A mais pura que tem é a energia de criança.
- 533.W.Z.: Criança não trabalha incorporada?
- 534.R.C.L.M.: Olha, é possível. É possível de trabalhar incorporada, sim. Eu só não acho muito justo. Eu acho porque é uma responsabilidade muito grande você colocar uma criança pra tá trabalhando ali, atuando com incorporação e tudo o mais.
- 535.W.Z.: Você já viu isso acontecer?
- 536.R.C.L.M.: Já. Até com minha sobrinha mesmo. Até brigava, porque eu achava muito nova pra isso, deixar de brincar com uma boneca pra tá numa gira. Em outros terreiros eu já vi gente – nem tamanho de gente tinha ainda, né! – Criança tá lá, batendo no peito, uma entidade assim.
- 537.W.Z.: E faz consulta, dá passe?
- 538.R.C.L.M.: Não chegava a dar passe não, mas incorporava e tudo o mais. Dava recado lá pro pessoal de dentro. É aquele tal negócio, né. É a mediunidade da pessoa... Tem uns que vão pela dor, outros pelo amor. Então, tem crianças que já vêm predestinadas a determinadas coisas. Só que é aquele tal negócio, né, são fases que você pode dominar. Você pode deixar a pessoa... Usar de meios ritualísticos pulando um pouco essa fase, entendeu? Você deixar a criança ser criança, mantendo ela dentro do ritual, fazer banhos, algumas coisas, alguns trabalhozinhos, pulando aquela fase em que ela teria que tá com aquele contato direto. É possível isso. É aquele tal negócio... Lá em cima... Mas tem como você burlar um pouco isso. Tem como você pular um pouco essa fase.
- 539.W.Z.: Deixa eu perguntar uma outra coisa. A entidade pode, deve ou não ser ensinada?
- 540.R.C.L.M.: Doutrinada? Olha, isso é um termo usado pelos kardecistas.
- 541.W.Z.: Eu sei mas o que eu queria saber é o seguinte: acaba aparecendo, incorporando uma entidade que começa a falar palavrão, coisas...
- 542.R.C.L.M.: É. Existe o chamado baixo-astral. Não são Exus, entendeu, são os Eguns ou Zombeteiros. São entidades de pessoas que desencarnaram, não acreditam no fato da desencarnação, ou são espíritos vagantes por aí já há muito tempo que optaram por continuar vagando. São mandados pelos Exus, são os escravos de Exus, pra ficar encostado em alguém. Quando ela vai pra um terreiro e tem um contato com essa entidade, a entidade que tá tomando conta da gira ou o próprio zelador, a pessoa que tá ali no momento de atendimento, vai fazer com que aquela entidade saia do corpo daquela pessoa a princípio, né, pra livrar aquela matéria desse sofrimento, através de paga, de alguma forma, seja do que ela tá querendo, de obrigações, né, aí vai saber lá a lista que ela vai dar, né, do que ela quer, pra que ela retire o sofrimento daquela pessoa e ela pode acompanhar aquela entidade pra desenvolvimento espiritual.
- 543.W.Z.: Essa entidade pode vir, então, depois a trabalhar.
- 544.R.C.L.M.: Pode até vir, depois, a se tornar uma entidade de trabalho. Agora, o processo de como é feito isso, eu não sei. Existe porque eu já ouvi entidades falando: "Você venha comigo que eu vou lhe levar...". Essa energia negativa às vezes acaba por aceitar, outras não, continuam relutando. Cada caso é um caso. Mas existe essa chamada doutrina espiritual. Ela existe, não sei de que forma. Eu conheço mais pelo lado kardecista, né, que quer às vezes até doutrinar o Caboclo. A Umbanda nasceu dessa forma, né. O

Caboclo veio dar o recado dele numa mesa branca e a entidade kardecista na mesa não aceitou a forma como ele falava. Queria doutrinar ele. Ele falou: "Não, mas essa é minha forma de trabalho. Se você não me aceitar assim, eu desço no outro". A entidade saiu da mesa e foi embora. A Umbanda nasceu a partir daí, que outras pessoas foram se juntando a essa entidade não aceitaram a proposta dela. Foi se juntando e foi formando essa corrente chamada Umbanda.

545.W.Z.: Você já chegou a freqüentar o kardecismo?

546.R.C.L.M.: Eu conheço um pouco. Até no nosso terreiro tinha, porque eu tenho um tio que era voltado muito ao kardecismo. Até o nome dele é E.... E meu pai permitiu que ele fizesse ritual de mesa branca num dia específico – acho que era até na sexta-feira – e eu participei de alguns trabalhos de mesa branca pra saber como é que era, porque até então eu não conhecia, né. E participei de alguns rituais de mesa branca. A formação da corrente, o que se sucedia pra que aquilo acontecesse, como é que era uma entidade se aproximando... Meu contato maior com mesa branca foi esse aí é alguma coisa de livros que eu lia um pouco do kardecismo. Ele são muito donos das verdades deles, então aquilo que a gente conhece de Umbanda. Não é assim, que a gente seja radical. Em algumas coisas eles são bastante radicais, com referência a uma entidade Caboclo, Preto Velho, tal, não sei o quê. Eles acham que tem que se doutrinar, falar, sabe, o português normal, tem que perder aquelas raízes que eles tinham. Sabe, acho que não é por aí. Cada um tem a sua forma, né. Afinal, a Umbanda é o conjunto da cultura afro, com a indígena e a católica, né, é um pouco do kardecismo. Então, tem que ter o seu direito de atuação. De kardecismo eu tenho muito pouco.

547.W.Z.: Sabe que até agora você falou muito pouco de você mesmo?

548.R.C.L.M.: Eu não tenho muita coisa pra falar.

549.W.Z.: Falar de você é meio difícil, né?

550.R.C.L.M.: Eu não sei exatamente o que você quer saber.

551.W.Z.: Você tá me dando muita informação importante sobre a doutrina, sobre a incorporação. Tudo isso me interessa muito, mas interessa também saber mais de você.

552.R.C.L.M.: Sei. Mas eu tô dizendo aquilo que eu vivenciei.

553.W.Z.: Eu sei disso. Mas eu queria saber um pouco mais, por exemplo, sobre as suas relações com as pessoas, o seu pai, sua mãe, familiares e outras pessoas

554.R.C.L.M.: Olha, é... É como eu disse. Até um certo tempo, nós tínhamos uma família. Depois disso, tornou-se a falta de família. Ou seja, a gente se separou, né, meu pai se separou da minha mãe e acabei também indo embora daqui, mas não me separando deles. Eu briguei com o meu pai. Fiquei três anos e pouco sem falar com o meu pai, por questões pessoais nossas, sabe. Falta de amizade, falta de ser pai. É como eu digo pro meu filho: antes de ser pai, eu sou amigo dele. Se não servir pra amigo, nunca vou ser pai. Eu acho assim. Eu digo a todo instante pro meu filho "Eu te amo". Se você ver ele... Ele tá do meu tamanho. Tem quatorze anos. Eu abraço ele. Na rua, a gente anda de braço dado, abraçado, beijando. A gente brincando o tempo inteiro como se ele fosse aquele molequinho pequenininho. E vai ser assim até a hora que ele até a hora que eu for embora ou ele for antes de mim. Não sei quem vai primeiro. Mas eu acho sempre assim: enquanto eu tiver essa capacidade de ser amigo dele. Meu pai, a gente sempre se beijou, se agarrou onde fosse e, de repente, meu pai deixou de ser meu amigo. Faz uns quatro anos, cinco anos atrás... Eu vou até falar com meu pai antes de eu ir pra Recife. Porque até por uma questão de orientação espiritual, disseram que antes de eu ir, esclarecesse, e não fosse embora daqui com essa coisa, entendeu, de tá de mal com o meu pai. Porque é uma coisa ruim. Porque você tem seu pai como um super-herói e, de repente, rasguei a roupa do super-herói e não tinha nada lá dentro. Cadê meu pai super-herói? Cadê o meu pai super-herói? Cadê o meu pai que enfrentava chuva, enfrentava três, quatro, cinco caras... Falava que faria tudo por mim e depois, de repente, deixou de ser meu amigo. Então, briguei com ele, a gente deixou de se falar.

555.W.Z.: E você chegou a dizer isso claramente pra ele?

556.R.C.L.M.: Eu disse, pra minha mãe, pra minha irmã, pra todo mundo.

557.W.Z.: E ele reagiu como?

558.R.C.L.M.: À princípio... Um certo dia, eu vendo que a coisa já não estava muito boa, eu chamei pra conversar. Eu falei: "Olha, tá acontecendo isso e isso. Por quê? Se você não tá bem aqui, cê vai viver sua vida. Eu não vou deixar de ser seu filho em nenhum lugar, não é verdade? Cê tem que resolver seu

problema pessoal com a minha mãe. É problema seu e dela. Resolva-se. Mas você tá deixando de ter o convívio de família. Sabe, eu e a R. já somos grandes, mas a gente precisa de uma palavra com o pai, a gente precisa de uma conversa com a mãe. E não venha descontar as broncas dela em mim... Eu e a minha mãe, a gente conversa, é sempre assim. É dois minutos e dá-lhe briga! Aí, conversei uma vez, duas... Aí ele achou que tinha que falar isso pessoalmente, pelos interesses dele, não pela família. Aí eu chamei todo mundo, meu filho tava em casa – ele era pequenininho, tinha 6 anos. Aí eu falei: “Você fique lá no quarto mas não feche a porta, não que eu quero que você ouça”. Aí, chamei a atenção dos dois na questão da família. Porque ele tava preocupado com o interesse pessoal dele. E a outra também. E nós, os descendentes dele, estávamos ali, sem saber o que fazer. Um reclamando do outro. A gente sem poder chegar em um, sem poder chegar no outro. E aí? Foi o que aconteceu. Aí, depois disso foi quando eu chamei meu pai mais duas vezes pra conversar, e falei: “Você tá deixando de ser amigo. A gente precisa de você pra conversar e você não tá aí”. Ele falou: “Ah, cê desculpa. Eu sei que tô errado, vou me corrigir”. Não se corrigiu. Eu chamei a segunda, a terceira vez eu não chamei mais. Aí eu virei as costas e fiquei na minha. Aí eu tomei raiva. Não conseguia nem olhar na cara dele. Quando eu fui falar com ele, eu briguei com ele de a gente quase se atacar fisicamente. Isso tudo também é questão de querer defender minha mãe, na questão da separação dos dois. Eu queria defender minha mãe, minha mãe não acreditava em mim, no que eu tava falando pra ela. E eu acabava brigando com ela, brigando com ele... E ficou por isso mesmo. Aí, quando eu ia em casa – eu nem tava morando aí, tava morando sozinho – e eu falava pra ela assim: “Olha, se eu tiver na sala, ele que vá pra cozinha. Se eu tiver na cozinha, ele que vá pra sala”. Eu não quero tá no mesmo lugar nós dois juntos nunca”. Que aí ele já tava saindo de dentro de casa. Ele já tava saindo, mal ficava em casa, já tava definindo lá a vida dele. Às vezes ele vinha por questão do terreiro, pra ver minha irmã, né. Aí eu falava: “Se vocês aceitam ele, o problema é de vocês. Eu não aceito e não quero que no mesmo ambiente que eu esteja, ele esteja. Isso é ruim, né. A gente que é filho, a gente sempre foi apegado. A gente sempre teve esse lance de se beijar na rua, de se abraçar. Esse tratamento que eu dou pro meu filho, embora eu dou muito mais do que aquilo que eu recebi, mas meu pai nunca deixou... nunca deixei de beijar meu pai na rua, no meio dos meus amigos. Nunca tive vergonha de abraçar meu pai, de beijar. O pessoal tirando sarro da minha cara, eu falava: “Se você não beija teu pai, problema teu. E beijo mesmo e acabou”. A tiração de sarro dos amigos era essa. Então, você perder seu amigo...

559. W.Z.: Isso já começou antes da separação, né?

560. R.C.L.M.: Isso. Antes da separação eu já tava tendo problemas por indefinição dele... Ele simplesmente, ele poderia - eu acho, né - ele poderia... Os meus problemas pessoais não tem nada a ver com meu relacionamento com o meu filho. Às vezes a gente erra, quando tá nervoso, já aconteceu de eu gritar com o meu filho sem querer e eu pedi desculpa pra ele. “O, filho, desculpa, cê não tem nada a ver com isso”. “O, pai, eu sei como você é quando cê tá nervoso”. “Então dá um beijo no pai”. Ele vem, dá um beijo, dá um abraço, acabou... Eu sempre deixei claro. A maioria dos filhos não entende a separação de pais, não aceitam, não é? Isso, a gente já era adulto, já tava casado, aliás, já tava separado já, e tudo o mais. Minha irmã aceitou muito menos. Alguma coisa nesse sentido de separação ela foi mais assim, mais retraída, até porque precisa muito mais dele, que eu vejo a minha irmã muito mais dependente do que eu, né, em alguns aspectos, né. E meu pai simplesmente virou as costas pra ela é quem tomou a frente fui eu. Eu tomei a frente de um monte de coisa nessa casa. Eu tomei a frente do terreiro, que meu pai simplesmente largou pra trás, foi embora, por causa da separação ele se distanciou. Tudo bem, ele chegasse e falasse assim: “Olha, não dá pra ir. Eu vou descansar um pouco. A partir de agora, o R., a R., alguém toma conta”. E tudo bem. Ele simplesmente se afastou. E não deu essa satisfação. Foi um erro que eu apontei pra ele. “Sabe, você tem o direito de resolver sua vida e depois voltar. Mas, porra, você tinha que dar uma satisfação. É religião. Tem um monte de gente que te segue, seguia aqui. Então, você tinha responsabilidade sobre essas pessoas”. Então eu acho que ele tinha que ter dado uma satisfação. Ele simplesmente largou a gente, aí, a ver navios e foi embora. Foi resolver a vida dele sem problemas. Acho que é um direito dele. Mas o problema não era ele sair ou porque ele saiu. É a forma com que ele saiu. Ele deixou responsabilidades pra trás. Minha irmã precisa dele, ele não estava presente. Eu, tinha problema, queria conversar e não tinha uma pessoa pra conversar. Você vai recorrer a quem? você vai conversar com seu pai. Eu não tenho facilidade de conversar com a minha mãe. Não dá pra eu conversar com ela, que nem eu, converso com o meu filho. Eu conto as coisas que eu faço, que eu faço de errado, o primeiro a saber é ele... A princípio foi isso. Atrapalhou um pouco o espiritual. Eu já fiquei sem falar com a minha mãe, eu já fiquei sem falar com a minha irmã por causa de briga. Sempre fui muito pavio curto, né. Aí eu voltei a falar com a minha mãe, dizendo tudo, que eu não tenho papas na língua. O que eu tiver

que falar, eu vou falar, não tenho nenhum motivo pra esconder. (Nota: som incompreensível) ...sendo que eu ganhava muito bem na empresa em que eu trabalhava.

561.W.Z.: Você trabalhava com o quê?

562.R.C.L.M.: Com investigação de seguro. E meu pai falava "Não, o problema dele é só dinheiro. O R., quando tá assim, é por problema de dinheiro". Aí ela falou, ela brigou com eles lá e falou: "Não, não é. O problema são vocês". Aí ela disse, né tudo o que ela sabia, que eu conversava com ela. muita coisa ela mesma presenciava, então ela sabia. E disse: "Olha, só pro seu governo, o R. tá com carro zero, tá com uma moto. A gente sai quase todo dia pra jantar. É R\$ 50,00, R\$ 40,00 em media que ele gasta por restaurante que a gente vai. A gente sai quatro vezes por semana, cinco vezes. Cê acha que o problema dele é dinheiro? Se o senhor falar pro R. agora: "Vamos sair pra ir em tal lugar?", ele vai botar gasolina no carro - aliás, o tanque tá cheio, não precisa nem botar gasolina, e ele vai sair". Foi quando eu medi a pressão e, você vê, eu cheguei ruim da rua, entrei no quarto, minha mãe não perguntou nada... Ela falou: "O que é que cê tã?" "Não sei, eu não tô legal, não sei o que é que é". Porque tem determinadas coisas que eu não sei o que é. Quando eu tô mal do fígado, dor de estômago, eu não sei distinguir o que é. Obvio que hoje eu sei um pouco mais. Mas antes, eu nem ligava pra isso. Não sabia onde fica o rim onde fica o baço, não sabia nada. E ela falou: "Quê que cê tem?" Eu falei: "Não sei, mas me deu uma tontura. Essas veias aqui tá batendo muito, sabe, tá dilatada, tá chacoalhando muito aqui". "Você passou nervoso?" "Não". Meu carro era zero e tava fazendo a primeira revisão. Eu falei: "Não sei. Eu peguei o ônibus, passei mal dentro do ônibus. Quase cai, gelei...". "Ah, isso passa". E ficou por isso mesmo. Foi aí que a gente foi brigando e chegamos aqueles pontos lá que eu já falei anteriormente, da minha situação física, né, foi isso daí. Aí depois fui controlando a pressão e pronto. Depois me desliguei disso e falei "Ah, não vou mais me intrometer mais na vida de ninguém". Assim, eu posso ajudar, mas não vou sentir a dor de ninguém, entendeu. Não vou tomar elas pra mim. Se tiver que se quebrar aí, se quebra. O que sobrar a gente vai lá e junta. Junta na pazinha, o que tiver que ir pro lixo vai as outras a gente cola. Hoje eu sento lá, vejo os caras brigar, discutir e acontecer, eu só fico olhando. Minhas sobrinhas, em casa, só respeitam a mim... (som incompreensível) ... Eu não acho justo isso, nem que eu estivesse num analista, num psicólogo, eu não falaria. Porque eu acho que você tem sempre que ter um trunfo na sua mão. Cê nunca pode dar de mão beijada pra ninguém, entendeu?

563.W.Z.: Nem que eu fosse seu analista!

564.R.C.L.M.: Nem que fosse! Eu jamais diria tudo do que eu sinto, ou os motivos em geral. Eu jamais faria isso. Isso é de mim. Eu não falaria nunca. Posso te dizer algumas coisas, cortar, pular algumas fases, porque chegaram a esse ponto, porquê que eu briguei. Disse algumas coisas, mas não disse o motivo exato. Jamais diria totalmente o motivo, ou algumas coisas do que se passaram.

565.W.Z.: Isso pra mim tá bem claro. Eu conversei com a sua irmã, ela me contou uma serie de coisas, que eu, ouvindo você, eu consigo entender. E vice-versa. Você falou certas coisas que dão sentido a coisas que ela disse. E eu sei de algumas coisas que você não me contou porque ela me falou. Então, pra mim tá claro, por exemplo, que você tem uma forma de dizer as coisas e tem certos limites naquilo que você diz, que são respeitáveis.

566.R.C.L.M.: É. Minhas armas. (risos)

567.W.Z.: Aliás, eu não tenho nenhum interesse de desarmá-lo. (risos)

568.R.C.L.M.: Isso é uma arma que a gente cria até mesmo por causa dessas porradas todas que eu levei. É o que eu digo assim: hoje eu tenho trinta e seis anos, vou fazer trinta e sete, mas às vezes eu me sinto completamente uma pessoa indefesa, despreparada pra esse mundo. Porque, na verdade, a gente é. Acontecem tantas coisas, surgem tantas coisas, né, nessa vida, né. Veja esse caso do atentado. Quem era o país com o poderio maior de defesa, de arma? Os Estados Unidos. Eles são tão frágeis quanto uma criança. Pô, atingir o Pentágono? Quê que era isso? Ninguém jamais imaginou... E quem criou a cobra? Foram eles. Os caras tiveram aula de pilotagem lá.

569.W.Z.: Quer dizer, então que você tem receio de falar certas coisas pra...

570.R.C.L.M.: não é questão de receio. Eu não digo por uma questão de auto-proteção. Mesmo porque é aquele tal negócio viver num monte de cobra, sabe balaio de cobra? Meu amigo, se você der veneno a cobra, ela vai lhe morder. Eu ouvi isso do meu pai. Ele disse assim: "É, eu ensinei uma cobra". Eu falei: "Quem deu o veneno foi você. Se você foi picado, o problema é seu. Você não me ensinou a ser homem?"

então, meu amigo, você não disse que eu tinha que me limitar com você. Você me ensinou a ser homem. Quer você queira, quer você não queira...".

571.W.Z.: O que será que eu poderia fazer com o seu veneno?

572.R.C.L.M.: Com o meu veneno? Ah, você pode tentar estudar e ver se da pra aplicar em alguém... Soro anti-ofídico. Se você conseguir pegar o veneno, faz o soro anti-ofídico.

573.W.Z.: você tá dizendo pra mim que nunca vai me deixar ver o seu veneno.

574.R.C.L.M.: Todo ele não... assim... é perigoso, né. Perigoso ser mordido. Mas não tem nada disso, não. Tem muitas coisas, como eu disse, que eu não falaria nem pro meu analista, porque é uma coisa que eu acho que é minha. Tem que ser só minha. Porque muitas coisas que eu já passei na vida, eu entendendo. Tem outras... É como eu disse: entender é uma coisa., aceitar é outra. Então tem muitas coisas que eu disse pra você, assim, superficialmente, que eu passei por um monte de coisas desde pequenininho - tem cenas desde quando eu tinha 4 anos de idade que são gravadas perfeitamente na minha mente.

575.W.Z.: Essas você nunca diria?

576.R.C.L.M.: Não. Não. São coisas ruins que eu tenho, entendeu. Embora em determinadas situações elas se fazem presente, porque são esses fatos que vão acontecendo no dia-a-dia e às vezes uma puxa a outra, né, falo: "Pô, tá acontecendo novamente", que foram ruins pra mim. Hoje eu entendo porquê que eu sou estourado. O que eu odeio é pessoas que tem meias-palavras. Se eu tiver que falar pra você: "O, Wellington, eu não vou com a sua cara", cê pode ter certeza que eu vou falar que eu não vou com a sua cara. Como eu disse pro meu cunhado. Mas eu engulo, porque ele é marido da minha irmã. Enquanto ela achar que tem que ficar com ele, ela vai ficar com ele. Eu vou falar "Oba! Oba!", nós vamos sentar na mesma mesa e comer e tudo bem, vou fazer o quê? Ela quê quer. Não sou eu que vou definir a vida dela. E ele é pai das meninas. Como eu falei pro meu pai tudo o que eu tinha que falar, entendeu, o que eu não gostava, o que eu gosto, falo pra minha mãe, falo pra minha avó. Se você vê eu brincar com a minha mãe... Eu brinco como eu brinco com os meus amigos na rua... Eu bato, eu dou tapa, eu brinco, eu empurro, minha irmã também. Eu não tenho distinção de brincadeira, de tratamento. Se eu sou grosso, eu sou grosso com todo mundo. Se eu tô brincando, eu brinco com todo mundo. E aí, brincadeira igual. Minhas pegadas são fortes, até por tantos anos tocando atabaque, batendo em couro de burro ali, meu amigo, a mão fica meia pesada, né. Às vezes se vai pegar, vai brincar, às vezes cê machuca alguém, mas não e intencionalmente. É o jeito de pegar, mas não quer que a pessoa caia, cê segura e você aperta, né, porque o peso da pessoa contra o seu, aí cê vai, puxa, cê aperta. Aí é assim. Mas nada de... Eu digo, eu não tenho nada a esconder de ninguém, em termos, né. Como eu sou, eu brinco, falo, converso. Tô sempre disponível a ajudar. Eu me sinto bem quando eu tô ajudando alguém.

577.W.Z.: Você pode se sentir satisfeito, então. Você esta me ajudando.

578.R.C.L.M.: Com certeza. É o que eu disse: eu me propus a isso. Hoje é a primeira vez, não sei quantas vezes mais nós vamos ter pra conversar, se eu disser: "Eu vou vir", você pode ter certeza. Agora, se eu falar "Eu acho...". E gosto de ser pontual. Pode ser que o nosso relógio não esteja muito de acordo...

579.W.Z.: Nosso relógio tá marcando cinco pras dez. Imagine só! Já estamos conversando há quase três horas!

580.R.C.L.M.: ...se eu marquei tal hora, tal hora eu vou. Eu tava até brincando com a minha mãe. Ela falou: "Ah, R., cê sabe o compromisso que você tem, o horário?" Eu falei: "Ah, não lembro. Não sei nem que dia que é?" "O da R. é hoje. Será que é hoje?" Falei: "Pô, será que ele falou que era hoje?" "Mas você não assumiu uma responsabilidade?". "Eu assumi, mãe". "Mas, pô, cê esqueceu!" A R.: "O, R., você sabe que você tem que ir as 19 horas". Aí eu pisquei pra ela e falei "Puxa, é hoje, R.!? Caraca, esqueci!" Eu e o Diogo inventamos uma técnica pra contar piada e não rir. É só não prestar atenção no que tá falando. (Nota: som incompreensível)... Né, de tudo aquilo que foi criado por Olodum Marê, que pra eles chamaria Olodum Marê, que é, nada mais, que Deus. É absorver essas energias e depois ancestrais, que eram chamados de Eguns. Então, a Ciência nunca estudou isso é eu achava isso absurdo, né, como existe aí um monte de gente que foi legal isso que apareceu lá, que tá indo no hospital de doido e que não é doido, né. Ele tem uma perturbação espiritual que pode ser contornada e pode fazer com que ele viva melhor. Aquela casa lá de São Miguel, se não me engano. Pô, que trabalho bonito! Eu não vejo o porque as religiões não se ajudam. Tudo bem que a gente sabe que é por ignorância, né, tanto é que tem duas Bíblias, né, a do evangélico e a do católico. Que eu também fui descobrir o porquê. Não sei se você já chegou a estudar isso, ou procurar alguma coisa de informação. Eu não sabia... Eu queria sempre saber da

onde surgiu a Bíblia. Aí me disseram que aqueles Mateus, esses caras aí, os mais citados na Bíblia, escreveram tudo em hebraico. Então, as palavras... uma palavrazinha pode ter 3, 4 páginas de tradução. Então, quem traduziu, traduziu da forma como ele entendeu aquela palavrinha. Então é complicado você dizer que o cara traduziu corretamente aquilo que ele entendeu lá na hora. Aí, o evangélico, daquele fulano que eu não lembro o nome dele, não aceitava essa tradução. Não aceitou essa Bíblia... Eu não lembro o nome. Eu falei até com um cara que ele é psicólogo lá de João Pessoa, se não me engano... Ele tá se formando padre. Seminarista. Aí, perguntei pra ele que ele é um cara super bacana, né. Eu sou muito curioso também. Quando eu dou pra ser curioso, eu vou encher de pergunta! Pode se preparar que eu ainda vou lhe perguntar muita coisa. Aí eu tava conversando com ele, ele me disse muitas coisas. Ele me disse datas, provavelmente uma data, o nome desse cara que foi e tirou aquilo que ele não aceitava na Igreja Católica, e fez a Bíblia do evangélico. Eu nem sabia porquê que tinha uma Bíblia do evangélico e o que diferenciava ela da Bíblia do católico, Novo e Antigo Testamento. Aí foi legal eu conversar. Aí, não tivemos muito tempo pra conversar sobre isso, que a gente se conheceu até na época de Carnaval, não dava conversar muito sobre o assunto. A gente tava em plena época dos pecador, né, então é melhor não falar muito sobre isso. Foi legal. Eu achei muito interessante. Eu sou muito curioso sobre determinados assuntos envolvendo a religião. Ou como agora esse fato que eu vi sobre o estudo da USP sobre o estado de incorporação do médium, que eles conseguiram descobrir que existe uma variação no ser humano em batimentos cardíacos e eletromagnéticos, sei lá que raio é aquilo lá. Isso eu achei legal pra caramba. Eu falei: "Po, juntei o útil ao agradável, né. Tem o Wellington que tá lá dentro". Então eu vou querer saber mais sobre isso assim em termos específicos, né, gerais. Quê que descobriu mais? Quê que cê tem de informação de informação sobre isso? Porque é legal aquilo que eu conheço sobre incorporação. Você assistiu o Globo Repórter na sexta-feira passada? Foi interessante pra caramba. Sabe aquela técnica que o cara que foi visitar uma senhora em Salvador... Realmente é uma técnica. Eu já usei. Isso aí é da parapsicologia... Eu fui uma vez numa parapsicóloga. E eu não gosto, como te disse, eu não gosto de leitura de cartas, esse negócio de água, de búzio... a adivinhação que for. Aí a madrinha do meu filho gostava muito disso. "R., vai lá porque ela fala nomes, não sei que lá". Eu falei: "Ah, tá bom. Eu vou". Eu falei: "Mas eu vou ter que pagar? Ainda vou ter que pagar pra saber o que é que o cara vai inventar da minha vida lá, né". Aí ela falou: "Já paguei. Cê não vai ter que pagar nada. Cê vai?" Falei: "Vou". Ela falou: "Ta, então tá marcado pra tal dia". Ela já tinha pago e marcado o horário. Falei: "Ta bom". Eu fui. É uma senhora. Isso é lá na Vila Guilherme. Pelo menos ela morava lá, na época. Aí entrei, dei o nome, eu e um colega. Aí entrou na sala, ela pegou um copo com água, tinha a garrafinha, copo com água, tal, e começou a falar: "Não, porque eu sou parapsicóloga, não sei se você conhece essa ciência, que não sei o que". E eu quieto. Eu me propus a ouvir, não a falar. Aí chegou uma certa altura da conversa, ela tava dizendo nomes. Realmente, muitos nomes ligados a minha pessoa. E coisas que aconteceram, tipo uma semana depois, com nomes, dando nomes. Isso foi legal nela, sabe. só que chegou uma certa hora, eu não conseguia olhar pra ela. Ela tava sentada de costas pra uma porta, tinha uma parede aqui, tinha uma vela, se não me engano, na mesa dela, e refletia uma imagem dela na parede que não era ela. É, como eu disse, eu não sou de ver nada, eu nem me ligo nessas coisas, né. Às vezes tanta euforia de querer ver, ansiedade, que eu não consigo ver nada. E a mulher tinha um cabelo liso, assim, uma certa altura, e tranqüila. E na sombra dela eu tava vendo essa mulher de cabelo encaracolado, com tiara, e a fisionomia, o desenho, era diferente. Ela falando aqui comigo e eu assim. lá falou: "Você sabe que você tem um Cigano?" Eu falei: "Sei". "Como você sabe? você trabalha, você é umbandista?" Eu falei: "Eu sou". Aí ela falou: "Quê que cê tá olhando?" Aí eu falei: "Eu tô vendo uma pessoa assim, assim". Aí ela falou: "Deixa eu te explicar. Você é da Umbanda, você vai saber melhor, né. É que eu tenho uma Pomba Gira e uma Cigana, que elas que me dizem isso tudo que eu tô lhe dizendo, que me dá nomes, me aponta...". E eu falei: "E ela é assim, assim...". Ela falou: "E. Essa é a minha Cigana. Por quê?" "Eu tô vendo ela aí na parede". "Como assim?" "O desenho da senhora na parede não é a senhora. O reflexo não é o seu". Aí ela começou a falar dela, sobre os trabalhos dela. Quer dizer, era acho que uma hora de conversa, ela tem uma hora pra passar o que ela tem que passar, que é o que se paga pra ela. Eu sei que foi 20 minutos ela falando de mim e 40 falando dela, de como ela trabalhava, de como era a Cigana.

581.W.Z.: E você ainda pediu algum, ainda, de volta?

582.R.C.L.M.: Nem peguei. Aí eu falei pra madrinha do meu filho: "Olha, o pessoal lá é muito bacana, só que ela falou mais dela do que de mim". Jogo de búzios, essas coisas, as pessoas falam muito pouco, o que em geral se tem que falar, né. Essas coisas não... Por causa dessa técnica. Você tem como bloquear a sensibilidade da pessoa. E o Cigano tem como absorver isso tudo, entendeu. O Cigano tem uma técnica maravilhosa pra você, mesmo você querendo bloquear, você descobrir tudo aquilo. É legal. Ele retroage

- antes de você bloquear. Tem um monte de experiências que depois, com o tempo, eu vou lhe passando, que o Cigano, assim, tem uma coisas legais pra caramba. Trabalhos que ele fez, transporte, transportar pessoa pro mundo dele. mostrar coisas, tipo 10, 15 pessoas, sem ele falar nada onde tá, como é o local, depois que todo mundo volta, todo mundo dizer que esteve no mesmo lugar. Todo mundo falando as mesmas coisas, viram as mesmas coisas, tavam no mesmo lugar. Isso que é legal. Sem ter aquela indução, sabe, uma voz de comando. Eu acredito que regressão - nunca fiz regressão, não sei se cê conhece esse negócio da regressão - eu nunca fiz não, mas existe a indução. O cara induz, né, obviamente você. E o Cigano, sem a indução de dizer "Olha, nós estamos num riacho com água límpida e pedra aqui onde eu fico sentado, onde a mulher lava a roupa...". Ele só... Ele faz aquele primeiro passo, que é transportar você do mundo de agora pra o mundo dele, vamos supor. E depois, não fala mais nada.
- 583.W.Z.: E ele faz isso com frequência?
- 584.R.C.L.M.: Não, porque o trabalho de Cigano é uma vez por ano. E quando ele faz isso, ele não faz em dia de trabalho. Ele reúne algumas pessoas e faz. Ele fez poucas vezes. E levou, na época, eu lembro, que tinha umas 10, 12 pessoas. E eu participei, mesmo estando incorporado com ele. Eu participei também, chegando a vê-lo, ver os outros Ciganos... E todo mundo junto. Ele falou: "Cada um fica na posição que se sentir mais confortável". Então, tinha gente que ficava deitada no chão, tem gente que tava sentado, que foi no quarto, na casa da mãe do D. lá, né, então tinha gente deitado na cama, outros sentados... Cada um tava dum jeito, né. Então, quando todo mundo se concentrou, tal, como ele percebeu que tava todo mundo, falou: "Então vamos para ral lugar". Aí dali pra frente ficou o silencio. Não se falava nada. E depois que voltou, sabe-se lá quanto tempo que se passou, aí ele começou a comentar: "Ah, vocês viram isso?" Aí o pessoal: "Ah, eu vi isso". "Tal lugar assim, assado...". Aí o outro: "Ah, eu vi isso e tinha mais isso e isso...". Ou outro "Eu também!", sabe. Ou seja, todo mundo, todas aquelas pessoas que estavam no quarto tiveram a mesma experiência de sentir, você pegar água, beber água, você sentir a água gelada, sabe, de tocar na grama, uma planta, sei lá, alguma coisa. Isso é muito real. Isso foi legal pra caramba. Foi uma experiência super bacana. Aconteceram muito poucas, umas três, quatro vezes no máximo. É legal pra caramba.
- 585.W.Z.: Por que uma vez por ano que ele faz esse tipo de...
- 586.R.C.L.M.: Porque a festa de Cigano, como é um trabalho totalmente diferente do ritual da Umbanda, então faz festa de Cigano. Porque tem muito vinho, tem muita fruta, então te que ter fartura das coisas. Ninguém tem condição hoje em dia de ficar dispondo de muito dinheiro pra coisa, né. Então faz uma vez por ano essa festa. É como se fosse aniversário. Fazer aniversário todo dia não da não,! Então, foi mais ou menos nesse esquema aí.
- 587.W.Z.: E quando que se faz?
- 588.R.C.L.M.: Minha irmã que tá marcando aí uma data. Eu não sei que data. Tem que ver com ela. Eu acho que ela marcou alguma coisa de festa de Cigano. Eu não sei se ela lhe passou alguma coisa. Dia 12 de outubro, agora, tem a festa de Criança.
- 589.W.Z.: 26/10.
- 590.R.C.L.M.: A festa de Cigano?
- 591.W.Z.: É.
- 592.R.C.L.M.: Então, pronto.
- 593.W.Z.: R., já estamos falando por mais de duas horas! Eu ficaria por muitas outras horas, mas não quero ocupar mais seu tempo. Agradeço por ter vindo e pelas preciosas informações.

R.L.M.

- 594.W.Z.: Antes de mais nada, R, quero lhe agradecer por ter vindo. O que eu gostaria que você falasse é um pouco a seu respeito. Para mim, o mais importante é saber um pouco da sua história, da sua vida... o que você se lembra, enfim, de sua própria história. O que você lembra de você pequena e de lá até aqui. Você nasceu quando?
- 595.R.L.M.: 03 de abril de 62.
- 596.W.Z.: Você nasceu em São Paulo?
- 597.R.L.M.: Nasci em São Paulo.
- 598.W.Z.: O que você lembra de sua infância?
- 599.R.L.M.: Me lembro de muita coisa... eu gostava muito de brincar. De brincadeira de moleque, claro, né! Não gostava muito de brincadeira de menina. E ficava muito com meu pai. Tudo que meu pai fazia eu fazia também. Por isso que eu aprendi muita coisa, né, a mexer no encanamento, eletricidade, de pintura... tudo. Por que eu andava atrás do meu pai direto, direto. Tudo que ele fazia eu tava com ele. Meu irmão nunca gostou, assim, de tá fazendo nada em casa. Mas eu, muito grudada no meu pai, aí eu fui aprendendo a fazer de tudo e brincava muito. Imaginação, assim, fértil. Como toda criança, né. E brincava muito.
- 600.W.Z.: Brincadeiras de menino, você falou?
- 601.R.L.M.: De empinar pipa, roda pião, tanto que eu ainda sei fazer isso. Joga bolinha de gude... eu gostava disso. Não que eu não brincasse de boneca. Eu brincava, mas eu preferia mais essas coisas porque eu brincava com meu pai... muito.
- 602.W.Z.: Por aqui mesmo, ou...? (o local em que se deu a entrevista, meu escritório, fica a uma quadra da casa da entrevistada)
- 603.R.L.M.: Não. A gente morava na Zona Norte. Eu morei na Zona Norte acho que até meus dezesseis anos. Depois a gente veio pra Zona Sul, depois, acho que aos dezoito anos, meu pai construiu a casa aí.
- 604.W.Z.: Então você estava sempre junto com o seu pai...
- 605.R.L.M.: Ah, direto. A maioria das coisas eu aprendi com meu pai. Até a cozinhar aprendi com meu pai. Minha mãe não tinha muita paciência de me ensinar, né, então meu pai, muito paciente, com tudo, com tudo. Meu pai é muito paciente com tudo. Então eu aprendi com meu pai. Até fazer arroz. Tá certo que muita coisa minha mãe também me ensinou, mas a maioria eu aprendi com ele.
- 606.W.Z.: E ele faz isso tudo até hoje? Eu sei que ele está com problemas de visão... (com o pai de R. é o fundador do centro, eu já sabia muito a respeito dele por outras entrevistas)
- 607.R.L.M.: É. Ele se limitou muito por isso. E agora ele tá morando fora de São Paulo, no Litoral. Ele deu uma fugidinha (risos). Escapou da gente (risos).
- 608.W.Z.: Ele foi por que?
- 609.R.L.M.: Ele arrumou outra mulher e aí foi embora, né.
- 610.W.Z.: E isso faz muito tempo?
- 611.R.L.M.: Ah, já faz uns seis anos, eu acho. Aí, para mim, foi terrível. Muito terrível.
- 612.W.Z.: Vocês eram muito apegados um com o outro.
- 613.R.L.M.: Muito, muito, muito. Tanto que ele hoje em dia fala: 'vem aqui em casa', e eu digo que não vou de jeito nenhum. Eu já tive até em psicóloga por causa disso. Mas tudo que ela falou, nada adiantou porque minha opinião não mudou. Não tem jeito. Eu não vou conseguir ir na casa dele. Porque eu acho que aquela mulher roubou o meu pai de mim e não tem jeito. Eu acho assim, entre ele e minha mãe, não sei. Problema dos dois. Acho que é um caso aparte. Mas eu acho que ela roubou meu pai de mim e não tem jeito, sabe, tipo, eu cresci, mas não muito. (risos) Minha visão do meu pai é a mesma que eu sempre tive. Então, eu sinto muita falta dele.
- 614.W.Z.: Como é que foi essa separação entre vocês?

- 643.R.L.M: Conheci. Ela freqüentava o centro.
- 644.W.Z.: Ele chegou a morar com essa, mãe dessa filha de vinte e poucos?
- 645.R.L.M: Não. Ele só... pulou a cerca, né (risos).
- 646.W.Z.: Como é que foi quando você soube desse primeiro caso?
- 647.R.L.M: Eu fiquei muito brava com ele. A gente ficou sem se falar durante um tempo. Mas não muito. Nunca tinha ficado muito tempo sem falar com meu pai.
- 648.W.Z.: Desde que ele foi morar fora vocês tem que tipo de contato?
- 649.R.L.M: Ele me liga. Às vezes ele vem pra cá. Agora ele não tá vindo porque ele tá muito mau da vista e ele não consegue andar sozinho.
- 650.W.Z.: Você liga para ele? Ou vai visitá-lo?
- 651.R.L.M: Não. Eu não fui ainda.
- 652.W.Z.: Já ligou?
- 653.R.L.M: Não. Também nunca liguei. Ele é que me liga. Mas eu não ligo, não. Ele me liga uma vez por semana.
- 654.W.Z.: Ele já ficou sem ligar alguma semana?
- 655.R.L.M: Já.
- 656.W.Z.: E como você ficou?
- 657.R.L.M: Preocupada. Deve tá doente... aconteceu alguma coisa.
- 658.W.Z.: E aí, você também não ligou?
- 659.R.L.M: Não.
- 660.W.Z.: R., então você deixa bem claro pra ele que não gostou nada dessa história.
- 661.R.L.M: É. E eu falo. Ele não gosta muito, né. Mas... Outro dia ele me obrigou a falar com a menina no telefone... e eu não queria... Mas, fazer o quê? Agora eu sou obrigada. Aí eu falei com ela. E ele: 'Ah, vem aqui'. E eu: 'Ah, tá bom, pai, eu vou, eu vou'. Ele sabe que eu não vou...
- 662.W.Z.: E com a sua mãe. Você disse que briga com ela, mas que...
- 663.R.L.M: É, a gente... A minha mãe é meio esquentadinha. A gente discute, assim, mas... nada que seja grave. De ficar sem falar, nada disso.
- 664.W.Z.: E se fosse o contrário. Se tivesse sido a sua mãe que tivesse sido "roubada", você sentiria a mesma coisa que sente com o que aconteceu com seu pai?
- 665.R.L.M: Não sei. Acho que não. Eu nunca pensei por esse lado. Porque, na verdade, eu muitas vezes fiquei pensando isso, até a psicóloga falou: 'você acha que a sua mãe tem culpa de seu pai ter isso embora?' Eu disse: 'acho'. 'Mas você culpa a sua mãe?' 'Não sei'. Mas às vezes eu acho que ela tem culpa. Não sei, se talvez por isso as vezes eu brigo muito com ela. Sabe. Esse lado ainda tá meio confuso na minha cabeça. Às vezes eu culpo mesmo.
- 666.W.Z.: O que você acha que ela deixou de fazer, ou o que ela fez...
- 667.R.L.M: Ah... deixou de fazer muita coisa. Quando... Eu tenho uma tia. Que é bem mais velha que a minha mãe, que tudo que ela fala a minha mãe vai fazer. Então, a minha avó ficou doente, teve derrame, aí minha mãe largava a casa dela pra ir cuidar da minha avó. Aí minha tia ficou com câncer, lá no Rio de Janeiro e ela fazia a minha mãe largar a casa e ficar lá com a minha tia. Então ela largava muito o meu pai, né. Foi largando, largando. Sabe como é que é, homem também não pode ficar dando muita chance. Ainda mais meu pai que era meio danadinho. Então, largava muito, ficava brigando por pouca coisa, sabe. Então foi deixando e ele reclama de tudo isso. Por isso é que eu acho que ela realmente teve culpa. Porque ele fala que ele deixou a minha mãe por causa disso... que ela largava muito ele sozinho... que quando ele tava construindo a casa aqui aí que ela largava muito ele sozinho... porque ele ficava aí na construção... ela quase não vinha pra ficar com ele... Então vai acumulando. São coisas que vão acumulando. Eu acho que ela tem uma parcela de culpa nisso.
- 668.W.Z.: Mas a palavra que você usou foi "roubado".
- 669.R.L.M: É (risos).

- 670.W.Z.: Parece que a culpa maior você atribui a essa outra pessoa.
- 671.R.L.M: É. Também. Acho que a minha mãe tem uma parcela de culpa e ela também.
- 672.W.Z.: E ele?
- 673.R.L.M: Ele também. Eu já briguei muito com ele por causa disso. Mas, no fundo, eu não consigo brigar muito com ele.
- 674.W.Z.: Você gosta muito dele...
- 675.R.L.M: É. Sabe aquele "meu pai, meu herói"? Exatamente isso que eu sempre achei. Então, é complicado.
- 676.W.Z.: E ele continua sendo o seu herói?
- 677.R.L.M: Continua. (risos) Por mais que ele tenha pisado um pouquinho, mas continua. Sempre foi um bom pai. Nunca foi ruim. Nunca brigou. Nunca bateu. Dava bronca, lógico, né, todo pai dá bronca, mas nunca, assim, bateu na gente, nem nada.
- 678.W.Z.: Parece, então, que seu laço afetivo com sua mãe é menor. É isso mesmo?
- 679.R.L.M: É. Apesar de a gente morar junto né. A gente mora junto mas é diferente. Tenho que admitir que é diferente.
- 680.W.Z.: E você tem outro irmão, o R., que nasceu quando você tinha quatro anos. E como é que é com ele?
- 681.R.L.M: Nossa a gente brigava muito. A gente brigava muito. Eu não aceitei muito ele quando ele nasceu. Eu queria que a barata comesse ele (risos). A minha mãe que conta. Eu não lembro disso é lógico. Mas eu queria que a barata comesse, que alguém levasse ele embora. Aquela coisa, né, ciúme de criança, né. Mas a gente brigava muito quando era pequeno mas eu não admitia que ninguém batesse nele. Só eu podia bater.
- 682.W.Z.: E batia?
- 683.R.L.M: Batia (risos). Batia mesmo. E se algum garoto batesse nele na rua, eu saía e batia no garoto. Ninguém podia botar a mão nele, nem meu pai. Se meu pai fosse bate nele eu entrava na frente e não deixava. Mas eu podia bater nele. Eu podia fazer o que eu quisesse, eu era a dona dele, praticamente, né. Mas depois a gente cresceu e sempre se deu bem. Me lembro que a gente brigou feio, acho que ha uns dois anos atrás. Ficamos um ano sem se falar. Um ano. Os dois morando na mesma casa. Um não podia passar perto do outro que saía fãisca. Foi uma coisa tão besta. Foi um tremendo de um mal entendido. Aí, eu não sei o que deu nele naquele dia, parecia que ele estava meio maluco, eu sei lá o que deu na cabeça dele... e esse mal entendido virou pro meu lado. Foi um mal entendido com a namorada dele e eu acabei pagando o pato. Aí a gente começou a discutir. Por que é assim, eu sou pacífica até que não me provoquem. Aí, se provocar, Nossa Senhora, daí pra me tirar da confusão é difícil. Aí a gente brigou mesmo, de se grudar os dois. Aí ficamos esse ano inteiro sem olhar um pra cara do outro. Aí depois a gente voltou a se falar e... normal. Hoje em dia a gente se trata normalmente e passou. Mas foi uma coisa tão boba, sabe, um mal entendido. Uma coisa besta mesmo. Aí virou pro meu lado e eu paguei o pato, como sempre (risos). Eu sempre que pago o pato nas confusões. Porque é assim, eu não gosto de ficar discutindo, não gosto de começa a confusão. Mas se eu entrar nela, aí é um caso sério. Se eu entrar numa confusão, aí já perco a noção e eu viro uma doida. Se tiver que voar em alguém eu vôo no pescoço da pessoa. Eu não tenho medo. Mas eu não gosto de começar. Nada. Eu procuro, sabe, deixar pra lá, fazer de conta que eu não tô ouvindo, pra não arrumar confusão.
- 684.W.Z.: E é freqüente que você entre, por uma razão ou outra...
- 685.R.L.M: Não. Até que não mais, né. Isso é quando eu era mais novinha, aí eu até que gostava um pouquinho (risos), de uma confusãozinha de vezes em quando, né.
- 686.W.Z.: Em que lugar era mais freqüente...
- 687.R.L.M: Na escola. Eu discutia muito com as meninas. Eu arrumava muita confusão. Por causa de namorado. As meninas eram muito... nossa... elas ficavam alucinadas por minha causa... que achavam que eu roubava os namorados delas. Mas eu não tinha culpa... nunca fiz nada de propósito, sabe... se acontecia, de eu namorar com um dos namorados das meninas, não era de propósito. Nunca fiz, sabe, de tá namorando pro namorado de alguém, pro marido de alguém. Nunca fiz isso. Mas, não sei, o meu jeito de falar demais, de ser muito assim, brincalhona, às vezes chama atenção... eu nunca fiz nada de

propósito, né, e isso causava muita confusão. E aí, às vezes acontecia de as meninas quererem brigar comigo e, aí, eu não saía fora não, eu não fugia... eu nunca fugi de confusão. Nunca provocava... nunca provoquei confusão nenhuma.

688.W.Z.: E aconteceu mesmo de você ficar com os namorados...

689.R.L.M: Eu namorei com o namorado de uma amiga minha mas ela não tava mais namorando com ele. E eu também não fiz de propósito, né, nunca, nunca passou pela minha cabeça de fazer isso de propósito com alguém. Ficar provocando. Mas é que eu sou muito brincalhona, até hoje, com todo mundo. Se eu tenho amizade com as pessoas eu brinco mesmo. Eu gosto de brincar, fazer festa. Fico inventando coisa pra fazer. Sempre gostei disso. E isso... nossa... sempre causou confusão. Aí no centro mesmo, sempre tinha mulher que morria de ciúmes de mim... e eu nem sabia... fiquei sabendo de algumas há pouco tempo. Aí, pelo amor de Deus... se elas achavam que eu tava... pelo amor de Deus, que aquele lá eu não queria nem de graça. Sabe, umas coisas assim meio malucas... sempre me aconteceu... isso sempre. Desde a época de escola. Sabe, as pessoas achavam que, sei lá, acho que esse jeito meio doidão assim de brincar era pra provocar. Mas eu nunca tive a intenção, isso nunca, de provocar ninguém. E acontecia sem querer.

690.W.Z.: Aí você era colocada na briga e ficava ali...

691.R.L.M: Com certeza.

692.W.Z.: E você se saía bem nas brigas ou...

693.R.L.M: Eu me saía (risos), me saía bem. Eu nunca tive medo. Eu sempre brincava muito de luta em casa.

694.W.Z.: As brigas eram mesmo de...

695.R.L.M: Às vezes eram. Às vezes as meninas vinham encima e eu não ia fugira, né. Se eu fugisse, eu chegava em casa meu pai ia brigar comigo. Meus primos, os mais velhos... eu sou a única mulher da minha faixa de idade... e aí eles vinham na minha casa e eles me batiam sempre. Aí minha avó falou: 'O dia que você apanhar de novo sou eu quem vou te bater'. Aí, desse dia em diante eu resolvi que eu não ia mais apanhar de ninguém e todos os mais velhos apanharam de mim. Os mais novos não... que vieram depois dos mais velhos, esses eu nunca briguei. Mas os mais velhos, todos eu bati. Mas, assim, também eu não provoço. Sabe, não provoço. Até hoje, cê tive que... há pouco tempo, mesmo, a gente foi na chácara do meu irmão, com uma turma de jovens, e tinha uma garota que tava provocando todas as meninas... provocando... provocando. Aí eu resolvi que ia falar com ela e que ia levar ela embora. Ela disse que não ia embora. Ah, não teve dúvida. A menina começou a falar um monte e aí ela me xingou. Ah, foi o suficiente, eu grudei ela pelos cabelo e botei ela pra fora. O pessoal falo 'você é maluca', eu não sou maluca, é que sabe, o sangue vai subindo, sabe eu sou muito impulsiva... se passa do meu limite de lucidez, acabou... aí eu perco mesmo, perco a classe sabe (risos) desço do salto. É assim uma coisa horrível.

696.W.Z.: E essa pessoa fazia o quê, exatamente, para provocar?

697.R.L.M: Ah, as meninas tavam com os namorados e a menina provocando, mexendo com um, mexendo com outro. Era amiga de uma das amigas, lá. Então, era uma pessoa que não devia estar no grupo, sabe... aquela que não faz parte do grupo. Aí o pessoal: 'pô cê foi brigar com a menina. Ela é de uma turma, aí...' E Eu falei; 'e daí... e daí que ela é da turma de não sei da onde. Isso é problema dela se ela quer andar com essa turma eu não quero nem saber'. Só que, tá n minha casa, ali, sabe... passar dos limites não vai passar, não. E até hoje... se passa dos limites, seja lá o que for... eu não admito muito não, aí eu já perco a classe (risos)... É uma coisa muito louca. É um gênio assim, horrível que eu tenho. Isso desde pequena, sempre foi assim. Esse gênio explosivo. E aí vai, né, sem muito controle.

698.W.Z.: Uma coisa interessante que você falou, que eu não sei se você já pensou nisso, mas você disse que, no seu irmão ninguém podia bater... Você podia. Que você não leva desaforo pra casa. E que quando você era adolescente você teve alguns conflitos com algumas colegas porque você era tratada como aquela que roubava os namorados delas. E agora aconteceu o oposto, você diz ter sido roubada.

699.R.L.M: É verdade. Eu não tinha reparado nesse detalhe. O mundo dá volta, né. Eu não tinha pensado nisso não. Mesmo o ato que a gente faz sem querer volta, né.

700.W.Z.: Será que é por isso que você está tão magoada com a situação com seu pai?

701.R.L.M: Não sei, só se for muito inconsciente.

- 702.W.Z.: Você me disse que tem todo um treinamento para vencer as batalhas. Desde pequena, aqueles que batiam levavam depois. O seu irmão também levou, ainda que você o defendesse em algumas ocasiões, ele levou. Depois tem essas meninas que também levaram quando te ameaçaram. Agora não. Agora você ficou sem poder reagir da mesma forma como você já reagiu e você diz claramente que foi roubada, que seu pai foi roubado de você.
- 703.R.L.M: E a minha vontade era de realmente de pega aquela mulher e... (gesticula como torcendo algo)
- 704.W.Z.: E você não fez isso?
- 705.R.L.M: Não porque ela nunca chegou perto de mim. Não sei se passa assim... É isso que eu falei, eu tenho um gênio muito terrível. Eu não consigo me controlar. Eu tento. Às vezes eu tento não ser tão explosiva. Mas não consigo. É bem difícil.
- 706.W.Z.: Em sua casa tem mais gente explosiva?
- 707.R.L.M: Meu pai, apesar de pacífico, se passasse do limite dele... A minha mãe, eu não consigo entender bem a minha mãe, ela grita muito mas ela não consegue resolver o que ela quer resolver, sabe. Ela grita, faz aquele carnaval todo, mas ela perde a discussão.
- 708.W.Z.: Você não gosta de perder.
- 709.R.L.M: Não. Acho também que meu signo não ajuda muito. Áries. Impulsivo, briguento, gosta de ser líder, de mandar, de ter o controle da situação. Eu sou bem assim. Não gosto de ficar atrás por nada. Mas não que eu passe por cima das pessoas. Mas se eu puder, com o que eu sei fazer, com o meu esforço, passar na frente. Mas eu nunca passaria na frente de ninguém, ser líder de alguma coisa, isso não. Isso eu já, apesar de ser muito explosiva... o lado do coração às vezes é mais forte, né. Não consigo, achar que eu vou prejudicar ninguém pra ganhar alguma coisa, isso eu não faria mesmo. Mas se eu puder, com o meu esforço, sabe, com a minha, com meu conhecimento, ser líder de alguma coisa, eu prefiro.
- 710.W.Z.: E no terreiro você é líder.
- 711.R.L.M: Lá eu fui meio que obrigada... é o único lugar que eu não gostaria de estar à frente. Mas, assim, em casa, eu gosto sempre de dar a última palavra mesmo. É muito complicado.
- 712.W.Z.: Quem mora em sua casa? Você...
- 713.R.L.M: Eu, meu marido, as minhas três filhas, a minha mãe e agora o R., meu irmão, ele veio de Recife, tava morando lá, veio pra cá, então...
- 714.W.Z.: Quantos anos têm suas filhas?
- 715.R.L.M: Eu tenho uma de dezessete, que também é ariana, assim, bem que nem eu. Tenho uma de quinze. E tem uma de onze, também é ariana e tem o mesmo gênio. Agora você imagina o que é aquela casa. (risos)
- 716.W.Z.: E que é aquela casa?
- 717.R.L.M: É uma confusão. (risos) Porque assim, é lógico que como mãe eu tenho que impor algumas regras que, as duas, como arianas, não aceitam regras, né. Não aceitam muito, então fica aquela polêmica. Mas apesar de tudo, elas ainda me ouvem, né... Apesar da a de dezessete ser meio rebelde, porque é adolescente... ser adolescente não ajuda muito, né... é uma fase meio complicada da vida, né... ainda assim, ainda dá pra controlar um pouquinho.
- 718.W.Z.: E com o seu marido, como é que é. Ele não é ariano? (risos)
- 719.R.L.M: Não ele é de escorpião, mas também é complicado. A coisa é meio complicada, a vida foi muito difícil. Tem muitas coisas erradas que ele já fez... e é uma situação bem, bem complicada. Ele... a gente tinha um ano e meio acho de casados... ele tava na faculdade aí começou a usar drogas.
- 720.W.Z.: Que tipo de droga?
- 721.R.L.M: Cocaína. E por um bom tempo eu não sabia porque esse lado da vida eu não conhecia. Nunca tinha visto droga. Nem maconha, nem nada. Eu nunca tinha visto nada. Eu não bebo, não fumo. Eu nunca experimentei um cigarro e nem bebida. Meu pai sempre ensinou a gente que isso era errado, que isso não podia, então acabou. Se ele falasse que não servia, que não prestava, a gente obedecia... tanto eu como o meu irmão. Ele também não fuma nem nada. Às vezes ele toma uma cerveja, também morando lá no nordeste, muito calor. Mas a gente nunca... eu pelo menos, não conhecia. Aí fiquei sabendo. Aí foi aquela confusão, sabe. Porque ele sumia dias. E eu não sabia o que que era. Assim, bem tontona,

né... do jeito que ele ficava, mas eu não conhecia. Como eu podia sabe que aquilo era um sintoma.. que ele fazia isso, né. Eu não tinha noção nenhuma, mesmo. Aí, ele ficava lá em casa... E aí foi difícil, pra ele ficar lá no quarto, sem que as meninas percebessem... ele deixava as meninas sair, sabe... começaram a ficar numa idade mais adolescentes... deixava sair... de doze, treze anos. Aí eu não gostava disso e aí começou, né, aquela confusão. A gente começou a brigar muito por isso. Aí eu sabia que ele usava mas eu não tinha como tirar ele disso porque ele já tava há muito tempo. Eu conversava mas não adiantava nada. Sabe que isso não resolve, né, pra quem já está num estágio avançado, não é conversando que vai resolver, né... E a vida foi sempre difícil por isso. A gente tinha as coisas e perdia. Mudava daqui, mudava dali, sabe, fica a vida meio chata. E acho que há uns quatro anos atrás ele teve derrame... por causa da droga. Teve derrame, ficou um mês no hospital. Aí ele perdeu o movimento do lado esquerdo. Aí ele não andava. Aí ficou fazendo fisioterapia... aí também eu já tinha perdido interesse... eu já tava cuidando dele por dó mesmo. Porque ficar sofrendo um tempão não é possível alguém manter um sentimento de carinho pela pessoa sofrendo tanto. E aí, até hoje... a gente briga. Agora ele bebe. Olha a minha situação. Uma loucura. Ele bebe, toda hora tá de porre, e faz aquela confusão. É horrível, minha situação é horrível. A meninas ficam vendo isso, sabem que ele teve derrame por isso. Eu não escondi nada. Esconde por que? Elas tem que saber porque, pelo menos, se tiver alguma coisa pela frente, assim, elas vão evitar pra cair numa dessa que nem o pai. E hoje em dia... agora ele bebe, praticamente todo o dia. Então é terrível, bem terrível mesmo.

722.W.Z.: Ele continua sem movimentos?

723.R.L.M: Só do braço esquerdo. Com fisioterapia ele começou a andar. Ele tá dirigindo, mas o carro dele parece uma sanfona de tanto que bate porque dirige bêbado. Já viu, né. É terrível, terrível. E a gente vai levando. E eu já falei pra ele seguir o caminho dele, e tudo, mas do jeito que ele tá ele depende de mim pra tudo. Pra toma banho, pra se vesti. Aí ele não quer ir embora. É lógico, né. Não vai ter quem faça isso. Então a situação vai assim, vai levando e para mim é muito terrível.

724.W.Z.: Ele trabalha?

725.R.L.M: Trabalha. É ele quem sustenta a casa, viu. Ele sempre... sempre trabalhou. Apesar de tudo isso ele nunca faltou no serviço. Ele sempre foi errado, mas nesse ponto, ele nunca deixou faltou nada pras meninas. Sempre trabalhou. Se ele sumia assim à noite, de manha ele tava no serviço. Sempre trabalhou, mesmo de cadeira de rodas, que ele ficou um tempo, ele trabalhava. Ele ficou o quê? Uns dois meses sem trabalho e depois voltou a trabalhar. Ele tem esse lado bom. Mas é terrível. Terrível. Uma vida bem tumultuada. Mas ele tem esse lado bom. Ele tem uma loja, onde ele vende câmeras, vídeos, telões. Sempre mexeu com isso.

726.W.Z.: Você definiria o relacionamento entre vocês como o de marido e mulher?

727.R.L.M: Da minha parte não.

728.W.Z.: Você não tem interesse por ele.

729.R.L.M: Nenhum. Não porque para mim foi muito difícil. Sabe quando a pessoa vai guardando, guardando tudo. Aí eu não consigo ter carinho, assim, para mim isso morreu.

730.W.Z.: Vocês tem uma vida de amigos, ou nem isso?

731.R.L.M: É, quando ele não bebe até que dá, né.

732.W.Z.: Vocês compartilham a vidas das filhas? Vocês discutem sobre elas?

733.R.L.M: Mais ou menos. Não sei se a cabeça dele ficou complicada, então tudo ele acha que as meninas estão fazendo é errado. Nada ele concorda. Ele acha que as meninas não tem que sair. Elas não tem que passear. Pra ir buscar ele já fica xingando. Piorou. Não que tenha que soltar as meninas, mas elas tão numa idade que tem que sair, né, passear, e sei lá, ir no cinema, no teatro, tem tanta danceteria pra ir. Então elas vão, né, e ele fica bravo porque acha que a culpa é minha. Sabe, coisas que não tem o menor sentido. E aí se vai falar com ele e ele não entende. Na verdade, para ele, é o mundo dele giro em torno da minha pessoa. Às vezes ele nem liga muito pras meninas. Se elas deitam lá na cama pra ficar do lado dele ele bota as meninas pra correr. É estranho, ficou muito estranho.

734.W.Z.: Ele já era assim?

735.R.L.M: Não, não era. Ele ficou assim depois do derrame, desse jeito. Acha que a única pessoa do planeta sou eu. Ele me liga o dia inteirinho, muitas vezes por dia. Eu não posso sair, eu não posso conversar com ninguém. Se tem algum rapaz e eu conversar... nossa!

- 736.W.Z.: Ele sabe que você veio aqui?
- 737.R.L.M: Não. O pior é que eu sou obrigada a mentir. Se eu falo a verdade... eu não tô fazendo nada de mais... quê que eu tô fazendo, nada... mas se eu falar pra ele que eu viria aqui ele, na cabeça dele ele já ia criar que eu tava tendo um caso, que eu tava saindo. Ah, se eu tivesse tido caso com todos os homens que ele falou, pelo amor de Deus, eu já tinha varrido São Paulo! É uma coisa horrível. Isso é uma coisa que eu nunca fiz, também. Eu nunca trai ele, nunca. Apesar de a gente não se dar bem mais eu nunca fiz isso. Eu sai às vezes com meu irmão, pra aniversário... quando ele tava lá preso no quarto, eu saia... saia com as minhas filhas... com a minha mãe, pra passear, mas sozinha eu nunca sai. Eu nunca fiz isso. Apesar de ele achar que eu fiz, mas eu nunca fiz isso. Sabe, não tá em mim fazer uma coisa dessa. Não conseguiria fazer isso. Sabe, se tivesse que ter alguém, aí, com certeza teria que acabar o casamento porque aí não teria essa coragem, não.
- 738.W.Z.: Você já pensou em acabar o casamento?
- 739.R.L.M: Muitas vezes. Muitas vezes.
- 740.W.Z.: Se ele se fosse, você teria como se manter?
- 741.R.L.M: Não. Não porque ele nunca me deixou trabalhar. Eu estudei até o primeiro colegial, eu não fiz nem o segundo nem o terceiro. Não tenho nenhum curso porque ele nunca me deixou fazer nada. Então eu não teria condições. Às vezes a gente discute e eu digo pra ele ir embora, pelo menos a gente viveria em paz, mas não tem jeito, ele não vai. Eu já tentei muitas vezes que ele fosse embora. Já joguei as coisas dele no carro dele. Eu já cheguei a colocar as coisas dele no portão e ele não vai embora. Ele não sai de dentro daquela casa de jeito nenhum. Não tem jeito. Eu não sei como fazer isso. Não é possível. Eu não consigo entender. Não consigo entender que situação é essa. É uma coisa muito louca.
- 742.W.Z.: Vocês estão separados mas vivem juntos. É isso mesmo.
- 743.R.L.M: É. Mais ou menos isso.
- 744.W.Z.: Um depende do outro...
- 745.R.L.M: É. Eu financeiramente, né. E ele pra tudo. Pra respirar ele depende de mim eu acho. Eu acho isso terrível. É complicado. Se tá vendo, a minha vida dá uma novela, né. Se vê né, que confusão.
- 746.W.Z.: Você acha que tudo tá confuso?
- 747.R.L.M: Às vezes eu acho. Aí que vida louca. Às vezes eu para pra pensar. Meu Deus, quanta confusão. Ai, se eu parar pra pensar minha cabeça fica pior. Aí eu arrumo alguma coisa pra fazer, pra não ficar pensando.
- 748.W.Z.: Por exemplo, o quê?
- 749.R.L.M: Eu pego uma criança pra brincar. Pego o filho de um o filho de outro pra brincar. Vou fazer um artesanato, um tricô, um crochê, sei lá, vou fazer alguma coisa para não ficar pensando nisso. Eu não gosto de ficar pensando. É tudo muito... sei lá... eu não consigo entender... daí pra não ficar pensando eu arrumo o que fazer... ou vou arrumar armário. Só não dá pra mudar os móveis de lugar.. é a casa da minha mãe. Antes eu fazia isso. Eu virava a casa inteira. Trocava as coisas de lugar.
- 750.W.Z.: A casa é da sua mãe?
- 751.R.L.M: É. E como quase tudo é de alvenaria, não dá pra mudar nada... Então eu invento o que fazer.
- 752.W.Z.: Você se considera organizada ou só quando você não tá legal é que você arruma tudo?
- 753.R.L.M: Não, eu sou. Eu gosto de manter a gaveta arrumada. O guarda-roupa. As roupas pinduradinhas direitinho. As minhas coisas, eu sei onde fica tudo, aonde eu guardo tudo. A minha vida é mais bagunçada que meu armário. Meu armário é mais organizado que a minha vida. (risos)
- 754.W.Z.: Você acha que a sua vida é desorganizada?
- 755.R.L.M: Não sei. É complicada. Pelo fato de eu não ter a minha casa. Isso me deixa muito chateada. Eu gostava de ter a minha casa, as minhas coisas. Hoje em dia eu já não tenho, por morar com a minha mãe. Eu acho que tudo ficou meio fora de lugar.
- 756.W.Z.: Vocês tinham casa?
- 757.R.L.M: Tínhamos. Alugada, né. Ele teve dinheiro pra isso. Podia ter comprado uma casa, mas ele não teve juízo. Ele tinha uma boa situação mas nunca teve juízo pra manter nada.

- 758.W.Z.: Desde quando vocês estão morando na casa de sua mãe?
- 759.R.L.M: Desde quando ele teve o derrame. Acho que 87, 88, não, 98. Nossa.
- 760.W.Z.: É até o derrame vocês se davam melhor ou era a mesma coisa?
- 761.R.L.M: Mais ou menos. Depois que eu descobri umas coisas que ele tava fazendo. Sabe, quebra o encanto. Perdi o interesse. Ele me desencantou muito. Aí você vai tendo dificuldade, e você sabe porque você tá tendo dificuldade... Porque é assim, digamos, você tá casada... o cara perde o emprego, aí se tem dificuldade, lógico, você não vai contra a pessoa. Hoje em dia perder um emprego é até comum. Isso não é nada do outro mundo. Mas, você começar a perder as coisas, ter dificuldade por causa da pessoa tá usando drogas é diferente, isso é revoltante. Isso que, sabe, vai passando aperto... eu não vou dizer que eu passei fome, se falar eu tô mentindo, isso nunca aconteceu, realmente não. Tanto que a gente sempre comeu bem, ele gosta de comer. Cada dia um prato diferente. Mas não se vive só de comida também, né. Paz eu não tenho. Isso me faz uma falta terrível. Sabe, poder conversar, passear.
- 762.W.Z.: Vocês passeiam?
- 763.R.L.M: Quando a gente sai é pra ir em restaurante. Aí ele já bebe. Já toma uma caipirinha e aí, pronto, aí já era, sabe. Já estraga o passeio. Ou a gente vai na casa da mãe dele e eu sento lá e ele vai beber então eu já nem vou. É difícil sair. Eu sei que ele vai beber e eu sei o que vai virar. Ele discute, briga, xinga todo mundo. É horrível. Então, esse lado de sentar, conversar, isso não existe. O que eu queria mesmo era paz, sabe, sossego, poder conversar.
- 764.W.Z.: Quando ele não bebe isso é possível?
- 765.R.L.M: Às vezes. Se eu tiver conversando alguma coisa e ele, na cabeça dele, achar que tem alguém na conversa, porque eu tô falando daquela pessoa, já vira confusão. Eu tava conversando com ele do marido de uma amiga minha, que casou há pouco tempo, comentei que ele tava sendo legal e que até lava louça pra ela, tal, que eles tão se dando bem, tal... ela casou agora, há pouco tempo. Nossa, ele já achou que eu tava de olho no rapaz. E hoje em dia é um tormento, eu não posso nem falar nome do rapaz. Se falar, Nossa Senhora! Já vira aquela confusão. Então não tem como conversar. Se vê, um comentário... eu não posso fazer. Então não tem o que conversar com uma pessoa assim. Se fala de futebol: 'Ah, quem, é que gosta de futebol que você sabe tanto de futebol'. Não tem o que conversar com ele, não tem. É bem complicado. Então... Quando ele bebe, então, piorou.
- 766.W.Z.: Que você saiba, cocaína ele não usou mais?
- 767.R.L.M: Eu acho que não. Uma vez eu suspeitei disso e ele disse que não, ele jurou que não, que ele só bebia. 'Bom, além do que quem vai morrer é você, o fígado é seu. O meu fígado, com certeza vai ficar inteiro e o seu vai virar água'. Eu não sei mais o que falar pra ele. Vou falar o que?
- 768.W.Z.: Tratamento você já sugeriu.
- 769.R.L.M: Não quer nada. Não quer. Não segue nenhum religião. Ele também não tem religião. Hoje em dia ele fica falando: 'Meu Jesus. Meu Jesus'. Mas você vê como a coisa é tão falsa, que ele só fala isso pra ficar perturbando, que se ele tivesse realmente... porque ele diz que é evangélico... mas ele não vai em nenhuma igreja evangélica. Então é papo furado. 'Ainda se você fosse, o que importa, né. Contanto que parasse de beber podia ser qualquer coisa'. Eu não ia me importar. Na verdade não tenho nada contra ninguém. Mas você vê que é falso... que ele realmente não tem religião. Quando ele tá apertado ele: 'Oh, acende uma vela lá pra mim'. 'Não, quem tem que rezar é você, não sou eu. Se você não acredita' E assim vai. E ele não acende. O vizinho lá da frente é evangélico e chama ele pra ir na igreja. Eu não tenho nada contra não. Você pensa que ele vai? Ele enche a cara, dorme e não vai com o rapaz. Isso significa que ele não tem mesmo religião, se tivesse ele não ia fazer isso.
- 770.W.Z.: Em relação à sua prática ele faz alguma oposição.
- 771.R.L.M: A gente já brigou muito. Mas eu não ligo. Ele pode falar o que ele quiser. Eu nasci dentro da religião. Que direito ele tem? Nenhum. Acho que ninguém, mudaria o meu pensamento sobre mim, nada. Eu discuto muito. Tem coisas que eu tenho a minha opinião... mas não tem ninguém que me faça mudar... sabe, a minha opinião sobre aquilo que eu penso, eu falo 'não vamos conversar, não vamos discutir porque eu tenho a minha opinião você tem a sua e eu não quero discutir sobre isso'. Eu acho que não dá pra discutir. Ainda bem que ele torce para o Palmeiras e eu também (risos). Decadente mas tudo bem, né. A gente torce pelo mesmo time, pela mesma escola de samba. A gente tem algumas coincidências, mas a respeito de religião.

- 772.W.Z.: Ele já frequentou?
- 773.R.L.M: Não, nunca. Às vezes ele ficava lá na assistência... mais pra me vigia do que pra estar ali sentado assistindo os trabalhos. Ele nunca ligou não.
- 774.W.Z.: Ele entende?
- 775.R.L.M: Ele é esperto, ele entende um pouco da religião. Também ele ouve a gente falar muito. Então muita coisa ele entende. Ele tem a mediunidade dele também só que não usa.
- 776.W.Z.: Que tipo de mediunidade ele tem?
- 777.R.L.M: Ele é muito intuitivo... mas não usa muito não. Religião pra ele não existe... ele não liga pra nada...
- 778.W.Z.: E durante o tempo de namoro, como é que foi? Era bom?
- 779.R.L.M: A gente se dava muito bem. Passeava muito. Ele era divertido. A gente saia bastante pra dançar. Eu não sei que porcaria que ele foi se meter nisso. A gente se dava muito bem. Quando eu falo desse tempo pra ele... ele abaixa a cabeça. Ele nem viu o crescimento das meninas. Tava sempre fora do ar. Então eu sempre tive que fazer os dois lados. De brincar com elas, de conversar, de tá ensinando as coisas... de brigar... de fazer a bruxa também... porque eu sou muito a bruxa. Eu tenho que ficar; 'não, não vai, não faz, não dou o dinheiro... eu não quero que vai, eu não quero que fale com tal pessoa...' Então, eu tenho que ser tudo, muito mais a bruxa.
- 780.W.Z.: Elas reclamam?
- 781.R.L.M: Demais. (risos) 'Mãe, você é muito chata. Você não deixa nada.' Reclamam muito. Mas no fundo elas sabem que no fundo se a mãe tá falando é porque a mãe quer o bem.
- 782.W.Z.: E elas comentam com você sobre o pai?
- 783.R.L.M: Isso para elas é muito terrível. Porque geralmente as filhas são mais ligadas ao pai, né. Têm mais afinidade com o pai. Nossa, para elas é muito terrível. Cada uma se revoltou de um jeito. A do meio, Nossa! Foi a que mais se revoltou. E ela é difícil. Eu levei ela na psicóloga. Ela disse: 'ah, ela não tem nada'. Mas também, acho que não conversou direito com a menina. Ela se recusou a falar com ela, ela fez alguns desenhos lá, e ela achou que tava tudo bem. Não achei que ela tivesse sido legal com ela, não. Acho que ela precisava muito, muito mesmo. Ela é muito assim, revoltada... que ninguém gosta dela... que ela foi adotada... olha a cabeça dela... que ela é diferente das outras... porque ela é mais moreninha e as outras são mais branquinhas, né. Mas, você vê, eu o R., eu sou mais branca e ele é mais moreno, porque minha mãe é mais morena. Mesmo o pai delas, ele não é tão branco. Ele não é moreno nem nada, mas não é tão branco quanto eu. Eu é que sou branca, né. E ela já acha que ninguém gosta dela, que todo mundo briga com ela. E ela é geniosa demais... responde e não quer fazer nada. Tudo que a gente fala pra gente fazer ela não quer. E ela não era assim. Ela era uma menina calminha, sabe, pacata, mas depois do derrame do pai, mexeu com as três. Ficou bem difícil mesmo. Também, descobrir... Elas viram o pai lá caído no chão. Vê a situação que ele ficou, né. Descobrir o por quê de tanta coisa. E não tinham idade suficiente pra agüenta isso.
- 784.W.Z.: Elas falam disso... dele... Pra você?
- 785.R.L.M: Falam, quando estão bravas. Porque ele fica bebendo, né. Aí, só que elas brigam, parece que não têm mais muito respeito. Apesar de eu falar pra elas não tratarem o pai assim. 'É errado, mas afinal ele é o pai de vocês. Não pode fazer isso'. Mas não tem jeito. Ficou muito difícil mesmo. Por outro lado, se eu me separa iria ficar uma situação complicada mesmo. Eu penso muito nas meninas.
- 786.W.Z.: Muito bem, você falou da religião, ou não-religião, de seu marido. Mas e quanto a sua vida religiosa?
- 787.R.L.M: A minha vida espiritual, né. Começou assim, com a minha avó a mãe do meu pai. Ela começou a ter mediunidade, desenvolveu. Ela nunca foi em Pai-de-Santo, fazer cabeça, nada disso. Teve a mediunidade dela e trabalhava na casa dela sozinha com que ela sabia.
- 788.W.Z.: Ela frequentava algum centro, algum terreiro
- 789.R.L.M: Na casa dela. Ela fazia em casa.
- 790.W.Z.: Ela aprendeu com alguém?
- 791.R.L.M: Não. Com ela mesma, com a entidade dela.

- 792.W.Z.: Ela não tinha contato com centros?
- 793.R.L.M: Ela aprendeu sozinha. Depois meu pai começou com a mediunidade. Depois ele casou com a minha mãe e a minha mãe se envolveu com esse meio espiritual, né. Meu pai nasceu nesse ambiente e também começou a trabalhar assim em casa. Depois veio a minha mãe. Depois meus tios, alguns. Teve uma época, que eu me lembro, eu era pequena, que eles faziam trabalho na casa do meu tio, irmão da minha mãe.
- 794.W.Z.: Sua mãe tem quantos irmãos, para eu ter uma idéia da família?
- 795.R.L.M: Quatorze. (risos) Meu pai, por parte da minha avó é filho único. Aí eles trabalhavam lá... eu me lembro que eu era pequena e eu e meu primo... a gente ficava na escada olhando a gira de esquerda porque eles não deixavam a gente ficar lá embaixo. Era um sobrado e a gente ficava assim, no cantinho, olhando. Até que um dia uma entidade descobriu a gente lá e deu uma bronca! Nós corremos e nunca mais a gente foi espiar. Eu me lembro disso direitinho.
- 796.W.Z.: Eles não deixavam crianças participarem da gira de esquerda?
- 797.R.L.M: Não, gira de esquerda não. É que... hoje em dia não é tanto assim, mas antigamente a visão mesmo de quem trabalhava era uma visão diferente da gira de esquerda... como uma coisa mais forte... que não podia ter criança. Hoje em dia a gente já tem uma visão diferente, pelo menos aqui na nossa casa, né. E a gente não podia ficar lá. Mas eu ficava lá espiando... imagina, curiosa...
- 798.W.Z.: Na gira de Preto Velho podia?
- 799.R.L.M: Ah, aí podia ficar! Eles deixavam a gente ficar. E eu gostava muito de brincar de imitar. Ah, eu fazia gira com as minhas amigas. Eu tava sempre fazendo essas coisas, eu era terrível. Aí, na casa que a minha vó morava, lá na rua, tinha um centro, às vezes eu ia lá espiar. Mas eu era danada. Porque não tinha medo. Como eu nasci ali eu não tinha medo nenhum. Eu... eu ficava brincando com isso enquanto eu era pequena. Aí, quando eu tinha dezesseis anos...aí eu comecei a mediunidade. Eu apagava na escola. Quando eu ia ver eu já tava em casa. A molecada me levava me arrastando pela rua. Eu chegava com a perna toda esfolada, o braço esfolado... porque eles não agüentavam carregar e me arrastavam pela rua. Sorte que a escola era perto, senão chegava só a cabeça em casa. Aí eu comecei, com dezesseis anos.
- 800.W.Z.: Isso acontecia com muita freqüência?
- 801.R.L.M: Com muita freqüência. Aí minha mãe começou... aí a gente já não... minha avó e meu pai já não trabalhavam mais em casa... aí esse meu tio, que trabalhava na casa dele, meu tio I., ele começou a freqüentar um terreiro. Aí ele já tava morando aqui na Zona Sul. Aí minha mãe começou a freqüentar, meu pai também freqüentou lá um tempo, acho que uns dois anos. Aí a entidade do meu pai queira que ele montasse o terreiro dele. Aí eu fiquei lá no terreiro mais uns três anos, só eu, com meu tio. Meu pai e minha mãe saíram. Aí, eles tavam trabalhando em casa. Aí era assim, desmontava meu quarto... porque eu dormia com o meu irmão... desmontava as duas camas... montava lá, fazia os trabalhos. Todas as semanas. Eu não me lembro que dia da semana. Eu acho que era de sábado porque como a gente estudava não podia tá demonstrando porque tinha que estudar, eu estudava de manhã. Depois montava tudo pra dormir. Isso foi durante um tempo até meu pai montar aqui a casa. Aí, meu pai construiu a casa.
- 802.W.Z.: Há quantos anos?
- 803.R.L.M: Acho que há uns dezenove anos... que já tem esse terreiro. À principio era no fundo do quintal. Aí ele construiu lá encima, aquele pedaço que você viu, construiu lá e a gente tá lá até hoje. Meu pai que comandava, meu irmão tocava atabaque. Mas aí, por um tempo, meu irmão discutiu com meu pai, não se falavam... e meu irmão saiu. Aí ele fez obrigações no Candomblé. Porque meu irmão é assim gosta de ficar conhecendo tudo. Eu nunca gostei. Eu ficava ali no terreiro mesmo. O que meu pai ensinava eu ia aprendendo. Nunca fui visitar terreiro nenhum. Hoje em dia até vou, né. Não muito, mas até vou. Nunca pensei em tomar conta de nada. Tanto que meu pai falava: 'Um dia vocês vão herdar isso aqui'. E eu falava; 'Ah, eu não. Você vai viver até cento e cinqüenta anos e eu nunca vou ter que tomar conta' (risos) Aí, depois que meu pai saiu, meu irmão tava tomando conta, né. Aí ele foi pra Recife. Aí tive que eu tomar conta do terreiro. Aí, à principio foi complicado porque... cê viu que ali só tem mulher, né... só tem o ogã de homem... sabe como é, mulher com mulher sempre tem aquela coisa, né... aí, no começo foi complicado do pessoal aceitar essa mudança. Primeiro do meu pai pro meu irmão. Já muita gente saiu. Que pelo gênio do meu irmão, muita gente não aceitou e saiu. Aí, depois troca do meu irmão... e eu tive que tomar conta. O pessoal já... mas dessa vez não saiu ninguém. Não por minha causa. Saíram duas pessoas mas não pela troca de comandante. Mas no começo foi complicado... elas tavam meio receosas

achado que eu não sabia fazer, né, pelo fato de eu não ficar me expondo. Eu não ficava 'ah, eu fazer isso, aquilo'. Eu não. Eu ficava bem na minha função mesmo e nunca liguei. Mas sempre tava junto com meu pai. Aprendendo...

804.W.Z.: Qual era a sua função com seu pai?

805.R.L.M: Eu era Doné da Casa... era não, ainda sou. A função é a de fazer a comida do Orixá. Então eu tinha que fazer os pratos dos Orixás, festas... arrumava. E além disso, eu tomava conta da gira de desenvolvimento. Porque eu sempre dei aula pro pessoal, ensinamentos. Porque falar eu falo muito, né. Deu pra perceber. (risos) Então eu fazia isso. Meu irmão não. Meu irmão já é mais assim de tá fazendo camarinha, essas coisas. E eu sempre fiz junto. Então eu sei fazer, mas nunca precisei fazer. Então o pessoal não sabia se eu ia saber fazer. 'E agora, quem vai fazer? Será que ela sabe?' Ficou aquele clima no ar. Aí, como eu sou assim, 'vamos resolver essa conversa', eu disse pro pessoal: 'gente, eu tô tomando conta do terreiro agora, porque o R. está em Recife, se vocês aceitarem, bem, se não aceitar, já sabem qual é a condição porque daqui pra frente eu vou tá tomando conta e o meu jeito é diferente do jeito do R. Ele tem o jeito dele e eu tenho o meu. Eu gosto de fazer as coisas, de tá sempre fazendo. Se vocês não aceitam... eu não posso fazer nada'. Aí, tinha duas gira, a gente teve que coloca uma só porque a gente ficou sem ogã, porque o menino tá trabalhando a noite. Cambono... a maioria tava estudando. Aí, na sexta-feira não tinha condições, né. Então eu falei, vamos juntar, pelo menos no sábado tem um outro ogã, tem cambono, porque as meninas estão aqui... as meninas estão estudando e... vamos fazer uma só. Aí o pessoal concordou. À princípio a assistência tava difícil de vir porque não sabia e de sábado é mais complicado pra todo mundo... mas agora o pessoal tá começando a voltar no terreiro. Mas, assim, o terreiro... é tudo de época. Tem época que o pessoal tá mais apertado, então vai pro terreiro. Ninguém encara como religião... como na Igreja... as pessoas vão todo domingo na missa... vão à missa. No terreiro... Não sei a visão das pessoas... na minha opinião, eu acho assim, eles encaram como um pronto-socorro, sabe. Quando precisa vai lá, é atendido, é socorrido ali e não volta. Aí, quando tem outro problema, então volta. Eu acho que ainda não encaram como uma religião que, mesmo que você não tenha nada você pode ir. Eu não sei também, a maioria dos terreiros, eles não dão assim essa assistência para as pessoas de mostrar, de ensinar, que elas podem vir sem problemas... Pra conversar.. só pra tomar um passe. Eu acho ainda... que ainda tá ainda muito difícil das pessoas entenderem. Eu vejo, conversando com as pessoas... às vezes eu me torno muito chata, de tá falando sempre a mesma coisa, mas eu gostaria que as pessoas vissem com outros olhos. Porque eu mergulho muito de cabeça em tudo que eu faço e exijo que todo mundo faça igual. aí... quando não fazem eu já fico frustrada. Eu tenho muitas idéias na cabeça, muitas, muitas, de fazer muita coisa e as pessoas não me acompanham e eu aí já fico frustrada, eu já fico doida da vida. Mas agora, parece que eu tô conseguindo fazer que as pessoas sigam as minhas idéias.

806.W.Z.: Por exemplo.

807.R.L.M: Eu queria, há um tempo atrás, fazer um grupo de jovens. Depois eu falei, esse grupo pode, depois, ensinar as pessoas da comunidade, quando as crianças tiverem problemas na escola... ensinar a dançar, seu lá, alguma coisa mais divertida, não só aprender. Aí, não consegui, porque não tinha ninguém que me acompanhasse nisso. O projeto miô. Agora, há pouco tempo, eu descobri que tem um hospital que precisa muito de ajuda. Eu falei, 'vamos ajudá'. Mas eu fico me matando sozinha porque ninguém colabora. É uma coisa impressionante, eu não sei nem qual é o sentido da religião na cabeça das pessoas. Na minha, não só me trazer equilíbrio, mas ajudá as pessoas. Então, ninguém me acompanha. Eu sempre olho pra trás e eu tô sozinha. Aí eu falei: 'gente, pede roupinha de nenê pra gente levá no hospital'. Ninguém trouxe nada. Aí eu fui atrás e consegui algumas coisas pra levar no hospital. Agora, eu falei, 'Na festa de Cosme e Damião... arrecadar roupa de criança. Invés de levar doce vamos levar roupa'. Eu já arrumei quatro sacolas de roupa, mas só eu (risos). Então, eu falei, 'Vamos fazê a árvore de Natal de material escolar e cada um dá um pouco, um lápis, uma borracha... a gente ajunta até o Natal e leva pra uma creche'. Vamos ver, essa aí eu lancei sábado. Então, eu tô sempre fazer as coisas, mas parece que eu tô sempre sozinha. Parece que eu não consegui por na cabeça de ninguém.

808.W.Z.: Seu pai era assim, de fazer as coisas?

809.R.L.M: Meu pai sempre gostou de fazer as coisas. Ele nunca chegou a colocar nenhum projeto social no terreiro, não. Eu tô mais arrojada que ele nas idéias. Ainda não consegui. Ainda, mas eu vou conseguir. Eu sou insistente e acho que vou conseguir. Eu insisto demais. Pode ser que não agora. Mas acho que aos poucos eu vou conseguir o que eu quero fazer. Então, eu quero muito e eu tô tentando. Mas você vai ver como é muito diferente o R., a cabeça dele, com a minha. Eu sou mais assim, pro lado do coração. Ele é

- mais racional. Ali, no terreiro, ele pensa em fazer o trabalho dele, se ele tiver que fazer alguma obrigação ele faz, mas pra ele já é o suficiente. Eu já não. Eu já acho pouco.
- 810.W.Z.: Deixa eu voltar um pouquinho na sua história. Você, quando era pequena, ficava olhando a gira de esquerda pela escada. Depois você disse que “apagava” e, depois, acordava e tava em casa. Quanto tempo você ficava ‘apagada’?
- 811.R.L.M: Eu não tenho muita noção, não, de quanto tempo. Não sei se muito.
- 812.W.Z.: Então disseram o quê pra você sobre isso? Que era sinal de mediunidade?
- 813.R.L.M: De mediunidade. Porque na verdade isso aí vem de família. Acho que vai ficando genético. (risos) Porque as minhas filhas também tem o lado espiritual. As três. Acho que a gente vai herdando.
- 814.W.Z.: Elas também “apagavam”?
- 815.R.L.M: Não, elas tiveram isso não. Só a mais velha. Ela incorporou uma vez com sete anos. Foi a que começou mais cedo. Nós fizemos um trabalho num sítio. Ela não tava lá com a gente, ela tava no alojamento, já ia deitar quando ela incorporou pela primeira vez, com sete anos. E hoje em dia elas pararam, as duas. Porque adolescentes, querem passear, né. Mais também vai chegar uma hora que não tem como, vão voltar.
- 816.W.Z.: Depois que reconheceram a mediunidade em você... Você foi trabalhar esse lado espiritual?
- 817.R.L.M: É, a minha mãe me levou lá no centro que ela.. o meu tio tava freqüentando também. Aí eu comecei o desenvolvimento lá. Aí, primeiro a gente começa como todo mundo, né, senta lá na assistência pra tomar passe, aí depois eu passei pra gira de desenvolvimento... fiquei lá um tempo.
- 818.W.Z.: Como é que foi na gira de desenvolvimento?
- 819.R.L.M: É uma gira que não tem assistência, né, e as pessoas ficam ali pra desenvolver as entidades, pra que elas comecem a ter uma incorporação mais segura, até poder se comunicar. Porque não é tão fácil, nem tão rápido que isso acontece. Mas é relativo porque de uma pessoa pra outra é muito diferente. Tem gente que leva anos pra que a entidade consiga falar uma coisa.
- 820.W.Z.: Com você como é que foi?
- 821.R.L.M: Não demorou muito não. Não foi muito demorado, não. Acho que eu tinha sete meses de desenvolvimento e aí o Pai-de-Santo deu a ordem de passe. Eu não entendi muito bem não, mas minhas entidades vinham normalmente, deram o nome e começaram a trabalhar. E tinha muita gente, atendia muita gente.
- 822.W.Z.: Isso significa que, a partir daí você podia dar passes.
- 823.R.L.M: É.
- 824.W.Z.: E com entidades diferentes.
- 825.R.L.M: Isso. Porque a gente tem várias linhas. Algumas não trabalham com passes. Tem algumas que não tem uma comunicação clara. Então elas não trabalham pra dar passes, é só as que tem facilidade de comunicação.
- 826.W.Z.: Caboclo...
- 827.R.L.M: Caboclo, Preto Velho, Boiadeiro, Marinheiro, Criança. E as entidades da esquerda. Seria o Exu e o Pombo Giro. No caso de mulher, geralmente, trabalha com Pombo Giro. Mas tem que trabalhe com Exu. E no caso dos homens trabalham com Exu. O preconceito é muito grande de homem que trabalha com Pombo Giro já olham meio torto, já falam: ‘Esse cara é meio estranho’. Apesar que eu não acho isso. Eu não concordo com essa teoria. Porque se é um espírito que quer se comunicar, o quê que tem a ver se é homem ou não. Senão, como ficariam as mulheres que incorporam um Caboclo, ou um Preto Velho? Iam virá homem? Acho que isso não é certo, não. Um pensamento meio doido das pessoas.
- 828.W.Z.: Me fala um pouco mais daqueles sete meses, quando você estava fazendo o desenvolvimento. Como é que foi? Isso foi já há...
- 829.R.L.M: Bastante tempo. Era complicado no começo. A entidade que eu dava passe tava pedindo que eu fizesse obrigações pra Caboclo e eu não conseguia incorporar direito... e você passa, quando você tem algum problema espiritual que tem que se feito alguma coisa... Você passa por um processo sofrido porque eles querem se comunicar e não conseguem. Então, fica aquela coisa que você acaba sofrendo. Aí, uma vez, eu fiz uma obrigação pra Iemanjá, que é a minha Orixá, sou filha de Iemanjá... quando eu fiz,

- mais racional. Ali, no terreiro, ele pensa em fazer o trabalho dele, se ele tiver que fazer alguma obrigação ele faz, mas pra ele já é o suficiente. Eu já não. Eu já acho pouco.
- 810.W.Z.: Deixa eu voltar um pouquinho na sua história. Você, quando era pequena, ficava olhando a gira de esquerda pela escada. Depois você disse que “apagava” e, depois, acordava e tava em casa. Quanto tempo você ficava ‘apagada’?”
- 811.R.L.M: Eu não tenho muita noção, não, de quanto tempo. Não sei se muito.
- 812.W.Z.: Então disseram o quê pra você sobre isso? Que era sinal de mediunidade?
- 813.R.L.M: De mediunidade. Porque na verdade isso aí vem de família. Acho que vai ficando genético. (risos) Porque as minhas filhas também tem o lado espiritual. As três. Acho que a gente vai herdando.
- 814.W.Z.: Elas também “apagavam”?
- 815.R.L.M: Não, elas tiveram isso não. Só a mais velha. Ela incorporou uma vez com sete anos. Foi a que começou mais cedo. Nós fizemos um trabalho num sítio. Ela não tava lá com a gente, ela tava no alojamento, já ia deitar quando ela incorporou pela primeira vez, com sete anos. E hoje em dia elas pararam, as duas. Porque adolescentes, querem passear, né. Mais também vai chegar uma hora que não tem como, vão voltar.
- 816.W.Z.: Depois que reconheceram a mediunidade em você... Você foi trabalhar esse lado espiritual?
- 817.R.L.M: É, a minha mãe me levou lá no centro que ela.. o meu tio tava freqüentando também. Aí eu comecei o desenvolvimento lá. Aí, primeiro a gente começa como todo mundo, né, senta lá na assistência pra tomar passe, aí depois eu passei pra gira de desenvolvimento... fiquei lá um tempo.
- 818.W.Z.: Como é que foi na gira de desenvolvimento?
- 819.R.L.M: É uma gira que não tem assistência, né, e as pessoas ficam ali pra desenvolver as entidades, pra que elas comecem a ter uma incorporação mais segura, até poder se comunicar. Porque não é tão fácil, nem tão rápido que isso acontece. Mas é relativo porque de uma pessoa pra outra é muito diferente. Tem gente que leva anos pra que a entidade consiga falar uma coisa.
- 820.W.Z.: Com você como é que foi?
- 821.R.L.M: Não demorou muito não. Não foi muito demorado, não. Acho que eu tinha sete meses de desenvolvimento e aí o Pai-de-Santo deu a ordem de passe. Eu não entendi muito bem não, mas minhas entidades vinham normalmente, deram o nome e começaram a trabalhar. E tinha muita gente, atendia muita gente.
- 822.W.Z.: Isso significa que, a partir daí você podia dar passes.
- 823.R.L.M: É.
- 824.W.Z.: E com entidades diferentes.
- 825.R.L.M: Isso. Porque a gente tem várias linhas. Algumas não trabalham com passes. Tem algumas que não tem uma comunicação clara. Então elas não trabalham pra dar passes, é só as que têm facilidade de comunicação.
- 826.W.Z.: Caboclo...
- 827.R.L.M: Caboclo, Preto Velho, Boiadeiro, Marinheiro, Criança. E as entidades da esquerda. Seria o Exu e o Pombo Giro. No caso de mulher, geralmente, trabalha com Pombo Giro. Mas tem que trabalhe com Exu. E no caso dos homens trabalham com Exu. O preconceito é muito grande de homem que trabalha com Pombo Giro já olham meio torno, já falam: ‘Esse cara é meio estranho’. Apesar que eu não acho isso. Eu não concordo com essa teoria. Porque se é um espírito que quer se comunicar, o quê que tem a ver se é homem ou não. Senão, como ficariam as mulheres que incorporam um Caboclo, ou um Preto Velho? Iam virá homem? Acho que isso não é certo, não. Um pensamento meio doido das pessoas.
- 828.W.Z.: Me fala um pouco mais daqueles sete meses, quando você estava fazendo o desenvolvimento. Como é que foi? Isso foi já há...
- 829.R.L.M: Bastante tempo. Era complicado no começo. A entidade que eu dava passe tava pedindo que eu fizesse obrigações pra Caboclo e eu não conseguia incorporar direito... e você passa, quando você tem algum problema espiritual que tem que se feito alguma coisa... Você passa por um processo sofrido porque eles querem se comunicar e não conseguem. Então, fica aquela coisa que você acaba sofrendo. Aí, uma vez, eu fiz uma obrigação pra Iemanjá, que é a minha Orixá, sou filha de Iemanjá... quando eu fiz,

foi uma coisa muito simples, foi uma rosa branca e um vidrinho de alfazema, só isso, que eu entreguei no mar. Pronto, aquele sofrimento acabou. Sabe, esse processo de tá passando mal. Eu chorava tanto que eu molhava o chão, minha mão pingava...

830.W.Z.: Isso na própria gira de desenvolvimento?

831.R.L.M.: É. No começo.

832.W.Z.: Isso durou quanto tempo?

833.R.L.M.: Até que eu fizesse essa obrigação, acho que uns dois meses talvez. Então ficou bem sofrido mesmo.

834.W.Z.: Como é que era, o que você tinha?

835.R.L.M.: Começa assim, a ficar formigando. Você já começa a perder a noção... às vezes você nem enxerga mais com quem você tá falando. Se fica meio dormente e vai dando aquela coisa, assim, parece que você tá saindo... cê não tá mais se sentindo... tanto que, dependendo do caso, se espetar um alfinete a pessoa não sente, porque fica... a entidade toma bem conta, sabe.

836.W.Z.: E no começo é sofrido...

837.R.L.M.: Pra mim foi. Nem todo mundo é assim. É muito particular. Cada um tem a sua história mesmo, cada um sente de um jeito. Tem pessoas que é muito fácil. Muito fácil. Chega lá, incorpora, daí um mês já dá o nome, tá riscando o ponto, é muito fácil. E pra mim não foi. Apesar de eu ter nascido ali, uma coisa que poderia ter facilitado pra mim, mas não foi, isso não influi em nada, sabe, isso não ajuda em nada.

838.W.Z.: Então você sentia formigamento no corpo... no corpo todo?

839.R.L.M.: Mais é nos braços, cê sente nas pernas, assim, uma sensação que não controla. É estranho. É uma sensação bem estranha que você não... perde muito a noção.

840.W.Z.: Perde a noção de tempo? De espaço?

841.R.L.M.: De tudo. Só que você não vê nada...

842.W.Z.: E não se lembra de nada?

843.R.L.M.: No começo é sofrido por isso porque você não fica nem totalmente incorporado nem fica totalmente desincorporado... essa é a parte sofrida da coisa. Quando eles tão querendo se comunicar... tão querendo a incorporação e você não consegue. Aí é que é difícil.

844.W.Z.: E você sentia essa presença de alguma forma?

845.R.L.M.: É, aí você vai sentindo, né, e é uma coisa que não dá pra explicar. Sabe, em palavras não tem como explicar a sensação que a gente sente. É meio difícil de explicar em palavras.

846.W.Z.: É uma sensação física?

847.R.L.M.: Isso.

848.W.Z.: Você chegou a ver alguma coisa ou só sentir?

849.R.L.M.: Não, eu não vi. Porque eu não tenho a mediunidade de visão... nem de audição. E tenho de incorporação e muito, assim, de intuição, mas de... por exemplo, se eu tiver lá no terreiro e eu tiver que falar sobre algum assunto, e se eu senta ali, isso sai e se eu tiver que repetir eu não consigo reproduzir aquilo que eu falei. É difícil repetir o que eu falei. Eu consigo manter um assunto por muito tempo... e se perguntarem sobre outras coisas eu vou falando mas não dá pra parar para dizer: 'agora eu vou repetir'.

850.W.Z.: Isso tudo sem estar incorporada. É uma outra forma de mediunidade.

851.R.L.M.: É, eu mesma falando. Eu tenho essa facilidade de captar as coisas mesmo sem tá incorporada.

852.W.Z.: Nesse processo inicial você, depois que passava aquele momento difícil, quando você já tinha noção de tudo, você sentia o quê? Tinha algum tipo de reação?

853.R.L.M.: À princípio você fica com falta de ar. A respiração fica muito acelerada, o coração também e depois vai diminuindo, mais lento, vai diminuindo e depois passa.

854.W.Z.: Sentia dor de cabeça ou em outra parte do corpo? Sede, fome...?

855.R.L.M.: Não. Não dava nada. Quando a respiração voltava ao normal.. tudo passava.

856.W.Z.: Isso foi durante esses primeiros meses, até você fazer a obrigação à Iemanjá...

857.R.L.M: É aí isso aí melhorou, a incorporação era mais fácil.

858.W.Z.: Aí você começou a incorporar?

859.R.L.M: Isso. Mas eles não tinham dado o nome nem nada.

860.W.Z.: E você "apagava" completamente?

861.R.L.M: Não totalmente... Incorporação de apagar totalmente é raro.

862.W.Z.: Até hoje, com você é assim?

863.R.L.M: É. Isso é raro. São poucas pessoas. A maioria diz que é mais não é.

864.W.Z.: Como é com você.

865.R.L.M: Eu não fico inconsciente total. Muitas das vezes a gente acha que ouviu uma coisa e aí a pessoa vem pra gente e diz: 'Ah, a sua entidade disse isso, isso, pra mim'. Mas você jura que não foi isso que você ouviu. Aí você pensa, será que a pessoa tá inventando ou eu que escutei coisa que não era? Sabe, às vezes é uma coisa complicada. É uma coisa muito delicada. Por isso, no desenvolvimento, as pessoas, sabe... eu tô sempre falando, explicando, porque, se pessoa interfere nisso... é por isso que as pessoas têm que passar por um período sem ter uma ordem de passe porque é responsabilidade demais. Digamos, se você interfere, você fala alguma coisa errada, você tá lidando com outra pessoa, com a vida de outra pessoa. Digamos, você vai lá se consultar, e aí, num acesso de loucura minha lá, que eu interfeiri, eu falo que a sua esposa tá te traindo! Isso aí não existe. Entidade nenhuma diz isso. Porque eles não tem autorização para interferir. Eles podem te ajudar se você pedir. Eles nunca podem interferir na tua vida. Agora, se um médium interfere, imagine, que confusão e não é nada disso. Imaginou, chega em casa dá um tiro na mulher! Então é uma coisa que tem que ter responsabilidade, tem que saber o que está fazendo e tem que ter um desenvolvimento. A pessoa tem que estar mais madura para poder tá atuando no passe. Quando eu tava no meu desenvolvimento eu não tive, assim, o que eu dou pra eles hoje, eu não tive muito... porque aonde eu trabalhava, no terreiro que eu tava indo, o Pai-de-Santo dizia assim: 'Não está na hora de você saber isso. Não está na hora de você saber isso.' Então ele falava só o que ele queria, que era mínimo. Não dava muita chance de aprendizado. Muita coisa você aprende na raça numa condição dessa ou você vai ficar ali por muito e muito tempo sem saber nada. E eu não fiquei muito tempo lá. Eu aprendi mais com a entidade que eu camboneei... porque eu sempre fui muito de prestar atenção. Falava e eu ficava prestando atenção pra eu poder aprender. Então, camboneando eu aprendi muito, sendo ajudante ali da entidade.

866.W.Z.: Antes da ordem de passe você foi cambona.

867.R.L.M: É. E depois que eu fiz a obrigação pra Iemanjá eu comecei a incorporar melhor. Depois de algum tempo eu fui ser cambona... eu não sei quanto tempo depois... Aí, como cambona eu não fiquei muito tempo. Acho que eu fui cambona uns três meses. E aprendi mais sendo cambona que com o Pai-de-Santo. Acho que ele não ensinava muita coisa. Ele, assim, tinha o poder. Ele era o poder. Ele achada que os súditos tinham que ir lá e só bater cabeça pra ele. E ele mantinha esse poder porque ele não ensinava. E quando você passa por isso você não quer que as outras pessoas passem. Então meu pai sempre me ensino isso. As entidades vinham e ensinavam... e eu aprendi com ele que a gente tem que ensinar, não tem que ficar guardando. Guardando o quê? Pra quê que cê tá guardando isso, um ensinamento que pode ser útil pra pessoa? Se vai guardar pra quê? Que utilidade tem se você guardar isso? Não tem nenhuma. Então eu tô sempre explicando, ensinado... eu dô chance pras pessoas falarem, fazer pergunta ou dar opinião. 'Vamos fazer alguma coisa? O que vocês acham?' Então eu vou sempre pela maioria. É lógico que você não vai agradar a todo mundo. Nunca vai ter os cem por cento. Mas se tiver sessenta por cento já tá bom. Então eu dô essa chance pra todo mundo... de perguntar, de falar, de dá opinião. Eu ensino muitas vezes a mesma coisa. Porque é incrível como as pessoas esquecem. Passa um tempo eu volto pra trás: 'como é que faz isso?' Então, tá, 'vou explicar de novo'. Ainda tenho essa paciência, o R. Não tem não. Se ele explicar, aí ele manda você fazer, se não fizer, Nossa! Tá frito.

868.W.Z.: Por exemplo.

869.R.L.M: Se ele explicar a fazer uma assentamento, por mais comum que seja, de anjo-de-guarda, e a pessoa vai e não faz direito, do jeito que ele ensinou, Nossa, vai ouvir! Porque tem muita coisa que o médium tem que fazer, por cada um, individualmente, ou todo mundo junto. E ele ensina uma vez e tem que saber. Eu já tenho mais paciência. Principalmente coisas que são pra segurança nossa, né. Porque a gente pega muita carga, atende muita gente e a gente tem eu fazer alguma coisa particular senão a gente

pega muita carga e já não consegue ajudar ninguém. Pilha fraca não funciona! Então tem que ir recarregando as forças para ir fazendo, um assentamento, uma obrigação, uma camarinha...

870.W.Z.: Você disse que, depois da obrigação para Iemanjá, começou a incorporar melhor. Isso significa que não sentia mais o formigamento, não tinha mais o suor...

871.R.L.M.: Passou tudo.

872.W.Z.: Eu vejo lá no terreiro, tem a música, tem as palmas, tem a ornamentação... E vejo os médiuns se preparando, logo antes da incorporação. E todos sabem, por exemplo, que vai baixar o Caboclo. Como é esse momento?

873.R.L.M.: Tem várias linhas. Cada tem uma vibração diferente. Mas isso você passa a conhecer com o tempo. Você passa o conhecer a vibração da entidade, mas isso é só questão de sentir mesmo, não tem como troca em palavras essa sensação. Você passa a conhecer quem tá perto.

874.W.Z.: Você sente no corpo?

875.R.L.M.: É, sente, sente. Sente que entidade está ali. Um exemplo, eu tenho três Pretos Velhos. Eu sei reconhecer os três, a vibração dos três. Se consegue sentir mas não consegue explicar. Mas isso é só com o tempo de distinguir qual é qual. Porque no começo eles incorporam porque cê tá chamando e a entidade é que vem até pessoa, não é a pessoa que chega na entidade. Com o passar do tempo a gente consegue chegar até a entidade. Mas já aconteceu, há pouco tempo, era gira de Boiadeiro... eu tava com tudo do Boiadeiro, com o chapéu dele e veio a minha criança, mas eu percebi que não era ele, que não era o Boiadeiro. Antes de incorporar. Porque dá pra sentir a diferença.

876.W.Z.: Aí você avisa a cambona?

877.R.L.M.: Não dá tempo, isso é rápido. Nem se tivesse alguma coisa na mão de entregar pra alguém. Já foi. Aí ela vê que não é o Boiadeiro porque também eles já conhecem todas as entidades. Eles passam a distinguir as entidades.

878.W.Z.: Então, o fato de você chamar determinada linha ou entidade não significa...

879.R.L.M.: Não significa muita coisa, não. Não necessariamente vem aquela linha, mas é mais raro. Às vezes também acontece, a gente trabalha pra isso, que vem espíritos que não encontraram luz, tão vagando por aí, às vezes passam por lá e... só entram também se tiverem a permissão pra entrar e, se têm a permissão pra entrar é porque eles querem alguma coisa.

880.W.Z.: Quem permite?

881.R.L.M.: Os mentores da casa, os donos da casa, do plano espiritual. Uma casa que tem a sua segurança, que tem os seus assentamentos direitinho, não tem como entrar quem eles não permitem. Só tem como entrar quem eles permitem. Às vezes pode acontecer de numa gira, você tá chamando Caboclo e, de repente, cai ali, cê sacudi, bate pra lá, pra cá, algum espírito sem luz, que tá procurando caminho. Aí, vem, fala... às vezes fala. Ali vai a doutrina, se vai chega, sabe se ele quer luz, se quer ir pra escola, se quer alguma coisa de bom pra ele. A gente oferece coisas boas pra ele. Para ele poder ser encaminhado, para que ele continue vagando... que encontre o caminho da luz pra não ficar por aí perturbando ninguém. Então, se ele aceitar ele vai. Se não, ele sai e você não pode fazer nada pra ele. Porque você não pode fazer nada contra a vontade de ninguém, nem do espírito. Todo mundo tem a liberdade de escolha, até os espíritos. Se ele escolhe ficar vagando por aí, ele vai ficar vagando, até o dia em que ele reconhece isso e pedir ajuda. Aí ele vai ter ajuda. Aí a gente trabalha não só pras pessoas que vêm pedi, mas também pra esses espíritos.

882.W.Z.: E eles vêm e incorporam em alguém específico ou incorporam em qualquer pessoa?

883.R.L.M.: Em qualquer um.

884.W.Z.: E você também já teve esse tipo de incorporação?

885.R.L.M.: Já. Uma vez me aconteceu e daí foi terrível. Não lembro que linha tava pra incorporar e, de repente, não veio e veio um espírito lá e eu me sentia presa, toda acorrentada com um monte de gente em volta, só que seriam espíritos. E eu tava me sentindo... eles fazem a gente sentir aquilo que a gente sente... e uma sensação muito ruim, dava muito medo porque eu não conseguia voltar. Era horrível. Presa, com um monte rodando em volta. Aí você vai se sentindo tonta, girando, assim, girando então cê via passando assim. Era muito ruim, e eu não conseguia voltar. Esse dia foi difícil e eu fiquei com medo de não voltar.

- 886.W.Z.: Você tava consciente que estava presa, durante a incorporação...
- 887.R.L.M: É, e ele me mostrando aquilo tudo. Eu acho que ele tava nessa condição e ele me fez sentir aquilo.
- 888.W.Z.: Quanto tempo faz isso?
- 889.R.L.M: Acho que uns dois anos. Acho.
- 890.W.Z.: Ficou muito tempo incorporado?
- 891.R.L.M: Eu não tenho essa noção, porque você não tem noção de tempo. Não dá pra saber. Às vezes a gente incorpora e parece que faz cinco minutos e quando você olha pro relógio já faz três horas. E nesse caso, o pessoal me conto, que veio um espírito, que eles conversaram mas foi difícil. Aí quando foi embora eu me sentia atropelada por um trator. Cansaço, parecia que doía tudo. Quando não é a entidade da gente é difícil.
- 892.W.Z.: Atualmente, quando é uma entidade que você está acostumada, você tem algum tipo de sensação depois?
- 893.R.L.M: Não. Normal. Às vezes dá um cansaço, mas é rapidinho e passa.
- 894.W.Z.: Isso depende de médium para médium ou não?
- 895.R.L.M: Depende. Se vê às vezes, que a pessoa sai com dor de cabeça, porque tem gente que tem mais facilidade de pegar carga do que outros. Porque, mesmo tando incorporado fica alguma coisa. A entidade não consegue levar tudo. Depende do dia, tá mais carregado, aí ela não consegue.
- 896.W.Z.: E o contrário, também pode acontecer. De chegar mal e....
- 897.R.L.M: Sair bem?
- 898.W.Z.: É.
- 899.R.L.M: Ah, isso é o que mais acontece. É mais comum você sair bem do que sair mal. Nossa às vezes eu tô com raiva do planeta, sabe. Sabe o dia que cê tá com raiva do mundo? Aí cê entra na gira e sai de lá cantando, sai de lá rindo, conversando. O alívio é grande.
- 900.W.Z.: Me lembro que você, na última gira, tava muito gripada, com coriza. Mas, durante os trabalhos, parecia que não tinha nada. Acabou a gira, a coriza voltou.
- 901.R.L.M: Acontece. E já me aconteceu uma vez com linha de Marinheiro, ele não beber nada e ir embora e eu tá completamente bêbada. Isso sem ele beber nada. Ele gosta de beber vinho e eu, nesse dia eu não comprei. Ele foi embora e me deixou bêbada. Eu fui direto pro banheiro, vomitar. Era horrível.
- 902.W.Z.: Você não bebe nada freqüentemente.
- 903.R.L.M: Não, eu não bebo nada.
- 904.W.Z.: Durante certas giras você...
- 905.R.L.M: A entidade bebe e eu não fico de fogo. E tem uns que bebem bem, coisa que eu não conseguiria. Como a gente tá no espiritual há muito tempo, tem muita história pra contar, né. Uma vez a minha baiana foi fazer um descarrego na casa de uma pessoa e ela usou alfazema e meu braço, no caso, tava cheio de alfazema. E eu não sei o que é que tinha fogo, acho que era vela, e meu braço ficou em chamas. Ela sossegada... ela fez assim (passando a mão direita sobre o braço esquerdo)... tirou o fogo... isso minha mãe que me contou, porque minha mãe tava junto... Não aconteceu nada. Agora, sinceramente, se fosse no meu braço eu teria gritado muito. (risos) Se eu tivesse em plena consciência eu teria gritado, eu ia ficar bem apavorada. Eu não sei... eu não sei como explicar isso. Eu acho que, na verdade, pra que as coisas aconteçam com realidade, você tem que acreditar, ter fé e fazer com amor, trabalhar com amor pra o que você tá querendo fazer. Aí as coisas acontecem mais limpas. Com mais naturalidade e mais limpa. Sabe, quando uma pessoa... que tem muito terreiro, não querendo falar mal de ninguém, mas eu conheço muita coisa, já ouvi falar muita coisa, e já vi muita coisa... que as pessoas não trabalham pensando: 'ele tá mal, devo ajudar'. Não trabalham pra isso. Ele trabalha pra aparecer, pra fazer um nome, pra aparecer na televisão, pra aparecer num jornal. Trabalha pra se promover. E, de repente faz aquele monte de coisa, e põe aí na praça que ele é o bom, que ele é isso... Acho que a intenção não tem que ser essa porque depois pode dar tudo errado. Se você começa a trabalhar com uma intenção muito simples, sabe, sem pretensão de nada, sem querer nada. Você trabalha porque você gosta, porque você tem amor, é sua missão, é sua vida, pode dar muito mais certo. Às vezes cê pode não crescer. Um terreiro assim às vezes não cresce em

número de pessoas, mas cresce em qualidade. Porque se você realmente tá precisando, você vai ter ajuda, você não vai ter um teatro, um carnaval encima da sua pessoa. Você vai ter um atendimento mais simples, mais pessoal, mais humano, mais dedicado. Eu penso assim e conheço muita gente que não pensa assim. Ai é que estraga. Por isso é que o Espiritismo tem uma fama terrível. Mas tem viu, a sacanagem existe mesmo. E eu conheço muito.

- 906.W.Z.: Eu vejo muito a luta de vocês contra mistificação, fora e dentro do terreiro. Dentro do terreiro, como é que se combate isso. Por exemplo, uma pessoa que não está incorporada, mas diz que está?
- 907.R.L.M: No começo, pelo menos lá no terreiro, as pessoas que estão em desenvolvimento, elas sofrem com isso. Elas dizem: 'Ai, Mãe, eu não sei se sou eu ou se é a entidade'. Porque no começo não sabe se é você ou se é a entidade que tá fazendo. Então as pessoas que têm boa intenção, elas tem esse pensamento. Mas as pessoas que não são bem-intencionadas, mesmo que não seja a entidade e seja ele que está fazendo isso, ele se aproveita disso. Daí que você vê, homem que vai dar passe em mulher e já aproveita, sabe, dá uma passadinha de mão, dá uma cantadinha. Isso acontece. Isso acontece, realmente.
- 908.W.Z.: Você, como Mãe-de-Santo, tem como saber se alguém está incorporado ou não?
- 909.R.L.M: Olha, eu não consigo ver, mas eu consigo sentir. Eu vou conversar e cê a conversa... se não tá batendo, não tá no tom... Você sabe. E eu já tirei muita gente de lá. O que é isso, eu faço que ela se sinta muito mal e... Eu nunca cheguei diretamente pra pessoa, mas eu faço ela se senti tão mal que ela não fica. Porque a nossa intenção não é essa. Nossa intenção no terreiro não é essa. Nosso mentor espiritual, que é o Pai Griff, é um médico alemão. Ele trabalhava na parte mesmo médica, ele dava consulta, fazia operação espiritual, que é a entidade do meu pai. Então, ele ensinava que a gente tinha que ser muito correto. Ele sempre ensinou isso. Ele sempre ensinou muita coisa. A gente foi criado e ensinado nessa doutrina. Então a gente não admite que vem uma pessoa de fora da nossa casa bancar o engraçadinho. Não dá... Não dá pra admitir isso. E a gente vê muito isso. Eu sei de cada coisa horrível. Terreiro que Pai-de-Santo que faz gira particular com as mulheres. Ele escolhe... 'essa tem corpinho bonitinho essa pode, aquela ali é muito velha não dá, aquela é gorda não dá'. As bonitinhas participam. Daí você já imagina o que é que sai, né. Então, isso aí não é certo, isso é acabar com a religião da gente. Isso é detonar. Como tem padre também, que faz cada coisa. Esses padres que tão pegando criancinha... quantos! Então não é só na nossa religião. Mas que é vergonhoso é!
- 910.W.Z.: Deixa eu voltar em um ponto. Você me dizia que é muito difícil um médium ficar sem consciência total, sem lembrar de nada e que você perde a noção das coisas. Mas já aconteceu de você não se lembrar de absolutamente nada do que aconteceu?
- 911.R.L.M: Às vezes tem. Às vezes tem incorporação que eu não consigo me lembrar, mas é difícil. No momento das consultas eu sempre acho que eu ouvi, mas a pessoa diz que a entidade falou outra coisa. Isso é que as entidades fazem com a cabeça da gente, que é meio inconsciente, meio consciente, confundindo a cabeça pra que a gente não fique escutando conversa. Mesmo assim, mesmo que a gente escute o real que, nem sei até aonde a gente tá escutando o que realmente a pessoa tá falando, isso tem que morrer ali também. É como uma confissão. Mesmo o cambono, que tá ali do lado, tá ouvindo e consciente. Ele tá ali pra anota e porque às vezes a pessoa não entende o que a entidade tá dizendo... e também pra garantir ao médium que a pessoa não entenda errado e vá acusar o médium de alguma coisa. Por exemplo, cê vai lá se consultar e você faz um negócio errado porque você entendeu errado e toma um chá de 'comigo ninguém pode'. Aquilo é venenoso, cê vai passar mal e pode até morrer. Se vai acusar a entidade e o cambono vai falar: 'Mas ele não disse isso. Eu anotei isso aqui.' Depois, tem gente de má fé pra todo o lado. E tem aqueles que são aqueles mais simples, mais coitadinhos mesmos, que não entenderam mesmo. Mas é meio difícil o negócio da consciência. Acho que a gente tem até certo ponto, não sei direito. Porque às vezes a gente tem uma noção e vai ver... Porque às vezes a gente fica pensando: 'Será que sou eu'. Porque, por mais que passe o tempo, você sempre fica com isso na cabeça. Então, a pessoa chega pra você e diz: 'Oi, a sua entidade falou isso e, não é que é mesmo!' ou 'Olha, passo e aconteceu' e você pensa: 'E aí?' Eu não sabia disso. Aí você vai tendo provas que realmente você tem ali a manifestação e ela é real. Porque, como você ia saber?
- 912.W.Z.: R., deixa eu saber mais sobre essas provas. Você tá me dando um exemplo de alguma coisa sobre a vida da pessoa que passou pela consulta e que você não sabia e que a entidade disse certinho. Seria alguma coisa do futuro...
- 913.R.L.M: É. Alguma coisa do futuro, ou alguma coisa material da pessoa, ou alguma coisa que já passou, porque às vezes eles querem dar uma prova, né. Se quer ver, sábado agora foi gira de Caboclo, a minha

cabocla pegou o cocar dela e deu pra uma outra cabocla. A hora que eu desincorporei... eu desincorporei primeiro que ela...Eu tô olhando e ela diz: 'sua cabocla deu pra minha cabocla o cocar. Mas cê sabe que é exatamente assim que ela pediu o cocar? Ela tinha me pedido e eu fui na Casa de umbanda e eles não tinham. Aí tinha que mandá fazê. Mas era exatamente assim.' Eu disse: 'Então tá, tá aí. Ela já deu!' E ela me pediu pra que eu fizesse outro pra ela. Tá vendo, então são coisas que... como eu ia saber? Eu podia saber que ela queria aquilo? Eu não podia saber. E ao longo do tempo tem muita coisa que prova.

914.W.Z.: Pra você isso é uma coisa importante, essa comprovação?

915.R.L.M: É... sempre bom você saber que seu trabalho é real... até hoje continua real. Porque a gente acha que com o tempo você vai perdendo ou cê vai melhorando. Eu pelo menos sou insegura com isso. Apesar de nunca ter acontecido nada de errado. A gente sempre tem... quando a gente quer fazer um bom trabalho, mesmo essa insegurança é bom, pra gente sempre procure fazer o melhor. Acho que a insegurança faz que a gente procure trabalhar as coisas para o melhor. E sempre tem prova. Eles sempre fazer alguma coisa que demonstram que eles tão presentes, que eles fazem, que realmente eles sabem as coisas. Sempre acontece.

916.W.Z.: Além dessas informações que você não teria como ter acesso, tem algum outro tipo de coisa que aconteça?

917.R.L.M: Às vezes, comigo acontece muito... às vezes eu escuto nitidamente: 'vai fazer tal coisa... vai fazer'. Se quer ver uma assim que eu me lembro assim, que é muito claro. Foi quando meu marido teve o derrame... eu... eu ia pra casa da minha mãe de chinelo... eu morava um pouquinho mais ali pra baixo, tinha que subir umas ruas e eu ia de chinelo mesmo. Eu falei: 'não vou bota sapato nada, eu vô de chinelo'. Aí eu escutei assim: 'Não vai de chinelo, não, que é muito feio. Vai de sapato. Não vai de chinelo que é muito feio. Vai de sapato.' E repetindo isso e eu disse: 'Ah, tá bom!' Eu cheguei a responder, sabe: 'Tá bom!' Aí eu coloquei o sapato.

918.W.Z.: E você ouvia mesmo...

919.R.L.M: Ouvia, e foi muito claro...

920.W.Z.: Não era como um pensamento, era bem diferente de um pensamento?

921.R.L.M: Não, não. Era muito claro isso. Aí tá, eu peguei o sapato e coloquei. E eu sempre deixava o chinelo na porta da sala, na porta de entrada da casa... e nesse dia ficou no meu quarto. Ainda vim pra gira... tudo, voltei pra casa, aí dei um lanche pras meninas... elas foram pro quarto delas... eu ia fazer chocolate que eu ia fazer ovo de Páscoa naquele dia... aí o sapato tava me apertando... falei: 'Eu vou por o meu chinelo'... aí tava no quarto... aí foi quando eu bati na porta e ele já tava caído lá... agora cê imagina se eu tivesse ido de chinelo... eu não ia subir... lá pro quarto... e ele caiu atrás da porta e ficou travado entre a porta e a cama... ele prendeu assim e a chave tava virada, porque ele tava tentando abrir e virou a chave e trancou. Então, cê imagina se eu tivesse ido pra casa da minha mãe de chinelo... o sapato não ia me apertar... eu não ia procurar o meu chinelo que aquele dia tinha ficado no quarto.

922.W.Z.: Isso era raro de acontecer?

923.R.L.M: Não, sempre ficava na sala!

924.W.Z.: Nunca ficava no quarto?

925.R.L.M: No quarto não! Ele ficava na sala porque a primeira coisa que eu faço quando eu chego em casa... eu tiro o sapato e ponho o chinelo porque eu não gosto de nada me apertando o pé, detesto. Então... e nesse dia não tinha ficado no quarto! E porque: 'não, vai de sapato, vai de sapato'? Imagina, se não tivesse me avisado... isso foi um aviso. Só que eu não ia adivinhar o porque. Mas eu obedeci e eu fui. Geralmente quando isso me acontece eu obedeço. Eu não sei porque, mas eu tô fazendo.

926.W.Z.: Isso acontece...

927.R.L.M: Ah, de vez em quando acontece.

928.W.Z.: Não é só paras as pessoas que vão se consultar, mas com você também...

929.R.L.M: É, eles me ajudam... graças a Deus me ajudam muito. Porque eles não podem, assim, evitar que aconteça, mas... ele teve o derrame e ele poderia ter morrido sem socorro, né. Imagina, eu ia ficar até de madrugada fazendo chocolate. Eu não ia pro quarto. Então, quando eu fosse pro quarto ele poderia estar morto. Então, eles não podiam evitar o derrame, nem me avisar que ele ia ter um derrame... eles não podem fazer isso. Mas, pelo menos, me fizeram socorrer. Então, tem coisa que não pode ser muito claro.

- Sabe, eles falam de uma maneira que cê só vai entender depois. Então quando tem alguma coisa assim, cê tem que seguira intuição. Se eles falarem: 'Não sai hoje', não vai teimar, né. Se você teimar você pode se dar mal. Então é melhor não ir. Às vezes me dá isso e eu falo: 'Ai, D., não sai hoje não'... 'Eh, mão. O quê que é?'... 'Não, não sei. Algo me diz que não é pra você ir pra rua hoje'. Ela não vai. Sabe, ela não vai nem pra esquina, se eu falar isso. E às vezes isso em mim é muito forte. De tá sentindo que a pessoa não é pra sair. Ah, eu dou um jeito de segurar.
- 930.W.Z.: Para você essas são demonstrações do mundo espiritual.
- 931.R.L.M: É. Eles sempre mostram que estão por aí, que eles existem mesmo.
- 932.W.Z.: Pelo que você falou, a incorporação sempre deixa dúvida, não é?
- 933.R.L.M: É, às vezes é complicado. Hoje em dia nem tanto. Hoje em dia eu tenho incorporação mais segura, mas a gente sempre quer que as coisas saiam direitinho, então a gente sempre tá pedindo, tá rezando, pra que ocorra tudo bem nos trabalhos, que você tenha uma boa incorporação. Você não pode ser confiante sempre.
- 934.W.Z.: Uma má incorporação acontece quando. Quando o médium não está bem fisicamente ou psicologicamente?
- 935.R.L.M: Não, isso de o médium não estar bem fisicamente ou psicologicamente não afeta muito. Para mim não. Mas tem pessoas que influí sim... eu não posso negar isso. Tem pessoas que às vezes não tá bem em casa, ou aconteceu alguma coisa, não conseguem incorporar. Eu não sei, eu já consigo me desligar tanto que... porque se eu fosse me ligar em problemas meus ou da família eu não iria trabalhar nunca porque sempre tem uma coisa. Então eu me desligo ou isso nunca vai dar certo. Eu consigo mas nem todo mundo consegue.
- 936.W.Z.: Então, uma incorporação boa é quando você consegue...
- 937.R.L.M: Se desligar, você tem que se entregar no momento. Se tem que ter consciência que cê tá ali pra se entregar pra aquela entidade pra que ela consiga fazer o trabalho dela... porque ela incorpora porque ela também tem uma missão... assim como eu tenho a minha, de trabalhar no espiritual, ela também tem a dela de atender pessoas. Tanto que tem entidade que seja um certo tempo que elas não vem mais porque ela termina a missão dela.
- 938.W.Z.: Com você já aconteceu isso?
- 939.R.L.M: Graças a Deus não! (risos)
- 940.W.Z.: Por que "Graças a Deus"? É triste?
- 941.R.L.M: É. Você se apega... é alguém seu... da sua família, você se apega. Imagina, o meu Preto Velho... ele vem há muito tempo... cê tem amor. Bom, eu tenho, né. A gente não pode falar em geral... Não pode generalizar porque cada um encara de uma forma. Eu não, eu gosto, eu tenho amor pelas minhas entidades. Eu tenho respeito. Eu sei que eles não podem me dar muita coisa, mas o que eles me dão já conta, já é suficiente. Nossa, se algum deles chegar e falar 'Tchau', nossa, eu vou ficar muito acabada. Eu vou sentir muito. Mas eu já vi entidade se despedindo. Um Preto Velho da S., há pouco tempo, se despediu e foi embora. Uma entidade da minha mãe, uma Cabocla, acho que uma Baiana também. Cumpru a missão não vem mais. Aí vem outra.
- 942.W.Z.: Você recebe quantas entidades?
- 943.R.L.M: De esquerda eu tenho três, e eu tenho a Cabocla... eu tenho Caboclo de Xango, de Ogum, eu tenho Boiadeiro, o Marinheiro, a Criança, três Preto Velho, duas Baianas, e tem a minha Cigana... Ah, se eu esquecer dela eu tô frita. Umas dezesseis, mais ou menos.
- 944.W.Z.: Você já incorporou uma dessas entidades fora do terreiro?
- 945.R.L.M: Já, mas não assim por nada. Quando a gente vai fazer obrigação fora, na mata ou na praia. Acho que, assim, pra atender alguém, só uma vez. Se eu tiver que atender alguém eu prefiro eu mesma atender sem incorporar. Eu consigo. Nem todo mundo consegue resolver o problema sem incorporar. Eu já prefiro porque quando você vai atender alguém você não sabe se a pessoa vai ser agressiva ou não. Aí, se você tá incorporado você vai limitar que a entidade fica limitada aos seus olhos, aos seus ouvidos, ao seu corpo, ao seu braço, à sua perna... Então ele não mais aquele campo amplo espiritual. Quando ele incorpora ele se encaixa à sua matéria, então ele se limita. Então, se ele não tá incorporado eu tenho uma

ajuda maior porque ele tá no campo espiritual. Espiritualmente ele me protege e eu tenho meus braços. Se a pessoa for agressiva aí eu não vou deixar quebrar tudo, né.

946.W.Z.: E isso já aconteceu?

947.R.L.M: Oh, eu nunca peguei alguém assim agressivo assim, mas meu pai já. A pessoa chegou lá amarrada.. toda amarrada... eu não tava lá naquele dia. Aí meu pai atendeu.

948.W.Z.: Incorporado?

949.R.L.M: Sabe, eu não sei se foi o meu pai mesmo que atendeu ou se foi o Pai Zeferino, eu não sei. Eu sei que a mulher chegou lá toda amarrada, louca. Aí ele mandou desamarrar e a mulher pulou que nem pipoca. E se não segurasse ela tinha quebrado tudo. E depois sarou. Ele atendeu e ela sarou. Aí, começou trabalhar no terreiro e ela nunca mais teve isso.

950.W.Z.: Você falou de entidades que se despedem e não retornam mais. Mas você já viu alguma entidade sua incorporar em outra pessoa ou soube ou viu que ela incorporou em outro terreiro?

951.R.L.M: Eu não vi porque também eu não fui a muitos terreiros por aí. Mas pode acontecer.

952.W.Z.: Você sabe se um desses seus quinze, dezesseis, também trabalham em outros terreiro?

953.R.L.M: Isso eu não sei não. O que eu sei é que a minha Preta Velha, a primeira vez que eu incorporei ela, eu ainda tava naquele outro terreiro que eu te falei... ela veio e riscou o ponto, aí veio uma médium de lá, olho e começou a chorar. Era a Preta Velha dela que tinha se despedido, disse que com ela tinha cumprido a missão e passou a ficar comigo... e ela tá comigo até hoje. Eu sei que um dia ela vai e eu vou ficar muito triste porque eu adoro ela... assim como todos os outros... mas eu sei que ela vai. Ela é muito divertida. Quando ela vai embora ela me deixa em alto astral, ela me deixa com a bola toda, toda feliz, toda elétrica.

954.W.Z.: Então fica um pouco dessa força, dessa energia, dessa qualidade de cada entidade...

955.R.L.M: Fica, fica. Por isso que eu falo, se eu não tivesse o terreiro pra me alimentar eu tava frita porque é aonde eu vou recarregar minha energia que... é dura, né, cê viu que a minha vida é dura. Então se eu não tivesse ali pra ter essa ajuda de força, de energia, de vontade de lutar, de fazer alguma coisa, o que eu ia fazer, me fala? Ou eu ia me entupir de remédio pra ficar fora do ar a vida inteira ou ia beber também, né. Mas graças a Deus eu tenho o terreiro que me dá essa força. Eu sempre digo o seguinte, que o terreiro não vai te dar nunca um carro, nem uma casa, nem uma conta no banco. Mas te dá força, te dá vontade, te dá ânimo, te dá vontade de viver, de fazer alguma coisa. Se vê, eu poderia não querer não ajudar ninguém, né. Porque me lasco tanto, porque eu ia querer ajudar alguém, né... Então, mas eu tenho essa vontade de fazer alguma coisa, sabe, vontade de fazer alguma coisa pra alguém que eu nem vou ver depois. Eu tenho essa vontade porque eles me animam. Então, esse ânimo, essa vontade... eu tô sempre elétrica, sempre ligada no 220... (risos) sempre querendo fazer alguma coisa. Não sei se é um pouquinho a fuga também, né, mas... (risos)

956.W.Z.: Eu não tô como seu terapeuta mas (risos)...

957.R.L.M: (risos) Mas você diria isso, não? É, fala 'isso é fuga, você tá ligada no 220 mesmo'.

958.W.Z.: Eu acho que você mesma está dizendo uma série de coisas que são importantes, que o terreiro é também uma espécie de terapia.

959.R.L.M: É. Mas é verdade... porque você chega... às vezes cê tá um lixo, cê tá se sentindo mais baixo que minhoca. Aí cê chega, vai conversar com um Preto Velho, ele te fala coisas que... 'porque que eu tô me sentindo assim?' Sabe, te dá um ânimo, cê fala: 'puxa, eu posso ver as coisas diferente'. Então, o bom disso é, cê chega ali... principalmente Preto Velho, cê vai conversar com ele... sai de lá outro. Se já sai de lá animado... porque eles têm um jeito de ver as coisas bem diferente... te dá palavras que te levanta, esse é o bom da coisa. Dinheiro? Se você não trabalhar, realmente, não vai ter mesmo. E viver do espiritual pra ficar cobrando também não funciona... eu acho que isso não existe. A gente, é lógico, sempre pede uma ajuda porque não tem como manter o terreiro... produto de limpeza, velas... mas também, nada que... sabe, vou fazer um trabalho, vou acender uma vela e cobrar, isso não existe, pelo menos lá, não. Mas eu já entrei num terreiro que na porta tinha um quadro tava escrito assim, bem claro: 'Banho de não sei que, tanto', o valor, 'Assentamento para não sei o quê, tanto'. Mas bem na porta. Então, se você respirasse um pouquinho mais forte, tinha um valor ali. Sei lá até onde ele vai com isso.

- 960.W.Z.: Para finalizar, eu sei que você ainda tem atividade no terreiro... Falando dessa dúvida você disse que existem as provas da existência do espiritual. Mas, mesmo assim, mesmo depois desses anos todos, você tem certeza absoluta de que a entidade está ali?
- 961.R.L.M: Hoje em dia eu tenho. No começo do desenvolvimento a gente nunca tem essa certeza. Mas o que a gente sente é muito forte. Apesar dessa dúvida, que é totalmente natural porque você tá mexendo com uma coisa que é desconhecida, uma coisa que não é visível, não é palpável, uma coisa que a maioria não explica... e como ter essa certeza? Mas o que a gente sente é muito forte. Então, como que a gente ia fingir tanto... já não daria pra você inventar tanto... tudo bem que tem gente que tem imaginação boa, mas acho que não chega a tanto. Aí vêm as provas. Não que a entidade fique dando provas par os outros. Sabe, se você duvida, aí já é um problema seu. Agora, eles dão prova pro próprio médium. As outras pessoas acreditam se quiserem. Ninguém é obrigado a acreditar, como ninguém é obrigado a frequentar. Mas eles dão provas pro próprio médium, para que o médium não desista. Então eles passam a vida toda mostrando, dando a demonstração... porque não é uma coisa que a gente vê, não é uma coisa que a gente pega, não é uma coisa que a gente sente o cheiro... Então, como você vai saber se tá ali ainda, se ele continua do seu lado? Então, eles vão te mostrando que eles tão ali, que eles existem. Porque não seria possível acontecer tanta coisa da imaginação da gente. Por exemplo, como ia acontecer, no dia que ele teve o derrame, como que eu ia criar essa situação de não ir de chinelo, se eu queria ir de chinelo. Como eu mesma, com minha imaginação criar isso? Não tem. Então prova que é real. Como muitas outras coisas que assim se não vai lembrar porque são anos e anos e acontecem muitas coisas e que vão provando pra gente que eles continuam presentes, tão lá. E a sensação, eu vou te dizer, é forte. Não tem como inventar, como também não tem como explicar. É que nem amor. Como você explica o seu sentimento de amor? Você pode traduzir em palavras essa sensação? Não tem como explicar. E a incorporação é igual, não tem como explicar. Porque é um sentimento, uma sensação. Algo que você tá sentindo na hora. É complicado. É um assunto que cada um tem uma visão diferente então dá muito assunto.
- 962.W.Z.: R., Eu agradeço muito a sua disponibilidade de falar da sua vida, falar de seu conhecimento. Tenha a certeza de que o que você me falou hoje vai ser muito importante pra minha pesquisa, mas também para que as pessoas conheçam mais a sua religião.
- 963.R.L.M: É o que eu tenho em mente também. Mostrar para as pessoas que a gente pode ser honesto, pode ser verdadeiro. A gente não precisa fingir. Porque tem muita coisa errada.

R.M.S.

- 964.W.Z.: R., antes de mais nada eu gostaria de lhe agradecer por ter atendido à minha solicitação e vindo até aqui. Como você sabe, estou pesquisando a mediunidade dos médiuns do seu terreiro. A Umbanda foi a sua primeira religião?
- 965.R.M.S.: Não, a Umbanda, desde pequena eu freqüento. Eu nunca trabalhei. É o primeiro centro espírita que eu tô trabalhando. Eu freqüentava porque a minha família já freqüentou outros lugares. Aí depois eu fiquei muito tempo afastada sem freqüentar outro lugar. Aí minha mãe teve um problema de saúde, teve um derrame e aí a gente recorre a tudo. A gente vai à Igreja Católica, a gente vai a igreja de crente, onde disserem pra você que tá curando você vai atrás. E eu freqüentei muito, eu ia em Igreja Católica, freqüentei mais ou menos uns dois anos a Igreja Batista. Depois, através de uma médium da casa, ela sempre me convidava, ela trabalhava comigo e sempre me convidava, "vamo lá, vamo lá". E eu sempre fugindo, fugindo. Aí eu resolvi vir, ela falou pra mim: "Ah, vai ter uma Festa de Cigano, vamos" "Vamos!" Eu vim. Depois tive mil problemas e não pude vir, até que um dia eu resolvi: Ah, eu vou, vou ver". Aí eu fui, comecei a freqüentar e minha mãe com problema de saúde... minha mãe teve uma boa melhora depois que eu comecei a freqüentar aí. Meu pai também bebia muito. Então eu comecei a freqüentar e ela começou a ter melhoras. Meu pai, depois, com o tempo, também começou a freqüentar também... freqüenta até hoje... aí até que.. é lógico, a situação dela se agravou devido ao derrame e ela acabou falecendo, mas isso porque chegou a hora dela mesmo. Meu pai continua freqüentando. Depois que ele começou a freqüentar ele parou de beber, graças a Deus, que ele tinha... assim, não chega a ser um alcoólatra, mas ele bebe demais, é de época depois ele dá uma parada. Depois ele volta a beber... Tem aquelas crises de recaída. Não chega a ser dependente a ponto de não viver sem, mas ele bebe muito. Depois que minha mãe bebeu ele não bebeu mais. Ele tá com uns cinqüenta e sete a cinqüenta e oito.
- 966.W.Z. Eu sei que você está grávida e não está trabalhando porque você está de repouso. Mas você trabalhava como cambona não é?
- 967.R.M.S.: Isso, eu sou cambona, não médium de ordem de passe, mas eu já incorporo.
- 968.W.Z.: Primeiro você veio àquela Festa de Cigano aqui e depois voltou...
- 969.R.M.S.: É, e depois eu vinha toda a semana. Tinham seções na segunda e no sábado aí, mudou pra sexta-feira e aí eu comecei a freqüentar, fiquei um tempo na assistências, fazendo parte da assistência e passava pra tomar passe das entidades, conversava com as entidades, até que um dia uma das entidades me disse que seria bom se eu trabalhasse, que por eu ter mediunidade também eles iriam me ajudar muito e também ajudaria outras pessoas também, aí eu resolvi trabalhar. E pra mim, depois que eu comecei a trabalhar, embora eu não dê ordem de passe, eu só incorpore no aprendizado, ainda, eu não sei, a minha vida melhorou muito, sabe, me sinto mais calma, mais tranqüila. As coisas em casa, achei que melhorou muito também. Então eu gosto, eu acredito, tenho muita fé nas entidades, eu acredito muito e tô aí até hoje.
- 970.W.Z.: Sua primeira vez num centro...
- 971.R.M.S.: Fui levada por uma tia, eu tinha uns sete anos. Eu sempre tive medo, na verdade, da Umbanda, porque eu freqüentei muitos lugares que eram bem diferentes da casa onde eu freqüento hoje. Porque a casa onde eu freqüento hoje a gente trabalha com entidades de esquerda também mas eles são todos doutrinados. Eles vem, eles não falam palavrão, eles não agridem as pessoas e, normalmente, em outros lugares que eu freqüentei, a gente vê muito isso. Você vê eles tomando sangue de animal, você eles xingando e eu sempre tive muito medo, principalmente da gira de esquerda, eu tinha medo mesmo, não gostava, justamente por isso. Mas aí, eu acho que eu me identifiquei mais com a casa por isso. Porque as entidades têm muito respeito com a gente. Quando é gira de esquerda eles não falam palavrão, eles não tratam a gente mal. Eu não sei se você já chegou a ir em outros lugares, mas existem muitas diferença. Eu vejo. E resolvi ficar. Vai fazer quatro anos que eu estou ali.
- 972.W.Z.: E então, as entidades diziam que você deveria trabalhar e você começou a fazer parte da gira de desenvolvimento? Há quanto tempo?
- 973.R.M.S.: Isso, faz uns três anos, mais ou menos, depois de quase um ano na assistência. Eu vinha toda semana, toda a segunda feira, depois passei a vir no sábado, que era a gira de desenvolvimento da gente.

- 974.W.Z.: Antes de ter essas informações dessas entidades, você sentia algum tipo de sinal de mediunidade?
- 975.R.M.S.: Eu sempre tive muito problema com mediunidade mesmo porque meu pai bebia muito e ele vinha dos bares muito carregado, nervoso, tumultuado, então tumultuava um pouco a casa. E quando eu comecei a descobrir que eu tinha mediunidade, foi quando eu ia na igreja de crente.. porque eu freqüentava a igreja e quando eu voltava da igreja às vezes eu incorporava em casa. Então eu tinha crises, eu quebrava tudo, eu chorava muito, eu entrei assim, num certo conflito. Aí eu até parei de freqüentar porque eu tinha medo. Eu freqüentei foi a Deus é Amor. Eu tinha uns quatorze anos. Essas igrejazinhas de bairro, portinhas... vai pouquinho gente. Então eu comecei a ter problemas aí, eu não dormia mais, eu via vultos em casa, chegou um dia também... eu cuidava de uma menininha, ela tinha mais ou menos um aninho e pouco... e eu tava em casa e eu sentei pra ler a Bíblia, como eu freqüentava, eu todo dia sentava lia, estudava um pouco. Eu fui fazer isso e de repente eu parei, e resolvi por a menina pra dormir, e resolvi por ela na minha cama. Aí eu fiquei num tipo de transe porque eu sabia que eu tava acordada, meu corpo tava acordado, mas assim, eu tava acordada e eu apanhei muito nesse dia, não sei te dizer de quem, mas eu apanhei muito eu gritava, eu gritava... uma prima minha tava comigo, e eu via ela na minha frente e ela não conseguia me ajudar porque ela não me ouvia. E eu fiquei assim, um bom tempo naquilo e quando eu ia na igreja, toda a vez que eu vinha da igreja eu comecei a entrar nesse transe, nessa luta e aí eu falei que não ia mais. Eu apanhava. Eu cheguei a ficar, às vezes, eu fiquei com marcas no rosto de agressão e aí eu parei, achei que eu tivesse ficando louca. Aí eu falei pra minha mãe, que na época era viva ainda, que eu não iria mais na igreja e me afastei. Resolvi que não era aquilo e quando minhas tias iam pro centro, às vezes eu ia. Não era sempre, porque era muito longe, no Belenzinho e eu morava na Raposo Tavares. Eu freqüentei por um tempo também e depois parei. Nesse tempo eu melhorei bastante, eu não via mais nada. Eles me diziam que eram espíritos que andavam com meu pai. Eu ia na igreja e sempre tive vontade que ele parasse de beber... porque isso prejudicava minha mãe, prejudicava eu, meu irmão, então eu sempre tive muita vontade que ele parasse, e eles diziam pra mim que isso eras os espíritos que ele às vezes ia pra bares e esses encontros se aproveitavam da fraqueza dele e ele acabava trazendo pra dentro de casa e a gente entrava nesse conflito. Por eu tá freqüentando a igreja a gente entrava nesse conflito direto. Meu pai às vezes se queixava mesmo. Às vezes ele aparecia com as pernas marcadas. Até uma vez, ele conta pra gente que uma vez ele começou a ir nessas reuniões... porque minha tia recebia as entidades em casa... Então eu lembro que uma vez, uma entidade da minha tia, um Baiano, falou pra ele que não era pra beber mais que não queria mais ver ele num bar e que se ele fosse ele ia pegar meu pai. Aí passou e meu pai um belo dia, bebeu, bebeu, e diz que quando ele chegou em casa ele chegou com uma marca de chicote na canela e ele conta que ele não viu ninguém, que ele sentiu apenas e escutou o estalo e caiu e depois apareceu. E realmente ele mostrou pra gente. Aí a gente começou a freqüentar. Freqüentamos bastante tempo. Aí a gente teve que se mudar e aí paramos. E assim, a gente teve muitos problemas quando a gente parava porque aí ele voltava a beber, as coisas começavam a ir de mal a prior, ele perdia o emprego. Sabe, assim, a gente consegue se estabilizar quando eu tava freqüentando, ou quando minha mãe freqüentava ou quando ele começava a freqüentar.
- 976.W.Z.: Depois, por orientação das entidades, começou a se desenvolver? Como foi o começo.
- 977.R.M.S.: O começo é difícil. A gente entra assim... como eu, eu passei por vários lugares, nunca tinha feito desenvolvimento porque eu sempre tive muito medo, porque quando você começa, dependendo do lugar, eles te põe medo: "Pensa bem porque depois que começar, se parar sua vida vai pro buraco", aquela coisa. Então eu sempre tive medo porque eu acho que é uma responsabilidade muito grande. E eu tinha muito medo. Aí eu comecei a vir e aos pouquinhos eu fui desenvolvendo... eu tinha uma certa dificuldade de receber minhas entidades porque eu não deixava, eu ficava nervosa, eu chorava. Aí, depois, vai ficando natural e quando você menos espera.. às vezes você tá numa boa e quando você mesmo espera, eles pegam, você entra no transe e já foi. Quando você vai ver você já tá de volta, então é muito bom. Mas no começo era difícil. A sensação que dá... é difícil explicar, porque cada entidade tem uma vibração diferente. Se é Criança... assim, as que eu mais me identifico, as entidades que eu mais me identifico são as Crianças e uma que em especial eu tenho muito carinho... eu gosto de todas.. mas assim, que eu tenho muito carinho mesmo é a minha Baiana. É difícil explicar pra você, mas a princípio eu sentia.. que eu não consegui me desligar, então, eu sentia vamos dizer assim, uma leveza, uma sensação... como se você fosse pegando num sono. Sabe, você sente que você vai desligando, que você sente que você tá longe... é como se você fosse ao encontro de alguma coisa que você não conhece... é como se você fosse ao encontro de uma estrela, por exemplo, você está num lugar que não tem nada e como se tivesse caminhando sabe, ao encontro de uma luz, de uma estrela, alguma coisa desse tipo. Até que você se desliga. Você sente que você tá ali, mas você não tem forças pra fazer nada. Você não tem controle. Às vezes, a princípio, até

ouvia muito, eu até comentava com a Mãe R., que eu tinha.. eu queria realmente saber se eu tava incorporada porque eu ouvia as pessoas falando comigo, eu ouvia o que eu falava, porque eu achava que eu falava. Então eu tinha medo de eu estar fingindo, de aquilo ser uma criação minha, uma coisa da minha cabeça. Eu tive muita dificuldade com isso. Até que depois eu comecei a cambonear a entidade da Mãe N., e ela passou a me contar o que acontecia. Porque ela fala que ela é médium consciente. Então ela me conta: "Olha R., às vezes, você ouve a pessoa falar e você responde, só que você acha que você falou aquilo, só que na verdade você não falou". Ela passou a me contar o que realmente acontecia. Aí eu percebia que não era aquilo. Porque eu não dou passe, então eu não tenho contato com o público lá fora, é só com os médiuns da corrente. Então eu pedia que ela conversasse com a entidade pra eu saber o que tava acontecendo. Porque eu tinha consciência de que eu falava uma coisa e quando eu voltava em mim ela falava outra coisa. Então aí que eu percebi que não era eu. Então, que não era eu, que eu não tinha domínio. Então, a partir do momento que eu tenho esse encontro, eu não tenho mais esse domínio sobre o que eu falo, sobre o que eu faço... eu não tenho esse esclarecimento.

978.W.Z.: Enquanto você está incorporada você consegue se mexer como você quer?

979.R.M.S.: Não, eu só consigo... o meu corpo só tem controle sobre o que a entidade quer. Se ela quiser andar... porque assim, eu sou muito tímida, eu não gosto de dançar, eu não tenho vício de beber, eu não fumo e as minhas entidades, algumas fumam, outra bebem, outras dançam e muito, coisa que jamais eu faria. Eu gosto muito da minha Baiana porque ela se solta muito. Eu passei a acreditar, a confiar neles justamente pela minha Baiana, pelas atitudes dela, são atitudes que eu jamais faria. São coisa que eu não faria jamais. São coisas assim, que ela vem e dança, ela conversa e eu sou tímida... dançar assim é muito raro. Eu participo muito das festas do centro, mas sempre no meu canto, sou muito reservada, às vezes brinco com um com outro com quem eu tenho mais intimidade, mas também não são todos. Então, aí foi nessas atitudes das entidades que eu passei a ter certeza, porque até então eu achava que era coisa da minha cabeça, que eu imaginava outra coisa, não sei dizer o quê, mas eu imaginava que fosse diferente, que desligasse, que a pessoa, a partir do momento que incorporou, a pessoa não visse mais nada. E pelo fato de eu ouvir às vezes até achar que era eu que tava falando, eu achava que era coisa da minha cabeça, foi o que eu falei pra Mãe N.. Aí foi que ela começou a me explicar que tem médiuns que são conscientes e uns que são inconscientes, que é minoria que são inconsciente, a maioria são médiuns conscientes. Então aí, depois que eu consegui incorporar minha Baiana, minhas entidades foram vindo naturalmente.

980.W.Z.: Você disse que tem entidades suas que fumam e bebem. Você nem fuma e nem bebe?

981.R.M.S.: Não, não fumo e não bebo. Se eu beber um pouco eu fico de fogo, sou muito fraca pra bebida. As entidades bebem e eu não sinto nada. Tem o meu Exu que ele bebe, ele bebe pinga e tem a minha moça, que também é de esquerda, que bebe champanhe. Eu, normalmente, não tenho costume de beber nada. Eu se eu tomo uma cerveja, ou meia cerveja, que seja, eu já fico alegre. Então são coisas que depois que a gente passa a freqüentar e a receber as entidades, depois de um tempo você vê que é aquilo porque até então, você olha de fora, às vezes a pessoa olha de fora, fala: "não, é fingimento". Mas não é não, é assim, é uma coisa séria, que acho que se as pessoas conhecessem bem respeitariam melhor. Não é aquela imagem distorcida... porque muita gente distorce muito. É como eu, enquanto eu freqüentava outros lugares eu tinha medo, eu tinha muito medo, justamente porque a gente via muita coisa. E assim, eu tenho medo do Candomblé em si, eu tenho muito medo. Já não me identifico com o Candomblé. Mas, aí no centro, quando a gente tem alguma coisa do Candomblé eu já não tenho medo porque aí é diferente. A maneira de eles trabalharem com os Orixás é muito diferente de outros lugares. Eles trabalham muito com comida e oferendas, pratos feitos com frutas e em outros lugares você já vê bode, você já vê cabra, você vê coisas feias e eu não gosto, particularmente não me identifico. E também, apesar de tudo, eu tenho medo de incorporar Orixá, porque é mais forte. A incorporação do Orixá é uma desligação total, você se sente em outro lugar. Você não se vê ali, eu tenho mais medo de incorporar Orixá. Até na volta, assim, pra você voltar em si é traumático. Com Orixá, pelo menos eu, eu desligo completamente. Eu não tenho noção de onde eu tô, eu não tenho noção do que tá acontecendo, porque quando a gente incorpora a entidade em si, você tem noção do que tá à sua volta, das coisas que acontecem. Você pode, depois de voltar, você não se lembrar, mas na hora você tem uma noção. E quando eu incorporo Orixá eu não tenho um noção de onde eu tô, do que tá acontecendo... de quanto tempo passa, eu já não tenho essa noção. Com as entidades você já vê as coisas que, na hora, você não... depois que você volta você não lembra, depois de dois três dias, que passa, aí você se lembra. Tem até uma história interessante que foi quando minha mãe faleceu. Minha mãe faleceu, nós estávamos num trabalho de camarinha. E eu tinha pedido licença pro Pai R. porque a gente entrou na sexta-feira e íamos

ficar o final de semana e eu tinha pedido licença pro Pai R. Pra poder sair todos os dias pra poder visitar minha mãe, que ela tava internada. Aí eu passei... a gente entrou na sexta à noite, no sábado fui visitar minha mãe e voltei, aí no domingo, eu... nós acordamos.. eu tava assim meio que passada, não sabia porque. Eu tava assim, desligada, aérea, o Pai R. chegou a chamar a minha atenção. E eu fui, fui levar meu filho até em casa e cheguei em casa e falei pro meu pai que eu não ia visitar a minha mãe. Meu pai falou: "Por que?" "Ah, pai, não vou e ela tá sempre do mesmo jeito, então não vou mais". E, durante todo o tratamento da minha mãe eu nunca fiquei de visitar a minha mãe um dia. Aí meu pai falou: "Vai, porque se você não for ela vai ficar sem visita". Aí eu falei: "Ah, meu Deus, o que eu vou fazer?"... e sentei um pouquinho e me atrasei dez minutos, porque eu chegava no hospital sempre dez para as duas e nesse dia eu cheguei no hospital era duas horas. O pessoal já tinha subido pra visita. E a hora que eu cheguei, a minha mãe tinha acabado de falecer. A minha mãe tinha falecido as dez para as duas da tarde. E assim, eu freqüentava o centro e sempre pedi muito pras entidades da Mãe R., e eu pedia pra todas, que me ajudassem muito que eu não queria ver a minha mãe morrer. Achava que, pra mim, iria ser inesquecível, iria ser assim uma coisa que eu não iria suportar. E eu tinha conversado, no sábado, com a Cabocla da Mãe R.... um sábado antes, aliás, e ela falou pra mim, eu pedi pra ela me ajudar, que me minha mãe tava internada, que ela fizesse o possível pela minha mãe. E ela disse assim: "Olha, minha filha, tem coisas na vida da gente que não se pode mudar. E vai acontecer o que tiver que acontecer". Naquela hora eu senti que a minha mãe não ia viver muito, sabe. E mesmo assim, eu continuava pedindo pra eles. Aí, até na mesma semana, no começo da semana seguinte, teve uma outra gira e eu pedi muito pra Deus que levasse a minha mãe, sabe porque eu tava sendo egoísta, eu tava querendo que ela ficasse comigo mas ela tava sofrendo demais. E eu queria que se... que ele fizesse o que tivesse que ser feito, mas que ela não ficasse sofrendo mais. Aí, quando foi no sábado eu fui, aliás, no domingo eu fui visitá-la e ela tinha acabado de falecer. Quer dizer, eu não presenciei, quem presenciou foi minha cunhada... que minha cunhada nunca tinha visitado minha mãe... e nesse dia minha cunhada foi. A hora que eu cheguei, vi minha cunhada sentada no corredor do hospital, eu já imaginei que minha mãe tinha morrido. Não quis nem entrar. A vontade que eu tive na hora foi a de sair correndo. Aí minha cunhada me segurou, a enfermeira chefe falou comigo, eu entrei no quarto, minha mãe tava de olho aberto, boca aberta. Fechei... e saí. Liguei pro pessoal do terreiro que eu não ia voltar mais pra camarinha. Aí todo o pessoal do terreiro foram tudo pra lá... Pra minha casa. E... aconteceu assim, a gente resolveu tudo o que tinha que resolver pro enterro e na segunda feira foi o enterro dela. Na segunda de manhã. E quando foi a tarde ia ter gira. Eu fiquei na casa da Mãe R. e eu subi pra gira normalmente. Mas assim, eu não sei, foi um dia que se apagou da minha mente. Eu só lembro que foi gira de Baiano e foi o dia que eu recebi a minha Baiana... que foi o dia que eu fiquei mais tempo incorporada com ela. Mas, assim, foi o único dia de todos os dias que eu não lembro o que aconteceu, eu não sabia que eu tinha subido pra trabalhar. O que aconteceu naquele período em que eu subi no centro, em que as pessoas vieram conversar comigo... eu vim a saber depois, muito tempo depois porque eu nem sabia que eu tava lá. Então, assim, eu não sei se foram as minhas entidades... eu acredito que tenha sido, que apagaram um momento da minha vida em que eu tava sofrendo muito. Então, assim, eu acredito muito que, pelo fato de eu tá sofrendo muito naquele dia, eu acredito que eu tenha incorporado, que ela tenha trabalhado e ela não me deixou saber o que aconteceu e simplesmente me apagou. Então esse dia da minha vida eu não tenho lembrança. Por mais que tente lembrar, eu não consigo lembrar. Se você perguntar o que aconteceu, que horas eu subi... eu lembro, depois... eu fiquei sabendo que eu subi porque eu ouvi um comentário de uma filha da casa. Que comentou com uma outra que se tivesse passado pelo que eu passei ela não estaria ali. Foi a única coisa que eu tenho lembrança daquele dia, mas assim, mais nada. Eu não vi, eu não sei quem estava presente no centro... a Mãe R. fala que eu incorporei, que ela dançou, que ela brincou, mas eu não tenho lembrança. Foi um dia que eu apaguei e depois desse dia eu sofri, mas eu sinto como que se eles tivessem curado uma ferida muito grande, como se eles tivessem curado assim, cinquenta por cento aquela dor que eu tava sentindo. Acho que é por isso que eu não tenho aquela lembrança. Eu acredito nisso. Me ajudaram muito. Porque eu sempre fui assim, praticamente sozinha em casa. Meu pai, por ele beber muito ele nunca foi de trabalhar. A princípio eu tive muito problema com isso porque eu tinha o meu filho e eu na época eu era solteira... e eu me desliguei de tudo. Me desliguei do trabalho, não queria trabalhar, não queria ficar com meu filho, quem cuidava do meu filho era a R.... embora eu sentisse saudade dele, tudo, eu não queria ter aquele compromisso de fiar com ele, sabe, eu só chorava, chorava, chorava... e mesmo com a ajuda deles. Então, se eu não tivesse passado por essa experiência, por esse momento que eu vivi ali em cima, eu acho que seria mais difícil essa recuperação. Eu não sei se eles realmente apagaram alguma coisa que eu tenha visto e tenha me magoado, mas eu acredito que sim para que eu não sofresse mais eles fizeram isso na minha vida. Essa é minha teoria. Porque eu sempre cuidei

dela, embora ela estivesse doente, eu nunca desejei que ela morresse, nunca. Eu passei.. eu pedi a Deus naquele dia que levasse ela porque ela tava sofrendo muito, ela chorava, ela gritava, ela tava vegetando, não conhecia mais a gente. Eu pedi pra Deus pra que fizesse o melhor por ela. Porque, pra mim, eu queria que eu ficasse, nem que fosse naquele estado, mas que ela ficasse. Mas a gente é muito egoísta. Eles fizeram da melhor forma possível, pra que eu não sentisse tanto. E pra mim foi muito bom essa ajuda dele. Depois que a minha mãe desencarnou eu tive uma outra experiência com ela mesmo que me ajudou bastante.

982.W.Z.; Se você quiser me contar...

983.R.M.S.: É assim, logo na semana que ela faleceu, a primeira semana, eu passei a dormir com meu pai. Porque é assim, ela tava doente então a gente sempre dormia junto numa cama de casal dormia quatro, porque a gente sempre tava assim, era eu meu filho, ela e meu pai. Agente sempre dormia junto. E depois que ela morreu, eu continuei a dormir com o meu pai, embora eu tivesse o meu quarto, meu e do meu filho, eu continuei dormindo, só que eu dormia no mesmo lugar que era dela. E teve uma noite que eu dormi, quer dizer, que eu deitei pra dormir, e eu senti que ela me abraçou, e ela falava comigo só que eu não entendia, porque ela falava comigo como se ela tivesse acabado... vamos supor, ela teve o derrame e ela não conhecia a gente, ela me conhecia, mas não sabia quem eu era. Um dia ela me chamava de tia, outro dia de vó. Ela me via entrar na casa, ela ficava feliz, só que ela não sabia quem eu era. A única pessoa que ela lembrava era do meu filho, ainda assim ela não lembrava do nome, chamava de menininho. Ela olhava pra mim e perguntava dele. Era só o que ela falava que a gente entendia. Ela ficou confusa assim seis meses. Mas esse derrame dela durou quase dez anos, porque depois de um tempo ela teve um outro derrame e esse outro derrame deixou ela confusa, ela já não reconhecia ninguém. Então, quando ela me abraçou, ela tava assim, confusa. Ela falava, falava e eu não entendia, não entendia nada. E eu fiquei com muito medo e eu queria rezar, pedir pra Deus que colocasse ela em algum lugar, que ela descansasse. Eu não conseguia nem lembrar de uma oração. E eu fiquei muito nervosa, que ela não fizesse aquilo, que eu tinha medo. Aí teve uma hora que eu consegui rezar um Pai Nosso, e me acalmei e senti que ela saiu ali do meu lado. Aí, depois de uns dias, novamente, no mesmo lugar que ela dormia, e eu vi a minha mãe na porta do meu quarto. Aí eu fui na Mãe N, que afinal de contas é a dirigente da casa. Aí eu pedi pra ela: "Ah, Mãe N., eu não sei o que está acontecendo. Eu tô com tanto medo..." Aí a Dona. N. falou: "Olha, R., sabe o que você faz? Você reza pra ela e pede perdão se você fez alguma coisa que magoou a ela, pra ela te perdoar e diz que você perdoa ele se ela fez algum mal pra você que ela também tá perdoada. E explica pra ela que você tem medo e pede pra ela não vim mais te ver". Aí eu fiz isso e ela não apareceu mais. Ela ficou um bom tempo sem aparecer. Até que um dia, eu tava vindo do meu serviço, e eu tava subindo a Antônio Gil, aqui, e eu olhei pro outro lado da rua e ela tava em pé, aqui. Eu entrei em pânico porque nos outros dias eu sentia, eu não via e nesse dia eu vi no outro lado da rua. Ela não falou comigo mas eu vi ela em pé. Eu tava indo justamente pro centro que era dia de gira. Aí eu cheguei na casa da Dona N. assim, em prantos, apavorada. Aí a Dona N. falou pra mim acender uma vela na Casinha das Almas. Aí eu fui, acendi uma vela. Aí a Dona N. tava do meu lado e ela passou um recado da minha mãe. Ela falou: "Olha, R., sua mãe tá pedindo pra você para que você não abra as portas, nem as janelas da sua casa. Pra que você não deixe seu filho andar de bicicleta sozinho" Aí eu não... assim, quanto à bicicleta do meu filho eu entendi, porque às vezes eu deixava ele brincando sozinho ali em frente do prédio e realmente é perigoso, passa carro... eu entendi. Mas, em relação a portas e janelas eu fiquei com medo de assalto. Falei "meu Deus, será que vão assaltar a minha casa?" E passou, aí depois eu comecei a ter umas crises financeiras porque só eu trabalhava e pelo fato de ela ter morrido eu perdi a pensão dela e tava difícil a situação em casa. E eu não sabia mais o que fazer. Eu orientei meu pai a ir no INSS pra receber a pensão no lugar dela. Meu pai não recebia, tava tudo enrolado, a prestação da minha casa atrasando, a gente não recebia e eu sem ajuda da pensão da minha mãe eu não conseguia bancar tudo em casa. Aí, até que eu fui, eu continuei indo pro centro e, vira e mexe eu sentia a presença dela... ela parou de aparecer pra mim mas eu sentia a presença dela, a Dona N. me passava alguns recados. Aí, até que um dia, eu cheguei no centro muito nervosa, chorando muito, porque eu tava com medo de perder a minha casa. Aí ela mandou um recado pela Mãe N. ela disse: "Olha, R., sua mãe disse que é pra você ir no INSS, que não é pra deixar seu pai ir. Que é pra você ir, que você vai conseguir resolver" Aí eu tirei um dia no meu serviço e fui no INSS e consegui, realmente resolver o problema da pensão... porque o meu pai não tava conseguindo. Eu não sei o que acontecia que meu pai levava todos os documentos e não conseguia resolver e eu tirei um dia no serviço e fui e consegui resolver. Resolvi. Depois de um tempo eu coloquei uma moça pra trabalhar comigo dentro de casa. Porque botaram essa moça na rua, e ela não tinha pra onde ir... inclusive era conhecida da Mãe R. E eu com dó, coloquei essa moça pra dentro de

casa. Essa moça me deu tanta dor de cabeça... ela me roubava... ela tirava as coisas de dentro de casa pra vender porque ela usava droga... aí eu descobri porque da minha mãe ter dito que era pra mim fechar as portas e as janelas. Não no sentido de que alguém me assaltaria, mas pra eu não por ninguém pra morar em casa. Depois é que eu caí em si. "Puxa vida. Ainda minha mãe tentou abrir meus olhos"... porque eu já tinha amizade com essa pessoa na época, mas eu não sabia, até então, que tinha acontecido tido aquilo com ela e ela ia precisar de um lugar pra morar. Aí eu caí na besteira de por essa moça na minha casa. E aí, que eu descobri. Consegui por essa moça pra fora de dentro de casa e aí eu nunca mais tive contato com a minha mãe. Eu rezava pra ela... Até que o ano passado, era o ano da exumação do corpo e eu tava sem dinheiro e eu queria muito exumar o corpo. Porque se eu não exumasse ele ia pro ossário comunitário. E eu não sabia mais o que fazer, não tava dormindo. Aí, um dia, eu antes de dormir sempre faço uma oração e fiz pra minha mãe nesse dia. E pedi pra ela que me desse uma luz, que me orientasse no que fazer... se eu fazia a exumação se eu não fazia... Aí eu sonhei com ela. Só assim, que no sonho nós conversamos muito só que eu não me lembro o quê que a gente conversou... eu não me lembrava. Aí eu acordei com aquilo na cabeça... "eu acho que não é pra fazer", pensei comigo. Mas eu queria tanto fazer que eu entrei em contradição comigo mesma. Mas, é assim, é coisa que só eu e ela sabia, ninguém mais sabia. Eu só tinha comentado com ela que eu tinha vontade de fazer. Meu pai que às vezes falava "Não sei por que vai fazer, porque é besteira. Já morreu, acabou" Na mesma semana teve gira novamente. E eu fui, com meu pai e meu filho nesse dia. E eu estava falando com o Marinheiro da Dona N.. aí eu falei pra ele que eu tava muito em dúvida, que eu não sabia o que fazer e comeci a chorar, que eu queria fazer mas que tava sem dinheiro. Aí o Marinheiro foi embora e a Dona N. incorporou a minha mãe. E ela falou pra mim: "Você não lembra o que eu te falei, mas aqui lá acabou, deixa pra lá". (choro) Quer dizer, uma coisa que ninguém sabia. Só quem sabia era eu e minha mãe, eu não tinha comentado com a mais ninguém. Tem gente que não acredita. Teve até mesmo uma filha da casa que tava afastada, voltou agora, que quando eu comentei com ela isso ela disse: "Mas a Dona N. Não sabia?" Falei: "Não, ela não sabia". Eu tinha conversado só com a minha mãe. E outra coisa que ela me disse também... que eu tava fazendo um curso de enfermagem... ela disse: "Filha, vai dar tudo certo. O que eu puder te ajudar, eu vou te ajudar". Aí ela pediu pra que eu chamasse o meu pai... meu pai tava na assistência, ela falou pro meu pai que meu pai tava muito nervoso... e o meu pai tava nervoso porque ele tava com problema de saúde... e ela falou: "Olha, bem, o que eu puder fazer pra te ajudar, eu vou ajudar você, o que tiver ao meu alcance". Ela chamou meu filho, abraçou ele e se despediu dizendo que não podia mais ficar. Foi o último contato que eu tive com ela. Eu agredi muito pra Deus porque eu acho que foi uma benção pra mim porque eu tava num desespero muito grande. Eu fui uma pessoa abençoada de eu ter tido esse espaço de ela ter vindo falar comigo... quanta gente... eu já freqüentei até mesa branca, fui algumas vezes... e quantas vezes a gente vê pessoas que vão durante anos e anos pra receber uma mensagem e não pode, não tem essa permissão e eu graças a Deus eu consegui. Uma pessoa que tá de fora pode até dizer que isso tudo é mentira, mas eu acredito que é a mais pura verdade. Como que a Dona N. poderia saber uma coisa dessa? Se eu já tivesse comentado com ela, poderia ser "Ah, a entidade falou". Mas, não. Ela tinha todos os jeitos da minha mãe: o jeito de abraçar, o jeito de olhar, a maneira de falar. Então, quem conheceu minha mãe, se tivesse ali presente saberia que era ela. Eu tenho sonhos com ela e eu acompanho, vamos dizer assim, a evolução espiritual dela. Cada vez que ela vem, ela vem de uma maneira diferente. A primeira vez que eu sonhei ela tinha dificuldade pra falar ainda. Das últimas vezes que eu sonhei com ela, ela já tava andando com bengala. Eu lembro que a gente... no sonho, ela me abraçava e ela me levava pra um lugar e a gente conversava muito. Eu não lembro o que ela me falava. Mas eu lembro dela em si, me abraçando. E ela já andava. Então, depois, ainda junta o fato de ela ter vindo me falado que estava se recuperando. Quer dizer... e cada vez que ela vem pra mim eu vejo uma melhora dela. Eu realmente acredito muito nisso. Eu tô nessa religião porque eu gosto, eu amo. Hoje em dia eu não me identifico com nenhuma outra. Acho que eu não deixaria o Espiritismo... eu poderia até deixar o Espiritismo, de repente não querer ir mais, mas trocar o Espiritismo por uma outra religião eu não trocaria mais. Eu me identifico muito, tenho muita facilidade... no centro mesmo, às vezes, a Mãe N. diz que eu sou médium de descarrego, porque às vezes vem pessoas com problemas, às vezes até com encosto. Se eu tiver trabalhando, eu muitas vezes, eu acabo pegando a carga dessa pessoa e até incorporando aquele espírito que tá ali às vezes precisando de uma ajuda pra que aquela pessoa se sintam bem... e não porque eu quero, porque eu acho que é um dom meu. Muitas vezes eu vejo que, quando abrem os trabalhos, na corrente, às vezes eu vejo no meio da assistência, quando eu costume tá lá dentro eu olho muito pra assistência, mas não pra assistência, porque muitas vezes ali tem algumas entidades sentadas. Ali às vezes tem muitas espíritos que estão precisando de ajuda.... Não é sempre, mas muitas vezes eu vejo. E às vezes eu tenho

curiosidade de saber quem é. Às vezes chega uma pessoa muito carregada... eu passo mal... eu olho pra trás e já sei quem tá ali. Eu me identifico mesmo, eu gosto.

984.W.Z.: Hoje em dia você incorpora de maneira mais fácil?

985.R.M.S.: É, hoje em dia é bem mais fácil... eu não tenho mais aquele atrito que eu tinha. Eu chorava, hoje em dia eu não tenho nada, eu fecho os olhos, eu chamo por eles e de repente eu já, quando eu menos espero, eu já incorporei. É mais tranquilo pra mim. Até a semana passada, teve gira de baiano, e eu não tô podendo mais incorporar pelo fato de estar com um monte de problema, mesmo assim eu incorporei e dessa vez já foi diferente, uma coisa que eu nunca tinha experimentado, porque eu tava conversando com uma outra entidade, de uma filha da casa, e de repente eu senti que a minha entidade encostou em mim. Aí a entidade da filha da casa falou pra mim: "Olha, se você quiser incorporar, você pega a sua menina mas sem machucar ela porque ela não pode. Você sabe que ela não tá bem". Quer dizer, foi como se eu tivesse fechado os olhos e... eles tem um certo respeito pela gente. Eles respeitam muito, eles sabem quando você pode, quando não pode. Ela não dançou, ela não saiu do lugar e ela é de dançar, ela não para. E depois da incorporação também, tanto é que depois, essa semana, eu me senti bem melhor. Eu não tive problema essa semana e eu costumo, toda a semana, ir pro hospital. No final da gira a Dona N. me colocou na cadeira do Pai Griff e eu passei muito mal, como se aquilo tudo de ruim tivesse saindo. E eu fiquei tonta, me senti mal. Mas depois daquela sensação, eu voltei pra casa outra pessoa. Eu já consegui fazer coisas que eu não fazia há muito tempo, lavar uma roupa, lavar uma casa, andar pela minha casa, porque eu só ficava deitada.

986.W.Z.: R., deixe eu pegar mais algumas informações sobre você. Você teve um filho com uma pessoa e depois você se casou com outra pessoa?

987.R.M.S.: Isso, me casei, agora vai fazer um ano.

988.W.Z. Ele também frequenta o centro?

989.R.M.S.: Não, ele é assim, ele não acredita... quer dizer, ele não acreditava. Ele nunca foi de acreditar é meio ateu. Hoje em dia ele acredita mais. Se a gente vem no centro e uma entidade pedir pra que ele acenda uma vela, ele acende ele faz oração.

990.W.Z.: Você atualmente não está trabalhando por causa da gravidez, mas o que você fazia?

991.R.M.S.: Eu sou auxiliar de enfermagem. Terminei o curso agora, mas ainda não trabalhei na área. Mas já trabalhei como vendedora, já fui recepcionista.

992.W.Z. R., eu quero lhe agradecer muito pelo seu depoimento. Você me deu informações muito relevantes para o meu trabalho. Muito obrigado.

S.R.O.G.

- 993.W.Z.: Você tem quantos anos?
- 994.S.R.O.G.: Eu tenho 29.
- 995.W.Z.: É casada?
- 996.S.R.O.G.: Casada.
- 997.W.Z.: Ele tem quantos anos?
- 998.S.R.O.G.: Também 29.
- 999.W.Z.: Cê tem filhos?
1000. S.R.O.G.: Tenho, duas meninas. De três e dez anos.
1001. W.Z.: Cê tá casada há quanto tempo.
1002. S.R.O.G.: Onze anos.
1003. W.Z.: Você trabalha?
1004. S.R.O.G.: só do lár.
1005. W.Z.: Do lár e tá estudando. Tá fazendo o quê?
1006. S.R.O.G.: Tô terminando a oitava. Quero fazer Pedagogia.
1007. W.Z.: E ele faz o quê?
1008. S.R.O.G.: Ele é segurança.
1009. W.Z.: Você mora...
1010. S.R.O.G.: Eu moro aqui na Sabará.
1011. W.Z.: Como é que começou sua vida religiosa? Como foi o seu primeiro contato com a religião?
1012. S.R.O.G.: Olha, é... Pequeninha a família leva pro católico, Catolicismo, né. Pai, mãe, a gente vai fazer Primeira Comunhão... Eu fiz com oito anos. Aí, eu não me crismei. Mas, só fiz a Primeira Comunhão. Aí você começa a crescer, já vai se afastando da Igreja Católica. Não sei se porque meu pai... muito assim, trabalhou no sempre. Só ficava minha mãe em casa, né. E minha mãe, por causa da minha avó, que é uma pessoa muito religiosa, católica apostólica romana, mas tem um lado espiritual muito grande, assim, que ela lê cartas pra ela. Não gosta de tá assim... Ela mesma, por si só, qualquer coisa, quietinha ela vai lá na família, mexe as cartinhas dela. Eu acho que isso foi levando a minha mãe a conhecer esse lado de... esse lado, vamos dizer assim, do além. Aí, minha mãe começou... Acho que minha mãe, solteira, começou a conhecer. Até depois, quando nós nascemos... somos cinco irmãos, né... e a gente pequenininho... ela ia num centro na Casa Verde. Mas, assim, ia muito leiga. Só de chegar assim na assistência. A gente nem sabia palavras assim: assistência... Minha mãe ia, sentava, tomava aquele passe... Não sabia nem o que era aquilo, se era um Preto Velho, se era um Caboclo, tranquilo... Mas já veio da avó, a curiosidade de querer... Aí eu me casei. Meu irmão E. também se casou. Teve um problema com drogas e um parente bem próximo, da família, foi visitar a casa da gente e falou pra minha mãe: "Olha, eu tô indo num lugar que eu me sinto muito bem. Faz muito bem. Inclusive eu não incorporo, mas é uma Casa de Umbanda muito boa. Por que você não leva seu filho lá". Minha mãe falou: "Faz muitos anos que eu não vou a lugar nenhum. Quando eu ia na Casa Verde... a S. tinha o que, dez anos, por aí...". "Vamos lá conhecer. Vamos numa quarta-feira". Porque aí tinha segunda, quarta e sábado, sábado a tarde, sábado a noite e minha mãe veio na quarta-feira. E ela veio com meu irmão. E assim que ela entrou, ela se apaixonou, né. O terreiro tem uma aparência muito bonita, é raro hoje em dia você encontrar. Então, ela se apaixonou e meu irmão também, com toda aquela dificuldade falou: "Me encontrei e quero freqüentar"... no primeiro dia que ele veio. Aí, ele foi apresentados pelos pais, a mãe, tudo... Começou a freqüentar. Eu táva grávida da minha primeira filha. E minha mãe ia, né, nessa época eu morava com a minha mãe. Ela começou a freqüentar, eu falei: "Eu quero ir." E vim também conhecer numa segunda-feira. também, quando eu entrei, né... eu táva grávida, eu falei assim: "Vou esperar nascer,

mas eu vou, eu quero freqüentar.” Nasceu, entrei, assim, coisa de três meses a G. tinha nascido e eu comecei a freqüentar. Mas, assim, tudo muito leigo. A gente não sabia de nada. Inclusive, hoje, a gente tá aprendendo muita coisa, muita. Depois que o Sr. D. saiu, ficou o R.. Aí o R. viaja muito, ficou a R., a Mãe N.. A gente aprendeu muito ali sozinhos, os filhos mesmos. sou eu, minha mãe e minha irmã que freqüenta aí. Mas já freqüentou meu irmão que saiu. Hoje em dia ele tá com mesa branca. Ele vai muito assistir essas reuniões. A minha irmã mais velha, a R., também praticamente saiu daí como Mãe-de-Santo e hoje ela é evangélica. Ela começou a ir na Igreja Universal tem uns quatro anos. Mas, quer dizer, a família inteira entrou. A não ser o meu pai que não, né, mais severo... Acredita quando ele precisa. Quando ele não precisa ele não acredita, e é assim.

1013. W.Z.: Mas ele tem alguma religião?
1014. S.R.O.G.: Não, quer dizer, ele é assim, devoto de Pe. Cícero. Ele é do Ceará. Ele está com sessenta e um, ou dois e a mãe tá com sessenta. E foi assim que a gente foi conhecendo. Inclusive, hoje em dia, sabe, a gente só vem aqui. Mas foi o que nós falamos pro R., a gente quer conhecer outros lugares, que falam muito, assim, de Candomblé... a gente vê falar, até foi numas festas. É totalmente diferente. Eu gosto mesmo disso aí: Umbanda, Preto Velho, Caboclo, cada um dá seu passe... Dessa forma. Mas é assim: foi paixão à primeira vista. Já tem onze anos. Minha filha vai fazer onze anos em setembro, então é onze anos que eu tô vindo aí, só nesse centro. Agora, tem uns conflitos em casa, de meu marido não aceitar muito, mas... Tá difícil porque isso existe muito, né. As pessoas não acreditam, acham que é mentira.
1015. W.Z.: Ele já esteve aqui no terreiro?
1016. S.R.O.G.: Já. Ele é assim. Ele não aceita muito, não por ele. É pela família dele que são pessoas... são da Itália, são italianos e não admitem de forma alguma. Eles falam que isso não existe, que a gente inventa. E ele agora tá nessa. Escuta um pouco o pai, escuta um pouco o que eu falo, entendeu. Então, tá muito difícil pra mim estar vindo aí. Muito, muito difícil. Tá meio conturbado lá em casa, mas... eu vou levando aos poucos. Ele vem, ele é muito amigo do R., inclusive ele só passa com as entidades do R.. Mas tá meio turbulento, não sei o que está acontecendo.
1017. W.Z.: No começo, quando entrou, você não era médium, ou não sabia, ou não tinha desenvolvido...
1018. S.R.O.G.: Eu não sabia, não. Quando a gente entra a gente não sabe nem o que tá fazendo, até, vamos dizer assim. Mas é impressionante, sabe, aquele toque do atabaque... Inclusive eles falam: “Fecha o teu olho, deixe a tua matéria receber quem tiver que vir”. Vamos supor, na época em que eu entrei, se eu me lembro bem, era uma gira de baiano. E você fecha o olho e a gente se apaga completamente. Inclusive, eu demorei muito pra incorporar. Inclusive eu mais pulava, que eu até falei: “Mãe, não sei o quê que tanto a gente pula, né. Pula, pula, pula, e nada”. Porque você... creio que já tenham falado da incorporação, que você... Não vou dizer cem por cento, né, daquela que você tem a noção, eu tô incorporada mas eu tô vendo. Então, isso confunde muito a pessoa. Por isso que tem muita gente que diz que está com o Caboclo mas não está com o Caboclo. Porque você tem aquela incorporação consciente e tem de cem por cento, vamos dizer, um por cento que incorpora inconsciente. Então é muito difícil. Mas é nessa situação que você não sabe se às vezes quando tô incorporado ou quando não tô incorporado.
1019. W.Z.: Depois que você entrou, isso faz onze anos, quanto tempo passou pra que você soubesse da sua mediunidade, pra que você começasse a freqüentar a gira de desenvolvimento? Como é que foi esse processo?
1020. S.R.O.G.: As entidades que você começa a passar costumam dizer quê que você é médium, você tem a espiritualidade bem próxima, que você precisa se desenvolver, né. Isso cerca de... vai nove meses, só de passe na assistência. Depois, eu entrei pra incorporação que, na verdade, o desenvolvimento, só pulando, como eu já disse, cai e levanta. E cerca também de uns oito meses, por aí, quase um ano, até chegar minha primeira entidade falar. Aí ela vem mesmo, e já fala da onde ela é, que entidade ela é, tudo. Demorou mais ou menos um ano. Aí depois do desenvolvimento você é cambona. Você fica sendo cambona, mas desenvolvendo, né. E fiquei por um bom tempo. É aí que você aprende muito mais. Eu acho que pra nós que somos médiuns, é a melhor época porque você aprende com as entidades. Ela vem, ela te ensina, e você tem que perguntar. Sabe, muitas pessoas não tem noção. Acha que desenvolver... tão ali pra te chacoalhar, pra... Não é assim. Aproveita aquele momento que ela vem, que ela risca o ponto dela, sabe, pra perguntar: “Quem ponto é esse. Pra quê que você risca esse ponto?” E foi nisso que você vai aprendendo, né. Cê aprende muita coisa. Eles vão ensinando, sabe, como você tem que lidar... até

mesmo a própria entidade pega você, puxa o teu Caboclo, teu Caboclo até vem e conversa com eles na linguagem deles, que a gente não entende, né, mas é mais ou menos assim. Eu fiquei quase dois anos, três anos camboneando. Foi quando numa gira de quarta-feira que tinha, que era a Mãe D., que eu recebi a ordem de passe. O Pai D. deu a ordem de passe. Era uma gira de Caboclo e minha Cabocla Jurema veio. Inclusive, ele deu o passe, ela veio, aí ela vem com todo o seu ritual. Ela dança pra assistência, né. Ela risca pra valer o ponto ali, ponto riscado... Foi assim. Eu conhecia essa Cabocla, mas pra dizer a verdade, não sabia o nome dela. Ela vinha devagarzinho, dava seu grito, tudo direitinho. Mas eu fui conhecê-la num sonho.

1021. W.Z.: Antes da ordem de passe?
1022. S.R.O.G.: Isso. Eu, antes de dormir, costumo pedir pros guias espirituais de luz que me mostrassem as minhas entidades, que eu conversasse. E nessa vez eu dormi e ela veio como uma, tipo uma samambaia na mão, uma folhinha de samambaia. Me deu e falou: "Olha, eu sou sua Cabocla". Os cabelos bem lisos, e não me disse o nome. Eu ia saber com o Pai D. quem seria ela. Aí eu falei: "Pai D."... desenhei inclusive a samambaia pra ele. Ele falou: "A sua Cabocla é a Jurema". E quando ela veio nesse dia, que foram perguntar pra, ela disse: "Cabocla Jurema"... e desenhou, e fez o desenho desse ponto, né. Dessa folha no chão. Algumas coisinhas a mais, né. Foi assim.
1023. W.Z.: O Pai D., então, quando deu a ordem de passe já sabia disso?
1024. S.R.O.G.: Já, ele já sabia.
1025. W.Z.: Você recebeu ela inteiramente?
1026. S.R.O.G.: Isso, aí ela vem mesmo.
1027. W.Z.: Então essa foi sua primeira entidade?
1028. S.R.O.G.: É, foi a primeira pra valer que veio, né.
1029. W.Z.: A história dela você foi sabendo depois?
1030. S.R.O.G.: É, ela foi contando. Assim, pra te dizer a verdade, é o que eu te falei antes, o cambono que tá do lado tem que perguntar, tem que ser um verdadeiro escritor, digamos assim, porque ele não tá só ali pra pessoa entrar. Inclusive ele tem que ficar ali do ladinho. Às vezes as pessoas que entram têm vergonha de falar do lado dele, mas é obrigação dele. Ele é um padre, tem que ficar caladinho. Mas, tentar, antes do pessoal entrar, conversar; "Cabocla, a senhora veio da onde?" então, a história dela, em si, ainda eu não sei. Porque ninguém ainda perguntou, ninguém até hoje conversou com ela. Que, antigamente a gente tinha muita camarinha, que as entidades vinham. Pai D. fazia isso. E cada entidade contava sua história. Mas isso bem quando eu táva conversando ainda, minhas entidades não vinham ainda. Então não falavam muito. Inclusive é isso que falta bastante. Porque o Pai D. fazia bastante esse tipo de camarinha. É o que eu falo, os cambonos precisam ser mais ágeis pra saber a história. Antigamente, na casa da minha mãe, a gente costumava fazer uma macumbinha pequenininha pra... aí que a gente ia conhecendo. Mas era começo. Então, como minha mãe, meu irmão táva mais adiantado e minha irmã, a gente sabe das histórias deles, do Preto Velho do meu irmão, tudo. Agora o da gente, já fica mais difícil. Que eu já separei, fui pra lá, pra minha casa, né, então fica difícil. Mas e assim. Esse e o ideal: o próprio Caboclo descer e constar sua história.
1031. W.Z.: Você falou que o cambono e um verdadeiro escritor, né. Quer dizer, ele precisa ter curiosidade pra poder...
1032. S.R.O.G.: E, porque aprende. Aprende muito! Não é ficar ali quietinha... Porque tem muito medo também, né. A pessoa quando entra, assim, logo de cara, a maioria e tudo novatinho, os cambonos. Então, fica assim com medo, não sabe o que faz. Então o que tem que voltar novamente e ter as camarinhas e nas camarinhas e que o R. explica bastante coisa, a própria entidade dele às vezes vem e fala algumas coisa, ensina. A gente tem cadernos de camarinhas que ele explicou um monte de coisas. Então, falta isso, né, um pouco de... Não é só como muitos terreiros tem, e o Pai de Santo não quer explicar nada. Nem ouse perguntar. E nesta casa nunca foi assim. O filho só não sabe se não quer. Então, tem que ser ativo, tem que... como tudo na vida, né, cê tem que ser ativo pra saber das coisas.
1033. W.Z.: Inclusive no sábado, a primeira entidade que desceu no R. - um Baiano, o Jorgino - Ele falou, né, vocês tem os livros de ponto, vocês tem que perguntar...
1034. S.R.O.G.: Ele e como o R. Inclusive, se ele viajar vai ser assim uma falta imensa, porque ele explica. Se ele explica, se ele ensina, ele quer ter o retorno. Varias camarinhas que ele explicou e deu pra gente, ele

às vezes descia, ia dar uma dormida, porque camarinha e de sexta pra domingo, ele voltava e queria que algum médium levantasse o que ele... E tem que saber! Se não souber, e um puxão de orelha. Porque tem que ensinar, né. Não adianta você ser espírita e cê não saber de nada. E o que eu falo: a gente tá aprendendo, porque o terreiro teve acho que umas 300 pessoas. Cada gira tinha de 60, a média. Então, vai, de 6 a 5 anos pra cá, que e pouca gente e a gente tá aprendendo porque a gente tá se virando sozinho. Quando ele viaja e a R., a mãe R., e a mãe N., quando a mãe N. esta. Quando ela não esta, a gente e que tem que estar ali na frente, receber os novos médiuns que querem entrar. Agora que a gente aprende na pratica, mesmo. E tudo um pouco difícil, complicado. E o amor mesmo que faz você...

1035. W.Z.: Claro. Bem, antes de eu falar de outras entidades - você tem outras entidades, né - naquele período que você falou do desenvolvimento, você só pulava, caia, levantava, foi um período complicado. Como e que era pra você? O que você sentia? Você tentava soltar a matéria, mas aí, o que e que acontecia?
1036. S.R.O.G.: Estranho, né, porque eles falavam: "Fecha o olho, vai buscar o seu Caboclo na mata, vai buscar seu Preto Velho no tempo da senzala..." Você ia, imaginava, mas acho que cê ia tão fundo que ficava aquela situação de pular, né, caso você abrisse teu olho... E o que eu te falei: o médium consciente. Eu estava te vendo. Muitas vezes, eu com o Preto Velho, eu estava vendo a minha mãe. Aí, você fica na duvida. "Nossa! Eu tô com o meu Preto Velho, por que eu tô vendo a minha mãe?" só que minha mãe - um exemplo - vem falar com você, e você já não fala como você e, né, com sua própria voz, o seu jeito, eles te dão uma orientação completamente diferente, falam o que que você tem que fazer, aí que você vai: "Realmente, não sou eu. Não sou eu. E o meu Preto Velho que tá aqui." Então, mistura tudo. Cê tem que ter fé... amor, fé e acreditar que você esta incorporado. Porque ser médium consciente e muito difícil. E outra coisa: você ter o seu ritual, né. Porque ele sempre falou, desde o Pai D. Hoje e gira de sábado, vamos supor, gira de criança. Você tem que acordar: "Bom dia, meu pai, bom dia minha Criança, eu entrego hoje a minha matéria a você que e minha criança, Mariazinha, pra que você possa ajudar a mim e a todos que vão no terreiro." Então, de manha, você já tem que se entregar. Sabe, você tem o seu banhinho ali, que nem eu tomo meu banho de cipo Caboclo, que e pra minha Cabocla. Então, colhido mesmo, nada daquelas ervinhas compradinhas que não e bom, né. Então, você já toma seu banho. Um dia antes, você não tem a sua relação com seu marido. Tudo isso, sabe, você vai ter uma boa incorporação. Agora, você acorda, se você já discute com o marido, melhor você nem ir pro centro. Você não incorpora muito bem. E cada gira parece que a incorporação muda. Cada vez mais. Eu lembro uma vez que o D. falou: "Quanto mais tempo você tem, parece que menos você esta incorporado." Aí e quando você fala que realmente e verdade o que ele diz. Tem vezes que cê tá incorporado e cê fala... mas o seu Caboclo te mostra que ele tá ali, pelas ações, pela maneira dele agir, pela maneira dele falar, pela maneira que ele da o passe na pessoa, te da um banho, uma erva... Eu não conheço erva nenhuma. E ele te passa uma erva que eu nem sei de onde vem. Diz daonde tem o pé que ele pode até ir buscar. Então cê fala realmente eu tô incorporada, né. Mas até chegar você ter essa noção, e muito difícil. Por isso que quando tá lá o médium em desenvolvimento você fica ali pertinho, né, "Solta o seu Baiano", você pede ali... Você que tem mais tempo, cê fala "Meu pai, quero que o senhor entre na matéria, não deixe que ela te atrapalhe". Porque tem muito disso, Você pode atrapalhar, sim. E quem tá começando atrapalha, pode ter certeza.
1037. W.Z.: Interfere, ne?
1038. S.R.O.G.: E, porque não sabe. Principalmente você pode perceber que a maioria fica com o olho fechado. Porque tem medo de abrir o olho e... Fica meio assustado. Então e todo esse processo aí.
1039. W.Z.: E aí você pulava, caia, levantava e não conseguia firmar.
1040. S.R.O.G.: Aí, às vezes em casa a gente fazia, né, as nossas macumbinhas, e foi quando uma vez veio também a minha criança, a Mariazinha, e falou pela primeira vez. E deu o nome dela.
1041. W.Z.: também nesse período do desenvolvimento?
1042. S.R.O.G.: Isso. E o que e mais importante também: como a gente entrou completamente leigos, nos nunca tínhamos lido livro nenhum que falasse da Umbanda, ou do Espiritismo ou do Candomblé. Então, se realmente, a gente não queria ler mesmo, eu, minha mãe, meus irmãos, "Não vamos ler nada!" Vamos aprender nas camarinhas e vamos deixar que a própria entidade fale o nome dela. Porque se cê abre um livro, cê vai encontrar milhões de Mariazinhas, milhões de Zé Pilintra, e comigo, meus irmãos e minha mãe, sempre foi assim. A gente vai ter que deixar ele abrir a boca e falar da maneira dele. Todas as minhas entidades, a não ser a Jurema, que o Pai D. disse que era a Jurema, e depois foi confirmado, todos

- falaram mesmo, sem eu ler livro, sem eu olhar nada. Hoje em dia eu dou uma lida assim num livro, pra saber como e que e. Mas hoje em dia, mas antes... Até todos darem seu nome, todos riscarem o seu pontinho... Que tem livro, hoje, não sei se já te falaram, de pontos riscados. Tem tudo... Hoje, tudo e mais fácil. Pra quem quer... Cê sabe, né, tem os Pai de Santo e os que não são. Basta abrir um livrinho, começa a ler e te dá um passe pra você, tranquilo. Então, o dom e a fé que a gente teve foi realmente muito grande.
1043. W.Z.: Então, primeiro foi a Cabocla Jurema, depois a Mariazinha, aí começaram a vir os outros.
1044. S.R.O.G.: Começaram a vir os outros. Porque aí, conforme vem o primeiro, aí os outros vem mais fácil. A gente já firma, mesmo, né, pede com fé, aquela hora que você bate cabeça ali no centro, no começo, e muito importante, né, e esse ritual que eu falei, de manhã, já em casa, você entregar sua matéria, fica tudo mais...
1045. W.Z.: E uma preparação, né.
1046. S.R.O.G.: Preparação é tudo. Cê fica muito mais forte, né. Até pra uma... as pessoas que vem na assistência tão completamente... muitos já entendem, já sabem que aquele é um Caboclo, mas muitos não sabem nem o que é quê é aquilo ali. Não sabe nem pra quê que a gente tá cantando. E quando passa com a gente, vem com carga, te deixa muito mal. Então você tem que tá preparado, que você não pega essas cargas. Não pega mesmo.
1047. W.Z.: Além de pular, cair, tal, você sentia alguma coisa diferente, alguma coisa física?
1048. S.R.O.G.: Às vezes, uma dor no estômago. E minha mãe também. Eu lembro muito de ter muita dor no estômago. Uma vez também eu senti - na época da Cabocla - na perna, mas e porque... - na Cabocla não, na Mariazinha - porque ela, ela não tem as pernas. E no começo eu sentia muita dor nas pernas. E ela foi a que eu mais pulava, né, com a Mariazinha. Pulava muito. E quando ela chega, ela já caía e já ficava de joelho, né, então...
1049. W.Z.: E você não sabia o quê que era?
1050. S.R.O.G.: Não sabia. Foi quando ela falou que não andava porque ela teve problemas nas pernas, né, ela tinha falecido com os problemas nas pernas., mesmo. Então, eu decifrei, bom então as dores que eu sentia - porque hoje eu não sinto mais - era da chegada dela, até eu conhece-la, até meu corpo... né?! Os dois não se chocar, acho que tudo tinha a ver.
1051. W.Z.: Você sentia algum tipo de tontura ou enjôo?
1052. S.R.O.G.: Não. Tontura. Tontura a gente sente. Às vezes cê fica rodando, não sabe pra onde vai e é a hora que cê pensa que caiu, e não caiu. Aí chega a entidade, né.
1053. W.Z.: Atualmente cê sente alguma dessas coisas?
1054. S.R.O.G.: E como eu te falei que o Pai D. falou: com o tempo você vai... fechou o olho, cê às vezes não precisa nem cê chacoalhar nem balançar... E porque e o jeito deles mesmo vem mas... Cê viu a gira de Cigano como e que e. Cê não precisa. Tranquilo você incorpora...
1055. W.Z.: Nada, nada. A gente às vezes nem percebe o momento da transição, não e? E uma coisa muito suave. Porque eles também são mais suaves, né.
1056. S.R. São, é verdade. Mas hoje em dia... às vezes, e lógico, né, cê sente, como eu te falei, o dia não foi legal, você demora a incorporar. Pra isso precisa da ajuda do adja, aquele sininho, né, que vai buscar lá sua entidade, às vezes o Pai de Santo, né, fica ali rezando na sua cabeça... Aí você incorpora. Uma boa cantiga... Às vezes, ele não precisa nem tocar, cê já tá incorporando. Mas às vezes, acho que o teu eu tá precisando pra poder ir buscar.
1057. W.Z.: Você já chegou a não conseguir incorporar de jeito nenhum na gira?
1058. S.R.O.G.: Já, já, já. As ultimas vezes é bem assim: foi o Boiadeiro, foi até um mês atrás, meu marido pediu algumas coisas e conseguiu. E prometeu pra ele os paramentos dele, que e a bengala, né, e o chapéu. E meu marido não deu. E ele não veio. Mas aí foi explicado. Ele deixou um recado, aí veio uma outra entidade... Ele não veio, mas veio uma outra entidade. Ele disse que não veio ele quer as coisas pra ele, pra ele poder trabalhar. Porque ele não pode trabalhar... Trabalhou muito tempo sem os paramentos ajudando as pessoas, mas sem os paramentos. Ele precisa dos paramentos dele, que e o chapéu, as coisas que ele carrega... Aí eu comentei com ele ainda não. Semana que vem é gira de Boiadeiro.
1059. W.Z.: Quer dizer, quanto mais o tempo passa, mais...

1060. S.R.O.G.: A incorporação é uma leveza. Assusta. E a entidade que é mais... tirando o Cigano, que é uma outra linhagem - a Criança é a mais leve que tem. Depois que ela chega você fica meio "Meu Deus! Tô ou não tô?" Porque isso ainda surge muito. Por isso é que você tem que ter mesmo a fé, acreditar, porque às vezes ocorre isso.
1061. W.Z.: A dúvida... Você táva dizendo, a forma de lidar das entidades, e diferente da sua. Às vezes aquilo que elas conhecem, você não conhece. Por exemplo, a questão das ervas...
1062. S.R.O.G.: E, que eu tô tentando aprender. Tô lendo alguns livros...
1063. W.Z.: Quer dizer, o fato de ser consciente é que causa... Se você não lembrasse de nada, não visse nada, aí você não...
1064. S.R.O.G.: Aí era uma beleza, né.
1065. W.Z.: Aí você não teria nenhuma dúvida.
1066. S.R.O.G.: Não teria. É verdade.
1067. W.Z.: Além desse conhecimento deles, tem alguma outra coisa que te deu assim... "Puxa, isso não podia ser alguma coisa minha, só pode ser da entidade." Por exemplo, algumas pessoas dizem: "Eu jamais, por mim mesma" - como algumas colegas suas disseram - "dançaria em público. Eu tenho vergonha, não danço mesmo." Mas a entidade vem, ela dança, ela pinta e borda.
1068. S.R.O.G.: As pessoas falam que não, mas eles não entendem que com os amigos eu não sou tímida, mas com quem eu não conheço, que nem teve umas duas semanas atras o R. falou "Vamos mudar um pouquinho. Vamos fazer que cada filho no sábado fale com a assistência. E ele queria que eu falasse no primeiro. Eu falei "Pelo amor de Deus, não faz isso comigo." Ele: "Não, mas você é falante." Falei, Não. Com vocês, com a assistência eu não vou conseguir." Aí ele falou: "Mas como que você quer ser pedagoga?" Eu falei: "Não. Esse e outros quinhentos. Eu não vou conseguir." E varias vezes a minha entidade vem, e aí mesmo, ela para a gira, pede pro atabaque parar um pouco, e ela conversa. Ela agradecê algumas coisas, ela às vezes da algumas ordens, né, que até o Pai R. já cumpriu, é a mãe R. também, escutam, né, que isso também é muito interessante. Que a gente acha que o Pai de Santo, a mãe de Santo às vezes não pode ouvir um filho, né. Então, eles escutam, eles fazem o que eles mandam, isso é muito legal. Se for pro bem deles, pode ter certeza. Então é isso também. "Meu Deus! Minha entidade vai falar!" E fala. Fala com todo mundo, vai na assistência. Às vezes se fala, realmente, a gente não precisa ficar pensando "tô ou não tô", ela tá dando provas que ela tá aqui, entendeu?
1069. W.Z.: Você é consciente. Então, durante a incorporação você tá vendo a pessoa lá.
1070. S.R.O.G.: E, olha, tem um grande fator, que o Pai D. uma vez comentou. O Pai D. e um mestre, eu acho! Ele ter falado que às vezes você ser consciente... a minha entidade fala pra você: "Olha, você vai até ali na esquina e põe um ovo ali no chão." Eu ouvi ela falar isso. Mas, na verdade, ela não falou. Interessante isso. Uma vez, até...
1071. W.Z.: Confunde aquilo que você ouve...
1072. S.R.O.G.: Confunde, completamente. já tive provas de amigas: "Olha, sua entidade falou isso." Ai, dentro de mim eu falo: "Ué, mas eu ouvi ela falar outra coisa. Como e que ela disse isso?" Então, realmente ela confunde. Cê pensa que tá sendo consciente, e às vezes você não tá. Ela confunde.
1073. W.Z.: E às vezes também acontece de você pensar que falou algo pra alguma pessoa, mas não foi pra aquela pessoa?
1074. S.R.O.G.: também acontece. Acontece. É interessante. Às vezes e, eu tô te vendo...
1075. W.Z.: Sabe o que tá sendo dito, se lembra... Às vezes não lembra de nada...
1076. S.R.O.G.: Às vezes, não. Mas às vezes eu lembro.
1077. W.Z.: Às vezes não lembra por um tempo depois lembra?
1078. S.R.O.G.: E. Isso é interessante. Às vezes por um tempo você lembra. E às vezes você vai relembrar e fala; "Não lembro." Ou então você: "Foi falado isso e isso." Eu nem... Aí depois, falo: "Falou mesmo, porque agora eu me lembrei." Então, é uma confusão. Deixa você meio confuso, né. É complicado.
1079. W.Z.: Você já foi pra gira mal, aí você trabalha e fica bem? Isso é uma coisa que acontece com freqüência?

1080. S.R.O.G.: Já. Últimas vezes tem acontecido. Eu ter ido e falo "Nossa!", principalmente assim, vai, briguei em casa, "Ah, meu Deus! Hoje, puxa vida, e gira de Boiadeiro, ou então e de Preto Velho, que e mais lenta, gira de Preto Velho, aquela cansada, já tô com a cabeça doendo... Não. A partir do momento que chegou, trabalhou, deram os passes deles e vai embora, tô ótima!
1081. W.Z.: Aí tá refeita.
1082. S.R.O.G.: Nossa! Tranqüila!
1083. W.Z.: Já aconteceu o contrario, você entrar bem e aí sai mal?
1084. S.R.O.G.: Já. Já. Em gira, inclusive, a minha irmã, semana passada, ficou muito mal, muito mal. Deve ter pego alguma carga de alguém... Porque tem muita gente má, também, que vai ao pé da sua entidade apenas pra ver se ela tá ali. Não fala nada, fica quietinha, sabe, e às vezes vai só pra "Será que e verdade?", não e? Mentu às vezes pra entidade e aquilo te deixa mesm alguma carga ruim. Acontece muito disso. Muito. Quer testar. E o que mais acontece. Gente que vai lá pra fazer teste.
1085. W.Z.: E aí então você se sai mal..
1086. S.R.O.G.: Aí às vezes você sai mal. Muito mal. Às vezes não. Às vezes a entidade dá mostra que a pessoa sai te amando dali. Sabe, te espera às vezes, quando você volta: "Olha, um prazer te conhecer." Varias vezes eu saio ali, tem gente que eu não sei nem quem, porque às vezes cê tá incorporado, e aquela confusão, né. Então eu não sei se eu tô vendo ou se eu não tô e aí a pessoa depois: "Ué, tá falando oi? Eu nem conheço." Mas é o amor que ela pegou naquele instante ali com a entidade.
1087. W.Z.: Outra coisa: algumas das suas entidades bebem alguma coisa alcóolica. Você bebe alguma coisa alcóolica?
1088. S.R.O.G.: Eu tomo assim...
1089. W.Z.: Cerveja...
1090. S.R.O.G.: Só, mas muito difícil, se for assim numa festa, um copinho, mas além disso, não.
1091. W.Z.: Tem alguma entidade sua que bebe bastante?
1092. S.R.O.G.: O meu Baiano... Não e bastante. Eles bebem uns... eles colocam assim, no máximo, uns três copinhos desse, às vezes, quando e festa, que eles extrapolam. E fumar, coisa que eu não aguento. Inclusive eu até ia falar pra eles deixar a cambona explicar pra eles que pode deixar um cigarrinho aceso ali, ou em casa, pra não fumar, porque é uma coisa. Mas, aí eu fico pensando "Se e ele, por que é quê eu não vou deixar ele fumar?"
1093. W.Z.: Porque o gosto do cigarro fica, né, aí depois você sai...
1094. S.R.O.G.: Fica. O cheiro na mão... A bebida não. Bebida, bebe... O meu Marinheiro tomou, a última vez, um Martini inteiro e quente, né, que a gente não deixa gelado. Tranqüila.
1095. W.Z.: Se você beber, você capota.
1096. S.R.O.G.: Ah, um copo que eu tomo de cerveja eu fico dando risada...
1097. W.Z.: E o Martini ele bebeu durante a gira?
1098. S.R. Durante a gira de Marinheiro.
1099. W.Z.: Numas três horas...
1100. S.R.O.G.: Isso. Uma hora e meia, duas horas. Que era festa, eles aproveitam, né, eles bebem aí já vai lá fora e mexe com todo mundo, né.
1101. W.Z.: Quando eles bebem você sente o gosto?
1102. S.R.O.G.: não.
1103. W.Z.: Quando fumam, você sente...
1104. S.R.O.G.: Assim, o gosto do cigarro não. Mas o cheiro vai... Sobe que e uma coisa!
1105. W.Z.: Do Martini você sentia?
1106. S.R.O.G.: Não. Tranqüila. Pode beber a vontade.
1107. W.Z.: Você sai do transe e não sente que bebeu nada?

1108. S.R.O.G.: Não. Às vezes... eles, às vezes, fazem de pirraça e deixa sim. Mas é muito difícil. Uma vez só, há muito tempo atrás a minha Pombo-Gira deixou champagne. Coisa que champagne não deixa ninguém tonto, né. E ela, meio assim... Aí a mãe N. falou "Vai lá embaixo, bate tua cabeça e manda ela levar." Que ela deixou. Mas nessa época ela deixou pra que eu fosse pra casa... que eu bati a cabeça e não melhorei. Eu falei "Mãe, eu não tô melhorando." Aí minha mãe falou: "Mas ela falou que queria falar com o seu marido." Eu falei: "Ué, mas ele não tá aqui." Fui pra casa. Eu entrei em casa, bateu a porta, ela entrou, coisa que às vezes eu gosto de ficar assim, bem firme, pra eu sentir a chegada deles. Não gosto muito de ficar dançando pra pegar entidade, a entidade entrar em mim. Eu gosto de ficar parada, pra eu sentir a balança e ela entrar. Então eu entrei em casa, fechou a porta, ela entrou, já veio dando a risada dela e já veio dando as broncas no meu marido. Quando ela foi embora, levou toda a bebida com ela. Então eu acho que ela veio me acompanhando pra pegar o meu marido.
1109. W.Z.: A vibração dela tava com você.
1110. S.R.O.G.: E, isso mesmo.
1111. W.Z.: Acontece isso com frequência, quer dizer, de alguma entidade fazer algum trabalho fora, de você não saber que ela vem e aí você incorpora?
1112. S.R.O.G.: Não. Antigamente eu ajudava... Assim, muitas pessoas sabiam que eu trabalhava no centro e não queriam vir até aqui. Então eu ia em casa. Ai, por caridade, cê acaba... Aí minhas entidades tinha muito assim, de querer ir conhecer as casas das pessoas. "Ah, eu vou na sua casa. Cê me recebe lá?" "Recebo." E eu ia, né com a minha irmã... Chegava lá, tinha uns trabalhos pra serem feitos. Ela pedia o que precisava e na casa dos outros ela fazia o trabalho. Sempre foi assim, mas de uns tempos pra cá, nunca mais ela foi... acho que não teve necessidade de ir pra casa de alguém. Mas nunca mais. É esse fato que aconteceu com o meu marido só foi uma vez. Também nunca mais.
1113. W.Z.: Quer dizer, você nunca incorporou em algum outro lugar... sei lá, você tá na escola ou você tá no trabalho...
1114. S.R.O.G.: No trabalho. Foi bem lembrado. Faz tanto tempo! Mas aí já foi o Orixá, né. Eu tava passando muito mal... E você não sabe nem o que falar, cê tá no seu serviço! A minha patroa falou "O que foi?". Só a minha irmã trabalhava comigo. Falei: "Olha..."
1115. W.Z.: Veio de repente?
1116. S.R.O.G.: Eu tava trabalhando e comecei a me sentir mal. Minha cabeça, aquela tontura... Falei: "Meu Deus do céu! Eu nunca senti isso!" Que todas as minhas incorporações nunca foi daquele jeito. E eu falei pra minha irmã: "Eu preciso ir embora daqui rápido!" Ela falou: "Mas cê vai pra onde?" Eu falei: "Não sei. Vou ligar pra mãe." A primeira coisa que a gente faz é ligar pra minha mãe. Minha mãe: "Que foi?" Eu falei: "Não sei." Porque é engraçado porque, às vezes quando a gente vai visitar algum terreiro, alguma coisa, a minha vibração, que eu sinto – vai, gira de Baiano – a vibração que eu sinto, eu sinto meu quadril balançar. Eu falei: "Olha, E.", pra minha irmã, "deve ser entidade." Ela falou: "Mas aqui, no serviço?" Eu falei: "Mas não é entidade de trabalho. Ou é Orixá ou é alguma coisa." E aquilo foi me deixando nervosa, irritada. Ela falou: "Como é que a gente vai fazer?" "Ah, inventa que eu tô com dor de alguma coisa. Eu vou começar a... sei lá." A minha patroa: "Vamos comprar um remédio." Eu falei: "Meu Deus, não é isso! Que é que eu vou fazer?" E nisso, minha irmã ligou pra minha mãe e minha mãe falou: "Ah, então se for, pede pra ela pegar um táxi e ir pro centro, que eu estou a caminho." Bom, consegui sair lá do serviço, mas vim num táxi, não muito bem, sabe. O homem falando e aquele negócio me doendo a cabeça e me tremendo. Quando eu cheguei aí, o R. Não estava. Estava a Mãe N. e ela falou: "Que é que tá acontecendo?" Eu falei: "Não sei, Mãe N.. Deve ser Orixá." Aí, quando eu fui subindo, já fui passando mal lá em cima, sabe. Cê fica tremendo, não sabe se vem, se não vem... E ele, por um acaso, ligou – porque na época tinha telefone aí – ligou pra casa e a Mãe N. falou: "Tá acontecendo isso e isso e é Orixá. O Orixá eu não mexo." E ela não mexe. Aí ele falou: "Então, olha, tô chegando aí. Põe ela deitada no terreiro, lá em cima."
1117. W.Z.: Quem falou isso?
1118. S.R.O.G.: O R. Aí eu fiquei deitada, ele chegou... Mas daquele jeito, deitada e aquela coisa. Aí ele deitou, pegou uma cebola, um trabalho dele, né, as mandingas dele. Ele fez lá alguma coisa com a minha cabeça, assim, jogou uns negocinhos na minha cabeça e falou que eu precisava fazer um assentamento pra Oxum. Que Oxum estava querendo tomar minha cabeça, tomar conta de mim, ser a minha Mãe Orixá. Eu falei: "Mas quando eu joguei búzios, o Pai D. me deu Obá. Minha Mãe é Obá, na frente, a minha

madrinha, Oxum e aqui meu Pai Xangô.” Ele falou: “É, mas a Oxum quer tomar o lugar da Obá.” Eu falei: “Nossa! É por isso que eu passei mal?” Ele falou: “Cê vai passar sempre. A gente precisa fazer alguma coisa.” Aí, depois que ele fez isso, eu melhorei completamente. Nunca mais tive problema nenhum. Só quando tinha algumas festinhas que era “Vamos saudar Oxum!” Aí a Mãe N. falava: “Ó, cé põe o ojá pra ela não vir, pra não dar briga com a Obá.” Esse foi o único problema que eu tive assim mais, né, de passar mal, tudo, foi esse. Depois ele fez no ano passado um assentamento com todos nós, filhos, um buri, que é dar comida ao santo, e o único que ele não tinha certeza era o meu. Então ele deixou eu por último aí ele fez lá algumas coisas, nossos trabalhos ali com uns negócios que a gente tinha levado, né, algumas coisinhas... (Acaba a fita.) Ele fez o que tinha que fazer e nada de aparecer nem a Obá nem a Oxum. Deu só aquela vibração, mas elas estavam brigando entre elas. Eu tava passando mal, e era sentada, não podia levantar. Eu fiquei chacoalhando e aquele tempo que eu chacoalhava eu fiquei no banquinho. Parecia até que o banco pulava! Com o olho fechado... Mas aí, as pessoas sentem, né, as pessoas que já são do centro. Um choram, umas... porque ficam emocionadas, né. Que é a briga do Orixá pela sua cabeça, pelo seu ori. Então ele jogou lá... fez um negocinho com a cebola também... Acho que a cebola tem totalmente fundamento acho que com a nossa cabeça, jogou algumas pedrinhas, alguma coisa, e a Mãe N. me disse que nesse exato momento que ele fez isso, a Obá deu uma chacoalhada na minha cabeça e tomou a frente, e a Oxum saiu chorando. Então, quer dizer, quem tomou conta da minha cabeça foi a Obá. Foi a única coisa assim, mais...

1119. W.Z.: E depois disso acho que, então...
1120. S.R.O.G.: Parou.
1121. W.Z.: Isso foi há quanto tempo?
1122. S.R.O.G.: Isso foi... ele fez ano passado, antes de ele viajar, que ele fez o assentamento em cada filho, né, assentar o Orixá...
1123. W.Z.: Aquela vez do trabalho...
1124. S.R.O.G.: Já faz tempo. Faz cinco... por aí. Faz muito tempo. E o mais importante, que eu não falei: eu tenho muitas, assim... vai, sonho muito. Muito! Inclusive eu dei... Muitos sonhos que eu tive com o Pai R., que ele tava um pouco turbulento na vida dele profissional, eu tive vários sonhos de coisas que ele tinha que fazer com o Orixá dele, com o Sr. Tiriri dele, em sonho, que vinha pra mim, eu passei pra ele, ele fez todos os trabalhos dos sonhos que eu tive. Minha mãe também. A gente sonhava junto. Era uma sintonia, assim impressionante. E ele fez todas as coisinhas que tinha que ser feita. Foi quando foi melhorando as coisas pra ele.
1125. W.Z.: E no sonho você vê o quê?
1126. S.R.O.G.: É muito confuso. É sonhos assim, completamente confuso, sabe, de sonhar com o R., ver que ele tá precisando de ajuda, aí vem uma entidade que eu não consigo identificar... E às vezes eu identifico, que nem uma vez eu sonhei com ele, o rosto da entidade era um bicho feroz, que ele até falou “Olha, isso é Exu. Então eu tenho que dar comida pra Exu.” Ele até decifrava alguma coisa. E a Mãe N. também é ótima pra essas coisas. Cê pode contar pra ela que ela decifra o sonho inteiro. Então, eu tenho muito disso, sonhar. Sonho, assim, pra família inteira. Sabe, de repente vai acontecer alguma coisa e eu já sonhei antes.
1127. W.Z.: Por exemplo.
1128. S.R.O.G.: Na época do meu irmão com problema de droga, isso foi começo, bem no começo mesmo, nem... era assim, desenvolvimento. Eu sonhava que ele dizia que tava tudo bem, né que ele já tinha pedido ajuda pra gente, tava bem, dizia que não tava mais usando droga, nem nada, e eu sonhava, o Caboclo dele vinha até mim e falava: “Ele está usando! Cê tem que avisar.” Eu via a situação dele, a maneira até que ele usava, às vezes. Teve época que eu sonhei, vi direitinho o jeito que ele fez, o dia, a hora, e realmente acontecia.
1129. W.Z.: você falou e ele confirmou?
1130. S.R.O.G.: Falei. Eu tinha mania mesmo assim de até anotar num caderno, porque eu falei: “As pessoas não vão acreditar, mas eu vou escrever, vou anotar.” E assim, sempre eu sonho. Qualquer coisa, é impressionante! De sonhar mesmo.
1131. W.Z.: Coisa que vai acontecer?

1132. S.R.O.G.: Também. É bem familiar esse... Meu pai queria vender um estabelecimento dele, um comércio, e ele: "Ah, vou tentar, vou conseguir", veio pedir ajuda, tudo, aquele processo todo. Aí, uma noite, eu falei: "Mãe, o pai não vai vender. Eu vi um rapaz indo, no sonho, pra ele e disse que não ia comprar, que ele não ficasse enchendo o saco... Assim mesmo. E ele não vai vender." E realmente meu pai não vendeu, até hoje. Tá tentando, tentando... É assim. Impressionante. Eu tenho muito assim, negócio de sonho. Sabe, na época que o Pai D. ia fazer esse assentamento, que já era pra ter feito, o Pai D. falou... Que ele dava antes ordem de buri. Como ele dava ordem de passe era aquela festa, tudo, tudo era festa! Ele chegava e falava: "Dou a ordem de buri pra Dona E." Então era uma festa. Ele deu pra mim e pra minha mãe, sempre juntas. É uma coisa impressionante. Minha mãe sempre tá junto em alguma coisa. Aí, ele deu e quando eu e minha mãe, no dia, que fomos pra casa, a gente dormiu, tranqüilo, a gente sonhou o que as nossas entidades, a nossa Obá queria nesse buri. Inclusive minha mãe tem um papel. Peço até pra ela te trazer e te mostrar, que eu não tenho. Bode, aonde que a gente tinha que dormir, não era pra dormir em colchão e sim numa esteira, então tem todo esse negócio.
1133. W.Z.: Ela na mesma noite sonhou com isso?
1134. S.R.O.G.: É. Não sei bem se foi na mesma noite, mas foi depois que ele deu a ordem de buri. Aí ela sonhou e eu também, do jeito que deveria ser o nosso buri. Então é assim, sempre sonhando. Sempre.
1135. W.Z.: E as duas, né, mãe e filha...
1136. S.R.O.G.: Isso. Inclusive mais e mais impressionante... A J. minha filha, tem dez anos. Desde quando a gente começou a freqüentar, ela... eu acho realmente que ela é assim, uma médium. Desde pequenininha, com dois anos de idade, ela incorporou uma vez. Impresisonante... Assim, daquele jeito. Acho que consciente, com o jeitinho dela, da maneira dela e do modo dela falar. Ela incorporou a Baiana. E ela veio, inclusive pra ajudar o meu irmão. Meu irmão tinha aprontado na noite anterior uma bagunça, e a gente muito preocupado com o que poderia acontecer com o meu irmão. A gente em casa, eu falei: "Mãe, eu vou incorporar. Vamos tentar ajudar, né. Ai, pelo menos, eles dão alguma luz do que a gente tem que fazer." A minha filha veio na sacolinha da gente, pegou uma vela e falou assim: "Eu quero vela." Aí eu olhei pra minha mãe e falei: "Ué!" "Quero vela que eu vou colocar" - era uma escada - "em todo degrau uma vela pra ele subir." Aí eu dei risada. Falei "Ah! Olha, mãe, cada uma! tá fazendo graça." Ela olhou bem serio pra mim e falou: "Olha, aqui quem tá falando e Maria dos Coco." Eu falei: "Meu Deus do céu!" Maria dos Coco, quem incorpora e a R. Depois eu vim a saber que poderia ela incorporar uma outra Maria dos Coco, que a Maria dos Coco da R. me explicou. Eu falei; "Então ela incorporou! Naquele momento ela estava com a Maria dos Coco?" Aí a Baiana da R. falou: "Estava." então, quer dizer, desde pequenininha ela dava sinais. Agora parou.
1137. W.Z.: E ela participava?
1138. S.R.O.G.: Não. Quer dizer, ela começou a vir na barriga. Depois eu comecei vir sozinha, às vezes trazia, às vezes não, né, mas ela não e de tá indo. Inclusive, hoje em dia ela não gosta muito. Ela quer mais e ficar com o pai, né, no dia de sábado. Mas quando pequena, ela ajudou a fazer muitos trabalhinhos que a gente fazia pra ajudar em casa, nos problemas do meu irmão, ela tava junto. Sempre ela tinha uma vela, ela dava uma vela pra ele acender, ou ela quebrava uma vela, ou ela acendia, passava nele, isso com dois, três, quatro anos. Às vezes a gente ria, a gente levava bronca... Levava bronca! Então, não sei se vem da mãe, vem da vó, vai seguindo, né. E interessante.
1139. W.Z.: Bom, minha ultima pergunta e a seguinte: o que pra você significa a Umbanda, participar da Umbanda?
1140. S.R.O.G.: Olha, e que nem eu te falei, e muito assim complicado todo esse processo, mas e uma coisa que eu adoro. já tentei algumas vezes sair, né, "Ah, vou ficar em casa, não vou mais", e tudo, mas eu não consigo. Sempre tem alguém vindo falar alguma coisa, pedir alguma ajuda, eu acabo ajudando, então nunca deixo de vir. E eu acho interessante... eu falo, o alem, porque e uma coisa do além, sabe, você incorporar um ser que já foi, já morreu e vem falando, e vem te ensinando alguma coisa. Então, eu adoro, assim, de coração. A Umbanda... A Umbanda, mesmo, porque as outras coisas eu tenho medo, Candomblé, tudo... Eu acho assim que faz parte da minha vida e, uma vez, meu Zé Pilintra falou que gostaria muito de ter uma casa pra ele. Montar um terreiro, coisa que não vai acontecer, né, porque o marido que eu tenho não vai dar. Mas eu não sei, né, o dia de amanhã... Mas eu acho que eu tenho muita loucura de conhecer outros lugares, sabe. Bahia, que se fala muito, Rio de Janeiro - as pessoas não falam muito, mas e um lugar muito... - e o Piauí, né, pra ter mais conhecimento. Acho que falta muito. Não conheço muito ainda. Eu sei, assim, vamos dizer, o básico, pra não passar vergonha, como diz o Baiano.

1141. W.Z.: Você recebe entidades de todas as linhas?
1142. S.R.O.G.: É. Eu recebo Baiano, Boiadeiro, Caboclo, Marinheiro, Pescador - é o único que não fala, eu não sei se é porque ninguém perguntou nada, e ele não falou; ele vem quietinho, ele tá quietinho ali e ele fica - mas, todas. Todas. E mais interessante: Preto Velho e Preta Velha. Eu tinha um Preto velho que foi embora. Ele se despediu, né, disse que tava muito velho e tinha feito, já, cumprido a missão dele, e ele tinha que ir pra outro estágio. O nome dele era Pai Jota... É Pai Jota. Ele não tinha as mãos, né... E era interessante essa parte. Nessa incorporação eu sofria muito e pra mim voltar a abrir eu sofria muito, era um sacrifício. Tinha que gente puxar, e ele foi embora. E me mandou... ele me deu o Vô - que só veio uma vez - José. Ele é um Preto Velho mas completamente baianado. Eu preciso saber se ele é da Bahia, que eu não sei, né. Ele veio só uma vez. E ele foi embora, eu só fiquei com ele.
1143. W.Z.: E agora continua esse senhor?
1144. S.R.O.G.: É, o Vô José. O Pai Jota foi embora. Ele se despediu e foi embora. Deu espaço acho que pra uma outra entidade. Eu não sei como é que é esse processo. Ele foi embora.
1145. W.Z.: Tem mais de uma entidade em alguma linha?
1146. S.R.O.G.: É. Marinheiro e só o Marinheiro. Boiadeiro e só o Boiadeiro. A Baiana tem o Sr. Zé Pilintra e a Baiana Doroteia. E o Sr. Zé Pilintra é muito interessante. A primeira vez que ele veio ele disse que era o irmão do meu pai. Ele disse que na Terra, ele era o irmão do meu pai que se chamava D., lá do Ceara. Eu fiquei na dúvida. Vim me informar se poderia acontecer esse caso. E o Pai D., na época, disse que sim. E a mãe N. disse que sim. Falou: "E, porque se ele tá aí e porque acontece." Aí eu falei: "Ué, mas irmão do meu pai na Terra?" E realmente. Meu pai não sabia, ele falou aqui no terreiro, e a primeira vez que ele foi na casa do meu pai, tava lá, minha mãe falou "Incorpora o Sr. Zé Pilintra pra ver se teu pai conhece." Assim que chegou, meu pai falou: "Nossa! O finado D.!" E foi abraçá-lo. Quando os dois se abraçaram, meu pai diz que o abraço dele foi como que era aqui na Terra, da mesma forma, que ele cruza os braços, assim. Então, acho que foi confirmado aí. Então, eu acho isso muito interessante.
1147. W.Z.: E seu pai é meio arredio a essas coisas.
1148. S.R.O.G.: E. E ele não... ele chorou, no dia. E hoje em dia ele fala: "Eu quero falar com meu irmão." E me fala: "Zé Pilintra, eu quero falar com meu irmão." E a única entidade que ele consulta. Não consulta a da minha mãe, nem da minha irmã. E só com Sr. Zé Pilintra.
1149. W.Z.: Ele vem aqui?
1150. S.R. Não. Às vezes ele quer que eu faça lá na casa dele.
1151. W.Z.: E aí ele bate papo com o Sr. Zé Pilintra?
1152. S.R.O.G.: Bate. Pede ajuda, aí o... Às vezes e engraçado porque às vezes minha irmã fala "Fala D.!" Ele fala: "Sou Zé Pilintra! Fui D. Hoje eu quero que me chamem de Zé Pilintra." E conversa, e da bronca no meu pai, e manda ele fazer algumas coisas. Meu pai faz tudo certinho. Quando meu pai tem algum problema, ele fala: "Manda a S. vir aqui!" Eu até falo: "Pai, eu não tenho terreiro ainda. Vai lá." Mas achei interessante lembrar.
1153. W.Z.: você tem mais quatro irmãos?
1154. S.R.O.G.: Isso. Tenho o E., de trinta e três anos, vai fazer trinta e quatro. Tenho a R., que é a mais velha, né, que hoje é da Universal, né, das igrejas... Essa tem quarenta anos. Aí tem a E., que frequenta aqui, que tem trinta e sete, por aí. E tem a outra que tem trinta e seis, que é a E. que frequentou mas saiu porque o marido, vamos dizer, tirou, né.
1155. W.Z.: Quem frequenta, então, e a E. ...
1156. S.R.O.G.: E a minha mãe.
1157. W.Z.: Você já ficou sem vir?
1158. S.R.O.G.: Fiquei. Fiquei quase dois anos... dois anos e alguns meses.
1159. W.Z.: E isso foi quando?
1160. S.R.O.G.: Mas foi mais na época quando meu marido sofreu, né por causa do serviço, ele tomou alguns tiros, e aí eu falei; "Ah, vou ficar em casa. Não tô querendo ir mais." Aí eu fiquei em casa. Não fui mais. Mas não falei assim: "Ah, vou deixar porque... Não!" Eu não sei se... Porque com muita gente já aconteceu isso. Deixa um pouco de vir. Não sei se é normal a gente deixar por deixar, e depois volta de

- novo, né. Não sei se eles cobram a nossa volta e a gente volta. Acho que volta até com mais amor, que eu voltei assim, com muito mais.
1161. W.Z.: Durante esses dois anos você não fez nada...
1162. S.R.O.G.: Nada. só e casa. Ia muita gente querer saber, falar. Eu ensinava, mas nunca ninguém veio, né.
1163. W.Z.: você não trabalhava em casa?
1164. S.R. Não. Assim, acendia uma velinha... A minha fé continuou, né, mas eu não...
1165. W.Z.: Quando você retornou, você já entrou na gira e já trabalhou normalmente?
1166. S.R.O.G.: Normalmente.
1167. W.Z.: Como se não tivesse parado nunca?
1168. S.R.O.G.: Como se não tivesse... Demorou um pouquinho a incorporação. Deu uma demorada. Mas...
1169. W.Z.: Demorou assim, na mesma gira ou...
1170. S.R.O.G.: Na mesma gira.
1171. W.Z.: Ah, e foi, mesmo assim...
1172. S.R.O.G.: E, eu incorporei. Inclusive, agora eu tô com problema de saúde, da hérnia de disco e o joelho. E como nos tínhamos um médico - inclusive, a festa foi, sábado, pra ele, né o Pai Griff - dentro de mim eu falei: "Vou deitar, com o Pai Griff, em casa", porque dia de sábado ele fazia as consultas dele, né. Aí eu passei com a entidade do Pai R. e ele falou "Faça isso e isso e deite no domingo, às dez horas." Tudo bem. Passei com a entidade da mãe N., que era o Sr. Zé Pilintra, isso sábado retrasado, "Cê vai deitar no domingo, às 10 horas que ele esta aqui do meu lado e disse que você deite às dez." Falei: "Acabei de passar com o Baiano e ele falou a mesma coisa." E mesmo que vocês dois não tivesse falado, eu ia deitar. E deitei, pra ele, às dez horas da manha, fiz lá, coloquei um copo de água pra ele, cobri, como ele fazia... só não dei o café porque a mãe N. disse: "Não dá o café, que cê não tem a xícara que ele gosta." Cobri o espelho, deitei...
1173. W.Z.: Deixou o braço pra fora...
1174. S.R.O.G.: Isso. Apaguei, né. E a gente sente realmente ele vindo, sabe, cuidando de você. Eu senti as picadas. Realmente eu acho que ele deve ter feito alguma cirurgia porque eu gritei "Ai!" e dormi, apaguei. E quando você acorda, parece que cê fez mesmo a cirurgia, e tem que ficar de repouso. Esse eu acho que é fundamental. Eu tenho certeza que eu não vou precisar operar o meu joelho, que eu vou fazer isso mais ou menos uns dois meses, todos os domingos, eu vou deitar pra ele. Eu tenho certeza que eu não vou precisar operar.
1175. W.Z.: Cê já fez avaliação medica?
1176. S.R.O.G.: Ja. Eu tenho que tirar. Pelos médicos, de branco... eles falam tumor cisto, que é benigno, né, mas o certo é tirar. E agora vamos ver. já fiz todos os tipos de exame, aí apareceu a hérnia de disco, por causa do joelho, que também se opera, né, que tira, vamos ver se... Aí eu vou começar a deitar. Depois eu vou pedir pro medico: " Olha, eu quero que o senhor faça de novo os mesmos exames" e não vou operar. Tenho fé que...
1177. W.Z.: Espero que não, mesmo.
1178. S.R.O.G.: Bom, a Umbanda, e a minha vida.
1179. W.Z.: Durante esse período que você se afastou, esses 2 anos, você sentiu alguma...
1180. S.R.O.G.: Ah, sim. Você... Às vezes quando minha ligava e falava "To indo pro centro. Não vai?" "Não. Que gira é hoje?" "Baiano." Cê sentia. "Ai, minha Baiana!" Aquela vibração, sabe. É fundamental. Eu tremo todinha. Parece que vai cair tudo. E eu sentia, só que: "Não, eu não quero ir." Aquela vontade... "Não vou não sei porque, mas eu não quero ir."
1181. W.Z.: Na gira também você sente o quadril?
1182. S.R.O.G.: Às vezes sinto. Muito, muito. E o rosto da gente, sabe, a boca mexe muito, muda o jeito dela, fica torta. Interessante. Quando a vibração é muito boa mesmo, que eu acho que tem tudo a ver, o toque do atabaque, o Pai de Santo, que nem esse sábado, foi maravilhoso. Foi a... Olha, de uns tempos

pra cá, foi uma das melhores incorporações minha. Minha Cabocla deu realmente pé de dança dela. Ela dançou... E olha que eu tô doente, eu não posso mesmo. Não senti nada depois que ela foi embora! Então, foi uma hora muito boa, de muita concentração. Todo mundo junto, que isso é fundamental, né. Ele ali tocando, ele, sabe, defumou a casa... Eu quero falar isso pra ele, que com ele foi assim fantástico. Então, a vibração foi ótima. Foi muito boa.

1183. W.Z.: Tanto antes, com o Caboclo, quanto o Cigano?

1184. S.R.O.G.: E. O Cigano eu não fiquei. Tinha ido embora. Meu marido vai me buscar as 10 horas. Mas e... eu sei lá, eu sei que é muito bom. Eu gosto muito, tenho loucura de me aprofundar mais, saber mais. Eu acho legal da maneira que eles falam, né, em iorubá, a língua diferente. Eu sei algumas cantigas que ele mesmo ensina. Algumas, que nem todas ele passa. só que se você chegar a ele e pedir, ele passa. Cê tem que chegar, né. Mas é muito bonito. Muito.

1185. W.Z.: S., eu quero lhe agradecer pelo seu depoimento.

V.A.S.

1186. W.Z.: O que é que você lembra a respeito da sua vida desde que você era pequenina? Você nasceu aqui em São Paulo?
1187. V.A.S.: Eu nasci aqui mas minha família é totalmente baiana, né. Então, eu nasci aqui, depois fui pra Bahia, fiquei lá até uns quatro anos, pelo que me recordo... Quatro, cinco anos. Depois minha mãe foi lá, nos trouxe pra cá, e a gente ficou por aqui. Daqui eu nunca mais saí. Tem uns quinze anos que eu não vou pra terra da minha família.
1188. W.Z.: Você tá com quantos anos?
1189. V.A.S.: Dezenove anos.
1190. W.Z.: Você tem dezenove anos e tem mais três irmãs...
1191. V.A.S.: Duas.
1192. W.Z.: Duas irmãs.
1193. V.A.S.: É.
1194. W.Z.: Assim, é...
1195. V.A.S.: A V. que é a de dezessete, a V., de dezesseis.
1196. W.Z.: Você está com...
1197. V.A.S.: Dezenove. Sou a mais velha.
1198. W.Z.: A sua mãe já está na religião de Umbanda há, se não me engano, uns dez anos.
1199. V.A.S.: Pelo menos é isso que ela fala, mas acho que é isso mesmo. Que quando eu entrei lá, eu lembro que eu entrei em 97. Ela já tava lá. Então ela tem bem mais tempo que eu. Era outros filhos mais antigos, quando o dono da casa mesmo que é o Pai José tava na época. Então eu entrei nessa época. Tinha outros filhos, como você vê. É que ficou poucos da época que eu entrei. Então, ela tem bem mais tempo que eu. É. Totalmente baiana. São católica, minha família, né. Então, eu entrei nessa religião eu nem sei como. Sabe quando você entra numa religião que você, quando já percebeu, tá lá dentro? É uma coisa totalmente inexplicável, porque é assim: eu comecei a freqüentar aqui pra acompanhar a minha mãe, né. Ela conheceu através de um a amiga, né, então ela foi. Ela: "Verônica, me acompanha pra eu não voltar sozinha?", porque a gente voltava muito tarde, onze e meia, até meia noite ia chegar. Então, a gente... era a época em que a gente trabalhava... Ela trabalhava no salão e a gente pegava esse Real Parque, aqui, na época. Falei: "Tá bom, mãe. Eu vou.". Então eu ia lá, fiquei meia assim pra passar... Sabe, cê fica ali... como ali, vocês, assim, sentadinhos... só olhando... Aí eu comecei a entrar. Fui entrando, fui entrando... Isso foi passando, foi passando, foi passando... Aí um dia, quando eu menos esperei, isso foi no dia 27... Me lembro até como hoje... Dia 27/05/97. A mãe... Uma das mães pequenas da casa, a D. ... Acho que você não conversou com ela ainda.
1200. W.Z.: A D. ainda não.
1201. V.A.S.: A D. ... Era uma gira de quarta, porque antes tinha gira de segunda, de quarta e de sábado, por ter muitos filhos. E eu ia na quarta-feira. Ela falou assim: "Venha cá." Me puxou, me levou no vestiário, me colocou uma saia branca, uma guia e um ojá... eu falei "Eu vou entrar?" Ela falou; "Vai." Eu falei: "Por quê?" "Porque ordens..." Foi até ordens do... De uma das entidades dela. Não me lembro que entidade foi, no momento, agora. E me colocaram... Eu já fui, já coloquei a roupa, já fui lá embaixo, já aprendi a parte de lá de baixo que é aquele assentamento que você vê... Porque... o motivo dele... E depois eu entrei.
1202. W.Z.: A Trunqueira, a Casa das Almas...
1203. V.A.S.: Isso. Na... na época - que agora mudou, porque antes ali não tinha aquele assentamento que você vê que é o do tempo, né. Não tinha. Tinha só a Trunqueira, tinha outras imagens que era de Ogum, de Iansã, de Oxum, que é referente ao dono da casa, né. Então o pai da casa agora, o R.C.L.M., ele fez algumas modificações. Então ali ficava totalmente fechado. Aí eu aprendi tudo e entrei lá em cima. Aí eu lembro que eu tava normalmente e desmaiei. Desmaiei assim do nada. Apaguei. E pra me acordar?

1204. W.Z.: Isso já quando ela te vestiu de branco...
1205. V.A.S.: Foi!
1206. W.Z.: Desde quando você começou a acompanhar sua mãe que você ficava na assistência...
1207. V.A.S.: Isso...
1208. W.Z.: Até o momento que ela te chamou passaram quantos meses, ou quanto tempo?
1209. V.A.S.: Nossa... Nessa brincadeira acho que já tinha um ano que eu ia com a minha mãe. Acho que eu fiquei um ano acompanhando ela, assim.... Um ano, um ano e meio, mais ou menos.
1210. W.Z.: Sempre na assistência?
1211. V.A.S.: Isso. Porque não fui eu que quis entrar. Foi uma entidade que achou que eu já tava pronta pra eu entrar lá dentro. Então ela deu a ordem. Me achou preparada...
1212. W.Z.: Essa entidade da D.
1213. V.A.S.: Isso, que eu não me recordo. Quem me recorda é minha mãe. Então eu não me lembro agora. Então, a partir do momento que ela deu a ordem, então eu fui sem medo nenhum. Acho que ela já sabia, no fundo, que eu já tava preparada pra aquilo, né. Eu só... "Tá bom, então vamos". Achei que não era nada de mais, assim, e entrei. Aí eu me lembro que foi até numa gira de Caboclo. Eu passei mal. Foi aí que a minha... minha primeira entidade que tava em mim... eu caí. E pra eu acordar? Passei acho que uns vinte minutos apagada. E me balançavam de um lado, me balançavam do outro... Eu não acordava. Eu queria acordar, mas sabe quando cê fica bem zozza, bem... Aí depois eu acordei, aí ela falou que eu tinha recebido a filha dela. Que a minha entidade, a minha Cabocla, é filha da Cabocla da D. Aí, nesse dia, eu chorei, ela também chorou, a entidade chorou. Daí por diante, eu nunca mais saí de lá. Nunca mais.
1214. W.Z.: Aí você foi participar das giras de desenvolvimento!?
1215. V.A.S.: Sim, que depois eu passei... Eu comecei na segunda... mas eu precisava, né, como eu tava nova, eu precisava ter uma idéia. Então eu comecei a frequentar os sábados, que é referente à R.L.M.. A R.L.M. é a dona do sábado. Então foi aí que eu comecei a entender por que bate cabeça, por que serve aquele altar, aí eu mandei fazer a minha roupa, porque eu tava só com aquelas saias, assim, normal, e comecei a fazer... é... como é que fala? Assentamentos pro anjo de guarda que eu não tinha, que você necessita... Me proteger mais, que é tomar uns banhos... Então, os médiuns antigos começaram a dar aulas pra gente, né, pros cambonos, que são os mais novos, e eu fui ficando, fui ficando, até desenvolver, até quando a gente tem a primeira... recebe a primeira entidade, que no caso, foi minha Cabocla, no caso, que eu recebi.
1216. W.Z.: A mesma que tava...
1217. V.A.S.: A mesma.
1218. W.Z.: ...que se manifestou...
1219. V.A.S.: Só que agora ela veio mais firme. Então, porque é complicado você... quando você começa a receber, você, de certa forma atrapalha os pensamentos. Vamos dizer assim: eu tô incorporando, eu sei que é... Não é eu, mas ao mesmo tempo fica com aquela sua metade da entidade e você. Então, você sabe... Um exemplo, eu chego em você e quero passar a mão em você. Eu sei que é eu que tô fazendo isso em você, não é ela. Então, não deixa... ela não toma totalmente a sua cabeça. Você sabe o que tá fazendo pra você não fazer nada errado. Mas algumas vezes, acontece de tomar totalmente que se você me perguntar; "Olha, ela fez... Tirou aquilo do lugar." Eu falei "Não sei." Não sabia que aquele livro tava ali... Então, é uma coisa tão assim estranha... De certa forma é boa também, que quando cê tá lá na frente, você respira, respira e não pensa em mais nada. Quando você for ver, cê já tá balançando pra lá, balançando pra cá. E é uma sensação muito boa, pelo menos, na minha opinião. Muita gente fala que passa mal. Isso vai de cada pessoa. Mas, pra mim, é uma sensação muito boa. Porque lá na frente, quem fica lá na frente, é uma energia tão grande, tão grande, que você às vezes fica até sem ar. Quando cê vai ver cê já tá tonta, tá tonta, tá tonta. E cê começa a fazer coisa que você não faz, que é dar aqueles gritos... Se cê me perguntar como é que dá aqueles gritos, como dança aquilo ali, eu não sei... eu não sei te mostrar. É totalmente fora de mim. Então, daí por diante eu fiquei lá e tá há seis anos. Fez seis anos agora, nesse mês que passou.
1220. W.Z.: Então, você tá faz cinco anos já... é.... digamos, desenvolvendo e recebendo.

1221. V.A.S.: Isso. Não tem assim uma ordem de médium, nada assim. Que eu não tô pronta. Eu não me acho pronta porque é uma responsabilidade muito grande você começar a atender pessoas. Aí você tem que ter todos os trabalhos feitos que é assentamentos que eu não tenho ainda, nem minha mãe tem ainda. Minha mãe tem dez anos... agora que ela recebeu a ordem de médium, né, a ordem de passe. Então, ela tá começando a ver as guias que precisa, roupa que precisa, paramento das entidades. Às vezes até trabalho que outros médiuns têm ela não tem ainda... Então é muita coisa, muita responsabilidade. Mas como cambono cê aprende bastante coisa. Pelo menos eu aprendo bastante coisa porque quando a gente tá auxiliando uma entidade, e vêm pessoas assim como você falar com ela, ela te passa uma sabedoria muito grande. Cê acaba descobrindo histórias daquela entidade que você não vê há muito tempo. Às vezes - uma coisa que aconteceu comigo uma vez, acho que foi com uma entidade da D., que eu sou cambona dela - eu tava... eu tinha sonhado com uma cabocla dela de novo, e eu perguntei assim: "Mãe, a senhora foi me visitar no meu serviço?" Eu tava dormindo, cochilei, eu vi que passou, assim, uma pessoa, assim, eu... "Mãe, a senhora foi me visitar?" Aí ela deu risada: "Fui." Então, a coisa tem que se acostumar. Às vezes eu tô aqui, às vezes eu tô em algum lugar, aí você sente, assim, cê toma um susto. Aí cê pensa: "Ah, eu tenho que me acostumar, que eu sô uma médium, eu trabalho com espíritos e sei que eles vão vir me visitar." Então, acontece. E isso cê tem que se acostumar. E muita gente não entende isso, né. Recentemente terminei o namoro porque ele não entendia isso. É como eu falei pra ele... Eu falei assim: "Cê tem que entender que não é simplesmente é... ir numa igreja, como na sua - porque ele é... ele era evangélico - chegar lá e reinar por Deus, que Deus é isso.... Eu não sou nada. Ao contrário. Se for pra conhecer, eu vou. Eu vou porque é curiosidade. Mas a partir do momento que você mexe com uma coisa que é sobrenatural assim, que é com espíritos que já foram, que é espíritos de mata, de água, assim, que sabem tudo o que acontece ao seu redor, é totalmente diferente, que mistura o emocional da pessoa e principalmente o espírito da pessoa., aonde você trabalha pra que aquilo ali sempre fique, né, ativo. A gente que precisa tá disposto a atender, agente até fica meio, né... Passa mal, porque a gente pega muita coisa pesada, então precisa ter uma proteção muito grande, muito grande. Um vela sempre acesa, banhos tomados, porque cê você não toma... Todas as coisas ruins batem em você e você fica. Não sei se você chegou a ver gente passando mal lá.
1222. W.Z.: Já.
1223. V.A.S.: Vomita bastante porque é complicado, porque a partir do momento que a gente começa a trabalhar com o nosso espiritual, a gente fica igual a um... Como é que fala? Aquele....
1224. W.Z.: Esponja?
1225. V.A.S.: Aqueles ímãs, sabe? Tá com você, eu tô aqui e vou puxando, vô puxando. Você fica bem, mas eu não fico. Por quê? Porque eu suguei de você. Então, a gente fica, aqui, parecendo uma bucha. Então, tem que ter um escudo pra quando vai vir sua energia, bater e voltar, mas voltar, sei lá, pra uma parede, qualquer coisa. Não ficar... Então é uma proteção muito grande, precisa ter. Muito mesmo. E eu sou novinha, ainda. Claro que eu me vejo, assim, sei lá, um dia, sendo médium, mas é uma coisa que eu falei pra minha mãe: "Mãe, se eu tiver preparada pra ser médium, eu não quero, vamos dizer assim, que a R.L.M.: "Ó, eu quero que você seja médium." Não. Eu quero que uma entidade da casa venha e me dê como a minha mãe. Minha mãe recebeu o médium através do Exú do R.C.L.M.. Aí eu chorei junto com ela. Foi muito bonito. Ela não esperava. Ele veio... Claro que a entidade testa primeiro pra ver se você tá pronta, né. Então ele testou minha mãe vários meses. Fez coisas com ela, assim, que ela não percebeu, e se percebeu, ficou quieta. Aí, num dia de festa, chamou ela: "Ó, a partir de hoje, você é uma médium." Ela: "Hã?" Foi assim. Então comigo eu quero que seja assim também, porque mais do que ninguém eles sabem como a gente tá pronto, né. Eu não me considero pronta. Se eu puder eu fico cambona até... Mas, e aí? Tenho seis anos na casa, tem muita coisa pra aprender... tem muita coisa. Mas vai chegar uma hora que gente vai querer conhecer minhas entidades. Vai querer passar com as minhas entidades, como tá tendo, né, a partir da festa de Cigano começou. Porque Cigano trabalha, né. Eu tomei um susto quando me falaram que ela atendeu a assistência. Eu falei: "Hã?" Porque eu não me lembrava de nada. "Ah, V., sua cigana atendeu a assistente." Eu: "Hã? Sério?" "Sério." Aí ela me mostrou... tinha atendido umas cinco pessoas. E essa última festa também. Então, é uma coisa que tá acontecendo naturalmente. Muita gente fica assustada: "Ah! Você atendeu, V.? Cê não ficou com medo?" Eu falei: "Não. Não era eu. Se fosse eu, sim, taria com medo. Mas não é eu!" Me falaram que ela fala espanhol. Não sei falar nem o português direito, imagine espanhol! Então é uma coisa que você vê que não é de você mesmo. Línguas diferentes, roupa diferente. Eu odeio vermelho. Eu não suporto vermelho, mas a Cigana gosta, a minha

Pombo Gira gosta. Odeio batom vermelho. Eu não fumo. Só o cheiro do cigarro me faz mal. E ela fuma um atrás do outro, Eu não bebo. Bebo só refrigerante e olhe lá! Depende do refrigerante. Eles bebem...

1226. W.Z.: Eles bebem coisa alcoólica...

1227. V.A.S.: Bebe! Uísque... Eu odeio. Se você me oferecer um uísque, eu só coloco a minha língua e se eu sentir ainda... eu ainda jogo fora! Então é coisa que você fica, assim, surpresa, coisas que não têm nada a ver com você. É... Eles tomam um atrás do outro, um atrás do outro. E não te deixam tontinha de maneira nenhuma. A minha Pombo Gira, ela toma uma garrafa inteira de champagne. Eu, eu tomo assim, um copo desse assim, eu já fico morrendo de sono. Sou fraquíssima pra bebida. E ela toma pá, pá pá! Fuma um atrás do outro. Quando eu vou ver, aquele gosto de cigarro na boca, quando eu vou ver, a garrafa vazia. Eu falei: "Ela tomou tudo isso?" "Tomou!" Você não sai tonta. É como se eles levassem aquele alcoolismo com eles pra não deixar você passar mal. A entidade da R.L.M., por exemplo, toma é... aquela pinga... Como é o nome daquela pinga? É 51! Vira todinha! Quem disse que ela sai tonta? Não sai. O Exú do R.C.L.M., ele toma vodka... Vodka não! Minto! Uísque. Ele toma um uísque inteirinho... Aqueles Old... Ele oferece pra todo mundo, todo mundo faz uma careta! Ele toma todinho, numa noite só, se deixar. Não sai tonto. Não sai. Então, você vê por aí. Quem conhece a gente, convive com a gente um bom tempo, vê que a gente não fuma. Então é uma coisa que são espíritos, mesmo. Então eu falo assim pra você, não troco por nada, por nada. Se me escolherem entre... como já me fizeram, "Ou é eu ou é a sua religião", então pode ir embora, porque é minha religião. É uma coisa que acaba girando em torno de você. Às vezes, coisas que acontecem com você que não têm explicação, você já vê que é o lado espírita.

1228. W.Z.: Por exemplo...

1229. V.A.S.: Numa época, eu fiquei um ano afastada daqui. Eu trabalhava no... Não sei se cê conhece aquele Shopping Fiesta, lá pra Guarapiranga... Ele tá enorme agora.

1230. W.Z.: Acho que eu já passei perto.

1231. V.A.S.: É, tem um Extra enorme, lá. Eu cheguei a ficar um ano fora da religião porque eu cheguei... Eu saía duas da tarde e chegava meia-noite em casa. E não tinha folga. Era direto, direto trabalhando em pé. Então, nessa brincadeira de emprego não muito..., eu fiquei um ano fora. Nossa! Minha vida, assim, ficou... Um mal! Porque você fica desnorteada. Você acaba relaxando. Por causa do trabalho, cê não acaba fazendo o que fazia antes, tomar seus banhos... Às vezes até orar, normalmente, é um Pai-Nosso, uma Ave-Maria, cê acaba esquecendo. E isso deixa sua cabeça meia paralisada, meia fora de si. E eu comecei a ter problemas na escola, quase eu repito de ano. Até meu próprio espírito mesmo era mais assim... era mais alegre. Eu comecei a ficar mais triste. Então, acaba te desgastando. Cobranças também que... Eles cobram de você. Vamos assim... Eles escolhem você, mas até quando se você... quando você tá preparado pra trabalhar, eles querem cobrar de você pra poder ajudar outras pessoas. É essa a missão deles. Então, nosso corpo é um instrumento pra tá ajudando essas pessoas. Então vem a cobrança. Quando eles sintam... sentem que você tá preparado pra ser um médium de ordem de passe, começa a cobrança, né. Porque eles querem porque querem ajudar de qualquer maneira. Não importa se é só uma pessoa, mas tem que ser assim. Então, eu via muitas cobranças. Tinha sonhos muito estranhos, quase fui atropelada, então muita coisa aconteceu porque eu me afastei nessa época. Então, quando eu terminei esse serviço, eu comecei a voltar. Eu tive que refazer de novo, aprender algumas coisas de novo até eu voltar a me estabilizar. Então, uma coisa que me falaram e que eu também concordo - pelo menos na minha vida - é se eu não trato bem desse meu lado espiritual, acho que minha vida fica meia desequilibrada, né. Porque a partir do momento que você sente que tem esse dom que eu... eu não chamo de uma... de demônio, assim... é um dom. Ninguém recebe porque não quer. Assim, acho que todo mundo tem, mas nem todo mundo tem do modo que a gente tem. Outros têm pra psicografia, tem a visão. A minha amiga, por exemplo, ela tem a visão. Ela não incorpora mas ela vê a entidade como ela é. Eu gostaria de ver também. São poucas vezes que eu vejo. Outras pessoas têm da escrita, outras ouvem, outras sentem. Eu, por exemplo, eu tenho pra incorporar. Meu corpo é o trabalho deles. Então, a partir do momento que você começa a desenvolver isso dentro de você, além de te proteger, ajudar outras pessoa, a sua vida acaba sendo uma só com ela. Então, se você não cuida, acho que sua vida não anda. Pelo menos é a minha opinião. Então, eu vi isso na pele. Ficar um bom tempo afastado, cê pega coisas horríveis, eu cheguei a passar mal uma vez. Uma mulher começou a conversar comigo eu passei mal. Vomitei bastante. Passei um bom tempo mal. Então...

1232. W.Z.: Você absorveu as coisas dela...

1233. V.A.S.: Isso. Nossa! Ela tava péssima. "Aí, posso conversar com você?" Eu: "Tá, pode.". Nossa, passei mal! Eu lembro que eu fiquei uma semana com uma enxaqueca terrível. Nenhum remédio passava. Tanto que eu acendia a vela, a vela apagava, pesadelo, foi horrível! Foi uma semana assim, horrível, horrível! Então, cê acaba relaxando mesmo. Muita gente que sai da casa volta porque sabe o quê que é. Uma coisa que eu acho que eu nunca mais vou me esquecer foi o que o Baiano falou: "É melhor que você venha uma vez no ano, ou uma vez na semana, do que nunca vir." Porque é uma proteção que você tem. Querendo ou não, no mundo que a gente vive, tem esse negócio de espírito, tem essa coisa de inveja, de olho gordo. E não precisa ser médium pra saber que a pior coisa do mundo é a inveja de uma pessoa. Isso acaba com qualquer um. Então, a gente tem esse bloqueio, essa coisa pra nos proteger. Claro que não vou... com banho, com vela não vou tirar sua inveja de mim. Não! Isso é uma coisa que cabe a você, ou eu aos poucos, vou tirando isso de você. Mas isso pra mim...
1234. W.Z.: Pelo menos te protege.
1235. V.A.S.: Muito! Nossa, já me livrei de cada coisa! Cada aviso que eles dão! Acho que uma das provas que eu mais tive nessa minha religião, mais uma vez, foi com a minha mãe. Acho que a minha mãe é a melhor prova disso. Ela sofreu uma vez um acidente... Ela só não tá com o rosto deformado até hoje, porque protegeram ela. Ela ia bater com o rosto no poste e foram coisas, né, que fizeram. Uma ex-patroa dela fez pra ela - a gente acabou descobrindo - e a mulher já acabou indo embora. Então acho que é uma das provas assim que melhores... Da minha avó, que é recente... Eles nos preparam, sabe. É como se fosse uma ajuda iluminada. Às vezes quando...
1236. W.Z.: Como é que eles preparam?
1237. V.A.S.: No sentido da minha avó é o seguinte: A minha avó é da Bahia, né, então a gente teve que trazer ela pra cá. Só que antes disso, antes da gente saber que a minha avó tinha câncer, avisavam pra minha mãe. Minha mãe - acho que minha mãe... eu chamo minha mãe de bruxa! É incrível porque ela, além de ela ter esse dom de incorporar, minha mãe tem o dom da intuição, de sentir as coisas. Ela tem essas coisas de... aquele aperto no coração, e já tavam preparando a minha mãe seis meses antes de trazer minha avó.
1238. W.Z.: Com essas...
1239. V.A.S.: Com sonhos.
1240. W.Z.: Sonhos?
1241. V.A.S.: Com sonhos. Ela sonhava muito com pessoa doente, é... pessoas... é... água... esses sonhos indecifráveis que só ela pode entender. Então, tavam preparando a minha mãe, só que minha mãe não comentou com ninguém isso. Aí deu na minha mãe: "N., vai lá na Bahia e traz a minha mãe." "Por quê?" "Porque eu acho que tá acontecendo alguma coisa com ela." E rolava uma fofoca e tudo mais... Minha tia foi. E descobriu que ela tava muito doente, ninguém sabia o que ela tinha, mas no fundo, prepararam pra ela e disse o que ela tinha. Falaram pra minha mãe que ela tinha câncer e que tinha algum problema referente ao estômago dela, a alguma coisa assim. Tá. A gente trouxe ela e foi confirmado mesmo que ela tava com câncer, tava com o diabete muito alto. E assim foi preparando minha mãe. Quando minha mãe... Quando eles sentiram que a minha mãe já tava mais preparada, aí que foi a missão da minha mãe preparar as minhas tias, que como a gente é muito amiga, então ela já sentia, ela já conta pra mim, mas "Ó, não conta pras suas tias o que eu tô te falando! Já fica preparada." Foi um sofrimento, mas perto do meu tio, o da minha vó não foi uma dor tão grande, porque eles prepararam a gente. Eles sempre falavam pra gente se acalmar, que isso já tava prestes pra acontecer mesmo.
1242. W.Z.: Com seu tio o que é que aconteceu?
1243. V.A.S.: Ele foi assassinado. Então, uma coisa muito incrível isso foi, e na virada de 2000, se eu não tô enganada. Já faz um ano. No ano novo, todo mundo tava de preto. Todo mundo tava de preto. Eu tava péssima! Tava me sentindo, assim, horrível. Coloquei o preto... Minha família toda passou de preto. Só que aí foi uma coisa inesperada. Ninguém sabia que ia acontecer. Quando terminou, seis horas da manhã, vieram falar, né, que meu tio tava morto. Aí, pronto! Mas antes, minha mãe já teve um sonho. Sonhou que eu tinha sido morta de assassinato. "V., sonhei que você morria em assassinato!" Mas não fui eu, foi o meu tio. Da minha avó, no caso, é... como disseram, o caminho dela já tava pronto pra esperar ela, né. Então as entidades praticamente só aliviaram um pouco a nossa dor dando palavras de conforto e falando algumas coisas de sonho, né. O que ela tinha, no caso, foi demonstrado pra minha mãe seis meses antes, e o aviso pra minha tia buscar ela, né, pra tratar ela. Então foi... foram uns três meses...

1244. W.Z.: E aí ela foi tratada aqui?
1245. V.A.S.: Foi. Ela foi tratada naquele hospital é... Higienópolis, eu acho. Então ela ficou uns meses lá. Uns bons meses. Então, praticamente...
1246. W.Z.: Aí ela ficou bem?
1247. V.A.S.: Não, só piorava.
1248. W.Z.: Faleceu?
1249. V.A.S.: Faleceu.
1250. W.Z.: Quer dizer, vocês foram preparadas pra essa passagem...
1251. V.A.S.: É. E muita gente julgou a gente no enterro dela, né. Falou que a gente foi uma família muito seca, que a gente não chorou e começou a gritar "Ah! Minha avó! Minha avó! Minha avó!" Não. A gente foi preparada, a gente sabia que ia acontecer. A gente só se conformou com o sofrimento dela. Então, é uma coisa que você fica pensando: "Nossa! Como as coisas são né?" Você, do nada, recebe uma notícia dessa e quando você vai ver, nossa!, não doe tanto. A gente sabe que dói, mas não é aquele sofrimento de ficar toda hora comentando com a pessoa 24 horas por dia. Eles te preparam. É como se fosse um aprendizado. Eles vão te dando palavras, eles pedem pra você acender uma velinha, respira, se puder chorar, chora, se acalma. Às vezes você tira força você não sabe daonde! Então, de certa forma, você fica pensando como o espírito é, né? Te ensina tanta coisa! E eu te falo uma coisa: eu aprendi muita coisa lá dentro. A maior parte da minha vida eu amadureci lá dentro. Eu digo assim, eu era cabeça... uma pessoa de cabeça muito pequenininha mesmo. Pequenininha! E muitas coisas que eu já passei, principalmente familiar, eu tive ajuda lá dentro. Porque o primeiro socorro que eu imagino, é lá dentro. Se eu precisar, tiver chorando, não importa onde eu esteja. Meia-noite... Eu bato lá e "R.L.M., posso subir?" "Fica à vontade!" Se for pra eu dormir lá eu durmo, é como se fosse uma casa de paz. Você encontra o que você necessita. Então, muita gente não vê isso. Ninguém vê que a gente é uma parte católica, que a gente sabe rezar um Pai-Nosso, que a gente sabe rezar um Credo, que a gente usa a vela branca como se usa na igreja, né. Vela vermelha é só uma vela branca pintada de vermelho, não tem explicação nenhuma. A não ser que você pegue ela com alguma intenção. É uma coisa que sempre ensinou pra gente: cê nunca pegue uma vela sem antes tomar cuidado com a intenção que você quer porque uma vela faz muita coisa. A partir do momento que você acende ela e seu pensamento vai, qualquer coisa pode acontecer, mas cabe a você aceitar o que vai voltar pra você, que é em dobro. Então é uma coisa que eles sempre falam pra gente. Muita gente vai atrás de que o marido morra, que aquela fulana lá largue do meu marido e morra, a gente não tá pra isso lá. Eu tenho certeza de uma coisa na minha vida: a minha missão é tá lá dentro, até quando eu me sentir bem, até eu achar que devo ficar. É a única coisa que eu tenho certeza na minha vida, porquê daqui no futuro, eu não sei. Mas uma coisa eu tenho certeza: lá eu não tô por acaso. Não tô porque a afinidade que você tem com eles é muito grande. Se tivesse... se eu não tivesse lá fora assim... lá fora é uma coisa. Uma vez eu fiquei na assistência, fiquei parada e falei "Como é estranho ficar na assistência!" Você que tá lá dentro o tempo todo, a energia é totalmente diferente. Você fica lá dentro, você fica assistindo aquela coisa gelada, as pessoas presa, não batem palma. Quando daqui, da entrada, cê passa pra lá, cê sente um calor, uma energia fora do comum. Você não vê, quando você tá lá na assistência, a partir do momento que você colocou o pé lá dentro, dá um calor, dá um negócio totalmente diferente. Arrepia tudo. Então, é uma coisa inexplicada. É... Algumas coisas têm explicações sim. Quem diria que eu taria lá dentro? Magina! Eu não era contra. Eu, V., sempre tive curiosidade e isso começou ... meu pai também era dessa religião. Meu pai era. Começou através dele, depois passou pra minha mãe... Só que meu pai era de uma outra religião que eu não me lembro qual. Ele era filho de Oxóssi, até. Aí ele também fez umas besteiras na vida, saiu, agora tá evangélico, eu acho. Vai saber se ele não tá em outra religião... Eu penso assim...
1252. W.Z.: Seu pai...
1253. V.A.S.: Ele era...
1254. W.Z.: Evangélico? Era... era... enfim, fazia parte de alguma religião mediúnica?
1255. V.A.S.: Fazia. Ele era da Umbanda também.
1256. W.Z.: Da Umbanda também?
1257. V.A.S.: Ele era da Umbanda.
1258. W.Z.: E ele mora... Vocês moram com ele?

1259. V.A.S.: Não, não. São separados.
1260. W.Z.: Eles são separados...
1261. V.A.S.: Ele mora perto da minha tia, lá pro lado de Taboão. Eu não tenho muito contato com ele.
1262. W.Z.: Ele tá com outra pessoa?
1263. V.A.S.: Não sei te informar porque assim...
1264. W.Z.: Quando que eles se separaram?
1265. V.A.S.: Faz um bom tempo. Não sei te dizer o ano exato. Quem sabe mais é minha mãe porque essas coisas assim eu tento não... Não lembrar muito, mas a gente é uma coisa muito afastada, assim, um do outro, né. Então, eu penso assim: se você entrou uma vez lá dentro, cê não tem como sair. Não tem como. É igual assim, a gente tem mania de conhecer outras religiões, o Candomblé, a Umbanda... Eu conheço uma aqui que fica aqui você descendo direto aqui na Cupecê. Eu esqueci o nome dela. É bem pequenininha assim. Lá é um estilo meio que Candomblé, meio que umbandista. Eu fico lá, alguns pontos são iguais os nossos. Aí eu fico pensando: nossa! Eu não gostei daqui. Porque você tá acostumado com o seu. Tem aquele batuque dos atabaques, tem a gente bate palma, as pessoas. Você vê que a energia é diferente. Então, quando cê vai conhecer alguma outra casa, não tem como você não lembrar da sua. Ou quando alguém te convida, como já me convidaram pra Renascer, pra aquela Deus é Amor, não tem como. Você acaba não gostando porque... desculpa... porque é assim mesmo. Aí é uma coisa que você vê. Não adianta você obrigar, como já me obrigaram a ser evangélica do Renascer - meu pai forçou, né, a gente a ser do Reino de Deus - não tem como.
1266. W.Z.: Isso quando ele tava com a sua mãe ainda?
1267. V.A.S.: Não. Eles tavam separados. Eles moravam...
1268. W.Z.: Eles separaram vocês eram pequenas ou...
1269. V.A.S.: Não, não, eu tinha uns doze, trezeanos, por aí. Uma coisa mais assim, que eu já tava mais adolescente, mesmo.
1270. W.Z.: Tá. Você não gosta de pensar muito nisso.
1271. V.A.S.: Não porque há muita mágoa entre a gente, né. Eu já faço... É uma coisa que eu também sei: é minha missão, por ele ser meu pai, é minha missão ajudar ele, principalmente o lado espiritual porque meu pai e eu acho que a gente é mais ligado espiritualmente do que fisicamente como pai e filho. É coisa que acho que deve ter vindo de outras vidas, não sei. Mas quando a pessoa não quer ser ajudado, não adianta você forçar a ajudar. E ele é muito cabeça dura. Então, é muito rancor entre a gente. Às vezes as pessoas me perguntam, eu até falo o essencial, mas assim, começar desde lá do finalzinho até agora, é uma coisa que mexe com ferida. E também mexe até um lado espiritual, também, então eu acho que eu tento cortar ao máximo. Mas, se comentar também, não faz mal a ninguém. Tem que assumir que é filha e pai mesmo e é assim que acontece. Mas, é assim mesmo, né. Não adianta... eu já... eu não tenho interesse nenhum em mudar de religião. Ao contrário. Eu quero mais é me aprofundar no que eu estou. Mas eu já entrei em Renascer, já entrei em Reino de Deus... Minha patroa... (...) Eu trabalho com uma psicóloga clínica; eu sou recepcionista. Então ela é aquela mulher que é da religião... É um tipo de evangélico, que agora não me vem na cabeça... Ela é aquele evangélico que as mulheres não podem usar... Não pode ver televisão, não pode ver isso...
1272. W.Z.: Testemunha de Jeová.
1273. V.A.S.: Testemunha de Jeová. Só que ela é aquela testemunha que não obriga você... Olha, vamos, porque senão... Mas se eu disser pra ela que eu sou umbandista, ela me manda embora. Por quê? Porque ela é Testemunha de Jeová.
1274. W.Z.: Então você não pode falar nada.
1275. V.A.S.: A primeira coisa que ela me perguntou : "Que religião que você é?" Aí eu parei assim e falei: "Sou católica.", falei pra ela. Por quê? Porque uma menina antes me avisou; "V., ela vai perguntar da sua religião, que ela pergunta pra todo mundo. Então, toma cuidado. Porque ela não vai aceitar ficar com uma funcionária que é...né... demônio..." Então, ela tá comigo, eu tô lá faz seis meses, mas ela não sabe que eu freqüento. Eu falo pra ela que dia de sábado eu faço esporte, que faço capoeira, vou acompanhar minha família na igreja, mas não é verdade. Então ela é Testemunha de Jeová, mas aquela Testemunha de Jeová que fica assim, na dela, não sabe forçar, mas ela me convidou pra ir na religião dela. Eu fiz

assim: "É, C., eu posso pensar um pouco, né, quem sabe?" Então, ela é aquela pessoa que ela vai te dominando com outras palavras. Se deixar... Ela sempre tá falando de Deus, que a Bíblia... Eu falei: "Não, C., eu tenho uma Bíblia em casa, eu olho a Bíblia. Não é porque eu sou católica... Eu não sou aquela católica assim, né, mas vou na igreja, tenho a Bíblia em casa, sei alguns salmos..." Ela: Ah, é, mas é que o catolicismo só vê a Bíblia... que não sei o quê..." Eu falei: "É, mais ou menos por aí." Aí eu fico pensando: "Aí dela se ela soubesse que eu não sou nada disso!" Eu sou mandada do olho da rua pra fora! Então, pra você ver onde vai o preconceito, né. A gente tem que omitir alguma coisa. Tem algumas coisas que a gente é do catolicismo sim, mas a maior parte, não. Então...

1276. W.Z.: Você tava me contando aquele momento em que você foi chamada pela entidade da D., e que aí você ficou "apagada" um tempão.
1277. V.A.S.: Fiquei por um bom tempo assim
1278. W.Z.: Aí você começou a freqüentar as giras de desenvolvimento.
1279. V.A.S.: Sim.
1280. W.Z.: Aí, como é que era? No começo, até que tivesse firmeza, como é que era? Você também apagava...
1281. V.A.S.: Nossa, fiquei um bom tempo. Eu fiquei dois meses apagando direto. Em todas as giras que... porque você começa assim: a primeira reação que você tem - pelo menos comigo - foi espontâneo. Comigo, eu fiquei lá... Você fica lá na frente, pedem pra você respirar, fechar os olhos, não pensar em nada. Aí você sente... C6e fica tonta, você balança de um lado, balança do outro. Comigo não. Eu fiquei lá e balancei, balancei e caí. Desmaiei. Então, eu fiquei dois meses... Eu era conheci por desmaiar lá dentro. Fiquei dois meses desmaiando direto, que era 20, 25 minutos pra me acordar. Então, eu apagava. Não sabia. Eu ficava num vazio, tentava acordar, tentava e não conseguia.
1282. W.Z.: E você ficava no chão parada?
1283. V; É. Sabe quando você desmaia e não tem força pra se mexer? No seu pensamento, cê quer acordar. "Eu tenho que acordar." Mas cê não tem força pra mexer braço, perna, é como se tivessem te segurando e paralisado você. Aí, então, sopravam no meu ouvido. Eles costumam falar assim: "Teu anjo de guarda te chama." Fala meu nome e "Seu anjo de guarda te chama." E eu ia voltando, voltando, aí, respirava, aí eu voltava normal. Eu fiquei dois meses assim, desmaiando direto. E aí, pra isso... Pra não acontecer isso comigo - porque isso se chama "falta de firmeza", é uma pessoa que tá começando - pra isso eu comecei a deixar sempre minhas velas de anjo de guarda acesas, banhos tomados, cuidando mais das minhas entidades que é... Vamos dizer, se no fundo de mim falasse assim: "Acende uma vela vermelha". Eu ia lá e acendia, porque não é eu que tô pedindo. É eles. Então, eu comecei a tratar disso, comecei a freqüentar o... saí da quarta (...) pro sábado, porque é onde tinha aulas pra explicar pra você porquê o nome é Exú, o que significa Exú. Por que existe aquela Trunqueira ali. Então, eu comecei a entender o fundamento. Por que a gente bate cabeça, porque eu uso o branco, porque a gente precisa usar o ojá, as guias, porque aquela cor branca é aquela cor do Oriente. Então, isso é o fundamento que a gente aprende. E fora que as entidades te passam alguma coisa pra te dar mais firmeza. Se elas mandarem você quebrar um coco ali, cê quebra. Com certeza você vai ter uma certeza assim, bem direta. Então, eu começando, até eu parar esses desmaios foi muito tempo que eu comecei a cuidar mais do meu espiritual. Como eu tava fraca, não tinha firmeza, então eles começaram a me tratar, mas sempre eu ia lá, ficava lá na frente... Pá! Desmaia. Teve uma hora que eu, cuidando disso tudo, eu fiquei tonta. No começo, antes de começar a te falar sobre isso, no começo algumas pessoas se sentem tontas, outras desmaiam, como no meu caso, outras já têm reações espontâneas de ter a primeira entidade. No meu caso não. Você demora. É uma coisa demorada porque você empata isso. Eu empatava demais. Às vezes, me dava vontade de ir lá na frente e cumprimentar a mãe da casa. Eu não deixava. Eu falava: "Será que é isso mesmo?" Então eu te falo assim: muita gente lá dentro poderia ser até um médium, mas tranca muito, não deixa se soltar. Porque você tem que entender que não é você. Mas é claro que tem que deixar uma parte viva dentro de você. Então, eu deixei isso muito demorado, porque você tem medo. Você tem medo de uma coisa desconhecida. "Ué, por que eu tô com vontade de fazer isso?" Então, eu ficava imaginando... Quando eu recebi minha Cabocla, eu tava morrendo de vontade de gritar. Eu falava dentro de mim: "Eu não vou fazer isso. Por que eu vou fazer isso? Não vou fazer." Então, muita coisa você deixa segurar. Você não se solta totalmente pelo medo. Então, eu tive muito medo. Todo mundo tem medo. Então, até eu... Até pode ser que esses desmaios meus, além de falta de firmeza, era o meu medo. Meu medo profundo do desconhecido. Como é que eu vou deixar o meu corpo, assim, e vir um espírito - eu não sei daonde que vem - pra entrar dentro de mim

e trabalhar? Então, rola um pouco de medo... Eles te balançam de um lado, te balançam do outro. Cê fica tontinha, tontinha. Quando cê vai ver, já tá vestida de um jeito... Quando você acorda, né, porque dependendo da entidade, eles não deixam você lembrar de nada, nada, nada, a não ser que eles achem necessário te dar um recado ou alguma coisa que eles acharam que é importante pra mim eu ver. Caso contrário, fica pra mim um livro assim fechado, como se eu nunca tivesse aberto. Então, é uma coisa que demora. Então, eu comecei a freqüentar, aí eu coloquei a roupa, até eu pegas, eu mesma, tirar esse medo de mim. Foi aí que realmente eu fiz o que tinha que fazer, eu deixei, ela veio, tanto que eu não me lembrei...

1284. W.Z.: Mas aí você passou dois meses apagada, e aí você começou a ter o quê? Ela já veio ou aí teve um período...
1285. V.A.S.: Não, não. Teve um período ainda que ela me balançava, aí depois...
1286. W.Z.: Balançava e você não caía...
1287. V.A.S.: Não. Aí eu já não caí.
1288. W.Z.: Já tava firmando.
1289. V.A.S.: Isso. Então, já eu não desmaiava, não caía direto. Aí eu comecei a balançar de um lado, balançava do outro. Aí ficava parada. Tremia muito. As suas pernas... Cê não fica em pé. Depende da entidade. Tem entidade que tem mania de chegar e jogar o joelho no chão, como no caso da minha. Então, me dava muita vontade de ajoelhar. E eu segurava e ficava... Quando eu tava vendo, já tava abaixando, abaixando. Então é uma coisa que não adianta você segurar porque não tem como. Não tem como. Aí, depois que ela me balançava de um lado, me balançava do outro, foi aí depois que ela... Teve uma hora que eu acho que foi a que eu acho que eu tive mais firmeza, mais assim, que eu perdi o medo mesmo, que foi uma hora que ela veio - acho que ela encostou na minha frente e me jogou pra trás. Quando ela me jogou pra trás que eu fui ver, eu já tava de joelho. Mas, até aí, eu fiquei de joelhos. Já é um ponto positivo. Na outra vez, foi direto. Ela veio e aí ela soltou o grito dela. Foi aí que ela veio totalmente. Que ela veio que era ela mesmo. Tanto que ela não fala, fica quieta. Aí depois que acontece isso, a entidade, ela demora pra dar o nome. Ela não se sente preparada pra dar o nome. Tanto que perguntam, né, "Qual é o seu nome?" Algumas não falam. Outras, quando se sentem prontas pra trabalhar, como eles dizem lá - que a entidade só dá o nome quando tá pronta pra trabalhar. Então ela demorou também. Então demora pra ela dar o nome. Demora pra ela dar o ponto dela, que no caso dessa minha, demorou bastante. Então, nessa brincadeira, foram dois, três anos, assim. Foi aí quando eles começam a passar o ponto. A partir do momento que a entidade passa aquele ponto dela de trabalho, e aí que ela tá dizendo: "Posso trabalhar." Mas aí cabe ao dono da casa, ou a entidade do dono da casa decidir se a gente tá pronto ou não. Então é um procedimento muito longo. Muita gente tem pressa em querer receber logo, em querer fazer assentamento de cabeça, assentamento de Caboclo, mas não é assim que funciona. Não é, porque demora muito. Eu ainda, com seis anos que eu tô lá dentro, eu tenho alguns medos ainda de algumas entidades minhas que eu não conheço ainda. Mas a ponto de eu desmaiar como eu desmaiava antes, passar mal como eu passava mal antes eu não tenho mais isso. Não tem porque você acaba aprendendo a cuidar, a ter esse bloqueio. Então, eu não tenho mais. Eu não desmaio, a não ser que seja uma coisa muito pesada que me faça desmaiar, mas não como antes, assim, seguidos, desmaiar 20, 25 minutos sem se mexer.
1290. W.Z.: Você recebe quantas entidades?
1291. V.A.S.: Praticamente eu recebo quase todas. Acho que... E que e assim: as minhas entidades, eu trabalho com mulheres. Claro que eu tenho homem. Vamos dizer assim, Baiano... Eu sei que eu tenho um Baiano, mas quem toma a frente dele e a minha baiana. Então eu tenho Criança menina, tenho Baiana, tenho Vô, agora e Vó, tenho Cigana, eu só não sei te dizer se eu recebo Pescador, porque é uma entidade pouquíssima de ser usada, então eu não sei, mas praticamente eu recebo todas, a não ser o Pescador, que eu não tenho certeza, Marinho eu também recebo, Boiadeiro eu também recebo, então eu já sou uma médium que eu já tenho uma firmeza pra receber todas as linhas de entidades.
1292. W.Z.: Pombo Gira...
1293. V.A.S.: Recebo o Exu, também, Criança...
1294. W.Z.: E eles tão falando...
1295. V.A.S.: Eles falam normalmente, tanto que a sua voz muda. Vamos dizer assim, o meu Exu - pelo menos e o que dizem, né, a gente só obtém essas informações assim quando alguém te fala, porque como

a gente não sente... - ele vem muito... com a voz muito grossa, e dizem que a fisionomia muda... Isso cabe de quem vê. Quem uma vez elogiou a minha Cabocla foi uma amiga minha. Ela falou que eu fico mais alta, fico mais magra, e vê meu rosto sereno, bem de criança. Eu falei: "Sério?" Ela: "E." Tanto que eu chorei. Dizem que a minha Pombo Gira e muito... como e que eu posso falar? Coisa que eu não sou! Ela e bem atraente, toda dança... Eu não sei dançar a dança do ventre. Ela sabe. Então, e uma coisa que você vê. Então, a voz muda, a fisionomia muda, se a minha Pombo Gira e magra, você me olhando, eu sou gorda... Não tão gorda, né, mais ou menos assim, rechonchudinha... Então, você olhando pra mim, cê vai olhar assim: "Nossa, como você tá magra!" Então, cê já vê. Então, são coisas que na aparência muda. A voz muda. Eu já obtenho, assim, por Pai R.C.L.M.. No dia em que você tava lá, do Cigano. O Cigano dele... Eu acho o Cigano dele lindo! Lindo! Fica um homem assim... Eu acho... eu posso achar o R.C.L.M. horrível, mas ele com as entidades dele eu acho assim uma coisa maravilhosa. A voz muda, né, o jeito muda, parece que fica mais alto.

1296. W.Z.: Ele parece que fica bem alto, né?

1297. V.A.S.: Não e? cê já percebeu?

1298. W.Z.: O Cigano parece que tem três metros de altura.

1299. V.A.S.: Uma coisa que eu gostaria muito que você visse e a Iansã do R.C.L.M.. Eu acho ela, assim, um espetáculo! Porque ela e do Candomblé, a Iansã dele, como o R.C.L.M., como você já deve conhecer, né, ele e do Candomblé... Eu acho a Iansã dele linda. Fica totalmente diferente. Ela fala a língua do Queto. Eu não sei falar a língua, se bem que algumas coisas eu tenho que saber. Mas quem disse que eu entendo? Eu não entendo. Então, o Caboclo dele... Ele fica super alto, só que aí parece que ele fica desse tamanho assim, fica alto, né.. E como me dizem. Então, a minha Criança... Eu fico com a carinha de menininha... A minha voz muda, fica bem fininha. Como? Eu tô sem voz agora, mas lá, não sei de onde ele tira a voz pra falar. Eu tô praticamente sem voz, mas e uma coisa que você vê que não e só dentro da gente que muda, mas eles mostram pra você que a fisionomia muda. Muda. Coisa que você não faz eles fazem... Então, não tem como você não acreditar.

1300. W.Z.: Você tava falando que às vezes eles fazem você perceber o que esta sendo dito, quando e alguma coisa que você precisa saber.

1301. V.A.S.: sim.

1302. W.Z.: Mas que, e geral, você não se lembra muito... Como e que e? Você, enquanto tá incorporada, às vezes tá vendo e ouvindo?

1303. V.A.S.: Acontece. E uma coisa que aconteceu. Vou te dar um exemplo: tinha uma amiga da minha mãe, o nome dela era R. Eu nunca tinha visto ela na minha vida. E foi numa festa que o pessoal tirou aquilo que separa, né, e ficou normalmente. Ela veio, conversou comigo, e disse uma coisa: que gostou muito da minha entidade, que já tinha conhecido a minha entidade há muito tempo. E até a Baiana, a minha Baiana. Ficou comigo isso. lá no fundo ficou. E ficou a fisionomia do rosto dela na minha cabeça. Eu nunca tinha visto ela na minha vida. Quando eu desincorporei, que eu voltei a mim, veio a imagem dela e o que ela falou para mim. Aí eu procurei essa pessoa. Eu falei: "Mãe, a senhora viu uma moça de fisionomia tal, tal, tal? Eu queria ver ela." E ela tava lá. Falei: "Quem e ela?" " Ah, minha amiga que eu trouxe, não sei o que, não sei o que. Por que?" " Não, porque ela comentou alguma coisa com a Baiana e eu nunca vi ela. Queria só saber porque." Então, você fica pensando, cê vai lá na frente, entra de corpo e alma pra entidade trabalhar por você pra você não se lembrar de nada porque cê não pode atrapalhar, porque acho que prejudica, né, cê tá falando, prejudica a pessoa. Então eu tento ao máximo meus pensamentos, minhas idéias não atrapalharem o que ela possa ajudar. Vamos dizer que ela goste de fumar charuto, aí porque eu não gosto de charuto que eu vou falar assim, dentro de mim: "Não, cê não vai fumar charuto." Não. E ela que gosta, não e eu. Eu tenho certeza que eu não vou passar mal porque ela não vai deixar. E sempre isso que eu falou: "Ce quer tomar uísque? Tome. Mas não me deixe tonta, não me deixe passando mal, pelo amor de Deus!" Então e uma coisa que você fica pensando. Acontece mesmo. Isso cabe a elas. Quando elas acham necessário que você saiba de alguma coisa, que você possa lembrar, elas deixam. E muito engraçado. Fica na sua cabeça. E a primeira coisa que vem na sua cabeça.

1304. W.Z.: Durante a incorporação você sente que tá ali.

1305. V.A.S.: Sente. Ela já fica do seu lado. Quando cê tá lá na frente e o seguinte, às vezes até acontece de você pisar... Comigo e assim: eu pisei lá dentro... [Acaba a fita.] Eu sei quando a gira vai ficar com muitas pessoas, eu sei quando ela vai ficar ruim, eu sei se eu vou passar mal, se eu não vou... Por que? Porque

aquela parte lá de baixo - não digo que a casa toda é o principal, mas eu penso assim, a partir do momento que aquilo ali tá com aquele firmamento bem, tudo pode ocorrer bem, porque ali passa eu, passa você, e tudo fica lá pra você subir em paz lá pra cima. Uma coisa que aconteceu sábado passado... Eu fiz assentamento lá embaixo, eu subi tontinha. Se eu não segurasse nas paredes... Parecia que minhas mãos tavam entrando na parede, de tão tonta que eu tava. Falei: isso aqui vai pegar fogo! Tanto que eu falei pra mãe da casa: "Olha, mãe, acende uma velinha porque a senhora vai trabalhar muito hoje." Isso porque tava vazio. Quando foi a hora da defumação que eu olhei pra trás, tava assim, cheio, cheio! Eu fico pensando: "Meu Deus! Como você, com o tempo, tem uma firmeza tão grande que num simples assentamento ali você já sabe, né, Tanto que às vezes, quando eu tô ruim, eu não faço assentamento lá embaixo porque exige muito de você. Exige que você não pense em nada, que você se concentre bem porque se ali tá bem, acho que o resto da gira pode ficar tudo bem. Então, a partir do momento que você sai dali e vai lá pra frente... Eu fico tontinha! Eu saio dali da corrente, fui lá pra frente, já to... A mãe começa a tocar o sino de Goroci(?), eu já caio direto. Porque você sente que eles estão ali. Eu sinto quando eles já chegam, que isso aqui meu fica todo arrepiado. Eu fico falando "Calma, calma que não chegou a hora ainda!" Então, você sente. E é muito engraçado.

1306. W.Z.: Você diria que você é uma médium consciente, inconsciente, semi-consciente, ou isso é uma coisa que varia dependendo da situação..
1307. V.A.S.: Eu acho que varia...
1308. W.Z.: ...dependendo da entidade...
1309. V.A.S.: Antes eu achava que eu era uma médium consciente porque ela entrava dentro de mim, a entidade entrava dentro de mim, mas eu sabia o que tava acontecendo, eu sabia que ela tava com vontade de fumar, ela ia lá, pegava e fumava, tava com vontade de tomar alguma coisa, ia lá... Mas, pensando bem, e se a entidade não quiser que eu me lembre de nada? E aí? Então eu não sou uma médium consciente.
1310. W.Z.: Isso também acontece, de você não lembrar de nada...
1311. V.A.S.: Pois é, então eu fico pensando... Então, eu não sou uma médium nem consciente nem muito menos inconsciente. Varia de cada entidade. Cabe a ela se eu querer lembrar ou não das coisas. Mas uma coisa eu tenho certeza: se eu sentir que ela tá querendo fazer alguma coisa além do normal, como aconteceu com um filho da casa - ele se aproveitava das entidades pra apalpar as mulheres, e quem pegou foi a entidade da Mãe N. Mandou ele embora direto. Porque não é a entidade... a entidade nunca vai chegar em você e vai querer pegar nas suas coxas. Imagina! Aí que tá o problema: o filho que tá induzindo a entidade. Ele tá usando a entidade pra pegar. Ele fez isso. Ele começou a olhar a mulher... Isso eu descobri uns dois anos atrás. Aí me falaram que ele foi mandado embora porque ele tava agindo errado porque tava usando a entidade pra apalpar as mulher. Eu falei: "Ah se ele faz isso comigo!" Então, imagina como é que fica a entidade. Escolhe você pra ser seu instrumento, pra ajudar as pessoas, até pra ajudar alguém da sua família e você usa ela pra... Então, muita gente faz isso. Muita gente faz coisa errada e... "Ah, eu tô tonta! Eu acho que é a entidade que não sei o que... Ah, eu fiz isso, mas não fui eu. Deve ter sido a minha Criança."
1312. W.Z.: Tira a responsabilidade.
1313. V.A.S.: Tira e joga em cima delas. Muitos médiuns ali dentro já fez isso e por isso que às vezes tão sendo mandado embora. Então cê não pode fazer isso. Então acontece isso. Mas geralmente cê tá lá na frente... Eu me esqueço totalmente. Mesmo que eu quisesse... se eu seguro... e não tem como você segurar. Eles não deixam. Quando você vai ver você já ficou tonta, já foi pra um lado que você não sabe... Mas acontece isso mesmo. É uma coisa assim, sobrenatural. Sobrenatural mesmo.
1314. W.Z.: Essas vezes que você... que depois você soube que a sua entidade atendeu... Quer dizer, raramente você lembra daquilo que foi dito ou com quem era. só...
1315. V.A.S.: E. A não ser que a pessoa estivesse do lado da minha entidade tenha falado, porque no caso... Eu se eu quiser perguntar... falei: "Ela atendeu assim normalmente? O que ela fez? Quem ela atendeu?" "Ela atendeu assim, assim, assim, assim." Eu falei: "Ha? Mas eu não me lembro disso." Por que? Porque ela não quis que eu lembrasse. Não tem importância pra ela.
1316. W.Z.: Isso geralmente acontece em festa?
1317. V.A.S.: E. Porque é assim: a gente que é cambono, a gente não tem essa ordem. só a gira de Cigano, os cambonos tem, né.. Assim, se a minha Cigana quiser falar com você, ela vai lá e fala. Mas é a única

festa que os cambonos e permitido trabalhar. Porque pra eles, e até pra mim mesmo, eu não tô preparada ainda pra atender. Mas às vezes minhas entidades tem vontade, como acontece... Já chegou varias vezes da minha entidade querer falar com alguém da assistência, mas ela não pode, porque ela não tem uma ordem pra isso. Aí o que e que ela faz? Ela pega, pede pra uma pessoa do lado anotar o recado, eu passo o recado pra ela e passa pra pessoa que tá lá fora. Acontece muito de eu tá incorporada e eu sentir que a entidade quer falar com a pessoa. Então , o que ela faz? E muito engraçado isso... Ela deixa o recado na minha cabeça, aí eu acordo e a primeira coisa que vem na minha cabeça: vou falar praquela moça ali de roupa tal - nunca vi ela na minha vida - te diz que roupa que ela tá, que horas ela pode vir, diz isso e isso pra ela e faz isso, isso e isso. Então tá bom. Eu vou lá e falo: "Olha, a entidade pediu pra você fazer isso, isso e isso, isso e isso." Ela fala: "Ué, mas eu nunca falei com a sua entidade." Eu falo: "Pois e, mas ela me pediu pra te falar isso." então a pessoa fica meio abismada, né, Nunca me viu, nunca falou com as minhas entidades, e já vai lá e fala. Então , você vê, a gente que e cambono, a gente tá lá dentro, eles tão dançando, mas eles tão pensando ao redor do que tá lá dentro. Às vezes a pessoa tá com alguma duvida, ou tá com o coração apertado, a entidade vê e deixa recado na nossa cabeça e pede pra gente passar pra pessoa. Então a pessoa fica até abismada. Acontece isso muito comigo. Não acontecia antes, mas agora tá acontecendo muito. Tô percebendo que as minhas entidades tão com mania... Não mania, vontade de... Elas viram pra trás, da uma olhada geral assim na assistência e fica uns recados assim pra eu dar pras pessoas.

1318. W.Z.: Isso enquanto você tá camboneando?

1319. V.A.S.: Não. Incorporada mesmo. Porque quando eu tô camboneando aí eu tenho que me desligar e prestar atenção só naquilo. Eu não posso me desligar porque e perigoso você anotar alguma coisa errado.. Enato você tem que tá prestando atenção em tudo lá dentro. Então , não posso me desligar totalmente. No caso de Caboclo... Caboclo, depende do Caboclo, se não entende nada, nada do que eles falam. E uma língua assim difícil, não e? Mas cê pensa assim... Nossa! Quando eu tava lá fora, pra eu entender o que a pessoa fala tem que ter um cambono pra me explicar. E como se eles passassem um giz na sua cabeça e aquilo que e inglês pra umas pessoas, pra você e português. Então , e uma sintonia muito grande que você tem com a entidade. Você entende tudo.

1320. W.Z.: você sempre camboneia a mesma... quer dizer, você trabalha sempre ao lado da mesma pessoa, da mesma médium que incorpora varias entidades? Ou isso varia, cada gira pode ser uma pessoa diferente?

1321. V.A.S.: Não. No caso, foi escolhida os cambonos da mesma forma que o médium tem que cuidar do seu cambono, o cambono tem que cuidar do médium. Mas pode acontecer de um cambono faltar. Então , a gente chega a auxiliar. Eu auxilio a que eu cuido sempre e ajudo aquela. E complicado.

1322. W.Z.: você fica com quem?

1323. V.A.S.: Com a D.

1324. W.Z.: A D. esta trabalhando normalmente?

1325. V.A.S.: Esta trabalhando normalmente. Ela é a Mãe Pequena da casa. Então , foi escolhido por sorteio. "Você vai ser cambona da D. como a D. também tem que cuidar de você." Mas já aconteceu de eu cambonear três de uma vez. Então você fica meia desnorreada, mas cê tem que fazer. Porque cê não pode deixar. Depende da entidade. No caso de Caboclo... Caboclo e uma língua muito difícil de você entender. Então tem que ter alguém auxiliando pra explicar pra você o que tá dizendo. Agora se for um Baiano, uma criança, às vezes não precisa. "Aí, tia, pode deixar que eu me viro." não tem problema.

1326. W.Z.: você começou a cambonear logo que entrou naquele primeiro dia que...

1327. V.A.S.: Foi.

1328. W.Z.: já começou ali...

1329. V.A.S.: Foi automático. Mas ai, como eu não sabia muito, fiquei embaraçada, pediram pra eu começar ficar lá na quarta, mas começar a freqüentar ao sábado, porque eu tava meia perdida, não sabia o que fazer, como no caso da minha irmã e da menina que você perguntou no sábado. Você perguntou porque ela não incorporava... Acho que ela não soube te responder. Foi na festa de Cigano. Tinha uma novinha lá de cabelo preto, de uma saia meia branca com azul... Ela falou que você chegou nela perguntado: "Por que você não tá ali? Por que? você tem dificuldade?" Ela não soube te responder. Não sei se você vai lembrar dela. E difícil você lembrar porque tinha muita gente lá.

1330. W.Z.: A única pessoa pra quem eu perguntei acho que foi pra E... Ah, não! Eu perguntei pra E. e também pra mais uma quem era que tava incorporado no R.
1331. V.A.S.: Acho que foi pra Dona F. que você perguntou, uma baixinha.
1332. W.Z.: Pode ser.
1333. V.A.S.: Acho que foi na hora que você tava sentado e ela tava do seu lado.
1334. W.Z.: A L.?
1335. V.A.S.: Ela falou "V, e aquele rapaz?" Eu falei: "O psicólogo Wellington?" Ela falou: "É. Ele começou a me perguntar por que ela não incorporava." E ela falou que começou hoje. Ela tinha começado no sábado mesmo. Então, cê fica perdido mesmo. Foi assim no meu caso. Acho que todo mundo passa por isso. Todo mundo tem medo, todo mundo tem seus medos... Até eu tenho medo de alguma coisa.
1336. W.Z.: Por exemplo, do que é quê você tem medo? Você tem medo, por exemplo, de entidades que você não conhece muito bem?
1337. V.A.S.: E. Vamos dizer assim... E, uma das entidades minhas que eu não conheço muito bem, que eu morro de medo dele é o meu Exu. Eu não imagino como ele seja. Eu imagino que ele deve ser muito bravo, que ele não e de aparecer muito pra mim. Eu fico imaginando... Meu Deus! Como deve ser esse homem? Imagina só! Pelo que me falaram, deve ser assim... Porque ele só aparece quando e pra dar bronca mesmo. E uma das poucas entidades minha que não aparece... Também nem tem como ele aparecer porque quem ia na frente dele e a minha moça, né, (...) Deve ser uma pessoa super brava. Deve ser uma pessoa assim, de dar bronca em todo mundo. Então, e ao meu ver assim, mas você não pode ter medo.
1338. W.Z.: Será que e pior do que o Baiano do R., aquele da semana passada?
1339. V.A.S.: Ah, acho que não, viu!
1340. W.Z.: Aquele lá e jogo duro!
1341. V.A.S.: E complicado. Uma coisa que eu sempre falei e que eu gostaria de ter a visão de ver as entidades, né, Mas e engraçado. Não adianta você querer. Cabe a eles escolher.
1342. W.Z.: Você falou que já viu, né, algumas vezes?
1343. V.A.S.: Já. já vi. Às vezes eu vejo. Já via a da Dona F.. Cê fica assim, morrendo de medo, mas cê acaba vendo.
1344. W.Z.: Você vê como? Quer dizer, enquanto ela tá incorporada?
1345. V.A.S.: Não. já aconteceu na minha casa mesmo, com a entidade da minha mãe. Dormindo, eu tava dormindo normalmente... Sabe quando cê acorda sonolenta e vê um homem em frente a sua cama. Aí eu olhei, cê bate o olho três vezes... Eu: "Quem e esse homem?" Sabe, um homem alto... E como se tivesse uma pessoa normal na sua cama. Como se fosse uma pessoa normal. Um homem alto, moreno. Ele não fala nada, mas ele fala no seu pensamento: "Olha, eu sou tal pessoa." Mas eu já cansei de ver. Minha mãe já cansou de ver, o vô dormindo com a gente. Eu aqui, o vô aqui, minha mãe aqui, na mesma cama. Criança...
1346. W.Z.: Mas você chega a encostar ou...
1347. V.A.S.: Não, não. Não chego. Eu vejo.
1348. W.Z.: Tem medo?
1349. V.A.S.: cê fica com medo. Mesmo que cê tem que colocar na sua cabeça que cê trabalha com isso, e a sua religião, mas te da medo. E uma coisa impressionante. Eu tenho vontade de ver assim... Eu tô trabalhando com a D. mas eu não quero ver a fisionomia da D. Eu quero ver a fisionomia da entidade com que eu tô falando. Mas não adianta eu querer. Eles tem que achar necessário eu ver. já aconteceu de eu trabalhar com a entidade da Dona F., o Exu Caveira dela... Gente do céu!
1350. WZ. Camboneando?
1351. V.A.S.: Camboneando. Eu não via a D. F. Eu vi ele. Olha, foi uma coisa assim que eu me arrepiei ué até hoje eu não me esqueço na minha vida. Eu vi... sabe, daquele jeito... Acho que deve ser porque era um trabalho muito pesado... Falam sempre pra mim: "A entidade não vai aparecer.. a Pomba Gira não vai aparecer pra você de rosa, de uma saia comprida. Não. Se ela tiver com raiva, ela pode aparecer de

chifrinho, de rabo... Vai depender de como ela tá. No caso da Dona F., ela tava fazendo um trabalho pra desmanchar o que uma pessoa fez. Então, ele tava super bravo. Quando eu olhei assim, até o momento que ela não incorporou eu vi a Dona F. que era uma baixinha de óculos. Quando eu só virei e voltei, eu não vi mais ela. Eu vi um senhor baixo, com isso daqui só o osso, com garras, com rabinho com chifrinho e a voz dela mudou. Aí, esse Exu Caveira da Dona F. é muito engraçado. Ele tem a língua presa pra dentro. Ele é sem língua. Ele comentou comigo que cortaram a língua dele porque ele fez alguma coisa. Ele não quis comentar. Eu também não queria saber. Então, ele fala pra dentro assim... E a boca dela muda. Então, te mostra... Cê vê, se cê duvida de alguma coisa... Acho que eu tava meio duvidosa naquela época, me mostraram isso. A boca dela mudou, ficou torta assim e a língua dela ficou pra dentro... Eu só olhando. A fisionomia dela mudou. A sobancelha dela levantou de uma tal forma assim... Sabe quando cê não vê a pessoa mais? Eu: "Meu Deus do céu!" Então, ele foi, ele trabalhou... Só que eu tava tremendo, tremendo. "Por que cê tá tremendo?" Eu falei: "Por nada, meu pai. Por nada." Então, cê fica... Melhor prova que isso cê não pode ter, que existe mesmo uma entidade ali, com a pessoa.. Aí, quando ela voltou, eu: "Dona F., é a senhora, né?" Ela: "E, minha filha. Tudo bem?" Eu: "Olha, eu jamais quero ver essa sua entidade de novo!" Ainda bem que ela não aparece muito. É só pra desmanchar algumas coisas.

1352. W.Z.: Semana que vem é gira de esquerda, né?

1353. V.A.S.: É. Vai ser uma boa festa... Quando é festa assim, eles ficam bem à solta mesmo, bem como eles devem vir também. Depende da sintonia. Às vezes a sintonia vem totalmente diferente. É muito bom. Mas isso aí não quer dizer que a entidade da Dona F. é do jeito que eu vi, uma caveira... Pode ser um homem normal. Mas do jeito que ele tava ali, foi o que ele me mostrou, né. Acontece. Eu já vi também a Cabocla da minha mãe. Ela é linda! Já vi uma Iemanjá atrás de uma amiga minha. Tava tendo uma festa de Iemanjá, eu vi e falei pra ela: "Iemanjá tava com você." Ela: "Cadê? Cadê?" "Cê não vai ver. Eu vi, por isso que eu tô te falando." Que ela tava chorando muito. Aí, na hora que eu vi, eu vi uma Iemanjá linda. Uma mulher morena, assim, alta. Conheço algumas entidades minhas também. A minha Baiana também é uma morenona.

1354. W.Z.: Você já viu? Como assim?

1355. V.A.S.: Em sonhos ela me mostrou como ela é. Às vezes por um aviso. Às vezes eu tô aqui falando com você, aí eu virei e vi aquela imagem ali. Minha mãe já viu também. Eu tava no espelho me arrumando, ela V., tava uma Baiana com você." "Como é que ela é?" Ela é assim, assim..." "Ah, é a minha Baiana. Tudo bem." Então, acontece. Então, você vê, não adianta você querer uma coisa que você não tem o dom ou eles acham necessário não ver. Mas acontece de você tá trabalhando com a pessoa e você não vê a fisionomia dela. Você realmente que realmente é a entidade. Mas dá medo. De certa forma da medo, porque elas não podem vir como um galã assim, né. Uma curiosidade que eu tenho: como é o Cigano do R.? Eu já vi mais ou menos como ele é. Mas eu sei que ele é um homem super assim, super educado, é igual ao que tá lá na foto, não sei o quê. Mas dá vontade de saber. Então, muitos deles têm nome que eles não falam o nome real dele... Não vai dar porque, porque pra eles acho que é uma coisa muito íntima. Cabe dizer ao próprio filho, igual acontece comigo. Alguns nomes das minhas entidades eu sei. Que é o nome deles mesmos, mas eles pedem: "Ó, é só pra você. Não conta mais pra ninguém."

1356. W.Z.: E a história das entidades? Elas vão contando devagarzinho?

1357. V.A.S.: Devagarzinho... Aos poucos.

1358. W.Z.: E se perguntarem, né?

1359. V.A.S.: Isso. Ou se eles tiverem vontade de comentar. No caso de ima das histórias da minha entidade... A minha Criança, por exemplo, a Carol. Ela é uma Criança que tem 2 anos. Até sei a fisionomia dela. Ela é desse tamanhinho assim, branquinha, mais ou menos moreninha, cabelo cacheado e ela morreu de pneumonia. Morreu no berço. Tava dormindo e morreu. Quando ela foi ver, já tava do lado, assim, acordada e pronto.

1360. W.Z.: Isso você soube porque perguntaram ou ela foi contando? Ou isso veio pra você?

1361. V.A.S.: Nesse caso, perguntaram pra ela, ela falou. Aí, a menina que tava camboneando ela falou: "Ó, V., cê quer saber a história da sua Criança?" "Eu quero" "Foi assim, assim..." Eu: "Nossa!" Acontece. Uma coisa que eu fiquei sabendo: a minha Pombo Gira é irmã da minha Cigana.

1362. W.Z.: Irmã?

1363. V.A.S.: São irmãs. Eu não sabia. Por isso que tem uma coisa que você percebe: o jeito da roupa vermelha. A minha Cigana tem roupa vermelha e a minha Pombo Gira tem roupa vermelha.
1364. W.Z.: Quer dizer, tem uma afinidade.
1365. V.A.S.: Tem uma afinidade. Eu não sabia disso. Me contaram que ela comentou. Perguntaram pra ela e ela simplesmente comentou: "Olha, minha irmã não me deixa." Aí perguntaram "Quem é a sua irmã?" "Ah, a Pombo Gira da minha menina." A minha Baiana é irmã da Baiana da minha irmã. Eu não sabia. Mas aí foi ela que deixou na minha cabeça. A minha irmã confirmou, que ela chegou na minha irmã e falou assim pra Baiana dela, aí eu tava já consciente, porque ela quis que eu ficasse consciente pra ouvir aquilo. Ela: "Como é que vai, minha irmã? Tudo bem?" Aí ela respondeu: "Tudo bem, minha irmã." Aí eu perguntei: "V. Você lembra de alguma coisa que ficou na sua cabeça, da sua Baiana?" Ela: "É, V. Eu me lembro. Comentaram que as duas se cumprimentaram como irmã." "É, comigo também ficou. Será que elas são irmãs?" Aí foi confirmado: são irmãs também. Então, cê fica imaginando: cê não tá nos lugares por acaso. E não tá mesmo. É como se uma família de outra vida pegasse um pouquinho ali, um pouquinho ali, outro ali e juntasse aos poucos. Não sei se você ficou sabendo, né: o Caboclo do R. é irmão da Cabocla da R... da Jurema da R. Então, cê fica "Nossa! Os dois são irmão aqui, mas as entidades também são irmãos". Então, você vê, é uma coisa que é uma missão mesmo, é pra acontecer. Não tem como. Quem diria que a minha Cabocla é filha da Cabocla da D.... jamais eu ia imaginar isso. Jamais, mas acontece. Eu já fui um ex-amor do Exu do R. numa vida passada. Quem diz que eu sabia disso? Ele falou isso assim, numa roda, conversando: "Ah... Você foi isso minha; você foi isso, você foi isso; você foi um ex-amor meu". E: "Ah!". Então, você fica pensando... Então cê não tá nos lugares por acaso. Não tá mesmo. Eu não acreditava muito nisso, mas cê é obrigado a acreditar porque tá te mostrando, tá vendo que não é. Então, é uma coisa muito engraçada. E agora eu tô começando a ler livros também. Eu já gostava de ler livro espírita. Então, eu tô querendo ler mais histórias espíritas, mais, mais... Pra você aprender. Porque é bom você saber disso, né. A partir do momento que você toma consciência disso é bom você pesquisar. Uma coisa que eu tava falando pra minha mãe: "Eu tô numa fase agora da minha vida, eu tô curiosa pra saber tudo!" o que eu não tinha curiosidade de saber antes, tô querendo saber tudo... tanto que neste domingo eu vou tirar só pra pegar um caderno... colocar dúvidas. Eu tô sentindo que tá vindo um outro lado de mim que é o querer saber mais, ler livro... Tudo que eu vê de livro espírita eu quero ler. Porque tudo tem uma explicação, é uma coisa boa pra você guardar com você. Eu tô lendo um agora que se chama: "Vinte Casos de Regressão". É um psicólogo que é reencarnacista. Então você fica vendo coisas de vidas passadas que não têm explicação médica, mas que tem explicação espírita. Muitas vezes, lá mesmo, no centro, vêm pessoas que já passaram em vinte médicos. Tá com uma baita ferida assim. O médico já passou isso, já passou aquilo, já fez cirurgia. Não adiantou, e com uma simples vela, uma simples erva a pessoa melhora. Eu já presenciei isso. Tenho uma amiga lá, a C., ela tinha uma ferida enorme aqui na perna. Ela falou que já tinha passado em dez médicos, já tinham furado ela toda, já tinham feito cirurgia e eu vi. Era uma ferida assim, horrível, horrível mesmo. E ela falou que não sabia mais o que fazer, que a única coisa que obteve na vida dela foi que comentaram do centro pra ela. Ela falou que a única tentativa dela era tentar pelo lado espiritual. Simplesmente a menina até hoje... Foi o Baiano da D., o nome dele é Severino. Ele pegou uma vela branca, pingou até a perna dela ficar toda branca aqueles pingos de vela, e passou a vela na perna dela e quebrou em três. Pediu pra ela fazer um banho antes dela dormir com uma erva, que agora eu não me lembro qual. Nossa, ela demorou uma semana pra aparecer lá, mas quando ela apareceu, que ela mostrou a perna dela, já tava totalmente desinchada a perna, já dava pra ela colocar a calça, que pra ela colocar a calça, ela cortou a calça porque a calça não entrava aqui. Era como se fosse aquela doença... sabe aquela doença que da aquelas larvas? Falei: "Nossa, C.! Como sua perna melhorou!" "Pois é, V., agora eu já sei e uma doença espírita. Trato que na casa tinha, né o medico espírita. Minha irmã foi curada com ele... Pai Griff. Minha irmã tinha fazeres que não tinha explicação. Foi passar na mão dele. Ela nunca mais voltou a ter, tanto que causava dor no ouvido e ela nunca mais teve dor de ouvido. Ele curou. E uma doença espírita. cê fica imaginando: nem tudo a medicina pode explicar. Porque a medicina, eles querem explicar o porque de tudo. Eles nunca vão explicar isso. Nunca. Mesmo que a gente trabalha com espírito, eles também não sabe explicar. Eles sabem de uma coisa, que eles tão ali pra uma missão. Que eles tem uma missão pra cuidar, como nos também temos. Mas essas coisas de doença espírita, como e feito... o lugar... uma coisa que eu sempre tive vontade de perguntar.. já me responderam. O Baiano da D., "Pai, onde e que você mora?" Ele: "Ah, eu moro na Bahia." "Como assim na Bahia? Na Bahia mesmo, a minha terra?" Ele: "E... eu não saio de lá." então cê fica imaginando, todo mundo pensa que vive no céu, que não sei o que, de certa forma a missão deles e aqui, então eles ficam lá. Ele conta que ele

vem dançando forró, e muito engraçado. Algumas vezes eles vêm de festa, então eles vêm bebido. Caso de Marinheiro, então ! Marinheiro, eles já são meio assim, porque eles vivem em barco, né, com a onda do mar, e quando eles vem bebido!? Eu falei: "Pai, de onde o senhor tá vindo?" "Eu tô vindo de uma festa, que não sei o quê." Criança também às vezes " Ah, tia, não quero comer doce que eu tava vindo de um aniversário..." É uma coisa que eles sempre falam é que eles não trabalham só comigo. Minhas entidades, elas tem varias pessoas de outros lugares. Então a gente fica imaginando: " Meu Deus! Além deles trabalharem aqui, eles devem trabalhar na Bahia, no Ceará, sei lá". Porque são muitos lugares que eles percorrem, né, com outras pessoas diferentes e até nomes diferentes. A minha pode se chamar Caroline, mas no Ceará pode se chamar Carmen. Então, acho que eles dão vários nomes diferentes. Tanto que uma entidade falou isso pra mim. Então , cê fica imaginando, são muitos lugares pra eles irem e muitas pessoas pra eles ajudarem. Então não e minhas entidades. E de varias pessoas. já aconteceu de uma entidade de uma amiga minha incorporar em mim pra eu dar um recado pra ela. Eu falei; " Ah, quem eu recebi?" Ela falou: " Ah, foi só o eu Boiadeiro. Foi só pra em dar um recado." Eu sabia que não era o meu, porque o meu nunca faz isso. Porque a gente sabe quando não e, quando nossa entidade vem diferente. Então se ela tá acostumada a colocar o oja aqui e do nada ela coloca aqui, então cê fala: "Só me confirma, ela colocou o oja aqui, não foi?" " Foi." então , ela tava diferente. Você sente quando a entidade vem com um propósito diferente do que o normal. E como se ela demonstrasse... Você sente quando ela vem com raiva, quando provocam ela, ela já vem provocada, você sente que a energia fica mais agitada, quando ela vem calma demais você sai serena, cê sai flutuando como aconteceu comigo. Minha Pombo Gira e super agitada... Eu sai flutuando. Eu falei " Gente, o que e que aconteceu com ela que eu tô me sentindo nas nuvens!!! Quê que aconteceu com ela? De onde ela veio?" então às vezes eles vem de uns lugares pra desmanchar trabalho, que você sente. Você sente a energias. Muito engraçado. Ai eu só confirmo: "Ela veio com raiva hoje?" "Veio. Veio ferrada de raiva." Falei: "Sabia." "Por que?" "Porque a energia dela tava que tava. Eu tô tontinha até agora!" então , você começa a conhecer você e a conhecer suas entidades. E como se fosse uma mãe, tirando um filho de você, que cê conhece tudo. Então , se eles vem com raiva, vem brava... O jeito que ele colocam a roupa... o ponto... Conheço a entidade pelo ponto. Se ela tá acostumada a fazer um coração e no lugar do coração ela coloca um sol, eu pergunto: "Meu pai, o senhor veio diferente hoje." Ele: " cê percebeu?" "Claro! Seu ponto tá diferente!" Ai eles dão risada. Isso e uma coisa de observar. E sinal que você se conhece e conhece a entidade que tá do seu lado... E até mesmo o cambono conhece. E assim que eu conheço as entidades da D., não pelo nome, também pelo gesto, pela roupa, mas principalmente pelo ponto. Eu sempre falo: " Meu pai, tá acontecendo alguma coisa? Hoje vai ser pesado!" "Ce percebeu?" "E, seu ponto tá diferente." então eles até elogiam " Parabéns, cê tá sendo observadora." então e uma coisa que cê acaba, vinte e quatro horas, em qualquer lugar que você esteja eles tão com você... cê pode tá péssima. Hoje, por exemplo, antes de vir fazer a entrevista com você eu falei meu Deus! Eu tô péssima, eu tô assim, sem voz, tô me achando horrível, como e que eu vou fazer entrevista com ele? Sabe quando seu pensamento tá longe? Longe... cê tá no ônibus, mas cê sabe que não tá dentro do ônibus, cê tá viajando, só tá seu corpo lá no ônibus, sua mente tá longe... Eu falei "Acho que eu não vou conseguir fazer entrevista ainda. Acho que eu não tô bem." E tô aqui super bem, tô ótima, pra você ver... Então e um assunto que se a gente for mexer, a gente vai ficar horas e horas falando.

1366. W.Z.: Eu só queria saber... uma coisa que eu acho que valeria a pena contar, e o que aconteceu com esse seu ultimo namorado. Você disse que ele e evangélico e que aí então ele não topa muito a sua religião.

1367. V.A.S.: E. E uma coisa que você falou: preconceito. Eu conheço ele ha quatro anos, a gente voltou... Ele já me conhecia, que eu era realmente umbandista, que eu era evangélica, mas até aí ele aceitou normalmente. Ai a gente ficou um ano namorando. Até ai, tudo bem, normal. só que o problema dele e o seguinte: como eu tenho que... eu trabalho de segunda a sexta, né, Agora eu tô fazendo um curso e eu dedico o sábado totalmente pra minha religião, pra mim e pra ajudar as pessoas. Então , ele começou a reclamar assim: "E, que você não tem tempo pra mim, que você deveria tirar uns dois sábados pra ficar comigo..." Eu falei: "Mas eu posso ir de manha ver você e a tarde eu posso ir na minha religião. Normal." Ai ele falou: "Eu não quero ficar a manhã com você. Eu quero ficar a noite com você. E que essa sua religião atrapalha muito, que você não entende..." Esses dias eu comprei a roupa da minha Cigana. Custou R\$ 118,00. Foi uma promessa que eu fiz, né, se ela me desse uma coisa... Um acordo entre amigas. Dai eu comprei. Ele: "Ce pagou tudo isso numa roupa pra uma pessoa que você nem conhece, sendo que poderia colocar no banco... Eu não me conformo com tudo que você gasta pra essas pessoas que você nem sabe se existe." Eu falei: "Como e que e, meu filho? Eu tô ha seis anos lá dentro. Como e

que eu não vou saber que ela existe?" "Eu não me conformo. Você não tem tempo pra mim..." Eu falei: "Quer saber de uma coisa? Decida primeiro o que você quer depois cê vem falar comigo." Ele ficou uma semana - isso porque a família dele ficava "Ah, V., vai pra igreja!" Eu: "Não, não, não." A família dele sabe que eu sou espírita. E totalmente evangélica a família dele. Totalmente. Aquelas evangélicas que são... Não tem aquela fé como a gente tem, né, vão só por dizer que vão. "Ah, V. cê tem que ir pra igreja..." E cansaram de me chamar: "Vamos, V.!" Eu: "Não. Você sabe que eu sou... que eu não gosto por causa disso, por causa daquilo." "Ah, V., quando a gente se casar eu quero que a gente se case no evangélico..." Eu falei: "Ah, vamos passar pelo plano espírita." Ele: "Ah, eu não vou." "então, pronto, não vamos casar então ." então ele ficou me pressionando muito pra eu escolher entre ele e a minha religião. Ele não falou com essas palavras, mas você sente: ou e eu ou a sua religião. Falei: "Então, meu filho, de uma coisa pode ter certeza na minha vida - eu tenho certeza - eu tô ali e ali e que e minha missão. E dali eu não vou sair."

1368. W.Z.: E isso faz quanto tempo?

1369. V.A.S.: Um mês. E recente.

1370. W.Z.: E de lá pra ca...

1371. V.A.S.: Não, eu nem me preocupo. Claro que eu fiquei chateada, mas aí e uma coisa que eles falam, se não era pra acontecer, não era. Às vezes eles sabem que não dão certo, k a não ser que você tenha vontade de perguntar "O, meu pai, isso vai dar certo?" Eles te falam na cara: e assim, assim, assim. Coisas também que possa acontecer, que às vezes não são permitida. Uma coisa engraçada... Tem coisas que eles sabem que vão acontecer daqui a um ano, daqui a um mês, e eles pedem pra ficar calados, porque são coisas que pode ter ocorrido de eles tentarem desfazer, coisa que tem pra acontecer e era. Então, acontece isso mesmo, as isso aí e preconceito mesmo. Tem pessoas que eu achava que era meus amigos e por causa que soube que eu era espírita não e mais. Outras tiveram curiosidade, gostaram, não sabiam como e que e. Tudo esse negócio de preconceito. A gente entra na casa de Umbanda, "O, já é macumbeira!" então é uma coisa que eu já não me preocupo mais. Eu me preocupava muito antes, muito em perder muitos amigos quando me perguntavam que religião que eu era. Mas nem pra todo mundo você tem que contar. No caso da minha patroa eu não posso contar, senão eu fico sem emprego. Não posso mesmo. Não posso nem sequer... Às vezes, quando eu vejo que ela tá triste eu vou lá, "O, velinha, você que é o anjo de guarda da minha patroa, pede pra ela ficar mais calma." Eu fico... Ela não sabe o bem que eu tô fazendo pra ela! Porque às vezes eu vejo que ela fica mal e eu me preocupo com ela. Aí eu vou lá, acendo a velinha pro anjo de guarda dela sem pensamento algum. "O, melhora um pouquinho..." Aí ela vem toda feliz... Aí eu pergunto: "Que foi, C.?" "Ah, tô bem. Tô me sentindo tão bem!" Falei: "E, que bom, né!?" "É, acho que foi Deus que iluminou minha vida." Eu: "Com certeza, ele em primeiro lugar..." e eu fico "...com minha ajuda também, ne" pra não sobrar pra mim... Então são coisas que você faz pro bem, né. Muita gente já foi lá pra tirar nele... As entidades, antes da pessoa vir, já falaram. Então, a gente não faz o mal pra ninguém. Pelo menos a nossa religião não. Claro que tem religião que trabalha só pra isso, mas senão eu não taria lá, né, fizesse o mal pra alguém eu não taria lá. Não taria mesmo. E às vezes e complicado, porque cê pode ter um sábado desse, pode tá num shopping, pode tá saindo, mas eu fico pensando "E, eu posso tá saindo mas aí como e que fica o meu lado espiritual? Como e que ficam as pessoas que batem lá naquela porta pra pedir socorro? Como é que fica?" Eu tô bem, mas as outras pessoas não tão. Então, às vezes cê chora com a pessoa, como acontece varias vezes comigo. A pessoa vai lá desesperada, da vontade de abraçar, de beijar... Mas tem gente que não quer passar. Simplesmente, um abraço. "Pai, eu não quero falar nada. Me dá um abraço?" só isso. Até eu, às vezes, não quero falar nada com a entidade. "Pai, me da um abraço?" Aquele abraço pra mim foi uma resposta por mais de um mês na minha vida. Então, ali e o meu conforto, ali e a minha casa, ali e a minha vida que circula em tudo, ali e por eu estar aqui com saúde, ali e pra eu estar trabalhando, senão eu não estaria nesse trabalho até hoje, que eu agradeço sempre. Ali que eu aconselho quem são os meus amigos e quem não são, que eles me alertam, ali foi através que eu conheci você, o resto da sua família, então praticamente ali e minha vida. Então, não troco por nada! já pensei muito fazer isso, mas por esses pensamentos já me prejudiquei muito eu sou - pode até ser egoísmo da minha parte - mas ali eu não troco nenhuma religião. Gosto de ir na Católica, gosto bastante, mas não e a mesma coisa de você sentir o cheiro da defumação, um grito, bater palma, conviver com a vida de uma pessoa que procura ajuda, saber da vida dela, porque ali e igual você contar pro medico, pra um psicólogo. "Olha, minha vida e assim, assim, assim...", ficou ali. Eu não posso espalhar pra ninguém. Se acontecer isso, eu saio da casa. Eu perco praticamente... Eles mesmos deixam de vir.. Aquela comunicação que tinha antes acaba se afastando porque eu fiz uma coisa errada.

Quebrei uma regra. Então, não posso contar da sua vida pra ninguém lá dentro. Se a pessoa mexe com droga, por exemplo. É uma coisa muito íntima que fica só ali. É um segredo, é como a gente chama, né, é um eró. Então é uma coisa de muita responsabilidade mesmo. Então, pra você entrar numa religião dessa, você tem que colocar na sua cabeça que é muita responsabilidade. É uma coisa, assim, sobrenatural. É isso que me fortalece. Que eu não tô mexendo simplesmente com uma pessoa mental como no caso da minha patroa. Ela mexe com pessoas doentes da cabeça. É uma coisa além. A gente pode mexer com vidas passadas que é uma coisa que ninguém tá acostumado a mexer, que só ele lá de cima tá acostumado a ver e a gente tem esse dom pra isso. Pode ser o seu pior inimigo... uma coisa que a minha mãe falou essa semana: 'Olha, V., uma coisa que a gente tem que aprender: até para o nosso pior inimigo, se ele pedir a nossa ajuda, a gente tem que ajudar, porque a nossa missão é essa. A gente não escolhe que a gente quer ajudar. Quem escolhe são eles.' No caso do meu pai... Eu tenho muito rancor com meu pai, mas se ele vier "Filha, me ajuda! Cê pode receber uma de suas entidades lá no centro e elas podem me ajudar?" Eu vou ter que fazer isso, porque não vai ser eu que vou falar. É a minha entidade e é a minha missão. É missão justamente pra isso. Então, é por isso que a gente tem que se cuidar, tem que se cuidar espiritualmente, fisicamente, porque às vezes 'r cansativo. Cê sai assim... Sábado passado eu tava... Eu só cai na cama, desmaiei, porque desgasta muito. Muito filho deixa de fazer as coisas. Por isso que às vezes passa mal. Não tem necessidade de passar mal. Simplesmente acender uma vela, sei lá, rezar um Pai-Nosso, tomar um banho... Isso cê encontra em qualquer lugar as ervas. É só tomar um banho, pedir que tire... Não tem necessidade de passar mal. Muita gente é muito desleixada, não sabe dar valor. E é assim mesmo.

1372. W.Z.: V., eu quero lhe agradecer muito pelo seu depoimento. Saiba que ele será muito útil.

Z.C.S.

(Problemas com o gravador nos primeiros 10 minutos da entrevista não permitiram o registro. No entanto, o entrevistador apresenta, sucintamente, o conteúdo desse período).

1373. W.Z.: Para resumir, você me disse que está aqui no centro há uns sete, oito anos... que antes freqüentava esporadicamente alguns centros, sendo que em um deles você freqüentou por três anos na assistência... e que você, depois que entrou neste centro, você ficou dois anos na assistência, quando foi convidada pelas entidades a trabalhar e que elas lhe disseram que você primeiro precisaria cuidar de você para depois você começar a ajudar outras pessoas. Que você entrou com medo, sem entender muito bem como as coisas aconteciam e que, por conta do medo, levou um ano até chegar a incorporar. No começo você sentia vibrações, tontura, como se tivesse bebido vinho, tinha medo de cair. Então, eu gostaria que você me contasse esse comecinho de novo. Como eram essas vibrações? Eram sensações físicas?
1374. Z.C.S.: É, no corpo. O corpo às vezes fica gelado. Depende da linha de trabalho da entidade você fica gelado como se tivesse dentro de um *freezer*. Cê só sente seu coração bater. Super gelado. Outras linhas é muito quente. Uma coisa que marcou pra mim, logo no início... que comecei a incorporar só tinha vibrações... foi uma gira de Xangô. Eu não recebi nem nada, só tinha as vibrações. Mas quando começou a saudar Xangô o meu coração... na hora... o coração disparou, foi como duas pedras batessem uma na outra. Aí se sentia a pedra bater... e que nessas pedras aí é uma sensação de que você tá numa montanha... porque ele é justiça e Xangô é das pedras. Então é uma sensação que você parece que seu coração vai sair pela boca. Você... o seu coração dispara e você sente muito calor. Aí, depois, tem outras que você às vezes sente frio, outras o seu corpo não segura em pé, você bambeia pra frente, pra trás. Você não... sua mente sabe o que tá acontecendo, mas você não segura seu corpo.
1375. W.Z.: Por exemplo, que linha que te dá essa sensação?
1376. Z.C.S.: A linha de Criança, porque ela vai direto pro chão, não tem como você ficar de pé. Linha de Preto Velho... ele não... a não ser que seja um Preto Velho que ele seja forte, se ele for velhinho não tem jeito, você tem que ir pro chão, arreia mesmo, não tem como. E quando você termina, dá muita dor nas pernas, muita dor nas costas, parece que você tinha uma tonelada em cima de você. Uma coisa que é interessante, uma entidade, se ela for gorda, que nem um Preto Velho ou a Preta Velha, você... é uma tonelada em cima de você. Quando eu era cambona... camboeando... tinha uma filha lá da casa que ela era magrinha, um pinguinho de gente. Quando ela incorporava a Preta Velha, a vó Maria, ela pegava na minha mão com tanta força que ela me derrubava de tão pesada que é... e ela falava que era gorda. E você sentia o peso dela, como ela é forte, como ela é pesada. E em mim também eu sentia a diferença.
1377. W.Z.: Você dizia que, dependendo da entidade, você chega a sentir o gosto da bebida que ela gosta...
1378. Z.C.S.: Sim... porque a minha criança, por exemplo, ela não gosta de coca-cola, ela gosta de guaraná. Então, não tem jeito. Os outros, a linha do mar... meu Marinheiro é vinho. A Cigana é vinho, mas é vinho branco. Ela não aceita vinho diferente.
1379. W.Z.: Antes de incorporar essas entidades você sentia o gosto dessas bebidas?
1380. Z.C.S.: Já sentia. Quem toma cerveja, sentia o gosto de cerveja. Mesmo antes de incorporar. Você fica na vibração, balançando, vai pra lá, vai pra cá, dá a impressão que você vai cair. E nessas vibrações você não tá incorporada completamente, mas eles estão te irradiando, em volta de você e eles dão a vontade de beber, fumar, aquele gosto de cigarro na boca, gosto de charuto na boca. Eu não suporto fumar! E tudo isso eu já sentia antes de incorporar. E hoje que eu incorporo tudo, eu já sei quem é cada um deles pela vibração e pelo que eles tão pedindo, pelo gosto do cigarro, do charuto, da bebida. Beber, nada eu... por exemplo, se eu tiver... nem incorporada. Mas se alguma delas tiver precisando pra me descarregar, ou ajudar alguém, é só pegar um pouco de bebida, o que eles tão pedindo no momento. E eu não bebo dois dedos de champanhe que eu fico tontinha (risos). E as entidades bebem bastante. No começo, quando você vai incorporando não pode beber, você só sente o gosto, por isso que fica esse gosto na boca. Porque durante um ano, dois anos, elas começando o desenvolvimento, não pode beber. Porque

- a pessoa não tem firmeza com a entidade, então ela não bebe. Depois que você começa a ter firmeza com a entidade ela já começa a beber. Entendeu... a diferença que faz... porque fica aquele gosto, na boca.
1381. W.Z.: O que é ter firmeza com a entidade?
1382. Z.C.S.: É, por exemplo, se você não deixar que nada, a tua mente, atrapalhe o trabalho da entidade. É como que a sua mente ela apagasse. Ela apaga, que você tem firmeza que você, assim, que você... Não sabe quem foi lá. Agora, se eles querem deixar um recado na sua cabeça, você lembra. E outra coisa que acontece bastante, quando você começa a contar pra mim o que as entidades falou, vai desbloqueando. É como se tivesse armazenado na minha mente.
1383. W.Z.: Você não lembra, mas se eu conto, você começa a lembrar.
1384. Z.C.S.: Começa a lembrar. Ou senão acontece um fato que elas falaram que ia acontecer e quando acontece ela vai lá e desbloqueia. "Eu já ouvi isso antes, eu acho que isso ia acontecer".
1385. W.Z.: Com você, levou muito tempo pra incorporar? Para cada entidade há um período até ter firmeza?
1386. Z.C.S.: Isso. Porque tem umas que é mais fácil, que é o Preto Velho e a Criança. Eu acredito que eles são entidades mais tranqüila. São os mais fácil. O mais difícil é Caboclo... ele tem muita energia, ele pula, ele grita muito alto. Então é entidade assim que é guerreiro, então eles são muito fortes. Então se tem que ter equilíbrio muito grande, por exemplo, de um Caboclo chegar e rodopiar e você não interferir com medo de cair. A tua mente.
1387. W.Z.: Você disse que recebeu primeiro o Preto Velho, a Criança e aí veio a Cabocla. Mas você estava cismada de que aquilo podia ser você e não a entidade, não tava com segurança.
1388. Z.C.S.: Isso. Eu tive certeza quando era a Cabocla, por exemplo, na hora de gritar aquele grito de guerra. De vim e você gritar daquela maneira, e você pular... porque no começo a gente não tem muito equilíbrio ainda, muita firmeza, então seu corpo pesa muito. Então, até que se sente as pernas doer, tudo, por causa da maneira que ele vem, muito forte. Então, quando a Cabocla gritou o grito de Caboclo aí eu disse: "Jamais que ia fazer um negócio desse. Não tem condições de eu fazer um negócio desses". Até aí eu tinha dúvida. E ela me rodopiou, girou, girou, girou que eu sozinha eu não giro, se eu girar eu fico tonta. Duas voltas que me derem no meio de um salão eu tô tonta, tô rodopiando sozinha até cair pelas paredes. E ela gira, gira, gira ali e eu não sinto nada. A primeira vez ela me jogou longe, foi quando eu tive certeza que tinha uma força maior, porque eu não me machuquei. Na segunda vez que veio, ela veio e deu o grito de guerra dela. Aí ela rodopiou, rodopiou e eu não cai, não me machuquei nem nada.
1389. W.Z.: São esses fatos que te fazem acreditar que não é você, que é uma entidade.
1390. Z.C.S.: Essas coisas assim, e outras coisas que acontecem mais. Por exemplo, palavras que vêm na sua boca ou vêm na tua mente. A voz muda completamente. A sua voz muda, a sua maneira de andar, a sua maneira de pronunciar as palavras, palavras difícil. Língua, por exemplo, de um Caboclo, é muito difícil de entender. Eu não sei falar inglês, eu não sei falar língua nenhuma. E você fala de uma maneira que não tem condição de ser você. É isso que dá certeza. E porque você também sabe que tem uma energia muito forte com você, você muda completamente a sua expressão, o seu jeito de ser, sua maneira de andar, de conversar. E vem coisas, por exemplo, você viaja dentro do mato. Com o Caboclo, você viaja dentro do mato. Você caça dentro do mato. Você vê ele trabalhando. Você vê ele dentro da água. E quando você tá incorporada... depende da pessoa que se aproxima da entidade pra conversar, automaticamente ele já vê além daquilo que a pessoa tá falando. Vê o caminho que ele tá trilhando e outras coisas de errada que tá acontecendo. Já aconteceu de ficar na minha mente... que tem coisas que eles deixam na mente que é pra gente ajudar pessoalmente também... que foi na minha irmã... que eles falaram pra mim que a minha irmã ia ser assaltada e que eu ligasse pra ela e pedisse pra ela tomar cuidado.
1391. W.Z.: Ela estava na assistência e foi se consultar com a sua entidade?
1392. Z.C.S.: Isso e foi se consultar. Aí a entidade deixou na minha mente onde que ela tava e os passos que ela tava convivendo, o perigo que ela tava vivendo. E tudo que ela falou a minha irmã falou pra mim e também ficou na minha mente. Até o momento que minha irmã não acreditou. Aí, ela não acreditou e depois de uma semana, ela tava em casa, e a mesma entidade veio no meu ouvido e ficou falando: "Liga pra ela, avisa ela". Aconteceu que a minha irmã tava chegando em casa com o marido dela e dois caras pegaram eles dentro do carro e seqüestraram o meu cunhado e foi isso que a entidade pediu pra ela tomar cuidado... com assalto e com pessoas amigas mesmo, pessoas que eram da convivência deles. E meu

cunhado já tinha percebido... depois que aconteceu que meu cunhado falou... que já tinha desconfiado de dois rapazes seguindo ele, mas que ele não levou a sério. Foi assaltado dentro de casa, na hora que tava abrindo a garagem. Eles entraram e roubaram.

1393. W.Z.: A entidade falou tudo isso antes?

1394. Z.C.S.: Falou tudo, sim. E pra tomar cuidado com pessoas amigas, porque eles precisavam tomar cuidado que eram pessoas amigas. E quem roubou mesmo foi pessoas realmente que ele sabe quem foi, ele sabe onde tá o carro e tudo e não pode ir lá pegar... porque é parente dele. É muito engraçado essas coisas. E é coisas também.. ó, outra passagem que eu acho muito interessante que aconteceu comigo. Eu tenho as minhas entidades... saber que elas tão comigo pra me ajudar e ajudar outras pessoas que precisam. Mas você fica naquela... eu confio mais no meu irmão, você acha que a do seu irmão é mais firme, é melhor, ela tá trabalhando a mais tempo. Mas isso não tem nada a ver. Às vezes pode a F. incorporar hoje uma entidade que ela seja mais forte do que a do pai da casa ou um Caboclo bem velho, entendeu. E aconteceu uma vez de eu tá numa situação na firma, quando eu tava trabalhando, que eu fui pressionada. Ou eu fazia o que o dono da firma queria ou eu era mandada embora. Ele me pressionou mesmo. E é uma situação muito desagradável. Foi aí quando eu cheguei... fiquei naquele desespero. "Não posso ficar desempregada. Mas, eu não posso ceder o que ele tá querendo, a chantagem que ele tá querendo". Porque era assédio. Foi quando eu tava no banheiro, me olhando no espelho e aí a minha Baiana chegou. Eu, me olhando no espelho, ela chegou assim do meu lado e falou assim: "Olhe pra você". E ela começou a conversar comigo. E tudo que eu tinha que fazer. Isso é muito interessante, como é que você, no momento que você mais precisa a entidade... Você sente que ela do seu lado como ela é ela fica falando no seu ouvido. Eu estava enfrente o espelho e ela ficou assim do meu lado.

1395. W.Z.: Você não a viu, mas a sentiu e a ouviu.

1396. Z.C.S.: Isso. Ela disse assim que eu não podia ser medrosa, que eu não tinha que ceder, que tinha que ser forte... que eu ia conseguir e ela disse o que é que eu tinha que fazer... que eu encostasse ele na parede e que eu ia denunciar ele. E eu não tinha coragem pra isso. Como é que eu ia pegar o chefe e chegar e denunciar ele, falar uma coisa dessas se eu já tava quase sendo mandada embora? Aí, no outro dia, eu cheguei, ela disse: "Você vai fazer é hoje". Aí pediu que eu fosse bem bonita, bem arrumada e eu me arrumei bonita e subi. Quando eu cheguei lá ele disse assim: "E aí, se já decidiu?" Eu falei: "Decidi". Ele disse assim: "Quê que você vai fazer?" "Eu não vou fazer nada, o senhor é que vai fazer porque ou eu fico trabalhando aqui ou eu te denuncio". Aí fiz tudo que ela falou e realmente eu fiquei trabalhando lá quatro anos (risos). Foi ótimo isso. Foi muito bom. E quem me orientou tudo e falou tudo foi ela.

1397. W.Z.: Quer dizer que, além de tudo aquilo que você sente durante a incorporação, que não são coisas que você faria, de rolar no chão, de beber, de girar, de falar coisas que você não tava pensando, também fora da incorporação tem coisas que eles te orientam que são coisas que você não podia saber...

1398. Z.C.S.: Isso, e que eles mostram o caminho na hora. Ele fala: "Faz isso, isso, isso, dessa maneira, assim, assim..." E é só você seguir em frente. Com a minha irmã não passou quinze dias e aconteceu. Hoje ela acredita e não duvida. Do meu irmão, eu sabia também porque eles me falaram quando eu ia perder meu irmão. Eu vi o dia e tudo que ia acontecer com meu irmão, como que ia ser, eles me falaram. Da minha mãe eles me falaram também. Eles falaram pra mim mesmo... e, por exemplo, da minha mãe foi uma coisa que aconteceu de eu tá dormindo, deitada na cama. Você tá dormindo e você vira pro seu lado assim, você acorda e olha pro seu lado e você vê um Preto Velho deitado na cama com você. Isso é muito interessante. Aí você olha de novo, você fala "não, isso é coisa na minha cabeça", e você olha novamente e você vê, e você não tem medo. Na minha mãe eu vi um Preto Velho, eu vi uma Baiana, entendeu. E aí você fala assim... eles chegam pra mim e falam.

1399. W.Z.: Conta um dos casos. Como é que foi ou da sua mãe ou do seu irmão.

1400. Z.C.S.: O do meu irmão eu sabia que ele ia ser morto porque vieram me falar: "Se prepara, você vai perder uma pessoa muito querida"... e quem falou foi a Criança.

1401. W.Z.: Foi durante a...

1402. Z.C.S.: Não. Na minha mente ele falou: "Você se prepare e avise suas irmãs, que você vai perder o seu irmão. A gente tentou de todas as maneiras ajudá-lo, mas ele não teve saída. Não tem mais saída. E vai acontecer no período de sete meses". Em sete meses meu irmão faleceu.

1403. W.Z. Você contou pra suas irmãs antes?

1404. Z.C.S.: Conteí. Quando isso eles me falaram, nesse hora aí até fiquei meio assim e fui e acendi uma vela. Quando eu acendi uma vela... acendi pra Oxalá e pedi que ele me mostrasse realmente a verdade, que eu queria saber a verdade realmente. E na hora que eu tô acendendo a vela quem aparece na minha frente foi o meu ex-marido. Quando eu fiquei naquela "será que era meu ex-marido ou era meu irmão?"
1405. W.Z.: Apareceu a imagem de seu ex-marido...
1406. Z.C.S.: A presença de meu marido, parecia que tava na minha frente. Aí eu cheguei pra minhas irmãs e disse: "Olha, eu sei que eu vou falar uma coisa pra vocês que vocês não vão acreditar. A gente vai perder nosso irmão". A minha irmã não acreditou, ela disse que eu tava ficando louca. Eu falei: "Eu não tô ficando louca eu só tô lhe falando o que tão me falando... Vai acontecer que ele vai entrar numa encrenca e vão pegar ele numa armadilha. E tem a ver com mulher e carro". E realmente aconteceu... com sete meses. Eu contei tudo pra elas e esqueci a data. Eu sabia que seria num período de sete meses, de seis pra sete meses. E eu esqueci. Minha irmã, na hora chorou, quis me bater, falou que eu tava ficando louca, que essa mania minha... que ela não acreditava ainda... ela falou, essa mania minha de Espiritismo, que eu tava ficando louca. Eu falei: "Vamos ver se eu estou ficando louca". Porque... aí eu aprendi de uma maneira que eu acredito, eu confio no que eles falam. E no período de sete meses, no primeiro do ano, dia trinta e um... que eu trabalhei o dia inteirinho até as onze horas da noite no salão... e aí viemos pra casa e tava cheio de gente na minha casa, muita gente. E eu tava elétrica. Eu não tava cansada e eu trabalhei o dia e a noite eu tava dançando. Aí, nessa dança aí... quando foi quatro horas da manhã, de três e meia pra quatro horas, eles vieram e me falaram assim: "Você tem que descansar". Na minha mente, no meu ouvido eles falavam pra mim: "Você tem que descansar. Você precisa. Você precisa descansar porque você vai precisar de muita força". Aí eu não sabia como tirar as pessoas da minha casa. Eu não sabia porque eu não me lembrava o que eu tinha falado antes. Aí eu pedi pra todo mundo ir embora.
1407. W.Z.: Você não relacionou uma coisa com a outra.
1408. Z.C.S.: Não, porque eu esqueci. E aí... jamais eu pensei que fosse acontecer isso... que eles falam pra você e você esquece... quando, quatro horas da manhã eu deitei. Mandei todo mundo embora, pedi desculpas, e todo mundo foi embora. Nisso daí, que todo mundo foi embora, aí eu deitei. quatro e meia, cinco horas da manhã o telefone toca lá em casa. Mataram ele cinco hora, cinco e dez da manhã. E aí a gente ficou... na hora que falaram que mataram... foi exatamente do jeito que eu falei. Ele tinha uma namorada, a namorada dele chamou ele pra ir no bar... ele disse que não ia, não ia, não ia. "Não, vem, vem". Quando chegou lá ficaram até cinco horas da manhã, sentado os quatro: ele e um amigo, ela e um primo. Aí foi quando ela levantou falou assim que ia embora. Levantou e o rapaz ficou com meu irmão. E o amigo do meu irmão tinha saído pra ir ao toalete. Aí ele levantou pra cumprimentar meu irmão, pra dizer assim: "Feliz ano novo". Ele levantou, já tava com a arma na mão... embaixo da mesa... Deu um tiro na garganta e quando ele caiu deu outro no ouvido. E tinha um rolo de um carro, que ela tinha comprado com ele e que ela queria... que meu irmão era casado, tinha essa namorada... ela queria que meu irmão se separasse pra ficar com ela e meu irmão disse que não ia se separar... eles tinham acabado de comprar um carro juntos. Quê que ela fez? O primo era apaixonado por ela e aí ela usou o primo pra matar ele. E aconteceu do jeitinho eu contei pra minha irmã. Aí, cinco horas da manhã, cinco e meia mais ou menos, minha irmã me liga desesperada falando o que aconteceu. Ela falou assim: "Acabou" "Mas acabou o quê?" "Acabou tudo" "Tudo o quê?" Ela falou assim: "Do jeito que você falou". E até aí eu não conseguia lembrar, apaguei tudo que tinha falado... que me falaram. E aí ela falou: "É o nosso irmã... acabaram de.. acabou de falecer" Do jeitinho que eles tinham falado.
1409. W.Z.: Então as entidades vão te preparando, te informando...quando não tem jeito, não tem jeito, eles dizem... e você condições de...
1410. Z.C.S.: Ir preparando seu espírito pra aceitar, porque a gente não aceita mesmo, mas eles vão te preparando e, no meu caso, acho que na maior parte das pessoas que são espíritas, eles vão preparando você pra você poder preparar outras pessoas. Pra ir preparando e você ter forças suficiente pra ajudar outras pessoas. Porque a fé faz com a gente leve uns tombos mas não caia. Mas quem não tem... fica difícil.
1411. W.Z.: Com sua mãe também foi assim?
1412. Z.C.S.: Com a minha mãe eu sofri bem mais. Do meu irmão, eu sabia que isso ia acontecer, eu vi tudo, eles me falaram tudo. Sofri o impacto da morte, da perda ali. Depois é mais leve. Da minha mãe, não, da minha mãe foi bem pior. Da minha mãe ela nem tava doente. Minha mãe ela não tava doente, ela

não sentia nada, e foi quando eu comecei a sentir a presença da minha mãe muito forte perto de mim. É como se a minha mãe tivesse do meu lado.

1413. W.Z.: Ela morava...

1414. Z.C.S.: Na Bahia. Eu sentia minha mãe do meu lado. A mente dele tava ligada a mim demais. Aí foi quando eu perguntei pras entidades, sem incorporar nem nada, o quê que tava acontecendo. Eles falaram pra mim assim: "Se prepara que a sua mãe vai ao encontro do seu irmão". Aí começou a bater aquela dorzinha, a dorzinha que fala assim: "Mas isso não pode acontecer"... de você aceitar. E aí, aos poucos, eles foram me mostrando. E falaram assim: "Fala pra suas irmãs o que vai acontecer. Prepara as suas irmãs porque você é a pessoa mais forte pra poder ajudá-las. E vai ser preciso vocês passarem por isso". Aí quando eu trouxe a Baiana na minha casa mesmo e a í ela pediu que uma de nós fosse buscar ela. Se ela não quisesse vim, que nós não insistíssemos porque minha mãe sabia o que estava acontecendo, mas era importante que uma fosse lá. E até aí ela não tava doente. Não tava acontecendo nada. Até que um momento que... novembro, ela começou a dar os primeiros sintomas. Ela deu os primeiros sintomas. Antes disso eu falei pras minhas irmãs que a minha mãe ia ficar doente e que dessa doença ia ser muito difícil ela sair. Aí elas me chamaram de 'boca de bruxa' (risos): "Vem você novamente com 'boca de bruxa. Você é uma bruxa." Aí ela: "Olhe, quando você diz alguma coisa eu tenho até medo" Eu falei: "Não, não é bruxaria, não. Mas é a realidade. Vai ser difícil, mas nós vamos ter que passar por isso". E eu comecei a sentir aquele aperto no peito, uma dor muito grande no peito até novembro quando ela surgiu com os primeiros sintomas. Aí minha irmã ligou da Bahia e falou que ela tava com... que o diabetes dela tava alto.

1415. W.Z.: Quanto tempo antes você já tinha...

1416. Z.C.S.: Uns quatro meses antes de novembro. Acho que foi quase no mês de setembro, antes da Festa das Crianças. Aí minha irmã ligou, falou que ela tava com o diabetes alto, tava muito fraca e com muita dor nas costas. Na hora que a minha irmã ligou pra mim e falou aí eu falei assim: "Não é dor nas costas". Na hora que ela falou pra mim... eu já sabia. Eu sabia que era um câncer. E aí eu liguei pra minha irmã e falei, pra ela que a mãe tava doente e que não era problema de diabetes. E a minha irmã disse assim: "Novamente você" "Vou te falar. Tô te falando e você vai ver" Aí novembro passou, minha mãe ruim... aí ela foi piorando. Dezembro, a minha mãe continuava... os médicos de lá não internaram ela em nada. O médico lá falou assim que ela tava fraca por causa do diabetes. E essa minha dor aumentando cada vez mais... aquela dor no peito e aquele desespero. Foi aí quando surgiu o Preto Velho, surgiu uma Baiana... eu não lembro a outra entidade que apareceu, eu não me lembro agora, no momento... foi aí porque Preto Velho significa paciência, sabedoria e tranqüilidade. Quando você tem que ter a mente... tudo tranqüilo porque você tem que estar se preparando. A Baiana, ela é de garra, é de luta, é determinado, vai atrás, não tem medo de encarar a verdade. E tudo isso foi acontecendo na minha casa e foi falando com as minhas filhas. E aí, num desses dias aí, até chegar dezembro... eu tava cada vez mais desesperada, aquela dor e aquele aperto no peito, mas não sabia de nada. Foi quando a minha filha, do nada, a V.... é... muito engraçado, eu tava numa situação assim, só não tava chorando pelos cantos pra não demonstrar fraqueza pra ninguém... quando minha filha, do nada, recebe a Cigana dela em casa, a V.. E a Cigana dela falou: "Vocês vão ter ela mais um pouquinho, mais um tempinho." Mas ela foi lá pra me tranqüilizar, tirar aquela dor do meu peito que eu tava muito angustiada, mas e não tinha falado pra ninguém aquilo que eu tava sentindo. Nem pras minhas filhas, nem pra ninguém. E ela falou da minha aflição e de tudo que tava acontecendo comigo. E aí se fala assim: "Não dá nem pra acreditar". Você sabe das coisas, mas quando vem outra pessoa, uma outra linha de trabalho e te conforta assim, nossa, que interessante. Ela me acalmou por uns quinze dias... fiquei calma. Aí foi quando começou a surgir tudo de novo, a minha irmã ligando. Aí foi quando eu pedi pra ela levar ela pra Salvador. Quando chegou lá em Salvador, minha irmã sabia... percebeu as coisas mas não falou pra gente. Aí, eu falei pra N. (Nota: irmã): "Alguma de nós vai ter que ir buscar". Aí a minha irmã foi lá pegar ela. Pegou foi janeiro. Ela já tava fraquinha já. Tanto que ela não conseguia andar nada já. Mas até aí a gente não sabia o quê que era. Mas eu sabia. Aí minha irmã foi buscar ela em janeiro... quando foi primeiro de fevereiro ela chegou aqui com ela. Ela não andava uns dez metros, super cansada, cansada, cansada, cansada... Quando ela chegou, ela chegou num sábado, no domingo eu fui ver ela, lá no Capão Redondo. Aí, quando ela me viu, ela falou assim: "Minha filha, você ainda trabalha?" Eu disse: "Trabalho, mãe". "Você ainda recebe suas entidades". Eu: "Recebo". Aí ela disse assim: "Filha, reza por mim. Pedre pra eles me ajudar porque dessa vez eu vou precisar". E eu disse: "Eu sei mãe". Ela disse: "Dessa vez eu vou precisar, minha filha. Pedre pra eles tomar conta de mim". E aí, dia primeiro... dia três levei ela no Hospital Pedreira. Foi onde eles confirmaram tudinho, do jeitinho que eu tinha... que eles tinham me falado, que ela não ia tá nada de bom, que a única

coisa de bom que ela tinha só eram os ossos, mais nada. Ela tava com anemia profunda já... leucemia, um câncer muito grande no pulmão, um diabete altíssimo e, enfim, ela durou um mês e dezessete dias no hospital. Mas esse mês e dezessete dias foi difícil. Mas eu descobri uma coisa: ela veio porque ela precisava de muito amor e de muito carinho que lá talvez eles não tinham como passar isso pra ela. E outra coisa: Pra ajudar a gente a diminuir nosso egoísmo... que nós somos muito egoístas e quando a gente passa uma situação dessa nós aprendemos bastante. Ela veio porque precisava de amor e nós precisávamos aprender muito... porque eu nunca tinha ido num hospital, ficado num hospital, dormido num hospital e eu fiz isso e eu falava: "Meu Deus, eu não vou conseguir sair viva daqui". E você... e admirei muito as pessoas que cuidam das mães, dos pais de algum parente doente no hospital... eu admirava muito. A R., por exemplo, que é do centro, ela fazia isso com a mãe dela e eu admirava muito. Eu pensava comigo assim: "Será que um dia eu vou ter coragem de fazer isso". No entanto eu me vi no hospital, trocando a minha mãe, dando banho na minha mãe e defendendo ela com unhas e dentes e, se precisasse até bate em alguém, mesmo sabendo que ela tava no último fio. Mas ali ninguém ia mexer. E você sabendo assim como é importante você se doar para ajudar uma pessoa. Não é porque é porque é minha mãe porque a gente não ajudou só a minha mãe, dentro do quarto tinha quatro senhoras, uma pior que a outra. E você passar a noite com uma, com outra e poder dar um pouco d'água, conversar ouvir, não sei... mas isso é muito importante. A gente aprende a dar valor à vida. Porque a vida... a gente luta muito entorno do dinheiro, de bens... é assim, nessa correria não temos tempo pra nada. Lá dentro o mundo para, fica parado ali, ó. E você vê que tudo isso aqui fora não vale nada a não ser o amor, o carinho a dedicação a compreensão... porque a gente sofre, mas a gente amadurece e aprende a ver a vida... que a gente só tem isso pra levar, a sabedoria, o que a gente aprende e o que a gente faz pra outra pessoa. Em outra época jamais teria essa visão... se não tivesse dentro do centro. O centro me mostrou um lado maravilhoso da vida, que a gente tem que diminuir o nosso egoísmo. Tem umas pessoas que a gente tem mágoa (risos) Meu ex-mariado, teve um tempo, que se eu pudesse eu mandava fuzilar ele de tanta raiva que eu tinha, de tanto ódio. Depois: "que saber de uma coisa, ele merece é muita oração". Tenho que pedir muito por ele porque simplesmente ele é uma pessoa que não pára pra pensar nessas coisas. Ele acha que não precisa. E outras pessoas que a gente vai na vida, aí, vai se trocando com elas, né. Em outras épocas, se alguém me falasse que eu era feia eu já tava na fumaça (risos) Se eu soubesse, por exemplo, uma coisa que debate muito no Candomblé... que as pessoas criticam muito: "Ah, você á fazendo macumba. Você tá fazendo macumba pras pessoas, né? Sua macumbeira" (risos) Hoje isso não me incomoda porque eu tenho consciência de que dentro de mim eu jamais vou fazer isso pra ninguém. Mas quando eu não tinha esse conhecimento que é muito pouco, se eu soubesse que alguém me jogou uma praga, eu ia jogar uma bem maior. Se eu soubesse que alguém fez alguma coisa pra mim, eu ia naquele ali que dava o troco pra ela sentir. Mas isso não é importante. Porque se eu desejar mal pra você ou querer fazer pra você eu vou ter em dobro, ou senão eu vou tá me igualando a essa pessoa. Eu tenho que ter uma mente bem melhor do que ela. "Ela tá me desejando mal, eu vou ter que rezar pra ela, porque ela precisa de muita oração". Falei demais, desculpa (risos).

1417. W.Z. De maneira nenhuma, está sendo ótimo. Eu gostaria de saber o seguinte: durante esses sete, oito anos que você está no centro, cinco anos trabalhando lá dentro, você já deixou o centro algum tempo, por alguma razão?

1418. Z.C.S.: Não... porque eu voltei a estudar... três anos e meio que eu tô estudando. Mas o que que eu fazia, eu faltava duas vezes no mês pra vir (risos) Ou senão, quando tinha aula vaga. Essa sintonia que a gente começa a ter com as entidades... tanto da nossa... da gente mesmo, quanto dos irmãos... eles avisam a gente: "Se prepara que hoje você não vai ter todas as aulas" Tanto que eu colocava passe a mais, eu colocava uma roupa clara, do ponto que eu podia entrar. Chegava lá assim, e a professora falava: "Ó, segunda aula não tem". E eu aqui ó, já tava preparada... chegava aí e, engraçado, chegava nuns dias muito importante, muito legal. Eram trabalhos, muito legal. Ou senão, eu chegava assim, avoadada, correndo do colégio e aí eu entrava... nunca me deixaram fora... o Pai R. é uma pessoa maravilhosa. Pai D. eu conheci, esse aí a gente nem comenta. Comentado do R. que é ele que cuida da gente. O R. (Pai-de-Santo) a R. (Mãe-de-Santo), a Mãe N. (também dirigente da casa)... Então, eles são pessoas maravilhosas. Eles... parece que está escrito na sua testa que você precisando de ajuda. Toda vez que eu chegava, eu ficava lá na assistência e eles vinham, as entidades vinham e: "O que que você está fazendo aí? Seu lugar não é aí. Seu lugar é aqui dentro". Aí eu falava: "Oh, meu Pai, mas eu não tomei banho de descarrego"... porque a gente tem que se preparar, né, tem um preparo antes de vir... "eu tô cansada, tô estressada..." "Não, seu lugar é aqui dentro". Então eu posso chegar dez horas, na reta final, eles não me deixam lá fora. Essa exceção sempre foi. Eu não sei se pela minha vida de um modo geral. Então, muito legal, de ver eu

chegar, entrar e a entidade tá precisando da minha entidade pro trabalho pra um filho, pra outro filho. Então isso que é legal, vão te buscar longe: "Precisava de você". E você vai, é muito interessante.

1419. W.Z.: Você nunca pensou em sair?
1420. Z.C.S.: Não.
1421. W.Z.: E quando você não podia vir, como é que você ficava?
1422. Z.C.S.: É, assim, eu ficava assim... sempre fiz os banhos em casa, de descarrego, os assentamento de velas, sempre ligado a eles. No dia de cada uma das giras, eu sei qual é cada uma, eu firmar em casa pras minhas entidades.
1423. W.Z.: Você não ia, mas se preparava para o trabalho.
1424. Z.C.S.: Isso. Porque aí, eles vão tá aí junto com os outros mas, ao mesmo tempo também eles tão comigo me ajudando, me descarregando.
1425. W.Z.: O que aconteceria se você sáísse?
1426. Z.C.S.: Eu acho... se eu sair, eu, no meu ponto de vista, eu acredito assim que eu não ia ter esse equilíbrio que eu tenho. Se eu sai daí eu jamais vou ser a mesma pessoa, ter essa serenidade, talvez. Eu ia começar, assim, me tornar uma pessoa sem pensar muito nos outros. "Cada um por si e Deus pra todos". E eu gosto de ser serena. Nem sempre eu sou assim, às vezes eu sou meio explosiva. (risos) Mas eu gosto... isso é bom, eu acho e eu não consigo me ver sem o centro. Já teve umas fases muito ruins aí. De quase fechar. Mas eu penso assim, se isso acontecer...
1427. W.Z.: Isso foi quando o Pai D. saiu?
1428. Z.C.S.: Depois, há uns três anos atrás. O r. precisava viajar, precisou viajar. Aí, R. ficou com medo de assumir, entendeu. E aí, muitos filhos, por alguma maneira ou de outra, muitos problemas, principalmente problemas de saúde. Aí, um sai, outro sai. São os médiuns mais fortes, como D. e tem outras que saíram. Tem uma outra, a C., uns médiuns muito fortes, muito velho da casa. É coo que se tirassem essas pessoas aí ninguém pudesse levar em frente. Porque nós somos novos lá. Eu, a E. as outras meninas, a Dona E., então os velhos mais velhos, mais firme da casa saíram da casa por problemas pessoais. E também já têm um equilíbrio muito grande, podem até trabalhar em algum lugar. E a gente se sentiu meio perdida: "E agora?" Então ficou difícil. Mas a gente mostrou que todo mundo tem a sua capacidade e estamos aí.. e tá melhorando. É aquela velha história, a gente não pode duvidar da nossa capacidade. Porque não é só a gente... depende da nossa capacidade. E da nossa vontade e tem essas entidades atrás da gente do nosso lado, enfim, porque eles são assim: "Eu conto com vocês, meus filhos". Porque se não for a nossa matéria eles não trabalham. Trabalham de maneira diferente. A fé é que, eu sei que eu tô falando com você e sei que tem uma entidade aqui do meu lado e ela tá conversando comigo. Mas se eu não tiver essa fé, não acreditar, jamais.
1429. W.Z.: Você falou pra mim da firmeza, que cada entidade nova que chega leva um tempo pra você estar firme dessa entidade.
1430. Z.C.S.: É adaptação à matéria. Isso acontece dependendo da entidade e de cada filho de maneira diferente. O tempo de adaptação varia muito, porque é assim, uma entidade tem que se adaptar à sua matéria. Porque, às vezes, é um baixinho, um gordinho, ou ele é altão... Então tem que se adaptar porque senão é um choque muito grande. É engraçado, é como se fosse uma voltagem muito grande. Tanto que se é uma entidade... umas linhas que é forte e você apaga mesmo... apaga de uma maneira que é muito engraçado, é o Orixá. Então é assim, quando você volta, você volta meio alegre, você fica assim. Todos os Orixás são muito fortes é uma carga de energia, vamos dizer assim, mais do que o dobro de uma entidade de trabalho. Você sente que seu coração dispara, você apaga mesmo. E aí o período de adaptação é maior que de uma linha de trabalho.
1431. W.Z.: Pra você a mais difícil foi qual?
1432. Z.C.S.: Acho que a mais difícil é Xangô. Porque é uma energia muito forte. Xangô é um Orixá. Eu tenho ele desde o começo, mas ainda tá em adaptação. Ele não trabalha, não fala. Mas aí, depois dele pode vir uma outra linha que dá o recado. A linha mais tranqüila foi Preto Velho e a Criança... Pra mim é mais serena, mais tranqüila. As outras já são mais... tanto que as pessoas é mais elétricas... conforme uma linha de trabalho que vem... porque a primeira é a que significa que a linha de trabalho de uma entidade tem muito a ver com a personalidade da pessoa.
1433. W.Z.: Então Preto Velho tem mais a ver com você? Mais serenidade...

1434. Z.C.S.: (risos) Eu acho que sim. É , eu acredito que sim, porque foi uma Preta Velha que veio. Então tem gente que quando é Baiano... ela é muito agitada. Pombo Gira então, nem se fala. São pessoas muito meio avoadas, são pessoas... querem agora, não querem mais, são muito assim... Então não têm aquela firmeza, aquela determinação em persistir... elas jogam tudo pro alto muito rápido. Tem a ver com a personalidade e, eu acredito também que a entidade tem a ver muito com o caráter da pessoa. Se é uma pessoa verdadeira, se é uma pessoa que gosta das coisas certinhas.... aquelas entidades de trabalho, elas não admitem. Eu acredito muito nisso, que tem a ver com a personalidade da pessoa. Tem gente que tem umas entidades muito boas e ela não valoriza muito... "Ah, deixa pra lá" (risos). No meu ponto de vista tem. Porque eu não gosto nada errado. Eu sou muito certinha, não admito injustiça.
1435. W.Z.: E as suas entidades são todas assim?
1436. Z.C.S.: São todas assim.
1437. W.Z.: Você explica isso como? As entidades procuram alguém que seja como elas?
1438. Z.C.S.: Sim. Porque eu acredito assim... porque se não fosse assim não existiriam tantos centros por aí que o pai e os filhos são todos meio (risos)... gostam de pegar as coisas dos outros, de mentir. Acho que tem muito a ver com a personalidade de cada pessoa. Se é uma pessoa que gosta de mentir, de enganar os outros, vai vim aqueles também, que... eles viveram aqui, então é esses que vão vir.
1439. W.Z.: É por isso que vocês estão sempre procurando se aprimorar como pessoas, não é?
1440. Z.C.S.: Isso. E você tem também que conhecer as entidades que você trabalha. As suas e dos seus irmão, das pessoas que você tá vivendo, ali, porque cada um deles tem uma história.
1441. W.Z.: As suas entidades já contam a história logo que vêm?
1442. Z.C.S.: Contam. Por exemplo, o Boiadeiro... ele contou a história dele. Ele é novo, bonito, ele morreu por causa de uma namorada. Ele era muito danado. Muito mulherengo, muito cheio de mulher numa fazenda. Então ele se sentia, sabe, Dom Juan. Mas ele era apaixonado por uma moça. Ela também... mas tem aquela história, a gente sabe como é que é... ele gostava dela mas ele deixava ela lá e ia pra farra, porque ele sabia que ele ia voltar e ela ia estar esperando por ele. Deixou ela esperando por ele... aquela fazenda lá enorme e ele dono de fazenda, deixou ela lá porque sabia que ela gostava dele. E ele foi curtir a vida dele. Quando ele voltou, o pai da moça obrigou ela a casar com o outro. Aí é que ele sentiu que não tinha mais jeito. Porque naquela época não tinha como mesmo. Encontrou com ela mas já tinha como. A moça casou. No dia do casamento da moça, que era a paixão da vida dele, que ele descobriu como um vulcão, o que ele fez? No desespero, ele montou no cavalo e saiu correndo a galopar. Correu, correu, correu até que o cavalo caiu e ele caiu junto e morreu. Ele era novinho. E ele é super-apaixonado. Ele é romântico. Ele adora contar história de amor. Entendeu, ele é super-tranquilo. Muito gostoso.
1443. W.Z.: Quando foi a primeira vez que você recebeu esse Boiadeiro?
1444. Z.C.S.: Foi seqüência. Foi seqüência das linhas. Uns quatro anos. Ele foi o único que contou a história dele.
1445. W.Z. : Ele já chegou, contou a história dele e riscou o ponto?
1446. Z.C.S.: Não. Ponto as minhas entidades, nenhuma, nunca tinha riscado ponto. Até o momento que o Seu Tiriri me deu ordem de passe. Ele chegou pra mim e disse assim: "Moça, você já faz muito tempo que está na casa". "Sim, meu pai, já faz muito tempo". "Quanto tempo você já tá aqui?". Falei: "Ah, meu pai, deve fazer uns três quatro anos", na época. "Então, moça, se considere de ordem de passe, porque agora você vai trabalhar pras pessoas. As suas entidades vão vir dar passe." Aí: "Ta bom meu pai". "Mas antes, vão preparar você..." tinha que ter mais uns ensinamentos "... Pra você dar passe" "Tá bom". Isso aí passou. O R. Não teve tempo, a R. também não a D. sabia mas não podia fazer sem que o R. permitisse. Aí aconteceu de uma gira de esquerda... até aí eu nunca tinha riscado o ponto. As minhas entidades, nenhuma, eu não sabia quais os pontos delas. Até que veio uma gira de esquerda. Seu Tiriri, novamente, a entidade do R.. Aí a minha Pombo Gira veio, ela chama Margot, e aí todo mundo queria passar com ela porque já sabia que eu era médium de ordem de passe. Mas, cadê? Até aí eu não sabia. Aí o Seu Tiriri chegou pra ela e disse assim: "A senhora está pronta pra trabalhar?" Aí, ela falou assim: "Eu vim pra trabalhar, não é isso? Eu tô esperando só o momento" Aí ele falou pra ela: "Então risque o seu ponto". Esse ponto eu tenho na mente até hoje. Já deve ter uns três, quatro anos, não sei. Eu nunca tinha feito isso... ela pegou a pomba, foi lá riscou. Então eu tenho gravado. Essa aí ela deixou gravado na minha mente.

1447. W.Z.: A partir daí as outras entidades começaram a riscar também?
1448. Z.C.S.: Sim, cada uma. Então, é muito interessante... Você não pensar e nem nada, você chega lá e a entidade risca o ponto... e nesse dia acho que teve umas dez pessoas que passaram com ela. E aí, depois que eu desincorporei, a E. (Nota: outra médium) perguntou assim pra mim: "O, Z, você não sentiu medo?" "Medo de quê?" Não lhe deu uma sensação de medo?" Porque a gente fica com uma parte da mente normal, porque você tem que ter limite, né... porque se alguém vier pedir pra fazer maldade a alguém a gente sabe que não pode. E ela: "Você não teve medo?" "Medo do quê?" "Ué, a sua Pombo Gira trabalhou". E eu "E daí?" (risos) Então ela falou assim: "Você não sentiu medo nenhum?" "Não, se já tinha riscado o ponto antes, não" Então era ela mesmo... assim... uma firmeza fora do comum. E você sabe, quando a entidade fala assim: "E eu", é eu. Voltando um pouquinho ao passado, na época da minha mãe, teve vezes que eu vim aí que eu não sei como eu fui pra trabalhar. Não me pergunte que eu não sei. Eu subia as escadas... as lágrimas não desciam, mas meu coração tava partido até o momento de entrar ali. Aí, e só pensar, antes de entrar naquela parte da trunqueira pra dentro, eu só penso assim: "É com vocês. Eu não estou em condições. Mas eu estou aqui para ceder a matéria pra vocês trabalharem para ajudar as pessoas e me ajudarem também". Então, a partir do momento que eu entrar dali pra dentro e bater cabeça... É muito interessante de você estar numa situação, de coração tão apertado, aquela angústia, e você trabalhando e você não sentir nada. É como se dessem uma anestesia, você dormisse, apagasse. O tempo... é engraçado, se você passar seis sete horas... Você não sentir nada, nenhum cansaço, nada. O tempo pára. E quando você volta... e depois, um tempo, você fica meio tontinha, assim, né... ainda vou pra casa ainda fico com dor nas costas, com dor de cabeça... até chegar em casa. Quando chega em casa passou. Aí volta tudo ao normal. Faz parte.
1449. W.Z.: Você disse que uma parte da mente fica ali.
1450. Z.C.S.: Porque eles chamam de "médium consciente". É isso aí que é importante. É o médium consciente, o inconsciente... o inconsciente, ele apaga de vez. Então, qualquer pessoa que queira abusar dessa situação ele pode. Por isso que é muito difícil um médium inconsciente. Porque você apaga e você faz coisas que você não lembra nada e você... um médium consciente, se eu te conheço, eles te conhecem também. Eles não vão deixar na minha mente a tua vida pessoal ou o que ele falou pra você. Eles apagam. Ali ó... apagam. Mas eu sei que é você.
1451. W.Z.: Quer dizer que, durante a incorporação, se eu vou falar com a sua entidade, você vai saber que sou eu? Mas depois você não vai se lembrar nada do que eu falei.
1452. Z.C.S.: Não, não. Só se você comentar comigo e se tiver alguma coisa que precise te ajudar. Por isso que tem um cambono do lado. Porque ele vai anotando e depois... recados que ele precisa fazer trabalhos, coisas que precisa fazer... ele tem que passar pra mim, eu sem incorporar.
1453. W.Z.: Se, durante a incorporação, você a sua entidade olha pra mim, você sabe que eu estou lá? Você pensa durante a incorporação?
1454. Z.C.S.: É, porque tem uma parte da sua mente... e tanto que eu sei onde é que são as minhas coisas. Eu coloco tudinho... a entidade automaticamente sabe onde eu coloquei.
1455. W.Z.: Ela usa da sua memória, ela usa daquilo que você sabe.
1456. Z.C.S.: Isso. Tanto que eu sei o que eu trouxe... e se eu esqueci alguma coisa, antes de eu incorporar, ela já falou: "Ela esqueceu". É interessante. Eu esqueci, na hora que entro pra dentro, ela fala pra mim... tá, "esqueci tal coisa". Quando a pessoa vai procurar ela fala: "Ela não trouxe".
1457. W.Z.: E vocês, entre vocês, conversam mentalmente?
1458. Z.C.S.: Conversam. Se alguém precisar de você... por exemplo, se a pessoa vier com uma intenção, segunda intenção... ou que tenha alguém que tenha testando, a entidade sabe. Ela sabe que a pessoa tá com segunda intenção e aí ela bloqueia. A entidade vai falar pra ela assim: "Tá bom", mas a gente sabe que não pode. Porque, já pensou se alguém vai lá... é importante também ter o cambono do lado porque vai que alguém vem e peça pra entidade que um carro atropela alguém! Ele é um mentor, assim, ele vai conforme o que você tá pedindo, mas pela casa, pelo trabalho da casa, isso não vai acontecer porque vem muito do fundamento da casa. Do D. (Nota: fundador), de todo mundo. Mas a gente sabe que, em outras casas, você sabe que existe isso.
1459. W.Z.: E se você ou o cambono não estiverem preparadas a entidade pode até ajudar a fazer aquilo...

1460. Z.C.S.: Sim, que a pessoa tá pedindo, um acidente. Porque ela é assim... ela ganha um presente e ela vai através do que tão pedindo, pelo que tão oferecendo pra ela.
1461. W.Z.: Isso é pra qualquer entidade ou serve só pra Exu e Pomba Gira?
1462. Z.C.S.: Não. O Exu é o que as pessoas usam mais, todo mundo usa Exu como capeta. Só que tem entidade que ela pode fazer trabalho bem mais forte que um Exu, como um Caboclo, por exemplo, Preto Velho. Porque Preto Velho, ele quebra uma mandinga muito bem. Ele desmancha uma mandinga bem melhor do que um Exu se for preciso. Só que o pessoal não conhece, ele usa só o Exu. Só que o Exu é interesseiro. Ele quer alguma coisa em troca. Ele vai lá, pega o que deram pra ele e se ele achar que você merece, ele pode até fazer alguma coisinha, se não, ele vai ver a outra pessoa, que ele mandou... se é uma pessoa boa que não merece, não faz. Simplesmente ele pode assim só dá uma encostadinha assim, só... entendeu (risos)... Vai muito porque... eles não são maus, maus mesmo são as pessoas que fazem isso. Eles são os instrumentos de trabalho. Só que ruim é a pessoa que manda fazer. Que eles já ensinaram muito pra gente, assim: se você tem um amigo, e esse amigo manda fazer uma coisa dessa pra uma outra pessoa? Porque é a parte dele, não é amigo de ninguém. Tá fazendo pro outro, mas vai fazer pra você também. Então, aquela pessoa é que é ruim. Ela tem uma índole ruim, certo? Então ela não gosta de ninguém, nem dela mesmo. E o Exu, coitadinho, e a Pomba Gira, é o instrumento. Eles gostam de comer, eles gostam de perfume, eles gostam das coisas... Então vai lá e o bobo pensa que (risos)...
1463. W.Z.: Você é uma médium consciente. Mas tem períodos que você não lembra de nada?
1464. Z.C.S.: Tem. Vai depender muito do dia de trabalho. Tem dia de trabalho, que pode ser qualquer uma das linhas, que vai vir pepino muito grande. Pessoas que vão vir muito carregadas, energias pesadas, pessoas com más intenções. As entidades da casa, de um modo geral, elas ficam todas reunidas ali, elas sabem. Então você sabe que você precisa de uma firmeza maior que é pra não dar espaço pra essas energias ficar na casa. Eles tiram a gente dali. Você não consegue, tem que ser eles.
1465. W.Z.: Quando a energia tá pesada assim, todos os médiuns ficam inconscientes?
1466. Z.C.S.: Todos. Quem não ficar com essa firmeza, ela pega a carga. Às vezes, até já aconteceu tem poucos dias... um rapaz que teve umas energias pesadas com o Pai R., e quem pegou foi a R. (Nota: irmã, Mãe-de-Santo). A R. e uma outra que tá participando que é a ex-mulher dele, não sei como é o nome dela.
1467. W.Z.: Eu sei quem é. Uma que estava bem na frente...
1468. Z.C.S.: Isso. Eles passaram mal, mal de verdade. Porque têm mais sensibilidade... esses médiuns que pegam essas cargas são médiuns de transporte. Eles sugam das outras pessoas... são médiuns de transporte, são médiuns assim... que você fica baqueado. Era pra pegar nele e dividiu pegou nelas. Então é onde tem que ter muita firmeza. Se você participar mais da casa você vai sentir que tem dia... que assistência pega fogo, só na assistência, imagina lá dentro... (risos) a vibração, o calor. Na gira de esquerda, por exemplo, pode tá frio, morrendo de frio lá fora, você não sente frio, lá é quente. É aquele calor enorme. Baiano é quente... gira de esquerda é quente... Caboclo é quente. São energias muito quentes. Pode tá gelando lá fora, lá dentro você não sente frio, Na hora que você sai se fala: "Caramba, que frio!" (risos)... porque elas são quentes.
1469. W.Z.: Z, eu gostaria de votar ao tema da firmeza, para encerrarmos. Quando é que um médium tem firmeza? O que ter firmeza na incorporação?
1470. Z.C.S.: Eu acho que... se eu te falar exatamente... é difícil de dizer, porque tem dia que você tá mal. Eu ou você, com os problemas daqui de fora. Você tá mal mesmo, mas se você levar esses problemas lá pra dentro aí você não tem firmeza... isso é importante. Se você á com problema no filho, na mulher, no dinheiro, enfim... aí atrapalha, dá um bloqueio muito grande... aí você não sabe se é a entidade ou se é você... porque dá a impressão que ela fica indo e vindo... a sintonia não é legal. Isso atrapalha. A firmeza não tá boa porque você está com muitos problemas, você não tá deixando que a entidade fique só ela trabalhando. Você tá interferindo no trabalho dela. Isso é importante. E também tem essa também; eu penso assim, à medida que eu entro lá dentro eu tenho que deixar meus problemas cá fora. Lá dentro eu tenho que... só eles. Então, eu confio neles, acredito neles e deixo que eles tomem conta. Já aconteceu de eu entrar muito mal lá e a incorporação não é legal. Se fica meia... "será que era eu? Será que eram elas?", as entidades?
1471. W.Z.: Z, eu quero lhe agradecer. Nós já chegamos no horário que nós estabelecemos. Muito obrigado, seu depoimento será muito importante para o meu trabalho. Muito obrigado.